

Lucy Benton

Spin-Off de Apenas Diga que me Ama

A romantic couple embracing in a field. The man is wearing a blue suit jacket and the woman is wearing a white wedding dress with a floral headband. They are standing in a grassy field with a soft, hazy background. The image is decorated with pink cherry blossom petals and leaves.

Foi
assim que te
amei

amar pode ser surpreendente



Foi
assim que te
amei

Copyright 2018 © Lucy Benton
Primeira edição

Diagramação Digital: Lucy Benton
Revisão: Carla Santos
Foto de Capa: Freepik.com

Todos os direitos reservados.
Proibida toda e qualquer distribuição sem a
autorização prévia da autora.
Essa é uma obra de ficção.
Quaisquer semelhanças com nomes, pessoas, lugares
ou acontecimentos será mera coincidência.

Obrigado Senhor, pelo
seu maravilhoso amor

Salmo 107:15

Índice



Sinopse

O passado finalmente te encontrou...

Eu escolhi ir...

Cinco Minutos...

Lizz, Lizzy ou Beth...

Mensagens...

Más decisões...

Branco não é o novo vermelho...

Era uma vez...

Brincando com Fogo...

Deixe queimar...

E agora, meu amor?

Palavras não ditas...

Adeus ou até logo?

Assuntos inacabados

Um dia de cada vez

Aquela garota...

Faça um pedido...

Mi amor...

Nossos Sonhos...
Antes de partir...
O Último Adeus...
Lar é onde mora o coração...
Minha Linda Mulher
Uma Nova História...
Tudo o que eu quero para mim...
Viva o agora...
O pai da noiva...
Para você, todos os sins...
Tormentas e Dias de Sol...
Ele é o único...
Inesperadamente...
Meu amor é o suficiente?...
Encontre-me no meio do caminho...
O primeiro passo...
Correndo Para Você...
A infinita doçura de te amar...
Meu pequeno anjo...
Meu final feliz...
Meu amor será infinito...
Um dia...



Sinopse

Lizz Stuart é enfermeira em uma clínica de repouso em uma pequena cidade da Espanha. Mais do que isso, ela é conhecida por todos pela sua personalidade esfuziante e encantadora. Generosa e amiga. Gentil e acolhedora.

E é um gesto de caridade, permeado por uma história de desencontro entre pai e filho, que coloca Evan Carter em sua vida. Ele é sério e gentil, tem o sorriso mais lindo que já viu; além dos melhores ternos.

Mas é a tristeza habilmente escondida em seus olhos castanhos que a deixa fascinada por ele.

Tudo nessa situação caminha para um coração ferido, no caso o seu, mas ela não está nem um pouco preocupada. O que Lizz quer é unir pai e filho e quem sabe escrever uma nova página na história dos dois.

Uma carta...

Um oceano de distância separa Evan e Lizz, mas uma carta é o que basta para unir repentinamente duas vidas tão distintas.

Ele não esperava um convite do seu passado até então desconhecido. Ela não esperava ser a intermediária de um doloroso encontro entre pai e filho.

Mas o amor traça os seus próprios planos e os coloca juntos em uma viagem cheia de recomeços e perdão...



O passado finalmente te encontrou

Sou Elizabeth Stuart, ou apenas Lizz, se você preferir. Eu prefiro, mas sintase à vontade para escolher como me chamar. Sei que a primeira pergunta que vem à sua mente agora é: quem eu sou? Não poderia ser diferente. Eu, em seu lugar, estaria do mesmo jeito; talvez até mais intrigada.

Temo que a resposta não seja tão simples, e eu ainda estou tentando encontrar as palavras certas para iniciar essa apresentação. Mas começarei dizendo que sou enfermeira em Mijas; uma pequena cidade na Espanha, um município da Província de Málaga. Um lugar incrível que eu definiria facilmente como um pedaço do paraíso na Terra.

Antes que você se esforce para se lembrar de mim; nós não nos conhecemos e não temos nenhuma ligação a não ser... Certo senhor de cabelos grisalhos e grandes olhos castanhos. O seu nome? Victor... mas pode chamá-lo de pai. Você não o conhece, eu sei, já que ouvi essa história um milhão de vezes nos últimos sete meses. Ele também não te conhece e as razões disto eu prefiro que ele mesmo te conte, se quiser ouvi-las, é claro.

Embora eu saiba todas as respostas, deixarei que você faça as perguntas a ele. Eu conheço o meu pai e para mim ele é o homem mais incrível do mundo, então não posso dizer que sei como você se sente. Eu não posso me colocar em seu lugar nesse momento e imaginar as razões que farão com que você recuse, ou quem sabe, aceite, o convite que te farei a seguir. Entretanto, eu conheço o seu pai e posso dizer que Victor é também um grande homem.

Não estou julgando os seus erros do passado, pois isso não condiz a mim, sobretudo, por vê-lo nesse momento como um homem absolutamente transformado. Mas Evan, ele está morrendo... perdoe-me ser tão crua com relação a esse fato, mas eu preciso ser absolutamente sincera com você. Ele está morrendo, e me implorou para que eu te escrevesse essa carta como uma última chance, em vida, de reparar os erros que cometeu com você.

Se quiser conhecê-lo, ele ficará feliz e enxergará esse encontro como um presente de Deus. Eu não sei como está o seu coração agora, mas espero ter conseguido tocá-lo com minhas palavras.

Estou enviando todos os detalhes para que encontre facilmente a nossa clínica e o meu número também. Se quiser me ligar, estou à sua disposição.

Agora é com você, faça o que o seu coração mandar. Eu sei que o coração não parece muito confiável, às vezes, mas acredite, ele pode levá-lo a lugares que jamais imaginou estar...

Atenciosamente, Lizz Stuart.



Eu escolhi ir

Evan

Coloco a última peça de roupa na mala, antes de puxar vagarosamente o seu zíper e fechá-la. Coloco-a no chão, então me sento na cama e passo as mãos em meus cabelos, deixando que o meu queixo descanse sobre elas logo depois.

Pela milésima vez nas últimas horas, eu preciso parar para pensar, e então repetir a mim mesmo os motivos que me fizeram acreditar que essa viagem era uma boa ideia. Estou deixando a Califórnia, um lugar no qual morei por tantos anos e que se tornou o mais próximo de um lar para mim. Embora nunca tenha sido uma pessoa indecisa, não estou convicto de que tomei a decisão correta agora.

Aquela carta, aquela maldita carta, vinda de tão longe e escrita por Deus sabe quem; mudou absolutamente tudo em mim. A ponto de querer deixar toda a minha vida para trás e embarcar em rumo ao desconhecido. Estou louco, certamente.

Uma carta, com cinquenta linhas, quatrocentas e trinta e sete letras... eu contei, depois de relê-la por infinitas vezes até decorar todo o seu conteúdo. Conteúdo esse, que tem ecoado por toda a minha mente nas últimas duas semanas. Estou obcecado por tudo o que está escrito ali. Tenho me torturado, enquanto as palavras ficam martelando em meu cérebro, sem que eu encontre qualquer tipo de paz. Em meio a tantas dúvidas e incertezas, uma única coisa é certa para mim; se ignorar o convite feito pelo meu passado, eu jamais terei paz novamente.

Pode ser que me arrependa completamente, todas as possibilidades me levam a crer nisso, mas não posso ignorar tudo o que aquelas palavras me fizeram sentir. Pensei em meu pai um milhão de vezes ao longo dos anos. Passei muitas noites da minha infância tentando montar o seu rosto em minha mente, levando em conta cada pequeno detalhe sobre ele que sabia até então. Não eram muitos, admito, já que a minha mãe só tocava no assunto da sua ausência quando estava com raiva. E as palavras que saíam da sua boca eram ácidas e cheias de rancor. Contudo, o que realmente me importava era ter uma migalha da minha própria história, algo que me ajudasse na construção

da minha personalidade. Tudo o que realmente sabia era que eu me parecia fisicamente com o meu pai. O seu DNA havia se sobressaído no momento da minha concepção e não havia dúvida de que desde muito jovem eu herdara seus traços.

Cresci sabendo que era uma cópia do homem que deveria ter me protegido e amparado, mas por algum motivo desconhecido, havia apenas me abandonado. Quando criança, sonhava que ele viria em algum momento, contaria uma história plausível sobre a sua ausência e seria um bom pai a parti daí. Esperei por alguns anos, alimentando esse sonho bobo, me apegando a ele com força e depositando cada partícula da minha fé.

O tempo me provou que estava errado, e no auge da minha adolescência odiava a ideia de ter uma figura paterna em minha vida. Eu odiava a minha mãe também e todas as sensações que ela me causava. Isso me fez crescer mais rápido, admito, e mais forte também. A minha relação com a minha mãe ainda é emblemática, cheia de ranhuras e machucados. Tentei canalizar toda essa energia que nos cerca e transformá-la em algo bom ao longo dos anos. Relevar a péssima mãe e cuidadora que ela foi para mim. Esforcei-me para enxergá-la como a mulher ferida e abandonada que sempre foi; que ainda é, mas descobri que é muito mais complicado do que apenas perdoá-la e seguir em frente.

Às vezes, quando ainda era um garoto e ela perdia a paciência com as minhas travessuras, usando os gritos assustadores e palavras ruins para me corrigir... ou quando ela me batia, me segurava pelo braço e me sacudia com tanta força ao ponto de que eu não pudesse enxergá-la diante de mim... às vezes, ela chorava tanto, que me fazia sentir pena dela. Como se ela então fosse a criança e eu o adulto a consolá-la. Mas isso durava tão pouco, a sua mansidão e gentileza eram ínfimas. Não demorava quase nada para que ela se comportasse como de costume, despertando o meu ódio, alimentando o meu rancor.

Talvez eu realmente a odeie, não sei; meus sentimentos ainda não são definidos. E odiar é algo muito radical, então pode ser que eu apenas não a ame como um filho ama a própria mãe. Nós apenas não somos parte de uma mesma alma e coração, como deveríamos ser. Acontece, não é apenas porque fui gerado por ela, que ela obrigatoriamente deve me ver como o amor da sua vida. Estou tranquilo com isso. Com o que diz respeito aos traumas que ela tentou me causar, eu os transformei em incentivo, impulso para os voos altos que decidi alçar anos mais tarde.

Ela disse que não seria alguém. Que viveria para sempre à sombra do meu pai fracassado, que sequer conheci. Bem, ela estava errada, pois só não me pareço em nada com o meu pai; como posso dizer que sou um grande vencedor. Fiz nome, tenho conquistado o respeito e admiração das pessoas com as quais convivo. E me sinto orgulhoso de mim mesmo, já que não tenho uma família amorosa para torcer por mim na primeira fila; nunca tive.

A não ser o meu amigo Damian. Falar ou sequer me lembrar dele, sempre me deixa com um sorriso no rosto. Ele é incrível, sempre foi. Uma pessoa única em um mundo de tantos iguais. Único para mim, assim como um irmão. Passamos a infância juntos, desde muito cedo. E posso dizer, sem medo de errar, que a nossa amizade foi durante muito tempo a minha única alegria na vida. E a sua família feliz se tornou uma parte de mim também, foi um processo natural. Nunca me impus, as nossas afinidades e personalidades nos uniram. Éramos inseparáveis durante toda a adolescência. Eu o ensinei a dirigir, ele tentou me ensinar a desenhar, tomamos o primeiro porre juntos... Ele sempre me diz que fumar vai me matar; todos dizem.

No final do colegial, consegui uma bolsa de estudos na faculdade de Austin e fui cursar Administração... Damian seguiu para Yale e foi cursar medicina. Talvez fosse uma das únicas pessoas, além de sua mãe, que soubesse que ele nunca quis ser médico. Mas ele queria agradar o seu pai... *Relações humanas são sempre complicadas.* Sendo um ano e alguns meses mais velho, eu me formei primeiro e fui estagiar em Nova York. Trabalhei durante dois anos em Wall Street, e essa foi uma das melhores experiências da minha vida. Entretanto, eu me cansei facilmente. Tinha saudades de casa, embora o Texas nunca tenha sido exatamente o meu lar. Nessa época, Damian havia fugido para a Califórnia e estava morando com um amigo. Nós nunca deixamos de seguir os passos um do outro, não importava a distância física que existia entre nós, ainda estávamos interligados pela nossa amizade. A Costa Oeste me pareceu um ótimo lugar para recomeçar; então eu me mudei alguns dias depois de conversar com Damian sobre isso.

Ele estava começando a tatuar e fui, de certa forma, a sua cobaia. Não que eu tenha tido um segundo sequer de dúvida sobre o seu incrível talento. A minha primeira tatuagem foi uma frase simples, em latim, na lateral da minha costela: *Alis Volat Propriis* — *Voe com suas próprias asas.* Ao longo dos anos fiz mais de uma dezena de outras, nada muito aparente. A minha favorita é a fênix em minhas costas, do lado esquerdo. Pela primeira vez, Damian tinha um brilho de felicidade em seu olhar e isso me fazia feliz

também. Ele nasceu para tatuar, era um dom mágico e o exercia à perfeição.

No meu primeiro ano na Califórnia, eu investi parte do meu dinheiro em uma casa noturna em falência, consegui investidores e em pouco tempo recuperei o investimento. Sabia do sonho do meu amigo, de ter o seu próprio estúdio de tatuagem, e acreditava nele o suficiente para investir tudo o que tinha. Eu teria lhe dado o dinheiro, mas o conhecendo o suficiente, sabia que ele jamais aceitaria. Uma sociedade me pareceu a ideia perfeita, mas preciso confessar que não me envolvi muito com o negócio. Não entendo nada de tatuagens, além do fato de gostar muito delas. Enquanto Damian trabalhava no estúdio, eu fiz outras coisas e basicamente só assinava documentos da sociedade. Eu sabia que, cedo ou tarde, o estúdio seria somente dele.

Aconteceu mais cedo do que ele certamente pensou, mas demorou muito mais do que queria. De qualquer maneira, o estúdio é apenas seu agora e nada mais me prende à Califórnia. Não sei nada sobre o meu destino a partir de hoje, quando embarco para a Espanha dentro de algumas horas. Só sei que posso me arrepender perdidamente da minha decisão e mesmo assim não consigo me impedir de ir adiante.

Olhando uma última vez para o quarto, e meu armário vazio, coloco o meu paletó e saio com a pequena mala em mãos, a outra maior já está no táxi. Não estou levando muita coisa, além das minhas roupas. Vendi a minha casa com a maioria dos seus móveis dentro, o que restar disso, ficará guardado em um depósito. Era algo que estava tentado a fazer desde que Damian foi morar com a Emma, e a casa se tornou grande demais para mim. Quando voltar da Espanha, o que espero que seja em breve, comprarei um apartamento de solteiro à beira-mar. Meu carro ficará no estacionamento do meu restaurante em Laguna Beach. O mesmo que estou torcendo para que possa administrá-lo à distância. Não que esteja me importando de verdade com esse detalhe. Sinto que cheguei a uma encruzilhada em minha vida, e preciso escolher a estrada menos provável. Ao menos estou fazendo isso agora.

Entrego a minha bagagem de mão ao motorista de táxi, e o vejo guardá-la no porta-malas junto com a outra, antes de ocupar o seu assento. A casa ainda está aberta atrás de mim, mas não me preocupo em voltar para fechá-la. Para minha sorte, o corretor de imóveis estaciona instantes depois, do outro lado da calçada. Só preciso entregar esse último molho de chaves e dizer adeus para toda a minha vida nessa cidade. Espero o corretor atravessar a rua e vir até mim, nós já acertamos toda a burocracia da venda da casa há alguns dias. Ele me deu um prazo longo para sair, mas não é como se eu

tivesse algum interesse em ficar mais tempo.

Nunca tive problemas em me mudar, não tenho um grande apego a lugares ou imóveis. Pessoas talvez, porém, não sou um sentimental tolo. Eu entro no táxi e não olho para trás mais uma vez. Tirando a pequena casa em que morei quando criança e a casa acoplada à mansão da família de Damian, onde morei até os dezessete anos, essa casa na Califórnia foi o lugar que mais passei tempo da minha vida adulta.

Olho pela janela, vendo a paisagem tão conhecida pela última vez e não sinto nada exatamente. Talvez eu devesse me preocupar por não sentir, deixando tanto da minha história aqui; mas nunca senti que pertencesse definitivamente a um lugar. Sinto falta das pessoas e do que elas me fizeram sentir. Às vezes, isso inclui lembranças ruins, mas é um ônus em se estar vivo. Estamos aqui tão expostos a nos ferir, enquanto caminhamos por essa vida, eu tenho algumas cicatrizes que nunca me deixam esquecer o lado ruim de um ser humano... *eu pareço amargo ao dizer isso?* Porque eu não sou, mas ao mesmo tempo também não sou um cego. Enxergo o mundo exatamente como ele é; e nem sempre é bonito.

O motorista estaciona em frente à entrada do aeroporto e chama a minha atenção. Guardo o meu celular no bolso interno de meu paletó e entrego o dinheiro da corrida, antes de pegar as minhas malas e caminhar para dentro. Já estive aqui algumas vezes e esse é um ambiente que nunca muda; frenético e barulhento, sempre. Meu voo sai em quarenta minutos se tudo correr como o planejado, e rezo para que realmente corra.

Pegando o meu passaporte e passagens no bolso externo da minha mala, caminho com pressa para o balcão de check-in. Eu me permiti uma passagem na primeira classe, mesmo que isso tenha custado mais do que ache justo, e isso me dá algumas vantagens; tempo é uma delas. Não preciso ficar em nenhuma fila e o meu check-in não demora mais do que cinco minutos. Despacho a minha mala e permaneço com minha bagagem de mão, enquanto me sento em uma sala privada, agradável e silenciosa o bastante para ouvir meus próprios pensamentos. Agora falta menos de meia hora para o embarque, e ao olhar pela imensa janela de vidro e ver os aviões pousando e taxiando na pista, eu me dou conta de que isso é realmente definitivo. Enquanto lutei comigo mesmo, lendo essa carta por tantas vezes seguidas, em algum momento a minha parte impulsiva levou a melhor. Porque estar aqui agora certamente não é uma decisão sensata... *é loucura*.

Meu telefone vibra, me trazendo à realidade mais uma vez, e embora

eu não esteja com vontade de falar com ninguém, não posso me impedir de atender quando vejo o nome de Damian na tela.

— Damian — digo em um tom divertido.

— *Evan* — ele rebate no mesmo tom, com o seu costumeiro sorriso na voz. — *Onde você está, cara?*

— No aeroporto, embarcando para a Espanha. Eu te disse ontem, você se esqueceu?

— *Você me disse que iria viajar para a Espanha, não viajar hoje. Por que tanta pressa?*

— Na verdade, essa viagem já está marcada há uma semana — explico, voltando a me sentar. — Nós nos despedimos ontem.

— *Não achei que aquilo fosse uma despedida definitiva* — ele me corrige, parando por um momento e respirando antes de completar: — *Parece que você está fugindo.*

— Eu não estou, ou talvez esteja... só preciso fazer isso!

— *Você irá voltar?*

— Sinceramente, eu não sei.

— *Emma me contou sobre a conversa que tiveram ontem...* — ele fala, voltando a rir um pouco. — *Eu estava contando que poderia bater em você antes da viagem...*

— Então, talvez essa viagem seja providencial — interrompo, rindo também. — A verdade é que não gostaria de bater em você.

— *Como se houvesse a menor chance de isso acontecer.*

Dou risada, antes de deslizar pela poltrona e descansar a minha cabeça no encosto de couro. Não posso evitar a pontada de culpa e vergonha que sempre me invade quando penso nesse assunto. Em como fui imaturo e egoísta. E o pior de tudo, nunca me desculpei com ele. É provável que a minha atitude não seja perdoável. Simplesmente arrisquei anos de uma amizade fiel, por uma ilusão adolescente, e já sou um homem adulto.

— Damian... — sussurro depois de um tempo em silêncio. — Eu sinto muito, eu me comportei como um completo idiota... eu...

— *Cara...* — dessa vez, ele quem me interrompe. É engraçado o quanto a simples palavra *cara* pode significar dezenas de coisas, vindas do Damian, é claro. — *Eu não me importo realmente, estou sendo sincero. Foi um ato impensado e bobo, mas somos humanos.*

— Verdade? — pergunto desconfiado, fechando os olhos por um minuto. — Porque eu, em seu lugar, talvez ficasse um pouco chateado.

— *Eu sou um cara tranquilo, você me conhece* — diz com sinceridade.
— *Mas me aborrece um pouco saber que um dia você teve olhos apaixonados para a Emma.*

— Eu não diria olhos apaixonados — corrijo-o sem conter o riso. — Ela é uma garota especial, acho que eu me senti protetor de uma forma que não sei explicar.

— *Ela é a melhor* — Damian concorda, com orgulho. — *Mas é bom que você a veja apenas como uma irmã agora.*

— Senão o quê? — pergunto, brincando.

— *Senão você me verá bravo pela primeira vez.*

— Eu já te vi bravo algumas vezes, Damian.

— *Acredite; você não me viu, não.*

— Tudo bem, tudo bem... — apresso em dizer. — Respeito a sua relação com ela, respeito a família e a vida que vocês construíram juntos, e apesar do meu passo mal dado no passado, você sabe que eu nunca fiz nada que te ofendesse; sempre mantive distância.

— *E é exatamente por esse motivo que te desculpo, e isso não muda nada em nossa amizade* — retribui com calma. — *Nós estamos afastados nos últimos tempos, cada um com sua vida e suas próprias preocupações, mas, Evan, você sempre será um irmão para mim.*

— Isso significa muito e o mesmo vale para você.

— *Você vai me contar o que vai fazer na Espanha? Por que tão longe?*

— Meu pai... — revelo, soltando a respiração lentamente. Essa palavra tão pequena me parece tão amarga e errada ao mesmo tempo. — O homem que engravidou a minha mãe está na Espanha.

— *Como você sabe sobre ele?* — Damian pergunta curioso, com seu tom de voz um pouco mais firme agora. — *Como isso aconteceu?*

— Ele me encontrou através de uma carta... a porra de uma carta — digo pausadamente. — Você acredita nisso?

— *E por que ele não vem até você? Por que você precisa se deslocar para outro continente e encontrá-lo? Ele deveria se arrastar até você.*

— Eu não queria conhecê-lo, de qualquer forma. Droga, eu ainda acho que essa viagem é a pior decisão que já tomei na vida! — confesso, passando a mão em meus cabelos. — Mas se eu não for, pensarei nisso para sempre. É um peso muito grande para carregar e será tarde demais, porque, ao que parece, ele está doente.

— *Acho que você tomou a decisão certa então. Nós sabemos o quanto*

o arrependimento pode pesar. Mas... — ele fala com calma — pode ser que vocês não se tornem os melhores amigos.

— Com certeza não — sussurro com uma risada nervosa.

— *Mas você conhecerá um pedaço da sua história, isso lhe trará alguma paz.*

— Espero que sim... preciso ir agora — emendo, ouvindo a primeira chamada para o meu voo no alto-falante. — Obrigado por me ouvir.

— *Eu estarei aqui — afirma com um riso na voz. — Com um continente entre nós a partir de agora, mas é só me chamar quando precisar e espero que você o faça mesmo se não precisar.*

— Eu farei — prometo, pegando a minha bolsa e começando a caminhar outra vez. — Eu te amo, irmão.

— *Eu também te amo, cara — ele repete com a mesma sinceridade de sempre e ri, antes de completar em tom divertido: — Espero que esteja deixando os seus cigarros e todos os seus péssimos hábitos na Califórnia.*

— Você me conhece o bastante para saber que não, eles estão todos comigo.

Ele ri mais alto, me fazendo rir também. Conversamos até a entrada do embarque, então eu desligo e volto a guardar o meu celular, antes de entregar a minha passagem para a aeromoça.

— Tenha uma boa viagem, senhor. Obrigada por escolher a nossa companhia para voar. — Ela sorri com gentileza, antes de conferir o meu bilhete e voltar a entregá-lo para mim.

— Obrigado.

Caminho pelo corredor amplo e vazio do avião, em busca da minha poltrona. Depois de guardar minhas coisas no compartimento de bagagens, eu me sento e olho o fluxo de pessoas embarcando do lado de fora. Não sei quanto tempo se passa, antes que eu volte a me mexer novamente. Mas é o bastante para a comissária de bordo estar declamando o seu discurso de boas-vindas e instruções de segurança.

Agradeço imensamente não ter ninguém ao meu lado nesse momento. Eu detestaria ter que consolar uma pessoa com medo de voar, quando o meu próprio coração parece tão acelerado. Eu não tenho medo de aviões, já viajei o suficiente para ter me acostumado com eles, e até mesmo com as turbulências que podem surgir ao longo do voo... eu tenho medo do que irei encontrar quando esse avião enfim posar... em outro país, outro continente que eu nunca imaginei pisar. Não é como se eu tivesse sonhado em conhecer

a Espanha algum dia da minha vida, nem mesmo quando tínhamos aula de espanhol na escola... nunca pensei e mesmo assim estou aqui... encarando uma viagem de onze horas, sem saber o que me espera do outro lado. E enquanto seguro a carta tão amassada, que estava escondida em meu bolso, manchada e rasurada de tantas leituras, eu me permito temer...

Eu tenho, enfim, medo de tudo o que posso sentir ao conhecer o meu pai, e acredite que é um passo enorme chamá-lo assim. Ele não é realmente o meu pai e, quando criança, eu costumava encontrar sinônimos para me referir a ele... *Progenitor, gerador, genitor, o cara que engravidou a minha mãe, doador de esperma...* eu sei, eu sei, esse é definitivamente o pior de todos e eu só passei a usá-lo quando descobri de onde vinham os bebês. Mas confesso que passou a ser o meu favorito também, é tudo o que ele é geneticamente falando; apenas uma parte do meu DNA e não da minha vida. Posso ter esbarrado nele em algum momento e jamais teria ficado sabendo.

Existem tantos homens com cabelos e olhos castanhos, pele morena, a minha estatura e densidade corpórea... O que o difere dos outros? O que existe de especial nesse homem para que eu possa chamá-lo de pai? A resposta é tão simples que chega a ser ridícula... nada, não existe nada, e não tenho falsas esperanças de descobrir que ele é o cara mais incrível do mundo. Que somos muito compatíveis e gostamos das mesmas coisas. Na verdade, eu torço para que ele seja uma péssima pessoa, isso me facilitará a vida, será infinitamente mais simples deixá-lo para trás de forma definitiva.

Durmo com esses pensamentos em mente e quando acordo, horas depois, percebo que o dia está amanhecendo e até mesmo o sol nessa parte do mundo é mais brilhante. O que é engraçado para mim, já que eu moro na ensolarada Califórnia.

Vou ao banheiro, tomo café e leio alguns e-mails e, após assistir metade de um filme francês, já me sinto incrivelmente entediado. A sensação que tenho é que estou viajando há dias e quando a aeromoça finalmente nos instrui a colocar o cinto de segurança, eu agradeço internamente por isso. Olho para as nuvens e o céu lindamente claro, enquanto o avião aterrissa sem problemas.

Não tenho pressa para sair, diferente dos outros passageiros que estão apressados e cheios de urgência. Não tenho ninguém me esperando, sequer sei para onde ir agora. Até mesmo o ar da Espanha é diferente, e enquanto eu desço os degraus que me separam do solo espanhol, meus olhos varrem todo o ambiente à minha volta. Recolho a minha mala da esteira, e não tenho

grandes problemas para garantir o meu visto de turista.

Eu não falo espanhol, já que *Hola e Tudo bien*, não podem ser considerados grandes diálogos. Então, conseguir um táxi se torna mais complicado. Fico quinze minutos parado em frente à saída, até que um carro pare e me resgate. Isso quase me faz rir, se eu não estivesse tão fascinado com o ritmo enlouquecedoramente frenético de Madri.

— Americano? — O motorista pergunta em inglês, mas com um sotaque extremamente carregado.

— Sim — afirmo, colocando a minha mala no banco de trás.

— Bem-vindo à Espanha.

Aceno em resposta, ao mesmo tempo que ele dá partida no carro e as ruas de Madri ganham vida e cores. Aperto a carta firmemente em minhas mãos, enquanto respiro profundamente...

Bem-vindo à Espanha, Evan.



Cinco Minutos

Lizz

Fecho a porta azul de madeira rústica e guardo a chave, que parece pertencer a um museu, em minha bolsa. O sol já é forte, apesar de ser início da manhã; sete e meia para ser mais exata. Caminho sem pressa alguma, pelas ruas estreitas e alegres, cercadas por casas brancas que tanto conheço e amo.

Moro nessa casa antiga e acolhedora há seis meses e Deus... eu não trocaria a minha morada singela por absolutamente nada nesse mundo. Deixei Madri há um ano e vim morar em Mijas. Meus pais achavam que eu não duraria duas semanas, embora tenham apoiado o meu sonho, mas ainda estou aqui e sem nenhum plano de mudança.

Amo meu trabalho, meus pacientes e a minha vida toda aqui, nessa pequena e linda cidade. Não tenho grandes fortunas e o meu trabalho exige muito mais do que me paga, entretanto, a paz que permeia os meus dias não é facilmente comprada. E, definitivamente, eu não sou uma mulher de grandes luxos. Sinto-me realizada, embora esses não sejam os meus sonhos de infância, foi preciso me adequar ao que a vida tinha a me oferecer.

Sempre soube que seria médica, mesmo que não saiba apontar exatamente a época em que escolhi essa profissão para mim. Diria que foi entre os três ou quatro anos de idade, mas era algo definitivo. Todo aniversário e Natal, eu ganhava brinquedos relacionados à medicina. E meus pais e avós queridos, já sabiam exatamente o que me dar e me deixar feliz. Um estetoscópio, seringa ou jaleco infantil, muitas vezes com alguma estampa de bichinhos; eu tinha vários. Alguma boneca que ficava doente e necessitava de cuidados da pequena doutora, no caso eu, eu tive todos os modelos também.

Não sei dizer de onde esse fascínio veio, já que não tenho ninguém da família envolvido na área. Meu pai engenheiro químico, nascido em Londres... minha mãe, a melhor confeitadeira de Málaga; definitivamente nenhuma ligação com a medicina. Mas eles sempre me incentivaram a ser o que eu quisesse e eu queria ser médica. Era uma ideia fixa; uma obsessão. Gastei todas as minhas forças e me dediquei aos estudos, sempre

respondendo a clássica pergunta: o que você vai ser quando crescer? Sem nenhuma hesitação... médica, eu seria médica.

A vida tinha os seus próprios planos afinal, e me mostrou como lidar com a frustração de não ter o seu sonho realizado, quando anos mais tarde me tirou a chance de cursar medicina. Estava com quase dezoito anos e prestes a iniciar o meu curso em uma das maiores faculdades da Espanha, quando a minha avó paterna foi diagnosticada com Esclerose Múltipla, um tipo extremamente raro e igualmente avassalador. Foi uma notícia terrível, destruiu toda a família em minutos. Nós nos reconstruímos em algum momento, mas o dinheiro da minha poupança se esvaiu em dias com o tratamento e remédios.

Chorei, é claro, por ela e por mim. Depois disso recolhi os meus sonhos do chão e os reformulei. Consegui cursar enfermagem graças a uma bolsa de estudos e um emprego de meio período. Sei que muitas pessoas dizem que enfermeiros são médicos frustrados; mas realmente amo a minha profissão, e não me sinto nem um pouco frustrada agora. As coisas aconteceram como deveriam acontecer, afinal. Eu escolhi enfermagem geriátrica, ou gerontologia, se você preferir. Eu amo idosos, sei que a maioria das pessoas ama crianças; não que eu não goste delas também, ambos são adoráveis e fofinhos.

Grande parte do meu amor pelos velhinhos veio do tempo em que eu cuidei da minha avó. Fiquei um ano sem estudar enquanto ela precisava de cuidados diários e nós estávamos contando cada moeda do orçamento. Tempos depois, o meu pai foi promovido no emprego e pudemos enfim bancar uma cuidadora mais capacitada.

Sabia exatamente qual área seguir na enfermagem a partir disso e me dediquei de corpo e alma para recuperar todo o tempo perdido. Formei-me como uma das primeiras da classe, quatro anos depois, e fiz um ano de especialização em geriatria. Estagiei em alguns hospitais durante os meses seguintes e em uma busca pela internet; descobri a clínica de repouso na qual trabalho agora. Fiz desse, o meu plano de existência, simplesmente precisava trabalhar aqui. Enviei o meu currículo por meses seguidos sem nenhum sucesso, mas justamente quando estava perdendo as minhas esperanças; fui chamada para uma entrevista e fiquei.

Voltei para Madri apenas para visitar a minha família, e foram poucas e rápidas visitas. Nunca achei que pudesse me adaptar a outra cidade, principalmente a uma com um ritmo tão calmo como o de Mijas, mas não me

vejo longe daqui. Posso ir ao trabalho caminhando, sem me preocupar com trânsito e atrasos, acho que não me senti estressada um dia sequer desde que me mudei. Talvez seja porque simplesmente estou no ritmo dos meus pacientes.

Quando viro a última esquina antes da minha clínica, já posso avistar a imponente mansão que a abriga, o imóvel se destaca de longe. Por seu tamanho e por ser um dos únicos que possui uma fachada colorida — azul-clara. O seu imenso portão de ferro forjado parece uma obra de arte antiga e chama a atenção dos turistas que passam pela rua. O muro que a cerca é extenso e alto o bastante para não mostrar a parte externa, também escondida dos olhos curiosos pela arborização ao redor.

A primeira vez que vi esse lugar o meu queixo caiu. É provável que tenha demorado longos e constrangedores minutos, para que o meu impacto passasse, e deixasse de envergonhar a mim mesma. Mesmo depois de tanto tempo, eu não posso evitar o meu encantamento com a sua arquitetura.

Passo pelo pequeno portão lateral e mostro o meu crachá para o segurança do dia, depois de assinar a minha lista de trabalho, sou autorizada a entrar. A segurança aqui é levada muito a sério, não poderia ser diferente, é óbvio, mas essa é uma clínica de alto custo. Traduzindo de forma mais clara, as pessoas que moram ou estão hospedadas aqui, podem pagar pelo melhor tratamento para Alzheimer, esclerose e outras doenças comuns para idosos.

Porém, o que me deixa um tanto perplexa e triste, devo confessar, é a quantidade de idosos que foram deixados aqui por suas famílias. Simplesmente por ser alguém que estava fora de lugar em suas vidas perfeitas... é óbvio que aqui eles são bem cuidados, cercados do que há de melhor na medicina e cuidado humano; mas ainda assim resta a solidão e a dor de ter sido esquecido.

E por último e mais raro, são os idosos que se internam por conta própria. Geralmente são pessoas que não tiveram filhos, e sem parentes próximos. Aqui é como uma colônia de férias para adultos na terceira idade. Muitas vezes me esqueço que estou em uma clínica médica e me sinto em um hotel cinco estrelas; óbvio que isso acontece em alguns momentos somente. Nas nossas festas temáticas ou noites de cinema. A maior parte do tempo, eu levo o meu trabalho extremamente a sério, principalmente por estar designada a alguns pacientes realmente doentes. Mas eu sei que o bom humor e carinho também podem ajudá-los nessa triste jornada e não posso obrigar o meu coração a não se envolver emocionalmente. Mais do que meus pacientes,

eles são uma extensão da minha família.

Perco o calor reconfortante do sol, quando entro na parte interna da clínica; são três andares e mais de vinte quartos, além da enfermaria e salas recreativas. Meu trabalho se concentra no terceiro andar, mas antes preciso passar no vestiário feminino.

Cumprimento rapidamente duas médicas que estão saindo e vou em direção ao meu armário. Guardo a pequena bolsa que sempre me acompanha, o celular e o meu livro para o horário do almoço. Nunca consigo ler mais do que duas páginas, mas gosto de trazê-lo mesmo assim. Troco rapidamente a minha roupa, por um dos uniformes azuis-claros na prateleira à frente. Não posso descrever o orgulho que sinto todas as manhãs ao vesti-lo e iniciar o meu trabalho. Sinto o peso do caminho que me trouxe até aqui; não tão doce como queria, mas que me deu uma força gigantesca. Fecho meu armário e prendo o meu cabelo em um rabo de cavalo apertado, eu sei que ao final do dia ele terá despencado em meus ombros, depois de todas as minhas corridas pela clínica. Uma última olhada no espelho, meu crachá pendurado ao redor do pescoço e um sorriso radiante no rosto; saio do vestiário rumo à enfermaria.

Checo a minha prancheta em frente ao grande balcão branco e examino com atenção as últimas horas dos meus pacientes. Agora são cinco: três homens e duas mulheres, quatro deles na casa dos setenta anos. Dolores é a mais velha com setenta e nove, uma senhora radiante e gentil, que luta bravamente contra o Alzheimer. Seus sintomas ainda são leves e desde que comecei a trabalhar aqui, ela passa temporadas conosco, já que mora com o único filho em Málaga e ele viaja com frequência. Ela sempre me diz que sou uma ótima babá.

Então tem Joaquim, um brilhante neurocirurgião, filho único, sem esposa ou filhos. Ele convive com Parkinson há três anos, e por escolha própria mora aqui. Eu acho que ele se sente só, e as pessoas e pacientes da clínica preenchem o seu vazio. Em seguida temos Pedro, em um estágio bem avançado de Esclerose Múltipla, assim como a minha avó, foi internado pela filha há dois meses. Ele é um doce e embora sua doença seja extremamente degenerativa; cuidar dele tem sido um grato aprendizado.

Lourdes é a minha segunda paciente, com setenta e cinco anos, que está em um estágio gradativo de senilidade; sem nenhuma outra doença aparente. Mas o fato de ter sido deixada aqui por seus filhos causou na amável senhora, um quadro de depressão profunda. Quando nos conhecemos,

ela era como uma criança arisca e birrenta, porém, criamos laços fortíssimos ao longo dos meses. Gosto de vê-la sorrindo a cada dia.

Por último temos Victor... o paciente com o qual criei uma ligação mais profunda e intensa e, infelizmente, o que mais me preocupa no momento. Com sessenta e três anos, ele está passando pelas mazelas de um câncer de fígado com metástase em outros órgãos. Isso me entristece profundamente; e, após tardes de conversas intermináveis no jardim, nos tornamos grandes amigos. Ele se internou por contra própria também, e é o único paciente a conviver com essa doença na clínica. Talvez isso tenha me inclinado mais a amá-lo, e temer não encontrá-lo na manhã seguinte.

Tenho pavor de imaginar me despedir de qualquer um deles, mas Victor está mais próximo de me deixar.

— Bom dia, Lizz — Glória, uma das enfermeiras do segundo andar, me cumprimenta.

— Bom dia, Glória — digo, me virando para ela e apertando minha prancheta entre os braços.

— Gostei do seu cabelo! — Ela aponta sorrindo.

Devolvo o seu sorriso, balançando a cabeça de modo que meus cabelos toquem os meus ombros. Há alguns dias fiz mechas loiras em meus fios castanho-claros. É provável que enjoe e mude outra vez em pouco tempo. Mas todos estão elogiando o resultado, então resolvi acreditar que está realmente bom.

— Como foi a sua folga? — pergunto, caminhando com ela para fora da sala.

— Muito boa, dormi a maior parte do tempo — conta rindo.

Glória, uma das poucas amigas que tenho da minha idade, é uma negra linda, com belíssimos olhos castanhos e um sorriso que rouba toda a cena. Ela trabalha na clínica há mais tempo que eu, mas não poupou esforços para que eu me sentisse adaptada e bem-vinda.

— Nada de bebidas e festas? — questiono com uma sobrancelha arqueada em expectativa. — Você tem falado sobre esse final de semana há dias.

— Quando cheguei em casa sexta-feira à noite, tinha uma mensagem do Eric dizendo que não poderia vir de Madri esse fim de semana... foi um banho de água fria em meus planos.

— Eu te admiro, não conseguiria manter um relacionamento à distância como o de vocês.

— É tudo uma questão de maturidade — ela diz, parando quando chegamos ao segundo andar. — E se você me permite dizer; você não tem conseguido manter nenhum tipo de relacionamento desde que eu te conheci.

— Ui... essa realmente doeu — brinco, fingindo estar ofendida. — Estou maravilhosamente bem assim.

— Lizz, você tem vinte e seis anos e os seus melhores amigos são idosos de setenta.

— Eles são os melhores amigos que alguém poderia ter — afirmo com um sorriso, achando fofo que ela sempre me diga isso. — Você é minha amiga também e só tem quarenta anos.

— Eu não tenho quarenta anos! — ela grita, tapando a boca em seguida, quando um dos médicos passa por nós. É possível que nós duas juntas não sejamos as pessoas mais discretas do mundo.

Dou risada, voltando a subir os degraus que ainda faltam para o terceiro andar. Eu já deveria ter começado a trabalhar há cinco minutos; nunca fui uma pessoa pontual.

— Nenhuma resposta do filho do Victor ainda? — Glória pergunta, tocando no assunto que tem permeado meus pensamentos nas últimas semanas. — Ele me perguntou sobre isso essa manhã.

— Não, nada ainda — respondo com pesar evidente. — Já estou perdendo as esperanças, a história dos dois é muito triste...

— Tenho pena do Victor... morrer sem o perdão do filho é...

— Glória! — eu a interrompo, olhando para os lados como se o próprio Victor pudesse nos ouvir agora. — Não diga isso.

— Ele está indo, Lizz. Você deve se preparar para isso — murmura com um sorriso triste.

— Eu sei, mas... — respiro e olho pela janela, antes de voltar a olhar para o seu rosto — não precisamos pensar nisso agora.

— Se você diz... — ela concorda e dá de ombros. — Te vejo mais tarde!

Aceno com um sorriso, correndo pela escada até parar no terceiro andar, o piso de cerâmica quadriculado em preto e branco; sempre ganha a minha atenção. Posso ser um pouco mais louca do que deixo transparecer a princípio. Minha conversa com Glória me leva primeiro até o quarto de Victor, embora eu devesse examinar Dolores antes.

Cuidar de um paciente em uma fase tão complexa quanto Victor está agora é sempre muito delicado. Sou extremamente profissional, mas também

imensamente humana, e me envolvi em sua vida; mergulhando de cabeça em sua história. Tenho medo de perdê-lo... Pior do que isso é ter medo de perdê-lo sem lhe dar o presente de conhecer o seu filho.

Bato na porta antes de abri-la vagarosamente e entrar. Encontro Victor sentado sob a janela, como acontece todos os dias, um jornal aberto sobre o seu colo; embora ele esteja perdido em pensamentos. Não é preciso muito esforço da minha parte para saber quais são seus pensamentos: *Evan Carter*. Engraçado é que ele também está em meus pensamentos grande parte do meu dia, e nós sequer nos conhecemos.

— Bom dia, meu paciente favorito — digo em um tom animado, fechando a porta atrás de nós e chamando a sua atenção imediatamente...

É verdade que eu digo isso para todos os meus pacientes, isso porque nunca fui boa em escolher apenas um favorito. Todos eles são especiais.

— Oh, bom dia, Lizzy! — ele exclama com um pequeno sorriso, usando o apelido que meus pais me deram quando criança.

— Como você está hoje? — indago me aproximando um pouco mais de sua poltrona.

— Bem, um pouco enjoado apenas, mas vai passar...

— Foi a troca da medicação, nós sabíamos que isso iria acontecer.

Contemplo o seu rosto por um instante, e é perceptível o quanto ele envelheceu e perdeu peso nas últimas semanas. O tratamento para o câncer por si só é muito invasivo, embora Victor tenha desistido da quimioterapia nas primeiras sessões, mas é visível que a sua tristeza e falta de esperanças são o que mais pesam nesse caso. Seus olhos castanhos e vivos não possuem o mesmo brilho e o seu sorriso nunca consegue ser completo. Seus cabelos estão mais brancos agora, apenas salpicado por fios negros. Me pergunto sempre se seu filho se parece com ele, a mesma altura ou cor dos olhos. Apesar das rugas e da melancolia em seu rosto, Victor ainda é um homem bonito; talvez seu filho seja uma versão jovem dele.

— Você ainda não tomou o café da manhã — o repreendo, apontando para a bandeja intocável na mesa ao lado. — Sabe que precisa comer ao menos um pouco.

— Não estou com fome agora, mas irei comer mais tarde — ele promete, como uma criança que tenta convencer seus pais... Acontece que eu conheço muito bem as minhas crianças e sei que ele está mentindo.

— Se ficar sem comer, terá que tomar soro e aquela vitamina que você adora; então é melhor achar essas frutas mais atraentes.

— Vou pensar nisso com carinho — replica, piscando para mim.
— Quer descer para o jardim um pouco? Conversar com Pedro por um tempo? — ofereço, olhando para a janela e vendo Pedro no jardim.

— Mais tarde.

— Ok... — concordo, me afastando lentamente. — Vou verificar Dolores e já volto com a sua medicação, e verifico a sua pressão também.

— Minha pressão está perfeita, Lizzy — ele fala com um pouco de petulância que sempre me faz rir. *Minhas crianças*.

— Tudo bem, mas irei conferi-la do mesmo jeito.

Paro minha mão na maçaneta no instante em que uma tosse nervosa escapa dos seus lábios. Mesmo sem olhar para ele agora, sei que virá uma pergunta a seguir; eu até sei qual pergunta será exatamente.

— Teve alguma resposta do meu filho? — Victor me sonda vagorosamente, enquanto me viro com a mesma velocidade. — Você enviou a carta, não foi?

Ele já me perguntou um milhão de vezes, mesmo depois de eu ter lhe mostrado o comprovante dos correios. Apenas aceno, ao mesmo tempo que deixo minhas mãos e a minha prancheta descansarem à frente do meu corpo. Então busco uma voz calma e equilibrada antes de responder. Já perdi as esperanças, mas não quero que ele perca as dele... é a única coisa que lhe resta agora.

— Ainda não — digo com um sorriso treinado. — Mas eu sei que ele irá responder. Talvez já esteja na Espanha, pronto para nos fazer uma surpresa.

Sei o quanto minhas palavras soam patéticas e irreais agora, mas preciso alimentar essa chama em seu coração; se ela se apagar, então perdemos tudo.

— Você vai me contar assim que tiver alguma notícia?

— É claro que irei.

— Tenho tão pouco tempo, Lizzy, e tudo o que eu quero é cinco minutos com ele.

— Farei tudo o que puder para lhe dar isso — prometo.

— Você já fez muito, Lizzy... apenas o fato de me ouvir todos os dias... — Ele para e ri, antes de olhar pela janela novamente. — Estou ficando um velho chato, eu sei. Você é uma santa.

— Minha mãe e suas histórias sobre a minha infância diriam o contrário — brinco tentando animá-lo um pouco. — Você nunca ficará chato

para mim, isso eu te garanto.

— Obrigado.

— Me agradeça tomando o seu café da manhã.

Saio do quarto antes que ele possa replicar, ou antes que comece a chorar. A minha avó sempre me disse que eu era sentimental demais para ser médica. Eu concordava, e julguei que a enfermagem seria infinitamente mais fácil. Estava terrivelmente enganada. E passo as nove horas seguintes do meu turno, rezando para todos os santos, que eu obtenha uma resposta para a carta que enviei há duas semanas. Cogito a possibilidade de enviar uma nova carta, talvez duas ao mesmo tempo, para aumentar as chances de resposta.



Quando me despeço de Victor no início da noite, a tristeza latente em seu olhar queima o meu coração. Sequer consigo apreciar o meu caminho até a minha casa, esse assunto martela a minha mente incessantemente, causando um imenso buraco em meu estômago. Quando o meu celular toca em minha bolsa, no mesmo instante em que paro à minha porta, a minha respiração fica presa na garganta. Minhas mãos tremem quando eu a abro em busca do meu celular, encontrando as minhas chaves primeiro, e buscando algum conforto em apertá-las em minha palma. Olho para o número desconhecido na tela e fecho os olhos por um segundo, fazendo um pedido silencioso, antes de atender.

— Alô — sussurro; a insegurança muito presente em meu tom de voz.

O silêncio impera do outro lado da linha, embora eu ouça uma respiração fraca. Tudo o que me resta é abrir a minha porta com rapidez e me apoiar nela quando fechada, antes de repetir.

— Alô.

— *Elizabeth?* — É uma voz que nunca ouvi antes, masculina e forte. O tipo de voz que pode te encantar ou te assustar ao mesmo tempo. Eu escolho sorrir, porque sei o que essa voz representa, ainda mais com um sotaque americano tão forte.

— Sim — respondo com calma, sorrindo por finalmente poder usar todas as aulas de inglês que o meu pai pagou na minha adolescência. — Quem gostaria?

— *Evan...* — ele responde com cautela, seguido de uma tosse nervosa.

— *Evan Carter, eu tenho aqui uma carta sua. Você teria cinco minutos?*

Prefere que eu ligue outra hora?

— Não, não — me apresso em dizer, com medo que ele desligue. —
Esse é o momento perfeito. Obrigada por ligar.

— *Isso é estranho!* — Ele ri, antes de suspirar... então eu deslizo da
minha porta até o chão e fecho os olhos para ouvi-lo.



Lizz, Lizzy ou Beth
Evan

Estou na Espanha há uma semana... uma semana, e não tive coragem de ligar para o número que consta no final da carta. Não que eu não tenha tentado centenas de vezes fazê-lo, mas sempre me convencia de que era uma péssima ideia. O que chega a ser definitivamente irônico, já que viajei milhares de quilômetros para estar aqui justamente para isso.

Gastei os meus dias em um hotel lindíssimo, com uma vista e decoração que causaria uma imensa felicidade a qualquer um. Visitei bares e restaurantes, proporcionando a mim mesmo as férias que nunca me permiti antes. Só que nada preencheu o vazio em minha alma e a sensação de que sou um covarde completo. Então arrumei as minhas malas, entrei em um táxi em direção ao aeroporto, convicto de que estar aqui havia sido a maior burrice que cometi em vinte e nove anos, e que eu deveria voltar para a Califórnia...

Ao invés disso, eu voei até Mijas.

Agora estou geograficamente mais perto do meu passado, sem a segurança que Madri me trazia, e sei que não posso me esconder mais. Ou faço isso, ou faço isso agora; não existe uma segunda opção. Me hospedei em uma pequena pousada, tão linda quanto o hotel em que estive em Madri. Pergunto-me se existe algum lugar que não seja lindo nesse país. Eu espero apreciar toda essa exuberância depois que meus ombros pesarem menos. Agora apenas me sinto preocupado demais, sentado no chão do meu quarto, com o celular na mão e os olhos perdidos na paisagem lá fora. Não sei quanto tempo se passa, mas é o suficiente para o dia dar lugar à noite enquanto minha mente se torna cada vez mais vazia.

Quando criança, eu sempre me perguntava se podemos realmente não pensar em absolutamente nada. Nunca consegui, até hoje. Passei longas horas em uma espécie de transe involuntário, até me revestir de coragem e ligar. A pessoa do outro lado foi educada e solícita, eu já deveria saber, depois da carta tão bem escrita que recebi dela. Nós conversamos por cinco minutos aproximadamente, e não me recordo de mais do que cinco palavras que trocamos; a não ser que iremos nos encontrar amanhã, ao meio-dia.

É provável que eu devesse ir direto ao âmago da questão e me

encontrar com o homem que engravidou a minha mãe, mas estou em uma fase em que quero analisar o território que me espera. Não quero chegar e jogar todas as cartas na mesa de uma só vez, e me arrepender em seguida. Embora minhas emoções sejam agora as minhas maiores inimigas, não posso deixá-las me dominarem simplesmente.

Não durmo quase nada durante a noite, remoo os mesmos pensamentos, repetidas vezes, até ser vencido pelo cansaço durante a madrugada. Quando acordo na manhã seguinte, a luz forte do sol do Mediterrâneo já entrou em todo o quarto, o que me lembra de que devo fechar as janelas da próxima vez. São dez e meia quando tomo banho e desço para um café da manhã tardio, decidindo sair para a rua em seguida. Eu devo estar ao meio-dia em um restaurante próximo onde estou hospedado, e próximo a clínica onde Elizabeth trabalha. A segunda opção sendo apenas um palpite, já que o restaurante foi escolhido por ela.

Eu chego antes, é óbvio. A minha ansiedade sendo infinitamente maior que qualquer controle que possa ter. Escolho uma das mesas rústicas sobre a calçada e me sento, batendo nervosamente minhas mãos sobre a madeira, até decidir que preciso urgentemente de um cigarro, e me afastar para um lugar isolado. Comecei a fumar aos dezessete anos, como um ato de rebeldia. Não que a minha mãe tenha se importado. Depois descobri que fumar me acalmava, e me apeguei a essa válvula de escape ao longo dos anos. Sei que é um péssimo hábito, já que ouvi essa mesma frase infinitas vezes; mas não quero mesmo ser exemplo de nada. A maioria das pessoas tenta camuflar seus erros, e acho que meus erros foram o que me fortaleceram até hoje. Então meus erros e maus hábitos, ficarão bem à vista em minha biografia.

Encosto-me à pequena grade do outro lado da rua, em frente ao restaurante e odeio o fato de minhas mãos tremerem enquanto acendo o meu cigarro. Mas uma tragada rápida é tudo o que preciso para me acalmar. Foi assim desde o início e não encontrei desde então nada mais que pudesse causar em meu organismo o mesmo efeito. Foi provavelmente por isso que nunca tentei parar de fumar uma única vez nesses doze anos. Coloco o cigarro em minha boca e trago mais vagorosamente dessa vez, apreciando a fumaça no ar, depois que também a solto devagar. Respiro melhor, ironicamente falando, porque meu coração agora bate com mais calma. Estou no final do primeiro cigarro, pronto para acender o segundo, se necessário, quando me vem à cabeça que não faço a menor ideia de como essa mulher se parece fisicamente. Como saberei que é ela no momento em que chegar?

Apago o meu cigarro no chão e o jogo na lixeira a alguns metros, então procuro o meu celular no bolso interno do terno. Deixei o número anotado no início da minha agenda, sendo assim, não tenho a menor dificuldade em encontrá-lo. Dois toques apenas e sou atendido por uma voz feminina ofegante, ela está andando apressadamente, correndo talvez... não sou o único ansioso aqui.

— *Oi, eu já estou chegando* — ela fala com rapidez, fazendo o seu sotaque se sobressair.

— Sem problemas, não se apresse — eu a acalmo, voltando a sentar em minha mesa sob a sombra.

— *Eu preciso voltar para a clínica em uma hora, desculpe, não tenho muito tempo agora.*

— Sobre isso, você estará usando alguma coisa diferente? Algo que possa diferenciá-la dos demais?

— *Hummm...* — ela parece parar e pensar rapidamente, antes de prosseguir: — *Um vestido de rosas com um fundo preto, até os joelhos e sapatilhas jeans... eu deveria ter pensado em trazer uma bandeira para acenar, não é?*

— Não — eu a tranquilizo com uma risada. — Saberei que é você mesmo assim.

— *Fique na linha comigo, estou na esquina do restaurante agora* — ela pede, enquanto apenas ouço a sua respiração do outro lado. — *Eu serei a louca que chega correndo.*

Não respondo, apenas rio do seu jeito, ao mesmo tempo em me revezo em olhar à minha esquerda e, em seguida, à minha direita. Talvez eu devesse ter perguntado também por onde ela estava vindo, mas espero com paciência; até que um grito obtém toda a minha atenção, me fazendo girar para a esquerda.

— Ei, olha você! — ela grita novamente, me obrigando a afastar o celular do rosto.

Ela continua acenando, enquanto caminha até a mesa em que estou. Encerro a ligação e deixo o celular de lado, ficando em pé para recebê-la. É bem mais jovem do que imaginei, embora a sua voz tenha a denunciado na noite anterior, eu ainda esperava alguém mais velha.

— Evan? — ela pergunta, parando à minha frente com o celular ainda no rosto.

— Sou eu. — Aceno brevemente, achando essa situação cada vez mais

doida. — Oi, Elizabeth.

— Lizz ou Lizzy, muita gente me chama assim; seu pai é uma delas — conta com um sorriso, ganhando uma careta minha em resposta. — Eu gosto de Lizz, sempre acho que estão bravos comigo quando me chamam de Elizabeth, embora seja o meu nome, é claro... Só não me chame de Beth, eu definitivamente não gosto.

— Tudo bem... Lizz.

— Perfeito.

— Quer se sentar? — ofereço, indicando a cadeira à minha frente.

— Sim, obrigada. — Ela deixa a bolsa na cadeira ao lado e coloca o celular sobre a mesa em seguida.

Existe muita expectativa em seus olhos claros, e o seu grande sorriso me faz lembrar uma criança feliz, em uma versão mais feminina e bonita.

— Ainda não agradei o suficiente por você estar aqui, talvez não saiba o quanto isso significa para o seu pai...

— Não o chame assim, por favor — peço, colocando as mãos sobre o rosto antes de encará-la.

— Claro, vamos chamá-lo de Victor.

— Poderia ser Paul, não faria diferença para mim — replico com ironia. — Eu não sei se iremos nos conhecer, não sei se quero realmente.

— Eu entendo — ela balbucia com desânimo, perdendo o seu sorriso brilhante. — Mas você já viajou milhares de quilômetros, um passo a mais não fará tanta diferença.

— Acredito que nesse caso não é apenas um passo a mais, mas o maior passo de todos: um que eu não sei se sou capaz de dar.

— Isso é um balde de água fria para mim — ela admite com um sorriso fraco, antes de se apressar em completar: — Embora eu entenda a sua posição, eu sempre entendi...

— Acho que não entende, você tem um pai maravilhoso segundo as suas palavras — lembro-a, com um toque de cinismo que foi inevitável. — Aliás, a sua carta chegou com vinte e nove anos de atraso.

— Entendo a sua ironia, revolta...

— Não estou sendo irônico e não, você não entende — corto-a, chamando o garçom até a mesa e voltando a olhar para ela. — Se quiser se dar bem comigo, corte a parte psicológica da conversa, por favor.

— Não foi a minha intenção, Evan.

— Eu sei, você é apenas a advogada do diabo agora e a sua função é

estampá-lo como um grande homem. E apontar os meus traumas de infância, é claro.

— Eu gosto de Victor como se ele fosse alguém da minha família — ela confessa, me olhando com atenção. — Mas isso não o redime de seus erros, eu não tentarei transformá-lo em um santo; essa não é a minha intenção nessa história.

— E qual é a sua intenção, Lizz? — questiono, me aproximando um pouco mais. — Qual a intenção desse homem?

— A minha intenção é ajudar a vocês dois, Evan... A intenção do Victor é te conhecer, te contar o outro lado da sua história.

— E existe outro lado? Um no qual ele não me abandonou quando ainda era um bebê?

— Eu acho que uma mesma história pode ter dezenas de lados — diz me desafiando no olhar. — Apenas ouça o que ele tem a te dizer, deixa-o te conhecer. Vocês se parecem tanto, sabia disso?

— É claro — afirmo com uma risada seca, acenando com impaciência para o garçom que está preso na mesa ao lado. — Ouço isso da minha mãe desde o instante em que era inteligente o bastante para saber que essa semelhança é algo ruim.

— Eu sinto muito. — Ela fecha os olhos, respirando com calma; certamente não gostando do rumo da nossa conversa. Eu não sou uma pessoa fácil, eu sei.

— Não sinta.

— Ele só quer uma chance de te conhecer.

— Não, ele só quer o meu perdão antes de morrer.

— Você em seu lugar não iria querer o mesmo?

— Eu, em seu lugar, não teria deixado uma parte de mim perdida pelo mundo.

Ela se cala, enquanto um milhão de argumentos passam por sua mente e se refletem tão claramente em seus olhos, que posso distingui-los como se eu a conhecesse há tempos. Mesmo assim, a réplica não vem; apenas o silêncio entre nós dois, contrastando com as vozes ao redor. O garçom enfim se digna a parar em nossa mesa, percebendo tão sabiamente a tensão entre nós. Respiro, mudando a minha postura corporal e deixando o meu corpo relaxar por um instante.

— Estão prontos para pedir? — ele pergunta, com um sorriso treinado em seu rosto jovem. Minha temporada em Madri, me permite entender

facilmente a sua frase em espanhol.

— Desde que comecei a ter chamar há cinco minutos — respondo, sorrindo falsamente também, não me preocupando se ele me entende agora.

— Eu sinto muito, estamos lotados hoje. — Ele dá de ombros, em um gesto de desculpas; mostrando que me entendeu. Então completa em inglês. — O que vão querer?

Aceno para Lizz, elevando o meu queixo, para que escolha primeiro. Ela olha para o seu celular, então sorri para o garçom e diz:

— Uma salada *caesar* e um suco de laranja, por favor — ela decide.

— E o senhor? — ele questiona, voltando a me olhar.

— Uma taça de vinho branco gelado e uma garrafa de água sem gás — murmuro, sem muita vontade.

— Perfeito, volto em alguns minutos.

Estamos sozinhos novamente e o silêncio não é nada confortável... eu deveria ter pedido uma garrafa de vinho, talvez a adega toda; sei que beberia todo um barril, se isso me fizesse esquecer essa merda de assunto.

— Não está com fome? — Lizz me pergunta

— Tomei café da manhã há pouco tempo — digo, voltando minha atenção para o movimento da rua. — Sem contar que alguns assuntos me embrulham o estômago.

Em meio a mais silêncio... uma tosse desconfortável... mais um suspiro, dessa vez o mais longo e cansado de todos.

— Está gostando da Espanha?

Sério? Ela vai apelar para a conversa casual agora?

— Sim, é um lindo país — respondo com sinceridade, ainda não olhando para ela.

— Onde ficou quando pousou? — ela insiste com naturalidade, me fazendo sorrir parcialmente.

— Madri — sou sucinto.

— Eu amo Madri. — Ela parece uma criança feliz, ganhando a minha atenção novamente. — Você deve conhecer Málaga também, a minha família mora lá.

— Está anotado, se um dia eu voltar para passar férias; irei conhecer.

— Sabe que seu pai é malaguenho? — pergunta colocando as mãos sobre a mesa e batendo as unhas azuis na madeira.

É claro que não sei, aliás, o que eu sei sobre esse homem? Basicamente, tanto quanto sei sobre essa bela mulher à minha frente.

— Ele não é o meu pai — rebato com raiva, sentindo vontade de atirar a cadeira vazia ao lado no meio da rua. Vontade que consigo controlar, óbvio. — Chamá-lo assim realmente me irrita.

— Biologicamente ele é.

— Meu progenitor, não meu pai... seria um insulto para os outros pais.

— Isso te torna metade espanhol — acrescenta, sem dar ouvidos ao que eu disse.

— Que incrível! — debocho. — Eu não poderia morrer sem essa informação.

— Nasci em Madri, amo aquela cidade.

— Parabéns!

— Você é mau, Jesus... — ela replica em espanhol, com uma grande gargalhada. E entendo apenas a última palavra.

— O quê? — questiono-a, porque acho que não notou que estava falando em espanhol... deve ser mais fácil me insultar dessa forma.

— Você é mau, Evan — Lizz repete em inglês, com um sorriso contido agora.

— Desculpe. — Me encolho, sorrindo também. — Eu sou um cara legal e sei que as suas intenções são boas, mas só consigo te enxergar como o inimigo.

— Você vê seu pai como um inimigo? — Olho para ela com uma careta, apertando o meu lábio inferior entre os dentes. — Me perdoe, é a força do hábito... você enxerga Victor como um inimigo?

A verdade é que responder essa pergunta jamais foi algo simples. O que eu tentei ao longo da vida, foi viver de forma a provar a mim mesmo que a sua ausência não influenciou em minhas escolhas. Torná-lo um inimigo seria como lhe dar poder sobre mim, e eu não queria que isso acontecesse. Mesmo assim, era exatamente como eu o enxergava nos últimos dias... O meu inimigo número um.

— Nesse momento, infelizmente sim — confesso. — Embora na maior parte do tempo, ele seja apenas nada para mim.

— Não sei o que te dizer sobre isso — ela admite, assim que o garçom chega com o nosso pedido.

Ele não demora a colocar o prato de Lizz e nossos copos sobre a mesa, além da garrafa de água.

— Mais alguma coisa, senhor? — me pergunta.

— Por enquanto não, obrigado. — Ele se afasta com pressa e eu me

agarro à minha taça de vinho com a mesma pressa.

Lizz me olha com tristeza, enquanto tomo a metade da minha bebida de uma só vez. Então ela se concentra em comer em silêncio, ao mesmo tempo que finjo mexer no meu celular. Preciso responder alguns e-mails, preciso fazer alguns depósitos e cuidar do meu restaurante; mas acho que irei apenas voltar para o meu hotel e beber todo o frigobar do quarto. A bebida trará o torpor que preciso agora e me fará dormir, só espero que não me traga pesadelos também.

— Qual a sentença dele? — Eu me vejo perguntando, sem que possa controlar o meu cérebro. — O que ele tem? Por que está morrendo?

— Câncer de fígado. — Ela deixa o seu garfo descansar ao lado do prato, enquanto brinca com uma gota de água em seu copo. — Com metástase em alguns órgãos.

— Isso parece terrível — digo, não deixando a minha voz transparecer nenhuma emoção. — Não tem tratamento?

— O diagnóstico foi tardio e as chances de cura eram de quinze por cento, isso foi há seis meses. Ele iniciou a quimioterapia em três fases, mas a metástase apareceu algumas semanas depois e, contrariando todos os médicos, Victor interrompeu o tratamento.

— Entendo... talvez ele queira simplesmente morrer.

— Eu sinto que é exatamente isso — ela concorda, empurrando o seu prato pela metade. — Parece que ele acha que precisa passar por isso, como uma espécie de punição e redenção.

— Ele é adulto para decidir — refuto, bebendo o restante do meu vinho, antes de perguntar. — Quanto tempo ele tem?

— Com muito otimismo... quatro meses.

— E o restante de sua família, o que eles dizem sobre isso?

Por que eu me importo? Porra, por que eu continuo perguntando?

— Nenhuma família próxima, você tem uma tia em Pamplona. — Dou risada, porque ela simplesmente não se cansa de se referir a nós dois como uma família feliz. — Mas Victor foi casado por trinta e cinco anos e está viúvo há três... sem filhos, além de você.

Trinta e cinco?

— Eu tenho vinte e nove anos — argumento com a voz entrecortada.

— Eu sei, sinto muito, mais uma vez — ela me consola, deixando o seu sotaque espanhol se sobressair em sua voz nervosa.

— Meu Deus! — esbravejo, afastando rudemente a minha cadeira para

colocar os cotovelos sobre as minhas pernas e respirar. — Eu sou mesmo o filho bastardo de um completo covarde?

— Eu sinto muitíssimo, Evan — eu a ouço dizer, enquanto o meu rosto está escondido em minhas mãos. — Você não deveria saber disso agora. Não por mim.

Eu não respondo... estou com ódio, uma grande onda de revolta, que se espalha pelo meu corpo sem controle. A revolta maior é comigo mesmo, por me importar com qualquer informação sobre isso... por que eu me importo, que diferença isso faz para mim nessa altura da minha vida? *Porra, porra, porra...*

— Eu sinto muito — ela insiste, tocando a minha perna levemente. Então abro os olhos e a vejo ajoelhar ao meu lado.

Seu cabelo castanho com grandes mechas loiras, caindo sobre o seu rosto bonito e tocando os meus braços também. Existe uma gentileza infinita em seus olhos, também bonitos, e uma verdade maior ainda brilhando neles. Ela realmente se importa por ter me magoado e uma pequena parte de mim quer consolá-la, mostrar a ela que isso não me atinge de maneira nenhuma, mas não consigo mentir para mim mesmo, não agora. Toda essa verdade suja sobre o meu passado atinge-me com a força de uma avalanche.

— Eu preciso ir. — Empurro um pouco mais a minha cadeira e me levanto abruptamente, fazendo Lizz se desequilibrar no processo. — Desculpe.

Seguro seus ombros e a ajudo a se equilibrar novamente, antes de tirar a minha carteira e jogar algum dinheiro sobre a mesa.

— Não precisa pagar a conta — ela contesta, olhando para o dinheiro sobre a mesa.

— Eu te convidei. — Dou de ombros, fechando o meu terno e pegando o meu celular sobre a mesa. — Embora eu não tenha um pai e isso com certeza não foi algo que minha mãe me ensinou, eu tenho bons modos.

— Obrigada — ela diz em espanhol, segurando a minha mão e sorrindo tristemente. — Foi realmente um desastre, mas gostei de te conhecer.

— Obrigado. — Solto a minha mão e passo por ela, antes de completar: — Tenha um bom-dia, Lizz.

Não espero a sua resposta e me afasto com passos apressados, não me lembrando exatamente do caminho até o hotel. De qualquer forma, eu preciso andar.

— Evan! — Lizz grita, me chamando depois que me afastei alguns

metros.

Coloco minhas mãos nos bolsos e me viro, elevando o meu queixo para que ela me diga o que quer.

— Ele só quer te conhecer, uma única e última chance.

— Eu também só quis conhecê-lo, eu também só quis uma única chance quando criança. Era tudo o que eu queria e todos os meus pedidos giravam em torno disso... Só aprendi que nós não podemos ter tudo o que queremos.

— Eu sinto muito — ela repete pela décima vez e, com certeza, acredito em seu pesar, embora ele não mude absolutamente nada. — Me prometa que vai pensar nisso, em lhe dar essa chance.

— Eu detesto promessas — zombo, dando de ombros.

— Por favor! — ela implora, afastando o cabelo que o vento suave jogou em seu rosto. — Por favor, Evan!

— Tchau, Lizz!

Viro as costas e caminho com firmeza sem olhar para trás.

Ando perdido pelas ruas idênticas da pequena cidade por muito tempo, eventualmente encontro o caminho até o hotel.

Subo as escadas e caminho até meu quarto, mal sentindo o chão sob os meus pés. Então me sento ao lado da minha cama, com todas as garrafinhas que encontro no frigobar; parece realmente pouco álcool para tamanho desgosto. Por isso peço uma garrafa de uísque em tamanho natural. Bebo metade dela antes que as palavras na carta de Lizz fiquem embaralhadas demais para os meus olhos turvos...

A culpa é da bebida, ou são as lágrimas que atrapalham a minha visão? Realmente não sei.



Mensagens

Lizz

Derrubo pela segunda vez o frasco de comprimidos que estava em minhas mãos, por sorte ele cai fechado sobre a bancada, enquanto coloco as pílulas brancas em potinhos de plástico. Estou dispersa e uma pilha de nervos, essa não é a melhor combinação para uma enfermeira, não uma que está separando os medicamentos dos seus pacientes. Fecho os olhos e respiro profundamente, antes de voltar a minha atenção para a tarefa. Assim que termino, guardo o frasco no armário e fecho a pequena porta de vidro, então a tranco, e entrego a chave para a enfermeira-chefe.

— Obrigada, Elza. — Ela sorri para mim, embora tenha acompanhado de perto a minha desastrosa missão.

Respiro mais uma vez e seguro a minha pequena bandeja de alumínio, indo em direção às escadas. Eu nunca, nunca mesmo, deixo problemas externos interferirem em meu trabalho, em minha concentração e seriedade com os pacientes. Entretanto, agora não consigo afastar dos meus pensamentos o meu encontro com Evan na hora do almoço. Foi terrível e nem um pouco parecido com as expectativas que criei em minha mente. Na verdade, voltei para o trabalho em seguida, me sentindo a pior perdedora do mundo... isso foi há quatro dias e a sensação de derrota ainda pesa em meu coração.

Eu lhe enviei algumas mensagens desde então, porque não irei aceitar essa sentença tão facilmente. Mas ele é muito bom em me ignorar. Pergunto-me a cada cinco segundos se ainda está na cidade, ou se fugiu assim que

chegou ao seu hotel... eu não sei de nada.

Bato levemente na porta de Dolores, antes de entrar. Ela está sentada à cama, tricotando. As cortinas ainda estão fechadas, perdendo a luz do lindo sol lá fora.

— Bom dia, minha linda senhora — entoo a voz mais divertida que consigo, enquanto puxo rapidamente as cortinas para o lado. — O que estamos tricotando hoje?

— Oh, oi Mirian — ela me cumprimenta com um sorriso, me confundindo com a enfermeira da noite.

— É Lizz — a corrijo com carinho, entregando o seu copinho de remédios. — Tome todos.

— Eu não gosto desse azul, é muito amargo.

— Se engoli-lo muito rapidamente, nem sentirá o gosto. — Eu a oriento, olhando ao redor do quarto em busca de uma garrafa de água e entregando a ela. — Tome um pouco de água depois.

— Obrigada, Glória.

— É Lizz. — Rio, limpando o seu queixo molhado. — O que você está fazendo?

— Um cachecol — conta, olhando para a lã tão verde quanto os seus olhos. — Vou te dar quando terminar... eu nunca te dei nada, não foi?

— Na verdade, eu tenho três cachecóis que você me deu e duas toucas, além de um aparador de mesa, mas ainda estou esperando aquela colcha que me prometeu.

— Ah, claro! — ela exclama balançando as mãos, como se finalmente tivesse se lembrado dos fatos. — Você ainda não escolheu a cor.

— Vermelho — murmuro, apontando para o meu batom, depois de ter escutado os seus batimentos cardíacos. — Está se sentindo bem?

— Sim, perfeita — responde, me ignorando em seguida para voltar a tricotar.

— Que bom, volto mais tarde para levá-la até o jardim.

— Sim, sim... — ela me espanta com um aceno de cabeça.

Dolores geralmente é muito falante e animada. Na verdade, quando entro em seu quarto, tenho dificuldade em sair rápido de lá. Mas como qualquer um de nós, ela tem os seus dias introspectivos e é quando geralmente se concentra em tricotar. Há dias também em que ela se lembra de coisas que lhe contei há meses, até mesmo da minha maquiagem do dia anterior... mas também em que ela sequer se lembra do meu nome, como foi

hoje, é óbvio. Isso não me faz amá-la menos, posso repetir o meu nome uma centena de vezes, com um sorriso no rosto.

Apoio a minha bandeja ao lado do meu corpo, e resgato o meu celular no bolso da minha calça. Nenhuma chamada, nenhuma mensagem. Isso só aumenta a minha frustração, mas não diminui a minha determinação e pode ser que eu esteja apelando para os meus créditos com Deus, pedindo com todas as forças que ele toque o coração de pedra daquele lindo homem. Por crer que Deus ouvirá as minhas orações, eu ainda não contei a Victor sobre o meu encontro com Evan. Sequer contei a ele que a minha carta obteve, enfim, uma resposta e o filho, que ele ainda não conhece, está na cidade.

Sigo a minha rotina e às onze horas, estamos todos no jardim. Um ritual que fazemos todos os dias, senão pela manhã; todas as tardes, com certeza. Temos a sorte de contar com um clima ensolarado, mas ainda assim, ameno. Então, andar ou apenas se sentar no grande e lindo jardim é sempre uma tarefa agradável.

Victor e Lourdes gostam de jogar xadrez e são muito bons nisso, ela principalmente. Dolores geralmente fala pelos cotovelos e conta as histórias mais engraçadas, ela é ótima em obter a atenção de todos; mas ainda está entretida em seu cachecol pela metade. Joaquim está com mais um exemplar de Sidney Sheldon, e Pedro parece sonolento o bastante para encostar-se à sua cadeira e cochilar. E eu... bem, eu me sinto impulsionada a olhar para o meu celular o tempo todo, apenas para me certificar de que não existe nada de novo.

Olho para Victor e percebo o seu abatimento evidente, embora ele esteja sorrindo, concentrado em suas peças de xadrez. É como se o relógio estivesse correndo para ele, lhe dando uma desvantagem dos demais. Eu faria qualquer coisa para lhe conceder esse seu último desejo e a ideia de fracassar justamente agora, causa-me náuseas. Preciso insistir. Minha avó sempre me disse, que enquanto houver vida, há esperança. E existe muita vida aqui, não podemos negar esse fato.

Abro a minha caixa de mensagens e digito a primeira coisa que me vem à mente. Acaba por ser um simples *oi*, e uma carinha sorridente. Carinhas sorridentes costumam amolecer qualquer coração. Eu envio e coloco o celular no meu bolso, manobrando a cadeira de rodas de Dolores para debaixo do guarda sol... Então espero... Três minutos parece muito para mim, e estou olhando para o celular logo depois disso.

— Você está namorando, Lizz? — Joaquim me questiona, com uma

nota de diversão em sua voz.

— Não — nego com uma risada, guardando lentamente o meu celular outra vez. — Por quê?

— Porque você tem olhado para o celular muitas vezes durante o dia.

Sinto-me envergonhada imediatamente, talvez eu devesse ter deixado o meu celular no armário, muito longe de qualquer tentação que eu pudesse ter ao longo do dia. Mas como controlar essa ansiedade, sem grandes doses de chocolate? Estou de regime essa semana, então optei por trazer o celular comigo; algo que a maioria dos funcionários faz, desde que não interfira no trabalho, é claro.

— Estou esperando uma mensagem muito importante — digo e, diante do seu olhar de casamenteiro, completo: — De um amigo, a mensagem de um amigo.

— É claro — ele me diz com indulgência, sem abandonar o seu livro.

— É verdade — afirmo com veemência, sentindo meus dedos coçarem para que eu olhe o celular outra vez.

Que se dane... bufo, pegando o meu celular outra vez e revirando os olhos para a falta de resposta. Sendo assim, opto por uma mensagem mais elaborada dessa vez e começo a digitar com pressa.

Oi, Evan. Sou eu, Lizz. Talvez você não tenha anotado o meu número e por isso não saiba que sou quem tem lhe mandado tantas mensagens, mas sou eu, é perfeitamente seguro responder... E totalmente mal-educado não fazê-lo. Por favor. 😊

Digito outra carinha feliz, embora a minha cara especificamente não esteja nada feliz no momento. Aperto em enviar e guardo o celular, me concentrando agora na tarefa de olhar os pontos de tricô de Dolores. Ela tentou me ensinar dezenas de vezes, mas sou desastrada demais para acompanhar os movimentos rápidos de sua mão. É algo tão natural para ela, que provavelmente poderia fazer com os olhos fechados. Eu a imagino com cem anos, sem se esquecer como se faz para tricotar. Dessa vez, eu me concentro como nunca, me debruçando sobre a sua cadeira e olhando para as suas agulhas frenéticas, mas o vibrar em meu bolso me dispersa rapidamente. Não posso ser rápida o bastante em pegar o meu celular do bolso. Outra vez, eu sei.

Eu sei que é você, Lizz. Obrigado por retificar o fato. Tenha um bom-dia.

O quê? Meus olhos não poderiam girar mais, sem saírem das órbitas, estou realmente ofendida com o fato. Provavelmente por me enganar dizendo que ele não sabia que era eu, ele bem que poderia ter me confundido com um cobrador de cartão de crédito; embora eles com certeza não mandam mensagens com carinhas sorridentes... acredite em mim, eu sei.

Então você simplesmente não quis me responder... é isso? Olha, eu estou muito ofendida, muito mesmo.

Aperto em enviar e mantenho o celular em mãos, olhando para a tela em expectativa. Cinco segundos apenas e a resposta chega... *Como ele consegue digitar tão rápido?*

Desculpe!

Claro, uma única palavra, qual a dificuldade em digitar isso? Na verdade, ela já deve estar gravada em seu corretor automático, para ser usado com todas as garotas que ele, com certeza, magoou um dia.

Você não parece arrependido.

A resposta seguinte chega ainda mais rápido.

Talvez eu não esteja mesmo, me desculpe por não me arrepender também.

Mordo os meus lábios para não rir, diante do olhar atento de Joaquim em mim. Articulo a palavra “amigo” para ele, antes de digitar uma resposta para Evan.

Eu não te desculpo, desculpe... ainda está em Mijas?

Dois segundos depois...

Talvez...

Droga, por que ele precisa ser tão monossilábico assim? Só fica evidente que não quer conversar; isso se houvesse alguma dúvida depois que ele ignorou todas as minhas mensagens.

Acho que insistir nesse momento não seria a melhor estratégica e opto por esperar o momento certo do contra-ataque... estamos em uma guerra, eu me sinto assim.

Eu ainda estou. Por quê?

Olho para a sua mensagem, me sentindo um pouco má e com uma imensa vontade de não respondê-lo agora, mas o meu lado bom acaba ganhando.

Quer sair hoje? Podemos conversar um pouco mais e eu posso te mostrar um pouco da cidade também. Aposto que você passou esses últimos dias enfurnado no hotel.

Quase não acredito que acabei de chamá-lo para sair, embora tenha sido totalmente visando na amizade, e em tentar amolecer o seu coração. A resposta não vem nos próximos cinco minutos, mas ainda continuo olhando para o celular. Dez minutos depois, eu o guardo em meu bolso, por fim, voltando a me concentrar nos meus amores. O sol fica mais forte e decido que já é hora de voltar para dentro.

O horário de almoço se aproxima e todos se reúnem no grande refeitório interno. Quando todos estão bem fisicamente, nós lhes damos autonomia para fazerem as refeições sozinhos e os enfermeiros almoçam depois que todos voltam para o quarto. Eu me concentro em separar a medicação da tarde, antes de me sentar com Glória na sala de funcionários. Meu prato de *fettuccine* parece apetitoso o bastante, mesmo assim não consegue chamar mais atenção do que o meu celular.

— Você está me irritando, olhando para esse celular tantas vezes — Glória me diz, enquanto tenta comer e digitar ao mesmo tempo... *ah, a hipocrisia!*

— Eu não estou olhando para nada — nego, pegando uma garfada do meu macarrão. — Além do mais, eu sempre deixo o meu celular no armário; hoje foi uma exceção.

— E por quê? Posso saber?

— Estou esperando uma mensagem importante.

— De quem?

Mastigo e engulo devagar, enquanto enrolo um pouco mais de macarrão em meu garfo; isso me distrai e me dá tempo. Será que deve contar à Glória sobre o Evan, quando na verdade não contei para o maior interessado de todos, o seu pai?

Eu mastigo novamente, olhando para os lados e vendo os outros funcionários ao redor. Ninguém pode realmente nos ouvir, se não estivessem tão interessados em suas próprias vidas, seria por não acharem a nossa conversa interessante.

— Você demorou a responder, e agora quero saber mais ainda — ela exige com um sorriso travesso. — Conheceu alguém?

— De certa forma. — Dou de ombros, sentindo que a ansiedade aumenta a minha fome. — Foi o filho do Victor.

— Você teve uma resposta dele? — Glória questiona entusiasmada.

— Sim, há alguns dias; mas o Victor ainda não sabe.

— E como foi?

— O fato de ainda não ter contado a ele significa que foi uma tragédia. — Suspiro, brincando com o meu macarrão. — Mas foi ainda pior do que isso.

— Que pena — ela me consola com um sorriso. — Isso significa que não há a menor chance que ele venha para a Espanha?

— Ele já está aqui, na verdade — revelo. — Nós nos encontramos e conversamos pessoalmente há quatro dias.

— Uau! — Ela bate palmas e sorri. — Ele está aqui, Lizz, por que essa cara de derrota?

— Talvez porque ele prefira esfaquear a própria perna, que conhecer o pai... Victor, ele odeia que eu o chame assim.

— Como ele é? — Ela se interessa.

— Sério, de poucas palavras; mas gentil, apesar das circunstâncias.

— Quis dizer fisicamente — Glória me corrige, balançando graciosamente as sobrancelhas.

— Normal... — digo vagamente, porém, diante do seu olhar; completo. — Alto, moreno, cabelo castanho curto, olhos também castanhos, bem-vestido...

— Bonito?

— Bonito sim, muito bonito, mas... — Levanto a mão para barrar o seu

entusiasmo. — Nada disso vem ao caso, Glória.

— Seria romântico se vocês se apaixonassem. — Ela sonha... *essa doida*.

— Em que planeta? — pergunto, perplexa. — Ele me chamou de advogada do diabo.

— Isso equivale a chamar o pai dele de diabo — observa, voltando a olhar para o seu celular.

— Foi essa a intenção, acredite — admito em derrota. — A situação não é nada favorável para o nosso lado.

— Talvez você possa descongelar esse coração de pedra.

— Claro que sim, continue se iludindo.

Ela ri, antes de se levantar com a sua bandeja, e acenar em despedida. Termino o meu almoço em silêncio, então faço o mesmo que ela, em seguida. Volto para o vestiário e jogo o meu celular dentro do armário. Ao menos ali ele estará em segurança, me impedindo de envergonhar a mim mesma mais uma vez.



Ao longo do dia, eu me dou conta do conteúdo da minha mensagem, e não posso acreditar que escrevi aquilo... quer dizer, não é como se eu tivesse o convidado para um encontro, mas soou como isso. O que me coloca em um papel de louca e Evan com certeza já está com as malas prontas para a Califórnia. O que poderia ser mais assustador que um pai que ele não quer conhecer, e uma enfermeira maluca flertando?

Cada vez que olho para Victor, sinto como se estivesse o empurrando do penhasco, deixando o mais perto da morte. Mas não tenho controle sobre isso, fiz o que podia para ajudá-lo. É o que tento me convencer, embora esteja falhando miseravelmente.

— Você ficará bem? — pergunto-lhe, ao me despedir para o fim de semana.

Uma vez por mês tenho o fim de semana de folga. O restante de tempo, as folgas são alternadas entre os sábados e domingos. Mas isso porque já trabalho aqui há um tempo, no início minhas folgas eram às quartas-feiras. Era definitivamente horrível.

— Claro que sim, só sentirei saudades da minha enfermeira favorita. — Ele brinca, com um sorriso.

— Não dê trabalho para a minha substituta — peço, tocando a sua testa com carinho. — Tome todos os seus remédios e coma, por favor.

— Não se preocupe tanto comigo, Lizzy. Vá se divertir e faça o que costuma fazer em suas folgas.

— Me instalar em um sofá e assistir Netflix — emendo com um sorriso. — Você tem meu número, me ligue se precisar.

— Você faz eu me sentir como uma criança — ele murmura.

— Essa é a melhor maneira de rejuvenescer.

Mantenho o meu sorriso, enquanto ajeito a minha bolsa nos ombros. Já troquei o meu uniforme e subi apenas para me despedir dos meus pacientes. Na verdade, o meu horário de trabalho já expirou há quinze minutos; mas detesto me afastar por tanto tempo deles. Sei que qualquer outra pessoa amaria ter dois dias inteiros de folga, eu mesmo costumo amar a maior parte do tempo, mas não agora quando Victor está tão debilitado.

— Evan? — Victor me questiona, ao mesmo tempo em que caminho até a porta.

— Nada ainda — minto sem me virar, talvez ele veja a verdade em meus olhos. — Mas ele virá.

— Deus te ouça, Lizzy... Deus te ouça!

Exalo, saindo do quarto, por fim, e descendo os três lances de escada até a saída da clínica, com a maior velocidade possível. De repente me sinto sufocada por tudo isso, sedenta por ar e um pouco de paz. Meus passos são apressados, enquanto caminho pela calçada silenciosa, me desviando de alguns pedestres, eventualmente.

Chego em casa antes do que costumo. Fecho a porta atrás de mim, jogando as chaves sobre o aparador no pequeno hall. Subo os seis degraus que me levam até a sala/quarto/cozinha. É um espaço amplo, mas sem divisões, além da pequena mureta de tijolos na cozinha e da cortina floral que coloquei para separar o quarto da sala. O banheiro é grande o bastante, ficando na parede à esquerda ao lado da cama e com a cortina que coloquei logo à frente, posso dizer que tenho a minha própria suíte.

Jogo-me sobre a cama, ainda com a bolsa em meus ombros e fecho os olhos, eu poderia dormir agora, mas não é aconselhado. São sete e meia da noite, e eu acordaria às cinco da manhã e vagaria pela casa como um zumbi. Minutos depois me sento, tirando o celular da bolsa e digitando uma mensagem rápida para a minha mãe. Jogo o celular sobre a colcha após isso e assim que a sua tela se acende, uma mensagem não lida aparece nela. Clico

nela e sinto os meus olhos aumentarem de tamanho, enquanto a leio.

Ok... onde posso te encontrar?

É a resposta para a minha mensagem de mais cedo, a resposta para o fatídico convite para sair, de horas atrás. Uma resposta inesperada, admito... tão inesperada que não posso deixar transparecer a minha surpresa ao digitar.

Você tem certeza? Eu pensei bem e talvez eu não devesse ter te convidado, acho que foi inadequado.

Aperto em enviar e cinco segundos depois a resposta aparece.

Você demorou quatro horas para me responder?

Eu estava no trabalho. ♥

Eu lhe enviei um coração? Deus, eu não acredito no meu próprio bom senso agora. Estou tão acostumada a enviar corações para os meus pais, que foi um gesto automático. A pergunta mais importante nesse instante é; *posso desmaiar se bater a cabeça na parede?*

Mandando mensagens no trabalho... seus pacientes estão seguros com você?

Ele é engraçado, não é? Não me lembro de tanto carisma em nosso almoço malfadado.

Eles estão perfeitos, obrigada... ainda quer sair?

Pode ser!

Olho para a parede vermelha atrás de mim, penso por alguns instantes; então digito antes que me arrependa.

Gosta de paella?

Às oito da noite?

Não existe hora para se comer isso, estamos na Espanha, por favor...

Reviro os olhos mesmo que ele não possa me ver. Como se transmite ironia através de uma mensagem de texto?

Eu provei em Madri, achei muito bom.

Conheço um restaurante incrível, vou te mandar o endereço e nos encontramos lá em quarenta minutos.

Ok, está ótimo para mim.

Corro até a cozinha, buscando entre vários folhetos sobre o balcão, o endereço do restaurante desejado. Então digito uma nova mensagem para Evan, com todos os detalhes do caminho até lá. Ele não manda nenhuma mensagem após isso, mesmo assim olho para o celular apagado por um tempo, antes de correr para o banho.



Más decisões

Evan

A minha lista de más decisões tem aumentado significativamente desde que abri a minha caixa de correio há algumas semanas:

Ler uma carta escrita por uma desconhecida. Confere ✓

Rer ler essa carta uma centena de vezes, após descobrir o seu conteúdo. Confere. ✓

✓ Deixar toda a minha vida para trás e embarcar para a Espanha. Confere

Sair de Madri para Mijas. Confere ✓

Aceitar me encontrar com a autora da carta, mesmo que ela seja a advogada do diabo. Confere ✓

Trocar mensagens com ela, após tê-la ignorado por dias. Confere ✓

Deixá-la me convencer que encontrá-la mais uma vez, poderia ser uma boa ideia. Confere ✓

Essa última foi a pior, eu confesso.

Sei que estou me graduando em agir com um imbecil. O que estou fazendo aqui mesmo? Esse país afeta a minha capacidade de agir como um adulto sensato, mas parece que tem uma amarra invisível me prendendo aqui e bem sei qual é, embora deteste admitir. Estou trancado em meu quarto desde aquele almoço terrível.

Nos primeiros dois dias, sequer deixei a camareira entrar para limpar. Coloquei o aviso de *não perturbe* fixo à maçaneta, enquanto eu me afundava em autopiedade. Não fiz nada especificamente, além de assistir tevê e dormir.

No terceiro dia, eu deixei os lençóis serem trocados, ao mesmo tempo que tomava banho e fazia a besteira de ligar para a minha mãe. Por sorte, caiu na caixa postal e tive tempo de recobrar o juízo... O que eu lhe diria? *Hein, mamãe; estou na Espanha para conhecer o papai?* Definitivamente lindo.

Falo com minha mãe esporadicamente, entenda-se duas vezes ao ano. O tempo a deixou mais mansa ou mais falsa, embora noventa por cento de suas ligações sejam para me pedir dinheiro. Às vezes, ela ensaia uma aproximação, mas muda de ideia depois, graças a Deus. Nós somos um acidente de trens.

Ignoro sua resposta à minha ligação perdida e guardo o celular no bolso, enquanto olho uma última vez para a noite, da sacada do meu quarto. O celular toca mais uma vez, então o silêncio, antes de sair do quarto com a carteira e chaves na mão. Desço a pequena escada que me leva até a recepção e entrego as chaves para o gerente. Em Madri, eu fiquei em um hotel mais moderno e minha chave era um cartão, prático e fácil de ser carregado; não essa chave estranha e antiga que não cabe em lugar nenhum. Todas as vezes em que eu precisei sair, me senti como se estivesse entregando as chaves de casa para um vizinho guardar.

— O seu táxi está esperando, senhor.

— Obrigado... — tusso e tento ler discretamente o seu nome no crachá, antes de completar. — Obrigado, Moisés.

— Eu é que agradeço senhor! — Ele sorri, enquanto guarda a minha chave no cabide à direita. — Tenha uma boa-noite.

Aceno com um meio-sorriso, caminhando até a grande porta de madeira aberta e passando por ela. O ar quente da noite me saúda imediatamente, enquanto olho para o céu. Engraçado como as estrelas parecem diferentes cada vez que olho para elas, algo que tenho feito muito em minha estadia aqui. Acho que eu simplesmente nunca tive tempo de olhar para as estrelas e fazer pedidos quando criança e agora parece tolo demais para mim. Mas se eu pudesse pedir uma única coisa: seria esquecer. Estou cansado de sentir tanta coisa e não saber como me desfazer de sentimentos indesejados... estou cansado.

Entro no táxi, mostrando rapidamente para o motorista o endereço que Lizz enviou para o meu celular. Admito que ela foi muito corajosa ao me convidar para sair, embora eu saiba exatamente quais são as suas intenções por trás disso. Olhei para a sua mensagem, o seu convite camuflado e pensei; *por que não?* Horas depois, mesmo que eu não tivesse motivos concretos para aceitar, não ter motivos para negar, acabou sendo mais forte. Ela me fez sorrir pela primeira vez em dias, com as suas mensagens e espontaneidade, eu posso provar disso um pouco mais. Se essa foi mais uma má decisão, deixe a noite me dizer.

Vejo a paisagem passar por mim rapidamente, enquanto me encosto ao banco e deixo o meu corpo relaxar. São necessários vinte minutos até chegar ao restaurante e percebo que estamos em uma paisagem absolutamente nova agora. Sei que mesmo que eu estivesse com vontade de conhecer a cidade, ainda assim demoraria semanas para explorar tudo. Mas a minha paisagem se

resume às paredes do meu quarto e a vista externa da minha janela, e isso é tudo o que terei enquanto estiver aqui.

Pago a corrida e agradeço ao motorista, antes de caminhar para dentro do aconchegante restaurante. Imaginei um lugar lotado e moderno, um onde sequer restaria uma mesa para nós, porém, é exatamente o contrário. Ando pelo restaurante pequeno, decorado com cores da Espanha e poucas mesas ao redor; a grande maioria delas ocupadas por casais ou jovens amigos. Um garçom passa apressado por mim, mas para assim que me vê perdido. Ele tenta falar comigo em espanhol. Tento ser compreendido em inglês, gesticulando como se fizesse mímica, típico de turistas, mas então eu vejo Lizz ao fundo. Ela me acena sorridente, retorno o seu aceno e consigo ser compreendido, quando o garçom percebe que estamos juntos.

Alguns passos apenas me levam até a sua mesa e automaticamente me lembro do nosso encontro anterior, os papéis estão invertidos agora, é óbvio.

— Oi, estranho! — ela me cumprimenta, ficando em pé e ajeitando o seu cabelo.

— Lizz! — recito o seu nome com um elevar de queixo, e espero que ela se sente outra vez. — Estou atrasado?

— Um pouco... na verdade, achei que você tivesse mudado de ideia.

— Pensei seriamente nisso — confesso. — Mas estou com fome.

— Eu estava brincando — ela replica com um sorriso. — Cheguei há cinco minutos, e só porque moro a cinco quadras daqui.

Eu me sento também, ficando de frente para ela, enquanto apenas nos encaramos por um tempo. Ela é a pessoa com quem mais tive contato nos últimos dias, se levamos em conta o tempo que passei trancado em meu quarto, e que Lizz é a única pessoa que conheço nesse país.

— Você está bonita — a elogio com sinceridade. — Gostei do seu vestido!

— Gostou? — pergunta, olhando para si mesma.

— Sim — afirmo com um meio-sorriso.

Seu cabelo está solto agora, chegando um pouco abaixo dos seus ombros. A sua maquiagem também está diferente, embora eu ache que ela não estava maquiada no dia em que nos conhecemos, mas não posso deixar de notar o contraste bonito que o batom vermelho tem com a sua pele clara. Lizz é uma linda mulher, do tipo que se destaca sem muito esforço. É uma pena que cada vez que eu olhe para ela, enxergue apenas algo que quero tanto esquecer.

— Obrigada — diz, por fim, ajeitando o seu cabelo mais uma vez. — Você também está ótimo.

Sorrio pela primeira vez e encosto-me ao meu assento para observá-la melhor. Talvez eu goste um pouco de deixá-la desconfortável com o meu silêncio, quase como se eu a tivesse desafiando a tocar no assunto que me fez ir embora a primeira vez.

— Então... — ela diz depois de um tempo, com um pouco de desconforto evidente em sua voz.

— Então... — repito levantando as sobrancelhas para ela.

— Quer pedir a comida agora? Ou prefere esperar um pouco?

— Se decidirmos esperar, nós faremos o que enquanto isso?

— Conversaremos? — Lizz sugere com um sorriso.

— Podemos conversar enquanto comemos — digo. — Vamos pedir.

— Ok... — ela exala, pegando o cardápio sobre a mesa em seguida. — Você sabe que existem alguns tipos de *paella*, não sabe?

— Não sei.

— Qual você comeu em Madri?

— A tradicional, eu acho — confesso rindo, a refeição não foi tão marcante. — Me lembro do arroz e do camarão; mas eram tantos ingredientes, eu não poderia repeti-los, se quisesse.

— A tradicional tem coelho e frango também.

— Sério? — indago surpreso, ela apenas acena. — Vamos pular o coelho, então.

— Obrigada, porque eu realmente detesto coelho — admite, olhando para o cardápio novamente. — Vou escolher uma de frutos do mar somente, você é alérgico a alguma coisa?

— Não que eu saiba.

Ela acena para o garçom com um grande sorriso e ele vem em seguida. Então ela faz o pedido em espanhol, olhando para mim e completando em inglês:

— O que você quer beber?

— Nada alcoólico hoje — digo rapidamente. — Pode ser qualquer coisa, além disso.

— Eu estava pensando em pedir um vinho, você bebeu uma taça no almoço, achei que gostasse.

— Eu gosto, mas talvez eu tenha me intoxicado um pouco demais nos últimos dias. Peça para você, eu não me importo.

— Tem certeza?

— Claro — respondo simplesmente, dando de ombros.

Ela sorri, completando o pedido em espanhol e entregando o cardápio para o garçom antes que ele se afaste.

— Então... — ela repete, colocando as mãos sobre a mesa.

— Você gosta dessa palavra — provoco-a. — Se sente desconfortável perto de mim?

— Talvez porque você se sinta desconfortável perto de mim, Evan — ela diz, batendo as unhas na mesa.

— Eu não me sinto, caso contrário, não estaria aqui agora.

— Sabe quanto tempo ainda ficará em Mijas? Pensou na possibilidade de conhecer Victor?

— Não para a primeira pergunta, talvez para a segunda... mas podemos conversar sobre outras coisas essa noite?

— Que coisas? — ela me questiona com curiosidade.

— Não sei... Assuntos normais. Vamos fingir que somos amigos.

— Você consegue fazer isso? — Lizz provoca com diversão. — Será uma grande mudança de status para mim.

— Contanto que você não me trate como o cara rebelde, imaturo e rancoroso que não quer conhecer o pai que está morrendo; acho que posso te ver com outros olhos.

— Eu não te enxergo dessa forma... — ela se defende, desviando o olhar do meu por um instante. — Ok, vamos arquivar esse assunto por hoje.

— Como foi a sua semana? — pergunto com voz amena. — Grandes acontecimentos?

— Nada de diferente, a não ser ter te conhecido... O resto foi apenas trabalho.

— Você gosta do que faz? Sempre quis ser enfermeira?

Ela ri da minha tentativa de conversa casual, pior do que isso seria se eu tivesse perguntado sobre o tempo. Isso me faz rir também.

— Estou genuinamente curioso — completo.

— Eu amo o meu trabalho, amo os meus pacientes — ela responde, por fim. — Mas eu queria ser médica, a princípio; enfermagem é um segundo plano, embora eu definitivamente ame agora... E você?

— Cursei administração, mas nunca tive um sonho de infância sobre a minha profissão, apenas parecia o caminho mais fácil assim que terminei o colégio.

— Você gosta?

— Sim...

— E sobre morar na Califórnia? Deve ser realmente lindo.

— É sim, mas você também mora em um lugar lindo — eu a lembro, colocando os braços sobre a mesa para me aproximar. — Mijas é um paraíso, como você me disse em sua carta.

— Sou privilegiada, mas devo confessar que mesmo morando aqui, sou louca para conhecer Malibu.

— Malibu é incrível, Santa Mônica também... eu tenho um restaurante em Laguna Beach, embora não more lá.

— Eu sei — ela murmura com um pouco de hesitação. — Sobre o seu restaurante e sobre o seu endereço.

Fico quieto enquanto absorvo a informação. Sinto-me realmente bobo por nunca ter parado para pensar em como ela havia encontrado o meu endereço, é óbvio que ela saiba sobre isso.

— Me desculpe por saber coisas sobre você, que não foi da sua vontade compartilhar.

— Tudo bem — digo simplesmente. — Vamos fingir que eu te contei.

— Procurei você no Facebook e no Google também — Lizz confessa, com um suspiro. — É melhor que você saiba de uma vez.

— Eu não tenho Facebook — conto, com vontade de rir.

— Agora eu sei e não encontrei nada sobre você no Google, só sobre o seu restaurante que, aliás, é maravilhoso... Parabéns por isso.

— Obrigado, isso é algo do qual tenho muito orgulho.

Ela sorri, esticando o braço para apertar a minha mão sobre a mesa. O toque é rápido e quase engraçado pela forma como ela se afasta quando se dá conta do que fez. É realmente estranho estar aqui com Lizz agora, e surpreendentemente, começar a me sentir à vontade a cada minuto. Por alguns momentos enquanto comemos e conversamos... melhor dizendo, eu a ouço falar... ao menos por esses breves momentos, eu me esqueço de tudo. É libertador e assustador também, porque talvez eu não queira que ela seja a pessoa que me faz esquecer. Ela, definitivamente, não deveria ser essa pessoa.

— Você está quieto — Lizz chama a minha atenção, batendo com o garfo em seu prato de sobremesa.

— Estou te ouvindo — falo, deixando a minha pequena xícara branca de lado para olhar para o seu rosto.

— Eu falo demais, não é? — pergunta com uma risada. — Sei que eu falo, desculpe por encher os seus ouvidos de besteira.

— Eu gostei — afirmo, rindo também. — Não se preocupe com isso.

Ela fixa o seu olhar em meu rosto por alguns segundos, como se não acreditasse realmente no que eu lhe disse. Desvio o olhar primeiro, depositando a minha atenção em girar lentamente a minha xícara de café vazia em seu pequeno pires de louça. Então Lizz termina a sua sobremesa e pedimos a conta.

— Eu te convidei dessa vez — Lizz argumenta, depois de uma rápida discussão da qual eu saio vitorioso.

Dou de ombros sem argumentos suficientes, guardando o meu cartão após pagar a conta.

— Você está dirigindo? — pergunto ao me levantar.

— Não, eu não dirijo — responde, se levantando também e andando ao meu lado. — A minha casa fica a dez minutos daqui.

— Está tarde para andar por aí.

— Não estou correndo nenhum perigo, eu garanto. Conheço essas ruas como a palma da minha mão.

— De qualquer forma, eu não me sentirei bem com você andando por aí sozinha — argumento, segurando levemente o seu braço e a obrigando a me seguir.

— Eu ando por aí sozinha o tempo, aliás, é o meu único meio de locomoção aqui — replica, enquanto aproveito a deixa para acenar para um táxi parado logo à frente. — A propósito, eu tenho pensado em comprar uma bicicleta, o que você acha?

— Acho bom — balbucio, esperando o casal que estava no táxi sair, para então segurar a porta para Lizz. — Você primeiro.

— Mas... — ela murmura, olhando para mim. — Você nem ouviu o que eu disse.

Franzo as sobrancelhas, olhando para a minha mão em seu braço ainda, então para o seu rosto outra vez. Faço um gesto com a cabeça, pedindo silenciosamente que ela entre no carro.

— Tudo bem. — Ela afasta sutilmente o braço do meu aperto e entra no carro.

Faço o mesmo em seguida e quando o motorista se vira em seu assento para nos olhar, Lizz recita o seu endereço. Ficamos em silêncio, com uma distância segura entre nós, enquanto o único som ambiente é a nossa

respiração e a música baixa vinda do rádio. Olho para Lizz, ao mesmo tempo que a sua atenção se concentra totalmente na paisagem externa, como se fosse infinitamente mais fascinante do que sustentar o meu olhar. Exalo, espalmando as minhas mãos sobre os meus joelhos e olho para fora também.

Lizz não exagerou sobre morar perto, porque menos de oito minutos, o carro para em frente à sua casa. Saio primeiro e estendo a minha mão para auxiliá-la, ela faz o favor de pedir para o motorista me esperar, enquanto caminhamos até a sua porta. Coloco as mãos nos bolsos e observo a fachada de sua casa, ao mesmo tempo que Lizz abre a porta de madeira azul.

— Boa noite! — ela se despede, ganhando a minha atenção novamente. — Eu realmente apreciei esse jantar. Acho que tiramos a má impressão anterior, não foi?

— Acho que sim — concordo com um pequeno sorriso. — Obrigado por me convidar, eu também gostei muito.

— Bom... — ela diz, segurando a porta entreaberta. — Sobre aquele assunto...

— Estou pensando sobre ele — eu a corto. — Estou pensando...

— Prometa que vai lhe dar uma chance, uma única chance.

— Eu detesto promessas — repito a fazendo sorrir.

— Por que nunca consegue cumpri-las? — Lizz me sonda, se encostando à porta.

— Porque as pessoas se esquecem delas com muita facilidade — afirmo, enquanto ela me olha com intensidade. — Boa noite, Lizz.

— Boa noite, Evan.

Encaramo-nos por um tempo, então ela fecha vagarosamente a porta e quando ouço o barulho da chave na fechadura, enfim entro no táxi. Olho pela janela, sorrindo para mim mesmo.

Sou ótimo em más decisões, deixar Lizz se aproximar acabou de se tornar mais uma delas.



Branco não é o novo vermelho

Lizz

Mexo vagorosamente a colher de açúcar em minha xícara de café, enquanto deixo a minha mente vagar pelos acontecimentos da noite anterior. Sou um misto de sentimentos, e o mais forte deles, com certeza, é o meu encantamento pelo Evan. Embora, cá entre nós, ninguém precisa saber disso. Sequer sei se sou capaz de admitir isso em frente a um espelho.

Quando o convidei, tudo o que queria era falar sobre Victor, afastar essa aura ruim que ele sente pelo próprio pai e lhe fazer enxergar que dar uma chance a ele é dar uma chance a si mesmo. Mas falhei, óbvio. Entre tentar agir naturalmente e explorar o terreno antes de ir diretamente ao assunto, eu me perdi completamente.

E, de repente, me vi envolvida por aquele meio-sorriso que ele costuma dar enquanto te olha. Senti um frio na barriga que não estava autorizada a sentir, apenas por acompanhar o movimento de seu polegar em direção aos seus lábios. E, ao mesmo tempo, eu tive vontade de tocá-lo, segurar sorratoriamente a sua mão e aproximar o meu corpo do seu enquanto dividíamos o táxi.

Será que ele percebeu o quanto me afetou? O quanto todas essas coisas tão simples me atingiram, sem que eu estivesse preparada?

Foi quase como ser atingida por um carro em alta velocidade, inesperado e assustador ao mesmo tempo. E agora eu não quero vê-lo mais, porque sei que esses sentimentos não podem ser um bom sinal. Mas preciso vê-lo, não tenho escolha até que ele dê o braço a torcer e se encontre com Victor.

Apoio a minha cabeça em meu braço e deixo que a minha testa bata repetidas vezes no meu balcão da cozinha. Eu deveria ser esperta o bastante para saber que lhe mandar mensagens com carinhas sorridentes não era um bom sinal. Muito menos, me arrumar com tanto capricho, quando aquele jantar deveria ter tido outro foco. Mas, ok... eu posso ter gostado da apreciação em seu olhar assim que me viu no restaurante. Ele é um homem atraente e charmoso e eu, uma mulher solteira com dois olhos que enxergam muitíssimo bem. Essa não deveria ser uma combinação tão nociva. Então, por

que me sinto tão culpada agora?

— Ah, Lizz! — sussurro para mim, ao mesmo tempo que levanto a cabeça com rapidez ao som da campainha.

Exalo e olho para mim mesma, meus velhos shorts jeans de faxina e camiseta simples de algodão. Não estou esperando nenhuma visita, mesmo assim solto o meu cabelo e deixo o elástico preto em meu pulso, enquanto desço para atender. É nessas horas em que sinto falta de um olho mágico em minha velha porta, embora pudesse ter usado um pouco da minha brilhante inteligência e olhado pela janela antes de atender. Abro vagarosamente a porta, com medo do que posso encontrar do outro lado e quase me encolho involuntariamente, quando me deparo com um grande buquê de rosas brancas. Um adolescente de aparelhos e boné do Real Madrid sorri com timidez para mim, e me entrega as flores.

—Lizz? — pergunta, puxando as flores que eu ainda não havia segurado.

— Sim — afirmo, deixando os meus braços caírem ao lado do meu corpo.

— Pode assinar, por favor — pede, apontando para um pequeno papel em uma prancheta de metal.

— Claro. — Assino rapidamente, antes de roubar as rosas de seu braço.
— Quem as mandou?

— Tem um pequeno cartão em algum lugar — diz, já se afastando.

— Obrigada! — agradeço, mostrando a língua para ele sem ser vista.

Entro em casa e fecho a porta outra vez, voltando para a cozinha com pressa. As flores pesam em meus braços, mas não posso me livrar do olhar fascinado que tenho por elas. É primeira vez que ganho rosas de alguém que não seja os meus pais. Confesso que eu não gostaria que elas fossem brancas... Branco me parece tão sem graça, insosso, vermelho seria muito melhor. Coloco as rosas com cuidado sobre o balcão e busco o pequeno cartão no meio delas. É um pequeno cartão literalmente, apenas um retângulo bege, com um envelope transparente. Eu o abro e leio com ansiedade as poucas palavras em negrito.

Por segundas impressões.

Evan.

— Evan — repito o seu nome, tocando as pétalas sedosas à minha

frente e deixando o cartão ao seu lado. — Por que não vermelhas?

Nunca recebi flores de um homem, rosas ou mesmo ervas daninhas e a primeira vez que isso acontece, acaba por serem rosas brancas. É um lindo arranjo, em papel de seda e laço prateado, mas ainda assim são brancas. Como um aviso nas entrelinhas de que a nossa relação não será nada além de pura e amigável. Ele me colocou na zona de amizade e fez isso com muita gentileza. Por que eu me importo realmente?

A resposta não é tão simples e os motivos disso são muito mais complexos agora, mas se precisasse resumir de modo mais fácil... fica claro que me importo porque sou uma tola... se ele ao menos tivesse dito que irá conhecer o pai. Mas não, ele odeia promessas e eu apenas me sinto andando em círculos aqui. Leio o cartão mais uma, duas, três vezes, tentando encontrar um sentido oculto nessas poucas palavras e nada... tudo o que encontro é frustração.

— Que homem difícil, meu Deus! — grito para o meu teto, ao mesmo tempo que me jogo no sofá com o cartão na mão.

É quase instantâneo que no momento em que meu corpo toca o tecido macio do sofá, a minha campainha soa novamente. Isso me surpreende, já que, às vezes, eu passo semanas sem ouvir esse som. Eu me levanto com pressa, torcendo para que seja o entregador outra vez; me dizendo que errou a encomenda e que as lindas rosas vermelhas que estavam em seu carro são minhas. Abro a porta em um impulso rápido e encontro a última pessoa que poderia imaginar nesse instante: Evan.

— Oi... — balbucio surpresa, lembrando-me rapidamente que estou pessimamente vestida hoje. — Que surpresa!

— Oi, Lizz — ele me cumprimenta com um sorriso brilhante.

Ele está mais bonito hoje?

Ou eu estou mais boba mesmo?

Imagino que seja porque a camiseta branca simples combina perfeitamente com o seu tom de pele.

— Oi... — repito. — Como você sabe o meu endereço?

Ele levanta as sobrancelhas com confusão evidente, antes de colocar as mãos nos bolsos do seu jeans escuro e me encarar de cima a baixo por alguns segundos. Então ri e, enfim, responde:

— Nós dividimos o táxi ontem.

— Claro! — Dou risada, olhando para o céu e imaginando qual a possibilidade de um raio cair sobre mim agora. — Foi uma pergunta tola.

— Nós jantamos também, você se lembra?

— Vagamente — replico, tentando ser engraçada.

Acontece que estou nervosa demais para fazer comédia, quando a minha própria vida nos últimos dias tem sido uma tragicomédia.

— Quer entrar? — ofereço, apontando para o interior da minha casa.

— Na verdade, eu gostaria de dar uma volta. — Ele tira as mãos do bolso e toca o rosto, me deixando encantada pela sua tatuagem de âncora. — Tudo bem para você? Não iremos demorar.

— Sim, claro... por que não? — digo, já fechando a porta atrás de mim.

— Não quer colocar um sapato antes? — Evan indaga, apontando para os meus pés descalços. — Um chinelo talvez? Não iremos muito longe.

— Óbvio. — Dou de ombros como se não fosse um grande detalhe... eu ainda posso manter as aparências. — Desço em dois minutos.

Deixo a porta entreaberta, enquanto corro até o meu quarto e coloco os meus chinelos. De nada me adiantaria agora trocar de roupa e tentar parecer mais apresentável, ficaria muito evidente o meu esforço em agradar. Mas eu ainda posso passar um pouco de perfume e pentear os cabelos. E é exatamente o que eu faço, antes de colocar as rosas em um recipiente com água e descer. Não sei quanto tempo iremos demorar, porém não quero correr o risco de estragá-las com tanta rapidez. Mesmo que elas sejam brancas.

— Pronto — digo a Evan, assim que coloco os pés na calçada e fecho a porta, guardando as chaves em meu bolso dianteiro. — Podemos ir.

Ele se afasta da parede em que estava apoiado, dando a última tragada em seu cigarro, antes de jogá-lo fora. A enfermeira em mim tem um discurso pronto sobre os males que o tabagismo pode causar, mas eu me calo... talvez por achar que ele fica lindo até mesmo fumando; isso é uma droga, estou consciente disso. Além do mais, ele não vai abandonar esse vício apenas por eu achá-lo ruim e tenho certeza de que qualquer coisa que eu lhe dissesse, ele já teria ouvido um milhão de vezes.

— Obrigada pelas rosas — murmuro, quando começamos a andar lado a lado. — Foi muito gentil.

— Eu sou gentil — brinca com um meio-sorriso. — Fico feliz que tenha gostado.

— Branco é sempre uma boa escolha — afirmo, tentando ocultar a ironia... Branco não é uma boa escolha, se houverem outras cores a serem escolhidas.

— Você sabe o que rosas brancas significam?

— Paz... Amizade... Algo do tipo — desconverso... em minha mente significa tanta coisa.

— Também, mas não apenas isso. Existe uma complexidade de significados.

— E qual o significado dessas rosas especificamente? — pergunto parando por um instante.

— Eu achei que tivesse sido bem claro — replica me olhando com intensidade.

— Você é difícil de ler.

— E eu que sempre me achei um livro aberto. — Ele sorri, voltando a andar e passando por mim.

— Você está mais para um livro criptografado — o corrijo, correndo até ele.

— Nós não nos conhecemos o bastante para dizer isso.

— É verdade, mas sou muito transparente... já você é muito enigmático.

— Isso parece interessante. — Evan ri, passando a mão pelo cabelo.

Dou risada também, usando a oportunidade para olhar para os meus pés. Nós andamos em silêncio por algum tempo. Não sei o que ele quer me dizer, mas não parece muito apressado em me contar, então enquanto andamos lhe mostro um pouco do bairro onde moro. Não existe uma variedade incrível de pontos turísticos, porém sou ótima em inventar histórias. Está bem óbvio que eu sou a falante e ele o ouvinte da nossa relação. Não no sentido literal, é claro.

— Vamos tomar um sorvete? — pergunto com entusiasmo, já correndo para a pequena lojinha ao fim da rua.

Olho para a amável senhora do outro lado do balcão de vidro, com uma grande variedade de sabores de sorvete e peço o meu tradicional favorito de pistache. Viro-me para Evan, que me olha da porta e pergunto qual sabor ele quer, demoro alguns segundos para perceber que estou falando em espanhol com ele, assim como fiz com a dona da sorveteria.

— Sorvete — repito em inglês, erguendo a minha casquinha. — Qual você quer, são todos maravilhosos.

— Eu não quero, obrigado — nega com rapidez, enquanto eu me viro buscando o dinheiro, que não tenho, em meu bolso.

Uma nota de cinco euros aparece diante de mim, assim como a mão tatuada de Evan e seu braço sobre o meu ombro. A gentil senhora se apressa

em cobrar o sorvete e lhe entregar o troco a ele. Roubo uma grande mordida do meu sorvete, antes que as minhas bochechas se incendeiem de vergonha.

— Aqui... — Ele segura a minha mão, virando a minha palma para cima, antes de despejar as moedas que recebeu, e completar em tom divertido: — Não gaste tudo em doces.

Sorrio, ele pode ser adorável quando quer...

— É exatamente o que farei — afirmo ao mesmo tempo que deposito o dinheiro sobre o balcão, e pego uma das trufas em uma cesta. — É provável que comece a achar que só saio com você para que me pague comida.

— Já que tocou no assunto... — ele brinca, enquanto sentamos em uma das mesinhas externas.

— O que você quer me dizer, Evan? — o questiono, já no limite da minha curiosidade.

— Eu não dormi a noite toda — ele me conta, enquanto brinca com seu celular... essa frase é muito vaga para mim.

— Eu dormi, muito bem, aliás — minto, porque bem sei que fiquei longas horas acordada também.

— Pensei muito, sobre todas as coisas — ele continua, ainda sem olhar para mim.

— Do que você tem tanto medo? Por que reluta tanto em dar esse passo, em conhecer o seu pai? — Essa última palavra é o que basta para que eu ganhe a sua atenção novamente. — Ele é seu pai, mesmo que não goste agora; é tudo o que ele é.

— A situação não é tão simples, embora pareça para você, simplesmente não faz ideia de como eu me sinto, Lizz.

— Então me diga, estou aqui para te ouvir. Estou aqui para o que precisar, eu te disse em minha carta.

Ele me olha como se as palavras que proferi fossem muito complexas para o seu entendimento agora. E o seu olhar se torna intenso demais para ser sustentado pelo meu, então olho para o meu sorvete esquecido e prestes a derreter em meus dedos.

— Eu vou encontrá-lo — diz lentamente. — Você pode organizar tudo, escolha o dia que julgar melhor e me avise.

— Verdade? — pergunto, sem ocultar a minha total surpresa. — Fácil assim? Eu estava pronta para implorar mais uma vez.

Ele não ri, apesar da minha evidente tentativa em animá-lo.

— Acredite em mim, foi a decisão mais difícil da minha vida, Lizz. É

muito mais complexo do que eu poderia te explicar.

— Mas você enfim mudou de ideia... por quê?

— Muitos motivos, talvez você seja um deles — confessa, sorrindo brevemente e me atingindo direto no coração. — Chegou a hora, eu tentei fugir, tentei não me importar; até simplesmente descobrir que não posso fazer isso. Não posso correr...

— Eu estou feliz por vocês — digo com sinceridade. — Victor ficará maravilhado, será a melhor notícia dos últimos tempos.

— Eu só tenho um pedido, uma exigência, se preferir.

— Qual? — questiono com medo, sentindo um pouco da minha felicidade se esvaír.

— Será apenas um encontro... uma vez, uma conversa, e tudo acaba. Não quero mais nenhum contato com ele — exige com voz firme. — Tem que fazê-lo prometer.

Eu me levanto com rapidez, passando por ele e jogando o meu sorvete pela metade, e totalmente derretido, na lixeira ao lado. Evan está ao meu lado no instante seguinte, uma das mãos no bolso, a outra segurando o celular. Damos alguns passos em sincronia, o meu coração pulsando com ansiedade; antes que eu me vire para ele e cruze os braços em desafio.

— Por que isso? Você nem o conhece, não sabe o que ele irá lhe dizer... por que já decretar uma sentença tão definitiva?

— Eu passei a vida toda sem um pai, não serão belas palavras, e nem mesmo a explicação mais plausível do mundo, que irá mudar a forma como eu me sinto.

— Você não pode ter certeza.

— Nesse caso, eu posso sim — replica, também com desafio. — Você tem muitas expectativas com relação a esse encontro, como se fosse a nossa fada madrinha e pudesse consertar tudo o que há de errado, mas, sinto decepcioná-la... você não pode.

— Por que você não pode abrir seu coração? — insisto não me abalando com suas duras palavras. — Por que você precisa ser tão teimoso, como se odiá-lo te deixasse no lado certo da história.

— Lizz... — ele sibila meu nome tão lentamente, passando a mão nos cabelos em um gesto exasperado. — Não existe nenhuma razão, é apenas a forma como me sinto e sei que não posso mudar.

Eu não gostaria de sentir essa pontada em meu coração, mas a dor em seu olhar torna isso impossível. É a mesma tristeza que enxergo há tanto

tempo nos olhos de Victor. Ambos estão tão machucados e embora eu queira muito, não posso arrancar essa dor de nenhum dos dois.

— Que seja! — Respiro, soltando o aperto em meus braços e começando a andar lentamente. — Eu ainda não contei a ele sobre você, farei amanhã, sem falta.

— Perfeito... E depois? — Evan me sonda.

— Tenho certeza de que Victor irá querer vê-lo em seguida, podemos marcar em dois ou três dias.

— Ótimo — balbucia, sem emoção aparente. — Estou livre a qualquer dia e hora, só me mande uma mensagem.

— Você irá embora em seguida? — questiono-o, temendo a verdade que parece tão clara.

— Sim — afirma sem rodeios. — Aqui não é a minha casa.

— Não é. Só é o lugar onde uma parte da sua história mora.

Ele aperta o meu braço sutilmente, interrompendo a nossa caminhada e me fazendo olhar em seus olhos. É estranho o quanto a tristeza em seu olhar me machuca intensamente, é estranho o quanto eu gostaria que houvesse motivos que o fizesse ficar. Mas não existem...

— Você quer que eu te acompanhe até a sua casa? — oferece, analisando as emoções em meus olhos.

— Não precisa; obrigada. — Me apresso em dizer, com um sorriso habilmente falso. — Está um dia lindo e adoro caminhar por aí.

Ele sorri também, embora o seu sorriso não pareça verdadeiro para mim, antes de começar a se afastar lentamente.

— Vou esperar a sua mensagem — ele diz, ainda sorrindo.

— Não me deixe sem resposta dessa vez — brinco, andando de costas para o lado oposto ao dele.

— Não deixarei — promete. — Eu me preocupo com você, Lizz.

— Por quê?

— Porque essa história não terá o final feliz que você gostaria... talvez não devesse se envolver tanto.

— É um pouco tarde demais, Evan — replico, perturbada com o seu olhar e pelo seu perfume ainda presente no ar. — Eu já me envolvi completamente.

Eu me viro sem esperar uma resposta sua, apressando os passos até a minha casa, onde os meus sentimentos estão seguros... onde eu possa olhar aquelas rosas brancas e me lembrar de que Evan Carter está muito longe do

meu alcance e do meu coração.



Era uma vez

Evan

Sinto-me enjaulado, embora exista muito espaço físico no corredor onde caminho; a cada passo que dou me sinto mais sufocado. É como se as paredes ao meu redor se fechassem a cada segundo, roubando o meu ar e a minha sanidade. Mas, eu estou aqui e mesmo que tenha vontade de virar as costas e correr porta afora, ainda permaneço andando.

Lizz me ligou na noite anterior e marcou o encontro para às duas da tarde. Não preciso dizer que passei a última noite em claro, e que me sinto uma pilha de nervos. Contudo, disfarço. Quem olhar para mim agora, verá um homem confiante e forte, é essa a imagem que quero passar... especialmente para ele... *Victor Cásares*... quão irônico é o fato que só descobri o seu sobrenome hoje?

Pior ainda foi ter ficado parado por cinco minutos, depois que o segurança da portaria me perguntou o que eu era de Victor. *O que nós somos realmente, além de um desastre iminente?* Meu silêncio foi toda a resposta que ele conseguiu antes de me entregar um crachá de visitante, e as instruções para encontrar o seu quarto no terceiro andar.

Eu não vi nada ao meu redor, a não ser o chão quadriculado no qual piso com firmeza. Você imaginaria que eu já estive aqui anteriormente, enquanto caminho sem olhar para ninguém. A verdade é que tenho medo das minhas próprias atitudes; se eu parar agora, é provável que caia sob meus pés e não me levante mais. Só paro quando chego ao terceiro andar e encontrando um banco de plástico próximo à parede, me sento e envio uma mensagem para Lizz.

Sinto uma vontade quase insuportável de fumar nesse instante, mas esse é o último lugar em que eu poderia fazer isso e se houvesse alguma dúvida da minha parte; os cartazes à minha frente seriam o bastante para me parar.

Respiro, correndo as mãos pelo cabelo diversas vezes, antes que Lizz saia de uma sala duas portas à esquerda de onde estou. Seus olhos me reconhecem imediatamente e ela vem até mim com um sorriso hesitante no rosto. É a primeira vez que eu a vejo em seu uniforme de enfermeira. É

exatamente como nos filmes e séries, um uniforme azul-claro de duas peças. Seu cabelo está preso, bem diferente da última vez que nos vimos, mas eu não diria que isso rouba a sua beleza.

— Oi, estranho — me saúda, deixando a prancheta em sua mão descansar à frente do seu corpo... como um escudo, o porquê eu não sei...

— Oi, Lizz.

— Obrigada por ter vindo, eu realmente achei que fosse desistir no último instante.

— Quanta fé em mim — replico, em uma tentativa falha de brincar com ela.

— Você pensou, não foi? — indaga com os olhos fixos nos meus. — Pensou em desistir...

— Estou pensando agora, para ser sincero — confesso. — Me mostre o seu quarto, antes que eu tenha tempo de ir embora.

— Atrás de você — ela diz, apontando para a porta logo atrás de mim. — Bata levemente e entre. Victor está te esperando e pediu para não ser interrompido. Portanto, seja bom para ele, por favor.

Exalo vagarosamente... esse me parece um pedido difícil de ser atendido.

— E sobre ele ser bom para mim, isso não te preocupa? — eu a provoco.

— Ele será eu não tenho dúvidas disso... Só não quero que ninguém se machuque.

— Talvez seja tarde demais para isso — digo, me virando em seguida.

— Podemos conversar depois que você terminar com o Victor? — Lizz me pede, me fazendo parar.

— Por quê?

— Estou com medo que você vá embora sem se despedir de mim.

A sua confissão me faz sorrir. Não achei que ela pudesse ser tão sincera e clara. Sem rodeios ou máscaras. Lizz me surpreende cada vez que nos encontramos e isso me repele, ao invés de me atrair; já que a última coisa que eu quero é me envolver com ela.

— Eu não faria isso sem antes te comprar comida uma última vez — murmuro, a fazendo sorrir. — Prometo que te procuro, assim que nossa conversa acabar.

— Você fazendo promessas — recita, com humor.

— Abrindo uma exceção para você, mas só dessa vez, não se acostume

a isso.

— Eu nem teria tempo de me acostumar, você está indo embora, Evan — existe uma nota de tristeza em sua voz, quase imperceptível, mas tão clara quando os seus olhos a refletem também.

— Eu estou, Lizz... — balbucio. — É o melhor para todos.

Ela não me contradiz. Por uma fração de segundos, eu gostaria que ela o fizesse, que me dissesse que não é o melhor para ela, nem para mim, para nós. Porém, esse pensamento se vai com a mesma velocidade que passa pela minha mente e nem consigo encontrar uma lógica para ele. Diferente da minha aparência externa perfeita e controlada, o meu interior é uma bagunça vergonhosa.

Olhamo-nos e eu me sinto frágil e odeio isso.

— Boa sorte com Victor — ela me deseja, tocando a minha mão fechada, insistentemente até que nossos dedos estejam entrelaçados.

— Obrigado. — Aperto levemente a sua mão antes de soltá-la. — Embora eu ache que nem toda a sorte desse mundo poderia tornar essa situação melhor.

— Estarei te esperando aqui.

Meneio a cabeça, antes de me virar e bater na porta. Não tão levemente, como Lizz me instruiu. Eu ainda a sinto em minhas costas, quando abro a porta e entro no quarto, deixando a para trás. É como se o mundo parasse nesse instante. Sinto-me ofegante, como se tivesse corrido por horas até chegar aqui, e todo ar estivesse preso lá fora. É difícil respirar, enquanto olho para o homem no canto do quarto. Meus olhos o analisam com pressa, ao mesmo tempo que tento encontrar em sua aparência, as semelhanças que busquei a vida inteira. Eu não me reconheço nele tão facilmente como achei que faria. Talvez eu queira desesperadamente descobrir que minha mãe mentiu todos esses anos, e nossas afinidades não se resumem nem a isso. Seus olhos são castanhos como os meus, cansados e visivelmente tristes; mas isso não me causa uma grande emoção. O que eu deveria sentir realmente com essa constatação?

A comprovação visual de que ele está realmente morrendo deveria me deixar comovido? Eu não sinto nada, além de confusão e desconforto... não sei o que dizer, não sei o que fazer; além de me encostar à porta e esperar... não é porque sou um insensível filho da mãe, mas ele é um completo estranho para mim e até mesmo a empatia comum que costumamos sentir pelo nosso semelhante; eu não consigo sentir por ele agora... ainda é cedo para isso.

— Evan — ele murmura o meu nome com fraqueza na voz e uma emoção muito latente. — Eu não posso acreditar que está aqui, meu filho.

Essa palavra é sempre um gatilho dentro de mim, negativamente falando, nem mesmo a minha mãe me chama de filho, ela nunca se deu ao trabalho. E agora ouvir isso desse homem me deixa zangado, definitivamente bravo com a ideia de ele se achar no direito de me chamar assim.

— Apenas Evan — retruco com voz firme. — Não é um reencontro de família.

Ele me olha chocado, embora disfarce logo em seguida. Parte de mim quer ser um idiota com ele, testá-lo até o limite da sua paciência, ver aonde o seu amor de pai arrependido poderia levá-lo. Mas eu não estou aqui para isso afinal, então recuo, assumindo uma postura mais branda.

— Você queria me encontrar, me conhecer... — digo me aproximando e abrindo os braços em seguida. — Estou aqui!

— Eu queria. Conhecê-lo foi tudo o que mais quis nos últimos anos — confessa com um pequeno sorriso. — Estou morrendo, como está claramente estampado em meu rosto... eu não queria partir sem colocar os meus olhos uma única vez em você.

— Está feliz agora? Sou tudo o que você sonhou que eu seria? — sibilo com petulância.

Ele sorri, coçando o seu queixo em seguida. A sua cadeira range e seu corpo titubeia, quando ele tenta se levantar. Percebo o soro preso ao seu braço e me aproximo um pouco mais, roubando a cadeira ao lado e me sentando também; com uma distância segura entre nós.

— Há tempos, eu sei sobre a sua vida, Evan, e sim, você é muito mais do que sonhei que seria. Meu orgulho pelo homem que se tornou é imenso.

— Como você pode me dizer isso? — pergunto extremamente incomodado com suas palavras. — Somos dois estranhos completos.

— Você é meu filho, o único que tive e, embora nós não tenhamos convivido ao longo dos anos, eu sempre soube da sua existência e te encontrar sempre foi a minha maior preocupação.

— Me encontrar? Como assim? — Começo a ficar confuso e interessado demais em suas palavras. — Eu morei na mesma cidade por dezoito anos, você nunca tentou me encontrar.

— É aí que nossa história começa, Evan — Victor replica, olhando brevemente para a janela. — Está disposto a me ouvir agora? Uma única vez, como você pediu a Lizzy?

— Estou aqui, não estou? — devolvo a sua pergunta, cruzando os braços e o encarando fixamente. — Comece a sua história, mas, sem era uma vez, por favor!

Ele ri novamente, antes do silêncio voltar a reinar no ambiente. É como abrir um livro velho e empoeirado, leva tempo e exige algum aborrecimento também. Eu espero, o vendo lutar com o turbilhão de pensamentos que passam por seu rosto sofrido agora. Dou-lhe tempo para encontrar as palavras necessárias, enquanto me revisto de coragem para ouvi-las e não me abalar. Eu sei que não será a história mais linda, mas, nem todas as histórias são realmente.

— Eu conheci sua mãe em Nova Iorque, há uns trinta anos. Na época, eu era o Comandante da principal linha aérea espanhola e viajava de Madrid até Nova Iorque a cada cinco dias; foi assim que nós nos encontramos pela primeira vez.

Agora é a minha vez de rir, um riso absolutamente chocado e descrente... eu sequer cheguei perto de saber que minha mãe conheceu Nova Iorque, ela nunca tocou no assunto, nem mesmo quando eu morei na cidade por um longo período.

— Isso não faz o menor sentido para mim, desculpe, só parece uma história sem lógica alguma.

— Eventualmente fará algum sentido, apenas tenha em mente que sua mãe teve uma vida antes de você.

— Ela teve a mesma vida depois de mim, eu diria — ironizo sem me conter.

— Ela não foi uma boa mãe para você? — Victor sonda, com preocupação evidente. Um pouco tarde, eu diria.

— Tanto quanto você foi um bom pai — replico, sem pena. — Mas continue...

— A sua mãe trabalhava em um bar perto do aeroporto, era um lugar badalado, onde os comandantes e comissários de vários países em escala costumavam se encontrar. Eu a conheci em minha terceira escala em Nova Iorque, isso ficou marcado em mim como ferro em brasa.

— Que romântico — debocho, tentando montar esse cenário em minha mente. — Você era casado, pelo que eu soube.

Ele não esconde a sua surpresa com a minha revelação. Lembro-me imediatamente da forma que eu soube dessa informação e por ter sido contado por Lizz, o meu instinto em protegê-la fala mais alto e eu completo:

— Lizz me contou sem querer, não foi por mal.

— Eu sei, Lizzy não faria nada por mal, mesmo que planejasse.

— Ela é uma boa pessoa — concordo.

— Ela é um anjo, eu diria — Victor acrescenta.

Ela é um anjo, tão diferente de nós dois, com uma bagagem pesada e cheia de pecados.

— Você era casado e mesmo assim não hesitou em se envolver com a minha mãe — o lembro. — Isso diz muito sobre o seu caráter.

— As coisas não aconteceram de forma tão simples e planejada assim — se defende, mostrando um pouco de emoção. — Mas eu não posso me defender desse erro, embora tenha amado a minha esposa por toda vida.

— Eu acho difícil de acreditar nisso agora.

— Eu estava casado há cinco anos, com um emprego que me mantinha longe a maior parte do tempo, mesmo assim eu nunca duvidei da minha relação, até conhecer a sua mãe... ela era uma linda jovem de vinte anos, cheia de vida e sorriso brilhante. A princípio nos tornamos amigos, eu parava sempre que podia em seu balcão e pedia uma cerveja, e ela sempre tinha ótimas histórias; era fácil me cativar.

— Ainda é algo extremamente errado e sujo.

— Eu sei, Evan — ele admite. — Entretanto, foi assim que você nasceu e não lamento esse fato.

— Porque, claro, você foi o pai mais maravilhoso que uma criança poderia ter... — murmuro. — Obrigado, eu sinto que o meu nascimento foi muito querido e abençoado.

— A sua mãe me tirou esse direito, você precisa entender que nunca foi uma escolha minha.

— Então o quê? Ela fugiu comigo, se escondeu embaixo de uma pedra e me levou junto? Longe dos seus olhos?

— Foi exatamente isso — concorda, levantando um pouco a voz. — Nós tivemos um relacionamento por alguns meses, as minhas viagens eram cada vez mais frequentes, apenas para encontrá-la. Aluguei um pequeno apartamento próximo ao aeroporto e ao seu trabalho, e ela passou a morar lá... eu pagava todas as suas despesas, estava loucamente apaixonado e parecia funcionar muito bem.

— Com exceção de que você tinha uma esposa te esperando na Espanha — digo com irritação, ele é completamente louco se acha essa história normal. — Funcionava muito bem para ela também?

— Ela nunca soube, morreu sem sequer sonhar com a sua existência — diz com pesar, baixando um pouco a voz. — Eu sinto muito, mas fiz de tudo para esconder essa história.

— E como pode afirmar que me procurou por anos, se a sua esposa não sabia sobre mim?

— Eu procurei, procurei por muito tempo — Victor afirma. — Sua mãe engravidou e demorou a me contar, eu também demorei a perceber, mas ela achou que, quanto mais esperasse para falar, maiores seriam as chances de me fazer ficar definitivamente com ela... um bebê era a cereja do bolo, algo lindo e perfeito para coroar um amor verdadeiro... acontece que eu amava a minha esposa também, talvez muito mais do que eu sonhei amar a sua mãe.

— Ela me contou essa parte da história muitas vezes — admito. — Dizia o quanto te amava e que tínhamos tudo para sermos uma família feliz, se você tivesse nos amado também.

— Eu a amava e amava você também — fala com veemência. — Eu te amei desde o início e, quando soube que seria um menino, confesso que te amei ainda mais.

Balanço a cabeça com incredulidade, buscando os meus cigarros e me lembrando que não posso fumar nesse momento. Isso me deixa mais tenso, prestes a dar um soco na parede mais próxima... A dor física parece bem-vinda, um amortecimento para toda essa loucura interna. Essa situação toda é ainda mais doente do que sequer imaginei um dia.

— Então você precisou escolher entre a sua esposa e nós, e é claro que a escolheu — sibilo com desprezo em cada uma das palavras. — Deixou a minha mãe sozinha, com uma criança e um coração partido de brinde... Parabéns!

— Não foi exatamente assim, Evan, eu te quis, meu filho... Só não podia mais ficar com a sua mãe e, embora ela fosse mais jovem que eu na época, ambos sabíamos que esse momento chegaria. Mas eu nunca quis me afastar de você.

— O seu querer não foi o bastante, porra! — grito, me levantando em seguida. — Suas lamúrias não fazem a menor diferença agora... elas não consertam porra nenhuma.

Existe um vulcão me mim, prestes a explodir e queimar tudo ao redor. Pela primeira vez em muito tempo, tenho pena da minha mãe ao imaginar por tudo o que ela passou, apenas por amar a pessoa errada.

Por que ele foi tão covarde?

Por que não houve luta e rebelião?

Eu queria ter ambos os pais em minha vida, de preferência uma mãe não tão amargurada e ranzinza. Não me importaria em ter um pai que morasse em outro país, com outra família, outra vida, contanto que eu fosse uma pequena parte dela. No final, o que aconteceu foi que eu perdi os dois, pai e mãe... eu não tive nenhum deles... nenhuma família.

— Se acalme, por favor, apenas termine de ouvir o que eu quero lhe dizer — pede com gentileza e embora a única vontade que eu tenho seja de sair; eu fico. A faca já está pela metade em meu coração... por que não me torturar mais um pouco e cravá-la por completo em meu peito?

— Estou ouvindo — pondero, ao me sentar novamente e respirar com força.

— Quando Carol me contou sobre a gravidez, a notícia veio acompanhada de uma exigência — Victor continua, franzindo a testa ao se referir a minha mãe.

— Que você abandonasse a sua esposa — completo por ele... não preciso ser um gênio para saber que foi exatamente isso o que aconteceu. — Ela achou que a gravidez fosse um grande trunfo.

— Eu não estava preparado para essa exigência, fiquei totalmente perdido.

— Você queria continuar com as duas, enganando a sua pobre esposa e iludindo a minha mãe... é realmente um belo exemplo.

— Eu amava as duas — ele se defende, exasperado.

— Você não amava nenhuma delas, admita, é libertador — o corrijo, querendo me levantar outra vez. — Eu só sinto nojo em te ouvir, asco por finalmente conhecer a história de amor distorcida dos meus pais.

Ele respira pesadamente, tendo uma crise de tosse em seguida. Eu não deveria me importar, mas me levanto e pego uma garrafa de água do outro lado do quarto e lhe entrego. Enquanto ele bebe com lentidão e se recompõe, eu junto todas as peças do quebra-cabeças que a minha vida se tornou, e percebo que saber de tudo agora não faz realmente diferença. Estar diante desse homem e saber que ele é o meu pai, também não muda nada em mim... talvez, eu só deseje com fervor que eu jamais me torne igual a ele.

— Eu sinto muito, Evan... Sinto muitíssimo — Victor balbucia sem força.

— É tarde demais para desculpas. Você teve direito de escolha e mesmo assim, optou diversas vezes pelo caminho errado... A minha mãe era

jovem sim, mas sabia o que estava fazendo ao se envolver com um homem casado... A sua esposa foi uma vítima também, mas ainda assim viveu sem ser afetada por essa situação. Mas, e eu que fui arrastado para esse mar de erros e tive a minha vida toda forjada por suas escolhas? Eu nunca quis nada disso, e não tive nunca, o direito a decidir... ainda acha que suas desculpas podem resolver alguma coisa?

— Não acho, mas é tudo o que eu tenho a te oferecer agora — fala sem desviar o olhar do meu rosto. — Isso não me redime dos meus erros, não me absolve dos meus pecados; só me traz um pouco de paz.

— Ainda não muda nada para mim — afirmo sem culpa. — Me desculpe, mas eu não posso te dar a paz que você precisa.

— Você é o único que pode, meu filho.

— Eu não sou seu filho. Chamar-me assim é um direito que perdeu há muito tempo.

— Ester não podia ter filhos, sabia disso desde o início do namoro — Victor fala com estranha naturalidade, como se fosse de extrema importância que eu saiba também. — Nunca me importei, eu a amava o suficiente para passar por cima desse fato; sempre imaginando que pudéssemos adotar uma criança... ou mesmo viver sem filho algum.

— E foi exatamente o que aconteceu — emendo. — Estava no seu destino, afinal.

— Mas quando a sua mãe me contou sobre a gravidez, algo mudou dentro de mim — ele continua, ignorando o meu sarcasmo anterior. — Foi mágico imaginar que a minha vida teria continuidade em outro alguém, que a minha história não teria fim. Eu seria um pai, um avô, alguém a ser lembrado mesmo depois da morte.

— A sua fama não será muito boa entre os meus filhos.

— E eu não tenho tempo de mudá-la, eu sei. Só saiba que não tive escolha, Evan.

Ele continua batendo nessa tecla, como se fosse mesmo capaz de me fazer acreditar, e enfim ganhar o meu perdão. Acontece que acredito que sempre temos escolha e fica cristalino a cada instante, que ele foi simplesmente covarde demais, e continua sendo ao não admitir os seus erros mesmo depois de tanto tempo.

— Eu sei o que vem a seguir — murmuro com petulância. — Minha mãe não aceitou ser a segunda opção por mais tempo e fugiu e você, é claro, nunca mais nos encontrou.

— Quando Carol completou oito meses de gestação, Ester sofreu um pequeno acidente de carro, isso me manteve preso na Espanha por vinte e cinco dias.

— Você percebe o quanto ouvir tudo isso é doloroso para mim? — demandando, me levantando e andando pelo quarto; incapaz de olhar para o seu rosto agora, quando eu começo a me enxergar nele finalmente.

— É doloroso para mim também.

— Espero que seja bem doloroso mesmo, como uma faca cravada em seu coração, que só afunda um pouco a cada dia — digo, precisando desesperadamente que o meu ódio escorra por cada palavra dita. — A minha mãe nunca foi uma mãe de verdade para mim, mesmo assim, ela foi a única que esteve comigo ao longo dos anos enquanto você estava tentando me esconder da sua esposa e fingindo que vivia a vida perfeita que julgava ter.

— Não foi assim, Evan — ele sussurra com cansaço e tristeza. — Quando voltei à Nova Iorque enfim, não existia nenhum vestígio da sua mãe, ela levou tudo, incluindo você em sua barriga e eu não tinha nenhuma pista... nenhuma.

Dou risada, enquanto começo a enlouquecer com toda essa história. É avassalador ouvir e sentir a sua tristeza tão latente... ao mesmo tempo relembrar cada olhar triste que eu vi no rosto da minha mãe ao longo dos anos, mesmo que ela os escondesse através da sua raiva dirigida a mim... ainda assim, eu não aceito as suas desculpas, me colocando em seu lugar, sei que faria absolutamente tudo diferente. Ele não pode querer o meu perdão, quando na verdade me arrastou para essa vida sem pensar duas vezes.

Ninguém pensou em mim um minuto sequer...

A minha mãe não hesitou em me privar da presença de um pai, usando isso para se vingar e ferir o homem que não a amou, e a colocou em segundo lugar.

E o meu pai... *Pai?*

Essa palavra é mais amarga que veneno e queima mais do uísque, cada vez que eu a pronuncio, ou sequer penso nela.

Bem, o meu querido pai, só pensou nele. Não pensou em minha mãe, em sua esposa, muito menos em mim. As suas escolhas e os seus desejos estiveram acima de qualquer coisa. Olhando a história do lado de fora, eu ainda o enxergo do mesmo jeito. Egoísta, fraco e covarde. E sinceramente, se eu não posso respeitá-lo como um homem, eu jamais o verei como um pai.

— Para mim chega, não consigo mais te ouvir.

— Eu fiquei desesperado quando não encontrei a sua mãe, eu a procurei durante semanas, em todos os lugares que julguei possível encontrá-la — fala, me fazendo parar à porta. — Achei que fosse enlouquecer.

— Mesmo assim você não podia demonstrar, tinha que manter o papel de marido perfeito — digo sem me virar, dói olhar para ele... dói muito. — Contar sobre mim iria macular a visão que a sua esposa tinha sobre você, isso seria terrível.

— Você está certo — Victor concorda com um aceno. — Eu continuei vivendo como se não tivesse um filho perdido pelo mundo.

— Como você me encontrou, afinal? — pergunto já com a mão na maçaneta, jurando a mim mesmo que essas serão as minhas últimas palavras aqui.

— Quando você completou cinco anos, sua mãe me enviou uma carta. Tinha uma foto sua em algum brinquedo de parque; você estava sorrindo sem os dentes da frente. Foi a imagem mais linda que já vi.

Escuto em silêncio, ao mesmo tempo que aperto a maçaneta com força até doer. Victor se cala por um tempo também, então ele percebe que não vou replicar seu comentário e recomeça a falar:

— A carta não tinha remetente, é óbvio, só a foto e do lado de trás a frase: *Esse é o seu filho Evan, em seu quinto aniversário*. — Existe felicidade em sua voz pela primeira vez ao contar isso. — Eu sabia o seu nome a partir disso... Evan... Foi o nome do primeiro comandante com quem trabalhei por anos, a pessoa que me ensinou quase tudo o que eu sei sobre aviação. Foi uma linda homenagem!

Solto uma risada longa, chocado por ele ainda pensar que essa foi uma homenagem. Com certeza, a minha mãe sequer se lembrava dessa história, ela me disse uma vez que Evan era o nome do seu primeiro namorado no colégio... foi muito especial ouvir isso.

— Eu contratei um detetive tempos depois para investigar a sua mãe, tudo o que eu tinha era o seu nome e informações sobre a época em que ela morou em Nova Iorque. Demorou mais do que eu imaginei, mas ele a encontrou há cinco anos e logo em seguida descobriu que você morava na Califórnia.

— A sua esposa ainda estava viva — pontuo me virando vagorosamente.

— Sim, ela estava — admite sem hesitação, embora claramente saiba aonde esse raciocínio nos levará.

— Você não me procurou então, nem há três anos quando ela faleceu — murmuro, olhando fixamente para ele. — Você só me procurou quando descobriu a sua doença... existiram dezenas de oportunidades antes, ao invés disso, eu recebo uma carta sua em seu leito de morte... O que isso significa, pai?

A última palavra é dita com escárnio evidente e muita raiva em sua entonação, é amargamente engraçado que a primeira vez que eu a pronuncio seja dessa forma tão dolorosa. Eu não espero a sua resposta, sinto que fiquei uma eternidade aqui e ouvi muito além do que sou capaz de absorver. Abro a porta em um estrondo rápido, fazendo a madeira ranger em protesto, e Lizz saltar assustada do lado de fora. Ela está sentada no mesmo banco em que fiquei assim que cheguei, e ao me ver sair tão bruscamente, me olha ansiosa e assustada enquanto passo por ela em direção às escadas.

— Evan... — ela me chama surpresa, quando percebe que não vou parar. — Evan.

— Agora não, Lizz — peço olhando para ela por um instante. A decepção tão clara em seu rosto me deixa ainda mais despedaçado. — Agora não, por favor!

— Evan — ela insiste em uma súplica, mas eu não paro. — Evan, por favor.

Eu não posso me obrigar a parar, tudo o que quero é sair daqui o mais rápido que posso e esquecer que esse dia existiu.



Brincando com fogo

Lizz

Corro pela calçada freneticamente. Acabei de sair da clínica e a noite começa a cair em Mijas... meu coração nunca bateu tão rápido, ao mesmo tempo que as horas nunca se arrastaram tanto. O ar fresco é bem-vindo agora, mas não acalma o meu corpo ansioso. Desde o instante em que Evan foi embora sem olhar para trás, tenho tentado falar com ele. Eu teria corrido atrás dele e o obrigado a parar e me ouvir, se aquele não fosse o meu ambiente de trabalho e Victor, como o meu paciente, necessitasse da minha total atenção. Entretanto os meus pensamentos estão concentrados em Evan desde então, um milhão de preocupações fervilhando a minha mente preocupada.

Devo confessar que jamais previ que as coisas terminariam dessa forma, com Evan rompendo porta afora sem me dar ouvidos. Ele me prometeu, poxa... Justo ele que sempre se negou a promessas, quebra a que fez a mim na primeira oportunidade. O pior de tudo é que não estou com raiva dele, estou com um medo gigantesco de que ele tenha ido embora e eu nunca mais o veja. O simples pensamento de algo semelhante me faz chorar copiosamente...

Como eu posso me sentir assim sobre ele, depois de tão pouco contato que tivemos?

Como tudo isso pode ser tão intenso dentro de mim?

Eu não quero que ele vá embora, sem garantir que está emocionalmente bem. Preciso ver com os meus próprios olhos o quanto esse encontro com o pai o afetou negativamente.

Tento discar o seu número e manter o ritmo da corrida ao mesmo tempo, porém isso se torna uma tarefa impossível. Paro e respiro vagorosamente, até meus pensamentos se ordenarem, então finalmente ligo para ele. Vai direto para a caixa postal como anteriormente aconteceu... insisto em seguida e, mais uma vez, logo depois, não disposta a desistir facilmente, consigo ser atendida na quarta tentativa. Estou feliz em ouvir a sua voz, mas não posso disfarçar o meu desagrado também.

— Aonde você está Evan? — cobro-o, sem nenhuma preocupação em soar inconveniente. — Estou te ligando há horas e você não me atende.

— *Onde você acha que estou, Lizz?* — replica com petulância, também não se preocupando em soar rudemente. — *E por que isso lhe diz respeito?*

— Você prometeu me esperar. Prometeu que nós conversaríamos... então, aonde você está? — repito com toda a calma que consigo encontrar em minha voz.

— *No hotel, estou no hotel.*

— Onde é? Existem algumas dezenas de hotéis em Mijas.

— *Você vai vir me ver?*

— Você prefere me encontrar em outro lugar? — eu me apresso em oferecer outra possibilidade. — Um restaurante ou um bar...

— *O aeroporto parece ótimo* — ele diz, rindo sem graça... eu torceria o seu pescoço se estivéssemos no mesmo cômodo.

— Me passe o endereço do hotel, Evan — peço em um murmúrio. — Me deixe te ver, eu preciso...

Eu não sei exatamente o que preciso, então deixo as palavras flutuarem no ar. A sua respiração é hesitante, aumentando o meu medo de rejeição. Não me importo em suplicar mais uma vez, tem se tornado um hábito para mim quando o assunto é Evan Carter.

— Eu só quero te ver uma última vez — insisto. — As coisas não precisam terminar assim.

— *Tudo bem* — ele diz por fim. — *Vou te enviar o endereço por mensagem.*

— Obrigada — balbucio, aliviada... eu deveria ter vergonha disso.

— *Venha de táxi, por favor, não quero pensar em você andando por aí sozinha.*

Eu não devo, mas é claro que essa última frase vai direto ao meu coração. Ele se preocupa comigo e mesmo que esse seja apenas um instinto natural que tenha com qualquer outra pessoa, eu opto por fingir que é apenas para mim. Ficamos em silêncio mais uma vez, antes que ele desligue e me mande uma mensagem com o endereço, segundos depois.

Já estou correndo novamente no instante seguinte, encontrar um táxi a essa hora nem sempre é fácil, ainda mais nesse bairro. Mas como em um passe de mágica, um aparece bem diante dos meus olhos. Não hesito em entrar no carro e repetir o endereço do hotel de Evan, além de pedir para que o motorista se apresse. Eu não fiquei tão ansiosa há muito tempo, sentindo o meu corpo inquieto, enquanto os minutos passam devagar.

Talvez eu devesse ter ignorado o conselho de Evan e andado até o seu

hotel. Levaria o triplo do tempo para chegar, porém o cansaço entorpeceria os meus sentimentos. Quase salto do carro em movimento, quando o motorista para em frente à pousada em que Evan se hospedou, vinte minutos depois. Eu nem me preocupo em esperar o troco, depois de dar ao taxista a primeira nota que encontro em minha carteira e correr porta adentro.

Pareço desesperada, eu sei, mas não é como se pudesse me importar de verdade agora. Paro em frente à recepção e espero o casal à minha frente falar com o atendente, antes que seja a minha vez de anunciar a minha visita.

Para minha surpresa, Evan já comunicou a minha chegada e não tenho grandes problemas em encontrar o seu quarto. É quando fico diante de sua porta, a minha mão levantada, prestes a bater na madeira, que percebo que estar aqui talvez não seja a melhor das ideias... eu poderia ter lhe dito o que gostaria por telefone, lógico que isso me privaria do seu lindo rosto, mas é possível que também me poupasse de grandes problemas. Eu respiro, porque é tudo o que me resta agora, e bato levemente na porta. Pode ser que leve demais, mas se ele não me ouvir, eu vou embora.

A porta se abre cinco segundos depois. Evan me olha com expectativa, enquanto eu permaneço quieta, digitalizando o seu rosto e cabelo bagunçado... A sua camisa branca completamente aberta e seus pés descalço.

— Bela tatuagem — digo por fim, apontando para a inscrição em suas costelas. — Latim?

— Sim — afirma, olhando para a tatuagem e novamente para mim. — Você vai entrar?

— Pode fechar a sua camisa, primeiro? — peço, com o máximo de naturalidade que consigo.

— Você não pode estar no mesmo quarto comigo desse jeito?

— Na verdade não, não posso... — não minto, porque Deus sabe que é verdade.

— Sinto muito, eu perdi os botões — conta com um sorriso torto, me mostrando a camisa sem botão algum.

— Destruiu o seu quarto também? — questiono-o, já colocando metade do meu corpo para dentro.

— Não cheguei nessa parte, ainda... — Ele me empurra sutilmente, ficando encostado à porta fechada.

Eu estou aqui... sozinha com ele em seu quarto de hotel... meu coração acelerado e sua camisa aberta que não pode ser fechada... as suas tatuagens lindas, que combinam perfeitamente com o seu corpo e os meus nervos à flor

da pele. Alguém desligou o ar-condicionado?

— Está calor! — murmuro de costas para ele, apertando a minha bolsa com força.

Ele passa por mim, pela grande cama no centro do quarto e puxa com força a enorme cortina blackout. O ar entra através da grande porta de correr de vidro, que dá acesso à varanda e a uma linda vista da noite de Mijas, uma bela paisagem de luzes, contudo, tudo o que vejo é o Evan parado a alguns metros de mim.

— Melhor? — ele me pergunta, cruzando os braços sobre o peito.

— Um pouco. — Dou de ombros, ainda parada. — Então, como você está, Evan?

— Com raiva — admite com sinceridade, ele é sempre dolorosamente sincero. — E alguns outros sentimentos, mas esse é o que prevalece em mim agora.

— Raiva de quem exatamente? — pergunto com cautela, examinando o seu rosto.

— De mim, daquele homem... de você também...

A última parte é dita tão lentamente, mas me atinge com força. Por que diabos ele sentiria raiva de mim?

— De mim? — Aponto para o meu peito com incredulidade. — Não existe nenhum motivo para se zangar comigo... eu tenho sido boa para você desde o instante em que nos conhecemos, Evan. Talvez até antes de isso acontecer.

— Exatamente... você me escreveu aquela carta, Lizz. Você colocou sentimentos e palavras bonitas que me trouxeram até aqui... você... — Ele para e aponta para mim também. — Você achou que pudesse consertar o que não tem conserto, e mudou totalmente a minha vida.

— Isso não é justo — exalo.

— A vida não é justa a maior parte do tempo — replica com indulgência... isso me irrita.

— Então, ok. — Perco a paciência, jogando os braços para cima e minha bolsa sobre a cama. — Vá em frente e me culpe também, isso te traz algum conforto? Alguma alegria? Eu posso aceitar essa culpa se ela te faz feliz.

Ele balança a cabeça, com um sorriso nervoso antes de suspirar para o teto.

— Só me deixa com mais raiva, porque eu gosto de você e não quero

sentir isso — ele confessa em um sussurro.

Ok... eu aperto o meu estômago, com medo que as borboletas dentro de mim voem soltas pelo quarto. Eu gosto dele também e gosto de gostar dele, mas se Evan não quer sentir isso, temos um problema bem grande aqui. Ele me olha de uma maneira que nunca olhou antes, e isso me aflige e me acalma ao mesmo tempo... eu sinto tanta coisa e não consigo distinguir metade delas.

Desvio o olhar primeiro, para o meu próprio bem, e meus olhos encontram um grande copo com gelo e um líquido transparente sobre a pequena mesa em frente à cama. Eu não penso enquanto caminho até lá e bebo metade dele de uma só vez... é horrível e queima a minha garganta como fogo em brasa.

— Isso não é água — Evan me diz, tirando o copo da minha mão em um movimento rápido.

— É horrível... — replico com uma crise de tosse. — O que é isso? Gasolina?

— Tequila, mas dizem que tem o mesmo gosto — responde contendo o riso.

— Você não deveria beber isso.

— Eu não bebi isso, o copo estava completamente cheio — se defende, ao se aproximar um pouco mais. — Você está bem?

— Não... — nego, quando minha mão toca o seu peito. É quente e quase doloroso em contraste com a minha palma fria, mas não me afasto quando os seus olhos me impulsionam a me aproximar.

Mal me dou conta do quanto a minha respiração é pesada, enquanto começamos a respirar o ar denso ao nosso redor. Sua mão agarra o meu pulso, não para me repelir como imaginei que faria, mas para me puxar ainda mais de encontro ao seu peito. Peso as minhas decisões, mesmo achando que o meu cérebro é o meu maior inimigo agora, é nele que mora a sensatez que preciso, a sensatez que me diz o quanto me aproximar de Evan pode ser ruim ao meu coração... O mesmo coração que não dá a mínima para o meu cérebro sensato e quer apenas se perder nesses olhos intensos. Olhos que me devoram e, ao enxergar a minha alma tão nua, me causam sensações maravilhosas, mas ainda assim muito perigosas. Pondero e decido que o perigo pode realmente ser incrível. Vou perder o meu coração de qualquer forma, não importa o que faça realmente, Evan o levará embora com ele em sua mala para a Califórnia. E se eu vou me machucar que seja por uma boa causa.

Fico na ponta dos pés e encosto a minha boca na sua, não é um beijo de

verdade, é tão sutil, um roçar de bocas fechadas. Eu sei que o surpreendi com o meu movimento, porque ele não se mexe quando abro um pouco a minha boca em seguida e a aperto de encontro a sua com mais firmeza. O seu aperto em meu pulso some, quando ele solta a minha mão e toca as minhas costas, tomando para si toda a responsabilidade do beijo.

De repente, a sua boca está completamente na minha, de forma apressada, a minha se abre mais, nossas línguas se encontram e se tocam. O gosto ruim de tequila se torna uma memória esquecida, quando o seu sabor me inunda... Menta e Evan, eu não sei qual dos dois é mais inebriante para mim. Agora sim é um beijo completo, aquele que te leva até as nuvens e tira totalmente seus pés do chão.

— Por que você fez isso? — Evan me pergunta sem se afastar totalmente, ainda sinto o seu hálito quente de encontro aos meus lábios molhados.

— Foi a tequila — sussurro, suspirando quando as minhas mãos circulam a sua cintura por dentro de sua camisa. — Tudo culpa da bebida.

— Você não bebeu o bastante — ele replica com um meio-sorriso. — Por que, Lizz?

Por que ele quer saber? Deus... existem tantos motivos e nenhum deles faz total sentido agora, a não ser que beijá-lo é definitivamente incrível. Eu posso repetir? Tipo, umas mil vezes, se possível?

— Por quê? — ele insiste.

— Porque você me deixa confusa... — Dizer isso é mais do que um eufemismo. Evan me deixa além de apenas confusa, ele faz com que eu me perca por completo.

— E? — exige mais.

— Existe tristeza em seus olhos, mas só se prestarmos muita atenção, você é muito bom em se esconder atrás dos seus ternos e jeito confiante.

— É um dom natural, eu direi, treinei por anos — confessa sem negar as minhas palavras, como achei que faria. Mas ele é sempre dolorosamente sincero. — E isso te fez querer me beijar?

— Me faz querer tirar essa tristeza do seu rosto. O simples fato de olhar para você me causa uma dezena de emoções que eu não deveria sentir — confesso também, ao mesmo tempo que o aperto de seus braços em meu corpo fica mais forte. — Eu não deveria, porque você está indo embora, Evan.

— Isso é o que eu continuo repetindo a mim mesmo, Lizz, mas ainda

estou aqui, não estou?

— Está — afirmo em um sussurro baixo. — Então eu pensei... por que não beijá-lo apenas uma vez? Uma vez, e eu saberei se tudo o que sinto não é ilusão.

— Você sabe agora? — indaga me beijando suavemente.

— Ainda não... — sussurro.

Fecho os meus olhos antecipando o próximo beijo, os seus lábios já estão nos meus no momento seguinte, suaves e urgentes, mais apressados agora. A minha cabeça gira, como se um turbilhão tivesse passado por mim e me desestabilizado por inteira. Mas eu não posso me afastar, eu não quero nada, além de fundir o seu corpo no meu enquanto o beijo com loucura. Um gemido me escapa, quando a sua língua toca outra vez a minha, causando calor e arrepios que nunca senti, mas que poderia facilmente me viciar...

Talvez eu pudesse assustá-lo com o meu desespero, se não fosse totalmente recíproco. Ao menos nesse instante, eu vejo um Evan absolutamente apaixonado, não o homem controlado que luta o tempo todo para não se mostrar fraco.

Estamos frágeis e entregues a essas emoções, enquanto nossas bocas se movimentam em sincronia. Eu me afasto brevemente em busca de ar, ofegante, respirando com dificuldade. Ele sorri em meus lábios, depois que toco com doçura o seu rosto, a sua barba por fazer deslizando sobre os meus dedos macios.

Se ele me perguntasse novamente, eu diria que tudo isso parece um sonho, ainda uma ilusão da minha mente. Embora a mordida em meu lábio inferior seja incontestavelmente real, o aperto forte em meu quadril também. Ele me olha e nos perdemos um no outro, sem palavras. Evan retoma o beijo e eu jogo todo o bom senso para o alto, tocando o seu pescoço, ombros e braços, antes de deslizar dentro de sua camisa e deixá-la pelo caminho. Seu peito é tão quente, firme em contraste com a suavidade dos meus seios e detesto imediatamente a minha regata de algodão e sutiã, que me impedem de tocá-lo pele a pele. Eu não tenho nenhum juízo, quando ele me empurra até a cama e vou de bom grado.

A essa altura, a minha saia já subiu pelas minhas coxas, assim como a mão de Evan, em um toque possessivo e aperto carnal. Eu gosto tanto das suas mãos sobre mim, o seu toque áspero e apressado, passando pelas minhas curvas repetidas vezes; enquanto ele beija o meu pescoço e morde o meu ombro nu. Aperto os seus ombros e costas com o mesmo fervor, ao mesmo

tempo que o barulho de nossas respirações se torna mais alto. Meus olhos completamente fechados se abrem no momento em que ele baixa a alça da minha blusa e deixa um beijo molhado em minha pele. Eu vejo o teto branco sobre mim e é como se um flash de sensatez passasse pela minha mente; antes que eu consiga dizer:

— Sexo e bebida é uma péssima combinação. — Eu mal reconheço a minha própria voz, tão rouca e ofegante.

— Quem disse? — Evan pergunta, ainda beijando o meu pescoço, com suas palavras reverberando em minha pele.

— A minha mãe — respondo rindo, imaginando que trazer a própria mãe para um momento assim não seja tão excitante.

— É um bom conselho — ele emenda, levantando a cabeça e sorrindo. — Mas eu estou totalmente sóbrio, Lizz.

Quero tanto beijar esse sorriso, é com certeza o mais lindo que já vi em um homem. Ainda estou sob ele, a sua mão em minha coxa aquecendo cada vez mais a minha pele, o seu rosto tão próximo ao meu e tudo o que eu gostaria é não ter a certeza de que ele vai partir o meu coração. Porque é tão certo o aqui e agora, mas o tempo não vai congelar depois disso.

— Mas eu bebi — digo, por fim.

— Não o suficiente para perder a lucidez, você parece perfeitamente sóbria para mim.

— Eu tenho o organismo fraco para bebidas — revelo o fazendo rir e esconder o rosto em meu cabelo. — Além do mais, me sinto embriagada agora, não pela bebida, mas sim por você.

— Eu acho que essa é uma boa sensação, eu me sinto embriagado por você também — Evan murmura, encostando sua testa na minha. — Qual o problema?

— O problema... — começo, passando a língua pelos meus lábios secos. — É que você está indo embora e seria como brincar com fogo... O que pode ser muito bom a princípio...

Eu me calo enquanto ele sorri. Sabia que me aproximar de Evan seria perigoso, apenas não tinha ideia da extensão que esse perigo significava. Como uma criança e uma travessura proibida pelos pais; você sabe que não deve, mas não consegue deixar de querer.

— Apenas não posso ir além agora, sinto muito — eu me desculpo ao tocar o seu rosto.

— Eu entendo — ele afirma beijando o meu queixo. — Talvez seja

bom ter alguém sensato nessa história.

— Acredite em mim, eu odeio ser sensata... Ainda mais quando você me olha assim.

— Assim como? — pergunta curioso.

— Como se eu fosse linda e especial, e você realmente quisesse o mesmo que eu.

— Você é linda e especial — afirma com firmeza, não desviando o olhar do meu. — E eu realmente quero o mesmo que você, embora saiba que pode ser uma péssima ideia.

Respiro, fechando os olhos novamente, ao mesmo tempo que o seu calor me envolve por completo... E se eu apenas me jogasse sem medo? Será que sou capaz de lidar com os sentimentos que virão depois? Não, quando sei que sexo com Evan não será nunca apenas sexo... isso se eu pudesse fazer apenas sexo com quem quer que seja e sei que não posso, com Evan seria simplesmente impossível. De repente fica difícil respirar e não sei se é porque estou pensando demais... Ou Evan está simplesmente me esmagando.

— Você pode se levantar, por favor? — peço, colocando as mãos em seu peito. — Ou vou entrar em combustão e você terá que jogar as minhas cinzas ao mar.

— Lizz... — Ainda com os olhos fechados, eu ouço a sua risada sonora e me assusto por isso significar tanto para mim. Evan se levanta logo depois de me beijar uma última vez.

Quando perco o seu calor corporal, sinto também um vazio no meu estômago. Tenho vontade de retirar as minhas palavras anteriores e pedir que ele volte, mas me calo. Ouço os seus passos e um farfalhar de plástico, antes de perceber que ele acendeu um cigarro. Me apoio em meus cotovelos para admirá-lo em silêncio. Todas as vezes em que nos encontramos, a única tatuagem visível em seu corpo era a pequena âncora da sua mão. À primeira vista, Evan parece aquele cara certinho e bem-comportado que você tem orgulho em apresentar para os pais, até ver a intensidade em seu olhar e morrer de amores pelo seu sorriso sexy. E então, se você tiver um pouco de sorte, como eu, verá as suas lindas tatuagens e é quase inevitável não ficar fascinada por elas. Tem o rosto de leão em seu peito, do lado direito. A inscrição em latim, com letras negras e grossas que se sobressaem em suas costelas. Um pequeno adorno tribal em seu bíceps esquerdo e agora a grande fênix em suas costas. Ela ocupa todo o espaço do lado esquerdo, desde o início do seu quadril, até o final do seu ombro. Em preto em branco, com as

asas abertas e apenas as suas penas em vermelho vivo, como o fogo, o renascimento da fênix em tempo real. É definitivamente linda e extremamente viva.

Eu me arrasto pela cama, ajeitando minha roupa pelo caminho e estranho meus pés descalços sobre o piso de madeira. *Quando foi que perdi os meus sapatos?*

— Suas tatuagens são lindas — digo, me aproximando e tocando a sua fênix. Ele estremece sutilmente ao meu toque, mas não se afasta enquanto eu contorno o desenho com as pontas dos meus dedos. — Uma verdadeira obra de arte!

— Obrigado, eu gosto delas — responde, depois de soltar uma longa tragada do seu cigarro pela metade. — Foi o meu melhor amigo que tatuou.

— Ele tem muito talento.

— Sim, concordo.

Eu não posso obrigar as minhas mãos a se afastarem do seu corpo, então ainda uso o pretexto de tocar a tatuagem, somente para perder o seu calor.

— Você sabe que fumar é um péssimo hábito? — pergunto em tom de brincadeira. É óbvio que ele sabe. — Você ainda é jovem, poderia parar enquanto tem tempo.

— Eu poderia... — ele concorda com um sorriso na voz, antes de completar — se eu quisesse.

— Isso foi totalmente malcriado, rapaz. — Bato em seu ombro sem deixar de rir. — Isso pode te matar.

— Isso é o que todo mundo me diz, mas qual o incentivo se todos nós iremos morrer?

— Um dia, se você tiver filhos, terá que parar de fumar com certeza.

— Provavelmente — ele concorda, apagando o cigarro no cinzeiro sobre a mesa e puxando a minha mão de suas costas até a sua barriga. Sem nenhuma vergonha, eu me encosto totalmente em seu corpo e descanso minha cabeça em seu ombro. — Eu apenas não encontrei um bom motivo para parar ainda.

— Talvez uma esposa que deteste cigarros — sugiro, sentindo ciúmes das minhas próprias palavras.

Ele apenas ri, apertando a minha mão e entrelaçando os nossos dedos. Eu queria que pudéssemos ficar aqui por mais tempo e que em seu futuro não existisse nenhuma outra mulher, além de mim. Mas todas as coisas conspiram

para uma história totalmente diferente.

— Está tarde, é melhor eu ir — digo, retirando a minha mão do seu aperto com lentidão e me afastando.

— Está cedo — ele replica, se virando finalmente para mim e correndo a mão por seu cabelo curto.

— Eu preciso. Estamos no meio da semana, amanhã eu trabalho.

Ele assente, enquanto vou até a cama para pegar a minha bolsa.

— Eu posso te levar então — ele oferece, se apressando em pegar uma camiseta do pequeno armário no quarto.

— Não se preocupe, eu irei pegar um táxi — afirmo, calçando os meus sapatos perdidos. — Não poderia andar nem se quisesse.

— Tem certeza?

— Sim.

Eu me viro, caminhando até a porta, usando o meu celular para chamar o serviço de táxi que uso em casos de emergência, é estranho que eu não tenha me lembrado dele mais cedo. Quando termino, aperto o celular na mão e volto a olhar para Evan. Ele ainda está no meio do quarto, mas já vestiu a camiseta e lamento ter perdido a visão de seu peito nu e suas lindas tatuagens. Espero que ele venha até mim, mas antes ele pega o copo de tequila sobre a mesa e bebe o restante do líquido que sobrou de uma só vez, sem caretas ou hesitação; está claro que ele já fez isso outras vezes. Muitas vezes, talvez.

— Isso é um adeus? — pergunto em um sussurro, quando ele para diante de mim. É doloroso, porque não quero que seja uma despedida.

— Eu não sei, Lizz — essa com certeza não é a resposta que eu queria, mas o seu toque em meu cabelo me distrai facilmente. — Você ficará bem?

— Sim, eventualmente eu irei.

Sorrio, enquanto decido que se esse é o nosso último encontro; eu definitivamente posso abraçá-lo. Seus braços me apertam assim que o meu nariz toca o seu peito. Seu perfume é inebriante e torço para que ele fique impregnado em minhas roupas como uma recordação.

— Tchau, estranho — eu me despeço, me elevando para beijar o seu queixo.

— Tchau, Lizz — ele sussurra, segurando o meu rosto e me beijando com rapidez.

Ele abre a porta para mim, segurando a enquanto passo por ela com hesitação.

Eu só preciso olhar para o seu rosto mais uma vez...

Para o seu sorriso mais uma vez...

Então me revisto de coragem e caminho até a saída sem olhar para trás.
Eu sinto como se tivesse brincado com fogo e me queimado totalmente, e eu
faria isso mais uma vez.



Deixe queimar

Evan

Eu passei as últimas horas apenas pensando. Até então, não há nenhuma novidade nisso; é o que mais faço desde que cheguei aqui. Mas passei as últimas horas pensando em Lizz, especificamente. Ponderando com cuidado as minhas opções, emoções e sentimentos e tudo isso me trouxe diretamente até ela, à sua casa.

Eu sei... não precisa me lembrar que essa é uma ideia terrível, pois é o que repito a mim mesmo nos últimos quarenta minutos, mas não posso controlar os meus próprios atos agora. *Será que pude em algum momento?* Gosto de me enganar pensando que sim, mas a verdade é que eu nunca tive escolha.

A partir do instante em que não fugi quando tive oportunidade, eu soube que estava ficando por ela. Não era por querer provar a mim mesmo que poderia conhecer o meu pai, ignorá-lo e seguir em frente. Era porque não poderia ir embora sabendo que de alguma forma eu a decepcionei...

Quão louco esse pensamento se torna, agora que sei que estou destinado a magoá-la de um jeito ou de outro, e simplesmente não posso me afastar. Eu não posso manter uma distância que seja segura para nós dois, quando tudo o que penso é estar no mesmo lugar que ela. Culpando-me por tê-la deixado ir embora, quando tudo o que queria era lhe implorar para que ficasse...

Nada me pareceu tão errado quanto o vazio do meu quarto sem Lizz dentro dele. Então foi sufocante demais estar lá sozinho e, mesmo que sejam duas da manhã, eu estou batendo em sua porta sem nenhum aviso prévio, somente um ato impensado de loucura e completa insensatez.

Eu bato em sua porta pela segunda vez, alto o bastante para acordá-la, mas não a vizinhança toda. Não tem ninguém na rua e pareço um maníaco perseguindo a ex-namorada, entretanto não dou a mínima. Eu me afasto, quando a terceira batida é seguida por passos do outro lado. Coloco as mãos nos bolsos e espero, até que o barulho da chave girando na fechadura se torna alto o bastante para o silêncio da noite. Após isso, a porta é aberta tão vagorosamente quanto é possível, antes que uma Lizz sonolenta apareça. Eu

poderia brigar com ela por abrir a porta a uma hora dessas, quando me lembro que sou o culpado por isso... então, talvez deva brigar comigo mesmo.

— Evan! — exclama o meu nome quando parece finalmente despertar de um sonho, colocando a mão sobre o peito para evidenciar a sua surpresa. — Nossa... Você me assustou...

— Eu sinto muito — digo com um encolher de ombros e um sorriso sem graça. — Não foi a minha intenção.

— Aconteceu alguma coisa?

Milhares delas... Por onde eu começo?

— Nada de preocupante — tranquilizo-a. — Só queria conversar.

— De madrugada?

— Sim, eu não estava olhando para o relógio — falo, enquanto ela apenas me olha com expectativa. — Quer que eu vá embora?

— Não — ela se apressa em dizer, segurando o meu braço e me levando para dentro.

Isso me faz rir, ao mesmo tempo que tento controlar a vontade de empurrá-la na parede e beijá-la... sem conversas, sem explicações ou motivos. A vida seria muito mais simples assim, acho que complicamos tudo ao buscar uma razão para cada pequena coisa. A porta é fechada e ficamos parados no pequeno hall escuro, antes que Lizz segure a minha mão e me leve para cima, através dos poucos degraus à nossa frente. Ela para assim que chegamos à sala e me olha novamente, ainda sem soltar a minha mão.

— Você roubou dez anos da minha vida com esse susto... vou morrer bem antes do previsto.

— Eu sinto muito — repito, seguido por uma risada. — Posso te compensar por isso.

— Não existe recompensa para algo assim — ela replica com um sorriso, soltando o aperto da sua mão na minha e se afastando. — Fique à vontade, eu preciso de um copo de água com açúcar para acalmar meu coração... talvez um calmante.

— Deus, você está exagerando, Lizz — eu a censuro, olhando ao redor e parando na cama desfeita atrás de mim. — Você estava dormindo?

— São duas da manhã — exaspera, com um copo de água na mão. — É claro que eu estava dormindo, todo mundo está dormindo. O que me lembra que estou de pijama, não olhe para mim.

— Eu já olhei — a provoco, me virando para ela mais uma vez. — E gostei!

— Não diga isso — Lizz parece realmente incomodada, se escondendo atrás da pequena mureta de tijolos que nos separa agora. — Nós não deveríamos nos encontrar nessa situação; comigo de pijama e toda descabelada. Enquanto você está perfeitamente arrumado.

— Eu nem cheguei a dormir — confesso o óbvio. — E a essa altura, a sua roupa é o que menos importa para mim, Lizz.

Ela respira pesadamente, antes de tomar o restante da sua água. Eu espero, acompanhando os seus movimentos vagarosos, com uma calma que não possuo. Ela baixa o seu copo na pia, ajeita as alças finas do seu top preto, penteia os seus cabelos com os dedos, repetidas vezes, e tenta encontrar alguma outra coisa que a afaste de mim no momento. Eu quase posso jurar que ela cogitou a possibilidade de se abaixar e se esconder até que eu tenha ido embora.

— Está mais calma? — pergunto depois de um tempo.

— Sim.

— Você virá até aqui?

— Para quê? — ela pergunta, mordendo os lábios.

Lizz tem um dom natural em me fazer sorrir, como uma rajada de vento inesperada, em um dia muito quente. Isso é bom, mas a maior parte do tempo me assusta também.

— Para conversarmos. — Encolho os ombros. — Fica difícil com tanta distância entre nós.

Ela hesita, mas ainda assim não desvia os olhos do meu rosto. É engraçado o quanto eu consigo distinguir as suas emoções tão claramente, embora nos conheçamos há tão pouco tempo... ela tinha razão em dizer que era totalmente transparente.

— Não é possível que esteja com medo de mim — digo, achando divertido provocá-la nesse instante. — Não a mesma Lizz que me beijou há algumas horas.

— Eu não estou com medo — ela replica com uma risada ofendida, finalmente voltando para a sala... saindo de trás da sua fortaleza, com as mãos na cintura. — Mas Evan... O que estamos fazendo aqui? O que, além de andar em círculos?

— Eu não sei, Lizz... — murmuro, surpreso com o seu questionamento. Como eu disse mais cedo, seria tão mais fácil se pudéssemos apenas sentir.

— Porque você está indo embora e então não está mais... você gosta de mim, mas não gosta de gostar... você me deixou ir embora mais cedo sem

nenhuma palavra e eu teria ficado se você pedisse... você me deixou ir, apenas para bater à minha porta horas depois. Tudo isso não faz sentido.

— Por que as coisas precisam fazer sentido? — indago, recebendo um suspiro em resposta. — Eu não posso te explicar agora, quando nem eu mesmo sei.

— Meu Deus, eu não consigo te entender; eu tento ferozmente, mas ainda olho para você e não posso dizer o que está sentindo.

— Nem eu mesmo posso dizer, Lizz. Só que... — Passo as mãos pelo cabelo em busca de clareza. Eu sabia que ela iria querer uma razão, um porquê e eu simplesmente não tenho um ainda.

— O quê? Por que você está aqui agora, Evan?

— Porque eu não queria que você tivesse saído daquela forma, só sabia o quanto seria egoísta da minha parte forçá-la a ficar. As pessoas precisam de garantias, não é? Promessas, mesmo que não sejam verdadeiras. Mentiras confortam, eu sei; mas eu não quero mentir para você, Lizz.

— Então não minta.

— Eu quero você, isso deveria ser claro como o dia — digo, passando as mãos pelo rosto antes de completar. — Talvez você só não tenha coragem de ser honesta como eu.

Ela por fim para diante de mim, depois de ter andado os poucos metros que nos separavam, arrastando os pés como se o caminho fosse fogo em brasa. Agora eu posso olhar para ela da forma que realmente quero, mesmo assim Lizz evita o meu olhar. Seus pés descalços tocam os meus sapatos, a distância entre os nossos corpos é quase inexistente. Não existe dificuldade ou resistência em colocar as minhas mãos em sua cintura e puxá-la para perto. O meu toque ganha a sua atenção e nossos olhos se encontram mais uma vez, antes que ela sussurre...

— Por que eu tenho a sensação de que você irá partir o meu coração?

— Pode ser que você parta o meu primeiro.

Ela tem tanta certeza de que irei magoá-la, mas o fato de que me sinto fraco apenas com um olhar seu, me diz que tenho grandes chances de sair aos pedaços dessa situação. Só acho que estou muito mais disposto a me machucar, se antes disso puder tocá-la como tenho sonhado fazer a noite toda.

— O melhor seria que todos os corações permanecessem inteiros — ela diz com um sorriso.

— Eu adoro o seu sorriso — confesso, deixando o meu polegar deslizar

pela sua boca vagorosamente; enquanto a outra mão permanece em sua cintura.

— E adoro sorrir para você, isso é algo extremamente perigoso... — Lizz recita, fechando os olhos e os abrindo em seguida. — Você é perigoso, Evan; eu sabia desde o início.

— Eu queria prometer que está segura comigo... — falo, beijando o canto da sua boca com lentidão. — Mas você sabe... eu não faço promessas.

Parece horrível dizer isso, porém, seria pior enchê-la de promessas que eu nem mesmo sei se sou capaz de cumprir. Tudo o que eu sei agora, é que de alguma forma a carta que ela me escreveu há tempos, nos trouxe até aqui. Não acredito em destino, não poderia fazê-lo, quando o meu próprio destino sempre foi tão ruim; eu acredito em escolhas. Mas não posso negar que existe uma força que nos atrai sem controle, uma força que se sobrepõe a mim e a ela, uma força que nos puxa de encontro um ao outro. Eu só acabei de perceber que não sou capaz de lutar mais, sou fraco demais para resistir...

A sua boca se abre para me contestar, mas eu a calo com um beijo com minhas mãos abertas sobre a lateral do seu rosto, enquanto a minha boca se choca dolorosamente com a sua. É doloroso perceber que eu sinto tanto, muito além de uma atração; mas algo ainda inominável. Ela não resiste, e eu estava preparado para isso, porém, suas mãos se fecham em minha camiseta em busca do meu calor, de uma proximidade maior. Eu sinto agora que não tem volta, ela aceitou o meu beijo e se derreteu em meus braços, então eu sei que não posso parar dessa vez.

O seu sabor explode em minha boca com o contato de sua língua na minha; familiar e doce, viciante e abrasador. A forma como ela corresponde ao meu beijo, como se entrega totalmente a ele, faz com que eu sinta que somos os únicos no mundo. Eu diminuo a velocidade do nosso beijo, se torna lento e suave, sem pressa; embora exista uma urgência visível pulsando entre nós dois, mas eu não quero que isso acabe. Lizz toca o meu pescoço, seguindo para o meu cabelo, até descer pela minha nuca e parar lá. Seus dedos são gentis e macios, mas seu toque é forte, quase como se ela precisasse sentir que sou real. Isso me faz sorrir em seus lábios, após interromper o beijo sem me afastar dela.

— Cócegas? — Lizz pergunta, cantarolando em minha boca, depois de ter aberto os olhos também.

— Não — nego ainda sorrindo, a minha mão em sua cintura entrando agora em sua blusa e tocando a sua pele macia. — E você?

— Não — ela também nega, sem fôlego quando as minhas mãos viajam por sua barriga em direção aos seus seios.

— Nunca um pijama foi tão excitante — brinco, sussurrando em seu ouvido. — Mas tirá-lo será ainda mais.

Eu a beijo, mordendo o seu lábio quando ela diz o meu nome com tanta paixão. Minha boca está em seu queixo, pescoço e ombros repetidas vezes. Não posso ter o suficiente dela, do seu sabor e perfume, me viciando um pouco mais a cada segundo. Minhas mãos se enroscam na barra de sua blusa e a levantam por todo caminho para fora do seu corpo. Meus olhos passam pelo rosto de Lizz, seu cabelo bagunçado, que a deixa ainda mais linda. O seu pescoço suave e feminino, sua pulsação sob os meus dedos, quando eu deslizo a minha mão esquerda por ele. Então seus seios nus, uma visão linda e erótica; mas meus olhos estão presos em seus lindos olhos verdes. E eles não se perdem, enquanto a minha mão passa pelo seu peito e meus dedos deslizam vagarosamente pelo seu mamilo, antes que a minha mão se feche completamente em seu seio. Ela ofega, sua cabeça sutilmente inclinada em meu ombro, quando o seu corpo se choca com o meu novamente.

— Tire — ela pede, colocando a mão sob a minha camiseta e tocando o meu estômago.

Dou um passo para trás, apenas o necessário para conseguir tirar a minha camiseta com o máximo de rapidez possível; enquanto a puxo sobre a minha cabeça e a jogo no chão junto com a roupa de Lizz. Ela se aproxima, beijando o meu pescoço vagarosamente, sua língua quente e macia se arrastando pela minha pele em uma doce tortura. Um último beijo molhado sobre a tatuagem do meu peito, antes de voltar para o meu rosto. Agora estamos pele a pele, o calor transmutando pelos nossos corpos, como se houvesse chamas aos nossos pés prestes a nos engolir por completo. Enrosco meus dedos em seu cabelo e a beijo com ferocidade, girando o seu corpo para que ela nos guie até a sua cama. Através das nossas bocas juntas, nossos corpos tão colados como seria possível agora, passamos através de uma cortina fina antes que o corpo de Lizz toque o colchão.

Equilibro o meu peso sobre ela, enquanto minha mão se arrasta pela lateral do seu corpo em direção ao seu quadril, para dentro de seu short curto de pijama. Eu a acaricio por cima da calcinha, sentindo o seu calor sob os meus dedos, enquanto nos beijamos enlouquecedoramente. Abandono a sua boca, mordendo o seu pescoço ao mesmo tempo que tiro o seu short, arrastando o lentamente por suas coxas e pernas. Minha boca desce

acariciando toda a extensão do seu colo, então minha língua passa por seu mamilo antes que ela se feche em um deles, logo em seguida o outro. As pontas dos meus dedos deslizam por sua barriga e param na borda da sua calcinha, seguindo para dentro. Suas pernas se abrem em um convite bem-vindo e eu não hesito, tocando o seu centro molhado, deslizando um dedo dentro dela e gemendo em apreciação. Ela morde meu ombro, quando coloco um segundo dedo e começo a movimentar minha mão, ao mesmo que seus quadris se mexem em busca de alívio. Solto o seu mamilo, usando a minha boca para beijá-la, quando o primeiro orgasmo rasga o seu corpo e posso roubar os seus gemidos para mim. Eu espero a sua respiração se acalmar, para me afastar. Termino no final da cama, olhando para o seu corpo quase nu e totalmente saciado, enquanto tento me lembrar se já vi algo tão lindo ou, se já me senti tão envolvido por alguém como me sinto por Lizz agora. Mesmo que não exista uma segunda vez, mesmo que não exista um depois; ao menos agora estou me doando por completo. É estar vulnerável, dando o poder sobre si para outra pessoa, no caso ela, mas o olhar em seu rosto agora me diz que Lizz não faz ideia do quanto me afeta.

— Tão linda — eu a elogio tocando o seu quadril, coxas e tornozelo, tirando a última peça do seu corpo em seguida.

— Você está vestido demais, não acha? — Ela sorri, afastando o cabelo do seu rosto.

Chuto os meus sapatos para o lado com rapidez, minhas mãos estão no botão da minha calça logo depois, jogando o meu jeans no chão com pressa. Minha boxer sai em seguida... A apreciação em seu olhar incendeia as chamas de desejo em meu peito e me deixam louco; insano poderia definir melhor. Pego um preservativo da minha carteira e o coloco lentamente, amando a forma como os olhos de Lizz acompanham os movimentos lentos da minha mão em mesmo. Deito sobre ela em seguida, flexionando os meus braços para poder olhar para o seu rosto e beijá-la. Um dos meus joelhos impulsiona as suas pernas abertas, enquanto me acomodo entre elas. Suas mãos voam para o meu peito, o calor do seu toque se espalham rapidamente por mim.

— Você tem certeza de que quer isso? — Lizz pergunta em um sussurro, sustentando bravamente o meu olhar.

— Acho que sou eu quem deveria ter lhe feito essa pergunta há uns dez minutos — falo, surpreso por encontrar o meu raciocínio nesse instante. — Eu só não queria te dar a chance de desistir.

— Isso significa que sim, você tem certeza?

— Sim, eu tenho certeza.

— Você não vai perguntar se eu tenho certeza também?

— Existem formas mais eficazes de me matar, além de querer conversar justamente agora, Lizz — ironizo, colocando a mão em sua barriga.

— Desculpe... — ela lamenta com um sorriso trêmulo. — Eu estou com medo... quer dizer... agora não tem volta, Evan.

— Eu não quero que tenha volta — afirmo. — Apenas sinta, Lizz... não precisa pensar tanto o tempo todo.

Encosto a minha testa na sua, depois de beijar o seu nariz. A minha respiração é visivelmente mais pesada e densa que a dela, eu estou no limite do meu controle, mas quero desesperadamente que isso seja especial para Lizz também. Forçando os meus olhos nos seus, eu a penetro lentamente, é torturante para mim ir tão devagar agora, mas também excitante. Uma mistura insana entre prazer e dor. Lizz fecha os olhos, jogando a cabeça para trás no travesseiro, quando percebo que estou completamente dentro dela agora. Eu respiro, fechando os olhos também e me deleitando com a sensação.

— Abra os olhos — peço depois de um tempo em silêncio. — Olhe para mim, Lizz.

Ela faz como eu pedi, voltando a me olhar com os cílios semicerrados de luxúria. Eu mesmo poderia fechar os meus olhos agora e me perder em minha mente, se não quisesse gravar o seu olhar em meu coração para sempre. Seus quadris impulsionam sobre os meus com impaciência e começo a me mexer com lentidão, o encontro dos nossos corpos é uma dança sincronizada e bela. Nossas respirações e gemidos, uma melodia sonora e erótica.

Nossos corpos se revestem de suor, brilhando através da luz que entra pela janela. Surpreendo Lizz, colocando as mãos firmemente em seus quadris e ficando de costas, o seu corpo montado no meu em uma linda visão sensual. Ela geme, as suas mãos espalmadas em meu estômago, enquanto dita o ritmo do sexo. De repente se torna doloroso respirar, o meu desejo avassalador em um crescente assustador, eu aperto a sua coxa com força, marcando os meus dedos em sua pele clara. Aperto o seu seio da mesma forma, um pouco selvagem demais, mas sem poder controlar os meus instintos.

Estamos sobrecarregados de desejo, de uma paixão crua, que flui por nossos membros sem controle em busca de alívio. Seus olhos se fecham ao

mesmo tempo que suas pernas se apertam ao meu redor, e suas unhas arranham a minha pele. Assim que percebo que ela gozou, me liberto também, apertando o seu quadril e não deixando que se afaste.

— Evan... — ela ressoa o meu nome, desabando sobre o meu peito, com seu cabelo se espalhando sobre o meu rosto e me fazendo sorrir em seguida.

O silêncio impera outra vez, assim que nossas respirações se acalmam depois de um tempo. Eu não sei o que dizer, nem se devo realmente dizer alguma coisa; então só acaricio suas costas em um gesto confortável.

— Evan — ela repete o meu nome, levantando vagarosamente a cabeça do meu peito para me olhar.

Toco o seu rosto com carinho, enquanto a vejo lutar para ordenar as palavras em sua mente.

— Eu... — ela para, mordendo nervosamente os lábios e ofegando em frustração. — Eu...

— Não precisa dizer nada, Lizz — eu a calo, colocando o meu polegar sobre a sua boca. — Eu sei, eu senti o mesmo.

Ela me olha enquanto absorve as minhas palavras, então sorri e me beija com suavidade. Eu sei que ela se sente frágil e insegura; mas isso é porque ela não faz ideia que eu me sinto exatamente assim também. E enquanto puder esconder, não deixarei que ela saiba, para o meu próprio bem.



E agora, meu amor?

Lizz

Eu não posso acreditar que Evan está na cama comigo... quer dizer, nós dormimos juntos. Deus, isso é uma imensa loucura, algo que pode trazer grandes complicações para mim e o meu tolo coração; mesmo assim... não consigo tirar esse sorriso bobo do meu rosto. Eu deveria ser apenas a enfermeira bondosa, ajudando um paciente a encontrar o filho perdido. Não a enfermeira bondosa, que se apaixona pelo filho perdido de seu paciente. Sim, eu usei a tão temida palavra com A, embora eu não devesse. Porém, eu sou fraca, realmente muito fraca para resistir aos seus encantos.

Se os seus braços não contornassem a minha cintura e fossem a primeira coisa que os meus olhos veem pela manhã, eu diria que foi delírio da minha parte; um sonho muito, muito erótico e absurdamente delicioso. Mas é totalmente real, o seu peso e calor junto a mim são reais demais para negar. E eu sei que se me virar vagarosamente na cama posso olhar para ele por um tempo antes de me levantar. Só tenho medo de fazê-lo agora, porque meu coração está estranhamente acelerado enquanto me recordo da noite anterior. Ele veio até mim, bateu em minha porta e me disse todas aquelas coisas lindas, me tocou e causou em meu corpo e alma uma miríade de sensações que eu jamais esquecerei.

É uma pena que eu precise trabalhar dentro de uma hora e não posso ficar em minha cama pensando, enquanto me aconchoo ao seu corpo quente.

Por que é mesmo que eu preciso trabalhar?

Ah, sim... Comida, roupas e casa.

Eu tenho muitas roupas, mas a comida em meus armários não duraria mais do que alguns dias, e posso afirmar que meu senhorio não iria gostar que eu atrasasse o aluguel desse mês. Não tenho escolha a não ser me levantar relutantemente, mas antes vou me comportar feito uma doida e olhar para Evan em seu sono.

Contorço-me vagarosamente, deixando os seus braços de lado enquanto me viro na cama. Ele dorme com tranquilidade, uma suavidade inédita em seu rosto masculino de traços tão marcados. Eu acho que seus sonhos são felizes, um lugar seguro que o deixa tão sereno. Meus dedos

pairam a centímetros do seu rosto, enquanto contorno os seus traços sem tocá-lo de verdade. Passo pelo seu queixo e ainda sinto a sua barba curta em minha pele, depois de tantos beijos e carícias. Desço pelo seu pescoço, ombros e peito, contornando de forma imaginária a sua tatuagem no lado esquerdo. Metade do seu corpo está nu, a outra metade coberta pelo lençol da minha cama. É uma visão maravilhosa às sete da manhã e a vontade de beijá-lo agora é quase incontrolável, mas eu respiro.

Meu celular vai tocar em segundos, então estico o meu braço sobre Evan para desligá-lo, antes que *Chandelier* preencha todo o ambiente. Saio da cama em seguida, um último olhar para Evan e me tranco no banheiro. Deixo as minhas mãos repousarem na pia por alguns instantes, antes de me olhar no espelho. Sorrio para mim mesma, quando toco o meu cabelo bagunçado. Não estou visivelmente diferente; mas algo dentro de mim mudou drasticamente e não posso negar esse fato. Só me preocupo com o que acontecerá a partir de agora, Evan não me deu garantias e qualquer coisa que ele dissesse, além do que já me disse ontem, seriam lindas mentiras.

Ligo o chuveiro e entro embaixo da água norma, desejando que ela seja capaz de acalmar o meu coração, mas as coisas não são tão simples. Nada entre mim e Evan jamais será simples... essa constatação é dolorosa, principalmente quando ando ao redor do quarto e tento me arrumar sem fazer tanto barulho, não querendo que ele acorde e esse sonho chegue ao fim.

Ele se mexeu em seu sono, virando-se de bruços, com as mãos embaixo do travesseiro e me dando uma visão privilegiada das suas costas e da sua fênix. Eu nem calço os sapatos, enquanto caminho até a cozinha e tomo um café da manhã rápido. Perceber o quando o seu sono é pesado me faz abafar uma risada em minha xícara. O ponto positivo é que ele não ronca, apenas uma respiração suave, com a qual eu me acostumaria facilmente. Mas eu não terei tempo para isso, não terei tempo para nada, inclusive para ficar um pouco mais aqui em casa. Paro ao lado da cama, quando o meu relógio marca sete e meia da manhã, é geralmente o horário que eu saio de casa todos os dias. Um horário que me permite caminhar até o trabalho calmamente, mas é claro que eu não me importaria em chegar atrasada hoje.

— Evan... — o chamo em um sussurro, me sentando no lugar vago da cama que eu deixei. — Evan...

Nada, ele nem se mexe; isso porque é provável que eu o tenha chamado baixo demais. Quem pode me culpar por querer que ele continue dormindo em minha cama pelo resto do dia? Quem sabe, ainda estar aqui ao

final da tarde quando eu voltar para a casa? Não se pode destruir assim os sonhos de uma mulher.

— Evan — repito o seu nome um pouco mais alto, dessa vez sacudindo levemente os seus ombros. — Sou eu, a Lizz.

— Eu sei — ele murmura, com a cabeça ainda enterrada no travesseiro e os olhos fechados.

— Que bom — replico com uma risada nervosa. — Estou saindo para o trabalho.

— Ok.

— Estou saindo para o trabalho — repito caso ele não tenha registrado as minhas palavras. — E bem... eu preciso fechar a porta.

Ele abre um dos olhos e sorri para mim, isso o faz parecer um garoto travesso. Retribuo o seu sorriso, não conseguindo evitar que o meu coração acelere apenas por estar no mesmo lugar que ele.

— Que horas são? — pergunta, se virando rapidamente e levando o travesseiro junto.

— Um pouco mais de sete e meia.

— Ainda é muito cedo. — Evan franze o cenho, passando a mão esquerda pelo rosto, agora com os dois olhos bem abertos.

— Bem-vindo à minha vida — brinco, encolhendo os ombros. — Não quis te acordar antes, mas preciso sair agora.

— Eu não notei quando saiu da cama, faz um tempo que não durmo assim. Desculpe.

— Não se preocupe — digo olhando para as minhas unhas, enquanto escondo o meu sorriso bobo. — Você pode se trocar em cinco minutos e sair agora comigo.

— Ou? — ele indaga me fazendo olhar para o seu rosto novamente.

— Ou pode ficar e dormir mais um pouco, feche a porta e deixe as chaves embaixo do tapete.

— Você está brincando, não é? — Ele parece chocado, antes de rir da minha sugestão. — Ninguém coloca mais as chaves embaixo do tapete.

— Eu nunca coloquei, mas poderia. — “Se eu ao menos tivesse um tapete”, completo em pensamento. — A parte do tapete é brincadeira, mas você pode levar a chave com você e devolver mais tarde.

Isso não foi nada sutil, *ok...* eu praticamente implorei para que ele voltasse hoje à noite, porém, ainda assim, não disse tão claramente. Mas qual o problema, ele ainda tem a opção de sair comigo agora, me dizer adeus e

nunca mais voltar... estamos em um jogo, eu coloquei as minhas melhores cartas sobre a mesa e espero a sua jogada.

— Você não se importa? — pergunta, estudando o meu rosto.

— Não.

— Ok — ele concorda lentamente. — Tenho algum trabalho para fazer em meu computador no hotel, mas depois estou livre. Que horas você está em casa?

— Isso é relativo, mas geralmente depois das seis. Eu te envio uma mensagem.

— Ok — ele repete, enquanto me olha levantar. — Você está bem?

Existem muitos significados nessa pequena pergunta e enxergo cada um deles... embora alguns me machuquem nesse instante, eu lhe dou um grande sorriso, antes de responder.

— Estou perfeita. E você?

— Com sono — ele responde, passando o polegar pela boca como costuma fazer sempre. — A sua cama é confortável e tem o seu cheiro nela.

O olhar em seu rosto agora é um convite silencioso, promessas que ele com certeza jamais me fará, e eu odeio mesmo o meu trabalho nesse instante. Nunca achei que sentiria isso, mas eu definitivamente odeio.

— Eu preciso ir — digo com um suspiro, já me afastando em direção à saída. — Eu te envio uma mensagem mais tarde.

Não espero uma resposta sua para sair correndo porta afora, não porque estou com medo dele; mas porque tenho medo de mim e da minha fraqueza e eu realmente preciso desse emprego. Corro metade do caminho, até sentir que estou segura dos meus próprios sentimentos.

Quando passo pela portaria e caminho para dentro da clínica, é que me recordo do dia anterior. Parece que foi há uma década que Victor finalmente conheceu o filho, que Evan finalmente conheceu a sua história, e que eu entreguei parte do meu coração a um homem, que aparentemente não está tão disposto a amar. Eu sei que Victor vai me perguntar sobre Evan e já me preparo mentalmente para isso, enquanto me troco. Guardo todas as minhas coisas no armário, principalmente o celular, e vou para a sala de enfermagem checar os relatórios da noite anterior.

— Victor teve febre essa noite — conto à Glória, enquanto estamos lado a lado olhando os nossos prontuários.

— Eu soube — ela fala, se encostando ao balcão para me olhar com atenção. — Como foi o encontro dele com o filho? Não dos melhores, se as

fofocas estão realmente certas.

— Foi ruim, mas aconteceu, afinal. Estou tentando ver por esse lado.

— Eu não sei como seria passar por uma situação como essa, conhecer o meu pai depois de adulta. A verdade é que acho que eu jamais o veria como um pai realmente.

— É uma situação complicada, existe tanta mágoa entre eles, tantas ranhuras. Talvez eu deva enfim me convencer que perdi essa batalha, eu não posso consertar a relação dos dois.

— Não existe relação nenhuma, Lizz — Glória me lembra, me empurrando levemente pelos ombros. — O fato de que você se sente ligada ao Victor te faz meio cega aos seus erros. Convenhamos que ele foi um péssimo pai e um homem de escolhas dúbias.

— Isso porque eu te contei apenas a metade da história — admito, com um sorriso torto e envergonhado. — Estou começando a entender o quanto perdô-lo é difícil para o Evan.

— Você sempre diz o seu nome... Evan... — ela repete, com deboche. — E não pense que eu não noto que seus olhos brilham quando fala dele.

— Cale a boca, você está absolutamente louca! — eu me defendo a empurrando também, mas com muito mais força. — As pessoas possuem um nome por uma razão e devemos usá-lo.

— Porque para você ele não é apenas o filho de Victor. Ele é Evan... O cara lindo e ferido, que você está louca para ajudar.

— Você está delirando, mulher louca... — Dou risada, porque ela me conhece tão bem que me assusta e ainda preciso manter as aparências. — Eu quero ajudar os dois, pai e filho, foi assim desde o início.

— Eu sei, nunca disse o contrário — diz calmamente. — Mas e se em algum momento você precisar escolher um lado, qual será?

Volto a olhar para as minhas folhas, enquanto ela me encara em silêncio. Não estamos em uma guerra e não existem lados. Sempre achei que estivesse fazendo o melhor para os dois, mas agora que conheço Evan e pesando todas as atitudes de Victor ao longo dos anos, eu começo a me perguntar se estava errada... não gosto de duvidar das minhas próprias convicções, isso não pode ser bom.

— Acho que eu sou a Suíça nessa situação, não existem lados e Victor... — Eu paro e ofego, sentindo sempre a pontada de tristeza que as próximas palavras me trazem. — Victor está morrendo.

— Isso o redime de todos os seus erros? — Glória me sonda com

seriedade.

— Não, não o redime — admito com sinceridade. — Mas não quero que ele se vá carregando o peso de todos eles.

— Isso porque você é um amor, Lizz. — Glória sorri, beijando o meu rosto enquanto passa por mim. — E esse é um assunto muito triste para as oito da manhã.

Quero rir, mas não posso negar esse fato; é realmente triste para qualquer horário. Fico sozinha quando Glória se vai e me revisto de coragem para encontrar Victor. Depois que Evan foi embora ontem à tarde, Victor se fechou em um silêncio doloroso. Perguntei sobre a conversa dos dois, não que a saída de Evan houvesse deixado alguma dúvida para mim, e ele me respondeu de forma lacônica. Usei a minha sensibilidade e não forcei. Eu sempre estive aberta a ouvi-lo e também sou capaz de entender o seu silêncio; porém sei que em algum momento teremos que falar sobre isso.

Subo para o terceiro andar, indo diretamente para o seu quarto, rezando silenciosamente para que a sua febre tenha sumido e ele esteja bem, física e emocionalmente.

— Sabe do Evan? — Victor me pergunta assim que abro a porta e o encaro.

— Onde está o meu bom dia? — pergunto também, com um sorriso animador. Ele parece tão abatido, como se a noite anterior tivesse levado grande parte das suas forças.

— Bom dia, Lizzy, desculpe — ele se lamenta com um sorriso que não alcança os seus olhos.

— Bom dia, Victor. Sem problemas.

Ando pelo quarto até as cortinas fechadas e abro a janela, deixando a luz do lindo dia lá fora entrar. O fato de que ele ainda está na cama e não sob a janela lendo o seu jornal não pode ser um bom sinal. Paro diante de sua cama, conferindo a sua pressão e checando a sua temperatura.

— Você ainda está febril — observo, tocando brevemente a sua testa e me sentando ao seu lado na cama. — Como se sente?

— Derrotado — ele admite o que qualquer um pode enxergar em seu olhar. — A minha conversa com Evan foi pior do que imaginei.

— Mas você ao menos o conheceu. — Tento animá-lo, com o meu lado Poliana florescendo de repente. — Foi algo que desejou por muito tempo e agora é real.

— Ele me odeia, Lizzy.

— Você o magoou muito, descobrir que você o escondeu da sua esposa durante anos, que não o procurou quando sabia aonde encontrá-lo foi muito doloroso para ele.

— Ele te disse isso? — Victor indaga com curiosidade.

— Não, mas isso é facilmente perceptivo. Já se colocou no lugar dele todos esses anos? — pergunto com a mesma curiosidade. — Eu te adoro, Victor, porém você sabe o quanto errou com ele.

— É claro que eu sei, eu só quero o seu perdão; que ele me liberte e se liberte também. Ele ainda está tão preso a esse ódio, essa mágoa, coberto até o pescoço.

— Dê a ele um pouco de tempo — peço apertando a sua mão. — Agora ele sabe toda a verdade, uma verdade densa e triste, deixe que ele absorva tudo isso sozinho.

— Eu não tenho esse tempo — pondera com tristeza. — E como você sabe que Evan não voltou para o hotel e foi embora no primeiro voo para a Califórnia?

Porque ele estava em minha cama a última vez que eu o vi... E tenho quase certeza de que ele não embarcaria para a Califórnia com as chaves da minha casa em seu bolso.

— É um palpite — digo com um sorriso, enquanto me afasto. — Eu vou te medicar e você pode descansar um pouco.

— Você vai me falar se souber algo sobre o Evan? — Victor me pede, segurando o meu braço e não deixando eu me afastar. — Vocês se tornaram amigos, não foi?

— Eu não diria exatamente isso. — Não é uma mentira, quando nem eu mesma sei o que Evan e eu somos. — Nós conversamos algumas vezes.

— Você é o meu elo com ele agora, Lizzy.

— Eu não posso fazer milagres, Victor. Eu adoraria poder ser a única a uni-los, mas percebo agora que não posso.

Eu não posso empurrar demais o Evan, isso só o levaria para bem longe de mim. E bem, me desculpe, mas sei agora que essa é a última coisa que eu quero nesse mundo. De repente, as palavras de Glória ganham total sentido para mim... eu terei que escolher um lado, e me sinto horrível por ter mais do que certeza de que será o Evan.

— Eu te entendo — Victor diz por fim, com um tapinha amigável em meu braço. — Você está certa.

— Mesmo assim, eu sinto muito — digo com pesar. — Você sabe que

eu mudaria tudo isso se pudesse.

— Eu sei, você já fez tanto por mim. Não se culpe.

— Ele virá até você quando estiver pronto.

O olhar em seu rosto me diz que ele também não acredita em minhas palavras, sempre soube que era uma péssima mentirosa. Ainda assim, não deixo de sorrir, quero encorajá-lo a acreditar no que parece impossível nesse momento.

Sei que Evan tem um grande coração e me mostrou parte dele ontem à noite, e eu não posso esperar para o dia em que ele esteja despido de todos esses medos e mágoas que possui. Estou disposta a aceitar o que ele puder ou estiver disposto a me dar por enquanto. Pequenos gestos e toques. Pequenas brechas em sua armadura, que me permita entrar aos poucos em sua vida e o faça querer ficar por mim. É caminhar vagarosamente, quando tudo o que eu quero é correr até seus braços.



Saio da clínica no início da noite, passando um pouco das sete, quando envio uma mensagem de texto para Evan. Confesso que digitei várias frases, até desistir e optar pelo simples:

Estou saindo da clínica.

Juro que gostaria de ser engraçada e espirituosa, mas não estaria sendo verdade comigo se eu o fizesse. Estou nervosa, ansiosa e preocupada, não sei como devo agir com Evan quando nos encontrarmos. Sei que meus sentimentos são muito evidentes, eu não posso enganar ou esconder o quanto ele me afeta. Acima de tudo, não posso deixar de sorrir cada vez que meus olhos se encontram com o seu. Ele está encostado na parede ao lado da minha porta, o corpo relaxado, os pés cruzados e algumas sacolas ao seu lado enquanto mexe no celular, ainda sem me ver. É automático o sorriso bobo que preenche o meu rosto com essa visão. Ele realmente está aqui.

— Você poderia ter me esperado lá dentro — digo quando estou a alguns passos dele, ganhando a sua atenção finalmente.

Seus olhos me examinam com cuidado, é como se ele tivesse sentido a minha falta e precisasse realmente saber que estou aqui finalmente. Porém, não existia nenhuma mensagem sua ou ligação perdida ao longo do dia, ele

ainda precisa manter essa distância segura de mim, enquanto sinto que estou cada vez mais nas palmas de suas mãos.

— A casa é sua, você me deixou ficar essa manhã — diz, com um sorriso torto. — Só vou entrar novamente se você quiser.

E eu quero, Deus sabe que eu quero loucamente.

— Você tem algo que me pertence — eu o lembro, mostrando a minha mão para que ele me entregue as chaves.

— Claro — ele concorda se apressando em me entregar as chaves que estavam em seu bolso.

Nossos dedos se tocam brevemente e isso é tudo o que basta para que eu sinta aquele familiar frio em meu estômago. Acho que se apaixonar é a maneira mais fácil de fazer papel de tola a cada segundo. Eu me atrapalho com as chaves e só posso rir quando Evan as retira de minha mão e abre gentilmente a porta para mim. Nós nos olhamos demoradamente em silêncio, até que eu passe por ele e entre.

Seguro a sua mão e o convido a fazer o mesmo, já que não sou capaz de articular uma frase coerente diante do seu olhar. Seu perfume já tomou conta de tudo, de uma forma que me faz querer abraçá-lo e aspirá-lo um pouco mais de seu pescoço. Ele não hesita, pegando as sacolas que estavam aos seus pés, que eu não faço a menor ideia do que contenham, e entra.

A porta é vagarosamente fechada, ainda nos olhamos por um tempo. Então, Evan deposita vagarosamente as sacolas no chão e me empurra com gentileza até a parede. Não ofereço resistência, um toque, uma respiração é tudo o que preciso para me sentir presa e perder o controle do meu próprio corpo. Seu corpo está junto ao meu em um segundo, suas mãos em meu rosto, em meu cabelo depois, sua testa na minha, um sorriso em meus lábios. Eu amo todos esses gestos vagarosos e íntimos. Adoro perder o meu fôlego com sua proximidade cada vez maior. Quando ele me beija é lento e lascivo, sua boca passeia sobre a minha sem pressa alguma, mordendo e provando. Eu me derreto, fechando os olhos e abrindo a minha boca o deixando entrar, meus braços o envolvem com força... Só não quero perder o seu calor. Se ele tivesse me beijado essa manhã, eu não teria saído da cama, eu não teria ido a nenhum lugar. É uma droga que precise respirar eventualmente, perder o contato com sua boca é doloroso, embora estejamos separados por polegadas; ainda assim dói.

— E agora? — pergunto quando abro os meus olhos.

— Eu não sei, Lizz. — Sua voz é suave, antes que sugue meu lábio

inferior entre os seus, seguido de uma leve mordida. Isso me faz arquear contra a parede e fechar os olhos novamente para ouvi-lo completar: — Mas iremos descobrir juntos, se você puder viver sem promessas e planos.

— Eu posso — sussurro.

Eu concordaria com qualquer coisa nesse momento, quando ele rouba toda a minha razão com seus beijos... assim como eu disse a Victor, também vou deixar Evan vir até mim quando estiver pronto e eu sei que ele estará.



Palavras não ditas

Evan

Termino de calçar os meus tênis e visto a camiseta jogada sobre a cadeira. Passo pela cama vagarosamente, uma última olhada para Lizz enquanto ela dorme e saio do quarto. São seis horas de uma manhã de domingo, o seu dia de folga e ela literalmente me mataria se eu a acordasse tão cedo. Mas consegui dormir apenas algumas horas na noite anterior e acho que enlouqueceria se ficasse mais um segundo naquele quarto em silêncio. Há quase um mês nessa cidade, eu posso dizer que conheço razoavelmente as ruas da pousada em que estou hospedado e alguns quarteirões da casa de Lizz também. Por isso me senti confortável para começar a correr há alguns dias. Era isso ou sufocar no quarto de hotel, enquanto Lizz trabalha. Sinto que estou no limite da minha paciência aqui e ela é a única coisa que me prende nesse país. Meu trabalho, amigos e vida não pertencem a esse lugar; ainda assim não consigo ir embora e Deus sabe o quanto eu preciso.

Meus pensamentos se perdem em minha mente, com a mesma velocidade que meus pés tocam o chão. Correr deveria ser desestressante, mas não tem funcionado dessa forma. Eu só sinto que estou correndo de todas as decisões que preciso tomar e voltando para o ponto inicial. Voltando para Lizz... ela é a força sobre a qual eu gravito nas últimas semanas.

Ambos concordamos em viver sem promessas e planos, mas a verdade é que isso só fez a vida achar que poderia criar os seus próprios planos; planos nos quais Lizz e eu corremos de encontro um ao outro. Passamos cada segundo que poderíamos juntos, e foi tempo suficiente para parecer que foram anos e não semanas. Isso criou laços entre nós e sentimentos, que embora não pronunciados ou admitidos, ainda estão lá. Nós não somos cegos, talvez covardes e ingênuos, para acreditar que podemos nos enganar um pouco mais. Lizz parece mais confortável do que eu, ou talvez ela seja uma atriz mais talentosa, mas não houve cobranças ou tentativas de tornar essa relação que temos agora em algo mais sério. Isso deveria me deixar feliz, era o que eu queria no início, só que agora eu simplesmente não sei mais o que quero.

É frustrante quando estou sozinho e meus pensamentos me enlouquecem em um turbilhão desgovernado, porém basta um olhar para Lizz

e descubro que ela é o meu mar em calmaria. Ela é suave e meiga, gosto de ouvi-la, mesmo quando não entendo metade do que ela está falando, principalmente em espanhol. Ela tem um ótimo humor e confesso que tentei descobrir nos primeiros dias, se era apenas um jeito de me cativar. Mas ela é verdadeiramente feliz, embora eu veja insegurança e medo em seus olhos quando estamos em silêncio. Ela me equilibra de muitas maneiras, somos Sol e Lua que puderam enfim se conhecer... parece definitivamente lindo quando colocado dessa forma, mas a nossa relação é emblemática de um jeito que não posso mensurar.

Balanço a cabeça, em uma tentativa falha de dispersar os meus pensamentos e acelero o ritmo de corrida. As ruas estão calmas e quietas o bastante para que o barulho dos meus passos ecoe por toda a calçada. Eu corro o dobro de tempo que tenho costumado fazer, e não tenho pressa para voltar ao quarto enquanto acalmo o meu coração. Passo pela recepção e cumprimento a funcionária da manhã, todos já me conhecem por aqui e com certeza se perguntam como alguém pode morar em um hotel por tanto tempo. Sem problemas; eu me faço a mesma pergunta o tempo todo.

Lizz ainda está dormindo, eu paro à frente da porta fechada e a observo por alguns minutos. Se ela não está em minha cama de hotel, eu estou em sua cama; foi um acordo silencioso entre nós desde a primeira noite. Ainda não sei se fui eu quem não a deixou ir embora, ou ela que quis ficar. Jogo os meus tênis de lado e entro no banheiro em seguida. Eu tento demorar o máximo possível no banho, sabendo que de um jeito ou de outro, irei acordar Lizz assim que sair. Eu me sinto uma criança inquieta que foi deixada sozinha e não encontra nada para se divertir.

Coloco uma calça de moletom simples e me jogo na cama depois de me enxugar. Puxo Lizz para perto, até que seu corpo esteja confortavelmente aconchegado ao meu. Minhas mãos passam por suas costas, antes de entrarem na minha velha camiseta que ela sempre usa para dormir. Eu aperto a sua cintura sob a camiseta, deixando minhas mãos nesse ponto por um tempo. Fecho meus olhos e respiro, imaginando o quanto seria ruim acordar sem o seu calor. Eu já me acostumei a tê-la em meus braços, a parar e ouvir a sua respiração suave enquanto ela dorme, e passo horas remoendo os meus problemas sem deixar de olhá-la um só segundo.

— Me diga que já passa das dez, ou invente um ótimo motivo para ter me acordado antes disso — pede com voz de sono, escondendo o rosto em meu peito.

— São quase oito — conto, acariciando suas costas. — Em minha defesa, direi que estou acordado desde as cinco da manhã.

— O que te fez perder o sono? — Lizz pergunta preocupada, se afastando um pouco para enfim me olhar. — Você geralmente dorme mais do que eu.

— Eu não sei... muitas coisas para pensar.

— Que tipo de coisas?

— Coisas... apenas coisas. — Dou de ombros, não deixando que ela se afaste. — Nós precisamos conversar, Lizz.

— Hummm... — ela balbucia balançando a cabeça. — Isso não pode ser bom.

— Por que não? Nós conversamos sempre.

— Sobre coisas banais e, na maioria das vezes, eu falo e você apenas me escuta.

Dou risada, enquanto ela sorri e beija o meu peito, voltando a esconder o rosto do meu.

— Eu te contei muita coisa sobre mim — digo em minha defesa. — Você somente tem mais histórias e gosta muito mais de falar.

— Você só me contou sobre o Damian e o estúdio de tatuagem que tinham juntos, sobre o seu restaurante e algumas histórias do tempo em que morou em Nova York.

— Essa é uma grande parte da minha vida.

— Eu te falei sobre os meus pais, meu irmão mais novo, meus avós maternos e paternos...

— Sobre como você queria ser médica e depois enfermeira, sobre a doença da sua avó, algumas histórias sobre a sua infância e do seu primeiro cachorro — completo, enumerando apenas algumas, das muitas histórias que ouvi.

Ela ri em meu peito, fazendo o seu cabelo se espalhar pelo meu braço. Ao mesmo tempo que uso uma das mãos para apertar a sua bunda... Isso a faz levantar lentamente o rosto e sorrir para mim e Deus, cada vez que eu vejo esse sorriso, todo ar escapa dos meus pulmões.

— Ok, já estamos de acordo sobre o quanto eu gosto de falar... isso te incomoda?

— Não, nunca me incomodaria — me apresso em dizer, diante da sua preocupação genuína. — Eu adoro te ouvir.

— Mas você ainda é um livro fechado para mim, Evan — ela fala

tocando o meu queixo e deixando os seus dedos deslizarem por ele, até pararem em minha boca.

Eu definitivamente não posso contradizê-la. Embora eu tenha aberto uma parte do meu coração e a deixado entrar, ainda existe uma parte de mim que quero manter em segredo. Eu sustento o seu olhar, enquanto a minha língua toca os seus dedos e Lizz se afaste antes que eu possa segurá-la.

— Vou tomar um banho rápido e podemos conversar no café da manhã — ela diz já em direção ao banheiro.

— Não precisa se apressar” — grito, enquanto a porta se fecha.

Encosto-me no travesseiro e ligo a tevê enquanto espero. Eu nunca assisti tanta tevê em toda a minha vida, embora deva admitir que não estou nem um pouco interessado no programa à minha frente.

Lizz cumpre a sua promessa e aparece no quarto dez minutos depois, uma toalha ao redor do corpo e o cabelo preso em um coque. Ela sorri e eu também, mas não falamos nada enquanto ela anda pelo quarto até a sua bolsa na poltrona ao lado. Não desvio o meu olhar, ou finjo estar concentrado na tevê enquanto ela fica de costas para mim e começa a se trocar. Ela poderia ter feito isso no banheiro, mas não parece se importar com sua nudez; muito menos eu. Minha atenção está fixa em cada movimento seu, lento e sedutor, mesmo que não seja a sua intenção no momento. As suas atitudes mais naturais são justamente o que mais me atraem a ela. E o fato de quanto eu acho a linda e tentadora, lhe passe despercebido, me deixa ainda mais seduzido.

Deixo o meu travesseiro de lado e saio da cama no instante em que ela veste o seu sutiã e estica a mão para o vestido sobre a cadeira. O mesmo que ela estava usando ontem à noite quando saímos para jantar, e que foi a primeira peça a sair quando passamos pela porta do quarto. Eu seguro o seu pulso e a impeço de pegar a roupa, a outra mão se espalma em seu estômago e traz as suas costas para o meu peito. Eu beijo o seu ombro, mordo o seu pescoço, enquanto ela gira a sua cabeça em minha direção e beijo a sua boca. Não é um beijo suave de bom dia, é um beijo desesperado de despedida, e eu já a beijei centenas de vezes assim, por nunca saber quando será a última.

Lizz se move em meus braços, até que seus seios estejam tocando o meu peito. Ela se solta do meu aperto em seu pulso e entrelaça os dedos aos meus. A sua boca se abre e minha língua desliza pela sua vagarosamente, eu a beijo com paixão. Nós nunca falamos sobre nossos sentimentos, mas eles ficam evidentes em nossos beijos, carícias, como se nossas bocas e dedos

recitassem todas as palavras que temos engolido por covardia. Ela se afasta, respirando pesadamente, enquanto eu espalho beijos pelo seu rosto, queixo e pescoço, voltando para colar a minha testa na sua.

— O que você quer me contar? — Ela beija o meu queixo, mas eu congelo com a sua pergunta.

Sempre fui um homem objetivo, não escondo o que sinto, não escondo o que eu quero. Entretanto, tudo é diferente agora... eu não posso nomear o que sinto e não posso fazer o quero.

— Eu estou voltando para a Califórnia — digo pausadamente, meus braços a apertam um pouco mais, quando as minhas palavras a fazem querer se afastar instantaneamente.

Imaginei o quanto seria difícil para ela ouvir isso, quase quanto foi difícil e doloroso para eu dizê-las. Venho ensaiando isso há dias, buscando inutilmente o momento perfeito que parecia nunca chegar. Mas não imaginava que os seus olhos refletiriam tanta tristeza. Que ela quisesse me repelir imediatamente e fugir. Só não vou deixá-la correr, posso prendê-la por muito tempo, até que ela me escute.

— Quando? — ela pergunta olhando para o meu peito, em uma tentativa boba de não olhar para mim.

— Em três dias — respondo, depois de segurar o seu queixo e incentivá-la a me olhar. Não teremos essa conversa de outro jeito. Eu preciso dos seus olhos nos meus.

— Ok... — ela balbucia lentamente, tentando sorrir e falhando. — Tudo bem.

— Não está tudo bem, você é uma péssima mentirosa.

— Eu só estou surpresa, mas sabíamos que esse dia chegaria em algum momento.

— Isso é verdade e você precisa saber que adiei o máximo que pude.

— Por quê? — Lizz indaga e levanto as sobrancelhas, em um gesto de confusão, então ela completa: — Por que você ficou tanto tempo, Evan?

— Por que você acha? — sondo, depois de um beijo rápido.

Ela apenas me olha, relutante em me dizer o que é tão evidente para mim e seria facilmente perceptível para qualquer pessoa. Estou aqui por ela. Não posso crer que dentre todas as pessoas, Lizz seja a única que simplesmente não enxergue isso.

— Por você — digo por fim, diante do seu silêncio. — Não é tão claro que foi somente por você?

— Achei que fosse por sexo — ela diz com seriedade, mesmo assim não posso controlar um sorriso. — Nós somos muito compatíveis quando o assunto é esse.

— É verdade — concordo, apertando o seu quadril. — Mas não foi apenas por isso... você pode ficar com raiva agora e me dizer que foi somente sexo, porém sabe que essa é uma grande mentira.

— Eu não estou com raiva, Evan — ela diz com tanta tristeza, que meus braços se afastam de seu corpo com a necessidade de tocar o meu rosto, como se ela tivesse me batido.

Ela caminha para longe de mim, sentando-se na cama e puxando o travesseiro ao seu lado e o abraçando, como se precisasse se defender de mim no momento. Ofego em frustração, ficando de costas para ela e arrastando as mãos pelo meu cabelo curto.

— Já passei tempo demais longe do meu restaurante, longe da minha vida — digo me virando para ela e ganhando a sua atenção. — Não queria ir, mas eu preciso.

— Você irá voltar?

— Sim — afirmo sem muita convicção, torcendo para que a minha incerteza não seja tão evidente para ela quanto é para mim. — Eu irei.

Eu irei?

Porra, eu não tenho certeza alguma! Deus, sou um idiota por perder o controle da minha própria vida.

— Sabe quanto tempo terá que ficar lá? — pergunta com cautela. Se eu conheço um pouco da personalidade de Lizz, diria que está se esforçando para não demonstrar o seu descontentamento. Ela jamais choraria ou me imploraria para ficar.

— Eu não sei ainda, talvez vinte dias, um mês.

— Foi o que pensei — ela murmura, o desgosto evidente em sua entonação.

— Eu moro em outro continente, não é como se fosse na cidade vizinha — eu a lembro, desejando que fosse exatamente assim. — Ao mesmo tempo, eu aposto que você não viria comigo se eu a convidasse.

— Eu ficaria tentada — ela diz com um pequeno sorriso — Mas tenho um contrato de trabalho que me prende aqui pelos próximos seis meses.

Ela está presa aqui e eu não posso jogar fora tudo o que conquistei ao longo dos anos. Tenho um ótimo gerente, uma equipe de funcionários incríveis e me desdobrei de todas as formas para administrar o meu

restaurante a distância. Funcionou até agora, mas esse é o momento em que o Sol e a Lua se afastam.

— Eu vou voltar — afirmo com um pouco mais de veemência agora, me ajoelhando em frente a ela e colocando a minha cabeça em seu colo, depois de ter tirado o seu travesseiro — Não importa quanto tempo demore, mas eu voltarei para você, Lizz.

— Isso é uma promessa? — ela pergunta, afagando o meu cabelo.

— Se eu fizesse promessas, essa com certeza seria uma delas.

— Então, sem promessas e planos — ela repete a minha própria frase, com uma entonação alegre. — Acho que vou ter que esperar para ver se está sendo sincero.

— Mesmo que eu não faça promessas, admita que sempre fui sincero com você, Lizz.

— Eu estou brincando, Evan. Você nunca me enganou, fique tranquilo.

Eu não posso ficar tranquilo, talvez eu não a tenha enganado, mas não me afastei quando sabia que iria magoá-la e isso é quase a mesma coisa. Eu a empurro para a cama e me deito sobre ela, deixando um dos braços ao lado do seu rosto, enquanto o outro tira o cabelo que teimosamente se espalha em seus olhos. Ela sorri, mas os seus olhos me mostram outra coisa. Eu a beijo, porque preciso fugir desses olhos tristes e o contato da sua boca na minha é a única coisa que me traz alguma paz agora.

— Você vai se despedir dele? — Lizz indaga, colocando as mãos em meu peito e me afastando sutilmente.

Eu demoro a entender o real significado de suas palavras e quando o faço, caio do seu lado na cama, com meu braço sobre os meus olhos ainda fechados.

— Foi apenas uma pergunta, Evan — ela reforça tocando o meu braço.

— Você sabe o quanto eu odeio esse assunto. Isso é sobre nós, não ele — censuro-a. — E por que eu me despediria dele, Lizz? Dê-me um único motivo, quando eu o evitei por semanas.

— Ele é o seu pai, Evan.

Dou risada, voltando a olhar para o seu rosto agora que é ela quem paira sobre mim. Mesmo sem me pressionar para um novo encontro com Victor, Lizz não perdeu uma única oportunidade de me lembrar que ele é o meu pai. Foi sempre de forma sutil, eu admito, mas mesmo assim me irritava da mesma forma... eu nunca o verei como um pai e não posso fazê-lo nem mesmo por ela.

— Eu não me importo com ele — admito com sinceridade. — Isso faz de mim um monstro? Você me vê dessa forma porque eu não quero me despedir, porque eu não quero nem mesmo respirar o mesmo ar que ele?

— É claro que não — ela diz com calma. — Eu jamais te veria dessa forma, Evan.

— Não irei me despedir e não irei encontrá-lo novamente, diga que eu lhe mandei um abraço. Minta se isso te faz feliz.

— É uma decisão sua e eu respeito.

— Então finja que ele não existe — peço, enquanto a puxo para o meu colo e afago o seu rosto. — Você é a única pessoa que me mantém aqui e a única pela qual eu irei voltar.

Ela sorri, puxando a minha mão para longe do seu rosto e beijando o meu pulso. Então com a sua mão ainda sobre a minha, ela me guia por seu pescoço até parar sobre o seu peito, do lado esquerdo, onde eu posso sentir o seu coração bater sob a minha palma.

— E eu vou te esperar — ela promete, enquanto aperto o seu quadril com a minha mão livre e meus dedos se enroscam no elástico de sua calcinha. — Só me deixe com muitas, muitas lembranças.

— Eu achei que já tivesse feito isso.

— É melhor garantir — ela brinca, quando se inclina para me beijar e o seu cabelo cobre o nosso rosto. — Você não quer que eu te esqueça, quer?

— Não! — respondo, mordendo levemente a sua boca. — Eu não quero...

E quando essas palavras saem de minha boca, eu sei que elas foram as mais sinceras que eu já disse para ela.



Adeus ou até logo?

Lizz

Estou sentada na cama de Evan, uma de suas camisas está em minha mão, enquanto o observo em silêncio. A sua mala está aberta sobre a cama, ao meu lado para ser exata, enquanto ele joga as suas roupas de forma desordenada dentro dela. Eu deveria lhe dizer que elas ficarão amassadas assim, talvez eu devesse lhe ajudar a arrumar tudo, dobrar a sua roupa com carinho e as organizá-las na grande mala de viagem. Mas não vou. Não porque não quero, eu apenas não posso; é simplesmente doloroso para mim, então irei permanecer em silêncio.

A cada segundo, me torno mais consciente de que essas são as nossas últimas horas juntos. A última noite que dormiremos na mesma cama. Eu estou despedaçada, porém, se ele me perguntar ainda irei repetir que estou bem... *eu estou bem... eu estou bem...*

Decidi que se repetir por muito tempo, isso se tornará real. Eu ficarei bem, e não sentirei que estão levando um pedaço de mim embora e deixando esse grande vazio no lugar.

— Você está tão quieta — Evan fala, chamando a minha atenção ao parar diante de mim.

— Eu estou bem — minto, usando a minha frase usual. Não sei se era essa a resposta correta, mas minha mente está condicionada a dizer apenas isso no momento.

Ele sorri, tocando o meu rosto com carinho, quase como alguém tocaria uma criança para consolá-la e deixá-la feliz outra vez. Eu tento pensar rapidamente no que poderia me fazer feliz outra vez... talvez me apaixonar por alguém que more no mesmo país fosse um ótimo começo.

Retribuo o seu sorriso, porque a última coisa que quero é demonstrar fraqueza. Eu me apaixonei por ele sabendo de todas as suas reservas e relutâncias, agora preciso arcar com um peso de um coração partido. É doloroso, mas é tudo o que me restará, afinal.

Ele afasta a mão do meu rosto e vai em direção à camisa que estou segurando. A camisa que ele estava usando quando eu o beijei, quando nos beijamos a primeira vez. Por algum motivo ela ainda está sem botões,

provavelmente por Evan tê-la jogado no fundo do armário e a esquecido desde então. Eu me agarrei a ela assim que entrei no quarto no início da noite, e a vi jogada sobre a cama. Tem o seu perfume nela e, Deus, ele realmente cheira muito bem. Eu sentirei tanta falta disso, que estou cogitando roubar o travesseiro do hotel e dormir com ele todas as noites a partir de hoje. Eu sei que o seu perfume também está impregnado em meus lençóis e travesseiros, mas tenho medo que a sua ausência seja maior que o esperado e o cheiro desapareça... isso me deixa tão triste, principalmente por saber o quão patética eu sou ao dizer isso.

— Posso ficar com ela? — peço em um sussurro.

Ele me olha com seriedade, não como se estivesse bravo, mas como se as minhas palavras o surpreendessem e o intrigassem na mesma proporção. *Que tipo de louca eu devo parecer agora, pedindo uma peça de roupa como lembrança, algo para me apegar e me dar esperança enquanto passarei os dias somente imaginando se ele realmente voltará para mim?*

— Claro — ele assente, ainda sem desviar o olhar do meu.

— Obrigada.

— Quer mais alguma coisa? — ele pergunta com diversão e seu meio-sorriso casual.

Ah, eu quero. Quero muitas coisas.

Que você não entre naquele avião amanhã.

Que você perceba que será imensamente triste viver sem mim.

Que você me ame loucamente.

Que você me enxergue e perceba que está despedaçando o meu coração.

— Não — balbucio por fim, olhando para as minhas mãos em um forte aperto no tecido branco da camisa.

— Então... — Ele respira pesadamente, enquanto o barulho do zíper da sua mala sendo fechada preenche o silêncio. — Acho que, enfim, terminei.

Eu sei que se olhar para o lado, verei a sua mala fechada e pronta; a prova concreta de sua partida. Eu já vi o seu passaporte sobre a mesa ao lado de seu computador aberto, onde a sua passagem on-line também era perfeitamente visível. Então, por que eu ainda acredito que tudo isso possa ser uma terrível mentira?

— Fale comigo, Lizz — ele pede, se sentando ao meu lado.

— Eu estou bem, Evan — afirmo, usando todas as minhas forças para olhá-lo e ainda sorrir. Se eu fui convincente o bastante, só Deus sabe.

— Para de me dizer isso, foi a sua única frase desde que entrou por aquela porta; além de me pedir a camisa, é claro.

— O que você quer que eu diga? — questiono, levantando um pouco a voz. — Eu não tenho mais nada para te dizer, além disso... eu estou bem.

— Ok — ele diz, tirando a camisa de minha mão e me puxando para o seu colo.

Minhas mãos envolvem o seu pescoço automaticamente, eu não vou fingir que não quero tocá-lo e menos ainda que não amo as suas mãos ao redor do meu corpo. Um beijo suave em meu ombro é tudo o que basta para me derreter e me dar vontade de chorar. Mas eu não vou, é óbvio. Ainda sou a garota durona que pode se despedir sem fazer uma cena dramática e desnecessária.

— Eu sentirei a sua falta — sussurra em meu ouvido. É, talvez eu chore; mas só um pouquinho.

— E eu a sua — confesso, voltando a olhar para o seu rosto.

Ele sorri e me beija com carinho. É tão palpável a força que exala de nós dois, sentimentos tão reais e visíveis; como pequenas luzes coloridas fluando ao nosso redor. Eu estive tão perto de confessar os meus sentimentos por ele tantas vezes, não me chame de louca por isso. Porque embora tenhamos passado menos de um mês juntos, ainda assim foi um tempo muito grande. Não precisamos passar anos com alguém para amá-lo, às vezes bastam alguns momentos vividos com a intensidade de décadas, e isso definitivamente aconteceu conosco.

Se eu já estava apaixonada antes do primeiro beijo, eu apenas lhe entreguei o meu coração em uma bandeja depois disso. Nós vivemos tanta coisa nessas semanas e na maioria das vezes eu simplesmente me esquecia do pouco tempo em que estávamos juntos. Cada vez que eu acordei nos braços de Evan, era como se finalmente tivesse encontrado o meu lugar no mundo. E agora perderei isso e me sentirei sozinha novamente. Pior de tudo é temer lhe dizer o que sinto, mesmo que esteja tão claro que até mesmo um cego poderia perceber sozinho. Ele certamente sabe que eu o amo, e eu sei que ele gosta de mim... sim, uma pequena rachadura em meu peito já machucado.

— Eu ainda voltarei, não é um adeus definitivo — ele me consola, afastando o cabelo que cai sobre o meu rosto. — Algumas semanas e estarei de volta, talvez seja mais rápido do que estamos pensando.

— E depois disso? — Eu me vejo perguntando, quando tenho um surto repentino de coragem. — Um relacionamento a distância pode ser realmente

complicado.

— Nós teremos que conversar, mas eu não me vejo morando na Espanha.

— Nem mesmo por mim? — Sim, foi um surto de muita coragem.

Sei que estou fazendo algo que ele detesta, ao colocá-lo na parede, isso foge totalmente à regra de *não planos*. Porém, ele está indo embora em poucas horas e não quero chorar por não ter tentado.

— Nem mesmo por você — diz sem hesitar e isso dói. *Nossa, dói muito!*

— Eu também não me vejo deixando a Espanha, o meu trabalho e família — replico com vontade de machucá-lo também, embora não faça ideia se ele realmente se importa com isso.

— Então, temos um problema — ele diz lentamente.

— Nós definitivamente temos; um bem grande, por sinal — eu o corrijo, me contorcendo para sair dos seus braços.

Eu preciso de ar e distância física também, antes que eu bata em seu peito por jogar toda a nossa chance de felicidade fora.

É provável que eu esteja sendo egoísta por culpá-lo. Por que ele precisa ser aquele que desistirá de tudo por nossa relação? E quando penso pela segunda vez, percebo que não fui totalmente sincera em minha resposta, eu me mudaria para a Califórnia se ele me pedisse, se eu tivesse plena confiança em seu amor. Acontece que não tenho.

— Nós resolveremos isso quando eu voltar — Evan insiste, usando a sua força para não deixar eu me afastar. — Hoje não é o dia para isso, Lizz.

— Não, hoje não é — murmuro com amargura. — Hoje é o dia de dizer adeus!

— Não é um adeus quando estou te dizendo que irei voltar.

Não existe dúvida em seu tom de voz, são palavras firmes e concisas; mesmo assim eu detesto a fragilidade que elas me causam. Eu gostaria de replicar e que hoje fosse o dia em que ele me enche de garantias e promessas, mas ele não fará isso sozinho e eu não tenho forças para brigar. Então, só encosto a minha testa na sua e respiro por um tempo.

— Eu estou triste e também sentirei a sua falta, falta de tudo o que vivemos juntos. Não pense por um segundo sequer que estou indo embora sem me importar com você, Lizz.

— Eu não estou pensando — minto, porque uma parte de mim se sente exatamente assim. Se eu fosse realmente importante, ele não iria.

— Eu tenho um presente para te dar — ele anuncia, depois de me beijar, colocando as mãos em meu quadril e me afastando enquanto se levanta.

Eu volto a me sentar na cama, observando Evan caminhar até a mesa, onde o seu casaco repousa sobre uma das cadeiras. Ele procura em ambos os bolsos, até encontrar o que quer e voltar para mim. Ele segura a minha mão esquerda e deposita o que pegou em seu casaco, em minha palma. Olho para o pequeno objeto retangular com a testa franzida, antes de apertá-lo e olhar para Evan com indagação em meu rosto.

— O seu isqueiro? — pergunto, rindo. — Isso significa que irá finalmente parar de fumar agora?

— Não. — Ele balança a cabeça, rindo também. — Para ser sincero, acho que irei fumar mais ainda a partir de hoje.

— Então? — Deixo as minhas palavras fluírem, enquanto alterno o meu olhar entre ele e o isqueiro dourado em minha mão.

— Não sei por que, mas esse isqueiro é especial para mim. Eu o comprei há alguns anos e desde então, nunca me separei dele. Mesmo que eu tenha outros, ele está sempre comigo.

— E agora você vai deixá-lo aqui na Espanha? — pergunto, contornando as iniciais do seu nome, gravadas em alto-relevo, no isqueiro.

— Irei deixá-lo com você — recita, segurando a minha outra mão para me puxar até ele. — Sei que irá cuidar bem dele, agora que sabe o quanto é especial para mim.

A forma como me diz isso, quase me faz acreditar que não está falando sobre o isqueiro e sim sobre mim. Eu não sei se é por precisar acreditar em algo assim, ou por ser realmente verdade.

— Eu irei — afirmo, encostando a minha cabeça em seu peito e deixando ele me abraçar forte. — Ele estará seguro comigo, Evan.

Estou falando sobre o seu coração e não do isqueiro em si, embora eu saiba que irei me apegar a ele como se fosse um pote de ouro, que ao final me levará até Evan novamente. Sempre nos comunicamos por metáforas, já que somos covardes demais para sermos sinceros um com o outro.

Seu coração bate rapidamente sob o meu ouvido de encontro ao seu peito. O meu próprio coração está ainda mais descompassado e tudo o que eu posso fazer, é me agarrar ainda mais ao seu corpo enquanto ainda posso. Em breve o simples ato de abraçá-lo será um desejo impossível de se realizar, e algo do qual eu sentirei imensas saudades.

Fecho os meus olhos, ouvindo o seu coração e ansiando que possa congelar o tempo para sempre. Mas não posso e em poucas horas tudo isso acabará. O voo de Evan sai às seis da manhã e ele literalmente me proibiu de acompanhá-lo. Eu aceitei a sua vontade, depois de ter insistido algumas vezes. Pensando bem agora, acho que essa foi a melhor decisão para nós dois. Eu iria chorar, sei que iria, e me despedaçar, enquanto o visse caminhar para longe de mim. Eu irei agradecer, quando estiver chorando em minha cama, abraçada a sua camisa e todas as pequenas recordações que ficarão comigo.

Depois de um longo tempo em silêncio, presos um dos nos braços do outro, Evan se afasta. Nossos olhos se encontram quando ele retira o isqueiro da minha mão e o deixa na mesinha de cabeceira. Então, sua mão envolve um pedaço do meu cabelo, inclinando a minha cabeça antes que seus lábios capturem os meus. Eu o beijo de volta, saboreando os seus lábios com lentidão, ainda assim com paixão evidente, quando a realidade de que essa possa ser a última vez, me atinge em cheio. Minha alma se despedaça mais um pouco com essa constatação e choramingo em seus lábios, desesperada para que ele nunca mais me solte, nunca mais pare de me beijar. Seu aperto em meu cabelo se torna mais forte — quase doloroso —, mas eu não poderia me importar menos no momento. Meu corpo anseia pelo seu com desespero e isso é tudo o que consome a minha atenção. A sua língua escorrega pela minha boca e encontra a minha, seus dentes me mordem, então seus lábios acalmam o ardor de suas mordidas. Eu não sei se ele já me beijou com o mesmo desespero, em meio à lascívia crescente que toma conta de todas as nossas ações.

Eu estou enlouquecendo por um pouco de ar, mas não posso parar de beijá-lo. Minhas mãos também estão em seu cabelo, deslizando por seus fios macios, até a pele quente de sua nuca. Eu detesto as roupas que nos separam e de alguma forma consigo desabotoar a sua camisa e tirá-la sem interromper o beijo. Evan também tem grande habilidade em me despir e devorar os meus lábios ao mesmo tempo; então sinto suas mãos passearem pela lateral do meu corpo, enquanto o meu vestido desliza até meus pés. Sua boca se afasta da minha e percorre o meu queixo, sua barba curta arranhando a pele suave do meu pescoço. Nossos olhos se encontram, tão turvos de desejo e paixão.

— Vamos fazer isso devagar — ele diz, ao mesmo tempo que o seu polegar desliza vagorosamente pela minha boca. — Vou fazer o tempo parar, enquanto criamos as melhores lembranças.

Eu não sei se posso ir devagar, não sei sequer se posso falar alguma

coisa. O seu olhar me prende, me domina, o controle do meu corpo é seu nesse momento e me deixo levar. Ao final da noite, eu sei que terei as mais lindas lembranças, mas eu não as quero... eu só quero Evan em meus braços; para sempre, se puder escolher.



Acordo com o barulho do despertador do meu celular; Sia cantando alto *Big Girls Cry*, porque sim, é a música que mais se assemelha ao meu estado de espírito hoje. Meus olhos fechados e meus braços buscam Evan ao meu lado, tudo o que eu encontro é um lençol frio e um espaço vazio que parece gigantesco. Eu me assusto e me sento com rapidez, a minha sonolência entorpece o meu raciocínio, então demoro longos e torturantes segundos para entender o que aconteceu... estou sozinha em seu quarto de hotel, o armário aberto à minha esquerda, com cabides vazios; são responsáveis pelas primeiras lágrimas. Evan se foi enquanto eu dormia e confesso que, embora ele não me quisesse no aeroporto, ao menos achei que seria acordada e teria um breve beijo de despedida.

Eu respiro, tentando inutilmente controlar as minhas emoções, quando o meu choro se torna mais intenso. Isso dói tanto, dói ainda mais do que achei possível. Como foi que eu o deixei me machucar assim? Eu me culpo por não ter criado cercas ao redor do meu coração, por não ter me protegido mais, quando sempre soube que esse era o destino que me esperava ao me envolver com Evan. Ainda assim, sei que me jogaria em seus braços sem hesitar, se ele entrasse novamente nesse quarto. Eu não sei por quanto tempo choro, sem me preocupar com o meu horário de trabalho, ou com o fato de que o inchaço em meus olhos será plenamente visível em algumas horas. Mas, eventualmente eu me acalmo e seco as minhas lágrimas.

Meus pés descalços estranham a frieza do piso e estremeço, me enrolando no lençol um pouco mais. Paro e olho ao redor do quarto, meus olhos percorrem todo o espaço, até pararem em um papel branco dobrado ao meu meio, com o isqueiro de Evan em cima dele. Estou curiosa, meu coração bate ainda mais descompassado, quando ao lado do papel está um pequeno buquê de rosas... *Rosas azuis*... eu quero correr até lá, porque sei que as palavras escritas naquele bilhete, podem enfim me trazer algum conforto, mas eu caminho com medo. Passos curtos e lentos, que fazem a pequena distância parecer imensa.

Eu me sento, afastando o isqueiro para o lado e seguro o bilhete entre os dedos. O desdobro, olhando para as letras embaralhadas à minha frente. As novas lágrimas que começam a se formar em meus olhos, não me possibilitam ler com clareza. Eu preciso respirar, me acalmar e limpar o meu rosto por vezes seguidas, para enfim enxergar claramente a caligrafia de Evan diante de mim. Com um suspiro longo, começo a lê-la, sentindo o meu coração afundar cada vez mais em meu peito.

Lizz...

Lembra quando lhe contei sobre os significados das rosas, mais especificamente das rosas azuis? Eu espero que se lembre, senão isso não terá nenhum sentido para você...

Eu paro de ler e fecho os olhos por um instante, antes de abri-los mais uma vez e segurar uma das rosas com a outra mão. Em algum momento, de alguma das semanas que estivemos juntos, eu perguntei a Evan sobre as rosas brancas. Ele riu e pareceu hesitante em me contar, mas enfim me disse o que elas significavam. Mais exatamente, o que elas significavam quando ele me presenteou: *recomeços*.

Ele me disse, enquanto seus olhos estavam fixos nos meus, que quando nos conhecemos estava condicionado a não gostar de mim, que tudo o que ele queria era manter-se distante. Mas basicamente o nosso segundo encontro frustrou as suas decisões; por isso as rosas brancas... *Novos começos*, um novo caminho que nos trouxe até aqui.

Agora que estou tão ferida e magoada, me pergunto se ele tomou a decisão certa.

Porém, preciso me concentrar nas rosas azuis agora, e não em arrependimentos que só me machucam mais...

Eu me lembro perfeitamente o que elas significam e mesmo que eu não queira no momento, saber que Evan quis me presentear com elas, causa tolas borboletas em minha barriga.

Sem nenhum esforço, eu posso ouvir a sua voz em minha mente, o seu rosto e sorriso torto, tão nítidos, como se ele estivesse no quarto comigo.

— *Como você sabe todas essas coisas sobre rosas e seus significados?*
— *perguntei com curiosidade evidente.*

— *A mãe do Damian amava rosas — ele me contou com carinho na voz.*

— Amava? — eu o interrompi, ainda mais curiosa.

— Ela ainda está viva, apenas doente; mas essa é uma história para outro dia.

Eu lhe dei um sorriso encorajador, enquanto ele me puxou para os seus braços, antes de prosseguir:

— Ela adorava flores de uma forma geral, mas tinha um amor evidente por rosas. Eu me lembro de ficar perto dela, enquanto cuidava das suas flores e eu e Damian brincávamos, ou fazíamos a lição de casa.

— Parece muito legal — disse, o observando com atenção. Foram poucas as vezes em que ele me deixava entrar em uma parte tão importante de sua vida.

— Ela sempre nos contava o significado de cada flor, e eu me recordo que o seu sonho era ter um canteiro com todas as cores de rosas que existem.

— E ela conseguiu?

— Faltou somente uma cor, a mais rara de todas.

— Qual delas? — questionei, percebendo que não fazia ideia de qual cor poderia ser.

— Azuis, elas são muito, muito raras.

— Azuis — repeti, sorrindo em seu peito. — Nunca vi uma rosa azul. O que elas significam?

— Ela é uma flor extraordinária, impossível de ser cultivada de forma natural. Então se alguém te presentear com uma, significa que essa pessoa te considera única, especial e imprescindível.

— Uau! — exclamei fascinada. — Acho que eu nunca receberei um buquê de rosas azuis, então.

— Quem sabe... — Ele deu de ombros, antes de rir com a cabeça em meu pescoço.

Sua risada ainda é muito viva em meu coração, quando me vejo novamente sozinha, com uma das rosas na mão e o bilhete parcialmente lido na outra. Eu releio o seu início, antes de prosseguir com o restante.

Se você se recorda, saberá exatamente o que eu quero dizer ao lhe dar esse buquê e eu quero dizer cada palavra. Você está magoada com a minha partida e eu me sinto aborrecido por ser o causador da sua tristeza. Percebe que isso nos machuca?

Eu não tenho dormido nos últimos dias, porque quero guardar cada lembrança que puder, isso inclui o seu rosto enquanto dorme.

Ainda não posso nomear o que sinto, não posso rotular o que somos, mas uma parte minha ficou com você, Lizz... talvez seja o meu coração.

Eu volto.

Evan

Talvez seja o seu coração, mas e se ele descobrir que não foi?

Eu abraço a carta, meus dedos tocam o veludo das pétalas da rosa mais linda que já vi em toda a minha vida, e tudo o que consigo fazer é chorar. Acho que é tudo o que farei a partir de hoje, me sentindo incompleta. Eu só tenho medo de nunca mais me sentir inteira novamente, não sem Evan em minha vida.



Assuntos inacabados

Evan

Nunca me incomodei com o silêncio. Para ser sincero, consigo lidar muito bem com a minha própria presença apenas. Embora eu sempre estivesse cercado de pessoas a maior parte do tempo. Também nunca estive cercado de pessoas e ainda assim me senti sozinho, muito menos, senti falta da única pessoa que deveria estar ao meu lado e não estava. Eu não conhecia essa sensação de solidão, mesmo sem estar sozinho... agora eu sei o quanto ela é ruim. Como um buraco em seu coração que não tem nenhuma permissão para estar ali. Confesso que eu não imaginei que fosse me sentir assim, não dessa forma, não com essa intensidade.

Eu sabia no instante em que saí daquele quarto e deixei Lizz para trás, que eu sentiria a sua falta. É claro que sentiria; só não previ que seria como se o resto do mundo não significasse nada, além dela.

Estou há três dias na Califórnia, se contarmos as horas intermináveis que estive dentro de um maldito avião; isso me acrescentaria quase mais um dia, e eu não falo com Lizz desde então. Nós trocamos algumas mensagens apenas, ela estava preocupada com o meu voo e eu lhe disse que estava bem assim que pousei. Ela me ligou no dia seguinte e eu estava dormindo, eu retornei a ligação durante a tarde e ela estava trabalhando. Nós voltamos a ser a Lua e o Sol, embora eu ache que estamos fugindo um do outro de forma proposital, as mensagens são mais confortáveis e nos permitem ocultar os nossos verdadeiros sentimentos. Talvez eu não pudesse ocultar todas as minhas incertezas e ao mesmo tempo não quero ouvir a tristeza que eu sei que se refletirá em sua voz. A minha vida nunca esteve tão bagunçada, mas talvez ela somente reflita o meu interior.

— Ouviu tudo o que eu disse? — Ben me pergunta, enquanto folheio o relatório em minhas mãos.

Eu não ouvi metade do que ele me disse nos últimos quarenta minutos, confesso que me perdi depois das primeiras dez palavras. Meus pensamentos sempre me levam de forma involuntária até a Espanha, até Lizz. É incontrolável e irritante.

— Sim — minto, levantando a cabeça para olhá-lo.

O idiota ri, porque ele me conhece o bastante para saber que estou mentindo. Ben e eu nos conhecemos em Nova York há alguns anos, trabalhamos juntos em meu estágio em Wall Street. Na época tínhamos apenas vinte e dois anos, mas ele já estava casado com a sua namorada de adolescência, isso parecia uma loucura aos meus olhos; porém funcionava para ele. O casamento terminou quatro anos depois e eu o convidei para trabalhar comigo, ele não hesitou em aceitar. A nossa parceria funciona, embora sejamos opostos completos e não apenas fisicamente. Ben parece um garoto da Califórnia, com olhos azuis e cabelos claros, que ele mantém — militarmente curtos — a maior parte do tempo. Acho que o pai dele é coronel... ou seria general? Tanto faz, de qualquer forma acho que a mania de organização de Ben vem da sua infância absurdamente regrada. Ele cresceu em um quartel com hora certa até mesmo para espirrar. Tenho quase certeza de que ele enlouquecia a esposa com isso. Mas quem sou eu exatamente para falar sobre traumas de infância?

— Não precisa mentir, já ficou bem claro que você deixou a sua cabeça na Espanha.

— Talvez eu só ache as suas explicações sobre administração e planilhas de contabilidade muito chatas — me defendo, me encostando à minha cadeira de couro.

Estamos em meu escritório no restaurante, o que tem sido também a minha casa nos últimos dias. É uma droga dormir no sofá, mas não estou ansioso para encontrar outro lugar, ao menos não antes de saber aonde a minha vida vai parar. Nada é definitivo no momento, ainda mais os meus sonhos e desejos.

— Claro. O que quer que tenha acontecido com você na Espanha, não tem nada a ver com a sua constante dispersão ultimamente — ele diz, sem deixar de sorrir. — Aliás, a sua viagem foi muito mais longa do que imaginei. Posso perguntar por quê?

— Pode perguntar, não significa que eu vá responder — brinco, sorrindo.

Não contei a ele sobre o motivo da minha viagem, na verdade, apesar de nos conhecermos há bastante tempo e o considerá-lo um amigo de verdade, Ben sabe pouca coisa sobre a minha família. Assim como eu sei sobre a dele, ambos estamos dispostos a manter os nossos próprios segredos. É melhor dessa forma.

— Foi o que eu imaginei. — Ele balança a cabeça, organizando os

documentos de forma alinhada, antes de guardá-los em uma pasta. — A propósito, a sua mãe me ligou algumas vezes. Ela deve ter ligado para o Damian também.

— Como ela tinha o seu número? — indago surpreso.

— Eu devo ter deixado com ela, alguma das vezes em que precisei depositar dinheiro em sua conta.

— Azar o seu, agora ela não vai te dar sossego. Troque de número — o aconselho com naturalidade, eu mesmo já fiz isso diversas vezes.

— Você poderia atender as suas ligações, às vezes.

— Não estou com paciência para isso agora. — Nem nunca, é provável.

— Ela é sua mãe, Evan — ele diz de forma sucinta, como se esse fato por si só já explicasse tudo.

Ela é sua mãe, Evan... E daí se ela te negligenciou de todas as formas possíveis durante anos? Ela ainda é sua mãe.

Ele é seu pai, Evan... E daí se ele te abandonou toda a sua vida e só apareceu quando foi conveniente... Ele ainda é seu pai.

Simples como ligar um interruptor, só que o meu está quebrado.

— Engraçado — digo rindo, apoiando os meus cotovelos na mesa para olhar para ele. — Toda vez que eu me esqueço desse fato, sempre tem alguém para me lembrar. Ela só quer dinheiro.

— Estranho que você nunca se nega a lhe dar dinheiro, mas não pode apenas atender uma simples ligação.

— Isso me custa muito mais do que um pouco de dinheiro e, enquanto for possível, eu irei comprar a minha paz.

— Ok, você é quem sabe — Ben diz lentamente ao se levantar. — Vou resolver isso.

— Você deveria tentar o mesmo, não atenda as ligações do seu pai ao menos uma vez, é muito bom — murmuro para provocá-lo.

— Cale a boca! — Ele ri, mostrando o dedo do meio enquanto abre a porta.

— Eu ainda sou seu chefe — lembro-o, sem deixar de rir também. — Onde está o seu amor pelo trabalho?

— Como se fosse possível encontrar outro escravo com eu. Você desfrutou de um mês de férias na Europa, enquanto eu estava trabalhando feito louco aqui.

— Por falar nisso... — balbucio, olhando para o celular no instante em

que uma mensagem aparece na tela. — Eu voltarei para a Espanha em algumas semanas.

— Por quê?

— Assuntos inacabados.

— Esse é um novo código para “mulher”? — ele debocha, me olhando com atenção.

— Essa é sempre a sua primeira opção — digo, girando o meu isqueiro sobre a mesa. — Mas é muito mais complexo do que isso.

— O que houve com o seu antigo isqueiro? — ele me questiona, quando toda a sua atenção se concentra no isqueiro que comprei no aeroporto.

Quem me conhece, ou conviveu comigo ao menos um pouco, sabe que eu jamais me separei daquele isqueiro. Sei que não foi nada romântico da minha parte deixá-lo com a Lizz, eu deveria ter lhe comprado brincos, ou um colar. Mas o ato de abrir mão de algo que significa tanto para mim; foi uma difícil decisão. Acho que ela nunca saberá o que isso realmente significou afinal.

— Eu o perdi — digo simplesmente. — Não sei se foi no hotel, ou no aeroporto, mas quando cheguei aqui não o encontrei.

— E você está tão tranquilo sobre isso? — ele continua, me olhando desconfiado.

— Eu já chorei pela manhã — resmungo, me levantando também. — O que você quer que eu faça?

— Pareça um pouco triste. Ele não era o seu talismã ou algo assim?

— Não exatamente isso. — Dou risada, me encostando à mesa e cruzando um pé sobre o outro. — Acho que no fundo era apenas um apego tolo a um objeto.

— Como um bebê e sua chupeta — ele me provoca.

— Como você e o seu gel de cabelo.

— Idiota! — Ele ri, mostrando o dedo para mim novamente. Porque é a única coisa que ele sabe fazer, tenho dúvidas se Ben já falou um único palavrão na vida... seu pai não aprovaria.

— Também senti sua falta, amigão.

— Bem-vindo ao lar — Ben recita, antes de fechar a pesada porta de madeira e me deixar sozinho.

Lar? Será que eu, enfim, me sinto em casa? Eu senti falta da minha vida aqui, dos meus amigos e trabalho; até mesmo da paisagem. Se você

morou um longo tempo em algum lugar, se sentirá familiarizado, assim que pisar novamente no mesmo solo. É natural... eu só tenho medo de sentir ainda mais falta de certa espanhola de sorriso lindo e brilhantes olhos verdes. Ao mesmo tempo, eu fui cem por cento sincero e não me vejo morando na Espanha, embora seja um lindo país. Isso nos coloca em um grande labirinto, do qual eu dificilmente enxergo a saída.

Passo a mão pelo cabelo, ainda olhando para a porta fechada, antes de voltar a me sentar atrás da minha mesa. Estico a mão para o meu celular e desbloqueio a tela: uma mensagem de Lizz. A primeira do dia.

Oi, estranho 😊

Eu não posso evitar um sorriso, nem mesmo uma batida mais rápida em meu coração. Não posso evitar gostar das suas carinhas sorridentes e da infinidade de carinho que eu sinto nessas duas palavras.

Oi, Lizz. Você precisa de um novo apelido para mim, não sou mais um estranho... ou será que sou?

Digito rápido e olho ansioso para o celular à espera de sua resposta. Pesquisei o fuso horário entre os nossos países e sei que é de nove horas, talvez um pouco mais. Ainda nem almocei, mas sei que ela já deve estar se preparando para dormir. Essa é apenas mais uma das coisas que nos separam, a vida parece estar disposta a criar milhões de motivos para nos afastar.

Tem razão, você não é; mas eu gosto de chamá-lo assim. Tenho um apego sentimental a esse apelido.

Olho para a sua resposta, enquanto giro a minha cadeira para a janela. Isso me dá uma vista do estacionamento e não é nada charmoso, eu admito. Mas eu não me importo, porque basta fechar os olhos e ter diante de mim a imagem mais linda de todas.

Eu imaginei que diria isso. Como foi o seu dia?

A sua resposta é imediata.

O mesmo de sempre. TODOS os meus pacientes estão bem, foi um dia tranquilo. E o seu?

Mensagem subliminar recebida com sucesso e o meu dia mal começou, mas está ok.

Ela sabe que eu jamais perguntaria sobre Victor, foi inteligente da sua parte, mais essa informação não faz diferença nenhuma para mim.

Não tem mensagem nenhuma, Sr. Carter. ♥ Eu me esqueci do fuso horário, é uma droga.

Sim, definitivamente é. Posso te ligar?

Eu detesto mandar mensagem, digitar, enviar, aguardar a resposta; isso não é para mim. Mesmo que seja sempre divertido quando a pessoa do outro lado é a Lizz. Mas eu definitivamente quero ouvir a sua voz agora. Ela foi a única pessoa com quem convivi durante semanas, a voz que eu ouvia antes de dormir e quando acordava. Não importa se ela vai soar triste, se isso vai confirmar que parti seu coração; ainda quero ouvi-la mesmo que por alguns minutos.

Claro, eu adoraria Evan!

Eu procuro rapidamente o seu número em meu histórico e clico em ligar. Não sei se isso seria realmente possível, mas posso jurar que depois de meio segundo apenas, Lizz atende.

— *Evan* — ela diz meu nome com ansiedade, soando muito mais como uma pergunta e não uma saudação.

— Sou eu — afirmo, fechando os olhos enquanto me concentro em sua voz. — A não ser que você esteja esperando outra ligação.

Talvez o pensamento de que outro homem lhe ligue me cause um ciúme inédito, que eu prefiro ignorar nesse momento.

— *Não, ninguém me liga... isso inclui você.*

— Isso foi injusto, já que eu te liguei e você não pôde atender — lembro-a, recebendo um suspiro em resposta — Como você está?

— *Bem, estou muito bem* — ela se apressa em dizer. — *Estou ótima.*

— É muito mais fácil mentir pelo telefone, não é?

— *Não estou mentindo, Evan. Eu estou realmente bem, fiquei triste por um tempo; mas eu não sou uma criança birrenta.*

— Eu sei disso, mas tudo bem ficar chateada.

— *Já que tocou no assunto* — ela me interrompe, me fazendo rir. — *Eu gostaria de ter sido acordada enquanto você saía, queria ter me despedido de forma correta.*

— Nós nos despedimos no dia anterior, Lizz e eu odeio despedidas — digo como se fosse um especialista em despedidas. Mas a verdade é que eu nunca me afastei realmente de alguém que fosse importante para mim, não antes de Lizz.

— *Eu deveria ter tido o direito de escolher, foi horrível acordar sozinha daquele jeito.*

— Eu só pensei em te preservar, nada, além disso.

— *Acho que está evidente para nós dois, que é impossível manter o meu coração intacto; ainda mais quando sabe que eu me apaixonei por você, Evan.*

Eu sei, eu definitivamente sei, já que sempre estive tão evidente em seus olhos e era doloroso enxergar esse amor cada vez que nos olhávamos. Ainda assim é diferente ouvi-la confessar sem nenhum medo; me deixa paralisado e sem palavras... porque, droga, eu não sei se sinto o mesmo por ela e seria horrível dizer em voz alta. Que tipo de pessoa não sabe sequer o que sente? Eu, apenas eu.

— Lizz... — deixo o seu nome soar pela minha boca, enquanto me sinto o pior homem do mundo.

— *Tudo bem, eu sei que você gosta de mim.*

— Você é especial e importante...

— *Assim como o seu isqueiro?* — ela pergunta rindo, mas definitivamente não é um riso divertido. — *Porque você está vivendo sem ele, especial não é sinônimo de insubstituível.*

— Eu não tenho certeza se posso viver sem ele, ainda estou descobrindo se realmente posso — falo, me referindo a ela e quando ela ri de forma verdadeira, percebo que entendeu. — E eu sinto muita, muita falta dele.

— *Sente mesmo?*

— Sim, sinto mesmo.

— *Eu também sinto a sua falta, foi definitivamente horrível dormir*

sem você nas duas primeiras noites.

— Mas eventualmente você se acostumou. É verdade que a distância traz o esquecimento?

— *Ainda é cedo para dizer* — replica, fazendo-me sorrir. — *As suas memórias ainda estão seguras comigo, mas eu te aconselho a não demorar demais.*

— Estou aqui há três dias.

— *Eu sei, mas parece uma eternidade para mim* — confessa, como se fosse mais difícil dizer isso, do que admitir que está apaixonada por mim. — *Então, já matou todas as saudades? Visitou todos os amigos? Foi à praia?*

— Eu nunca vou à praia.

— *Não é verdade. Como alguém pode morar em um lugar tão lindo e não desfrutar de todas as suas belezas?* — ela me censura com verdadeira ignição na voz.

— Depois de um tempo acaba ficando enjoativo. Para você seria algo totalmente novo, sei que adoraria estar aqui — digo, sabendo que eu também adoraria que ela estivesse aqui. — O meu convite ainda está de pé, posso te mandar uma passagem quando quiser, basta só me avisar.

— *Se eu pudesse realizar um único desejo, seria o de estar com você; não importa realmente aonde fosse* — ela sussurra, com a tristeza da qual eu quis tanto fugir, muito presente em sua voz. E isso vai direto ao meu coração. — *Mas eu não posso, você sabe.*

— Eu sei e entendo, mas não posso deixar de insistir — brinco, querendo desesperadamente fazê-la sorrir.

Se estivéssemos juntos, eu a abraçaria e tudo ficaria bem; mesmo que por um pequeno instante. Eu me sinto impotente agora, por não poder estender a mão e tocar o seu rosto e colar a minha boca na sua. Era tudo o que eu queria agora, uma única vez... uma última vez.

— *Você vai voltar, não é?* — ela pergunta em um fio de voz.

— Eu irei, eu te dou a minha palavra.

— *Agora que está aí, sabe quando tempo irá demorar?* — Lizz questiona com hesitação, ofegando antes de continuar. — *Eu não quero parecer pegajosa ou algo assim...*

— Não se preocupe, eu não me importo com a pergunta — eu a interrompo, tentando acalmá-la. — Ainda estou me adaptando, esses primeiros dias foram uma bagunça; eu preciso de um tempo para me organizar.

— *Em três semanas será o meu aniversário.*

— Jura? — Me levanto, surpreso com as suas palavras e o quão importante elas se tornam em segundos.

— *Sim* — ela afirma em um murmúrio.

— Nós conversamos centenas de vezes, por que você não me contou?

— *Eu não sei, talvez por detestar ficar mais velha* — ela responde com voz jocosa e nós rimos juntos. — *Mas quando eu penso em uma única pessoa com a qual gostaria de passar o meu aniversário, esse alguém é você, Evan.*

Soa como uma chantagem emocional e se qualquer outra pessoa tivesse me dito essas palavras, essa seria exatamente a minha constatação. Sentiria me pressionado e isso me afastaria, ao invés de me trazer para perto. Porém, eu não imagino Lizz fazendo algo assim. Ela é sincera e transparente demais para fazer joguinhos e camuflar seus sentimentos e eu sei imediatamente que tudo o que me disse é verdadeiro. E se puder ser sincero comigo mesmo, ela seria a única pessoa com quem eu gostaria de estar se hoje fosse o meu aniversário.

— Eu não posso prometer você sabe disso — começo, depois de um tempo em silêncio.

— *Eu sei e não quero uma promessa, mas se você estiver aqui ao final de tudo, eu saberei que sou realmente importante... que sou realmente especial.*

Ofego, encostando a minha testa no vidro frio da janela à minha frente, enquanto penso. Se não existisse mais nada que me prendesse aqui, o único caminho que restaria é o que me leva até Lizz. Mesmo agora, com tudo o que me mantém longe, preciso lutar com a vontade de subir no primeiro avião e encontrá-la novamente.

— Eu estarei aí — afirmo imaginando o seu sorriso, quando fecho os olhos mais uma vez.

— *Verdade?* — A sua voz parece genuinamente alegre e percebo o quanto quero fazer feliz.

— Sim... qual será o seu presente? Escolha qualquer coisa e eu te darei.

— *Um beijo... um beijo seu.*

— Tão simples assim?

— *Parece impossível desde que estamos tão distantes, mas faça a sua mágica, Evan; torne isso possível.*

— Então, ok... um beijo — digo lentamente, me virando para a porta recém-aberta, quando Ben se encosta a ela e aponta para o seu relógio. — Ele

será seu.

— *Nunca estive tão ansiosa para um aniversário* — ela afirma com um riso na voz. Automaticamente estou sorrindo também.

— Eu preciso ir agora, sinto muito.

— *Sem problemas, nos falamos mais tarde.*

— Estarei esperando. — Prendo o celular em meu rosto, ao mesmo tempo que recolho o meu paletó da cadeira e o visto com pressa.

— *Tchau, Evan.*

— Tchau, Lizz.

Encerro a ligação, mas ainda fico olhando para a sua foto em meu celular. Eu não fui capaz de lhe dizer que me apaixonei por ela também, entretanto tenho uma foto sua enquanto dorme. Foto essa que eu tirei sem autorização, apenas para olhar a cada segundo que posso... acho que os atos falam mais que palavras.



Um dia de cada vez

Lizz

Já me disseram que é perfeitamente possível viver com um coração partido, eles estavam certos. Desde que você minta para si mesma o tempo todo, se autoconvença que, apesar de todas as rachaduras, ele ainda está inteiro em seu peito. Finja até se tornar real — esse tem sido o meu lema. Tem funcionado... quer dizer, não muito, mas continuo tentando.

Faz dez, infinitos, longos e intermináveis dias que Evan se foi e é óbvio que eu não poderia estar feliz quando sinto um mar de saudades dele. Talvez um oceano, o mesmo que nos separa agora. Mas tenho persistido com todas as forças e as pessoas ao meu redor não parecem notar tão facilmente que os meus olhos já não brilham como antes. É difícil, quase avassalador, porém a vida segue; não importa se você está com um buraco no peito, a vida continua dia após dia. Se existe algum consolo nessa situação toda é que Evan tem sido absolutamente lindo comigo... Isso me surpreende? É óbvio que sim. Não que eu pensasse o contrário, mas confesso que achei que essa distância física entre nós, também traria uma distância emocional. Que ele usaria sim, essa oportunidade para se afastar lentamente de mim, até que não restasse nada além de lindas e dolorosas lembranças. A triste sensação de que tudo o que vivemos foi apenas um sonho. É provável que a minha alma tão machucada e carente, tenha criado em minha mente o cenário mais triste possível. Se eu me preparasse para o pior, não sofreria tanto assim quando ele chegasse, embora eu saiba que isso não é verdade — eu sofreria de qualquer maneira. Nos primeiros dias, quando trocamos poucas e informais mensagens e eu estava tão desolada com a sua ausência, me deixei afundar em uma espiral de desesperança e chorei feito uma boba — literalmente uma boba apaixonada. Eu nunca direi ao Evan, porém ele não precisa saber que eu me comporto feito uma adolescente vivendo o seu primeiro amor, mesmo que eu tenha feito exatamente isso, ao lhe dizer que estou apaixonada na primeira oportunidade que tive. Mas as palavras estavam me sufocando e precisavam ganhar vida em meus lábios. Foi o que fiz e sem arrependimentos... O seu silêncio doeu, entretanto a questão é: ele não me ama ainda, mas me amará eventualmente. Ei, eu posso ter esperanças!

Minhas esperanças são o que me mantém sorrindo, cada vez que eu tenho vontade de chorar, e choro pelas coisas mais estúpidas. Como o fato de que eu dormi com a sua camisa todas as noites na primeira semana e precisei lavá-la em algum momento. Ou seja, o perfume de Evan simplesmente desapareceu dela. O mesmo aconteceu com os meus lençóis. Já tentou se lembrar do perfume de alguém que se foi e você amava muito? Se sim saberá o quanto essa tarefa é difícil, para não dizer impossível. Eu quis muito chorar pelas rosas azuis também, porque elas ocasionalmente murcharam e morreram. Por que as flores morrem? Deus, isso é tão triste! Fiz tudo o que poderia para conservá-las o máximo de tempo possível, mas após seis dias elas já estavam começando a mudar de coloração e aspecto. Eu me culpei, talvez eu devesse ter me dedicado mais, ter sido mais atenciosa. Ao final, tudo o que me restou foi destacar algumas de suas pétalas e guardá-las em meu exemplar favorito de *Orgulho e Preconceito*. Pode ser que daqui a alguns anos, eu possa mostrar essas pétalas a alguém especial e tenha uma boa história de amor para contar. Ou pode ser que elas sejam a única lembrança concreta que eu tenha de Evan. Esse último pensamento também me faz querer chorar. Estou vivendo a mais infundável TPM da minha vida e acho que isso não tem absolutamente nada a ver com os meus hormônios, ou eles tenham somente parte da culpa.

Eu me encolho em minha cama, jogando o travesseiro sobre a minha cabeça quando o meu celular toca. Embora eu já esteja acordada há alguns minutos, a simples constatação de que preciso me levantar, colocar um sorriso no rosto e desfilá-lo por aí faz com que eu tenha vontade de me esconder embaixo dos lençóis. É uma pena que eu não tenha esse privilégio e me esconder do mundo seja a última coisa que eu possa fazer agora. Desligo o meu alarme e me levanto. Toda a minha rotina da manhã é feita de modo automático. Banho, troca de roupa, maquiagem, café da manhã... toda uma sequência que me trazia alegria e satisfação, mas que agora parece sem cor. Eu não passei tanto tempo com Evan, não a ponto de não me lembrar como era viver sem que ele seja uma parte tão imprescindível da minha vida. Mas eu só sinto um pouco de paz, após ler a sua mensagem de bom dia. Tem sido assim desde que estabelecemos uma rotina confortável entre os nossos fusos horários. Eu sei que, enquanto estou me preparando para o meu dia de trabalho, Evan está no auge do seu; mesmo assim ele sempre encontra tempo para mostrar que mesmo longe eu ainda sou uma parte da sua vida. Isso me deixa genuinamente feliz por alguns minutos e um pouco mais apaixonada

também.

São sete e quinze, quando eu me sento em minha mesa com uma xícara de café em uma mão e o celular na outra. É o mesmo ritual que se repete todos os dias. Namoro à distância — ou o que quer Evan e eu estejamos vivendo — é definitivamente uma droga.

Sopro a fumaça do meu café para longe, enquanto olho para o celular. Cinco segundos depois uma mensagem aparece na tela, o meu coração perde uma batida, é sempre assim, exatamente a mesma sensação todas as vezes. Deslizo lentamente o meu dedo sobre a tela e abro a mensagem.

Bom dia, Lizz. 😊

É realmente verdade, carinhas sorridentes nos fazem feliz, mensagens de bom dia também. Mas mensagens de bom dia do homem que você ama e que está a quilômetros de distância e, ainda assim pensa em você, te faz um milhão de vezes mais feliz.

Bom dia, Evan. ♥ Você aprendeu a usar um emoji, isso é emocionante.

Olho para a tela enquanto ele digita e me pergunto se ele está sorrindo agora, porque eu estou. E gostaria de encapsular esse momento em que somos só ele e eu, sem inseguranças, medos e tantas incertezas.

Rsrs vamos fingir que eu realmente não sabia fazer isso e aprendi apenas para deixá-la feliz... funcionou?

Sempre funciona, se ele soubesse que o simples fato de existir já me faz feliz.

Que romântico ♥ Uma faceta totalmente nova de Evan Carter?

Eu achei um emoji romântico, a minha carência é ainda maior do que eu pensei.

Eu posso ser romântico. Achei que já tivesse sido com as flores e tudo mais.

Evan é um dos homens mais gentis e educados que já conheci, isso

depois que ultrapassamos a barreira de — enfermeira do meu indesejado pai — e nos tornamos algo além disso. Só que eu nunca enxerguei romantismo em suas atitudes comigo, apenas gentileza e preocupação; talvez eu estivesse cega.

Você foi, só teria sido mais, se tivesse me acordado e se despedido.

Você definitivamente jamais se esquecerá disso, não é?

Dou risada enquanto digito, isso me lembra o quanto minha mãe ressaltava a minha teimosia e me dizia que a minha memória poderia ser gigante, principalmente para as coisas que eu deveria esquecer.

Eu posso ser um pouco teimosa às vezes, mas, quando você estiver outra vez aqui, nada disso terá importância.

E eu estarei. Preciso ir agora, te ligo à noite!

Ok. Beijos, sinto a sua falta!

Eu também sinto. ♥

Olho para o celular, enquanto releio inúmeras vezes as suas últimas palavras. Como alguém pode se sentir feliz e triste ao mesmo tempo? Completa, mas ainda assim com um vazio imenso no peito. Não existe uma explicação para sentimentos tão ambíguos, mas é exatamente assim que eu me sinto. Como se Evan me desse um sopro de ar e roubasse a minha respiração no instante seguinte. E estou enlouquecendo, por ainda olhar para o celular, quando eu deveria estar saindo para o trabalho.

Saio vagarosamente da minha cadeira e deixo minha xícara dentro da pia, antes de escovar os dentes e pegar a minha bolsa. Chego à clínica vinte minutos depois e a primeira pessoa que encontro é a Glória, ela me acena animada da portaria, enquanto espera que eu a alcance. Em qualquer outro momento da minha vida, eu teria o mesmo sorriso e animação que ela; menos hoje, menos nos últimos dez dias. Mesmo assim, é óbvio que eu finjo. É nessa parte em que o fingir até se tornar real entra. Além do mais, eu não contei a ela sobre o Evan, nem sobre a parte de lágrimas e corações partidos.

Eu não sei se ela entenderia.

— Bom dia, Lizz — ela me cumprimenta com alegria, seguido de um abraço de saudação.

— Bom dia, Glória — retribuo, enquanto passamos pela portaria. — Você está animada hoje.

— E por que não estaria, olhe para esse dia lindo! — ela exclama, abrindo os braços como se estivesse em um musical.

Eu rio, antes de perguntar:

— Eric estava aqui ontem, não estava?

— Ele ainda está — conta, balançando os cílios para mim. — Ele vai ficar a semana toda.

— E depois?

— Depois ele volta para o seu trabalho e eu continuo aqui.

— Então vocês namoram a distância, por Skype ou mensagens? — questiono, fechando e abrindo os olhos para me adequar a luz interna quando chegamos ao pátio. — Isso parece ruim.

— Por quê? São apenas trinta minutos de avião até Madri — Glória diz enquanto caminhamos até o vestiário. — A nossa distância não é tão grande assim.

— De qualquer forma, se você ama alguém, quer vê-lo todos os dias e dividir a sua vida com ele; sem distâncias entre vocês.

— Nós iremos nos casar em um ano e eventualmente eu terei que me mudar para Madri — ela diz com um sorriso, ao abrir o seu armário; eu faço o mesmo.

— Simples assim? Você vai desistir tão facilmente do seu emprego?

— Eric e eu estamos namorando há quatro anos, nós brigamos muito, muito mesmo, até chegarmos à conclusão de que seria melhor que eu mudasse. Ele não encontraria emprego aqui, quando eu posso facilmente trabalhar em Madri. O amor exige sacrifícios. Você não faria o mesmo?

— Não sei — balbucio vagamente, enquanto prendo o meu cabelo após colocar o uniforme. — Talvez... se não houvesse outra solução.

Infelizmente a distância entre mim e Evan, é infinitamente maior que os trinta minutos entre Mijas e Madri. Eu teria que desistir de tudo. Da minha família, amigos, carreira e país e me adaptar a uma cultura totalmente diferente da minha. Não que Evan tenha me proposto algo assim para que eu esteja cogitando a possibilidade de uma mudança. Mas já que ele deixou tão claro que não moraria aqui, estou deduzindo que para que nós possamos ficar

juntos, eu terei que desistir da vida que tenho hoje. Não parece tão difícil, quando eu percebo que a vida sem ele não tem graça alguma.

— Então, está animada para o seu aniversário? — Glória me pergunta, quando fecho a porta do meu armário e a encontro me olhando.

— Você não faz ideia — eu falo, sorrindo ao pensar em meu pedido de aniversário.

— Nós podemos sair, faz muito tempo que não fazemos isso.

— Não sei se estarei livre — murmuro, dando de ombros. — Nos falamos novamente quando a data estiver próxima.

— Ok, mas prometa pensar com carinho — pede, apertando o meu braço. — Quem sabe a sorte não te sorria no dia do seu aniversário.

— E isso significa o que exatamente?

— Um homem lindo te levando para casa ao final da noite. — Glória se afasta piscando para mim.

— Uau, isso sim é presente! — Dou risada, me afastando também. — É exatamente o que eu quero ganhar.

Com a exceção de que eu já tenho o meu homem lindo, só preciso que ele esteja no mesmo lugar que eu e me leve para casa ao final da noite. Não me recordo de já ter feito um grande pedido em meu aniversário, eu sempre desejei coisas simples; portanto acho que tenho crédito para um pedido mais elaborado dessa vez. Se os pensamentos realmente possuem força, os meus certamente trarão Evan até mim, assim como ele me disse que faria. Porque por mais que eu me entregue ao trabalho e me concentre de corpo e alma, ainda assim, ele não sai da minha mente. Ao final do dia, eu tive centenas de pensamentos que me dispersassem em algum momento e todos giravam em torno de Evan.

Até mesmo quando estou ajudando Dolores a arrumar as suas malas, tudo que me vem à mente é o momento em que vi Evan fazer o mesmo.

— Eu sentirei a sua falta — digo a ela, ao fechar o seu casaco fino. — Você irá voltar, não irá?

Que tipo de enfermeira pergunta ao seu paciente se ele vai voltar? Mas Dolores está aqui a maior parte do tempo como uma hóspede. Amo tê-la por perto e quando ela está de bom humor, temos grandes conversas. Embora ela não se lembre muito do que eu disse, no dia seguinte; ela costuma ser uma ótima ouvinte.

— Eu não sei, querida — ela diz confusa, tocando o meu rosto. — Talvez sim, talvez não.

— Talvez... — repito, beijando o seu rosto com carinho. — O seu filho estará aqui em breve. Precisa de mais alguma coisa?

— Eu estou bem, Lizz. — Eu a olho surpresa por ela se lembrar do meu nome hoje. Então sorriso, antes que ela complete. — Seus olhos parecem tristes ultimamente.

Ela é a primeira pessoa a notar esse fato, nem mesmo Glória foi tão perspicaz a ponto de perceber a tristeza através do meu sorriso. É provável que minha mãe tivesse detectado com facilidade também, se nós nos víssemos com mais frequência. Mas com Dolores, Victor e os outros pacientes, eu achei que estivesse fazendo um ótimo trabalho ao esconder os meus sentimentos. Ao que parece, eu estava errada.

— Não estou exatamente triste — digo, por fim. — Estou apaixonada.

— Isso não seria motivo para estar feliz?

— Seria, se o homem por quem você se apaixonou estiver no mesmo país que você. O que não é o meu caso agora.

— Isso é romântico — ela exala, enquanto parece pensar melhor no assunto. — Uma prova de fogo para o amor de vocês, a distância pode fortalecê-lo. É bom sentir saudades, perceber a exata importância que o outro tem em nossa vida.

— Não sei se ele me ama também...

— Como ele poderia não te amar? Você é tão doce e linda, Lizz.

— Obrigada, você é que é linda — sussurro. — Quem dera esses fossem os únicos requisitos necessários para alguém me amar.

— Ele é bonito? — Dolores pergunta com interesse, me fazendo rir. — Tem uma foto com você?

— Sim — afirmo para as duas perguntas.

Tiro o meu celular do bolso e procuro uma foto de Evan. Não é que eu precise procurar por ter somente algumas, eu preciso sim, escolher qual delas eu mais gosto. É possível que de todas elas. Encontro uma que estamos juntos, sorrindo. Eu amo essa foto, deveria emoldurá-la e colocá-la em minha parede. Entrego o celular para Dolores e espero em silêncio enquanto ela analisa a foto.

— Ele é lindo, vocês são perfeitos juntos — ela elogia, me entregando o celular. — E o seu sorriso é tão verdadeiro, os seus olhos brilham quando fala dele.

Sorriso, tocando a foto em meu celular.

— Estão brilhando agora — ela continua, me fazendo olhá-la mais uma

vez. — Ele vale a pena?

— Sim, muito — respondo com convicção. — Ele vale muito!

— Então espere, o amor precisa de paciência, abnegação, muitas vezes. Nem sempre é fácil, mas merece todos os nossos esforços quando é verdadeiro.

— Aceitar os dias ruins, para merecer os bons — completo, ganhando um sorriso seu. — Estou tentando fazer isso.

— Não desista — ela me anima.

— Eu não irei — prometo ao abraçá-la. — Obrigada por dividir a sua sabedoria.

— Me sinto feliz por estar consciente hoje, talvez eu não me lembre de nada, na próxima vez que nos encontrarmos.

— Eu não me importo — digo com sinceridade. — Foi bom finalmente falar com alguém.

Eu a abraço uma vez mais, demoradamente agora; então saio do quarto. O amor precisa de paciência... eu posso ser paciente? Talvez isso exija muito de mim, mas preciso tentar. Ainda faltam duas semanas para o meu aniversário, é claro que Evan poderia me surpreender e aparecer antes; mas sendo bem realista, eu sei que as chances são quase nulas. Uma pequena parte de mim ainda tem medo de que ele não apareça no dia esperado, porém, não quero pensar nisso agora. Quero apenas correr até a minha casa, tomar um longo banho e me sentar na cama à espera de sua ligação da noite. Às nove horas, eu estou entre os meus travesseiros, vestindo a sua camisa — sem botões — e xeretando o meu celular. Nós não trocamos mensagens durante o dia por causa do nosso fuso horário. Por isso fico surpresa por encontrar várias mensagens não lidas de Evan. São fotos, fotos de apartamentos é o que parece. Olho com atenção cada uma das dezenas de fotos envidas por Evan há algumas horas. Não sei o que elas realmente significam, mas não posso deixar de escolher as minhas favoritas. Eu reenvio as fotos para o meu e-mail e me levanto em busca do meu computador. É nesse instante em que meu celular toca: Evan.

— Oi... — sussurro, após atender.

— Oi, *Lizz* — ele retribui com um sorriso na voz. Deus, eu amo tanto essa voz.

— Posso saber por que me enviou tantas fotos de apartamentos? — indago, assim que encontro o meu computador na sala e volto para a cama. — Virou corretor de imóveis?

Ele ri, causando borboletas em meu estômago e me fazendo sorrir. Abro as fotos em meu computador, enquanto espero uma resposta sua.

— *Você sabe que eu tenho dormindo em um sofá desde que cheguei aqui, não sabe?*

— Acho que me falou vagamente. Aposto que sente falta da minha cama agora.

— *Eu sinto muito mais do que pode imaginar* — murmura, me fazendo prender a respiração. — *Mas apenas porque você dorme nela todas as noites, e só para você saber, eu dormiria em um sofá sem reclamar, se estivesse nele comigo.*

Jogo me no travesseiro e sorrio silenciosamente para o teto.

— Eu também dormiria em um sofá se você estivesse nele e acharia o lugar mais maravilhoso para se dormir.

— *Bom saber...* — ele diz lentamente.

— Mas voltando às fotos. — Eu o lembro ao me sentar novamente. — Vai comprar um apartamento, é isso?

— *Em algum momento eu terei que fazer isso, comecei a visitar alguns imóveis essa manhã. O que achou deles?*

— São todos lindos, de verdade, realmente lindos.

— *Qual o seu favorito?* — ele pergunta com naturalidade.

— Hummm... — penso, enquanto mudo as fotos com pressa até chegar às minhas favoritas. — Eu gostei do apartamento número quatro, aquele com janelas de vidro do chão ao teto e a pequena escada em espiral. É um duplex?

— *Sim.*

— É incrível, me apaixonei pelo banheiro também, é do tamanho do meu apartamento inteiro.

— *Eu não chegaria a tanto* — replica rindo. — *Foi o meu favorito também.*

— Verdade?

— *Sim* — ele afirma. — *Se eu o comprar, você virá me visitar? Quem sabe me ajudar com a decoração?*

— Evan, eu não posso... — digo com pesar. Gostaria de poder, jogar tudo para o alto sem me preocupar com o depois.

— *Você pode, se quiser... você quer?*

Fecho os meus olhos, apertando o celular um pouco mais forte, enquanto ouço a respiração suave de Evan do outro lado. Quando nos falamos pelo telefone, assim com tanta naturalidade, eu me esqueço da

distância, me esqueço do tempo, me esqueço até que ele não me ama também. Porque quando age desse jeito, ele me deixa confusa.

Seu silêncio me diz uma coisa, suas atitudes me dizem outras; em quem devo confiar?

— *Lizz!* — ele me chama, interrompendo as minhas divagações — *Responda a minha pergunta, você quer?*

— Eu quero — digo com a voz baixa. — Mas você terá que vir me buscar primeiro.

— *Eu irei, porém, talvez eu te mantenha presa aqui na Califórnia.*

— Isso é uma promessa? — pergunto, olhando para o calendário que mantenho preso à parede.

Eu tenho riscado todos os dias que me faltam para o meu aniversário, como um presidiário em filmes antigos. Contando os dias, horas e minutos para me reencontrar com ele. E ele quer me manter presa, espero que não me solte nunca mais.

— *Quem sabe* — diz por fim, enquanto eu imagino o lindo sorriso torto.

Paciência, Lizz. Paciência.

— Como foi o seu dia? — pergunto, me afundando em minha cama e deixando a sua voz me envolver em um abraço.



Aquela garota

Evan

Estaciono em frente ao estúdio de Damian e deixo a familiaridade do local me atingir, enquanto dezenas de lembranças me vêm à mente apenas por olhar a sua fachada. Durante anos esse local significou muito para mim e, embora não faça tanto tempo, a sensação é que estive aqui pela última vez há séculos. Talvez por sentir que tudo o que eu fiz antes da minha viagem à Espanha tenha ficado em outra vida. É como se estivesse em transformação, uma da qual eu não posso fugir, deixando parte de mim para trás e aceitando novos caminhos. Justo eu que sempre acreditei em escolhas, me sinto impelido pelo destino de todas as formas possíveis agora. E ao que parece, o meu destino está a quilômetros de distância me esperando com ansiedade... se eu puder ser completamente sincero, também estou louco para reencontrá-la. A minha mala que nunca foi desfeita por completo, ou as passagens que comprei com dias de antecedência, são provas concretas disso. Faltam três dias para o aniversário de Lizz e a minha viagem está marcada para amanhã à noite, mas eu ainda não lhe contei sobre isso.

Não sei se é porque quero lhe fazer uma surpresa, ou ter o direito de desistir na última hora... embora eu saiba que é provável que o destino nos colocasse juntos de qualquer forma. Se eu não fosse até ela, talvez ela viesse até mim ou simplesmente nos encontrássemos no caminho, como foi quando nos conhecemos. Mas não irei magoá-la dessa forma, nesse momento as minhas dúvidas se tornaram ínfimas se comparadas à vontade que eu tenho em abraçá-la apenas. Se estar longe me mostrou alguma coisa, foi que os meus sentimentos por Lizz são ainda maiores do que eu achei que fossem quando nos separamos. As intermináveis ligações e mensagens que nós trocamos se tornaram de repente, a melhor parte do meu dia. Eu posso dizer que ergui as minhas barreiras, porém, ao final de tudo, Lizz encontrou um espaço e se esgueirou para dentro; ganhando a cada dia um espaço maior em meu coração.

Desço do carro e o fecho, no mesmo instante em que Guy abre a porta do estúdio. Ele deve ter visto o meu carro pela janela e a minha indecisão em entrar, quando tudo o que eu estava fazendo era pensar em Lizz, mais uma

vez. Ele me vê e sorri, estendendo a sua mão para mim assim que chego até ele.

— Não acredito, Mr. Carter está de volta. — Ele ri, apertando a minha mão enquanto bate o seu ombro no meu. Ele pode ser um grande cara, *literalmente*, mas o seu sorriso o entrega logo. Ele é a pessoa mais amigável que eu conheço. — Eu apostei com Damian que você não voltaria tão cedo.

— Vocês apostam sobre tudo, a maior parte do tempo — eu o censuro rindo, ao caminharmos juntos para dentro. — Como estão as coisas por aqui?

— Tudo tranquilo — fala, se encostando ao balcão da recepção, enquanto cruzo os meus braços e o olho. — Quando chegou?

— Já faz um tempo na verdade... E o Damian?

— Lá em cima, retocando uma tatuagem — ele conta, apontando para as escadas com um gesto de cabeça. — Já deve estar no final.

— Eu vou esperar — digo me encostando ao balcão também e ficando ao seu lado.

— Como foi na Espanha? — pergunta com um sorriso. — E as espanholas, são lindas como dizem?

— Quem disse? — devolvo a sua pergunta com uma risada.

— Os filmes, as revistas — replica, dando de ombros.

— Eu viajei a trabalho — minto. — Não conheci muitas pessoas.

— Que pena — murmura, mexendo em seu brinco. — Nós apostamos que você se apaixonaria também.

— Meu Deus, vocês ficaram mesmo entediados sem mim.

— Um pouco... — ele admite em tom brincalhão. — Levy ganhou, porque Damian e eu acreditávamos em você e no seu poder de sedução.

— Vocês são doentes. — Balanço a cabeça incrédulo, mas ainda assim acho graça em suas palavras. — Só não me coloquem mais em suas apostas... usem o Damian, tem muitas opções de aposta com a vida dele.

— Quem disse que nós não usamos? — ele questiona, se afastando em seguida quando o seu celular toca. — Vou atender lá fora.

Aceno em concordância enquanto o vejo sair pela porta. Estando sozinho outra vez, automaticamente me pego olhando para o meu próprio celular. São quatro da tarde aqui na Califórnia e início da madrugada na Espanha e eu sei que Lizz está dormindo nesse momento. Mesmo assim não posso evitar a mania insuportável de olhar para o celular a cada nova oportunidade.

Guy aparece novamente, no mesmo instante em que Damian desce as

escadas com o seu cliente. Guardo rapidamente o meu celular no bolso e me volto para o barulho da sua voz, sorrindo quando ele me vê. Assumo o posto de pior amigo do mundo, já que estou aqui há semanas e somente hoje consegui tempo para visitá-lo. Ele se despede do seu cliente, depois de uma rápida conversa sobre os cuidados pós-tatuagem. Eu observo de longe, esperando que Damian venha até mim e me abrace.

— Você não disse que viria — ele diz ao se afastar, o seu costumeiro e familiar sorriso no rosto.

— Quis fazer uma surpresa e já deveria ter vindo há muito tempo.

— Disso eu não posso discordar. Vamos subir? — pergunta, já caminhando em direção as escadas.

Eu o sigo, meneando a cabeça para Guy quando passo por ele na recepção.

— Sinto muito pelo seu pai — digo ao Damian quando o alcanço nos degraus, repetindo o que eu lhe disse há semanas por telefone — Eu gostaria de ter estado lá para você.

— Sabe qual a distância da Espanha até o Texas?

— Uma bem grande na verdade.

— Você jamais conseguiria chegar a tempo — me consola com voz calma. — Eu sei que sente muito e teria dado um jeito de voltar se eu tivesse lhe pedido, não se preocupe com isso.

— Como você está? — pergunto, analisando o seu rosto quando chegamos ao segundo andar.

— Estou bem, ter a Emma e o Max tornou tudo mais suportável. Eu não teria conseguido sem eles.

— Eu não posso competir com isso — digo com um meio-sorriso.

Sequer posso chegar próximo da sensação dolorosa que deve ser perder um pai, eu jamais poderia dizer que sei o que Damian sentiu ao viver isso. Mesmo com toda a complexidade da relação dos dois, tenho certeza de que ele sempre soube o quanto era amado por ele. Eu também nunca conhecerei essa sensação. É irônico que eu não queira estar no mesmo ambiente que o meu pai, quando sei que Damian daria tudo por mais cinco minutos ao lado do seu.

— E a sua mãe? Como ela está lidando com essa situação? — questiono com interesse genuíno. Eu amo a Aída, é provável que muito mais que a minha própria mãe.

— Ela está bem. Foi complicado nos primeiros dias, mas as coisas

estão se ajustando.

Solto a respiração quando chegamos à sala de tatuagem que Damian e Levy dividem no segundo andar do estúdio. É tão familiar para mim quanto o restante do local, já estive aqui dezenas de vezes para me tatuar; exatamente como farei mais uma vez hoje.

— Olha só quem está de volta! — Levy exclama, saindo de sua mesa de desenhos para me cumprimentar.

— Voltei, mas não por muito tempo — digo, apertando sua mão e o abraçando como fiz com Damian e Guy. — Volto para a Espanha amanhã à noite.

— Tão cedo? — ele me questiona com curiosidade, ajeitando o seu boné em seguida. — Eu perdi a aposta? Se apaixonou por uma espanhola?

— Quem sabe... — Dou de ombros, colocando as mãos no bolso e deixo as palavras no ar.

Ele ri, mexendo no piercing em sua sobrancelha esquerda. Damian ri também, porque ele sabe que se não fosse verdade o que Levy acabou de dizer, eu o teria corrigido no mesmo instante.

— Vou deixar vocês conversarem em paz — Levy diz passando por mim e Damian com pressa. — Foi bom te ver, cara.

— Você também.

Ficamos em silêncio até que os seus passos sumam na escada de metal, então me volto para Damian e ainda o encontro sorrindo. Sei exatamente o que esse sorriso significa e balanço a cabeça, tirando do meu bolso o pequeno pedaço de papel que trouxe comigo.

— Quero uma nova tatuagem — digo, entregando o papel a ele. — Tem tempo agora?

— Acho que sim, depende do tamanho — o observo desdobrar o papel e analisá-lo com calma. — Foi você quem desenhou?

— Está horrível, então é claro que fui eu.

— Nenhuma chance de te contratar para trabalhar comigo — ele brinca, me fazendo rir.

Ele ri também, caminhando com o desenho até a mesa de esboço que Levy esteve antes. Damian desenha tão maravilhosamente bem, que não tenho nenhuma dúvida de que ele pode transformar o péssimo esboço que fiz em uma linha tatuagem. Eu não conheço ninguém que pode fazer melhor.

— Então... — ele diz vagarosamente ao começar a desenhar. — Como foi na Espanha? Encontrou seu pai?

— Sim, eu encontrei.

— E como foi? Pior do que esperava?

— Ele me contou a linda história de amor que permeou o meu nascimento — respondo com ironia. — Basicamente me deu o seu currículo de canalhices e me fez odiá-lo um pouco mais.

— Ao menos agora você conhece toda a verdade — Damian pondera, abandonando o seu desenho para me olhar.

— Sei que a minha mãe é uma mulher amarga e egoísta, que se apaixonou por um homem casado e o meu pai é um homem de caráter questionável, que realmente acredita ter amado duas mulheres ao mesmo tempo. É uma verdade fascinante.

— A verdade nem sempre é bonita.

— Só acho que ela não precisava ser tão feia assim. — Dou uma risada seca. — Mas estou bem agora, tive tempo suficiente para absorver tudo isso.

Ele me olha por um tempo, como se soubesse que existe muito mais que deixei de contar. Eu deveria lhe dizer sobre Lizz? Ele seria a única pessoa com a qual eu me sentiria confortável para compartilhar esse assunto.

— Eu conheci alguém — conto por fim, enquanto ele volta a se concentrar em seu desenho. Mesmo assim, eu vejo o seu sorriso diante de minhas palavras.

— Eu deduzi, já que ficou um mês na Espanha, quando eu poderia jurar que voltaria na primeira semana. Achei que jamais conseguiria ficar tanto tempo longe do trabalho.

— A Espanha é um lindo país — recito rindo.

— Eu aposto que é. — Damian termina o seu esboço e se levanta, o entregando para que eu o analise. — Vai voltar para ela?

— Sim — afirmo, sem rodeios. — Talvez eu tenha sorte e a traga junto comigo.

— A tatuagem é para ela também?

Olho para o desenho em minhas mãos, a solitária rosa tão lindamente desenhada pelo Damian. É um desenho clássico, até mesmo comum para um tatuador. O que a diferencia nesse caso é o arabesco na sua haste — parece a letra L —, mas somente as pessoas mais atentas poderiam notar. Eu nem sei mesmo se Damian conseguiu perceber ao desenhar.

— Isso parece um L, é proposital? — ele me questiona, apontando exatamente para a haste.

— Sim, era o que eu queria. — Devolvo o desenho para ele, ignorando

o seu sorriso debochado. — Você pode fazê-la?

— Claro, aonde você a quer?

Tiro a minha camiseta e aponto para o espaço livre em minhas costelas, acima da minha citação em latim. É apenas uma rosa pequena e solitária, e eu não a imaginei em outro lugar do meu corpo, a não ser esse. Damian analisa o local, antes de limpá-lo e aplicar o decalque do desenho em minha pele. Fica perfeito. Eu já me ajeito na cadeira de sua estação e espero o esboço secar, ao mesmo tempo que observo Damian ajeitar o seu material.

— Será azul — digo, quando o vejo escolher entre as suas tintas a cor vermelha.

— Uma rosa azul — ele recita, trocando as cores e se aproximando enquanto coloca suas luvas pretas. — Por que isso me lembra a minha mãe?

— Porque ela amava rosas, você não se lembra de todas as histórias que ela nos contava?

— Vagamente, eu me recordo de estar sempre desenhando enquanto ela falava.

— Era assim mesmo, você estava sempre disperso, perdido em seus desenhos.

— Bons tempos — ele diz com um sorriso na voz, quando liga a sua maquininha. — Vou tentar ensinar o Max a desenhar, ele já rabisca as paredes mesmo.

— Gostaria que ele seguisse os seus passos? — pergunto, fechando os olhos quando a primeira agulhada atinge a minha pele. — Ficaria feliz se ele fosse um tatuador também.

— Ficarei feliz se ele traçar e trilhar os seus próprios caminhos, eu não quero pressioná-lo a nada além de ser um bom homem.

— Eu posso apostar toda a minha conta bancária que ele será.

— Podemos apostar agora mesmo — ele diz em tom divertido, antes de completar. — Emma está grávida.

Abro os olhos para encontrar o seu rosto sorridente e ver a felicidade genuína refletida em seus olhos. Imediatamente me sinto feliz da mesma forma. Se existe alguém que mereça apenas o melhor da vida, essa pessoa é o Damian.

— Você está a anos-luz à minha frente... Dois filhos e uma esposa — brinco voltando a fechar os olhos e rindo.

— Corra atrás do prejuízo, cara. Você tem a sua garota das rosas azuis agora, só diga a ela como se sente.

— Você se lembra dessa história? — pergunto, surpreso.

— Foi a única da qual eu não me esqueci, por isso sempre soube que Emma era a minha garota das rosas azuis, só nunca lhe dei nenhum tipo de rosa. O mesmo não pode ser dito de você.

— Isso foi em outra vida, e eu nem consigo me lembrar claramente — me defendo ainda rindo. — Eu já disse que sinto muito?

— Sim, um milhão de vezes — ele afirma, antes de apertar as minhas costelas com um pouco mais de força. — Pare de rir, irá arruinar a tatuagem.

— Desculpe.

— Me conte sobre a sua espanhola — Damian pede, voltando a tatuar.

— O nome dela é Lizz.

— Por isso a letra L da rosa.

— O nome dela é Elizabeth, na verdade, mas não a chame assim ou ela pensará que está bravo — conto, me lembrando das palavras de Lizz ao me conhecer.

— Ela parece legal, você está apaixonado?

— Sim — afirmo, me surpreendendo com a minha própria honestidade. Isso me faz respirar lentamente, ao mesmo tempo que meu coração bate mais rápido. É estranho dizer em voz alta, é assustador deixar que essa constatação saia dos meus pensamentos.

— Vou deduzir pela sua respiração, que ainda não disse para ela — ele pontua, enquanto toda a sua atenção está centrada em minha tatuagem.

— Eu não disse nem a mim mesmo — admito, olhando para o teto. — Essa é a primeira vez que eu digo isso em voz alta.

— Então diga, não espere o momento certo, porque ele nunca virá. Apenas seja sincero com você mesmo.

Prendo a respiração por um instante, quando Damian atinge um ponto realmente doloroso da minha costela; mas se eu puder ser sincero, sei que foram as suas palavras que me deixaram assim. E eu sei que ele está certo...

— Eu direi — digo por fim, soltando o ar dos meus pulmões com lentidão. — Quando eu encontrá-la novamente, eu lhe direi.

A simples ideia de lhe dizer como me sinto, me deixa nervoso, mas ignoro esse medo estúpido que sempre tenta tomar o controle das minhas emoções. Fico quieto, perdido em pensamentos, enquanto Damian termina a tatuagem. Leva mais de uma hora para finalizá-la, com todos os seus sombreados e contornos perfeccionistas, mas o resultado é absolutamente incrível. Não que eu esperasse outra coisa dele, além da perfeição. Eu sabia

que ficaria linda, antes mesmo que ele começasse a tatuar.

— Você gostou? — pergunta, jogando as suas luvas no lixo, enquanto me olho no espelho.

— Ficou incrível, você é o cara.

Ele cobre a tatuagem com filme plástico, então posso vestir a minha camiseta em seguida.

— Já sabe os cuidados que deve ter com ela por um tempo?

— Higienizá-la, não tomar sol, não a coçar.

— Não fazer sexo — ele completa rindo.

— Essa parte eu definitivamente não acho necessária seguir — brinco, indo até ele e apertando a sua mão. — Foi bom te ver, eu senti a sua falta.

— E eu a sua — ele replica, depois de um abraço rápido. — Fique bem, cara.

— Mande um beijo para a Emma e o Max.

Ele acena com um sorriso, enquanto eu me afasto. Paro em frente à recepção, onde Guy e Levy conversam com um novo cliente. Pago a tatuagem, diante de muitos protestos, e me despeço deles também.

A noite começa a cair, quando piso na calçada e caminho até o meu carro. A distância do estúdio de Damian para o meu restaurante é de mais de uma hora, é provável que isso explique o fato de porquê eu ainda não o havia visitado. Não que eu me importe em dirigir longas distâncias. Na verdade, se existe alguma coisa da qual eu realmente senti falta quando estava na Espanha, foi de dirigir. Algo que eu não havia conseguido tempo para fazer com calma até hoje, então dirijo sem rumo certo, enquanto o dia dá lugar à noite. Eu paro no meio do caminho, em uma longa extensão de praia entre Santa Mônica e Laguna Beach. Estaciono próximo a calçada e caminho até o mar, eu paro e me sento perto da água calma.

O vento é bem-vindo e o cheiro confortável do mar, me enche de boas lembranças. A água toca a areia e chega próxima dos meus pés sem me molhar. Não posso me lembrar da última vez que estive aqui, pensando. Não sei quanto tempo fico assim, olhando para o mar e ouvindo o barulho suave das ondas. Mas, quando me dou conta, estou ligando para Lizz. Eu não deveria, o dia ainda não amanheceu para ela e sei que irei acordá-la, mesmo assim eu insisto ao não ser atendido na primeira.

— *Evan?* — ela pergunta com voz sonolenta, após atender na minha quinta tentativa. Eu deveria me sentir culpado por acordá-la, porém, tudo o que sinto é a alegria que a sua voz sempre me traz.

— Sou eu, desculpe por acordá-la. — Tento colocar uma nota de pesar em meu tom, mas o meu riso certamente me entregará.

— *Você não parece arrependido* — ela diz rindo, enquanto posso imaginá-la afastando o celular do rosto para olhar as horas. — *São cinco da manhã e eu preciso trabalhar em breve... aconteceu alguma coisa que realmente justifique você roubar as minhas preciosas horas de sono?*

— Não aconteceu nada, além do fato de que eu queria desesperadamente ouvir a sua voz.

— *Onde você está?* — pergunta, parecendo um pouco mais dispersa. — *Você não bebeu, bebeu?*

— Não, estou completamente sóbrio — afirmo, rindo de suas palavras. — Estou na praia, está uma noite linda e eu só pensei em você muitas e muitas vezes. Queria que estivesse aqui comigo.

Ela respira e fica quieta por um instante, tenho certeza de que o barulho das ondas é perceptível através do telefone e ela pode comprovar sozinha que estou dizendo a verdade.

— *Eu amaria estar com você também* — Lizz diz, afinal. — *Embora eu imagine que a água deva estar muito gelada agora, prefiro um dia ensolarado.*

— As noites são definitivamente lindas aqui e eu adoro a serenidade que sinto agora — confesso em um murmuro. — Mas nós viremos aqui no verão e eu te jogarei no mar.

— *Isso não é nada romântico, me jogar no mar* — ela me censura, com diversão na voz. — *Você terá que me alcançar primeiro.*

— Eu corro muito bem — eu a lembro, tocando a areia sob os meus pés. — E acho que você me deixaria alcançá-la.

— *Acho que me jogaria em seus braços, mas, finja que não sabe disso.*

Ela me faz sorrir, não importa o quão ruim tenha sido o meu dia, ou quantas vezes eu me torturei com as minhas próprias dúvidas; Lizz traz um sorriso fácil ao meu rosto e um calor ao meu coração. Eu me preocupo com ela, como nunca fiz com ninguém e ela ocupa a maior parte dos meus pensamentos e sonhos. Eu acabei de fazer uma tatuagem que não é para ela diretamente, porém, que não tem outro motivo, a não ser lhe mostrar o quanto é especial para mim. Então, por que ainda não posso lhe dizer que também me apaixonei? Aposto que é tudo o que ela desejou ouvir, desde que o meu silêncio foi a resposta para a sua confissão.

— *Você acha que alguém pode morrer de saudades?* — Lizz me

pergunta, depois de um tempo quieta.

— Eu acho difícil, nunca conheci nenhum caso.

— *Acho que estou morrendo de saudades* — ela diz com seriedade, mesmo assim não deixo de rir. — *É verdade, Evan. Você quer que eu morra?*

— De saudades de mim? — questiono para provocá-la.

— *Sim, parece que você se foi há séculos... nem lembro mais do seu rosto.*

— Que triste, vou te mandar uma foto...

— *Você sente a minha falta também?* — ela me interrompe em um sussurro.

— Claro que sim, eu te digo isso todos os dias — falo com firmeza. — Ainda não sabe que eu me sinto da mesma forma?

— *Eu só te quero de volta, é tudo o que importa para mim.*

— Estou voltando, falta muito pouco agora.

— *Então me deixe dormir enquanto eu espero, o tempo vai passar muito mais rápido assim.*

— De jeito nenhum, vamos conversar até o dia amanhecer.

Ela ri ao mesmo tempo que me levanto, limpo a areia da minha roupa e caminho pela praia.

— *Você é um péssimo namorado, sabia disso?* — ela indaga, me surpreendendo com a escolha de palavras. Nós nunca nos rotulamos, mas é o que somos afinal e, por mais estranho que seja, essa palavra não me assusta nem um pouco.

— Sou o único que tem — enfatizo com naturalidade. — E se eu for bom o bastante, o único que terá pelos próximos anos.

— *Fazer o quê? Eu aceito o meu destino!*

Eu também aceito o meu...



Faça um pedido

Lizz

Eu perguntei ao Evan, se alguém poderia morrer de saudades. Agora pergunto a mim mesma se alguém pode morrer de ansiedade ou felicidade. Esse último é bem mais provável que o primeiro, se o meu coração não for forte o suficiente para suportar tantas emoções; pode perfeitamente acontecer. Embora eu torça para que não aconteça, cá entre nós, não tenho nenhuma vocação para Julieta. Morrer de amor pode até ser romântico, mas apenas figurativamente e eu ainda preciso estar perfeitamente viva quando Evan chegar aqui. O que acontecerá exatamente em algumas horas, isso mesmo... algumas horas.

Ele embarcou da Califórnia para a Espanha há quatro horas e tudo o que nos separa nesse instante são sete horas de voo. Pode parecer muito se colocado dessa forma, mas essa é a menor distância entre nós dois em semanas e estou surtando. Literalmente surtando, aí é que a ansiedade e a felicidade se encaixam, porque eu sou composta de uma medida exata dessas duas emoções agora. Só quero adiantar as horas e correr para os braços de Evan.

— Então, amanhã é o seu aniversário e o seu fim de semana de folga — Glória me lembra com um sorriso exuberante. — Sinceramente, não sei quais dos dois me deixaria mais feliz.

— Estou ansiosa para o meu aniversário — conto com animação. — Mas, muito, muito mais ansiosa para o meu fim de semana em casa.

— Eu sei, sempre me sinto assim — ela diz. — Vamos sair amanhã, sim ou não?

— Não, desculpe.

— Jura? Por quê?

— Eu tenho um... — paro, enquanto ela me olha contemplativa e penso na melhor palavra a ser usada. — Compromisso, eu tenho companhia para o fim de semana. Nós podemos marcar outro dia.

— Outro dia não será o seu aniversário.

— Não, não será — concordo com um sorriso.

— Você não está mentindo apenas para ficar em casa dormindo, está?

— ela me questiona com olhos de águia. — Se for isso, eu irei descobrir, Lizz.

— Eu não estou — eu me defendo, encostando-me na parede mais próxima para olhá-la, antes de dizer lentamente. — Vou estar com o meu namorado.

Os seus olhos saltam, eles literalmente dobram de tamanho com a minha confissão. Sinceramente, eu deveria me sentir ofendida, já que a simples ideia de que eu seja capaz de namorar lhe cause tamanho espanto.

— Desde quando você namora?

— Faz pouco tempo. — Um dia, na verdade, desde que eu chamei Evan de namorado e ele tão gentilmente não me corrigiu. — Ainda estamos nos acertando, mas ele está vindo para me ver.

— Vindo? Onde ele mora?

— Você é uma repórter agora? — eu a questiono rindo.

— Eu meio que sempre fui uma. Quando o assunto é a vida dos meus amigos, eu adoro fazer perguntas — ela responde sem nenhuma vergonha. — Agora me conte tudo.

Suspiro, olhando para os meus sapatos quando um médico passa por nós. Não deveríamos estar conversando agora, mas Glória me prendeu na conversa no instante em que nos cruzamos no corredor. Ela tem estado muito ansiosa para o meu aniversário, delirando sobre me arrumar um namorado ou algo do tipo. Eu deveria ter sido sincera desde o início.

— Eu estou apaixonada — digo dando de ombros. — Ele mora em outro país, nós estivemos juntos por um mês; então ele precisou ir embora. Ficamos separados por mais um mês e agora ele está voltando.

— Nossa, e você não me contou nada! — ela me censura, batendo em meu braço.

— Isso dói, sabia? — falo, tocando o local em que ela bateu. — Não contei para ninguém, nós estamos nos acertando ainda. Quando tiver mais detalhes eu te atualizo.

— Tudo bem, eu irei lhe dar um voto de confiança, por enquanto. — Ela aponta o dedo para mim, como uma professora em sala de aula. — Não me decepcione.

— Você acha que vou lhe contar cada passo meu? — brinco, enquanto ela ri. — Eu não sou assim.

— Amigos compartilham.

— Nós compartilhamos o nosso amor por Grey's Anatomy e Chris

Evans.

— Sim, somos mulheres de bom gosto e eu sinto falta das nossas maratonas, só para você saber — Glória me lembra, com um sorriso saudoso. — Mas eu quero informações sobre o seu homem misterioso também. É pedir demais?

— Eu não sei, verei o que posso fazer sobre isso — me divirto com o seu olhar curioso, enquanto me afasto. — Agora vá trabalhar e me deixe fazer o mesmo.

— Ok, só seja uma boa amiga, senão não terá presente de aniversário.

Parecemos duas loucas, andando de costas e de frente uma para outra enquanto rimos. Eventualmente ela chega ao topo da escada que precisa descer e se sente obrigada a desviar o olhar. Eu me viro também, andando pelo corredor até o quarto de Victor.

Entro vagarosamente no quarto e o encontro dormindo, ele tem estado extremamente introspectivo desde que eu lhe disse que Evan havia partido. Infelizmente, eu não lhe contei que ele iria voltar — porque Evan deixou claro que seria apenas por mim. Eu não posso lhe dar esperanças sem fundamento agora. Quando o conheci, tudo o que ele me dizia dia após dia, era que queria conhecer o filho, vê-lo apenas uma vez antes de partir. Eu fiz desse desejo dele, um sonho meu também e isso trouxe Evan até mim. Algo que jamais teria acontecido, sem que Victor fosse o nosso elo. Parte de mim se sente em dívida por isso, ainda sinto que poderia ter feito um pouco mais pela relação dos dois. Porém, a parte egoísta e apaixonada, me leva a crer que fiz todo o possível e que não devo mais me preocupar. As duas partes duelam entre si, quando vejo Victor em um estado tão depressivo. Eu detesto ver qualquer pessoa sofrendo e aceitar que algumas coisas são imutáveis pode ser a parte mais difícil.

— Oi, Victor — murmuro, tocando a mão que descansa sobre o seu peito.

Ele abre lentamente os olhos até encontrar os meus, um pequeno sorriso se desenha em seus lábios antes que ele replique:

— Oi, Lizzy querida. — A sua voz é fraca e rouca, porque ele ainda se recupera de uma terrível gripe. — Como vai?

— Estou bem. E você, como se sente hoje?

— Estou com dor... meus ossos doem, acho que o meu corpo todo dói.

— Você não tem saído dessa cama nos últimos dias, vamos caminhar um pouco no corredor.

— Não, eu não quero — ele se nega, puxando bruscamente o seu braço do meu aperto. — Me deixe dormir, por favor.

Eu ofego, me afastando alguns centímetros. Não há muito o que possamos fazer por Victor aqui. Ele tem um diagnóstico definitivo sobre uma doença, que no seu caso é incurável. Ele poderia ainda assim, ter feito todos os tratamentos disponíveis e acessíveis a ele, mesmo assim, optou por aceitar a sua sentença e morrer em paz. Entretanto, estamos aqui para deixá-lo confortável e fazer da sua partida um momento humano e digno. Eu sabia que poderia trabalhar com pacientes terminais quando me formei, mas não era esse o foco da minha profissão. Victor caiu em minha vida, como uma folha solta ao vento, que pousa em nosso caminho sem permissão e eu o abracei de todas as formas. Não sou imune a sua dor, isso me machuca também.

— Não gosto de vê-lo tão desanimado — digo com calma, voltando a tocar a sua mão. — Conversou com o psicólogo sobre isso?

— Eu estou morrendo, Lizzy, morrendo sozinho. — Victor fala com calma, como se precisasse me lembrar desse fato todos os dias. — O que um psicólogo poderia me dizer, que me faria sentir melhor?

— Eu estou aqui, você não está sozinho — o corrijo. — Tem muitas pessoas aqui que se importam com você.

— Não como uma família, eu não tenho ninguém, além de um filho que me odeia.

— Ele não te odeia — sinto a necessidade de reforçar isso, por ter certeza de que é absolutamente verdade.

— Teve alguma notícia dele ultimamente?

— Nós nos falamos por telefone e mensagens.

O seu rosto ganha um brilho imediato com essa informação, é visível o seu amor pelo filho. Eu tive dúvidas, confesso, algumas vezes me perguntei se essa obsessão pelo perdão de Evan não era apenas medo de morrer com um peso tão grande. Mas agora eu sei que de um jeito absurdamente torto, ele amou o filho a vida toda.

— Como ele está? — pergunta por fim, com muito mais ânimo agora. — Ele falou sobre mim?

— Ele está bem, muito bem e... não, não falou sobre você nenhuma vez. — Seu rosto murcha. Eu poderia mentir, mas não irei, seria uma grande covardia da minha parte. — Eu sinto muito, de verdade.

— Ele me odeia.

— Ele não te odeia, Evan tem um coração gigante, ele é um grande

homem. A questão é que houveram muitos erros no passado e isso não é tão simples de ser consertado, não se pode comprar o afeto de ninguém, não podemos exigir o amor de qualquer pessoa.

Ele me olha em silêncio, a forma como as emoções passam tão claramente por seus olhos, me levam a ter certeza de que nesse exato instante ele teve a confirmação clara de como me sinto sobre o seu filho. As palavras a seguir me confirmam isso.

— Você se apaixonou por ele? — É uma pergunta retórica com certeza, é óbvio que o meu discurso eloquente de antes já foi uma resposta.

— Nós nos tornamos amigos a princípio, eu era a única pessoa que ele conhecia aqui; nos envolvemos emocionalmente.

— Você o ama. — É uma afirmativa, não uma pergunta.

— Sim — digo simplesmente. — Eu o amo!

Sei que em algum momento eu deveria contar ao Victor sobre mim e Evan. Estive perto de fazê-lo algumas vezes, mas não fiz. Como eu deveria dizer isso a ele... *eu me apaixonei por seu filho e irei ficar do lado dele, se precisar escolher entre vocês dois?* Perfeito!

— Ele te ama também?

Ele me ama? Acho que sim, mas essa não é uma pergunta que posso responder com segurança e eu realmente gostaria de ter certeza.

— Talvez...

Nós nos olhamos em silêncio, acho que não tenho motivos reais; mas, de repente, me sinto incomodada. Definitivamente não escolhemos por quem iremos nos apaixonar, a vida muitas vezes decide os seus próprios percursos e não planejei estar aqui agora. Na verdade, se enquanto eu escrevia aquela bendita carta para o Evan, alguém viesse e me dissesse que ele acabaria por ser o amor da minha vida, eu teria rido. Sim, uma grande e duradora gargalhada.

— Eu me sinto feliz por vocês — Victor diz por fim. — Você é uma pessoa iluminada, Lizzy e com um coração gigante também. Acho que fará Evan feliz e isso é tudo o que me preocupa nessa vida.

Não respondo, apenas sorrio e viro o meu rosto em direção à janela enquanto penso. Eu definitivamente quero fazer Evan feliz, quero ser a única capaz de amá-lo do jeito que ele merece e quero que se sinta da mesma forma sobre mim. Se eu pudesse fazer um pedido de aniversário, desses que fazemos quando criança ao assoprarmos as velinhas sobre o bolo, ser amada por Evan seria o meu pedido para a vida toda. Eu não me importaria em

nunca mais poder desejar algo, desde que tivesse esse único pedido concedido.

— Tudo o que eu quero é que possamos nos fazer feliz mutuamente — digo, me voltando para o seu rosto.

Ele acena e sorri levemente e, por um breve e ínfimo momento, sinto que ele quer me pedir algo. Talvez para que eu interceda por ele junto ao Evan, que eu use os sentimentos que ele possa possuir por mim, a seu favor. E com a mesma velocidade que esse pensamento passa por minha mente, eu também sei que não faria isso. Há muito tempo desisti de empurrar Evan até o pai e Deus sabe o quanto eu tentei fazê-lo perceber que perdôá-lo era a melhor saída. Mas eu não posso, sobretudo porque isso significaria perdê-lo. Preciso ser egoísta e pensar em mim, porque Evan não é mais o filho de Victor, agora ele é o homem que eu amo.

— O ame por mim, Lizzy — Victor pede em um sussurro. — Apenas o ame da forma que o meu egoísmo e estupidez não me permitiram ao longo dos anos.

Minha respiração se suaviza, eu sinto em meus ossos a sinceridade impregnada nessas palavras, e isso toca profundamente o meu coração. E quando minha mão encontra a sua em um aperto de conforto, o sorriso em meu rosto é cem por cento verdadeiro.

— Eu irei — recito com firmeza. — De todo coração e alma.

Ele parece acalentado por minha promessa. Eu me sento em sua cama quando voltamos a ser enfermeira e paciente outra vez, e a nossa conversa volta a girar em torno de sua saúde. Ao final da tarde e do meu turno de trabalho, posso dizer que a paz por ter contado a verdade a Victor, preenche parte do meu coração. A outra parte é preenchida por um turbilhão de ansiedade.

Eu sei que Evan acabou de pousar em solo espanhol, vi a sua mensagem assim que abri o meu armário para me trocar. Eu caminho até a minha casa, tendo em mente que ele está em Madri esperando o seu voo de conexão a Mijas e isso me deixa sorrindo feito uma tola e, meu Deus, essa sensação é maravilhosa. Quando eu puder abraçá-lo, enfim, todas as dúvidas e tristezas que sua ausência me trouxeram, irão embora junto com a imensa saudade que também sinto.

Assim que Evan me avisou sobre o seu voo, quis fazer algo especial para ele. Desde que não posso afirmar ser a melhor cozinheira do mundo, tive que apelar para a zona de conforto: risoto. Tenho quase certeza de que essa é

uma receita italiana e isso ofende as minhas origens espanholas, porém estou abandonando o orgulho em nome de um jantar bem-sucedido.

Eu me esforço para deixar tudo perfeito, mesmo com o espaço limitado da minha casa e me esforço em dobro para ficar bonita. O que parece uma tarefa impossível, quando nada do que eu visto me agrada. Eu respiro, olhando com desagrado para as roupas jogadas sobre a cama, meus cabelos em uma toalha e o relógio e seus ponteiros apressados.

Apelando para a zona de conforto mais uma vez, encontro entre a minha bagunça, um vestido preto até os joelhos e decote V. Não existe nada chamativo nesse vestido, porém, depois de me maquiar e ajeitar os cabelos; me sinto um pouco mais confiante... é mentira, eu não me sinto, mas Evan não precisa saber disso. Meus saltos nude estão ao lado da porta, para que eu os calce assim que ele bater a minha porta. Só irei finalizar o jantar quando ele estiver aqui, então às nove da noite eu me sento em meu sofá e espero... E espero... E espero. São onze e vinte, quando eu me canso de esperar e andar ao redor dos móveis, então dois minutos depois estou discando o seu número.

— *Alô.* — A sua voz familiar soa do outro lado, atendendo segundos depois.

— Onde você está? — pergunto com ansiedade.

— *Meu voo atrasou, ainda estou em Madrid* — ele me diz com a voz infinitamente mais calma que a minha.

— Eu não acredito, Evan. — Choro, me encolhendo no sofá — Eu fiz o jantar, achei que você estaria aqui mais cedo.

— *Sinto muito, Lizz. Também estou frustrado.*

Frustração parece um eufemismo agora. Eu só quero chorar, me encolher em uma bolha e chorar até o dia amanhecer.

— *Fui encaixado em um voo que sai em duas horas se tudo der certo, chegarei de madrugada se contarmos o trajeto do aeroporto até o meu hotel...*

— Nós não conversamos sobre isso — o interrompo com um suspiro. — Mas eu supus que ficaria comigo, não em um hotel.

— *Você não me convidou* — ele me lembra com um riso na voz.

— Me desculpe, você está certo... Só achei que um convite não fosse necessário, eu quero que fique comigo.

— *Ok, veremos quando eu chegar.*

Ele não parece tão animado em ficar em minha casa quanto eu gostaria,

mas ignoro essa pontinha de insegurança que sempre quer estragar a minha felicidade. Ele virá, apenas com algumas horas de atraso, mas estará aqui de um jeito ou de outro e isso é o que importa. O fato de que eu definitivamente acreditei que ele estaria ao meu lado nos primeiros minutos do meu aniversário, não deve ser significativo. Ainda teremos o fim de semana todo juntos e é nisso que eu me apego, quando me despeço e encerro a ligação cinco minutos depois. O meu vestido volta para o armário em seguida, assim como os sapatos que eu sequer cheguei a calçar. Vestindo a camisa de Evan como um prêmio de consolação, me arrasto até a cama com a minha maquiagem intacta, que certamente manchará o meu travesseiro. Mas, dane-se, eu tenho todo o direito de estar chateada agora. É provável que eu me arrependa amanhã, quando me olhar no espelho ao acordar e parecer um panda; isso se conseguir dormir.

Olho para o meu celular, repassando todas as fotos que tenho de Evan em minha galeria. É quase como contar carneirinhos, porém, não me faz dormir. Estou superdesperta, no instante em que uma batida forte na porta me deixa alerta. O celular em minhas mãos me mostra que faltam três minutos para a meia-noite. Sei que Evan ainda está em Madrid, meus pais moram a quilômetros de mim e jamais me fariam uma surpresa assim... *Ou fariam? Poderia ser a Glória?*

Tento ser o mais silenciosa possível, saindo da cama e me esgueirando até a janela, sem que meus passos façam barulho. Se for algum bêbado ou ladrão, eu não quero que ele saiba que estou em casa ou deveria ser exatamente o contrário? Afasto a cortina e me contorço para enxergar a pessoa parada à minha porta. Está escuro e a luz fraca da rua ilumina pouco, mesmo assim, eu seria capaz de reconhecer esses ombros e cabelos escuros em qualquer lugar. É Evan...

Meu coração salta no peito, me afasto da janela e puxo a cortina em seu lugar, antes de olhar para mim mesma. Caleçon azul com renda preta e sutiã combinando, sob a sua camisa sem botões. Fico indecisa entre colocar o meu vestido novamente ou correr até a porta, mas uma segunda batida decide por mim. Em segundos estou com as chaves em mãos, próxima a porta e meu coração em chamas. Abro a porta com uma das mãos, enquanto a outra mantém a camisa fechada em meu corpo. Olho para Evan e ele sorri, mais lindo e cativante do que eu fui capaz de manter em minhas lembranças. Eu respiro e então o seu perfume me envolve, familiar e íntimo, como eu julguei que nunca mais sentiria. Sorri de volta, antes de me jogar em seus braços.

Minhas mãos ao redor do seu pescoço, seus braços me amparam e me trazem até mais perto quando suas mãos se espalmam no centro das minhas costas e ele me beija. Nossas bocas se encontram com pressa e saudade, sedentas pela familiaridade dos nossos beijos. O tempo-espaço deixam de existir. Sua língua pede passagem e eu não lhe nego, ansiosa pelo contato com a minha. Ele me beija com desespero e entrega. O calor do seu beijo me incendeia, estou queimando e derretendo em seus toques, ficando nas pontas dos pés para que nossos corpos se fundam. Isso poderia ser o sonho mais lindo que já tive, mas é real. Evan está aqui, ele voltou para mim. Ele quebra o beijo, com sua respiração tão pesada quanto a minha em meus lábios.

— Seu presente — sussurra, mordendo o canto da minha boca. — Feliz aniversário, Lizz!

— Você está aqui — recito baixinho, quase com medo de que ele desapareça, enquanto meus dedos contornam o seu queixo. — E você mentiu para mim.

Ele ri em meus lábios, um som rico, melódico e masculino que eu quero ouvir para sempre. Eu nunca me cansarei desse som, nunca.

— Foi por uma boa causa — ele se defende, encostando a testa na minha e segurando o meu rosto. — Queria te surpreender, fazer algo especial que você jamais fosse capaz de esquecer.

— Já é especial pelo simples fato de que está aqui, Evan.

Eu o beijo suavemente, o abraçando com mais força, sem coragem de me afastar. Mas me lembro que estou seminua, na porta da minha casa e de madrugada. Isso me obriga a me deslocar com relutância e fechar outra vez a minha camisa. Alguns passos para trás e estou na segurança do meu hall de entrada, a minha mão livre convidando Evan a fazer o mesmo. Ele sorri, pegando sua mala e uma pequena sacola aos seus pés. A mala fica ao lado da porta assim que eu a fecho, mas a sacola permanece em sua mão. Ele circula a minha cintura, sua mão se esgueirando sobre a abertura da camisa e tocando a pele da minha barriga. Eu o beijo outra vez, demorada e apaixonadamente, enquanto subimos os degraus até a minha sala. Ele me empurra com gentileza por todo o espaço que nos leva até a cozinha sem interromper o beijo. Minhas costas se chocam com a pequena mureta de tijolos, antes que Evan me impulsione sentada nela. Minhas pernas estão abertas para que ele se encaixe entre elas, enquanto toco o seu cabelo macio. Em silêncio, eu o observo retirar uma pequena embalagem plástica da sacola e me entregar. É um *cupcake* com cobertura de chocolate e um pequeno coração vermelho sobre

ele.

— É fofo — digo, sorrindo para ele.

Ele me olha com carinho, tirando uma pequena vela do bolso da sua jaqueta e a coloca sobre o bolinho.

— Onde está o meu isqueiro? — ele me pergunta, colocando o meu cabelo de lado e beijando o meu pescoço.

— Ali. — Aponto para a mesinha da minha sala, onde sempre o deixo.

Evan o encontra, voltando rápido à cozinha e acendendo a vela. Nossos olhos se encontram através da pequena chama, então ele sussurra:

— Faça um pedido!

Fecho os olhos brevemente. Ele é tudo o que eu desejo e ao menos por enquanto, eu o tenho em minha vida. Eu quero o para sempre, quero o infinito. Sopra a vela e abro os olhos para encontrar o lindo sorriso de Evan. Ele parece tão feliz quanto eu e isso me faz feliz em dobro.

— O que você pediu?

Minha mãe sempre me disse que não devemos contar os nossos desejos de aniversário, que eles não se realizam por esse motivo. Mas talvez se Evan finalmente souber que ele é tudo o que eu quero nesse mundo, só talvez ele possa ser meu.

— Você — conto, passando um dedo sobre o glacê do bolo e o deixando de lado sobre a bancada.

Minha mão está a caminho da minha boca, quando Evan segura o meu pulso e rouba o meu glacê, sugando o meu dedo em seus lábios. Ele se encaixa ainda mais entre minhas pernas, suas grandes mãos apertando o meu quadril e seus olhos nunca me abandonam, quando ele replica:

— Eu sou seu, Lizz.

Ele me beija lentamente, sedutoramente, um beijo tão doce quanto o sabor do glacê em sua língua em contato com a minha. Eu jamais esquecerei esse aniversário.



Mi amor

Lizz

Não posso desviar os meus olhos de Lizz. As minhas mãos não são capazes de se afastarem voluntariamente do seu corpo. Minha boca já provou a doçura da sua, dezenas de vezes desde que cheguei aqui e, ainda assim, não parece o bastante. Nunca será o bastante... agora eu sei. Ela sorri, mordendo o seu bolinho de aniversário e me oferecendo um pedaço. Eu nego, a observando em silêncio enquanto se delicia com o doce e eu me deleito com ela. O simples ato de olhá-la pode ser extasiante, não comparado a nada que eu já provei antes. Voltar para ela, estar exatamente aqui nesse momento, me envolve com a mais verdadeira sensação de pertencer a algum lugar, a alguém. É como voltar para casa depois de muito tempo longe, um sentimento de familiaridade que te abraça e preenche cada espaço vazio em seu coração; um lar. Mas não é o espaço físico à minha volta, não é a cidade, muito menos o país... É a Lizz, ela faz eu me sentir assim, algo que ninguém nunca realmente conseguiu; não por completo.

Não sei em qual momento eu deveria lhe dizer como eu me sinto, porque enquanto estamos aqui, as palavras parecem fugir da minha mente e se tornam desnecessárias para nós. Chego mais perto e aperto a sua cintura, Lizz levanta ligeiramente o rosto e seus olhos se encontram com os meus. Ela ainda está sorrindo, mordendo os lábios antes de olhar para o seu bolinho mais uma vez. Eu o roubo de sua mão, o colocando sobre a bancada como ela faz anteriormente.

Seus olhos estão fixos nos meus agora, me atingindo de todas as formas, quando o seu amor por mim se reflete tão nitidamente neles.

— Ainda não acredito que está aqui — ela balbucia tocando o meu queixo, então eu viro o meu rosto para beijar os seus dedos. — Agora que está aqui, não vou te deixar ir embora nunca mais.

Eu rio, a puxando para um beijo rápido, que se transforma em uma exploração por seu queixo e pescoço e de volta para a sua boca.

— Isso é uma ameaça? — brinco, sussurrando em seus lábios. — Porque eu gosto da parte de não nos separarmos mais, só que eu é quem irei te sequestrar.

— Isso é uma ameaça? — Ela ri, retrucando a minha pergunta. — Porque soa como uma recompensa, e eu adoro isso.

— É uma promessa — digo com seriedade. — Uma que eu fiz a mim mesmo no caminho até aqui e que estou reforçando a você agora.

— E o que acontece com o “*eu odeio promessas*”?

— Eu detesto promessas que sei que não posso cumprir — a corrijo. — Mas essa eu tenho certeza de que se tornará realidade... A não ser que você não me queira da mesma forma que eu te quero.

— Você está brincando? — pergunta me olhando com intensidade e eu somente balanço a cabeça a fazendo sorrir, antes que diga lentamente. — Eu te amo, Evan. Isso está tão claro em cada palavra, cada mensagem ou gesto e se antes a distância não te permitia saber, agora basta apenas me olhar, está escrito em meu rosto.

— Eu sei — afirmo simplesmente, colocando as mãos em suas costas para tirá-la da bancada. Suas pernas circulam rapidamente a minha cintura, então o seu nariz está tocando o meu. — E o que você vê quando olha para mim?

Ela respira, apenas sustentando o meu olhar, enquanto caminho até o quarto e para diante da sua cama. Eu a deito com gentileza no colchão macio, pairando sobre o seu corpo enquanto espero a sua resposta.

— Eu vejo amor — ela diz vagarosamente. — A questão é: ele está realmente aí? Ou eu apenas estou me iludindo, por querer desesperadamente ser amada por você?

— Ele está realmente aqui — falo entre beijos. — Eu me apaixonei por você, pelo seu jeito fácil de sorrir e me fazer sorrir também. A sua tagarelice e o seu talento nato em me manter preso em uma conversa sem sentido. A forma como você é suave e intensa ao mesmo tempo. Verdadeira e transparente e você me manteve preso sem esforço. Talvez eu tenha te amado antes e somente precisava me enganar.

Eu a beijo mais uma vez e me afasto em seguida. Jogo a minha jaqueta de lado e seguro a barra da minha camiseta, sem desviar os meus olhos de Lizz. Eu sei que a minha nova tatuagem se destaca das outras por sua cor, um azul profundo e vivo. E a forma como Damian a tatuou, a deixa lindamente real. Tiro a camiseta em um movimento rápido e os olhos de Lizz digitalizam cada espaço do meu peito agora exposto. Ela adora as minhas tatuagens, já que fez questão de me dizer isso em cada oportunidade que teve e o olhar de apreciação em seu rosto, me toca profundamente. É como se os seus olhos me

tocassem exatamente como os seus dedos fariam, eu sinto em minha pele o seu toque e me pergunto se sou capaz de fazer o mesmo com ela.

Um sorriso se desenha em seus lábios quando ela percebe a rosa na lateral da minha costela, ela não estava aí antes e tenho certeza de que Lizz sabe disso. É evidente o significado que a rosa azul tatuada permanentemente em minha pele tem para nós dois. Foi o meu último presente para ela antes de partir e agora é a minha primeira prova de amor concreta. Nunca me imaginei tatuado algo para alguém — parecia uma loucura grande demais —, que eu jamais chegaria a cometer. Mas se tornou absolutamente natural, quando admiti que Lizz marcou a minha vida exatamente como uma tatuagem teria feito. Eu não quero que seja assim e farei tudo o que puder para que isso não aconteça, porém, se nós nos separarmos um dia, tudo o que vivi com Lizz até hoje, estará marcado profundamente em mim. Quando colocado dessa forma, uma tatuagem que me faça lembrar dela enquanto eu viver, não me parece tão radical assim.

— Você fez uma nova tatuagem — ela diz com reverência, ficando em seus joelhos para tocar a rosa. — Uma rosa azul.

Seus dedos são como plumas, tocando delicadamente a tatuagem, contornando demoradamente os seus contornos mais de uma vez.

— Uma rosa azul! — repito, afastando o cabelo do seu rosto, quando ela volta a me olhar. — Ainda está cicatrizando, ficará melhor daqui a alguns dias.

— É tão linda — ela fala, sem afastar a sua mão.

— Eu fiz para você — digo. — Está em meu corpo, mas, assim como o meu coração, pertence a você, Lizz.

Seus olhos brilham tão lindamente, enquanto ela se mantém sorrindo para mim. Então ela beija a rosa, uma e outra vez, antes de subir pelo meu peito, pescoço, queixo e por fim encontrar o meu rosto. Coloco a mão na lateral do seu pescoço, me curvando para cobrir a sua boca com a minha. Lento e lascivo. Profundo e possessivo. Um beijo que diz muito mais do que qualquer outro já tenha feito anteriormente. Sua camisa — minha camisa — sai em seguida, assim como o seu sutiã bonito.

— Tão linda — sussurro, voltando a deitá-la na cama, traçando os meus dedos em sua cintura e em direção aos seus seios. — Minha Lizz!

Esse sentimento imenso, abrasador, até mesmo intimidante de amar alguém por completo, com todas as fibras e células do meu corpo e alma; envolvem-me quando digo essa pequena palavra de cinco letras... minha...

minha amada, minha mulher, minha amiga e amante...

— Sua, *mi amor*! — ela sussurra em espanhol, transformando essa frase rapidamente em uma das minhas favoritas.

Talvez porque elas definitivamente soem como música em seus lindos lábios e eu tenho quase certeza de que nunca fui o amor de alguém, ao menos, não de alguém que fosse meu amor também. Mas com Lizz, tudo parece tão certo e cada ação se encaixa com perfeição.

Eu sorrio em seus lábios, a provocando com os meus beijos. Sua língua desliza com facilidade contra a minha, eu a chupo lentamente em minha boca e Lizz geme em resposta. Sinto suas mãos apressadas em minhas costas, ao mesmo tempo minhas próprias mãos deslizam sob o seu corpo e apertam a sua bunda, trazendo o seu quadril de encontro ao meu ainda vestido. Mordo, chupo, beijo a extensão de pele seu pescoço, em seguida seus seios. Minha língua molha primeiro os meus lábios, antes de sair da minha boca e tocar vagorosamente o seu mamilo e envolvê-lo entre os dentes em seguida. Faço o mesmo com o outro, dedicando todos os toques e beijos para enlouquecê-la por completo. Seus toques também são intensos e urgentes, colidindo com a necessidade e desejos crescentes dentro de mim. Chuto os meus sapatos de lado e sem nos afastarmos totalmente, Lizz me ajuda a tirar o restante das minhas roupas. Nosso beijo agora é feroz, nossas bocas se devoram sem medo ou pudor, mal há tempo ou espaço para respirar; mas nos alimentamos de nossas próprias respirações. Mordo os seus lábios, arrastando a sua calcinha — a última peça de roupa que nos separa agora — para longe do seu corpo. Alinho-me em suas pernas, apertando a sua coxa e a colocando ao redor do meu quadril, no final de minhas costas. Toco o seu rosto com uma das mãos, a outra ainda apertando a sua coxa, meus dedos se fundindo em sua carne, enquanto empurro sutil e vagorosamente dentro dela. Nós prendemos a respiração e paramos por um instante, deixando que nossos corpos se acostumem com o encaixe do nosso encontro mais íntimo.

— Porra, Lizz... você não faz ideia do quanto eu te quero — murmuro, quando ela inclina o seu corpo totalmente de encontro ao meu.

— Da mesma forma que eu te quero, Evan — ela recita, tomando a iniciativa de começar a se mexer.

Lentamente no início, aumentando o ritmo quando o nosso desejo e paixão nos guiam sem controle. Aperto o seu quadril e mordo o seu ombro, quando ela grita o meu nome e goza. Me junto a ela instantes depois, incapaz de me controlar quando o calor do seu corpo e as unhas em minhas costas me

levam ao limite. Caio sobre Lizz, depois de beijar o seu ombro, acalmando a mordida de antes. Ela me aconchega em seu peito, acariciando o meu cabelo suado e minhas costas em seguida.

— Eu te amo! — confesso contra as batidas aceleradas do seu coração.

A sua respiração para e volta com mais suavidade e calma.

— Eu também te amo, Evan.

Eu a aperto um pouco mais, meus braços firmemente ao seu redor. Então eu me viro a levando comigo, sua cabeça em meu peito agora e minha mão em seu cabelo, como ela fez comigo antes. Eu sei que essa será a melhor noite de sono que terei em muito tempo... estou em casa.



Acordo com Lizz enroscada em mim, enquanto a luz de um novo dia se infiltra em sua sala e entra timidamente pelo quarto. Acho que ela ainda está dormindo, sua respiração é suave e tranquila de encontro ao meu peito e seus cabelos estão espalhados por toda do braço que a circula. Eu definitivamente me esqueci da incrível e perfeita sensação de acordar assim, de me sentir tão repleto de paz por tê-la em meus braços. Imediatamente eu sei que não serei capaz de voltar para a Califórnia sem ela, não desta vez.

Não conversamos sobre isso e, embora saiba que ela me ama, não tenho tanta certeza de que esteja disposta a se mudar de país comigo. Trazer esse assunto à tona horas atrás não parecia tão atrativo, mas com certeza precisamos fazê-lo o mais rápido possível. Olho para Lizz e afasto o cabelo do seu rosto, beijando o seu nariz, antes que eu saia da cama sem acordá-la. Minhas roupas ainda estão no chão e eu me lembro rapidamente que minha mala ficou ao lado da porta assim que cheguei. Visto a minha boxer e deixo o restante das roupas sobre a cama; então caminho até o banheiro. Lizz está acordada quando saio alguns minutos depois, sentada na cama e me olhando preguiçosamente sob o seu cabelo bagunçado. Eu paro e sustento o seu olhar atento, antes de sorrir para ela.

— Eu definitivamente amei a minha tatuagem. — Meus olhos acompanham os seus em direção a minha costela. — Nunca vou me cansar de olhar para ela.

Volto a minha atenção para o seu rosto e a encontro sorrindo, isso me tem indo em sua direção e segurar o seu rosto com ambas as mãos, antes de beijá-la suavemente.

— Eu espero que não se canse mesmo — digo a fazendo rir, ao mesmo tempo que enrola o lençol fino em seu corpo e foge para o banheiro.

Quando me vejo sozinho, vou para a sala e desço apressado os poucos degraus até a porta em busca da minha mala. É visível que ela é infinitamente menor que a mala anterior e isso deixa evidente o fato de que a minha estadia dessa vez será mais rápida que a primeira. Deixo a mala ao lado da cama, no mesmo instante em que Lizz sai do banheiro. Eu a puxo até mim e a beijo outra vez, descansando minha testa na sua, antes de dizer:

— Hoje é o seu aniversário, o que quer fazer de especial?

— Sinceramente? — pergunta, apertando os braços ao redor do meu corpo.

— Sim — afirmo, beijando o seu pescoço.

— Tudo o que eu quero é ficar aqui, não quero ver ninguém ou fazer qualquer coisa, além de te beijar.

— Nada, além de beijar, vou me lembrar disso — brinco, enquanto ela bate levemente em meu braço.

— Você me entendeu, vamos ficar em casa hoje.

— Parece perfeito para mim — concordo deixando ela se afastar, enquanto a vejo soltar o lençol de seu corpo e trocá-lo por minha camiseta sobre a cama.

Não posso me cansar de vê-la com a minha roupa, parece algo realmente bobo e banal, mas, acredite, para um homem apaixonado tem um significado imenso. Quando ela abriu a porta e eu a vi com a minha camisa, foi a constatação visual de que ela se apegou a cada lembrança minha, assim como fiz com ela.

— Café da manhã? — ela pergunta, segurando a minha mão e me levando até a cozinha.

— Não podemos pedir serviço de quarto? — Enlaço a sua cintura, prendendo suas costas em meu peito.

— Não, aqui só temos os serviços da chef Lizz — ela brinca, me deixando na bancada e abrindo a geladeira — E deixe-me dizer, são serviços limitados, senhor.

— Eu não me importo, aliás, você não deveria nem cozinhar para mim.

— Café e cereal não se enquadram na categoria cozinhar — ela diz sorrindo. — E eu gosto de te agradar... Chame-me de boba, se quiser.

Dou risada, puxando-a até mim, depois que ela liga a pequena cafeteira sobre a pia.

— Jamais — afirmo, apertando a sua cintura.

Suas mãos passeiam suavemente pelos meus cabelos e inclino o meu rosto ao seu toque, amando a felicidade estampada em seus olhos nesse momento. Ela me beija, antes que eu a abrace e descanse a minha cabeça em sua barriga. O seu toque confortável e carinhoso em meu cabelo continua por um tempo; até que Lizz quebra o silêncio.

— Quanto tempo você irá ficar? — indaga com calma, os seus dedos deslizando pelo meu couro cabeludo e eu fecho os olhos. — A sua mala é bem menor dessa vez.

— Eu ainda não pensei, para ser sincero — respondo. — Precisamos decidir isso juntos, só sei que não posso ficar muito tempo.

— Você quer que eu volte com você?

Ela se afasta quando a cafeteira fica silenciosa e volto a abrir meus olhos, encontrando o seu rosto ansioso e seu aperto firme ao redor da pia.

— Sim, quero que venha morar comigo na Califórnia — afirmo sem preâmbulos desnecessários. — Não quer dizer que você precisa jogar as suas roupas na mala e correr comigo para o aeroporto.

— Preciso de um tempo.

— Quanto tempo?

— Não sei... — Ela dá de ombros, andando pela cozinha. Tirando leite e manteiga da geladeira, além de xícaras de seu armário, enquanto pensa.

Eu espero em silêncio, cruzando os braços sobre o peito e a observando com atenção. Tenho medo de sua resposta e não quero parecer um idiota insensível por apressá-la, mas tempo é algo que não temos de verdade.

— Uns dois meses ao menos — ela decide, por fim. — Vou ter que me demitir, por isso o mínimo que posso é me oferecer para trabalhar até que eles encontrem alguém para me substituir.

— Talvez aconteça antes — sugiro, com otimismo.

— Talvez sim, talvez não. Eu acho difícil, eles são muito rígidos com quem contratam.

— Ok... eu não estou feliz, dois meses é muito tempo, mas eu te entendo.

— Eu também não estou feliz — ela replica com um meio-sorriso — Mas preciso ser responsável agora. Vou precisar da carta de recomendação deles para encontrar um trabalho na Califórnia.

— Você pode ser a minha enfermeira particular — digo com voz divertida e ela apenas revira os olhos para mim. — Estou brincando... você

está certa, estou orgulhoso por ser uma garota sensata.

— Obrigada! — Lizz sorri, batendo os cílios graciosamente para mim. — Não sou uma garota, na verdade, mas meus pais me tratarão como tal, quando eu lhes contar o que irei fazer.

— Posso falar com eles, se quiser — eu me ofereço, ao me levantar e a prendendo na pia. — Embora, apenas a sua vontade seja relevante para mim... você quer morar comigo e ter acesso livre às praias da Califórnia? Além de um estoque imenso de camisas minhas?

Ela ri, envolvendo os braços em meu pescoço e beijando o meu peito.

— Vou aceitar apenas pelas camisas e as praias... não porque te amo e detesto viver longe de você, que isso fique bem claro.

— Claríssimo, eu também te convidei apenas por suas conversas sem sentido e o dom de me fazer rir. — Coloco o dedo em seu queixo, a convidando a me olhar; antes que eu complete: — Não porque eu te amo e a vida sem você parece perder totalmente o sentido.

— Eu sei, jamais pensaria nessa hipótese, fique tranquilo — ela diz com um sorriso que me atinge em cheio no coração. — Mas como faremos nesse tempo, você pode ficar aqui enquanto isso?

O seu olhar é cheio de expectativa e embora eu saiba, na verdade, tenha certeza de que não poderei ficar dois meses ininterruptos na Espanha; eu não a contradigo. Sou um covarde por não querer deixá-la triste, quando eu sei que ainda iremos nos separar mais algumas vezes, antes do nosso final feliz.

— Nós daremos um jeito — respondo finalmente, com um sorriso que disfarça a minha insegurança.

Coloco alguma distância entre nós, depois de beijar o seu cabelo. Ela fica de costas para mim, virando-se algum tempo depois e me entregando uma caneca com café. O seu sorriso também parece habilmente treinado para esconder os seus medos, mas nós nos amamos, não é? O que poderia ser mais forte que isso?



Nossos sonhos

Lizz

Se eu pudesse ser uma expectadora da minha própria vida e me visse nesse exato instante, sei que sentiria inveja de mim, inveja da felicidade tão claramente estampada em meu rosto. Eu pensaria: *meu Deus, essa mulher está realmente radiante; e olhem só, ela se apaixonou por um homem incrível e foi totalmente correspondida*. E eu iria, com toda certeza desse mundo, desejar um amor assim. É uma dádiva, eu sei. Porque me sinto plenamente abençoada agora. Olho para Evan e não posso conter um sorriso, é tudo o que eu tenho feito nas últimas horas; sorrir. Nós saímos para jantar, sob todos os meus protestos, preciso registrar para informações futuras. Mas Evan me disse que o meu aniversário não poderia passar em branco dessa forma.

Como se houvesse alguma possibilidade de isso acontecer. Ele é o meu melhor presente, e a sua companhia é realmente a única que eu queria apreciar. Porém, toda aquela conversa sobre querer ficar sozinha com ele e seus beijos, não surtiu efeito horas depois quando ele sugeriu o jantar. E embora eu definitivamente não quisesse sair da nossa bolha e vir para o mundo real novamente, acabei me sentindo incapaz de recusar o seu convite. Evan me trouxe para um lugar realmente lindo no centro de Mijas, um restaurante clássico e elegante o bastante para que eu nunca tivesse ouvido falar a respeito. Mas posso dizer agora, que já estamos apreciando a nossa sobremesa, que o jantar foi uma grata surpresa. Eu me dei conta de que nunca saímos realmente. Sei que já dividimos uma refeição antes, mas essa é a primeira vez que o fazemos sem tantas reticências entre nós. Agora somos um casal, qualquer um pode deduzir isso apenas ao nos olhar. Tudo o que compartilhamos a partir disso, tem um sabor novo e diferente quando eu sei que ele me ama também. Evan retribui o meu sorriso e encontrando a minha mão sobre a mesa, massageia suavemente os meus dedos entre os seus. Volto a olhar para o meu *tiramisù* quase finalizado. Evan me incentivou a provar e admito que, na segunda garfada, tudo o que eu podia pensar era em como eu não havia provado isso antes. Deixo o doce cremoso derreter em minha boca, enquanto a movimentação da mesa ao lado da nossa chama a minha atenção. O jovem casal se levanta — depois do rapaz ter ajudado a esposa grávida —

e ambos passam sorridentes pela nossa mesa em direção a porta. Todas as vezes em que encontro uma mulher grávida, não posso deixar de admirar a beleza de seu estado. Eu acho realmente muito encantador e não posso controlar a minha mente, no momento em que ela me leva a um futuro que eu sequer sei se irá existir, e me imagino tendo um filho com Evan. Isso me assusta. Eu rapidamente me obrigo a voltar cinco casas, espantando esse pensamento insano e sem nexo. Eu sei que nós já ultrapassamos algumas barreiras em nossa relação e é provável que esse seja o momento em que começamos a planejar e sonhar juntos, mas um filho é um sonho realmente muito grande.

— O quê? — Evan pergunta assim que nota meu olhar perdido.

Diante do meu silêncio, tudo o que lhe resta é acompanhar o meu olhar, a tempo de ver o casal sair do restaurante. Com a grávida e sua barriga proeminente bem à mostra. Ele me olha com as sobrancelhas levantadas, como se não tivesse realmente percebido onde a minha atenção estava anteriormente. Provo mais uma garfada do meu doce, me privando de falar por alguns segundos. Ele ainda me olha e espera.

— Você quer ter filhos? — questiono com calma.

Repito a mim mesma que não existe nada de mais nessa pergunta, não usei um tom de cobrança ou algo assim. Apenas me sinto curiosa. Acontece que não sei quase nada sobre Evan, não faço ideia de quais sejam os seus sonhos e desejos. Nem mesmo os mais banais. Nós passamos um mês juntos e outro mês separados — unidos somente por um telefone. Porém, nossas conversas jamais saíram da nossa zona de conforto.

— Eu não sei... — ele responde devagar, encolhendo os ombros. — Nunca pensei nisso seriamente.

— Eu quero ser mãe — digo em um impulso, batendo em minha boca em seguida... então, me contorço em minha cadeira, tentando controlar os danos da minha língua grande. — Apenas para deixar claro, não que eu queira ser mãe agora... estou pensando no futuro.

— Eu entendi — ele acena. — Você será uma ótima mãe.

— Você será um ótimo pai também... se quiser ter filhos, um dia. — E eu espero que ele queira... porque se eu quero e ele não, onde ficaremos nessa história?

Ele ri, enquanto uso o guardanapo em meu colo, para cobrir levemente o meu rosto. Não sei como consigo me embaraçar tanto; é um dom natural, sempre foi.

— Não sei se seria um bom pai realmente, não tive os melhores exemplos na vida — ele me surpreende ao dizer isso, quando volto a olhá-lo.

— Ninguém da minha família é da área de saúde e acho que sou uma boa enfermeira — exemplifico, ganhando um dos seus lindos sorrisos em resposta.

— A melhor que eu conheço — afirma com diversão.

— O que eu quero dizer com isso é que algumas coisas não podem ser ensinadas realmente, elas precisam ser vivenciadas; acho que a paternidade é uma delas.

— Talvez.

— Eu não sei por que toquei nesse assunto, mas só não quero que você me diga daqui a alguns anos que nunca quis ter uma família. — Isso acabaria em muitas lágrimas, eu sei; as minhas lágrimas.

— Eu nunca diria isso, só disse que nunca pensei seriamente no assunto. Não disse que não quero ter filhos e uma família.

— Porque eu quero e muito, não agora como eu te disse, mas eventualmente — emendo com rapidez. — Não sonho realmente com um casamento, para mim é algo simbólico... talvez eu mude de ideia, talvez não.

— Ok, está anotado.

— Acho que devemos elucidar todos os mal-entendidos, não sei o que você quer de verdade, quais são os seus desejos sobre essa relação.

— Eu quero você! — ele afirma simplesmente, apertando mais uma vez a minha mão. — Aceito tudo o que viver junto com você, os seus sonhos e desejos.

Quando ele faz isso, me olha lentamente e sorri aos poucos, eu só tenho duas palavras, três para ser mais exata: *Oh, meu Deus!* Ele não deveria ser tão lindo assim. Acho um pouco injusto, já que quase nunca estou preparada para as borboletas que os seus sorrisos me causam. E ele me dizendo que me quer e isso ser tão verdadeiro em seus olhos; desmonta-me por completa.

— Quais são os seus sonhos, Evan? — pergunto, quando recobro a minha voz e um pouco do meu discernimento também.

— Não tenho muitos, para ser sincero — responde com naturalidade. — Sempre me preocupei em viver e não em sonhar, era muito mais fácil dessa forma.

— Todo mundo tem sonhos, mesmo aqueles que parecem impossíveis e temos quase certeza de que jamais irão se realizar.

— Eu não tenho — declara com segurança.

— Não acredito. — Balanço a cabeça, mordendo a minha unha enquanto espero e em silêncio, eu completo. — Com certeza você tem algum sonho, qualquer um... Apenas me conte, eu quero saber.

— Não sei. — Ele ri, dando de ombros. — Talvez ampliar o meu restaurante, abrir uma filial em outro lugar... Miami, por exemplo.

— Hummm... E o que mais?

— Viajar? — pergunta, como se eu pudesse lhe dar opções.

— Viajar para onde?

— Eu não sei, Lizz! — Ele ri, parecendo um tanto sem graça, enquanto passa as mãos pelos cabelos. — E você? Quais seus sonhos, além de ser mãe? E se casar, eventualmente.

Brinco com o meu garfo, enquanto penso. A verdade é que profissionalmente, sempre me imaginei trabalhando exatamente onde estou hoje; não que eu tenha feito planos a longo prazo. Porque não fiz. Depois que quase todos os meus sonhos de infância se desfizeram, eu planejei muito pouco os meus passos, desejando apenas aquilo que realmente estivesse ao meu alcance. Mas com Evan eu quero sonhar.

— Eu sempre quis conhecer Londres — conto, depois de um longo tempo quieta. — Meu pai é inglês, eu já te disse?

— Sim e o seu sobrenome te entrega de qualquer maneira.

— Nenhuma piada sobre Stuart Little, por favor — brinco, me lembrando de todas as vezes em que ouvi algo parecido.

— Não faço ideia de quem seja — replica, rindo.

— Não importa. — Dou de ombros, rindo também. — De qualquer forma, quando era adolescente, eu queria muito fazer intercâmbio na Inglaterra e conhecer os lugares em que meu pai esteve. Mas não cheguei nem perto até hoje.

— Podemos ir juntos, não hoje, mas em algum momento do futuro.

— Eu adoraria — concordo, com um sorriso gigante. — Estamos combinados, é o nosso primeiro sonho então.

Levanto a mão direita no ar, para que ele possa tocá-la como os amigos costumam fazer em um jogo ou algo parecido. Ele olha para o lado, antes de tocar brevemente a minha mão e rir. *Eu o divirto, é óbvio.*

— Você disse que seus pais achariam a sua mudança para a Califórnia uma loucura, mas eles viveram um amor à distância como o nosso.

— Eles realmente viveram — afirmo, com carinho. — Meu pai veio estagiar na Espanha e se apaixonou por minha mãe. Alguns meses depois, ele

precisou voltar para Londres e eles ficaram mais de um ano longe.

— Muito tempo, eu não conseguiria.

— Você morreria de saudades de mim.

— Não, eu te levaria à força junto comigo — ele me corrige.

— Nós sabemos que não precisa de muito para me persuadir. — Me divirto piscando para ele. — Mas meus pais conseguiram, sou a prova concreta disso. Acho que essa distância e os obstáculos só aumentaram a união deles.

— Porém, foi o seu pai quem abriu mão de toda a sua vida por amor à sua mãe e não o contrário.

— Sim — concordo, sem saber exatamente aonde ele quer chegar com isso.

— Você fará o mesmo por mim, abrindo mão da sua vida e do seu trabalho — ele continua, me olhando com intensidade. — Acha que em algum momento essa decisão vai pesar para você? Eu não quero que você se arrependa disso, Lizz.

Respiro, segurando a minha taça de água e bebendo um longo e demorado gole dela, enquanto absorvo suas palavras. Não sou uma pessoa de arrependimentos, todas as decisões que tomei até hoje em minha vida foram completamente conscientes. É provável que isso seja, porque jamais precisei decidir entre mudar de país ou perder o amor da minha vida. Nunca estive em uma situação assim. Como posso saber se irei ou não me arrepender de algo que ainda não vivi?

Tudo o que eu sei com absoluta certeza é que não quero viver sem o Evan. Não quero passar o resto dos meus dias me lamentando por não ter tido coragem de arriscar tudo por esse amor.

— Você acabou de dizer que me levaria à força — eu o lembro, colocando a taça sobre a mesa novamente.

— Eu disse e ficaria muito tentado a fazê-lo se você não quisesse me seguir, mas não quero sentir que estou te pressionando a tomar uma decisão.

— Você se mudaria para Mijas, ou mesmo para a Espanha se eu te pedisse? — o questiono, sondando seu rosto e emoções.

— Não — ele responde sem hesitação, sempre tão seguro em suas decisões. — Eu sei que não me encaixaria aqui, ao contrário de você e a Califórnia. Acho que será muito feliz lá.

— Eu espero que sim — sussurro, apertando a sua mão.

— Mas essa precisa ser uma decisão somente sua, Lizz. Quero, preciso

que você tenha absoluta certeza sobre essa mudança.

— Ninguém tem absoluta certeza sobre qualquer coisa, Evan. Porém, eu te amo e sei que iria para onde você quisesse me levar.

Ele acena, levando minha mão até sua boca e beijando os nós dos meus dedos. Ficamos em silêncio, eu termino enfim a minha sobremesa. Evan paga a conta e saímos do restaurante ainda em silêncio. Esperamos na calçada por um táxi, a noite está linda e estrelada, mas ainda estamos em silêncio. Eu me aconchoo ao seu lado, em um dos meus braços entrelaçado com o seu, minha cabeça em seu ombro, como eu desejei fazer a primeira vez em que dividimos um táxi. Entretanto, ainda estamos em silêncio. E eu me pergunto seriamente se deveria mesmo ter trazido todo o assunto sobre bebês, casamentos e mudança de país à tona. Porque odeio esse silêncio. Não que Evan esteja bravo, ele me olha o tempo todo com amor, me toca com o mesmo carinho de sempre. E quando seu braço desliza pela minha cintura, me trazendo mais perto do seu corpo, terminando com um beijo gentil em meu cabelo, sinto o amor que transborda de nós. Talvez ele só esteja reflexivo sobre a minha mudança para a Califórnia. Se perguntando — assim como eu faço — como será viver finalmente no mundo real. Não, não estou insegura sobre a nossa relação. Só acho que o medo vem junto com o pacote quando nos apaixonamos. Eu estaria mentindo, se dissesse que não tenho medo. Só que, em contrapartida, o meu amor é mil vezes maior. Eu disse a Evan e repito a mim mesmo: iria para qualquer lugar que ele me levasse de olhos vendados.

Ele abre a porta da minha casa, depois de roubar as chaves da minha mão. Desvio os meus olhos dos seus, olhando rapidamente para o táxi no final da rua. Entramos, Evan deixa as chaves sobre o aparador do hall. Subimos os degraus até a sala juntos. Deixo os meus sapatos sobre o sofá na primeira oportunidade, minha bolsa sobre o encosto em seguida. Evan faz o mesmo com o seu paletó, sentando no sofá logo depois e me puxando para o seu colo. Ele cheira o meu cabelo, meu pescoço, mordendo o lóbulo da minha orelha antes de me beijar. Um beijo lento e doce, que faz com que eu me sinta abraçada por seu amor... assim como os seus braços fazem também.

— Você sabe que eu te amo e não importa o que aconteça, continuarei a te amar — sussurro em seus lábios.

— Por que você está me dizendo isso? — ele pergunta apertando a minha cintura, com um vinco entre suas sobrancelhas enquanto me analisa.

— Por nenhum motivo importante. — Beijo o seu queixo sob a sua

barba. — Só acho que devemos dizer para as pessoas que nós as amamos sempre, não precisa de uma razão para isso.

— Mas a forma como disse isso, quase soou como se fosse existir um momento no futuro em que não poderá me dizer novamente.

— Não, não foi assim. — Sorrio, tocando o seu cabelo quando ele inclina a cabeça no encosto do sofá. — Eu só quis te dizer; não importa quando, aonde ou porquê ainda irei te amar.

Ele sorri também, tocando a minha boca com o polegar e deixando a sua mão na lateral do meu rosto.

— Você perguntou sobre os meus sonhos mais cedo e pensando melhor, acho que tenho um realmente especial. Um que eu desejo com todas as forças que se realize.

— Me conte então — peço, sustentando o seu olhar intenso.

— Você e eu em um avião para a Califórnia. Você e eu na porta do apartamento que comprei pensando em morarmos juntos. As suas coisas misturadas com as minhas em nosso banheiro, suas roupas com as minhas no armário e, principalmente... — Ele para e me beija, mordendo a minha boca e beijando outra vez.

— Principalmente... — o incentivo com a voz baixa.

— Principalmente, sonho com o seu sorriso todas as manhãs e os seus beijos todas as noites.

— São muitos sonhos, não apenas um.

— São pequenos desejos, que se resumem a um grande sonho: você e eu juntos para sempre!

— Eu amo esse sonho, amo mesmo — afirmo, sorrindo em seus lábios.

— E desde que eu não tive grandes sonhos ao longo da vida, faço questão que esse se realize agora — Evan murmura, respirando suavemente de encontro a minha boca.

— Esse sonho é tão meu quanto seu, Evan — digo o seu nome com carinho, tocando a sua testa com a minha. — E ele vai se realizar, eu prometo.

— E eu acredito em você.

Coloco a mão em seu peito, entrando vagarosamente pelos botões abertos de sua camisa, até sentir a sua pele quente e seu coração batendo sob a minha palma. Gosto de sentir as batidas do seu coração e imaginar que, quando estamos juntos, ele bate de um jeito especial para mim. Não sei se é cientificamente possível, mas julgo que não. A ciência é quase sempre exata,

ao contrário do amor.

O amor te faz acreditar no impossível, enxergar aquilo que os outros não podem ver e correr riscos desnecessários. Mas, quando olho para Evan, sinto que tudo o que nunca fez sentido para mim, de repente ganha enfim uma razão. Sem dúvidas, sem medo, uma viagem tranquila enquanto ele me leva ao desconhecido.

Ele enrosca a mão em meu cabelo, tomando os meus lábios em um beijo firme. Sua língua tem pressa em encontrar a minha, então abro a boca e suspiro, sentindo o seu sabor explodir em mim. Seu beijo é apressado, carnal e lascivo ao extremo, me consumindo e me arrastando para o vendaval chamado Evan Carter. Porém, os seus toques são suaves, gentis e calmos, buscando e explorando as curvas do meu corpo sem urgência, um prelúdio. Existe familiaridade em seus dedos deslizando por minha pele, me aquecendo. Ele sabe o que eu gosto, entende o que preciso e eu me doo por inteira. Com tudo o que tenho e com tudo o que sou... Não sou mais eu, sou sua.

— Eu te amo — sussurro no escuro, contornando a minha tatuagem em sua costela. Eu já decorei o lugar exato em que ela está em seu corpo.

— Eu te amo também — ele afirma, afagando o meu cabelo.

Sorrio em seu peito e durmo. Tenho certeza de que passo a noite toda assim, porque é a primeira coisa que faço ao acordar e encontrar o sorriso de Evan. E eu não paro de sorrir nem mesmo ao andar pelos corredores da clínica com a minha carta de demissão em mãos. Posso ter enlouquecido, alguns me dirão que foi exatamente isso o que aconteceu comigo. Mas estou feliz demais para me importar. Agora estou sonhando com a Califórnia, futuros bebês e uma vida inteira ao lado de Evan.



Antes de partir

Evan

Lizz me espreita por trás da sua tigela de cereal na mesa da cozinha. Ela acha que estou ocupado demais sentado no sofá, com o meu celular em mãos, para notar o seu olhar em mim, mas eu percebo totalmente. Ela quer me dizer algo importante ou pedir alguma coisa, o mais provável é que seja um, seguido do outro. As chances de que seja algo que não irei gostar também são grandes, porque ela tem me olhado assim durante toda a manhã.

Já a conheço o suficiente para ler todos os seus sinais e acho que o mesmo se aplica a ela quando o assunto sou eu. Ela, com toda a certeza, sabe que depois de quinze dias aqui na Espanha, eu estou a ponto de enlouquecer, porém, tenho me mantido forte. Jurei a mim mesmo que não entraria naquele avião sem ela e costumo manter os meus próprios juramentos. Não importa o quanto esteja sendo difícil esperar, eu ainda o farei. Claro, tenho pedido a Deus todos os dias que essa espera não seja tão longa quanto os dois meses que Lizz me pediu. O quão difícil pode ser contratar uma enfermeira em Mijas? Óbvio que se eles quiserem alguém tão perfeita quanto ela, nós nunca sairemos dessa cidade. Por esse motivo, as minhas orações também vão para que eles não sejam tão exigentes quanto Lizz fez parecer. Eu não irei suportar mais duas semanas preso nessa casa... sei que não irei.

Quando Lizz está aqui, eu me esqueço da parte geográfica da história, quando estamos juntos e somos apenas um casal dividindo uma vida; já não importa se estamos na Califórnia ou em Mijas. Mas ela não pode estar aqui o tempo todo e são os momentos em que me encontro sozinho, que tenho uma vontade gigantesca de correr para o aeroporto... Com Lizz ao meu lado, lógico.

— Pode falar, Lizz. Não vou morder — digo, sem deixar de olhar para o celular.

Ouçõ a sua risada gostosa, enquanto digito uma resposta rápida para o e-mail de Ben e finalmente deixo o celular de lado. Quando olho para ela, o rosto está sorridente e há um brilho diferente em seu olhar e isso me faz sorrir lentamente. Ela parece uma criança que precisa guardar um segredo, mas está feliz demais para conseguir escondê-lo das outras pessoas. Isso me deixa

aliviado, talvez eu vá gostar do que ela tem a me dizer.

— Ou talvez eu morda — brinco, me levantando e indo até ela.

Aperto a sua cintura, mordendo a sua orelha antes de ocupar o seu lugar e colocá-la em meu colo.

— Por que você acha que quero falar alguma coisa? — ela pergunta ao me beijar, deixando a colher em sua mão sobre a mesa. — E eu não tenho medo das suas mordidas, só para você saber.

— Não tem? — Afasto a camiseta larga de seus ombros e mordo a sua omoplata. Ela ri em meu cabelo, enquanto eu completo. — Você me olhou sem piscar por mais de vinte minutos, com certeza quer me dizer algo.

— Talvez eu estivesse apenas te admirando — brinca, piscando para mim.

— Você estava pensando, agora me diga no quê.

— Eu realmente tenho algumas notícias importantes. — confessa depois de respirar pesadamente — A primeira é que encontraram uma substituta para mim na clínica.

— Sério? — pergunto, sem esconder o meu entusiasmo. Ela balança a cabeça com a mesma felicidade, mordendo os lábios e espalhando o cabelo por todo o seu rosto. — Por que não me contou antes?

— Eu soube ontem — ela se defende, colocando novamente os fios de cabelo atrás da orelha.

— Soube ontem e está me contando agora, sabe que eu estava louco para isso acontecer.

— Eu sei e aconteceu, finalmente, só foi preciso de duas semanas de espera.

— Quando podemos nos mudar? — eu a questiono com ansiedade.

— Não amanhã, com certeza — ela brinca, me fazendo rir. — Mas eu acho que o mais tardar na próxima semana. O treinamento da nova enfermeira vai durar dois ou três dias, eu tenho que acompanhá-la nesse processo.

— Eu entendo e estou feliz da mesma forma, podemos certamente esperar mais alguns dias.

— Eu também rompi o meu contrato de aluguel há alguns dias.

— Tantos segredos, Lizz — eu a repreendo, fazendo cócegas em sua barriga sob a camiseta.

— Eu não quis te dar falsas esperanças, mesmo que eu mesma tenha me entusiasmado com a quantidade de candidatas que apareceram para

preencher a minha vaga.

— Tudo bem, então o assunto do aluguel está certo?

— Sim, está. Embora tenha sido preciso pagar uma pequena fortuna com a multa de rompimento — ela afirma, revirando os olhos para as próprias palavras. — Agora estou mais pobre e sem lugar para morar.

— Eu vou lhe reembolsar por isso — falo ao mesmo tempo que ela franze as sobrancelhas em desagrado. — Eu irei e te darei um lugar para morar também.

— Eu não quero o dinheiro, só um lugar na sua casa.

— Lizz...

— Eu não quero, Evan, de verdade — ela ratifica com firmeza. — Eu já não irei pagar aluguel na sua casa, ou irei?

— Só com seus beijos e a possibilidade de sexo a qualquer hora do dia.

— Ok, seu pervertido. — Ela ri em meu pescoço. Uso uma das mãos para trazer o seu rosto até o meu outra vez e a olho, enquanto contorno a sua bochecha.

— Então é isso? — pergunto com os olhos fixos aos seus e alegria evidente em minha voz. — Nós podemos ir embora? Comece a arrumar as suas malas.

— Eu irei, mas...

— Nada mais nos prende aqui.

— Evan... — Lizz fala lentamente, quando as letras do meu nome deslizam de sua boca com um aviso entre elas.

Existem reticências tão visíveis em seu tom de voz, deixando claro que esse é o momento da conversa em que ela finalmente me diz algo que irá tirar todo e qualquer sorriso do meu rosto. Eu sei exatamente o que será e o quanto não quero ouvir. Mas darei o braço a torcer por ter esperado que ela tocasse nesse assunto antes, era inevitável não fazê-lo; apenas demorou um pouco mais do que eu imaginei.

— Precisamos falar sobre Victor.

— Não precisamos — eu a corrijo com calma. — Você precisa, irei apenas ouvir, embora nem mesmo isso eu queira fazer.

Ela me olha em silêncio, certamente buscando as palavras certas para me convencer ao que quer que seja. Ou tentando manter a calma diante da minha relutância. Eu espero que ela fale primeiro, não me resta nada mais.

— Vocês precisam se encontrar mais uma vez, já passou algum tempo — Lizz diz por fim, tocando o meu rosto com carinho. — Você precisa lhe

dar uma segunda chance, seja razoável.

— Razoável? Acho que já fui muito razoável, Lizz — replico com firmeza.

— Vocês se encontraram sob fortes emoções, completamente abarrotados de mágoas e você principalmente, Evan... — Ela aponta para o meu peito, antes de completar: — Estava muito disposto a fazer desse encontro um fracasso.

— Eu não penso assim. — Balanço a cabeça, não aceitando sua sentença sobre mim. — Você acha que foi fácil ouvir tudo o que ele me disse? Descobrir o tipo de homem que ele foi e que ele é? Desculpe, mas eu fui muito, muito razoável, Lizz.

— Eu sei que não foi nada fácil, nunca imaginei que seria — ela diz com indulgência, em seu pequeno sorriso torto. — Mas não podemos ir embora e deixar essa página em aberto aqui. Isso precisa ter o seu final.

Realmente não posso definir em palavras sensatas o quanto esse assunto todo me incomoda. Não, eu não poderia fazê-lo sem sentir vontade de xingar ou quebrar alguma coisa no caminho. Talvez eu devesse cogitar uma terapia e externar todos esses sentimentos ruins a alguém que é pago para isso e por esse motivo não poderia me julgar. Ou falar com a parede, acho que funcionaria também. Mas eu não quero me importar, não posso me importar. Fingindo que ele não existe, sei que não tem absolutamente nenhum poder sobre mim.

— Por que você se importa tanto com ele, Lizz? Por que precisa gostar tanto dele assim?

— Ele não é o inimigo, Evan — ela me diz, com extrema suavidade na voz e fica evidente que está usando esse tom para me acalmar. Como se eu fosse um menino de cinco anos que não entende o óbvio.

— Não, ele não é o inimigo. É apenas o meu amado pai.

— Não seja sarcástico, podemos conversar como dois adultos.

— Você sabe que eu não quero brigar com você, na verdade é a última de todas as coisas que eu quero na vida — começo, usando o mesmo tom que ela usou anteriormente comigo. — Mas, se você insistir nesse assunto, é exatamente isso o que irá acontecer.

Ela fecha os olhos e respira algumas vezes e eu me vejo fazendo o mesmo, mas com os olhos ainda abertos e muito atentos as suas emoções faciais. Tirando toda a estranheza do nosso primeiro encontro e algumas trocas de farpas após isso, Lizz e eu nunca brigamos. Claro, é evidente que

não passamos uma grande quantidade de tempo juntos para que esse fato seja um ponto positivo da nossa relação. Talvez não tenhamos brigado por falta de oportunidade, embora eu acredite que foi porque ambos cedemos quando necessário. Ela mais do que eu, devo admitir. Então, antecipar uma briga entre nós me deixa tenso.

— Ele não é o inimigo, Evan — ela repete se levantando e eu não faço nenhum movimento para detê-la. Preciso das mãos livres para arrancar os meus cabelos. — E eu gosto muito dele sim, tenho um carinho imenso por Victor. Mas eu te amo loucamente e estou fazendo isso por você.

— Como você pode me dizer isso? Como pode saber o que eu preciso ou não?

— Porque você está aí alimentando essa mágoa, cultivando esse ódio e eu enxergo claramente que isso só te faz mal. Victor está morrendo afinal, mas você pode viver com esse peso, Evan? O peso de saber que teve todas as chances e ainda assim não o perdoou?

Dou risada, uma seca e sem um pinga de diversão, mas é um reflexo do meu desagrado e nervosismo crescente. Também me levanto, buscando instintivamente, algum espaço entre nós. Me perguntando o tempo todo como fomos da felicidade por nossa mudança para a Califórnia, a esse assunto tão desagradável e uma briga iminente.

— Perdoá-lo significa que eu entendo e aceito as suas escolhas, as suas decisões e bem... eu não entendo, Lizz, eu nunca entenderei.

— É isso o que eu preciso que você perceba, Evan. Não se trata de aceitar ou entender, mas de se libertar. Deixe tudo isso que te prende ir.

Estou de costas para ela, apertando fortemente a minha própria nuca, como se a dor autoinflingida pudesse me causar algum alívio. Porém, não causa. O alívio que eu preciso nesse instante vem de fingir que não existe nada de errado em minha vida. Todos nós temos esqueletos e eu gosto de manter os meus muito bem escondidos no armário. É o mesmo que jogar a sujeira da casa para debaixo do tapete, mas eu prefiro mil vezes o conforto que isso me traz. Porque tocar na verdade nem sempre é bonito.

— Você construiu uma vida linda para si mesmo, independente da sua infância conturbada e falta de estrutura familiar — ela continua, enquanto ouço os seus passos à minhas costas. — Isso deveria te trazer orgulho, porque não importa quais foram os erros dos seus pais, você fez as suas próprias escolhas e elas te trouxeram até aqui.

Eu me viro para ela, prendendo a respiração quando sua mão para em

meu peito e seguro gentilmente o seu pulso. Me lembra o nosso primeiro beijo e talvez por isso, eu sinto grande parte da minha tensão me deixar. E ela está coberta de razão, eu ainda sou tão preso aos meus pais, ao que eles deveriam ter feito por mim, a tudo o que eu gostaria de ter tido e vivido. Preso ao desejo de ter tido uma história completamente diferente da que tenho. Dói e é muito maior do que o meu orgulho pode suportar, mas preciso ceder.

— Nós podemos ir embora da Espanha e deixar o Victor para trás, como se ele nunca tivesse existido. É isso o que você quer? — ela pergunta com seriedade e eu me calo.

É isso o que eu quero? Há cinco minutos, a única resposta que sairia da minha boca seria sim, talvez, com certeza. Mas Lizz me fez duvidar das minhas decisões e estou totalmente confuso agora.

— Apenas pense se pode viver com esse peso pelo resto da vida — ela continua diante do meu silêncio. — Esse perdão não é para o Victor, esse perdão é para você, Evan.

Pode ser que eu deteste o quanto ela está certa, porém, se eu preciso ouvir isso de alguém, fico feliz por ter sido de Lizz. Eu farei isso por ela — assim como foi a primeira vez —, mas é possível que eu descubra ao longo do tempo que fiz somente por mim.

— Tudo bem — digo por fim, usando a mão que não segura o seu pulso para tocar o seu cabelo. — Eu irei encontrá-lo mais uma vez antes de voltarmos para a Califórnia.

— Obrigada! — agradece com um sorriso que ilumina o seu rosto. — Sei que está fazendo isso por mim, então, obrigada.

Eu a abraço, depois de um beijo lento e carinhoso.

— Estou fazendo por nós — afirmo para tranquilizá-la, mesmo que eu mesmo não tenha tanta convicção. — Você está completamente certa em tudo o que disse, mas eu não veria por mim mesmo.

Sinto o seu sorriso em minha pele, antes do seu beijo em meu peito. Nós ficamos assim por algum tempo e acho que ela sabe o quanto esse encontro me assusta, embora eu nunca tenha confessado isso em voz alta.

— Eu pensei... — ela começa se afastando alguns centímetros, mas ainda segurando a minha mão.

— Você pensou... — eu a incentivo com certo receio na voz.

— Pensei que seria uma ótima ideia se pudéssemos visitar Victor hoje.

— Hoje? — Eu me afasto com descrença, rindo da sua sugestão. —

Hoje não, de jeito algum.

— E por que não?

— Eu preciso me preparar, preciso pensar no que dizer, ou só me preparar para ouvir; não sei. Porém, hoje é uma péssima ideia.

— Eu não queria te dizer, aliás, eu tentei esconder isso de todas as maneiras. Mas Victor piorou muito no último mês, mais especificamente nos últimos dias — ela conta, se afastando para se sentar no sofá. — Ele está com uma infecção de urina que não melhora de jeito algum e perdeu peso consideravelmente. Todos os dias em que chego à clínica, tenho um medo absurdo de não encontrá-lo mais.

Eu absorvo as suas palavras em silêncio e reflito, embora não encontre uma resposta para elas.

— É doloroso, porque eu sei que tudo o que ele quer realmente é o direito de se despedir de você e pode ser que ele não tenha tempo para isso.

— Meu Deus, Lizz... por que você precisa fazer isso comigo? — pergunto aumentando um pouco o tom de voz.

— Eu não posso fingir que não está acontecendo, fingir que ele não está morrendo sem o seu perdão.

— E então você apenas me força a perdoá-lo.

— Não é isso, você acabou de concordar em encontrá-lo outra vez, me disse que eu estava certa.

Ela se encolhe no sofá, usando a almofada próxima como um escudo. Eu detesto chateá-la, detesto me comportar como um idiota e confesso que tenho alguma facilidade nisso, quando o assunto em questão me desagrada. E meu pai é com toda certeza um gatilho para mim, de uma forma totalmente negativa.

— Você está certa — pondero, me aproximando e me sentando ao seu lado. — Me desculpe, mais isso não é tão fácil para mim quanto é para você.

— Eu sei que não é fácil — ela concorda, deslizando a mão pelo sofá até encontrar a minha a alguns centímetros — Não é fácil, mas necessário. Deveremos a Victor, para sempre, o fato de termos nos conhecido. Já imaginou que, se não fosse por ele, nós jamais teríamos nos encontrado?

— Jamais é definitivo demais, talvez nós tivéssemos nos encontrado em outra hora ou lugar.

— Eu acho difícil, para não dizer impossível. — Ela sorri, apertando a minha mão; então completa: — Eu não quero contar essa história aos nossos filhos e precisar dizer que você odiava o seu pai, que nunca foi capaz de

perdoá-lo.

— Nossos filhos — repito com um sorriso também. — Você parece já ter todo o nosso futuro planejado.

— Nós concordamos que teríamos sonhos e planos, esse é apenas mais um deles — Lizz sussurra, olhando para as nossas mãos e novamente para mim. — Ter paz também é um sonho, não quero nenhuma bagagem negativa entre nós, Evan. Nada nos prendendo ao passado de forma negativa.

— E se eu não puder perdoá-lo? — questiono, transformando vagarosamente todas as minhas inseguranças em palavras. — Se eu chegar lá, olhá-lo e simplesmente descobrir que não sou capaz de perdoá-lo. Capaz de deixar tantos anos de abandono para trás... O que eu faço então, Lizz?

— Eu não sei, meu amor. Mas acho que você só poderá descobrir quando der esse passo, não existe outra maneira de fazê-lo.

— Venha aqui — peço, estendendo ambas as mãos para ela.

Ela desliza pelo sofá, subindo em meu colo, após colocar as pernas ao redor do meu quadril. Seus braços ao redor do pescoço, enquanto minhas mãos estão em suas coxas, apertando levemente a sua pele. Eu me aproximo, aspirando demoradamente o perfume do seu pescoço e cabelos soltos. Então beijo vagarosamente a pele atrás da sua orelha até chegar ao seu queixo, até chegar à sua boca.

— Vamos fazer isso — murmuro em seus lábios. — Porém, sem promessas. Não estamos em um filme, ou livro. Não posso garantir que será lindo, com abraços e palavras bonitas e eu não quero decepcioná-la, Lizz.

— Isso jamais iria acontecer, eu te amo demais e não espero que você seja perfeito. Faça o que precisa fazer e então seguiremos em frente.

— Eu te amo também — reforço com os nossos rostos ainda próximos. — Nesse momento, você é a pessoa mais importante para mim, a única a qual eu quero desesperadamente fazer feliz.

— Você me faz feliz, Evan. Foi assim desde o início — ela diz, beijando o canto da minha boca. — E eu estarei ao seu lado, te amando incondicionalmente... sempre e sempre!

Nós sorrimos um para o outro, antes que ela se incline e me beije, enquanto meus dedos se perdem dentro da sua camiseta de dormir. Eu queria que pudéssemos ficar aqui o dia todo, é exatamente o meu único desejo quando estou com Lizz... congelar o tempo. Só que eu sei que hoje não será possível. Dizem que fazemos sacrifícios por amor, eu particularmente nunca fiz nenhum, mas por amar tanto a Lizz, estou entrando em um táxi duas horas

mais tarde. O destino é a clínica, um encontro com o meu pai. O segundo de toda a nossa vida, o último também. Tenho sentimentos diferentes agora, não tão afogado em meu ódio e mágoa como foi a primeira vez. O medo, no entanto, é exatamente o mesmo, por isso eu aperto cada vez mais a mão de Lizz na minha. Ela me mantém forte, o seu amor faz com que me sinta capaz de qualquer coisa e essa sensação é bem-vinda agora.



O último adeus

Evan

Saio do táxi com rapidez, minha mão soltando a de Lizz, apenas o tempo suficiente para que ela saia do carro também. Então, volto a agarrar a sua mão, como uma criança pequena que tem medo de perder a mãe em uma multidão. É assim que eu me sinto agora. Uma criança com medo. Tirando a parte da mãe, é óbvio. Porque a minha mãe nunca me deixou segurar a sua mão. Tampouco o seu toque foi capaz de me transmitir algum afeto ou conforto quando eu era pequeno. Mesmo que eu me esforce, não serei capaz de me lembrar de algum momento em que tenha sido diferente. Antes de Lizz, a única pessoa que poderia me amparar, confortar de alguma forma era o Damian e não, nós não vivíamos de mãos dadas... apenas para deixar claro. Mas com Lizz eu sinto que encontrei um porto seguro. Aquela pessoa na qual você encontra tranquilidade em seu olhar ou toque. Pode ser que seja uma afirmação prematura, porém, já vivi tempo suficiente para saber quando algo é permanente e Lizz em minha vida, com toda a certeza é.

Nós andamos em silêncio pela calçada, até a entrada da clínica. Embora já tenha estado aqui anteriormente, toda a fachada não me traz lembrança alguma. É tudo novo para os meus olhos. Lizz me conduz até a portaria e tudo o que me resta é segui-la e esperar que ela fale algo em espanhol para o porteiro. Ele replica a sua frase, então pega o interfone gastando alguns segundos para falar com a pessoa do outro lado.

— Ele perguntou se eu estava trabalhando hoje — Lizz me conta, ao se voltar para mim enquanto ambos esperamos. — Eu lhe disse que viemos ver o Victor, que você era o seu filho.

— Você adora dizer isso, não é? — pergunto sem sorrir, mas também sem estar bravo.

Ela encolhe os ombros sorrindo para mim, antes de voltar a falar com o porteiro. A nossa entrada é autorizada e Lizz me entrega o meu crachá de visitantes enquanto caminhamos pelo grande jardim em direção à área interna.

— Eu nunca estive aqui em um domingo — ela me conta, olhando ao redor. — Esse jardim não é lindo? Sentirei saudades desse lugar.

— É lindo sim — digo, me fixando em seu rosto. — Não tem problema algum em sentir saudades, contanto que você não queira voltar.

— Nunca — ela me diz, quando enrosca um dos braços no meu. — Eu provavelmente não voltarei nunca mais para Mijas depois de partir. Só em Málaga para visitar minha família.

— Eu estarei com você quando isso acontecer — afirmo, beijando o seu cabelo quando ela encosta a cabeça em meu ombro.

— A minha mãe vai te adorar, minha avó principalmente.

— E o seu pai?

— Ele irá também, um pouco relutante, eu confesso. — Ela para a minha frente, quando enfim chegamos ao final do jardim. Usando uma das mãos para esconder os olhos do sol forte, antes de dizer com voz divertida. — Ele me disse ao telefone: *Lizz, você está louca, minha filha, jogando todo o seu futuro para o alto por um amor.*

— Ele disse isso? — a questiono com um pequeno sorriso.

— Entre outras coisas — ela confessa olhando para o jardim à nossa volta. — Mas acho que todos os pais se comportam assim.

— Eu não faço ideia de como os pais se comportam. Esse assunto é um enigma para mim.

— Eu sei, eu tenho um *timing* perfeito... desculpe-me.

— Não seja boba, não se desculpe. — Seguro o seu rosto e a beijo suavemente. — Vamos entrar?

— Claro.

Segurando a minha mão mais uma vez, Lizz me leva para dentro da clínica. Estando tão familiarizada com o ambiente, nós demoramos somente alguns minutos caminhando e subindo alguns lances de escada, até pararmos em frente ao quarto de Victor — minha dedução apenas. Eu ainda não me recordo de nada, não do espaço físico em si. Mas é engraçado e irônico que eu não tenha me esquecido de nenhuma palavra que foi dita atrás dessa porta. Eu jamais esquecerei.

— Espere aqui um minuto — Lizz me pede, desvencilhando a mão da minha e entrando no quarto.

Eu me encosto à parede fria e respiro. Dentro de mim tem uma tempestade, porém, por fora eu sou calma. Somente Lizz sabe o quanto eu me sinto frágil e detesto esse sentimento. Ela sabe, porque eu lhe mostrei todos os meus lados, os bons e ruins. E para a minha eterna sorte, me aceitou do jeito que sou. Eu já ouvi que sou uma pessoa difícil, isso foi me dito

diversas vezes por pessoas diferentes. Eu costumava pensar ter herdado isso da minha mãe, mas bem que poderia ter sido de Victor; como eu saberia se nunca convivemos? Porém, embora não possa afirmar de quem herdei qualquer um dos traços da minha personalidade, posso garantir que vivi e fiz todas as minhas escolhas pensando em fugir do estigma dos meus pais. Mesmo antes de conhecer Victor, eu já sabia que não queria me parecer com ele... minha mãe, nem se fala. Agora eu me pergunto: eu consegui? Sou totalmente diferente deles? Fecho os olhos e esfrego as minhas pálpebras em frustração, ao mesmo tempo que Lizz abre a porta e aparece diante de mim.

— Ele vai te ver — ela anuncia, enquanto me dou conta de que existia a possibilidade de que ele não quisesse me ver. Onde foi parar a minha sorte agora? — Victor ficou muito feliz em saber que está aqui.

— Claro que ficou — digo, sorrindo com ironia.

— Evan... — Lizz me censura, segurando o meu braço. — Seja bom.

— Sempre sou. — Dou risada, enquanto ela me olha com atenção. — Talvez eu não seja exatamente bom, estou pensando em manter um silêncio educado. Mas fique tranquila, não irei matá-lo de desgosto.

— Isso foi ruim.

— Eu nem percebi a ironia, desculpe.

Ela suspira, olhando para os nossos dedos que vagarosamente se entrelaçam e quando seus olhos se encontram com os meus novamente, vejo dor e tristeza neles. Amá-la pode me dar força, mas também é a minha maior fraqueza nesse instante, porque eu sei que farei de tudo para não vê-la infeliz ou machucá-la. Eu já a magoei inconscientemente e não quero repetir o erro.

— Eu serei civilizado, coerente — recito, colando a minha testa na sua. — Sem gritos, ou palavrões.

— Ele está muito magro e debilitado, tão diferente da primeira vez que se viram — Lizz me alerta. — Pode ser chocante para você.

— Eu não me lembro da primeira vez, então...

— Tudo bem, vou estar te esperando aqui fora — ela promete, enquanto me beija. — Não vá sair correndo sem mim.

— Não desta vez!

Me afasto com relutância e a sua mão desliza lentamente da minha, como se uma parte dela também não quisesse que eu fosse embora. Essa situação é difícil para ambos, porque a empatia que ela sente por Victor e sua situação, a machuca também. E eu, eu aceito toda a dor e o peso sobre as minhas costas para tranquilizá-la e trazer o seu sorriso de volta. Será uma

mentira, porque eu não quero esse encontro, não quero esse perdão. Mas Lizz precisa disso — ou ela acha que precisa — para que tenhamos um futuro e eu nunca quis tanto um futuro como quero agora. Um futuro com ela ao meu lado.

— Ficaré tudo bem, eu estou bem. — Tento confortá-la com essa afirmação. — Não vou demorar.

Um último beijo e eu me afasto, por fim. Abro a porta sem hesitação, mesmo que a minha vontade fosse a de segurar a maçaneta e esperar até sentir coragem suficiente para entrar. Olho para Lizz e ela sorri com o polegar para cima, ao lado do seu rosto bonito. Eu sorrio também, fechando a porta em seguida e a deixando para trás. Estou dentro do quarto e ouço uma respiração suave atrás de mim, porém não me viro de imediato. Eu preciso dos poucos segundos em que minha testa se apoia na madeira à minha frente e eu exalo diversas vezes. Não é tempo bastante, mas eu preciso desses preciosos segundos que correm mais do que o normal. Eu me viro e o vejo sobre a cama. Agora eu me recordo que na primeira vez ele estava sentado sob a janela. Flashes transpassam por minha mente e eu me sinto, de repente, alguém que recuperou a memória. Nossos olhos se encontram, os meus não dizem nada, eu sei. Esforço-me para esconder qualquer emoção atrás deles. Mas os olhos de Victor são como águas cristalinas repletas de sentimentos: felicidade, alívio, paz e amor. Esse último é o que mais me preocupa, porque dentre todas as pessoas do mundo, ele é a última que eu quero que me ame. Eu não aceito esse amor.

— Oi — digo simplesmente, ainda encostado à porta.

— Meu filho... — Sua voz não tem firmeza alguma, soa com tanta fraqueza, como se o simples ato de falar exigisse dele um grande esforço. Seu rosto está assustadoramente magro, parece que ele perdeu dez ou quinze quilos... nunca estive perto de alguém à beira da morte e posso dizer, isso não é bonito. — Estou tão feliz por ter vindo.

Estou tão impactado por sua aparência, que o fato de ter sido chamado de filho por ele, fica em segundo plano. Eu não sei o que dizer exatamente. Devo me sentar ou ficar em pé? Falar o que sinto, penso, ou somente ouvir a sua oração de desculpas e arrependimentos?

— Eu vim pela Lizz — digo, por fim. — Sem ela, eu nunca estaria aqui novamente.

— Eu sei e confesso que não achei que ela fosse capaz de convencê-lo a estar aqui outra vez, por isso estou tão feliz. Eu não esperava ganhar esse

presente.

— Ela pode ser persuasiva e insistente quando quer.

— Ela pode, sim — ele concorda com um riso fraco. — Sempre me fez tomar os mais terríveis remédios e injeções, usando a sua persistência. Você se apaixonou por uma mulher incrível.

— Ela é única para mim, se é que pode entender algo assim.

— Claro que entendo e fico feliz por você. — Victor mantém o sorriso, não se abalando com a ironia que não pode controlar. — Feliz por vocês.

Eu aceno, cruzando os meus braços e desviando o olhar para a janela à minha frente. O silêncio se instaura entre nós, de uma forma extremamente incômoda, a ponto do som dos ponteiros do relógio na parede se tornar desagradável para mim.

— Chegue mais perto — Victor pede, enquanto olho ao redor em busca de uma cadeira.

Encontro uma cadeira à esquerda de sua cama e, embora eu não tenha a menor vontade de me aproximar, também sei que não posso permanecer em pé na porta. Ando com relutância, afastando um pouco mais a cadeira antes de me sentar.

— Como você está? — pergunta, assim que me sento.

— Bem — respondo, ao observá-lo tentar se ajeitar entre os travesseiros. *Devo ajudá-lo?...* Deus, isso é complicado.

Eu o observo por um tempo, então, vencendo a minha batalha interna, me levanto para auxiliá-lo. Aproximo-me e com ambas as mãos em suas axilas, o posiciono sentado. Talvez ele pese menos que uma criança nesse momento, e segurá-lo não exige esforço algum, além de romper a barreira emocional que preciso ultrapassar para tocá-lo. Ajeito os travesseiros em suas costas e volto a me sentar, passando as mãos pelo cabelo antes disso.

— O que significa a tatuagem em sua mão? Uma âncora, por quê?

Acompanho o seu olhar até a minha mão esquerda e a pequena tatuagem de âncora preta que fiz há anos.

— Firmeza, segurança, convicção física e ideológica... também pode significar apego a algo do passado, um fardo a ser carregado — explico, ainda olhando para a minha tatuagem e ao levantar o rosto, completo: — No meu caso, ambos significados se encaixam.

— Você tem outras?

— Algumas — respondo simplesmente, me encostando à cadeira.

— Combina com você — ele diz.

Há silêncio da minha parte. Eu não consigo manter uma conversa casual quando estou aqui quase contra a minha vontade.

— Lizz me contou que irá se mudar com você para a Califórnia — ele continua e eu apenas confirmo com um aceno. — Nunca imaginei que ela fosse deixar o trabalho ou mesmo o país.

— Eu não conseguiria manter um amor dessa forma, passando mais tempo em um aeroporto ou dentro de um avião — falo, apoiando os cotovelos no joelho e as mãos no rosto. — Algo que você fez com perfeição, não somente com uma, mas duas mulheres. Ao que parece, esse não foi um dos seus talentos herdados por mim, pai.

Ele exala, sustentando com firmeza o meu olhar de rancor. Eu posso repetir milhares de vezes que não o odeio, mas como negar, quando o ódio corre em minhas veias com velocidade e toma o lugar do meu sangue nelas? Eu não quero senti-lo, ele está aqui sem minha permissão e quase dói fisicamente. Eu quero deixá-lo ir, preciso deixá-lo ir.

— Eu mereço isso, me odiar tanto te traz alguma felicidade?

— Não — respondo com sinceridade. — Mas eu abomino todas as suas atitudes e sempre o farei. Talvez isso me sirva de parâmetro para o resto dos meus dias. Não me parecer nunca com você ou a minha mãe.

— Isso é justo. Eu sempre achei que pudesse deixar algo de bom na minha história, algo que me fizesse ser lembrado quando partisse. Acho que fiz minha marca afinal, não uma boa, com certeza.

— Eu concordo com você, afinal. Foi uma história feia e suja.

— Eu errei sem querer errar, é provável que você jamais entenda...

— Não mesmo — nego, o interrompendo com rapidez. — Só aceite os seus erros, ou vai passar cada segundo que ainda lhe resta procurando uma desculpa para eles?

— Eu não estou procurando uma desculpa, só... — ele para de falar e começa a tossir.

Eu escondo o meu rosto entre as mãos e esfrego os meus olhos. Isso é tão cansativo, física e emocionalmente também. Por que ele simplesmente não me pede perdão mais uma vez? Eu mentirei que o perdoo e irei embora para sempre. Ponto final. Fim de história entre pai e filho. Uma história que nunca chegou a existir de verdade.

— Eu só quero que saiba que meus atos não foram premeditados, eu nunca quis te magoar — o ouço, enquanto o meu rosto ainda está escondido do seu olhar. — Eu só fui covarde, um grande e total covarde. Tive medo das

escolhas certas, porque elas significavam perder uma parte do que eu tinha naquela época e eu não queria perder nada.

— E o que você tem agora? — indago, soltando os meus braços ao lado do meu corpo.

— Nada, eu não tenho nada — ele admite com pesar evidente. — Eu quis tudo e por tanto tempo, mas terminei com as mãos e o coração vazio.

— Exato — concordo com um gesto de desdém dos ombros. — Valeu a pena?

— Não, não valeu, Evan. Eu faria tudo diferente se pudesse voltar no tempo. Eu teria sido um bom pai para você, teria lutado contra todos para estar lá através dos anos e por todos os momentos importantes. Lutado para merecer o seu amor e respeito.

— Agora é fácil dizer isso, afirmar que lutaria e escolheria caminhos diferentes quando está morrendo e sozinho. Mas eu não acredito nessa afirmação, acho que você só lamenta porque o resultado de suas atitudes foi esse: solidão e morte.

— Sim, estou morrendo e sozinho. E a solidão é infinitamente mais amarga e dolorosa que a morte. Não tenho medo de morrer, nunca tive, na verdade. Desde o instante em que recebi o diagnóstico definitivo dos médicos, eu aceitei a morte. É o que espera a todos nós afinal, é a única certeza. — Escuto quieto e não mexo um músculo sequer, quando a primeira lágrima escorre por sua bochecha magra. — Eu só não quero morrer sabendo que te prejudiquei tanto, que os meus erros te envenenaram por completo. Aprisionaram-te como correntes invisíveis, podando todos os seus passos... devolva esse veneno para mim, Evan, me deixe levá-lo para longe de você. Que ele morra comigo também.

Eu balanço a cabeça, mal percebendo que meus dedos estão em meus cabelos em um aperto firme. Eu me levanto com rapidez, usando as mãos para apertar o parapeito da janela. Eu não quero me virar para ele, porque o seu choro se tornou mais forte nos últimos segundos. Eu não estava preparado para lágrimas, lembro o quanto detestava ver ou apenas ouvir o choro da minha mãe através dos anos. Mas eu não irei consolá-lo como eu fiz infinitas vezes com ela. Não sou forte o bastante para transpor essa barreira, isso me quebra em mil pedaços.

— Sabe, quando criança, eu costumava amá-lo muito. Ou amava a ideia, o ideal que eu criei para você — começo a falar para o meu reflexo na janela. — Eu não sabia o seu nome, quais eram as suas coisas favoritas no

mundo, muito menos a sua profissão. Eu teria amado saber que era um piloto, eu adorava aviões.

Eu rio com a feliz lembrança da minha infância. Como eu gostava de olhar para os aviões no céu em dia limpo. São poucas as recordações que tenho de quando era pequeno e me surpreendo com a alegria que algo tão tolo pode ser capaz de trazer ao meu coração.

— Talvez eu tivesse seguido a sua profissão, você poderia ter me ensinado a pilotar ou algo assim.

— Eu teria ficado muito feliz com isso — ele sussurra com a voz embargada. — Teria sido maravilhoso.

— Teria — concordo. — Eu também queria tanto te entregar um daqueles desenhos que fazemos na escola para o Dia dos Pais. Eram os que eu mais caprichava, me esforçava para fazer o melhor. Quem sabe se você soubesse o quão esperto e obediente eu era, quem sabe assim você poderia me amar também e desejar ficar comigo e com a minha mãe.

— Eu sinto tanto, tanto, meu filho. — Ouço os seus soluços aumentarem e sinto os meus próprios olhos arderem sem a minha permissão.

— Eu guardei por anos esses desenhos para te entregar um dia. Costumava escondê-los embaixo do meu colchão e olhar para eles antes de dormir. — Sorrio com essa lembrança também. — Eu os guardei até a minha adolescência, que foi quando eu percebi que você não viria mais e os queimei no quintal, escondido da minha mãe. Acho que foi então quando eu passei a odiá-lo.

Eu me viro para ele, enfim. Vejo seu rosto tão distorcido pela dor, a figura perfeita da derrota. Durante anos eu quis vê-lo sofrendo, porque então eu saberia que ele também perdeu algo e não apenas eu. Agora eu percebo que não se trata disso. Ganhar ou perder, não é uma guerra; embora tenha sido exatamente isso para mim até hoje.

— Eu precisava te odiar, era tão natural quanto respirar. Porque o ódio, o rancor e a mágoa me fortaleceram. Se eu te amasse, isso me faria um fraco, porque você não me amou de volta. Você não me quis. E se eu tivesse lhe dado esse poder, o poder de me fazer sentir indesejado, eu jamais teria sobrevivido.

— Eu te amei, meu filho, eu te amei... — ele jura, elevando um pouco o tom da voz.

— Nada disso importa agora.

— Eu preciso que você entenda que eu te amei, não precisa me

perdoar, mas eu te amei. Do meu jeito errado e egoísta, mas te amei todos os dias e ainda te amo.

— Eu não sei se existe céu ou inferno, se existe um depois, um além. Se iremos pagar por todos os nossos pecados ou eles simplesmente serão sepultados conosco e morrerão de forma definitiva. Isso te preocupa? — pergunto, voltando para perto da sua cama, mas não me sentando mais.

— Não, se eu precisar pagar por meus pecados, eu o farei de bom grado... talvez isso seja a única forma de sentir paz, então aceito o que me espera.

— Porque eu te perdoo — recito com minhas mãos sobre o lençol branco, próximas ao seu corpo debilitado. — Eu te perdoo, Victor. Não existem mais amarras ou veneno, não para mim e não para você.

Seus olhos me analisam através de suas lágrimas. É triste e eu seria a pior pessoa do mundo se a sua dor não me atingisse de alguma forma. Eu não o vejo como um pai, prefiro manter em minhas memórias aquele pai que eu idealizei e amei quando garoto. Um pai que não tinha rosto — além do que eu pintei em meus desenhos escolares. Um pai que nunca foi nada, além de uma grande fantasia, um sonho distante que nunca se tornou realidade. Mas não importa agora. Eu finalmente percebi que nada disso importa.

— Obrigado — ele balbucia, estendendo a mão até a minha e a segurando sem força em seu aperto.

Eu deveria me afastar — é o que a minha mente grita. Mesmo repudiando o seu toque no início, eu aperto a sua mão frágil entre a minha e me esforço em retribuir o seu pequeno sorriso. Então ele toca o meu rosto e eu não gosto a princípio, mas não me afasto. Os seus dedos finos e ásperos memorizam meus traços e existe carinho em seu toque; eu percebo, mesmo não querendo admitir. Ele toca o meu cabelo em seguida, demorada e vagarosamente — eu ainda não me afasto.

As lágrimas caem livres de seus olhos e dos meus também. É tarde para chorar — porque nada disso realmente importa —, mas tente explicar ao meu coração. Victor me puxa para um abraço, eu não quero e reluto ainda parado ao lado da cama; até ceder. Seu corpo se perde em meus braços, ele está tão magro que posso sentir seus ossos sob a pele fina e seca. Eu choro... Ele chora... Mais do que um choro de tristeza e pesar. Um choro de saudade, por tudo o que poderia ter sido ou existido, por sonhos e corações despedaçados repetidas vezes. Desencontros e felicidade perdida de forma leviana. Mas é tarde demais para ser importante...

— É tarde — murmuro ao me afastar e limpar o rosto.

Ele acena levemente, dando pequenos tapinhas em minha mão enquanto eu me afasto.

— Obrigado, meu filho — ele repete, limpando o rosto com a ponta do lençol. — Você me deu o maior presente de todos.

Eu aceno também, já próximo da porta.

— Eu estou indo embora, você já sabe... isso é um adeus, o último.

— Era tudo o que eu estava esperando — ele afirma com seriedade. — Agora eu também posso partir.

Nos olhamos por um tempo, o ar preso em nossos pulmões, antes que eu respire primeiro e saia do quarto. Fecho a porta o mais devagar que posso para não assustar Lizz, mas ela já está em pé no mesmo instante que solto a maçaneta. Ela me olha e enxerga em meu rosto a resposta para todas as perguntas que pensava em fazer. Então ela só me abraça apertadamente por um longo, longo tempo e novamente eu encontro em seus braços o conforto que preciso.

— Só irei me despedir rapidamente de Victor — ela anuncia, me beijando e se afastando depois.

Eu espero e, como prometido, ela não demora. Nós voltamos para a sua casa. Eu me afundo em sua cama, enquanto a observo arrumar as suas malas. A confirmação de que estamos cada vez mais próximos da Califórnia me deixa feliz. Mas eu ainda não sinto a leveza que alguns me disseram que o perdão me traria. Óbvio, que algo mudou em meu coração, só não sei dizer o que exatamente.



Victor faleceu quatro dias após o nosso encontro. Lizz chorou por horas em meus braços aquela noite, enquanto eu apenas afaguei o seu cabelo e tentei descobrir o que aquela notícia me causava. Até que Lizz dormiu e eu me permiti chorar também.

Toda a minha vida passou diante de mim, revivi orgulhos e arrependimentos. Tristezas e alegrias. Então, após três cigarros e muitas lágrimas, enfim senti paz e foi bom. Não houve sepultamento, ele foi cremado e suas cinzas dispostas na raiz de uma oliveira nos fundos da clínica. Lizz estava lá, eu não. Eu disse a Victor que aquele era o nosso último adeus e mantive a nossa palavra. Eu só desejo que ele tenha sentido paz também.

— Pronta? — pergunto a Lizz, após afivelar o cinto do meu assento.

— Sim. — Ela sorri, fazendo o mesmo e fechando os olhos quando o avião começa a decolar.

Rio do seu medo e seguro a sua mão sobre o divisor da poltrona. Seus olhos permanecem fechados, enquanto eu olho para as nuvens através da janela e permaneço sorrindo para o futuro que nos aguarda.



Lar é onde mora o coração

Lizz

Abro os olhos vagarosamente e demora longos e estranhos segundos, até que minha mente me recorde de onde estou... Avião, conexão Madrid-Califórnia... Onze e intermináveis horas de voo e eu detesto voar. Sim, eu estou entre a grande porcentagem da população mundial que tem medo de aviões. Não de aviões exatamente, mas sim da combinação deles com a grande altitude. Ainda prefiro a segurança de um bom asfalto sólido sob os meus pés. Eu tenho pavor ao pensar em tudo o que possa acontecer de ruim durante o voo, e olha que até hoje eu não havia voado mais do que duas horas e mesmo assim, não poderia proibir a minha imaginação de me levar a cenários assustadores.

Evan segurou a minha mão e me deixou ficar com a poltrona do corredor caso eu passasse mal e essa não era uma hipótese para mim... Só acho que ele queria admirar as nuvens mesmo. Ainda estamos envoltos na dolorosa áurea que a morte de Victor há alguns dias nos deixou e tenho a sensação de que Evan tem escondido a sua dor de mim. Não falamos abertamente sobre isso e não faço ideia de como ele se sente a respeito de perder o pai. Claro que se eu tocasse nesse assunto, a sua resposta mais previsível seria: *Como alguém pode perder algo que nunca possuiu?* Eu não posso contradizê-lo com relação a isso e olhando para toda a nossa trajetória até aqui, diria que ele e Victor tiveram o único final realmente possível para a sua triste história. Olho para ele à minha esquerda e sorrio.

Evan está dormindo serenamente, com os fones de ouvido ao redor do pescoço e uma expressão relaxada. Eu sempre o imagino como um menino enquanto dorme, embora o seu rosto já não tenha mais a mesma dureza todas as vezes que olha para o meu; ao invés disso, eu vejo amor... O amor que me fez ignorar por completo o meu terrível medo de aviões e encarar uma mudança tão drástica que está — segundo o meu celular — a poucos minutos de se tornar uma realidade concreta. Respiro lentamente, passando os dedos pelo meu cabelo solto e bagunçado pelo sono. Alcanço a garrafa de água logo à minha frente e bebo metade do seu conteúdo, antes de me levantar e usar o banheiro. Dez minutos depois encontro Evan no meu caminho até a poltrona.

Ele aperta a minha cintura ao passar e sorri para mim enquanto anda até o banheiro. Alguns minutos depois, ele se junta a mim, ocupando rapidamente o assento ao lado do meu novamente.

— Tudo bem? — Ele pergunta, segurando a minha mão e trazendo o meu corpo até o seu para um beijo rápido de bom dia.

— Sim, estou ótima — respondo, retribuindo o seu sorriso. — O voo foi bem tranquilo, não foi?

— Você não teria percebido, se fosse o contrário.

— Não mesmo — admito com um encolher de ombros.

O meu medo de voar me obrigou a tomar um sedativo forte, que me permitiu dormir a maior parte do voo. Sei que isso não é algo aconselhado, mas eu abri uma exceção mediante a minha fobia intensa. Era me automedicar ou me envergonhar na frente de Evan, dos passageiros e tripulação. É provável que eu tenha babado no ombro de Evan a maior parte do voo, mas foi um ônus impossível de se evitar.

— Eu babei em seu ombro enquanto dormia? — o questiono com expectativa, embora não deixe de sorrir.

— Um pouco e roncou bem alto também. Precisei dos fones para conseguir dormir — ele diz sério.

— Não é verdade — me defendo com a voz um pouco aguda.

— Não, você só parecia uma boneca de cera — Evan brinca me fazendo rir. — Chequei o seu pulso várias vezes durante o voo.

— Deus... — cubro o meu rosto abafando uma risada mais alta, antes de abrir um vão entre os meus dedos e olhar para ele. — Como eu voltarei para visitar os meus pais?

— Você consegue — ele me encoraja, puxando as mãos do meu rosto e mantendo uma delas entre a sua. — Demorará o suficiente para adquirir coragem.

Mantenho o meu sorriso até ouvir a voz do comandante soar nos alto-falantes anunciando o pouso. Fecho o meu cinto e os olhos também — ambos mais apertados do que o necessário — enquanto o avião pousa suavemente. Graças a Deus estamos todos bem e vivos quando decido abrir os olhos outra vez. Guardo meu celular e fones em minha bolsa antes de desembarcar com ansiedade. Tocar o solo firme mais uma vez, me traz paz instantaneamente. Meus olhos são atentos a tudo, enquanto caminhamos sem pressa pelo aeroporto cheio. Evan espera as nossas bagagens na esteira, ao mesmo tempo que ajeita os meus documentos para legalizar o meu visto de turista. Ele me

garantiu que seria mais fácil mudar posteriormente para um visto de trabalho e futuramente para um visto permanente. Sei que se nós nos casarmos, eu serei considerada uma cidadã americana também e isso irá resolver metade dos nossos problemas burocráticos. Entretanto, me recordo de ter lhe dito que não sonhava com um casamento e me pergunto até que ponto ele levou as minhas palavras a sério.

— E agora? — pergunto, guardando o meu passaporte, com o seu primeiro carimbo internacional, em minha bolsa.

— Agora vamos para casa — ele anuncia com felicidade, empurrando nossas malas até a saída.

Toda a minha vida em Mijas foi reduzida a duas grandes malas e uma bagagem de mão. Não que eu tivesse algum apego sentimental a um móvel ou objeto de decoração em minha antiga casa, mesmo assim, não posso deixar de achar melancólico esse fato... Vida nova, totalmente nova. Eu respiro o ar da Califórnia e, pela primeira vez, me dou conta de que esse é o primeiro dia da nossa nova vida. A primeira página de um livro totalmente em branco. Enquanto estamos no táxi em direção ao seu apartamento, fecho os olhos e repito uma oração silenciosa: “Nós precisamos ser felizes aqui”.

Olho pela janela, enquanto a paisagem do aeroporto fica para trás e o meu novo lar se deslumbra para os meus olhos curiosos. Aterrissamos no Aeroporto Internacional de Los Angeles e até o apartamento de Evan em Long Beach são mais de trinta minutos, então tenho tempo suficiente para me encantar com as paisagens da linda Califórnia. Eu pesquisei imagens na internet, lugares que eu quero visitar e conhecer, e as praias estão no topo da minha lista de desejos. Embora Mijas possua lindas praias, eu não cheguei nem mesmo perto de conhecer algumas delas enquanto vivi lá. Sempre dizia a mim mesma que iria na próxima semana e esse momento nunca chegava, porque dormir era muito mais importante. Agora eu quero viver com intensidade cada minuto aqui, ao menos até que isso se torne tão comum para mim quanto é para o Evan. Enquanto isso não acontece, terei olhos brilhantes para tudo o que vejo.

— Chegamos? — Me debruço sobre ele para espiar pela janela ao seu lado.

Meus olhos são como os de uma criança em um ambiente totalmente novo e desconhecido. Ele acena sorridente, saindo do táxi e me ajudando a sair em seguida. O prédio à minha frente se ergue imponente e luxuoso, o mar logo atrás de mim, do outro lado da rua. Se alguém me dissesse que o

destino me traria até aqui um dia, eu jamais teria acredito. Mas eis me aqui e o melhor de tudo é ter Evan ao meu lado. Eu o sigo para dentro do prédio, arrastando a minha mala de rodinhas e minha bagagem de mão, ao mesmo tempo que ele se ocupa da mala maior e mais pesada. Isso me faz rir, porque qualquer pessoa acharia que sou uma mulher obcecada por roupas ou algo do tipo. Passamos pelas portas de vidro em direção a um dos três elevadores à direita da recepção.

— Qual andar? — pergunto, deixando a minha mala aos meus pés.

— Sexto — ele responde, fazendo o mesmo com a outra mala.

Olhamo-nos em silêncio, mantendo o sorriso um para o outro, enquanto as luzes do painel do elevador mudam de cor. As portas se abrem no sexto andar e acompanho Evan cheia de expectativas. É como se eu estivesse vendada até aqui, não sei o que me espera e isso me deixa excitada e feliz. Paramos em frente a uma grande porta de madeira branca e eu espero que Evan abra a porta. Percebo que existem somente quatro apartamentos por andar, dois de cada lado do corredor. A minha casa será no 6B a partir de hoje.

— Você primeiro — ele me diz, abrindo completamente a porta para mim.

Entro vagarosamente, meus pés deslizam pelo belo piso de madeira clara. Um espaço amplo e aberto me recebe, eu me recordo imediatamente das imensas janelas de vidro. Ando até o meio da sala vazia, me inclinando levemente para admirar a cozinha em estilo americano logo à frente.

— Onde estão os móveis? — Me viro para Evan ao ouvir a porta se fechar.

— Não temos nenhum, além de um colchão no nosso quarto — ele conta cruzando os braços, depois de ter deixado as minhas malas em um canto da parede.

— Você me disse que queria ajuda com a decoração, mas imaginei que teríamos ao menos um sofá em nossa sala.

Ele ri, andando sem pressa até onde estou.

— Eu vendi a minha casa antes de ir para a Espanha, morei quase um mês em um quarto de hotel, voltei para a Califórnia e dormi por semanas em meu escritório antes de voltar para Mijas. Não passei nem vinte e quatro horas nesse apartamento.

Fico na ponta dos pés para beijá-lo quando ele, enfim, para diante de mim. Suas mãos em minha cintura, enquanto nossos corpos se aproximam e

ele corresponde ao meu beijo. Eu nunca estive tão feliz, estando em um apartamento completamente vazio; mas com um coração absolutamente preenchido de amor e paz.

— Então temos muito trabalho pela frente — pontuo, no instante em que ele se afasta sutilmente. — Vai me deixar escolher todos os móveis e cortinas? Estou pensando em cores vibrantes e extravagantes... Nada de tons pastéis ou sóbrios.

— Eu não esperava menos de uma espanhola — Evan diz com carinho. — A casa é sua, eu só me importo com uma única coisa dentro dela.

— O quê?

— Você. Enquanto você estiver aqui, eu posso suportar algumas cores vibrantes.

Eu só posso sorrir em seus lábios, enquanto as borboletas se espalham revoltas pela minha barriga. É inexplicável como ele faz com que eu me sinta amada apenas com um olhar, e não quero perder esse sentimento nunca...

— Eu estarei aqui — prometo, rindo quando ele me levanta com rapidez. Minhas pernas circulam sua cintura em seguida, ele me leva para o andar de cima e eu finalmente conheço aquele colchão.



Debruço-me sobre o parapeito da sacada, observando o movimento dos pedestres e banhistas na praia. Temos uma vista privilegiada do mar e da areia branca, e hoje particularmente o dia está esplêndido. Cheguei à Califórnia há pouco mais de uma semana, mas ainda não visitei a praia. Na verdade, saí poucas vezes do apartamento até agora. Eu não dirijo, tampouco conheço a cidade para me arriscar a explorá-la sem a companhia de Evan e ele tem preenchido os seus dias com o restaurante e outros projetos que ocupam grande parte do seu tempo. Não estou me queixando, eu até aprecio estar sozinha em casa, ler um bom livro ou dormir até tarde, coisas que eu não fazia há tempos, mas não vou negar que espero que essa situação seja apenas temporária.

Enviei meu currículo para todas as clínicas em potencial onde gostaria de trabalhar e estou contando que o meu diploma, experiência na área e a bela carta de recomendação que tenho na manga, serão suficientes para conseguir um emprego em breve. Enquanto isso não acontece, eu espero com paciência. Volto para dentro com a minha xícara vazia, em direção à cozinha. Ampla e

bem equipada, seria o sonho de qualquer cozinheiro, o que com certeza não é o meu caso, já que a primeira vez em que quis cozinhar algo além de risotos ou sanduíches, o resultado foi desastroso. Evan não se importou, ele até elogiou o meu esforço, quando eu mesma sabia o quão terrível estava. Sorte a nossa, que os cozinheiros de seu restaurante são muito mais talentosos que eu, e Evan tem trazido o jantar desde então.

Caminho até a sala e me jogo sobre o sofá de couro preto. Sim, temos um sofá e uma cama também, porém nossa vasta mobília se limita a isso e poucos outros objetos. Não é tão divertido escolher móveis pela internet como eu achei que seria. Deito me com o celular em minha barriga e olho para o gesso no teto, acompanhando seus arabescos e desenhos, ao mesmo tempo que a monotonia me preenche. São quase duas da tarde e eu nem troquei o meu pijama, uma camisa de Evan, para uma roupa mais casual. Meu telefone vibra fazendo cócegas em meu estômago e eu me inclino para pegá-lo, voltando a me deitar em seguida. É uma mensagem dele... Estamos morando juntos, mas, às vezes, eu me sinto de volta à Mijas e às nossas trocas de mensagens e emojis.

Quer fazer algo diferente hoje?

Leio a sua pergunta com um sorriso nos lábios, tudo o que eu quero é fazer algo diferente hoje e talvez amanhã também.

Além de passar o dia todo no sofá?

Envio a mensagem e espero a sua resposta, que chega segundos depois.

Você passa o dia todo no sofá?

Às vezes... não o dia todo, exatamente.

Ele digita, enquanto eu me pergunto internamente o quanto a minha resposta o aborreceu. Ele sempre me pergunta sobre o meu dia e pode ser que eu oculte um pouco a verdade em minhas respostas.

Eu me sinto péssimo, mas você sabe que eu realmente precisei trabalhar esses dias. Irei te recompensar, eu prometo.

Eu não quero que ele pense que estou arrependida de me mudar, porque eu faria isso um milhão de vezes, se fosse necessário. Embora a minha vida aqui não esteja sendo exatamente como eu imaginei, sei o quanto Evan tem se esforçado para me ajudar na adaptação.

Eu sei que você irá. ♥ Não estou chateada.

Vamos sair hoje, irei buscá-la em uma hora. Coloque um biquíni.

Um biquíni? Eu nem tenho certeza se realmente tenho um; e se tiver, é provável que ele não me sirva mais. Ficar em casa, devorando todos os tipos de besteiras enquanto assisto aos clássicos de Jane Austen, não fez maravilhas ao meu corpo.

Tudo bem! Estou ansiosa. 😊

Eu também, te vejo em breve. Eu te amo!

— Também te amo — repito em voz alta, ao mesmo tempo que digito.

Deixo o meu celular de lado e corro para o andar de cima, temos três quartos, dois deles completamente vazios. O que Evan e eu dividimos fica no final do corredor e é o maior dos três. As minhas roupas já estão no closet, juntas com as dele. E minhas maquiagens e xampus, já se misturam com o seu creme de barbear e perfumes no banheiro. Passei os dois primeiros dias aqui, arrumando tudo com esmero até me sentir satisfeita. Lógico que Evan bagunçou alguma coisa pouco tempo depois.

Abro a minha gaveta de lingerie e procuro freneticamente. Sei que tenho um biquíni em algum lugar por aqui... *Ah, achei.* É preto, graças a Deus por isso. Espero que ainda me sirva. O deixo jogado sobre a cama, indo ao banheiro em seguida e tomando um banho rápido. Volto para o quarto e visto o biquíni e *hummm...* eu não sei ao certo como me sinto. Tento descobrir enquanto me olho no grande espelho do closet, e me esforço — sem sucesso — ao encolher a minha barriga. Sei que temos uma academia no prédio para os moradores e talvez eu deva cogitar começar a me exercitar um pouco, apenas algumas horas.

Ah, quem eu estou tentando enganar? Eu não nasci para isso. Mas,

caminhar pela praia ainda é uma possibilidade. Eu respiro e aceitando a fatalidade de não ser tão magra quanto gostaria, coloco um vestido de verão sobre o biquíni. Evan me envia uma mensagem vinte minutos depois, me pedindo para encontrá-lo na frente do prédio. Eu corro aminada, pegando bolsa, celular e chaves pelo caminho e o encontro minutos depois.

— Oi! — sussurro em seus lábios, após ter me jogado em seus braços.

— Oi! — cumprimenta sorridente, abrindo a porta do carro para mim antes de ocupar o seu lugar no carro.

— Onde estamos indo? — indago assim que ele dá a partida, saindo do meio-fio e entrando no tráfego frenético.

— Onde as pessoas usam biquínis? — quer saber, com ar de diversão.

Solto uma risada, olhando para a sua camiseta de algodão azul e sua bermuda de surfista preta. Quando ele saiu de casa hoje pela manhã, não estava com essas roupas... *praia*.

— Claro, mas por que então não atravessamos a rua simplesmente?

— Porque eu quero te levar em um lugar especial.

— Sério?

— Sim.

— Você não vai me contar mais nada, além disso?

— Nós chegaremos em quarenta minuto no máximo — diz, olhando rapidamente para mim. — Aproveite o passeio.

Eu faço mais do que aproveitar o passeio, já que pareço uma criança que acabou de sair do castigo e foi autorizada a passear. Quase quero colocar a cabeça para fora da janela e sentir o vento sobre o rosto. Mas isso certamente não é aconselhável, além de me fazer parecer com um poodle, com certeza. Evan não mentiu e trinta e oito minutos depois, nós estacionamos em frente a uma praia de areia ainda mais clara e mar tranquilo. Acho que ele escolheu propositalmente a extensão de praia que estava mais vazia, porque aqui somos só nós dois. Mas eu posso ver alguns guarda-sóis coloridos mais à frente. Caminhamos de mãos dadas pela areia macia, então deixo a minha bolsa cair sobre ela e me viro para Evan perguntando:

— Onde estamos?

— Malibu — recita, apontando para a placa logo atrás.

Meus olhos se alargam em êxtase e euforia, mal posso acreditar que ele se lembrou do meu desejo.

— Você se lembra? Lembra de quando eu lhe disse que queria conhecer esse lugar? — questiono rindo, não me importando com a mecha de

cabelo persistente que fica na frente dos meus olhos.

— Claro que me lembro, foi no nosso segundo encontro.

— Não foi um encontro realmente. — Rio um pouco mais com a lembrança.

Ele sorri, tirando a sua camiseta e a jogando sobre a minha bolsa na areia. Fazendo o mesmo com o meu vestido logo depois.

— Lógico que foi — ele murmura em minha boca, depois de me beijar.

Em seguida ele se afasta para me olhar com atenção. Seu olhar me aquece mais que o sol acima de nós, viajando lentamente por cada parte exposta do meu corpo — e pelas partes cobertas também. Eu me sinto nua, mas é mais como se a minha alma estivesse aqui, exposta para ele agora.

— O quê? — pergunto por fim, quando o seu silêncio se torna maior.

— Nada. — Ele balança a cabeça, segurando o meu rosto e me beijando novamente. — Você está linda... Sempre linda.

Viro o meu rosto e sorrio para o mar, então começo a correr até a água com Evan logo atrás. Ele me alcança sem esforço, me levantando com um dos braços com facilidade — talvez eu não tenha engordado tanto. Ele se joga no mar comigo em seus braços e grito no instante em que a água gelada atinge o meu corpo aquecido. Rimos juntos quando uma onda passa por nós. Meus braços estão firmes ao redor do seu pescoço e eu beijo as gotas que ficaram em sua boca, sentindo o sal do mar em minha língua. Nado para longe, afundando por um instante e não encontrando o Evan quando emergo em seguida. Ele aparece atrás de mim, circulando a minha cintura e beijando o meu pescoço. Eu não posso parar de sorrir, enquanto me sinto uma adolescente apaixonada em um dia de verão.

Nós nadamos por muito tempo, sem palavras, somente beijos, risos e toques. Eu me canso, eventualmente, e saio da água, me jogando sobre a areia sem me importar com o estrago que isso fará ao meu cabelo. Evan paira sobre mim minutos depois e, embora os meus olhos estejam fechados, sinto perfeitamente o seu calor em minha pele. Ele deita ao meu lado e segura a minha mão na sua. Rolo para o lado e o encaro quando abro os olhos. A sua pele brilha com as gotas de água deslizando sobre ela, destacando as suas tatuagens com o pôr do sol ao fundo.

— Obrigada por me trazer até aqui, eu realmente amei! — exclamo com carinho. — Amo cada um dos momentos em que passo com você!

— Eu também amo. Será que é por que eu te amo? — pergunta, divertido.

— É provável — concordo com um sorriso bobo, antes que ele me puxe para o seu peito.

Eu tive medo de sentir saudades de Mijas, da Espanha, que eu julgava ser o meu lar. Isso foi até descobrir que lar é onde mora o coração e o meu coração pertence ao Evan. Enquanto ele estiver comigo, qualquer lugar do mundo será a minha casa.



Minha linda mulher

Evan

Abro a porta do nosso apartamento e estranho o silêncio que encontro assim que entro, no início da noite. Lizz sempre está aqui para me receber — como se me esperasse o dia todo no sofá — e isso só aumenta a minha culpa por passar tanto tempo trabalhando. Mas hoje, excepcionalmente, eu só encontro quietude. Coloco as chaves em meu bolso, porque mesmo um mês depois de nos mudarmos, ainda não temos um aparador, porta-chaves ou o que quer que as pessoas usem para guardar as suas chaves quando voltam para a casa. Eu definitivamente odeio o som que os meus passos fazem na sala tão vazia, a acústica aqui é realmente muito boa, mas eu me sinto em um filme de suspense e agora entendo porque Lizz sempre deixa a televisão ligada... para ter companhia.

Eu sei, o meu envelope com a nomeação de pior namorado do ano acabou de chegar, porém eu espero não ganhar o prêmio. Vivo repetindo a ela — e a mim mesmo — que irei recompensá-la por tanto tempo sozinha, e ao final de cada semana percebo que ainda não consegui fazê-lo. Mas Deus sabe o quanto eu tenho me esforçado. Nunca tive rotina ou horários, menos ainda alguém me esperando ao final do dia e eu amo isso, amo saber que ela está aqui; isso é tudo o que importa. Ninguém disse que seria fácil e eu não quero voltar para o *meu ontem*, lá não existe *uma Lizz* e sem ela ao meu lado, tudo perde o sentido.

— Lizz! — grito o seu nome, assim que piso na cozinha.

Silêncio. Eu paro em frente à geladeira aberta e me concentro em ouvir algum barulho do segundo andar e não ouço nada, apenas mais silêncio.

— Lizz! — grito pela segunda vez, fechando a geladeira e subindo as escadas pulando rapidamente os degraus, com uma pequena garrafa de água em mãos. — Lizz...

Estou na metade do corredor para o nosso quarto, abrindo a garrafa de água com pressa quando Lizz aparece correndo.

— Oi — ela balbucia, ofegante. As bochechas vermelhas e os olhos um pouco assustados com a minha visão.

— Oi — digo, desistindo da garrafa em minhas mãos para olhá-la com

mais atenção. — Onde você estava? Eu te chamei algumas vezes, não me ouviu?

— Não, eu estava no closet com os meus fones de ouvido... — ela se desculpa com um pequeno sorriso de lado. — Você chegou cedo.

— Um pouco — concordo, olhando para o relógio em meu pulso. — São quase oito, quer que eu volte mais tarde?

— Amo a minha própria companhia, mas gosto de você também. — Ela ri, erguendo-se em seus pés para me beijar.

Eu a beijo com firmeza, usando a mão que não segura a garrafa para apertar levemente a sua cintura antes que ela se afaste, segundos depois.

— O que você estava fazendo? Correndo? Por que as suas bochechas estão tão coradas?

— Abdominais, estava fazendo abdominais... — responde rapidamente, já se virando em direção ao quarto novamente.

— Abdominais? No closet? — digo, totalmente surpreso com a sua resposta, já que ela parece não estar brincando.

— Sim, o chão é bem plano, excelente para abdominais. Mas eu descobri que detesto fazê-las... é cansativo, não cheguei ao número vinte.

— E eu pensando que o chão de todo o apartamento fosse plano.

Ela ri, mostrando a língua para mim. Dou risada também, bebendo enfim a água que trouxe comigo, e jogando a garrafa vazia sobre a cama, enquanto me sento para observar Lizz à minha frente.

— Como foi o seu dia? — questiono, com interesse. — Era hoje a sua entrevista de emprego, não?

Passei as últimas três noites lhe explicando o caminho da clínica em que seria a sua entrevista — a primeira desde que ela chegou aqui. Eu não pude levá-la, devido ao horário e tive receio de que ela se perdesse sozinha. Embora a única dificuldade que ela teria que fazer, seria entregar o endereço ao motorista de táxi. E caso se perdesse era só me ligar, eu a encontraria em qualquer lugar da Califórnia.

— Sim, era hoje. — Ela sorri, balançando a cabeça e se corrigindo em seguida. — Foi hoje, eles irão me ligar se tiverem interesse.

— Você está animada, gostou do lugar?

— Sim, gostei. É uma clínica de repouso só para senhoras, um lugar bem menor do que o que eu trabalhava em Mijas. Parece muito bom.

— Eu fico feliz por você.

— Eu não sei se ainda deu certo, mas vamos esperar...

Olhamo-nos em silêncio, antes que a minha atenção se concentre em seus pés descalços e inquietos. Ela está encostada à parede, brincando com a barra de seu short jeans e eu sei imediatamente que algo a incomoda. Eu deveria ter percebido, assim que a vi, que seus olhos pareciam preocupados. Agora eu me sinto incomodado também.

— O que tem de errado? Aconteceu alguma coisa que eu não sei?

— Não, por que teria algo de errado? — Lizz ri da minha pergunta, dando de ombros e entrando no closet.

— Você parece diferente hoje — observo, elevando um pouco mais o tom de voz para que ela me ouça claramente. — Você está brava, chateada com alguma coisa?

— Você está cheio de perguntas essa noite. — Ela mantém o seu sorriso, voltando para o quarto carregando o seu celular.

— Eu estou? — brinco, segurando a sua mão e encaixando o seu corpo entre as minhas pernas.

Beijo suavemente a sua barriga sobre a camiseta fina e ela enrijece, é quase imperceptível, uma reação natural do seu corpo ao meu toque. Pode ser que a minha barba de alguns dias a tenha irritado através do tecido. Ela não se afasta e eu a olho sob os meus cílios, ao mesmo tempo que os meus dedos deslizam sobre a borda de seu short.

— Você está feliz? — eu a questiono, quando ela toca o meu cabelo.

Talvez eu tenha medo da sua resposta, mas preciso perguntar e tenho feito isso com frequência nos últimos dias. Ela perdeu um emprego que amava e que preenchia o seu tempo com alegria. Além disso, se mudou para um lugar completamente novo, que tirou basicamente o seu direito de ir e vir. Eu teria perdido o mesmo se tivéssemos nos mantido na Espanha, e estaria mentindo se dissesse que o nosso amor seria o suficiente para me manter feliz. Sendo assim, eu posso duvidar que o meu amor é tudo o que importa para fazê-la feliz também.

— Claro — ela diz, sem hesitação. — Nunca estive tão feliz, Evan.

— Eu me sinto da mesma forma — afirmo, olhando para ela. — Eu sei que as coisas ainda estão se encaixando, ainda estamos nos adaptando um ao outro, mas as coisas irão melhorar com o tempo.

— Eu estou feliz — ela enfatiza, tocando o meu rosto. — Você saberia se eu não estivesse, eu jamais conseguiria esconder isso de você.

Sustento o seu olhar por um tempo. Talvez a minha culpa, e o quanto me sinto em dívida com ela desde que nos mudamos, não me faça acreditar

cem por cento em suas palavras. Mas é provável que eu esteja sendo incoerente ou um tanto paranoico. As pessoas se casam, ou dividem a mesma casa e nem por isso passam todo o dia juntos. Sei que a situação de Lizz é diferente — por isso a minha culpa —, mas tudo mudará quando ela encontrar um emprego e se familiarizar com a cidade. Não é arrependimento que eu vejo passar como um relâmpago em seus olhos e sumir em seguida.

— O que foi? — ela pergunta curvando as sobrancelhas e estreitando os olhos em preocupação.

— Nada.

— Por que você me olha assim às vezes e, quando eu te pergunto, me diz que não é nada?

— Assim como? Eu estava apenas te olhando, eu gosto de olhar para você.

— Você fica pensativo, parece um olhar de raio X procurando algo de errado. Eu já te disse que estou bem, não mentiria para você, nunca.

— Tudo bem — digo, levantando-me e segurando o seu rosto para beijá-la. — Ainda está cedo, quer sair para algum lugar? Eu estou te devendo um *tour* pela noite da Califórnia.

— Você realmente está — ela concorda, segurando o colarinho da minha camisa. — Mas vamos deixar para outro dia, estou cansada hoje.

— Ok.

— Contudo, eu amaria ficar aqui e assistir um filme com você.

— Parece bem divertido. — Sorrio, me afastando devagar. — Damian está ansioso para conhecê-la, ele me ligou hoje e disse que Emma não para de atormentá-lo porque quer te conhecer.

— Podemos marcar no final de semana — Lizz sugere, se sentando em meu lugar na cama e segurando um travesseiro sobre o estômago. — Também estou ansiosa para conhecê-los.

— Vou ligar para ele amanhã — anuncio, parando em frente à porta do banheiro e chutando os meus sapatos para longe.

Então, sem querer, eu olho para ela demoradamente mais uma vez, com olhos de raio X como ela pontuou. Não é proposital, só tenho essa sensação incômoda de que ela me escondeu alguma coisa.

— Você está realmente bem?

— Evan! — ela exaspera-se, atirando o travesseiro que segura, em mim.

Por sorte, eu fecho a porta antes que ele me atinja. Não que a sua

pontaria seja tão boa assim, acho que o travesseiro caiu no meio do caminho. Eu me olho no espelho e ouvindo a sua risada do outro lado da porta, rio também.



— Essa deve ser a décima vez esse mês que eu assisto a esse filme — Lizz me diz, assim que eu a encontro na sala e me sento ao lado dela em frente à TV. Está no início de *Uma Linda Mulher*.

— Está brincando? Eu amo esse filme, por que nunca o assistimos juntos?

— Eu não sei, talvez porque não tenhamos feito muitas coisas juntos nos últimos dias.

— Eu senti uma indireta para mim nessa frase? — sondo, a puxando para os meus braços. — Sim ou não?

— Claro que não, eu apenas respondi a sua pergunta. — Ela se senta em seus pés, fugindo das minhas cócegas em sua costela e me olha com atenção. — Mas, falando sério, esse não pode ser um dos seus filmes favoritos.

— E por que não? Imaginou algo como *Indiana Jones* ou o *Exterminador do Futuro*?

— Pode ser... — Ela ri, olhando brevemente para a TV e para mim novamente. — É romance, não achei que gostasse de filmes doces e românticos.

— Eu assistia quando adolescente e para mim, tinha um significado absolutamente diferente, eu via com outros olhos.

— Quais olhos? — ela pergunta interessada, abaixando sutilmente o volume da TV para me ouvir.

— Eu sonhava em ser como o personagem do Richard Gere — confesso, rindo. — Parece um pensamento estúpido agora, mas eu tinha treze anos quando assisti pela primeira vez e achava que ter dinheiro e ternos fosse a fórmula mágica para a felicidade.

— Bem, se possuir ternos é um termômetro para a felicidade, olhando para o nosso closet eu diria que você é muito feliz.

— Eu era obcecado pela imagem que as pessoas teriam de mim, eu precisava que fosse a melhor imagem de todas. Todo mundo ama uma embalagem bonita.

— Isso com certeza tem a ver com a forma como a sua mãe te tratava como criança... Você nunca fala dela.

— Não existe o que falar. Nós não temos uma boa relação — desconverso, comprimindo os lábios de forma involuntária.

— Eu não irei conhecê-la então? — Lizz sonda.

Eu sei que isso é algo que ela deseja, embora para mim pareça um pesadelo.

— Você não gostaria dela, acredite em mim — respondo, passando a mão nos cabelos e incomodado com o rumo inesperado que a conversa tomou de repente. — Deixe-a exatamente onde está, bem longe de nós dois.

— Se você prefere dessa forma... — ela murmura, fixando o seu olhar na TV novamente.

Conheço as suas expressões e a minha resposta a chateou. Porque ela quer consertar tudo, o que aos seus olhos me traz alguma tristeza. Eu me sinto assim sobre ela também, mas meu histórico familiar problemático não tem conserto. A minha mãe não seria tão gentil com Lizz, como Victor foi. Ainda mais se ela soubesse em quais circunstâncias o nosso romance começou.

— E agora que é um adulto, acha que realmente conseguiu ser como o personagem de Richard Gere, afinal? — indaga, ainda muito concentrada no filme.

— Em partes sim — pondero, olhando para ela. — Até pouco tempo só me faltava uma única coisa.

— Qual?

Eu sorrio, me aproximando, colando a minha boca em seu ouvido e mordendo o lóbulo da sua orelha antes de sussurrar:

— A minha linda mulher.

— Ah, é... — Ela se vira para mim sorridente, os nossos rostos bem próximos agora. — Você a encontrou?

— Na verdade foi ela quem me encontrou e tem me feito feliz desde então.

Ela me beija suave e lento, sua respiração curta de encontro a minha. Meus braços a circulam imediatamente, trazendo o seu corpo até o meu enquanto a minha boca aprofunda o beijo. O som da TV se torna baixo, competindo com o barulho de nossas bocas coladas. Nós nos beijamos por muito tempo, tanto quanto seria possível fazê-lo sem que fosse preciso respirar. E quando o ar se torna necessário, nos afastamos apenas sutilmente e

respiramos um na boca do outro, entre beijos lentos e macios. Lizz tira a minha camiseta, trilhando um caminho de beijos quentes por toda a minha mandíbula até chegar em meu peito tatuado. Eu aperto sua bunda sob a camisola que ela usa, a impulsionando de encontro ao meu quadril quando suas pernas me envolvem e ela se senta sobre mim. A alça fina de sua camisola cai sobre o seu ombro e eu beijo a pele agora exposta e convidativa.

Minhas mãos acariciam suas coxas em direção ao seu quadril repetidas vezes. Nos beijamos novamente, antes que Lizz se afaste e ficando em pé à minha frente, desliza a sua calcinha a partir de seu quadril até o chão, mas mantém a sua camisola. Eu sorrio enquanto ela me olha travessa, e eu também tiro o meu short de corrida, o jogando no chão enquanto os seus olhos acompanham os meus movimentos. Ela se aproxima, o joelho direito tocando o sofá primeiro. A sua mão firme em meu peito, quando o seu joelho esquerdo passa sobre as minhas pernas e descansa no sofá também. Eu não me mexo, olho para ela com um meio-sorriso no rosto e as mãos displicentes ao lado do meu corpo. Ela me olha sorrindo abertamente, um desafio nítido em suas sobrancelhas arqueadas. Eu só posso pensar no quanto a acho linda. Nunca, nunca me cansarei de olhá-la.

Ela é a minha fraqueza, um vício para o qual eu estou correndo de braços abertos e sem medo de me perder por completo. Seria um perigo se ela soubesse o quanto me afeta, e que se quisesse poderia me fazer de tolo com um simples estalar de seus dedos. Ela se senta sobre mim devagar, uma lenta e deliciosa tortura que se arrasta até que ela me tenha por completo dentro dela. Eu ainda estou parado, meus olhos se deleitam com os seus movimentos vagarosos e eu deixo, claro, sem emitir uma única palavra, que ela me possui por inteiro. Ela se inclina e lambe o meu queixo em provocação. Fecho os olhos, quando ela enfim começa a se mexer sobre mim, ainda muito lentamente, as duas mãos em meus ombros para impulsionar a dança lasciva do seu corpo de encontro ao meu. Abro os olhos e encontro os seus cheios de amor e nublados pelo desejo e a paixão que fluem tão poderosamente de nós.

Enrosco meus dedos em seu cabelo e trago a sua boca até a mim. Eu a beijo com loucura, mordendo a sua boca com força, antes de arrastar a minha língua na sua. Espalmo a outra mão no final das suas costas e roubo para mim o ritmo que os nossos corpos devem ter. Bem à beira do abismo, totalmente cego por todos os sentimentos que fluem entre nós e o mundo não existe mais. Eu devoro a sua boca, o barulho da nossa pele suada em um ritmo cada vez mais frenético, se torna ainda mais alto e ecoa por todo apartamento

vazio. Solto a minha mão do seu cabelo e aperto a sua cintura com ímpeto, então ela morde o meu ombro e goza... eu me junto a ela logo depois. O meu peito sobe e desce com velocidade enquanto tento respirar com normalidade. Lizz está caída, entregue sobre o meu corpo, a cabeça no vão do meu pescoço, fazendo com que o seu cabelo grude por todo o meu ombro. Isso faz cócegas, mas eu não me mexo e a prendo ainda mais em mim quando ela tenta se afastar. Finalmente as nossas respirações cessam e as vozes de Richard Gere e Julia Roberts, são tudo o que podemos ouvir agora.

— Não durma — digo a Lizz, tirando o cabelo suado do seu rosto. — O filme ainda não acabou.

Ela ri me beijando uma última vez antes de se levantar. Ela recolhe a sua calcinha do chão e atira o meu short para mim, fugindo para o lavabo em seguida. Eu a espero, olhando para a TV, mas sem prestar atenção realmente. Lizz volta para a sala depois de ter passado na cozinha, e pego uma garrafa de água gelada que ela joga em meu peito antes de se sentar comigo.

— Ai... — brinco, esfregando o lugar onde a garrafa bateu.

— Desculpe — ela lamenta com voz suave, beijando a rosa azul em minhas costelas, muito longe de onde a garrafa me atingiu.

Eu me deito e a trago comigo, afagando os seus cabelos e a beijando com carinho antes de dizer:

— Isso para mim é o mais próximo do céu que eu chegarei. Estar aqui com você. — Fecho os olhos brevemente para abri-los em seguida. — Eu não trocaria isso por mais nada no mundo.

— Eu quero morar para sempre aqui, não nessa casa... — Ela para e me olha com intensidade, então, tocando o meu peito completo. — Mas nesse coração.

Nós sorrimos um para o outro, antes que ela deite a cabeça em meu peito e fique em silêncio. O filme acaba e outro começa e ainda permanecemos imóveis no sofá. A respiração de Lizz se tornou suave e lenta, e eu sei que ela já está dormindo há algum tempo. Desligo a TV e a carrego com cuidado até o andar de cima. A deito sobre a cama, puxando o lençol sobre o seu corpo e indo em busca de um cobertor no closet. Puxo o primeiro que encontro, em uma pequena pilha de uma das prateleiras do alto. Três cobertores caem sobre mim e se desdobram no chão, formando uma bagunça de tecidos sobre os meus pés. Tento arrumá-los o melhor possível e volto a guardá-los na mesma prateleira. Não fica bom e Lizz irá chamar a minha atenção assim que notar a desordem que fiz.

Coço a minha nuca, rindo silenciosamente e me abaixo para pegar o último cobertor do chão, o único que eu realmente queria desde o início. Eu o puxo e uma caixa cai de dentro dele. A pego também e leio o seu rótulo. É uma caixa retangular de papelão firme, rosa e branca, como aquelas caixas de pomadas comuns; mas é um teste de gravidez e ainda está fechado. Meu coração acelera por um momento, e solto a caixa sem querer. A embalagem faz barulho no piso de madeira e me inclino na porta para ver se Lizz se mexeu. Ela ainda está como eu a deixei na cama, então me apresso para recolher a embalagem do chão. Coloco a caixa entre os cobertores novamente, totalmente consciente de que Lizz saberá que eu a vi, quando vier procurá-la outra vez.

Volto para o quarto, abro o cobertor sobre o seu corpo e me deito ao seu lado. Ela se aconchega em mim sem acordar e eu beijo o seu cabelo, fechando os olhos e tentando descobrir como eu me sinto agora.



Uma nova história

Lizz

Jogo as minhas chaves longe. Não me importando se elas batem com violência em uma das portas de vidro da sala e fazem um barulho assustador quando caem ao chão. Eu quero gritar de frustração — mas não consigo —, então o estrondo das chaves de metal no vidro é como meu grito agora. Eu respiro e deslizo pela porta recém-fechada, até tocar o piso de madeira fria. Então trago os meus joelhos até o peito e choro. O envelope branco recém-aberto, em minha bolsa, pesa como chumbo. E eu queria jogá-lo pela janela junto com ela, mas não farei, óbvio.

Tento dizer a minha mesma que estou apenas dormindo e irei acordar a qualquer instante, mas não funciona. Tudo isso é assustadoramente real. A grande quantidade de BCHG correndo em meu sangue é ainda mais real, a prova mais sólida de que estou bem acordada nesse instante. Não, isso não é um sonho. Eu estou grávida e triste. Nunca quis que, quando esse momento chegasse em minha vida, o sentimento predominante em mim fosse receio ou medo. Porém, é praticamente tudo o que eu sinto com essa notícia. E um pouco de culpa para completar. Acho que a felicidade virá logo após contar ao Evan, e ele não surtar com a novidade.

Eu respiro mais uma vez e limpo o meu rosto, me levantando em seguida e repetindo a mim mesma que sou uma mulher adulta de vinte e sete anos, e chorar por causa de um bebê me reduz a uma tola completa. Mesmo assim, as lágrimas ainda caem sem o meu consentimento. Meu coração está tão pesado. Não porque eu não queira ser mãe, mas porque eu não queria ser mãe agora. E eu sou uma enfermeira — *pelo amor de Deus* —, eu deveria saber muito mais sobre métodos contraceptivos que o restante das pessoas. Entretanto, confiei que os adesivos aderidos à minha pele uma vez por semana seriam bons o bastante, e eles não foram, é claro. Nesse momento, eu não só faço parte da porcentagem da população que tem medo de voar, como também entrei para a lista de mulheres que engravidaram por *acidente*. Anexe um pouco de ironia à palavra, eu definitivamente estou sendo debochada. Eu sei que ninguém engravida por acidente e no meu caso, foi como andar na chuva com um guarda-chuva que deveria me proteger, mas, que foi levado

pelo vento na primeira tempestade. Não foi assim que eu planejei, definitivamente não foi. Porém, quem melhor do que eu para saber que a vida adora nos dar rasteiras?

Chego ao quarto e me jogo sobre a cama, ainda tenho vontade de chorar e não posso definir o motivo exato dessa vontade, mas decido poupar as lágrimas. Tiro as minhas sapatilhas e me arrasto pelo colchão, me encolhendo com um travesseiro no colo. Alguns minutos se passam em completo silêncio, sempre é silêncio aqui. Um castelo dourado ao qual estou presa enquanto espero o meu príncipe voltar para mim. Às vezes, eu deixo as janelas abertas apenas para ouvir as buzinas ou o burburinho vindo da praia. Às vezes, eu somente deixo a TV ligada em um volume confortável, ou passo o meu tempo com os fones de ouvido e minha imensa *playlist*. Eu me sinto sozinha, não posso negar... agora não serei mais. Tenho um pequeno embrião de sete semanas crescendo dentro do meu útero e em alguns meses ele será um bebê fofinho, que eu quero que se pareça com o Evan. Eu me imagino sendo mãe de menino; eu sempre me imaginei correndo com um garotinho ao meu lado.

Lógico que, quando eu imaginei isso, imaginei também que já seria financeiramente estável. Eu teria, com toda a certeza, conquistado uma posição confortável em meu trabalho. E eu teria uma casa, uma bem linda. O pai do meu filho seria o meu marido ou um namorado de longa data. Eu também daria gritinhos de alegria quando abrisse o exame do laboratório e visse a palavra — Positivo — no final da página. Nenhuma dessas coisas aconteceram.

Evan é financeiramente estável; *não eu*.

Evan tem uma linda casa; *não eu*.

Evan tem uma posição confortável em seu trabalho; *não eu*.

E nós estamos juntos há pouco mais de três meses, o oposto de uma longa data. Levando tudo isso em conta, eu não dei gritinhos de felicidade ao abrir o exame de sangue. Eu só olhei para as letras e números por todo o trajeto até aqui e depois guardei o envelope em minha bolsa, como se escondê-lo dos meus olhos fosse tudo o que eu pudesse fazer. E eu não quero contar ao Evan, porque preciso me revestir de coragem e eu sei que não tenho nenhuma. Embora ele já saiba ou desconfie parcialmente. Há três dias, ele encontrou o exame de farmácia entre os cobertores, então eu sei que ele está em dúvida. Sorte a minha que eu havia jogado os outros dois exames — abertos e usados — no lixo, antes que ele os visse também. Um exame

fechado pode dizer tudo ou nada, e Evan não fez nenhuma pergunta. Ele apenas continuou a me examinar em cada ocasião que pôde e, dessa vez, a sensação de que ele enxerga tudo em mim se intensificou.

Eu me sinto uma mentirosa, mas não poderia confiar em testes de farmácia. Os contraceptivos falham e os testes também. Eu precisava de algo mais concreto, como um exame de sangue com todos os termos técnicos impressos nele. Bem, agora eu tenho todas as provas e preciso apenas absorvê-las com calma. Olho para o pequeno relógio digital em uma prateleira ao lado da cama, estamos no final da manhã. Ainda tenho algumas horas para me preparar antes de precisar encarar Evan e lhe contar que ele será pai. E posso dormir enquanto isso, pois se tem algo que a gravidez não me tirou, com certeza foi o sono. Eu deveria percebido que estava dormindo mais do que o normal nas últimas semanas, mas, ao invés disso, eu achei que estivesse me adequando ao fuso horário da Califórnia. Como fui tola, era apenas o meu corpo sobrecarregado pela gravidez.

Saio da cama e troco o meu jeans justo e top apertado, por uma das camisetas do Evan. Eu deveria ter percebido também, que tenho usado mais as suas roupas que as minhas próprias. Porque as minhas roupas parecem desconfortáveis ultimamente, ao contrário das suas. Volto para a cama em seguida, decidindo que culpa, medo ou qualquer outro sentimento não importam mais do que o meu cansaço. Meus olhos pesam por causa das lágrimas derramadas há pouco tempo e durmo com facilidade.



Perco-me em sonhos conturbados e acordo horas depois, com Evan me chamando no andar de baixo. A luz do sol que entra no quarto agora está muito mais fraca. Uma olhada rápida para o lado e percebo que dormi quase a tarde toda. Evan continua a me chamar, mas ainda estou sonolenta demais para responder. Então espero até que ele apareça na porta do quarto, com a minha bolsa em mãos e uma expressão não muito agradável no rosto. *O que foi que eu fiz?*

— Porra, Lizz, o que foi que aconteceu com você? — ele me pergunta, com impaciência na voz.

— Por quê? — pergunto em um sussurro, sem entender ao certo sobre o que ele está falando.

— Por quê? — ele repete, deixando a minha bolsa sobre o chão. —

Porque eu estou te ligando há horas e você não atendeu nenhuma vez, eu fiquei preocupado.

— Eu dormi, desculpe — digo, com um pouco de vergonha. — Esqueci o meu celular na bolsa e a bolsa no andar de baixo, sequer me lembrei que você poderia me ligar.

— Não faça mais isso, eu precisei largar tudo porque não conseguia trabalhar sem saber se estava bem.

— Desculpe, poxa, eu não fiz de propósito.

— Eu pensei em um monte de coisas ruins — ele fala, passando a mão pelo cabelo com desgosto. — Imaginei que você estivesse perdida, atropelada... que talvez houvessem roubado o seu celular, por isso você não atendia. Pensei até mesmo em sequestro.

— Quanto otimismo. — Dou risada da sua imaginação fértil. — Quem iria querer me sequestrar?

— Como eu vou saber?

— Eu nunca saio de casa, Evan. Estou sempre aqui, em segurança.

— Você poderia ter caído da escada — ele completa, com um sorriso torto.

Balanço a cabeça, mas não deixo de sorrir. Acho que eu me preocuparia com ele da mesma forma. Já que a minha imaginação é ainda mais produtiva, talvez eu chegasse a cogitar abdução alienígena, caso ele não atendesse ao telefone por horas assim. Eu o perdoo por surtar, o amor nos deixa cegos e irracionais dessa forma.

— Você está bem? — ele indaga depois de um tempo. — Dormiu o dia todo?

— Estou ótima — afirmo, colocando os pés no chão, mas permanecendo sentada na cama. Ele ainda não se moveu também desde que chegou. — Eu adormeci antes do almoço.

— Por que a sua bolsa estava na porta?

— Porque... — penso em uma resposta plausível e não encontro.

Eu aproveitei que Evan saiu excepcionalmente mais cedo de casa hoje, e saí minutos depois, indo até o laboratório onde eu havia marcado uma consulta no dia anterior, pela internet. Sendo assim, ele não faz ideia da minha saída e eu não posso lhe explicar sem mencionar o bebê.

— Eu já volto — falo, correndo até o banheiro e não lhe dando nenhuma chance de me impedir.

Os seus olhos intensos me desestabilizam. Ele tem uma forma de me

encarar que nenhuma outra pessoa tem. Mantém-me fraca e me obriga a ser verdadeira o tempo todo. Chegou a hora da verdade, eu só vou tomar algumas respirações de coragem enquanto estou trancada aqui primeiro. Uso o banheiro e lavo o meu rosto, ouvindo a movimentação de Evan do lado de fora. Pode ser que eu tenha demorado mais do que o necessário, porque quando, enfim, abro a porta outra vez, ele não está mais no quarto. Eu caminho vagarosamente até a minha bolsa no chão e a coloco sobre a cama, tirando o envelope com o meu exame de sangue de dentro dela, em seguida. Eu desço com o envelope em mãos e encontro Evan na cozinha. Ele está de costas para mim, mexendo na geladeira concentrado. Olho para trás e vejo que o seu paletó e gravata estão sobre o sofá. E percebo que os botões da sua camisa cinza foram todos abertos — mas não arrancados —, quando ele se vira para mim com uma garrafa de vinho na mão esquerda.

— Então... — ele me incentiva a falar, fechando a geladeira e colocando a garrafa sobre a ilha entre nós.

Abro a boca e nada sai, então eu tusso suavemente. Acompanho os movimentos de Evan logo à frente, em silêncio. Ele abre o armário sobre a pia e retira uma taça, abre a gaveta de talheres e pega um saca-rolhas, ele não tem dificuldade alguma para abrir a garrafa e despejar uma dose generosa de bebida na taça. Após o seu primeiro gole de vinho branco, ele volta a me olhar.

— O que foi, Lizz. O que está acontecendo com você?

Diga, Lizz... Diga, pelo amor de Deus!

O quão difícil isso pode ser? Aparentemente muito. O meu coração nunca esteve tão acelerado, isso porque nunca precisei dar essa notícia a outra pessoa.

— Estou esperando, Lizz.

— Eu estou grávida — digo em um impulso, mas sem a firmeza que gostaria de ter em minha voz. Eu estou com um pouco de medo.

Ele me encara por segundos, mas que parecem longos e torturantes minutos. Não há grandes alterações em sua fisionomia, nem choque; tampouco raiva. Isso me tranquiliza minimamente.

— Você tem certeza? — Evan pergunta com calma, voltando a tomar o seu vinho. Como se estivéssemos em uma conversa casual e não falando sobre algo tão sério.

— Eu tenho sim, certeza absoluta. Fiz dois testes de farmácia há alguns dias e um exame de sangue essa manhã, estou de sete semanas

aproximadamente.

— Por que você não me contou antes? — ele me cobra. — Ao invés disso, apenas fingiu que eu não encontrei o teste de farmácia entre os cobertores... isso é muito ruim, Lizz.

— É sim — concordo, quase envergonhada. — Mas eu queria ter a confirmação concreta antes de te dizer... Posso perguntar por que você também fingiu que não sabia de nada?

— Porque eu simplesmente queria que você me contasse — ele responde, deixando a taça vazia sobre a pia. Então seus braços se flexionam sobre a ilha e ele me olha com seriedade. — Você teve várias oportunidades de me contar, eu poderia ter estado com você hoje de manhã. Não passou pela sua cabeça que eu quisesse te acompanhar?

— Não — digo com sinceridade. — Não pensei sobre isso.

— Mas eu queria e você me excluiu deliberadamente.

— Tudo isso não é fácil para mim, Evan. Eu tive medo, ainda estou apavorada.

— Não é fácil para mim também, Lizz — replica, sem desviar os olhos dos meus. — Eu tenho mais medo de ser pai do que eu teria de saltar de uma ponte, mas ou nós somos um casal ou não somos.

— Eu tive receio, me senti culpada. Tive medo de que você fizesse o mesmo.

— Te culpar? — ele pergunta em choque.

— Sim — sussurro.

— Não sou uma criança, Lizz... sou um homem e assumo as minhas responsabilidades. Eu jamais te culparia por algo sobre o qual eu tive uma grande parcela de participação.

— Se você me culpasse, eu te entenderia perfeitamente — eu digo, deixando o envelope amassado sobre o balcão da ilha, depois de enfim me dar conta de que o estava apertando em minhas mãos. — Esse não é o momento perfeito para uma gravidez, nós ainda estamos nos adaptando a essa nova vida e eu... eu não me sinto mais a mesma, sinto-me tão diferente.

— Você está grávida — ele me lembra, segurando o envelope e o abrindo em seguida. — Isso é um ótimo motivo para se sentir diferente.

— Sim, pode ser — concordo, me afastando para a sala e resmungando para mim mesma. — É provável que seja exatamente por isso.

Eu me sento no sofá e encaro a TV desligada, enquanto Evan permanece na cozinha, provavelmente tentando entender todas as siglas e

números do meu exame de sangue. Eu mesma não entenderia absolutamente nada se não fosse uma enfermeira. Olho em sua direção e o encontro concentrado, encostado à pia e folheando as diversas páginas do envelope. Poderia lhe explicar o que cada coisa significa, embora isso não faça mesmo a menor diferença, tudo o que importa é o resultado final: um bebê. Eu me sinto inquieta e ficar sentada aqui em silêncio parece uma tarefa árdua demais. Volto para a cozinha e abro a geladeira, não como desde o café da manhã e o meu corpo reclama por isso. Eu preciso pensar no bebê a partir de hoje, o seu bem-estar deve estar acima de qualquer outra coisa.

— Trouxe aquele bolo de morango que você adora — Evan diz, me fazendo virar em sua direção.

— Você trouxe? — Tento disfarçar a minha animação, mas fica difícil quando estou grávida e um pedaço de bolo pode significar tanto para mim.

— Sim — afirma sorrindo e bem, ele não deveria sorrir assim quando estamos em uma espécie de discussão sobre o nosso futuro. Tenho certeza de que o ar é primordial para os meus pulmões e Evan me rouba todo o ar quando sorri tão plenamente assim.

— Obrigada — digo simplesmente, tirando o pote de plástico da geladeira com uma generosa fatia de bolo branco, morango e creme de baunilha.

Esse bolo foi feito pelos anjos certamente e há alguns meses eu direi que uma fatia dele era melhor do que sexo, agora eu diria que é quase tão bom. Me sento em uma das quatro banquetas ao redor da ilha e abro o pote de bolo com entusiasmo. Evan me estende um garfo segundos depois, então ele apenas me olha comer, após ter deixado os papéis de lado em um canto qualquer.

— Nós seremos pais — ele diz quando estou em minha quarta ou quinta garfada de bolo e eu apenas aceno. — Como você se sente agora?

— Assustada e estranha — respondo, apontando o garfo para ele. — Talvez muito mais assustada do que estranha.

— Feliz não?

— Sim, bem lá no fundo de todo esse medo há um pouco de felicidade escondida.

Ele ri, a reação dele é oposta ao que eu imaginava. Eu fantasiei alguns gritos e carrancas antes dos sorrisos. O problema é que eu não preciso apenas do apoio de Evan para que tudo fique bem, eu preciso me encontrar primeiro para apreciar essa dádiva. Deus queira que não demore a acontecer.

— Você sabe que tudo ficará bem — ele afirma finalmente vindo até mim e me beijando.

Deixo que seus braços me envolvam, encontrando em seu calor algum conforto e ânimo. Meus braços circulam o seu pescoço com pressa enquanto o beijo de volta. Eu me sinto segura agora, quando ele afirma que tudo ficará bem, quando me beija com tanta paixão, quando me abraça com carinho e dissipa os meus medos como se fosse mágica. Eu, de repente, acredito que tudo ficará bem.

— Você sabe... — ele sussurra em meus lábios, depois de me colocar sentada no balcão. — Eu também estou muito assustado; porra, eu estou morrendo de medo.

— Eu sei. — Sorrio, tocando o seu rosto com amor. — Estranho seria se você se sentisse diferente. Ter um filho é uma das maiores responsabilidades que alguém poderia experimentar.

— Não sei se serei um bom pai.

— Claro que será, o melhor de todos.

Ele ri em meu pescoço, tocando a testa na minha em seguida. O meu sorriso para ele é repleto de amor, não posso aceitar que ele duvide da sua capacidade de amar uma criança.

— Não posso deixar de pensar que eu posso ser como o meu pai, ou a minha mãe. Que cometerei erros terríveis e irei traumatizá-lo para sempre. Eu só penso nisso desde que encontrei o teste entre os cobertores e a perspectiva de um filho se abriu para os meus olhos.

— Essa não é uma possibilidade, Evan. — Fecho as minhas mãos no colarinho de sua camisa e o beijo brevemente. — O passado não existe entre nós, temos a chance de viver uma história totalmente nova e o final feliz, dessa vez, só depende de nós.

— Você acredita em mim? — pergunta com um sorriso torto, que o faz parecer um garoto lindo.

— Acredito cem por cento em você, eu sempre acreditei.

— Eu acredito em você também — replica com veemência.

— Então nós podemos fazer isso, nós seremos pais maravilhosos — completo com uma segurança que surpreende até mesmo a mim. — Nós faremos o nosso filho ou filha feliz.

— Nós faremos — ele concorda, tocando a minha barriga sobre a camiseta.

A minha mão se encontra com a sua logo depois, e eu tenho a sensação

de que a felicidade está enfim se sobrepondo ao meu medo. Eu também tenho receio de não ser uma boa mãe, mas não digo isso a Evan. Acho que aprenderemos juntos enquanto caminhamos, talvez essa seja a única opção que temos no momento.

— Você bagunçou a minha vida completamente — digo a ele, com diversão evidente.

— Você não fez o mesmo comigo? — ele me questiona com a mesma diversão, as sobrancelhas arqueadas me desafiando a contradizê-lo.

— Eu fiz — admito com um murmúrio em seus lábios. — No entanto, foi uma boa bagunça.

— A melhor de todas.

A melhor de todas, eu repito mentalmente. Quando ele me beija mais uma vez, eu sei que nunca amei alguém como eu o amo. Automaticamente sei que amarei o nosso bebê da mesma forma, talvez ainda mais, e isso é tudo o que deve importar.



Tudo o que eu quero para mim

Evan

Observo Lizz andar pelo quarto apressadamente enquanto tenta decidir, enfim, o que irá vestir esta noite. Eu estou sentado aqui há trinta — talvez quarenta — minutos, apenas esperando que ela finalmente se sinta feliz com alguma de suas roupas. Parece uma tarefa impossível do meu ponto de vista agora, mas eu espero que não seja realmente. Eu amei o seu primeiro vestido e para mim ele estava perfeito. Para ela, não. Aparentemente ele apertava a sua barriga inexistente.

O segundo vestido era muito charmoso também, só que dessa vez a estampa floral em um fundo claro a fazia parecer mais gorda. Sinceramente, eu não notei esse detalhe. Tampouco achei que o vestido trêz a fazia parecer mais baixa. Eu nunca julguei que uma peça de roupa pudesse fazer isso, e como Lizz consegue pensar em tantos defeitos, também é um mistério para mim. Ao que parece os hormônios da gravidez podem alterar até a personalidade mais doce e eu estou com medo do que pode vir a seguir.

— E então? — ela me pergunta, ao parar diante de mim. Mãos na cintura e um sorriso hesitante nos lábios.

Deixo o meu celular de lado para olhá-la mais minuciosamente — mentira, eu apenas a farei pensar que fiz isso. A verdade é que ela está tão linda quanto as três outras vezes, somente com uma roupa diferente e eu não tenho muito o que dizer sobre isso. Desta vez é um vestido branco justo, que chega até os seus joelhos. Um decote quadrado com uma pequena abertura que termina no início dos seus seios. Eu acreditei que cores claras estivessem fora de cogitação, foi exatamente por esse motivo que o segundo vestido foi descartado. Mas é provável que as faixas pretas em cada uma das laterais do vestido sejam o diferencial que a tenha feito escolhê-lo.

— Linda, eu definitivamente amei esse — respondo com carinho e um grande sorriso.

— Você disse exatamente a mesma coisa anteriormente.

— Porque era verdade, não existe outra palavra a ser usada.

— Você não me diria se fosse o contrário.

— Eu diria, é claro. Mas não é o caso. Você fica linda de qualquer

forma, Lizz.

— Ok — ela murmura, se afastando lentamente e não parecendo muito crente da minha resposta. — Desculpe se eu pareço uma louca. Na verdade, eu sempre pareço um pouco louca quando vou me arrumar, mas dessa vez estou muito ansiosa para agradar.

— Seja você mesma, espontânea e alegre. Damian e Emma irão te amar.

Ela sorri abertamente agora. Então eu me levanto, seguro a sua mão e me inclino para beijá-la. Ela se afasta sutilmente enquanto ri e toca o meu peito, impedindo o beijo.

— Meu batom — ela explica, ao mesmo tempo que percebo que um beijo arruinaria toda a sua maquiagem.

Eu não me importaria, mas estamos atrasados e, definitivamente, não quero deixar Emma, Damian e Max nos esperando. Eu já precisei adiar esse jantar uma vez, porque assim que Lizz confirmou a gravidez, os enjoos começaram. Ela passou a se sentir mal como em um passe de mágica e sair para qualquer lugar era a última coisa que queria fazer. Felizmente, uma consulta com o obstetra alguns dias depois e os sintomas físicos foram amenizados. Porém, acho que não há muito a se fazer sobre os sintomas emocionais.

— Coloque os seus sapatos, nós estamos saindo — digo, depois de beijar a sua testa e sair do quarto.

Ouçoo o seu leve bufar em protesto logo atrás de mim e isso me faz rir. Acho que conhecer o Damian equivale a um jantar com os meus pais — o que nunca irá acontecer, nós já sabemos disso —, mas Lizz está tão nervosa quanto. Ela não deveria, Damian é a pessoa mais fácil de se conviver que eu já conheci na vida. Emma com certeza pode ser descrita como uma garota adorável e gentil. E Max é um bebê fofo, que parece ainda mais fofo cada vez que o vejo. O que já faz algum tempo, então a sua fofura deve ter triplicado. Para completar tem o Zeus. Um ambiente com esses quatro, só pode ser um lugar feliz e seguro para se estar. Em compensação, se estivéssemos realmente em um encontro com a minha mãe, isso definitivamente valeria a sua preocupação e nervosismo.

— Lizz! — eu a chamo quando já estou na porta e ela ainda não desceu do quarto.

Seus sapatos clicam na escada segundos depois e ela aparece no topo... com um vestido diferente. Esse é totalmente preto, justo até a sua cintura e

solto a partir desse ponto até o início dos seus joelhos. Nossos olhos se encontram e ela ri, dando de ombros, enquanto eu abro a porta e a convido a sair. Se ela por algum motivo decidir que precisa se trocar mais uma vez, eu terei que jogá-la sobre os ombros e levá-la à força para o carro.

— Estou ansiosa — ela me diz, quando já estamos no elevador.

— Eu percebi — replico, puxando-a para o meu lado, no momento em que outras pessoas entram. — Mas não é necessário ficar nervosa, é apenas um jantar com amigos.

— Um jantar com o seu melhor amigo, o seu irmão... — ela me corrige, pensativa. — Quero muito que ele goste de mim.

— Apenas me diga como ele não poderia gostar? Você é apaixonante.

— A sua opinião é totalmente parcial, mas obrigada.

Eu sorrio, beijando o canto da sua boca com suavidade, tomando o devido cuidado para não borrar o seu batom. Enlaço a sua cintura enquanto caminhamos pelo estacionamento subterrâneo até o meu carro. Abro a porta do passageiro para Lizz e espero que ela entre, antes de ocupar o meu lugar. A distância entre o nosso apartamento e a nova casa de Damian não é tão curta quanto eu gostaria. Aliás, a sensação que eu tenho é de que, apesar de morarmos no mesmo estado, estamos ficando cada vez mais distantes fisicamente. O que torna encontros como esse, cada vez mais raros entre nós. A metade do trajeto é feito em completo silêncio, Lizz parece muito interessada em seu celular e eu estou tão focado em dirigir, que não consigo pensar em um assunto interessante e iniciar uma conversa.

— Então... — Lizz balbucia, deixando o celular de lado e tomando a iniciativa de quebrar o silêncio.

— O quê? — pergunto a olhando brevemente.

— Damian e Emma se casaram recentemente, não foi?

— Sim, há dois meses, talvez menos — digo, tentando rapidamente me lembrar. — Foi enquanto estávamos na Espanha, em minha segunda viagem.

— Jura?

— Sim.

— Que pena ter perdido esse momento.

— Foi uma pena mesmo, sempre achei que quando o Damian se casasse, eu estaria lá para ver.

— E então por que não estava? Não diga que foi porque viajou para me encontrar.

— Se fosse, eu garanto que teria valido a pena — eu a acalmo com um

sorriso. — Mas a verdade é que foi um casamento surpresa. Damian praticamente obrigou Emma a se casar com ele.

— Eu duvido disso... — Ela ri ao meu lado

— Estou brincando, mas o Damian planejou o casamento sem a Emma saber. Foi uma surpresa completa para ela.

Paro em um sinal vermelho e me viro para Lizz. Ela está me olhando fixamente, enquanto aparentemente a sua mente a está levando para longe.

— O que foi? — eu a sondo. — Você quer um casamento surpresa também?

— Não seria surpresa agora que você perguntou e levantou a possibilidade.

— Achei que você não quisesse se casar simplesmente — eu a recordo, colocando o carro em movimento novamente e desviando o olhar do seu.

— Eu nunca disse que não queria — ela balbucia com lentidão. — Apenas que não era um sonho realmente. Para mim, as relações humanas não precisam de documentos ou símbolos para serem reais. Porém, talvez eu queira me casar sim; não hoje, mas eventualmente.

— Da mesma forma que você queria ser mãe eventualmente... — eu a lembro, ganhando um revirar de olhos em troca — Nós sabemos como isso terminou.

— Sim, nós sabemos.

Ela suspira, olhando para a janela com um pequeno sorriso que não alcança os seus olhos e eu me pergunto se disse a coisa errada. A sensação é de que tenho feito isso com muita frequência nos últimos dias... dizer a coisa errada, na hora errada. E eu nunca sei o que realmente fiz para aborrecê-la. Talvez pedi-la em casamento seja a coisa certa a se fazer agora que Lizz está grávida. Isso também resolveria a sua situação com o visto de turista que expira em alguns meses e têm sido uma constante preocupação minha desde que chegamos aqui. Eu apenas não quero que seja somente por esses motivos e sei que seria exatamente isso o que ela pensaria se eu propusesse.

— Emma está grávida também — digo, ganhando a sua atenção mais uma vez. — Talvez vocês possam compartilhar esse momento, seria bom para você ter uma amiga.

— Sobre isso — Lizz diz lentamente, mordendo a bochecha com hesitação. — Eu não quero que as pessoas saibam sobre o bebê ainda. Eu ficaria feliz se você não comentasse nada com o Damian, por enquanto.

— E por que não?

— Porque a gravidez está bem no início e dizem que devemos esperar um tempo, até que não exista nenhum risco.

— Mas você está completamente saudável, o bebê também — digo, surpreso com o tópico trazido à tona. — O médico garantiu isso, não foi?

Eu estava lá quando o médico disse que a saúde de Lizz estava perfeita, e que o bebê está se desenvolvendo dentro do esperado. Não há nada — aparentemente — preocupante nessa gravidez. Mesmo assim, o simples fato de que ela tem tantas dúvidas, me faz duvidar também.

— Sim, estamos bem — ela afirma, me tranquilizando. — Só quero esperar um pouco. Pode fazer isso, por favor?

— Eu queria muito contar ao Damian, aliás, eu só não contei ainda porque não queria fazê-lo pelo telefone. Esse jantar é simplesmente o momento perfeito para isso.

— Eu ainda me sinto tão estranha — resmunga com um suspiro pesado. — Preciso de tempo para absorver tudo isso, toda essa mudança, antes de jogar a notícia aos quatro ventos.

— Já se passaram mais de duas semanas, Lizz — eu a censuro, tentando muito entoar suavidade em minha voz. — Achei que tivesse contado para os seus pais.

— Eu ainda não contei — ela confessa, olhando para as mãos e depois para a janela, mas não para mim. — Liguei para eles e conversamos sobre muitas coisas, mas não a minha gravidez.

— Engraçado que eu nunca achei que você fosse covarde — a provoco.

— Não se trata disso, Evan. Eu só quero esperar mais algumas semanas, não achei que fosse um pedido exorbitante.

— Você não está feliz? — questiono, com preocupação. — Porque você me disse uma vez que queria muito uma família e tinha medo que esse não fosse um dos meus sonhos também. Agora eu realmente estou com medo que seja o contrário, que você não queira uma família.

— Eu estou feliz, muito feliz e eu te amo demais. Amo o nosso pequeno bebê também — ela afirma com veemência, envolvendo a mão em meu braço sobre a minha camisa dobrada. — Só que tudo é muito novo para mim. A mudança de país, viver a dois, ficar tanto tempo sem trabalhar e agora o bebê. É como estar no mar e ser atingida por uma grande onda inesperada, eu só preciso de um tempo para voltar a respirar.

A vontade de parar o carro bruscamente no meio da rua apenas para olhá-la, contestá-la ou somente abraçá-la, é quase sufocante, mas continuo a

dirigir. Respirando e ordenando os pensamentos, torcendo para que essa aura estranha entre mim e Lizz, se dissipe antes que eu estacione em frente à casa de Damian.

— Ok — eu digo por fim, não muito feliz com o seu pedido. — Se você quer esperar, tudo bem, eu não direi nada.

— Obrigada — ela agradece, ainda com a mão em meu braço em um aperto de conforto.

Acontece que o incômodo já foi instaurado e ele dificilmente não irá me abandonar tão fácil. Mas essa não é a hora, e esse definitivamente não é o lugar certo para um conflito.

Eu aceno e voltamos a ficar em silêncio. Realmente achei que Lizz estivesse tão feliz quanto eu estou sobre o bebê. Aparentemente ela ainda mantém os seus receios sobre isso e esse fato me afeta mais do que deveria. Tenho tentado passar por cima de todos os meus medos e transpor a todas as marcas que tenho do meu relacionamento fracassado com os meus pais, para construir uma família com Lizz. Ela foi muito eficaz em me convencer de que posso ser um bom pai, ela me fez acreditar em toda aquela história de página em branco, pronta para receber uma nova história... A nossa história, eu queria que ela fizesse o mesmo.

— Você está chateado? — Lizz me questiona quando para em frente à casa de Damian.

— Não — nego, mentindo sem olhar para ela e sustentando o meu olhar sobre o painel do carro. — Vamos descer, estamos atrasados.

Abro a porta e ela me olha por um tempo, entrelaçando uma das mãos na minha e apertando a pequena bolsa junto ao peito com a outra. Ela sorri e eu a beijo suavemente, não recebendo nenhum protesto sobre o seu batom dessa vez. Eu não digo nada, desejando que o olhar que trocamos brevemente seja o bastante para acalmar ambos os corações.

— Que casa linda! — Lizz exclama, enquanto andamos de mãos dadas até a grande porta de madeira da entrada.

— Nunca estive aqui antes — conto, admirando pela primeira vez a casa diante de nós. É totalmente diferente do nosso apartamento. Talvez reflita, com facilidade, a diferença gigante que existe entre a minha personalidade e a de Damian. — Acho que Damian a comprou como presente de casamento para Emma.

— Que homem romântico. — Ela ri piscando com diversão para mim, ao mesmo tempo que chegamos à varanda e eu toco a campainha.

— Não crie expectativas, é difícil competir com o Damian nesse quesito — Murmuro, entrando na brincadeira.

— Mesmo sem todo o romantismo, casamento surpresa ou casa de presente, eu ainda prefiro você.

— Você ainda não me considera um romântico? — pergunto com voz suave. — Eu fiz uma tatuagem para você. Existe algo mais romântico que isso?

— Damian fez uma tatuagem para a Emma também? — ela sonda com expectativa evidente.

— Acho que sim — respondo, meio a contragosto. — Com o nome dela, pelo que me lembro.

— Então, acho que já temos um vencedor — ela fala sem deixar de rir, batendo jocosamente os cílios para mim.

— Não sabia que era uma competição — replico quando a porta se abre e Damian aparece diante de nós.

Ele nos olha sorridente, estendendo a mão para mim em seguida, e me puxando para um breve abraço. Eu aperto o seu ombro sobre a camiseta cinza do *Pink Floyd*, antes de me afastar e apontar para Lizz.

— Essa é a minha namorada Lizz — eu a apresento, olhando para Damian e voltando o meu olhar para Lizz, completo: — E esse é o famoso Damian.

— É um prazer finalmente encontrá-la, Lizz — Damian diz, beijando o seu rosto e a abraçando rapidamente. — Evan fala tanto de você, que eu sinto que já a conheço.

— O mesmo serve para você, Damian — Lizz diz, sorrindo para mim e para Damian em seguida. — Estou realmente muito feliz em estar aqui.

— Eu também estou. Quase não vejo mais o Evan, ele trabalha demais.

— Você também — me defendo, enquanto Damian nos convida a entrar.

Lizz entrelaça os dedos aos meus mais uma vez quando começamos a caminhar pelo hall em direção a sala. Eu a sinto se encolher ao meu lado, ao mesmo tempo que um grande cão caramelo desce eufórico pela escada e vem em direção a nós. Automaticamente tenho receio de que ele pule sobre a Lizz e a derrube com o impacto do seu peso. Me coloco à frente e deixo que as suas grandes patas batam em meu estômago, enquanto ele sacode o rabo com felicidade. Esse não pode ser o Zeus, ele era apenas um filhote quando eu o vi pela primeira vez.

— Não, Zeus! — Damian o repreende, o afastando de mim com um agarre em sua coleira. — Ele é inofensivo, o cachorro mais bobo que já existiu.

— Como ele cresceu tanto? — indago, depois de ter resgatado Lizz de seu esconderijo nas minhas costas.

— Eu não sei, Emma coloca fermento em sua ração — ele brinca, afagando as orelhas do cão. — Na mamadeira do Max também, você não irá acreditar no quanto ele cresceu desde que o viu pela última vez.

— Onde ele está? — eu questiono, olhando ao redor.

— Lá em cima com a Emma, eles já devem estar descendo.

Lizz e eu o seguimos até a sala, nos sentando lado a lado no sofá de três lugares, deixando uma das duas poltronas à frente para Damian. Zeus parece encantado com Lizz, deitando a sua cabeça nos joelhos dela, enquanto é afagado por ela. Nunca quis ter um animal de estimação, nem mesmo quando pequeno. Ao contrário de Damian que sempre amou cães, eu imagino Max crescendo da mesma forma.

— Quer provar um dos vinhos que mandou entregar hoje à tarde? — ele indaga, referindo-se às três garrafas de vinho tinto que eu escolhi do meu restaurante para ele.

Sei que Damian não costuma beber tanto quanto eu. Fica evidente que ele é muito mais virtuoso. Se contarmos o meu vício no cigarro, então ele ganhará com pontos extras. Mesmo assim, eu quis presentear-lo de alguma forma e as garrafas caras de vinho me pareceram um ótimo presente.

— Apenas uma pequena taça de qualquer um deles, eu estou dirigindo hoje e não quero beber.

Ele acena com um sorriso, antes de se voltar para Lizz e perguntar:

— E você, Lizz, quer uma taça também?

— Lizz não pode beber, ela está... — eu me calo, assim que percebo que estava prestes a me referir a sua gravidez. Olho para Lizz, esperando que ela conserte a situação.

— Estou me recuperando de uma gripe e não quero misturar álcool com os medicamentos — ela mente com naturalidade. — Mas eu aceito um suco, ou mesmo uma água está ótimo para mim.

— Tudo bem, volto em um minuto — Damian diz, se levantando em direção a cozinha com Zeus em seu encalço.

Estou olhando para Lizz, apertando um pouco a sua coxa sobre o tecido grosso do vestido. É muito mais difícil mentir do que seria contar a verdade.

Isso é um pouco frustrante, eu admito.

— O que foi? — ela pergunta depois que não desvio o meu olhar do seu rosto.

— Você é uma grande mentirosa — digo, com um sorriso para amortecer o impacto das minhas palavras, mas talvez exista um fundo de verdade nelas agora.

— Não foi uma mentira. — Ela ri ao se defender. — Apenas uma omissão camuflada.

— Se eu eventualmente deixar escapar a verdade, você ficará chateada?

— Claro que não — ela responde com rapidez, abrandando o olhar para mim. — Eu quero esperar um tempo até que todos saibam, mas se você contar sem querer, não tem problema algum.

— Então por que não contamos de uma vez?

Ela abre a boca para responder, porém Damian e Zeus retornam à sala e Lizz se cala. Ele gentilmente entrega um copo de suco de pêssago a ela e uma taça meio cheia de vinho para mim. Então retoma o seu lugar com uma pequena garrafa de cerveja em mãos e Zeus aos seus pés.

— Não gostou do vinho? — brinco, elevando a minha taça para ele antes do primeiro gole.

— Prefiro deixar para as visitas — Damian replica, erguendo a sua garrafa também. — Não é todo dia que temos vinho francês em casa.

— É espanhol — eu o corrijo.

— Lógico, você tem um grande amor pela Espanha agora.

— Eu definitivamente tenho — afirmo, me virando para Lizz e beijando o seu rosto. — Espanha é um lindo país, você e Emma deveriam conhecê-lo. Não é mesmo, Lizz?

— *Sí, mi amor. Ellos amarían el paseo* — ela responde com um sorriso, falando totalmente em espanhol, como faz sempre que está brava comigo. E como todas as outras vezes, a única palavra que eu entendo é amor... não que ela me chame de amor quando estamos brigando.

Damian ri. Porque, assim como eu, ele também faltou a todas as aulas de espanhol no colégio e Lizz pode muito bem estar nos xingando e não saberíamos a diferença.

— Ela disse: *Sim, meu amor. Eles amariam o passeio* — Emma diz, escolhendo esse momento para aparecer com Max em seu colo. — Tenho assistido muito ao Telemundo, as novelas latinas são as melhores.

— Eu concordo — Lizz fala, me empurrando com o ombro. — Você deveria aprender espanhol, Evan.

— Eu deveria, então entenderia todos os insultos que você usa quando brigamos.

— Nós não brigamos tanto assim — ela ri, ficando com o rosto levemente vermelho de vergonha. — Muito menos te insulto dessa forma... O que Emma e Damian irão pensar de nós?

— Eu provavelmente conheço o Evan melhor do que ninguém — Damian fala, deixando a sua cerveja de lado para tirar Max do colo de Emma e colocá-lo no chão com Zeus. — Sei que ele pode ser muito chato às vezes, então acharia totalmente compreensivo.

Olho para ele e balanço a cabeça fingindo descontentamento, mas não o contradigo; é a mais pura verdade. Nós nunca brigamos seriamente, sobretudo pela personalidade tão flexível de Damian.

— Eu direi que vocês são fofos — Emma se manifesta, sorrindo grandemente para Lizz, depois para mim e de volta para Lizz. — A propósito, eu sou a Emma.

— Eu sou a Lizz. — ela sorri para mim, me entregando o seu copo e se levantando para abraçar a Emma.

As duas trocam um sorriso radiante quando se afastam e eu já posso facilmente vê-las como grandes amigas. Seria maravilhoso para a Lizz ter alguma companhia, além da minha, principalmente se ela não fosse tão teimosa sobre contar a eles a respeito do bebê.

— Eu te disse para me avisar se acaso se apaixonasse por uma espanhola bonita — Emma me recorda, quando vem me abraçar também.

— Eu me esqueci. — Rio, beijando o seu rosto e devolvendo o seu abraço.

Definitivamente parece que faz um século que eu a vi e não somente alguns meses. É incrível como tudo o que eu vivi desde que pisei na Espanha pela primeira vez, me traz a sensação de que conheço Lizz por toda a minha vida. Acho que quando você se torna incapaz de recordar a vida que teve antes de alguém, é porque o que sente por ela é o mais verdadeiro amor.

— As minhas palavras foram quase uma premonição — Emma continua, mantendo o seu sorriso de felicidade. — Você se apaixonou por uma espanhola realmente bonita.

— A mais linda de todas — assinto, colocando um dos braços ao redor da cintura de Lizz.

— Acho que eu fui a única que você conheceu — ela sussurra apenas para mim.

— Depois que eu te vi pela primeira vez, meus olhos só enxergaram você — sussurro também, encostando a minha boca na sua, mas sem beijá-la.

Sinto duas mãozinhas em minhas pernas, então me afasto sutilmente de Lizz para olhar para baixo e encontro Max sorridente sob a sua chupeta. Infelizmente nós dois passamos pouquíssimo tempo juntos. Um grande pesar, porque ele é uma criança cativante e agora eu me dou conta de que teria gostado de estar mais vezes ao seu redor. Ele cresceu visivelmente, como Damian comentou, isso eu posso perceber com facilidade. E os seus olhos ainda continuam azuis como o oceano límpido e com certeza será para sempre a sua marca registrada.

— Esse é o Max — Emma conta a Lizz, apontando para o filho com um carinho infinito em seu olhar. — Diga oi, Max.

— *Oooooiiii* — ele resmunga em sua própria linguagem infantil, tirando a sua chupeta e a oferecendo para Lizz.

Eu não contei a ela que Damian não é o pai biológico de Max, me pareceu extremamente desnecessário, quando as diferenças físicas entre eles desaparecem diante do amor que transparece dos dois. Fica claro para Lizz certamente que os três são a epítome de uma família feliz.

— Que criança mais linda — Lizz diz com fascínio, se ajoelhando até Max para tocar os seus cabelos claros. — Posso roubá-lo para mim?

— Se você levar o Zeus junto, um não vive sem o outro — Emma fala e, para confirmar o fato, Zeus corre para a cozinha e Max o segue como uma sombra. — Mas você com certeza não iria querer um cão e um menininho tão bagunceiros assim.

— Talvez eu queira.

Lizz me olha após replicar Emma e eu talvez seja o único, além dela, que entenda perfeitamente o significado de suas palavras e eu também quero... quero para nós o que Emma e Damian possuem: uma criança e um cachorro sapecas, um lar em seu significado mais literal. Tudo o que eu nunca cheguei sequer perto de possuir, mas com Lizz ao meu lado parece totalmente possível. É tudo o que eu quero para mim

— Lizz e eu seremos pais — digo alto o bastante para ser compreendido, apertando a sua mão em um gesto de conforto quando ela me olha surpresa. — Ela está grávida de nove semanas.

— Verdade? — Emma pergunta, batendo as mãos com entusiasmo,

antes de tocar a própria barriga levemente redonda. — Eu estou de quase cinco meses, a diferença de idade entre os nossos bebês será muito pequena, eles irão crescer juntos.

— Sim, é maravilhoso! — Lizz consente com um sorriso genuíno.

Juro que eu me preparei para um olhar mortal, uma cotovelada em minhas costelas ou um pisão discreto em meus pés, mas isso não veio. Ela abraçou Emma mais uma vez e as duas pareciam possuir um olhar cúmplice, antes que Emma se afastasse em busca de Max e Zeus.

— Parabéns, cara! — Damian me felicita com um longo abraço. Ele mais do que ninguém, sabe o que significa estar construindo a minha família. — Você levou a sério o meu conselho, hein?

— Que conselho? — pergunto intrigado, ele já me deu milhões de conselhos, jamais me lembraria de todos... é provável que eu não tenha seguido a maioria deles.

— Sobre correr atrás do prejuízo, filhos, casamento...

— Claro, eu me lembro. Mas você ainda tem um filho de vantagem — *“E um anel de casamento”*, eu emendo em pensamento.

— Lizz pode ter gêmeos, você nunca sabe. — Ele ri se afastando para onde Emma foi há alguns segundos.

— Nem pensar, não diga algo assim! — Lizz o repreende, elevando um pouco a voz, antes de me olhar com um vinco em sua testa. — Nós só teremos um bebê, um, apenas um...

— Como se pudéssemos realmente decidir — brinco, apertando o seu quadril quando ela se vira para mim. — Mas eu me contento com um bebê apenas.

— Isso é bom. — Ela esconde o sorriso, mordendo a bochecha ao se aproximar mais. — Eu estou apaixonada por eles!

Ela faz um gesto com a cabeça em direção à cozinha, onde agora as vozes de Damian, Emma e os murmúrios especiais de Max se misturam em uma melodia única.

— Você acha que um dia seremos uma família tão feliz quanto essa?

— Eu tenho certeza que sim — proclamo, entre beijos. — Diria que temos potencial para sermos ainda mais felizes... Só deixe de ter medo, Lizz.

— Eu estou tentando, Evan... Estou tentando.

Ela me beija e, em seguida, esconde o rosto em meu pescoço. Eu quero lhe dizer para tentar mais, abandonar todos os seus receios e viver somente o agora. Ao invés disso, porém, eu apenas a abraço. Isso deve bastar, precisa

bastar.



Viva o agora

Lizz

Dez semanas... agora o meu bebê tem dez semanas. O que equivale ao tamanho de uma ameixa, apenas quatro centímetros e cinco gramas. Apesar de tão pequeno, ele engole líquidos e chuta o tempo todo, não que eu seja capaz de senti-lo agora. Ainda existe um longo caminho até que eu possa viver essa experiência mágica. Minha barriga ainda está imperceptível para a maioria das pessoas. Embora o meu útero tenha o tamanho de um mamão papaia pequeno, aparentemente, os médicos adoram usar frutas como exemplo, por isso eu acho que tenho um leve inchaço em meu baixo ventre. Evan diz que são apenas os meus olhos de grávida.

Em breve eu poderei ouvir o batimento cardíaco do bebê, mas, por enquanto, tudo o que sinto é o meu próprio coração quando toco a minha barriga. Às vezes eu me sinto supergrávida, outros dias nem tanto e eu posso quase me esquecer desse fato. Posso ter muito sono em um momento e passar a próxima noite em claro, andando pelo apartamento em silêncio e preocupada com a possibilidade de ser uma péssima mãe.

Adquiri um estranho e questionável amor por mingau de aveia, apesar de saber que a textura deles não é nem um pouco apetitosa, sinto que poderia comê-los pelo resto da vida. Meus cabelos estão lindos e já me disseram que eu tenho um brilho especial... Será?

Meus seios estão duas vezes maiores e ainda estou tentando descobrir se gosto deles assim em meu corpo; Evan gosta, mas a opinião dele sobre isso não conta tanto. Juro que tenho me esforçado para não enlouquecer com todos esses hormônios correndo em minhas veias, eu quero realmente ser uma grávida racional, mas já chorei feito um bebê em um episódio de *The Walking Dead* e nem era um dos episódios tristes de verdade. É estranho não controlar as próprias emoções, tudo parece diferente nesse instante e algo pequeno pode ter grande impacto sobre os meus sentimentos. Por esse motivo, Evan e eu temos discutido mais do que o necessário e são esses os momentos para exercitar o meu espanhol. Eu posso xingá-lo e ele ainda assim não deixa de sorrir, confesso que isso apenas aumenta a minha raiva. Talvez eu odeie o fato de que ele é infinitamente mais racional que eu agora, mais

sensato e maduro. E o quanto ele pode ser perfeito e lindo também me irrita um pouco, isso até eu sorrir por alguma coisa que ele me disse e simplesmente me esquecer o motivo que me fez ficar brava a princípio.

— Você me ouviu? — eu o questiono quando estamos compartilhando o jantar em uma noite de quinta-feira.

Retificando, eu estou jantando, porque esse filé com mostarda está irresistível, mas Evan está interessado demais em seu computador. Fica evidente que ele jamais teve uma mãe normal, porque a minha nunca me permitiria trazer um computador à mesa. Claro, agora eu sou uma adulta e minha mãe não pode ditar o que eu faço ou deixo de fazer. Porém, quem já foi criança um dia, sabe que as palavras ditas por nossas mães jamais serão esquecidas, elas perduram por toda a vida.

— Você acha que o quarto ao lado do nosso deve ser o quarto do bebê — ele recita sem olhar para mim e eu aceno enquanto mastigo, mesmo que ele não possa me ver. — E você quer pintá-lo de branco.

Eu reviro os olhos para o meu prato. Ele ouviu até a parte do quarto do bebê; nada, além disso e eu realmente disse muita coisa. Sem contar que o quarto já é branco, tudo nesse apartamento é branco.

— O quarto já não é branco? — ele pergunta, me olhando sobre a tela do computador por um instante.

— Sim, por esse motivo eu quero pintá-lo de cinza.

— Cinza? E se for uma menina?

— Cinza é uma cor bem neutra, na verdade — falo, roubando uma batata dourada de seu prato intocável. — Você não vai comer? A sua comida está esfriando.

— Em um instante.

— Você precisa trabalhar tanto?

— Eu não tenho trabalhado tanto, Lizz — ele se defende com voz suave, enfim deixando o computador de lado para me olhar. — Tenho chegado mais cedo todos os dias e essa é definitivamente a primeira vez em que trago algum trabalho para a casa.

— Trabalho esse, que você poderia ter deixado para depois — balbucio, enquanto ele se levanta para lavar as mãos antes de se sentar novamente.

E então ele sorri e eu detesto isso. Na verdade, eu amo e odeio, e é tão confuso quanto tentar entender o meu horóscopo. Evan é extremamente condescendente comigo, é provável que ele morra de medo de me dizer a

coisa errada. Como se eu fosse uma bomba prestes a explodir se for tocada, provocada, da forma errada. O que não deixa de ser verdade, sou uma bomba de hormônios sem controle.

— Não é um pouco cedo para começar a decorar o quarto do bebê? — Olho para ele enquanto mastigo em silêncio. — Eu prefiro saber o sexo antes, acho bem mais divertido.

— Talvez você esteja certo, vamos esperar.

— Pode pintá-lo, se quiser, embora eu ache que irá mudar de ideia depois disso... Muitas vezes.

— É provável — pondero. — Comprei uma revista de decoração hoje e havia um lindo quarto de bebê em cinza e dourado, acho que eu me empolguei.

Ele ri, enquanto me dou conta, de repente, de que faltam mais de sete meses para o bebê nascer. Tempo demais quando estou presa nesse apartamento e louca por algo ao qual eu possa me dedicar. Se eu ainda não posso decorar o quarto do nosso filho, o que farei durante todo esse tempo? Porque sejamos totalmente sinceros, um novo emprego parece estar a anos-luz de distância de mim. Pensar em minha vida profissional inexistente é o que basta para me deprimir. É aí que gira todo o meu medo e insegurança, medo de nunca conseguir me adaptar profissionalmente aqui na Califórnia e eu definitivamente preciso dessa parte da minha vida para me sentir completa. A cada nova entrevista de emprego eu me sinto mais animada, apenas para ver a minha esperança ruir minutos depois quando eles me dizem: “*Nós ligaremos se tivermos interesse*”. Essa frase significa tudo, porque eu sei que eles não ligarão; eles nunca ligam. Ainda mais agora, quando no meio da entrevista eu preciso proferir a tão temível frase de três palavras: “*Eu estou grávida...*”. Aparentemente, ninguém quer contratar uma enfermeira espanhola sem visto permanente e ainda por cima grávida. Óbvio que eles jamais me dirão diretamente que esse é o motivo pelo qual eu não recebo uma ligação, mas fica claro para mim, que é exatamente por isso.

— Você saiu de casa hoje? — Evan me pergunta depois de um tempo em silêncio, trazendo imediatamente a minha atenção para o agora.

É somente isso o que importa, não é? O agora, o hoje. Tenho me esforçado para viver assim, caso contrário, sei que enlouqueceria com todas as neuras que o meu futuro incerto me traria.

— Sim, passei um tempo na praia essa manhã, vitamina D é muito importante para o bebê e nós temos um estoque infinito a uma calçada de

distância.

— Sim, nós temos. Só não se afaste demais do nosso apartamento, você pode se perder.

— Quantos anos eu tenho agora? — debocho, rindo da sua preocupação desnecessária. — Vai me pedir para tomar cuidado quando for atravessar a rua também?

— Sim, por favor! — Evan diz com seriedade.

— Não se preocupe, eu olho para os dois lados da rua e só atravesso na faixa de pedestres.

— Boa menina. — Ele sorri, batendo em minha coxa sob a mesa.

— Não seja bobo — eu o censuro sem deixar de sorrir.

— Por quê? Eu me preocupo com você — enfatiza, ainda com a mão em minha perna. — Isso faz de mim um bobo, ter medo de te perder?

— Tenho certeza de que eu posso andar em linha reta pela praia e voltar ao meu ponto de origem sem grandes problemas.

— Você pode aprender a dirigir, aposto que teria facilidade para aprender.

— E como eu conseguiria a minha licença com o meu visto de turista? — A minha cadeira faz barulho no piso, quando eu me levanto e recolho os nossos pratos sobre a mesa.

Olho para Evan e ele parece pensativo, tocando os lábios com o polegar enquanto sustenta o meu olhar por um tempo. Viro-me de costas para ele e começo a limpar os pratos antes de colocá-los na lava-louças.

— Sobre isso... — ele começa, enquanto ainda estou olhando para a pia à minha frente. — Eu pensei muito, muito mesmo e depois de falar com um advogado a respeito disso, eu cheguei à conclusão...

— De quê? — eu o incentivo, me virando lentamente para ele, com o pano de prato em mãos.

— De que devemos nos casar — ele murmura com naturalidade. Sim, realmente essas palavras saíram da sua boca sem que houvesse nenhum esforço.

Mas elas me atingiram de forma diferente, porque prendo a respiração sem querer, assim que as ouço.

— O quê? — pergunto sem fôlego. *Será que acabei de ser pedida em casamento?*

— Vamos nos casar — ele repete. — Então pediremos o seu visto permanente, estou contando que não teremos nenhuma dificuldade para obtê-

lo, além de todo trâmite legal habitual.

Olho para o pano amassado em minhas mãos, antes de liberá-lo sobre a pia e voltar a me sentar.

— Nós começamos a namorar na Espanha, temos as minhas passagens áreas e registros no hotel para provar — Evan continua a falar, enquanto olho para as minhas unhas. — Sem contar que estamos morando junto desde que chegou aqui e agora temos o bebê. A imigração pode ser rigorosa sobre isso, mas não temos o que temer.

— Então é isso? Acha que devemos nos casar? — questiono-o com a voz um pouco grave.

— Sim, por quê?

— Porque soou um pouco frio.

— Não mesmo — ele se defende com uma careta em desagrado. — Qual o problema, Lizz? Estamos morando juntos e teremos um filho, eu acho que devemos nos casar. Onde está realmente a frieza nisso? Eu deveria ter me ajoelhado com um buquê de rosas vermelhas?

— Talvez, por que não? — sussurro.

— Porque é uma grande bobagem. Você mesma disse que não se importa com contratos ou símbolos.

— Mesmo assim, eu não quero que você se case comigo somente pelo bebê ou por causa do visto.

— Não é por isso. É porque eu te quero aqui comigo e sem grandes preocupações entre nós — ele se defende com aborrecimento visível em sua voz e rosto. — Existem leis e elas precisam ser respeitadas, o casamento é o caminho sensato nesse momento. Não complique tudo só porque eu não elaborei um pedido mais romântico, porque isso é uma grande besteira. Você sabe que eu te amo e nós nos casaríamos em algum momento.

— Eu não sei... — sussurro mais uma vez, apenas para não deixá-lo falando sozinho.

— Você está sendo... — olho para ele com uma carranca, o desafiando a me insultar. — Insensata, Lizz.

— Eu estou grávida, Evan. Não consigo ser sensata nem com muito esforço.

Ele coça a sobrancelha e contém um riso. Tamborilo os meus dedos sobre a mesa e respiro. Acho que estamos correndo tanto, pulando etapas que seriam importantes para o nosso relacionamento. Ao mesmo tempo não podemos voltar atrás, não depois de termos ultrapassado todos os sinais

vermelhos e terminado a corrida com um bebê entre nós.

— Eu preciso pensar — digo por fim. — Mas, só por curiosidade, nós não nos casaríamos em Las Vegas, casaríamos?

— Não — ele nega, rindo. — Teríamos um casamento normal, simples, porém, e rápido... rápido é o mais importante.

— Ainda parece tão automático.

— O que você realmente quer, Lizz? — ele refuta. — Depois de se mudar comigo para outro país, achei que quisesse ficar aqui por muito tempo, para sempre para ser mais exato. Eu estava errado então?

— Não, não estava — respondo sem hesitar. — É isso o que eu quero, mas...

Eu me calo, sem conseguir ordenar os próprios pensamentos. Fica difícil descrever o que quero de verdade. Eu quero me casar com ele, com o homem que amo e o futuro pai do meu filho, mas... *Deus, me ajude a ser uma mulher sensata novamente, por favor!*

— Eu te amo — ele recita, se levantando e beijando a minha testa, antes de enroscar os dedos em meu cabelo e morder a minha boca e sussurrar: — Se você não quiser se casar agora, tudo bem. Eu darei um jeito, podemos conseguir um visto de trabalho; não se sinta pressionada a isso.

Ele se afasta, me deixando sozinha com os meus pensamentos, enquanto ouço os seus passos na escada. Fico sentada por um tempo, antes de voltar a minha atenção para a lava-louças esquecida há tempos. Demoro mais que o usual até deixar a cozinha limpa e subir para o quarto. Escuto o barulho da água do chuveiro e sei que Evan está no banho agora. Mesmo assim abro a porta — que ele nunca deixa trancada — e vou em direção à minha escova de dentes sobre o balcão.

As roupas de Evan estão jogadas no chão e não no cesto de roupas como deveria ser. Eu as recolho, mas não sem antes lhe lançar um olhar de desagrado, tão hostil que poderia muito bem derreter o vidro do box. Não precisamos nos casar para que eu me comporte como uma esposa, e ele como um marido bagunceiro. Eu realmente não consigo entender o quão difícil pode ser colocar a roupa suja no cesto. Espalho o creme dental em minha escova, antes de começar a usá-la vagarosamente. Tem sido assim há algumas semanas, o simples ato de escovar os dentes pode me causar grandes enjoos e eu tenho feito de tudo para evitá-los no momento. Estou enxaguando a boca no instante em que Evan desliga o chuveiro e abre o box em busca de sua toalha. Ele me vê e me dá um meio-sorriso travesso, enquanto se enxuga

e mantemos os olhos um no outro. Desvio o meu olhar primeiro, lavando a minha escova e a colocando no potinho ao lado da do Evan... Duvido que exista algo mais doméstico que isso, nossas escovas juntas.

Evan está atrás de mim no instante seguinte, a toalha ao redor da sua cintura e o cabelo ainda molhado — já que ele nunca o enxuga o suficiente. Algumas gotas de água escapam do seu cabelo e deslizam pelo seu pescoço e peito. Tenho vontade de tocar o lugar por onde elas passam, mas eu não me viro. Nossos olhos se encontram no espelho e eu sorrio, mordendo o meu lábio em seguida, quando ele afasta o cabelo em meu pescoço e beija vagarosamente a pele exposta. É lento o bastante para causar um grande frio em meu estômago e arrepiar toda a minha pele. Primeiro a sua respiração sopra sobre o meu pescoço, então a sua língua passeia vagarosamente e por fim, a sua boca se fecha sobre o local a ser beijado.

Tenho certeza de que não acontece tão vagarosamente assim, mas é essa a sensação que eu tenho. Seus beijos se espalham pela minha nuca, pescoço e os ombros, até onde a camiseta que estou usando o permite fazê-lo. Quero me virar, colocar as mãos em seu pescoço e beijar loucamente a sua boca; porém, o corpo de Evan me prende sutilmente ao balcão da pia. Uma grande quantidade do meu cabelo está presa em suas mãos, em um aperto que não machuca; mas ainda assim é forte o suficiente para que ele possa inclinar o meu pescoço como quer e me torturar com a sua boca macia. Sinto-me excitada o suficiente para colar ainda mais as minhas costas ao seu peito e quando a sua mão livre caminha como uma serpente pela minha barriga em direção a um dos meus seios, eu fecho os olhos. Isso é um ponto positivo sobre os hormônios da gravidez, eles te deixam muito mais receptiva ao sexo, qualquer fagulha pode causar um incêndio e é exatamente assim que me sinto agora, totalmente em chamas.

Eu mal percebi que Evan me girou em seus braços, e agora está beijando a minha boca com a mesma lentidão e luxúria que o meu pescoço recebeu antes. Abro os olhos e encontro os seus e existe uma certeza tão grande dentro deles, certeza de que meu corpo e coração pertencem a ele. Será que ele consegue ler a mesma coisa refletida nos meus?

A sua língua serpenteia pela minha e isso é tão bom. Um gemido de apreciação escapa dos meus lábios; transparecendo sem permissão os meus pensamentos. Ele pode apenas me beijar a noite inteira, e isso seria o suficiente para me levar aos céus. Mas o olhar de determinação em seu rosto e seus toques concisos, deixam claro que ele irá me enlouquecer de diversas

maneiras e sem nenhuma culpa. Sinto-me como manteiga derretida em seus braços, sem controle algum sobre o meu próprio corpo, emoções ou até mesmo a direção que as minhas mãos tomam sobre a sua pele.

Vagamente percebo que chegamos ao quarto, provavelmente por sentir a maciez do colchão sob as minhas costas. Imersa em uma nuvem de desejo e paixão, não ofereço resistência alguma quando Evan tira a minha camiseta e logo depois a minha calcinha. Sua mão prende os meus pulsos acima da minha cabeça e ele cobre o meu corpo com o seu. Usando o seu joelho para afastar as pernas, ele não desvia o olhar do meu rosto enquanto me penetra em um impulso rápido. Todo o ar foge dos meus pulmões e é quase doloroso respirar agora, enquanto espero que ele se mexa.

Evan não parece ter pressa, no entanto, mas eu estou quase desesperada e impulsiono instintivamente os meus quadris de encontro aos seus. Ele me prende ao colchão com a mão espalmada em minha barriga, antes de encostar a boca na minha e me morder. Tento soltar os meus pulsos, porque quero loucamente tocar o seu rosto.

— Eu te amo — ele sussurra, entre estocadas lentas e angustiantes, mas tão imensamente prazerosas.

— Eu também te amo — replico sem fôlego, levantando a cabeça para beijá-lo.

— Quer casar comigo, Lizz? — ele me pergunta com suavidade, apertando o meu quadril e mordendo o meu pescoço. — Se você me ama, não tem porque dizer não.

— Isso não é justo — lamento, fechando os olhos e os abrindo logo em seguida. — Eu te daria até o meu rim nesse momento.

— E eu só quero o seu coração — ele completa com um sorriso torto. Ele tem que saber que, quando sorri assim, abala todo o meu mundo. — Diga sim, Lizz — ele me incita, saindo e entrando vagarosamente em mim.

Isso é errado e certo ao mesmo tempo, me sinto subjugada pelo prazer e também pelo amor imenso que sinto por ele.

Posso apostar que as pessoas não deveriam tomar decisões tão importantes em momentos tão lascivos como este, mas me vejo dizendo sim, sem nenhum esforço.

— Sim — eu repito, já que a primeira vez soou quase inaudível.

Ele me beija com força e os meus pulsos já não estão mais cativos, posso tocar o seu cabelo e arranhar as suas costas, quando o ritmo de suas penetrações se intensificam. Sinto-me no limite do prazer, algo quase

inimaginável e impossível de se descrever. Mas o mais próximo da verdade é que eu me sinto um fogo de artifício, subindo com velocidade em direção ao céu, onde o meu destino é explodir em milhões de pequenas faíscas coloridas. E é o que acontece minutos depois quando chego ao orgasmo, o nome de Evan ecoando pelas paredes do quarto quando escapa da minha boca. Evan replica o meu nome com a mesma intensidade, mordendo o meu ombro antes de cair sobre mim... eu terei muitas marcas amanhã, as melhores delas.

— Você está me sufocando — digo rindo, o empurrando para o lado em busca de ar.

Seu corpo aquece o meu, emanando tanto calor que sou capaz de sentir mesmo com ele ao meu lado. Sua mão se entrelaça a minha e esse simples toque diz tanto. Em momentos assim eu me sinto tão amada, o máximo que qualquer mulher no mundo poderia ser.

Ficamos em silêncio, até que eu me sente, olhe para ele e pergunte:

— Você acabou de usar sexo para conseguir o que queria?

Claro que foi o que ele fez, só quero a sua confirmação verbal.

— É o que parece — ele admite sem nenhum arrependimento.

Pego o travesseiro atrás de mim e o atiro com força em seu rosto, ele apenas ri enquanto eu tento sufocá-lo, mas a minha risada boba me deixa completamente sem forças. Logo estou sob ele novamente.

— Você não quer se casar comigo? — ele pergunta com muita seriedade agora. Uma grande expectativa brilha em seus olhos castanhos amorosos.

— Eu quero — afirmo com amor. — Claro que eu quero.

Ele sorri, antes de me beijar e roubar o meu fôlego mais uma vez.



No dia seguinte, estou na varanda com uma enorme tigela de mingau de aveia sobre a almofada em meu colo. O lindo pôr do sol da Califórnia diante de mim, quando Evan chega em casa. Ele nunca está aqui tão cedo e isso me faz virar em sua direção e encontrá-lo parado em uma das nossas portas de vidro.

— Oi — o saúdo com um grande sorriso de alegria.

— Oi — Evan retribui, caminhando até mim com as mãos em seus bolsos.

Eu o observo com curiosidade, ao mesmo tempo que ele puxa uma das

cadeiras e se senta à minha frente. Ele solta gentilmente a minha mão esquerda da tigela de aveia e beija os nós dos meus dedos. Estou boquiaberta no instante em que ele desliza um anel reluzente em meu dedo anelar. É um anel clássico de noivado, mas ainda assim diferente de tudo o que eu já vi antes. Tem uma pedra maior em seu centro e outras pequenas pedras em volta dela. Talvez seis ou sete delas, espalhadas ao redor até formarem uma flor.

Levanto a minha mão diante do rosto e os diamantes brilham para nós dois. É dolorosamente lindo, nunca tive nada tão valioso; seja no sentido literal ou mais ainda no sentido emocional. Evan não diz nada, ele apenas beija a minha testa e logo depois a minha boca — como um ritual de adoração que ele tem feito ultimamente.

Quando estou sozinha novamente, olho para a minha tigela e não posso parar de sorrir. *Estou noiva!*



O pai da noiva

Evan

Lizz segura fortemente a minha mão, me arrastando freneticamente pelo aeroporto lotado. A sua animação com a chegada dos pais à Califórnia é tamanha, que eu até tenho medo que ela passe mal. Ela apenas parece uma criança que comeu mais açúcar do que seria recomendado e agora não consegue gastar toda a energia acumulada.

A verdade, um tanto incômoda, é que eu nunca a vi tão feliz. Não desde que começamos a morar juntos.

Como eu posso entender tamanha felicidade?

Só sei que se a minha mãe estivesse desembarcando do Texas para a Califórnia hoje, é provável que eu estivesse fazendo o caminho inverso no mesmo instante.

Claro, eu fui obrigado pela Lizz, a convidá-la para o nosso casamento que acontece em dois dias. A minha sorte foi que ela já tinha um compromisso pendente para essa data, uma festa qualquer com o namorado perdedor da vez. Graças a Deus, ela sequer deve ter entendido que eu irei me casar. Minha mãe nunca consegue prestar atenção a mais de dez palavras que eu diga. Eu não me importo. No entanto, o olhar triste no rosto de Lizz quando eu lhe contei que não seria dessa vez que ela conheceria a Carol, foi a única coisa que me deixou verdadeiramente chateado.

— Você consegue enxergá-los? — Lizz me pergunta, após ter tentado inutilmente ver alguma coisa na área de desembarque.

Assim como ela, existem dezenas de outras pessoas ansiosas e animadas à espera de um ente querido.

— Eu não faço ideia de como eles são — respondo, colocando as mãos nos bolsos depois de Lizz se afastar um pouco.

— Meu pai se parece comigo — conta com um sorriso, ajeitando as alças finas do seu vestido de grávida. Bom, isso foi o que ela me garantiu, porque para mim é somente um vestido como os outros.

— Então, eu apenas devo procurar uma versão masculina sua?

— Não exatamente — Lizz ri, encostando as costas em meu peito.

Circulo a sua cintura e deixo as minhas mãos descansarem em seu

estômago. Com quase quatorze semanas de gestação, já é visivelmente possível notar uma pequena barriga de grávida em Lizz. Não quando ela faz questão de usar roupas largas. Mas quando ela para de lado para me dizer alguma coisa, ou por qualquer outro motivo, as mudanças físicas causadas pela gestação ficam evidentes.

Eu gosto de acariciar o arredondado em seu estômago, que ainda chamamos de bebê, todas as noites. Cada vez que eu o faço, me dou conta de que estou um dia mais próximo de me tornar pai. E posso afirmar que sou atingido por uma avalanche de sentimentos. Todos ambíguos, é claro. Medo e coragem são os mais comuns. Lizz e eu criamos uma vida e seremos responsáveis por ela para sempre, não tecnicamente. Mas eu acho que o trabalho de um pai não termina nunca. Estamos falando de pais no sentido literal, pais que realmente se importam; como os pais de Lizz e essa é uma grande e assustadora responsabilidade.

— Minha mãe sempre usa um xale colorido — Lizz continua; virando a cabeça para me olhar. — Não importa que esteja um calor infernal, lá estará ela com um pano sobre os ombros. Tente encontrá-la.

— Não vejo nada — digo quando o fluxo de desembarque se torna menor. — Acho que eles serão os últimos a descer.

— Estou com tantas saudades, eu não os vejo há muito tempo. Mesmo quando morava em Mijas, não encontrava oportunidades para visitá-los com frequência.

— Agora você tem dois dias para matar as saudades. — Sorrio, antes de beijá-la.

— Sim, eu tenho.

A sua felicidade é contagiante e me atinge quase com a mesma proporção. Não sei realmente qual a opinião que seus pais terão a meu respeito após esse primeiro encontro. Mas me vejo quase inconscientemente desejando que seja uma opinião positiva. Isso não faz diferença para a minha vida, mas importa para a Lizz e eu não quero que ela tenha motivos para se preocupar.

— São eles! — ela grita, se soltando dos meus braços e correndo até um casal de meia-idade a alguns metros de onde estamos.

Eu espero sem me mexer, enquanto Lizz se joga nos braços dos dois como se não os visse há séculos; literalmente. Sei que ela tem apenas um irmão mais novo, de doze anos — Enrique — e sua avó paterna também mora com os seus pais em Málaga; mas nenhum dos dois pôde estar aqui.

Talvez porque Lizz conseguiu contar sobre o nosso casamento a eles há apenas uma semana, isso não deu à sua família muito tempo para planejar a viagem. Mas o nosso casamento será informal e intimista o bastante, para somente a presença dos dois fazer total sentido.

— Venha aqui, Evan — Lizz me chama com um grito animado, quando enfim se aparta do abraço de seus pais.

Caminho até eles, sustentando o olhar inquiridor de seu pai. Ele é um homem sério, mas de olhar gentil. Lizz me disse na noite anterior que ele está prestes a completar cinquenta e três anos, mas se eu não soubesse disso, diria que ele é bem mais jovem. Não enxergo nenhum fio branco entre os fios castanho-claros de seus cabelos cheios e curtos. Seus olhos são verde-claros como os de Lizz e eles dividem o mesmo tom de pele e quase a mesma altura também. O que me deixa em vantagem nesse quesito.

Lizz vem até mim e entrelaça a mão na minha, me brindando com um sorriso animador. Por algum motivo que ainda é emblemático para mim, ela acha que é necessário me encorajar agora.

É estranho, isso eu preciso dizer. E eu nunca estive em uma posição como essa; também preciso dizer. Sinto-me literalmente como um inseto em um microscópio, submetido a uma minuciosa avaliação e sei que possuo defeitos demais para ser analisado dessa forma. Ainda mais quando o meu futuro sogro e avô do bebê no ventre de Lizz parece realmente disposto a encontrar algo que o desagrade.

— Evan, esse é o meu pai, Robert — ela anuncia com expectativa, alternando o olhar entre nós e completando: — Esse é o Evan, pai.

— É um prazer, senhor — digo com calma, usando o meu tom de voz mais neutro; nem muito animado, tampouco ansioso como o tom de Lizz. Soltando gentilmente a minha mão direita da sua, eu a estendo para o seu pai e espero que ele a aperte em um cumprimento.

— Evan... — ele diz simplesmente, apertando firmemente a minha mão estendida. Se eu fosse o tipo de pessoa que se assusta com facilidade, somente a forma como ele pronunciou o meu nome me faria correr até o estacionamento. Mas, ao contrário disso, só me faz sorrir.

— Ok — Lizz balbucia, arqueando as sobrancelhas para o pai. — Meu pai é notoriamente mais simpático, mas com certeza a longa viagem aguçou o seu lendário humor inglês.

Não contendo uma risada. Talvez eu devesse dizer a Lizz, que, às vezes, o seu humor parcialmente inglês também se aguça; mas ela nunca

aceitaria essa crítica construtiva. Sua mãe também ri ao lado de seu pai e eu deposito a minha atenção toda nela por alguns instantes. A primeira coisa que posso constatar é: sim, ela realmente tem um xale, os meus parques conhecimentos sobre o vestuário feminino me diriam que é um lenço ao redor dos ombros. É de um tecido fluido, em vermelho e amarelo, muito patriota. Lizz não quis me dizer a sua idade, ela me disse que a sua mãe jamais a perdoaria se ela o fizesse. Acho que está na casa dos cinquenta, mas assim como Robert, aparenta ser bem mais jovem. Seus cabelos são bem escuros, quase negros como os meus. Lisos como os da Lizz, na altura do queixo, emoldurando o seu rosto arredondado e amável. Olhos castanhos, estatura mediana. Ela é uma mulher muito bonita e aparentemente muito simpática também, já que sorri amplamente, quando os seus olhos pousam em mim.

— Olá, Evan. Sou Olívia, mãe de Lizz — ela diz com alegria, me surpreendendo com um abraço longo e um beijo no rosto. Seu inglês tem um sotaque espanhol muito mais carregado que o de Lizz; o que me leva a crer que ela não o pratica com tanta frequência. — É uma imensa alegria finalmente conhecê-lo.

— Obrigado, senhora. Me sinto da mesma forma.

— Me chame de Olívia, eu me sinto mais confortável assim.

— Tudo bem, Olívia — reforço, abraçando Lizz, quando ela volta para o meu lado.

— Apresentações feitas, será que podemos ir? — Lizz pergunta aos pais. — Meus pés estão me matando e o carro do Evan está logo à frente.

— Claro, também estou louca por um banho — Olívia fala, empurrando o carrinho com as malas e passando por nós.

— Vamos, pai, Evan nos levará para casa.

Casa? Eu me questiono internamente, vendo o seu pai passar por nós e se juntar a sua mãe mais adiante. Poderia jurar que eles ficariam em um hotel e me sinto mal por não ter sido eu a oferecer o apartamento. Temos espaço de sobra para acomodá-los, só não temos os móveis para isso. Não posso imaginá-los dormindo em nosso sofá.

— Temos uma cama no quarto de hóspedes? — sussurro para Lizz, aproveitando o fato de que ficamos para trás e seus pais não podem me ouvir agora.

— Sim, ela chegou há três dias. Você não notou? — Ela se afasta do meu abraço por um instante e me olha surpresa.

— Não, não notei — confesso ao encolher os ombros.

— Comprei uma pequena cômoda também, mas é tudo o que temos.

— É melhor do que nada. — Encolho os ombros. — Ao menos, os seus pais não precisarão dormir no sofá.

— Meu pai se queixaria de dores na coluna por semanas, ele pode ser um pouco manhoso quando quer. — Ela ri ao contar. — Tudo bem eles ficarem conosco? Com toda essa correria, eu me esqueci de te perguntar.

— Não era necessário me perguntar — eu a censuro, apertando levemente a sua cintura quando passamos pela porta de saída. — O apartamento é tão seu quanto meu, você tem livre-arbítrio para decidir o que quiser sobre ele.

— Obrigada. — Lizz sorri e eu beijo a sua testa.

Estamos no final da tarde de um dia que foi realmente muito quente, então a brisa suave que nos atinge quando chegamos a calçada é muito bem-vinda. Os pais de Lizz nos esperam em um ponto, um pouco perdidos entre os outros passageiros que deixam o aeroporto. Eu me desvencilho de Lizz e apresso o meu passo até o meu carro a pouco metros do ponto em que estão parados. Destravo o alarme e guardo a bagagem dos dois no porta-malas rapidamente.

Passo todo o longo trajeto até em casa em silêncio, mas Lizz e seus pais conversam com animação; *em espanhol*. Eu não entendo absolutamente nada, além das poucas palavras pescadas ao esmo enquanto dirijo. No elevador os quatro estão em silêncio e quando chegamos, por fim, ao apartamento, deixo que Lizz faça as honras e lhes mostre tudo. Vou em direção à cozinha e olho a correspondência sobre a bancada, ouvindo o tempo todo a voz animada de Lizz ecoando pela casa.

— Eles foram tomar banho e descansar um pouco — ela me conta, voltando para a sala, depois de muitos minutos no andar de cima. — Podemos pedir o jantar? Estou morrendo de fome.

— Claro — afirmo, olhando para o meu celular. — Escolha algo que seus pais irão gostar.

Ela se joga ao meu lado no sofá, também com o celular em mãos. Sinto os seus olhos insistentes em mim, então fecho a tela do meu próprio celular para olhá-la.

— O quê? — indago diante do seu sorriso travesso.

— Minha mãe te amou, eu sabia que ela o faria; você é tão lindo. — Dou risada, enquanto deixo que ela acaricie o meu cabelo como se eu fosse um garoto.

— Não podemos dizer o mesmo do seu pai — replico em tom brincalhão. — O que ele tem contra mim?

— Além do fato de ter me trazido para outro país, ter me engravidado e me pedido em casamento sem o seu consentimento, nada. Ele não tem nada contra você.

— Achei que você fosse uma adulta, capaz de tomar as próprias decisões, independente da opinião dos seus pais.

— É claro que eu sou — ela se defende, revirando os olhos para a minha provocação. — Mas para o meu pai, eu ainda tenho cinco anos de idade. Agora eu estou grávida e ele sabe que nós fizemos sexo, isso é horrível para um pai, Evan.

O fato de que ela disse isso com seriedade evidente me faz gargalhar. A minha risada alta reverbera por toda a sala, antes que Lizz suba em meu colo e tape a minha boca com uma das mãos. Mordo levemente os seus dedos, a fazendo rir também.

— É verdade, Evan. Pare de rir!

— Você é tão bonitinha — brinco, a beijando em seguida.

— Tomara que esse bebê... — ela para e toca a própria barriga, antes de prosseguir. — Seja uma menina e te faça pagar todos os seus pecados.

— Que pecados?

— Eu não sei — ela se embaralha com a resposta e isso só me faz rir ainda mais. — Você teve muitas namoradas? Deixou muitos pais com os cabelos brancos por aí?

— Você não gostaria de saber — eu a provoco, mordendo a sua orelha. — E o seu pai não tem nenhum cabelo branco, pelo que pude notar.

— Isso porque eu nunca lhe dei grandes preocupações.

— E agora você vai se casar comigo, quanto desgosto.

— Não é nenhum desgosto — Lizz me repreende com carinho. — Você é maravilhoso e meu pai irá perceber isso com o tempo. Não se preocupe.

— Não estou preocupado — digo com sinceridade. — Tudo o que importa de verdade é que você goste de mim.

— E eu gosto — ela anuncia, encostando a testa na minha — Eu mais do que gosto, gosto muito, muito mesmo.

— Eu também, Lizz — reitero a fazendo rir lindamente.

Ela me beija e pula do meu colo, correndo descalça até a cozinha e me deixando sozinho novamente no sofá. Duas horas mais tarde, os seus pais

descem do quarto e nós quatro jantamos com tranquilidade.

Eles me perguntam sobre o meu trabalho, e como Lizz e eu nos conhecemos — essa parte foi contada entusiasmadamente por ela. Quando entramos no campo minado que é a minha relação com a minha mãe e o meu falecido pai, dou respostas vagas e monossilábicas. É bom que fique claro, logo no início, que esse assunto me desagrada profundamente. E que não, nós não teremos a minha mãe como uma parte ativa da vida do nosso bebê. Eventualmente a conversa segue para outro tópico e eu posso respirar aliviado.



Agora são quase duas da manhã, o mais completo silêncio reina por cada cômodo. Ao meu lado, Lizz dorme tranquilamente. Isso é tão comum ultimamente, às vezes estamos conversando e ela fecha brevemente os olhos, dorme e acorda no outro dia. Mas, diferente dela, hoje eu me sinto insone. Eu me levanto, tentando não fazer muito barulho com os lençóis ou os meus passos pelo quarto e pela escada.

O maço de cigarros pela metade e o meu isqueiro ainda estão sobre a pequena mesa da varanda. Abro uma das portas de vidro e olho para o céu estrelado e o mar calmo da madrugada, antes de acender um cigarro e tragá-lo com lentidão. Eu ainda me pergunto como algo tão nocivo pode causar uma sensação tão boa, enquanto sinto-me acalmar instantaneamente. Estou tentando parar de fumar. Pela primeira vez em muito tempo, isso é algo que definitivamente quero. Porém, não existe surpresa alguma ao descobrir que querer, não é tão fácil quanto conseguir. Embora eu precise ratificar que não fumo na presença de Lizz, eu mal tenho fumado em casa. Não consigo me recordar da última vez em que isso aconteceu. Mas, apesar de todos os esforços, sei que estou longe de largar esse vício definitivamente.

— Isso ainda irá te matar. — Uma voz soa às minhas costas, me fazendo virar bruscamente e encontrar Robert parado na porta. — Mas você já deve ter ouvido isso um milhão de vezes antes.

— Talvez mais — replico, deixando as minhas mãos sobre a grade da sacada e o cigarro aceso entre os dedos. — Estou tentando parar.

— Não é fácil, já fumei há muito tempo e sei do que estou falando.

— Não, não é fácil — concordo trazendo o cigarro à boca mais uma

vez e soltando a fumaça para o céu.

— Gostei das tatuagens — ele me diz, apontando para o meu peito. Estou apenas com o meu short de corrida favorito que uso para dormir. Ainda está quente o suficiente para que uma camiseta seja desnecessária. — A fênix em suas costas deve ter doído demais para ser feita.

— Não — Balanço a cabeça em negativa, apagando o cigarro no pequeno cinzeiro sobre a mesa. — Além do mais, teve uma época em que eu gostava da dor, de certa forma isso me trazia algum alívio.

Ele ri, fazendo as pequenas rugas ao redor dos seus olhos se acentuarem. Não sei como as minhas palavras soam aos seus ouvidos, mas é verdade. Eu gostava da dor que uma tatuagem poderia me causar. Me sentia imortal diante de um discurso sobre os males do tabagismo, isso me fazia fumar ainda mais. Ou no quanto a minha bebida favorita poderia me fazer mal. Olhando por esse lado, acho que eu me sabotava inconscientemente.

— Você é o que chamam de bad boy — ele comenta, ainda sustentando um sorriso. Eu vejo muito da Lizz nesse sorriso.

— Eu não sou — nego rindo e, apontando para mim mesmo, emendo: — Isso é apenas uma casca. Quando me conhecer melhor, verá que sou um cara chato, com convicções antigas e valores muito arraigados em mim, dos quais eu não abro mão.

— Isso é bom — ele diz, finalmente caminhando até mim. — Preciso ser sincero e dizer que você não é o homem com o qual eu achei que a Lizz se casaria um dia.

— Que bom que é a Lizz quem decide afinal — digo com voz firme, emanando um desafio escondido em meu tom contido.

— Sempre imaginei que ela se apaixonaria por alguém mais... — Ele para, olhando para o céu em busca da palavra correta. — Convencional, manso. Essa não é a palavra correta, mas se encaixa também. Você parece o tipo de homem que irá partir o seu coração.

— Engraçado, ela me disse isso em algum momento — conto cruzando os braços. — E eu irei provar que ela estava errada ao longo dos anos.

Eu não digo nada sobre provar a ele, porque eu não me importo com a sua opinião. Lizz me mataria se soubesse disso, ainda bem que os meus pensamentos pertencem só a mim.

— Lizz é especial — Robert murmura.

— Eu sei, eu soube disso desde o início.

— Ela se anula pelas pessoas, faz isso sem pensar duas vezes; sempre

foi assim — ele fala se debruçando sobre a grade e olhando para a praia. — Ela tem uma abnegação consolidada em sua alma e coração. Talvez por isso a sua escolha de profissão, por gostar de fazer as pessoas felizes.

— Essa é uma grande qualidade — pondero, me virando para o mar também. — Por que faz parecer que é algo ruim?

— Porque ela será infeliz, ela aceitará isso, se for o que te faz feliz.

— O que me faz feliz? — questiono sem entender.

— As pessoas que ela ama de uma forma geral — Robert explica me olhando fixamente. — E agora eu sei que ela o ama mais do que qualquer pessoa.

— Eu a amo também. Ela é a minha vida, tudo o que realmente importa para mim.

Ele me olha em busca da verdade, novamente me sinto um inseto sob um microscópio e isso me incomoda. Contudo, não desvio o olhar. Se for isso o que ele precisa para sossegar as suas aflições de pai, então eu posso ser examinado como um animal exótico.

— Não a magoe, por favor — ele me pede, depois de um longo tempo em silêncio. — Lizz merece ser feliz.

— Eu jamais a machucaria deliberadamente, Lizz sabe disso — afirmo. — Mas eu não sou perfeito, ela também sabe disso. Nunca vendi uma perfeição que não possuo, isso pode ter um preço muito alto.

— Só seja o melhor que pode para ela.

— Eu realmente tento todos os dias — digo, tomando a iniciativa de me afastar. — Ela está segura comigo. Não existe mais ninguém no mundo que a queira fazer feliz, não como eu quero.

Ele acena, sussurrando um fraco “boa noite”, e eu me afasto.

Será que Lizz lhe disse que não está feliz? Ele viu em seus olhos algo que eu não consigo enxergar sozinho? Eu sei que ela está triste em ficar sem trabalhar por tanto tempo, mas, além disso, eu percebi que ela tem se adaptado muito bem. Agora ela tem a amizade com Emma e as descobertas da gravidez, essas duas coisas sempre trazem um sorriso genuíno a seu rosto.

Entro em nosso quarto e fecho a porta vagarosamente. Olho para ela na cama, antes de me trancar no banheiro e olhar para mim mesmo no espelho. Agora existe um olhar preocupado em meu rosto e ele não estava aqui antes dessa estranha conversa. Respiro pesadamente, apertando o mármore da pia até que meus dedos estejam brancos. Escovo os dentes e volto para o quarto, depois de me convencer que o pai de Lizz está delirando ou apenas

alimentando uma preocupação que talvez algum dia eu entenda.

— Não consegue dormir? — ela indaga sonolenta, quando me deito e a puxo até mim.

— Não, estou sem sono — respondo, tocando os seus cabelos. — Você está feliz?

— Por que a pergunta? — Ela ri, ainda com os olhos fechados. — Inseguranças da madrugada?

— Talvez...

Ela balança a cabeça, abrindo os olhos e me encarando com um sorriso. O anel que eu lhe dei brilha em seu dedo quando ela afasta o cabelo do rosto.

— Estou feliz, tão feliz que não posso traduzir em palavras. E enquanto eu estiver em seus braços, em seu coração e em sua vida, não será necessário me perguntar; porque eu serei a mulher mais feliz do mundo.

Sorrio em seus lábios, beijando vagorosamente o canto da sua boca, queixo e pescoço. Suas palavras aliviam o meu coração, ela nunca saberá quanto medo eu sinto de perdê-la. Seguro o seu cabelo e a beijo, enquanto minha outra mão em sua bunda, tenta entrar em sua camisola, mas sendo parada com um tapa forte de Lizz.

— Meus pais estão em casa, Evan — ela diz em um murmúrio, como se esse fato fosse um segredo.

— Não podemos fazer sexo com eles aqui? — eu a questiono com diversão, sussurrando também.

— Não, não podemos — ela responde com seriedade.

— Você é tão bonitinha, eu já te disse isso, não disse?

— Já, já disse... agora pare de ser bobo!

Ela ri em meu peito, enquanto eu a abraço com força.



Para você, todos os sins

Lizz

Olho-me no espelho e tenho dificuldade em me reconhecer na imagem refletida nele. Quase não posso crer que sou eu ali, é estranho e não existe nada de conhecido nessa imagem. Nem mesmo a realização de um sonho. Mas isso não é algo ruim, apenas é uma situação nova. Eu nunca pensei no dia do meu casamento, por esse motivo, vivê-lo agora é como abrir um livro desconhecido... começando pela noiva diante de mim.

Eu não posso mentir, meu coração está batendo muito mais rápido que o normal e meus olhos parecem grandes e assustados; embora eu não sinta medo. Estou ansiosa e definitivamente não gosto de ser o centro das atenções, então isso me preocupa.

Dou um passo, dois, três, quatro; minhas mãos tocam o espelho do closet onde estou agora. Minhas unhas recém-pintadas contornam a imagem refletida do meu rosto.

Meus cabelos estão soltos, lisos, mas com alguns cachos nas pontas e uma pequena trança que eu mesma ajeitei como se fosse uma tiara. Eu amei o resultado, mesmo que esse penteado em especial me deixe com um ar bem meigo. Não tenho certeza sobre como uma noiva deva se parecer... *sexy ou angelical*? Diria que estou no meio-termo entre esses dois tópicos, porque, embora a minha maquiagem esteja quase imperceptível, eu escolhi um batom vermelho. É a coisa mais chamativa em toda a minha aparência.

Depois do lendário pedido de casamento, não, não estou sendo irônica ao dizer isso, Evan e eu conversamos muito sobre o próximo passo: no caso, o casamento em si. Optamos por nos casar apenas no civil e essa decisão foi embasada em duas importantes razões. Primeiro: eu não me imagino rodopiando por um salão cercado de amigos dos meus pais e amigos dos seus amigos, com um vestido pomposo e um sorriso falso no rosto, isso fugiria completamente de quem eu sou. Segundo: temos a questão tempo e um casamento simples, apenas com a presença de pessoas realmente importantes nos poupou muito dele. Meu pai me disse que iremos somente assinar um contrato, mas eu não concordo com ele. E por um momento detestei que ele ousasse me dizer isso. Foi injusto com Evan e comigo, principalmente. Eu

preciso que ele simplesmente acredite em minhas escolhas e me deixe vivê-las como a mulher adulta que sou.

E o meu casamento com Evan jamais será somente um contrato. Nós nem precisávamos nos casar na verdade, porque eu definitivamente não preciso do seu sobrenome no final do meu, para saber que somos um casal e que em breve seremos uma família. E já que nunca tive grandes planos para o dia de hoje, posso esperar que ele supere as minhas expectativas.

Afasto-me do espelho, voltando para o quarto, quando minha mãe bate à porta e entra em seguida. Ela para e me olha boquiaberta e eu sei exatamente o que ela vê agora: o seu vestido de casamento em sua filha. Deve ser emocionante, e graças a Deus o vestido é simples o bastante e lindo o suficiente para se enquadrar ao meu gosto. E graças a Deus também, as minhas medidas não aumentaram tanto para conseguir usá-lo. Estou feliz por poder dar essa alegria à minha mãe. Eu recorro brevemente dos meus dez anos, quando ela me mostrou esse vestido, guardado em uma caixa e papel de seda, e ela me disse que eu o usaria no meu casamento. Acho que ao longo dos anos ela perdeu a esperança de que eu me casasse, porque nunca mais tocou nesse assunto. Mas fui surpreendida ao descobrir que ele estava em sua mala, pronto para ser usado por mim.

— Lizz! — ela exclama em espanhol, uma emoção latente em sua voz gentil. — Você está mais linda do que eu sonhei.

Eu rio, segurando as laterais do vestido e me virando. Ele é quase dourado, champanhe, segundo minha mãe, e desliza pelas minhas pernas em um tecido realmente macio, cobrindo os meus sapatos. Minha mãe fez a bondade de retirar o seu forro pesado antes de trazê-lo, o que o deixou mais leve e fluído. O seu corpo é de organza, com um fino tule sobre ele. Existem pequenas pedrarias por alguns pontos de sua longa saia e outras maiores e brilhantes, espalhadas a partir do quadril e por todo o meu peito. Por fim, as suas mangas transparentes até os meus punhos, também com pequenos brilhantes. Parece chamativo e quente para o calor da Califórnia, mas nunca um vestido foi tão perfeito aos meus olhos. É *vintage* e tem uma linda e feliz história de amor em suas memórias.

— Gostou? — pergunto, quando termino a minha volta e reencontro os seus olhos amorosos.

— Perfeita, a noiva mais linda de todas — é óbvio que ela diria isso, ainda assim me mantém sorrindo. — Espere até o seu pai te ver.

— Acho que ele não me achará tão linda assim — replico, enquanto ela

caminha até mim. — Ele tem agido como se eu estivesse condenada ao exílio. Não conversou com ele?

— É claro que eu conversei, mas você sempre será a sua filhinha. Nenhum homem será bom o suficiente para você, nunca.

— Ele preferiria que eu ficasse sozinha, com muitos gatos e fumando um cachimbo ao final do dia?

— Tirando a parte do cachimbo, ele provavelmente escolheria, sim. — Reviro os olhos, enquanto ela ri. — É apenas amor de pai, Lizz.

— Tudo bem — digo, notando enfim a pequena caixa em sua mão e um envelope branco. — O que é isso?

— Chegou para você, deve ser do Evan.

Mordo a bochecha, contendo um sorriso gigante.

Posso manter a aparência calma, no entanto, as borboletas se agitam em meu estômago sem que eu as possa controlar. Não vejo Evan desde essa manhã, quando ele me acordou com um beijo rápido antes de sair. Disse a ele que não havia a menor necessidade que ele saísse de casa, não vejo problema algum em ser vista por ele antes do casamento. Mas, aparentemente, as pessoas, meu pai, esperam que ele faça isso.

Minha mãe me entrega a caixa e o envelope, compartilhando um sorriso cúmplice comigo. Sento-me na beirada da cama e deixo o envelope ao meu lado, antes de puxar a fita de cetim da caixa e desfazer o seu lindo laço dourado. Tiro a tampa com expectativa e olho brevemente para a minha mãe, voltando toda a minha atenção para o lindo par de brincos à minha frente. É tão perfeito quanto o meu anel de noivado e como absolutamente tudo o que tem ligação com o Evan, se torna imediatamente a minha segunda joia favorita.

Retiro um dos brincos da caixa e o levanto no ar para que minha mãe também possa admirá-lo. Seus olhos brilham tanto quanto os diamantes, que eu presumo que adornem o brinco. Tem quatro pequenos diamantes caindo um abaixo do outro, a partir de sua base e uma pedra maior no final, em formato de gota. Eu deduzo que algo assim deva custar muito e censuro mentalmente o Evan por tê-lo comprado, quando qualquer outra coisa teria o mesmo valor para mim. Mas não posso mentir, eu amo esses brincos.

Rapidamente retiro o pequeno diamante rosa que está na minha orelha, presente dos meus pais quando completei dezesseis anos e o substituo pelo presente de Evan. Repito o processo com a outra orelha, deixando os pequenos brincos na caixa sobre a cama, então me levanto e caminho ansiosa

até o espelho. A mulher que me sorri, ainda parece diferente de mim mesma, mas a sua felicidade é tão evidente e eu amo tudo o que vejo. Afasto o cabelo do meu rosto, apreciando os brincos. Em um segundo estou de volta ao ontem, relembrando a minha última conversa com o Evan antes do casamento.

— *Essa é a nossa última noite como solteiros — ele me lembrou, enquanto eu terminava de escovar os dentes. As suas palavras me levaram até a porta para olhá-lo em nossa cama.*

— *Sim, é verdade — concordei com um sorriso, antes de colocar a escova na boca e retornar para o banheiro.*

— *Você já escreveu seus votos? — A sua pergunta me fez levantar o rosto abruptamente e olhar para mim mesma no espelho. Com os olhos assustados e o queixo molhado, eu estendi minha mão para a toalha ao lado, antes de enxugá-lo e questioná-lo.*

— *Votos? — Existe surpresa em minha voz, mais do que isso, existe medo; eu não sei nada sobre votos.*

— *Seus votos de casamento — ele explicou com paciência, enquanto voltava para o quarto com passos lentos.*

— *Eu não escrevi, porque não sabia nada sobre esses votos — eu me defendi, parando à porta novamente.*

— *Não?*

— *Não. Me desculpe — lamentei, aceitando a sua mão estendida, um convite para que eu me juntasse a ele na cama.*

— *Sem problemas, ainda temos tempo para isso.*

— *E se nós simplesmente não trocássemos votos? — Levantei a possibilidade, enquanto seus olhos se tornaram curiosos. A verdade era que me imaginar fazendo promessas ao Evan na frente das pessoas, trazia um nó desconfortável ao meu estômago. — Você se importaria se pulássemos essa parte?*

— *Você não quer recitar os seus votos para mim? — ele questionou, em tom brincalhão.*

— *Para você sim, só não quero que seja algo que eu tenha que fazer para os outros também.*

— *Serão tão poucas pessoas. Seus pais, o Damian e a Emma, Guy e Levy, o Ben; talvez ele leve a mãe dele. — Isso o fez rir, mas só me deixou mais nervosa. Algumas pessoas poderiam achar lindo, mas eu não conseguia me ver fazendo isso. Era algo tão pessoal.*

— Vamos fazer isso agora, recitar os nossos votos apenas um para o outro — sugeri com certo alívio. — Então amanhã pularemos essa parte e partiremos logo para as alianças e o bolo.

Ele riu, certamente achando que fosse uma brincadeira. Porque a verdade é que não sou tímida, de jeito algum. Posso facilmente falar o que penso ou sinto com extrema facilidade. Mas, então, é suposto que eu seja o centro das atenções em meu casamento e isso me assustava. Julguei que Evan e eu apenas repetiríamos o clássico... na saúde e na doença, na alegria e na tristeza; até que a morte nos separe... eu realmente me iludi a esse ponto.

—Você está mesmo falando sério? — ele me perguntou, um pouco mais sério dessa vez.

— Sim, totalmente — afirmei. — Se eu disser algo, quero que seja só para você, mais ninguém.

— Então comece — ele pediu depois de ponderar por alguns minutos.

A essa altura eu já estava em seu colo, as minhas pernas em ambos os lados do seu quadril, minhas mãos em seu peito, enquanto os seus braços descansavam atrás da nuca.

— Evan, eu prometo... — comecei tendo um ataque de risos segundos depois.

— O quê? — ele me incentivou apertando a minha cintura.

— Que irei te amar... — Ri mais. — Para sempre?

— Foi uma pergunta?

— Não, foi uma afirmação.

— Soou como uma pergunta.

— O que eu devo dizer? — me defendi, cobrindo brevemente o meu rosto com as mãos, antes de continuar: — Eu irei te amar, te respeitar, até que a morte nos separe.

— Isso é o que todo mundo diz — ele me censurou, rindo também. Coloquei a mão em sua boca, temendo que o nosso riso acordasse os meus pais.

— Eu não sei o que dizer, me perdoe, mas eu te amo e te amarei para sempre.

— Me diga algo diferente — ele pediu.

— Eu não sei... — Eu me senti em pânico e só me restou rir. Como foi que eu não pensei em escrever uma declaração de amor para ele?

— Está tudo bem — falou, me consolando com um beijo. — Eu não

preciso de promessas ou declarações, tê-la aqui comigo é tudo o que basta.

— *Você não vai prometer me amar? — perguntei, sorrindo em seus lábios.*

— *Não, sem promessas, você não se lembra?*

— *Sim, como esquecer?*

— *Mas eu irei... — ele afirmou com convicção. — Eu irei te amar enquanto eu viver. Eu tenho tanta certeza disso, quanto de que eu preciso de oxigênio para viver.*

Encostei a minha testa à sua e o beijei, sem deixar de sorrir... porque eu tinha a mesma certeza.

— *Você voou para longe agora — minha mãe me desperta, tocando os meus ombros com gentileza e me trazendo de volta ao agora.*

— *Estava pensando no Evan, em nossa conversa ontem à noite — confesso, me virando para ela.*

Ela toca o meu rosto com carinho, afastando uma mecha de cabelo da minha testa, como fazia quando eu era pequena. Então as suas mãos descansam na lateral do meu rosto, enquanto um milhão de lembranças passam pelos seus olhos e se refletem nos meus.

— *Desça quando terminar de ler a carta do Evan, seu pai está ansioso te esperando.*

Eu aceno, devolvendo o seu beijo e esperando ficar sozinha outra vez para caminhar até a cama. A carta antes esquecida por mim, ainda está sobre a cama, ao lado da caixinha de brincos. Sento-me, passando as mãos sobre o meu vestido para não amassá-lo. Abro o envelope branco, tirando de dentro dele um papel cartão fino dobrado em três partes. A letra de Evan salta aos meus olhos, assim que desdobro o papel, e vejo diante de mim uma longa carta escrita à mão. Eu respiro, tocando a minha barriga arredondada, antes de começar a lê-la.

Meu amor, minha Lizz.

Foi assim que tudo começou, não foi? Uma carta.

Um envelope, uma folha de papel com suas palavras impressas nela, que atravessou um oceano e chegou até mim. Eu não sabia na época... como poderia? Mas aquela carta mudaria a minha vida para sempre.

Agora, quando penso nela, me recordo de ter sentido algo realmente forte ao segurá-la pela primeira vez. Era porque o meu destino havia enfim me encontrado. Eu pensei que fosse o Victor, agora sei que era você. Em

algum lugar das páginas de nossa história, aquele encontro estava marcado há muito tempo e quando eu te encontrei tudo enfim fez sentido.

Eu tive medo, confesso, porque você é a antítese da minha vida. É o que me faz forte e me enfraquece na mesma proporção. A minha Kryptonita e minha fórmula mágica de superpoder, concentradas na mesma pessoa. É onde o meu mundo começa e termina, onde a minha vida gravita. Você iluminou partes de mim que eu julguei que seriam escuras para sempre. Me mostrou, da melhor forma possível, que as promessas podem ser cumpridas e que existem pessoas que as merecem de nós.

Você me amou quando eu não merecia e acreditou em mim quando eu mesmo duvidei. Você tornou esse dia possível, me fez sonhar e querer coisas que eu nem sabia que existiam. Você mudou tudo e o fez apenas com o seu amor, essa força tão avassaladora.

Continuo repetindo a mim mesmo, e o mundo todo reforça, que eu nunca irei te merecer, que eu nunca serei bom o bastante. Talvez seja verdade, pois ainda me pego duvidando que alguém tão perfeito quanto você possa realmente me amar. Mas quando estamos juntos, sozinhos, os seus olhos me dizem tudo o que eu preciso saber. Você faz tudo parecer certo, como se as peças que sempre faltaram em mim, estivessem guardadas em seu coração e agora eu seguirei completo. Todos os meus pedaços preenchidos pelo seu amor. E eu te amarei para sempre e sempre. A você e a pequena vida que cresce dentro de você... nosso amado bebê!

Não demore, Sra. Carter, o futuro nos espera.

Eternamente seu, Evan.

Termino de ler, sem notar as lágrimas que deslizam pelo meu rosto e somente quando uma delas toca o papel em minhas mãos, me dou conta de que estou chorando. Porém, é o choro mais feliz da minha vida. Uma mistura tão completa de gratidão e amor, me preenchendo também, me fazendo inteira. É quando me dou conta de que não preciso de mais nada, Evan me deu o mundo.

Aperto a carta em meu peito, a amassando levemente antes de beijar o seu nome no final das linhas preenchidas em preto. A marca da minha boca fica sobre as letras, em um perfeito beijo em vermelho. Então eu a dobro novamente e a guardo no envelope, deixando a sobre a cama. Corro para o banheiro e tento conter os estragos que as lágrimas causaram a minha maquiagem. Isso leva algum tempo, já que a cada segundo me recordo da

carta e choro mais um pouco. Lágrimas e risos. Eventualmente eu consigo parar de chorar, mas não de rir, e conserto a minha maquiagem. Saio do quarto segurando a lateral do meu vestido ao descer as escadas em direção a sala. Meus pais me esperam no sofá.

Minha mãe me acena com um sorriso, ao mesmo tempo que meu pai vem até mim. Ele está muito bonito com um terno azul-marinho, quase o mesmo tom do vestido de seda da minha mãe. Eles ficam lindos juntos e eu desejo ardentemente que Evan e eu sejamos assim também com o passar dos anos.

— Lizz — ele sussurra o meu nome com amor, usando o mesmo tom da minha infância. — Você está linda, filha!

— Obrigada.

Ele beija a minha testa, então saímos os três do apartamento. Evan enviou um motorista para nos buscar e eu me sinto muito grata por esse gesto, seria terrível que nos perdêssemos no dia do nosso casamento. Embora, talvez meu pai apreciasse esse acontecimento.

Sento-me no banco de trás do sedan, com minha mãe ao meu lado e meu pai ao lado do motorista e não posso parar de sorrir. Meu maxilar até dói, mas é simplesmente impossível relaxar durante o trajeto. São vinte e cinco minutos até o fórum e quando o motorista finalmente estaciona em frente à grande escadaria, quero saltar e correr por todos os degraus ao encontro de Evan. Ainda assim eu espero que meu pai abra a porta e me ajude a sair. Minha mãe me entrega uma única grande rosa vermelha e o terço de minha avó enroscado em sua haste. Eu me esqueci completamente do buquê e, claro, não seria uma noiva perfeita sem ele.

Subimos em silêncio, o meu pai de um lado e minha mãe do outro; como se fossem pilares. Encontramos outros noivos felizes, antes de enfim passarmos pelas sólidas portas de madeira, a caminho da sala onde Evan me espera. Assim que encontramos o lugar certo, paramos em frente à porta por um momento.

— Você tem certeza disso? — meu pai me pergunta, me surpreendendo por completo. A princípio acho que ele está brincando e isso me faz rir, até perceber a seriedade em seu olhar.

— Nunca estive tão certa de algo — respondo sucinta. — Sei que sou a sua única filha e talvez você tenha sonhado em me levar até o altar de uma igreja linda e decorada com flores, onde eu pudesse arrastar a grande cauda de um vestido suntuoso. Mas isso, hoje, foi o que eu escolhi para mim, pai.

Sei que você consegue ver a felicidade em meus olhos.

— Eu consigo — ele confirma com um pequeno sorriso.

Minha mãe abre a porta e uma pequena sala se desnuda aos nossos olhos. Tem duas grandes janelas de vidro à esquerda. Algumas cadeiras de madeira escura, espalhadas em cada lado, formando o pequeno corredor que nos leva até uma mesa grande ao fundo. A mesa onde o oficial de justiça e o escrivão nos espera... A mesa onde Evan me espera. No instante em que eu o vejo, as outras pessoas deixam de existir. Em minha mente, estamos sozinhos no mundo, em uma ilha deserta talvez. Percebo vagamente que minha mãe se senta ao lado de Emma e eu até gostaria de virar o meu rosto em sua direção e sorrir, mas não posso.

Se eu estou sorrindo para alguém; essa pessoa é o Evan. Ele está tão lindo, com um terno preto, gravata cinza e camisa branca. Não é tão diferente do que ele costuma usar, no entanto, é como se eu o visse pela primeira vez. Meu pai me leva até ele e ambos se cumprimentam rapidamente. Então meus olhos estão em Evan e os seus olhos em mim. Ele sorri e eu retribuo. Ele segura a minha mão, encostando a testa na minha, antes de sussurrar:

— Linda, você está linda, Lizz!

Quero dizer que ele também está lindo e que... Deus, eu estou tão feliz em estar me casando com ele, mas a minha voz sumiu completamente. O celebrante começa a falar, sua voz é baixa e macia, de certa forma me acalma por um instante. Ele começa dizendo o óbvio: que estamos aqui para celebrar a união matrimonial de Evan Carter e Elizabeth Mercedes Stuart. Tanto sacrifício para esconder o meu nome do meio de Evan e bastava que ele apenas se casasse comigo para descobrir. Olho para ele e o vejo sorrindo, aperto a sua mão e ele me olha, piscando em seguida. Mais algumas palavras são ditas — quem já assistiu a qualquer comédia romântica que acabasse em casamento, sabe do que estou falando. Então o momento do sim chega. Talvez as minhas pernas estejam um pouco bambas, mas Evan não me deixaria cair, eu sei disso.

— Elizabeth, é de sua livre e espontânea vontade, se unir a Evan em matrimônio? — o celebrante pergunta, dirigindo o seu olhar calmo a mim.

— Sim — murmuro brevemente para ele e, olhando para Evan, repito com mais força. — Sim, é a minha vontade. Minha única vontade.

Ouçó risadinhas às minhas costas e sei que eu deveria ter dito apenas sim, mas seria tão pouco.

— Evan, é de sua livre e espontânea vontade, se unir a Elizabeth em

matrimônio? — o celebrante repete a pergunta a Evan e eu me viro para olhar o seu rosto, esperando a sua vontade.

— Sim — ele afirma com os olhos fixos aos meus, fazendo o meu coração saltar no peito. — É tudo o que eu mais quero nessa vida.

Damian entrega as alianças ao Evan e ele abre com pressa a caixinha, retirando uma das alianças de ouro de dentro dela e a deslizando pelo meu dedo anelar, de encontro ao meu anel de diamantes. Feito isso, traz a minha mão até a boca e deposita um beijo suave sobre a joia. Faço o mesmo com a outra aliança que ficou na caixa, a deslizo pelo seu dedo, enquanto seguro a sua mão entre a minha. Termina com um beijo também, todo o meu amor depositado em um único gesto.

O celebrante nos convida a assinar os documentos necessários. Evan vai primeiro, eu em seguida. Meu nome abaixo do seu, já como — Elizabeth Mercedes Stuart Carter. É estranho e eu já me vejo treinando essa assinatura, como uma adolescente em seu caderno de escola. Emma e Damian assinam como testemunhas e assim que a caneta volta a tocar o grande livro sobre a mesa, o celebrante anuncia:

— Pelo poder investido a mim pelo Estado da Califórnia... — Já estou nos braços de Evan antes que ele complete. — Eu vos declaro marido e mulher.

Evan me segura e me beija. O mundo está girando e estou presa em seus braços. Tanta emoção circula dentro de mim, que eu poderia facilmente explodir como uma estrela.

— Eu te amo, Sr. Carter. — Suspiro em seus lábios.

— Eu te amo, Sra. Carter — replica, tirando meus pés do chão.

Nunca sonhei com o meu casamento, porque eu jamais sonharia com tanta felicidade ou se ousasse sonhar, jamais imaginaria que um dia poderia senti-la realmente... Evan tornou tudo real.



Tormentas e dias de sol

Evan

Meu celular toca freneticamente no banco do passageiro enquanto dirijo. Mesmo sem poder atendê-lo ou sequer desviar o meu olhar do trânsito por míseros cinco segundos para olhá-lo, eu sei que é a Lizz quem me liga. Não preciso de muita perspicácia para chegar a essa conclusão. Hoje, mais especificamente daqui a dez minutos, ela terá uma de suas consultas com o obstetra, seguida de uma ultrassonografia; essa parte é estritamente importante. E eu, bem, eu estou muito atrasado para esse acontecimento.

Não preciso de muito esforço também, para saber que se eu pudesse atender a essa ligação, seria apenas para ouvir os seus insultos em espanhol. No entanto, não tiro a sua razão. Ela tem me falado sobre essa consulta em especial há dias e eu sequer fui capaz de passar em casa para levá-la até a clínica. Lizz tem motivos palpáveis para se sentir chateada.

Agora tudo o que me resta é chegar a tempo de acompanhar a sua consulta, ouvir o coração do nosso bebê, com muita sorte conseguir saber se teremos um menino ou uma menina e conter os danos causados ao temperamento da minha esposa. Essa última parte é a mais difícil de todas.

Três semanas após o nosso casamento, tenho a sensação de que já fiz Lizz se aborrecer mais vezes do que deveria. Óbvio que os hormônios da gravidez contribuem muito para deixar as suas emoções à flor da pele. Cada pequeno deslize é o bastante para uma tormenta com muitos trovões. E eu não quero provocar uma tempestade de verão com o meu atraso. Não, Deus sabe que é a última coisa que eu quero para hoje.

Isso me faz violar várias leis de trânsito, mas eu enfim consigo chegar. Preciso correr, porém, já que eu ainda preciso encontrar a Lizz e eu sequer consigo me lembrar do nome do seu médico. Desço do carro com o celular em uma das mãos, batendo a porta com mais força que o necessário e acionando o alarme sobre o ombro. Talvez eu pareça um pouco mais desesperado que o necessário, mas não quero arriscar. Subo os degraus que me levam à recepção, com o máximo de agilidade que posso. A porta automática quase não consegue ser mais rápida que eu, quando passo por ela. Coloco as mãos sobre o balcão, usando os poucos segundos em que a recepcionista digita em seu computador para respirar antes que ela me olhe.

— Posso ajudá-lo? — ela pergunta com um sorriso amistoso.

— Estou procurando a minha esposa — digo ainda um pouco sem fôlego. — Lizz... Elizabeth Carter.

— Sra. Carter... — ela recita ao mesmo tempo que digita, olhando rapidamente para a tela do computador antes de completar: — Segundo andar, sala de ultrassom. É a terceira porta à esquerda do corredor, ela deve estar sendo examinada nesse instante.

— Obrigado... — murmuro, já em direção à escada. Meus olhos vagueiam velozmente para as grávidas na sala de espera. São muitas e em vários estágios de gestação.

Esse é um ambiente absurdamente novo para mim e confesso que não me imaginei aqui tão cedo. Mas as coisas entre mim e Lizz não aconteceram de forma vagarosa, por assim dizer. E embora eu deteste sentir receio sobre alguma coisa, ser pai ainda me assusta um pouco. Eu me pergunto como Lizz se sente realmente, além do fato importante de não ser dona de suas próprias emoções a maior parte do tempo.

Chego ao segundo andar, encontrando com facilidade a sala indicada pela recepcionista. Bato e espero, ouço vozes baixas vindas de dentro da sala, mas ninguém me atende. Bato mais uma vez e a porta é aberta, em seguida. Uma enfermeira ou médica, eu não posso afirmar, me olha com curiosidade, antes que eu note Lizz deitada em uma maca logo à frente. Eu sorrio para ela, ela também sorri de forma fraca; melhor do que nada, eu penso.

— Olha, o papai conseguiu chegar! — A enfermeira/médica exclama, alternado o olhar entre mim e Lizz.

— Sim, eu consegui — digo, não esperando permissão para entrar e já indo em direção a Lizz.

Ela está deitada com um avental hospitalar azul-claro, aberto sobre a sua barriga de dezessete semanas. Algumas folhas de papel toalha estão presas no elástico de sua calça, um gel transparente espalhado por todo o final do seu ventre. Esse é a sua segunda ultrassonografia e preciso dizer, parece mil vezes menos assustadora que a primeira.

— Desculpe — sussurro enquanto a beijo. — Me atrasei um pouco.

— Tudo bem, ao menos você chegou — ela balbucia, entrelaçando os dedos aos meus, quando eu me sento ao seu lado.

— Chegou no momento perfeito — a enfermeira/médica diz, voltando a ocupar o seu lugar em frente ao monitor do lado oposto onde estou. — Vamos ouvir o coração do bebê.

Os batimentos rápidos do coração do nosso bebê preenchem todo o

ambiente. Esse já é um som familiar para mim. Lizz encontrou um aparelho que permite ouvir o coração do bebê sempre que quiser. Parece um daqueles aparelhos portáteis e antigos que as pessoas usavam para ouvir CDs há alguns anos, oval e com fones de ouvido conectados. Porém, não é tão fácil encontrar os batimentos, Lizz demora entre vinte e trinta minutos para ouvi-lo todas as noites. E quando finalmente encontra o coração do bebê, ela grita por mim, não importa aonde eu esteja. Isso sempre me faz sorrir.

— Você consegue ver o sexo? — Lizz pergunta à médica com ansiedade. Eu finalmente consegui ler o seu nome preso no bolso do seu jaleco: Dra. Taylor.

— Hummm... — ela balbucia pensativa, sem desviar os olhos do monitor e deslizando o transdutor por todo o estômago de Lizz. — Eu não consigo ver, desculpe, o bebê não quer que vocês saibam ainda. Talvez possamos descobrir na próxima consulta.

— Eu não acredito — Lizz se queixa, inclinado a cabeça e olhando para o teto branco por longos segundos. — Estava realmente aaminada para descobrir.

— São apenas mais algumas semanas de espera — a médica a consola, enquanto usa as toalhas de papel para limpar o gel da sua barriga.

— Sim, mas eu morrerei de ansiedade até lá.

A médica ri e eu também. Estou ansioso, é claro que eu adoraria descobrir o sexo do bebê, talvez escolher o seu nome e torná-lo mais real que o pequeno feto no ventre de Lizz. Mas a minha ansiedade não se compara a um décimo da sua, esperar mais algumas semanas irá enlouquecê-la um pouco mais.

— Adorarei revê-la, Lizz. Te espero no próximo mês.

— Obrigada, Dra. Taylor — Lizz se despede, segurando as fotografias do ultrassom que a médica lhe estende. — Até a próxima.

Ficamos sozinhos e Lizz analisa as duas pequenas fotos em preto e branco com atenção. Aparentemente, ela pensa que pode descobrir o sexo do bebê somente com essa longa análise. Eu mal consigo enxergar o bebê claramente. Com exceção da cabeça e da coluna que são muito visíveis, o resto é apenas um borrão sem cor para mim.

— Eu estou muito decepcionada — ela sussurra para as fotos, sem olhar para mim.

— Também estou curioso, mas algumas semanas de espera não irão nos matar, Lizz.

— Estou falando sobre você, Evan — ela diz, finalmente se virando para mim com parte do cabelo caindo sobre o rosto. — Você perdeu a consulta, isso depois de me prometer que estaria aqui de todas as formas.

— Tive alguns contratempos — eu me defendo, tocando o seu rosto quando ela se senta. — Mas eu cheguei.

— Chegou sim — ela concorda com um pequeno sorriso. — Mas eu definitivamente queria que estivesse aqui desde o início.

— Sinto muito, muito mesmo. Isso não irá acontecer novamente.

— Preciso que você esteja tão comprometido com essa gravidez quanto eu.

— E você acha que eu ainda não estou?

— Você está? — ela me sonda, com um arqueio de sobrancelhas.

— Óbvio que estou — afirmo quase ofendido e depois de uma respiração breve, acrescento: — O que o médico te disse? Como o bebê está agora?

— Perfeito, saudável e com um ótimo peso. Ele tem o tamanho de um gengibre agora.

— Isso é bom — digo, rindo. — E sobre você? Está tudo certo?

— Estou bem também, saudável, mas não com um ótimo peso assim.

— Você está perfeita para mim — sussurro, enquanto a beijo.

— Algumas coisas são inevitáveis... engordar na gravidez é uma delas.

— Uma taça de sorvete todas as noites também é uma delas?

— Não fale nada sobre o meu sorvete — ela me censura com um grande sorriso... finalmente.

— Me desculpe — lamento mais uma vez, me sentindo mesmo muito mal por não ter estado aqui com ela.

— Está tudo bem, não foi tão importante assim. — Os seus olhos me dizem outra coisa e me causam um mal maior.

— Podemos ir? — pergunto, me afastando sutilmente para que ela saia da maca.

— Vou me trocar, não irei demorar.

Eu aceno quando ela passa por mim e se fecha no pequeno banheiro no canto da sala. Passo as mãos pelo cabelo no instante em que me vejo sozinho e me sinto frustrado. Se ela está assim por um simples atraso, imagina como irá reagir quando eu lhe contar sobre a minha futura viagem a San Francisco? A possibilidade de magoá-la causa um nó muito ruim ao meu estômago, e um gosto realmente amargo em minha boca. Eu me culpo simplesmente o tempo

todo, por não ser exatamente o príncipe encantado que ela deseja. E o fato de que Lizz abriu mão de tanta coisa para estar comigo, começa enfim a pesar sobre os meus ombros, mesmo que eu não queira esse peso.

— Pronto — ela diz em minhas costas e eu me viro em sua direção, percebendo que os meus pensamentos não me deixaram ouvir o barulho da porta sendo aberta.

— Vamos então. — Estendo a minha mão para que ela segure, então saímos da sala.

Eu espero pacientemente na recepção, até que ela agende a próxima consulta, recolha folhetos e a sua nova receita de vitaminas, para que enfim possamos sair da clínica. Estou feliz com essa pequena autonomia que Lizz conquistou aqui. Ela pesquisou várias clínicas obstétricas, até que optasse por essa em específico para realizar as consultas pré-natais. Eu não dei nenhuma opinião ou sequer fui consultado a respeito, óbvio que é porque eu não saberia o que dizer exatamente.

— Quer passar em algum lugar antes de voltar para a casa? — indago quando já estamos no carro. — Ainda está cedo e eu não vou voltar para o restaurante hoje.

— Verdade? — A animação em sua voz me faz acenar sorrindo. — Bem, eu tinha planos de sair daqui direto para uma loja de bebês e comprar a primeira roupinha para essa criança.

A sua voz é divertida. Um pequeno tom acusatório, fingido, enquanto fala com a própria barriga e a acaricia com amor. Eu só posso observá-la com o mesmo amor em meus olhos, um amor que sempre está lá para qualquer um enxergar.

— O que me lembra... — Estico um dos braços sobre o ombro e pego a pequena caixa no banco traseiro. — Comprei para você no caminho até aqui, eu até diria que esse foi o motivo do meu atraso.

Ela ri quando coloco a caixa em seu colo, não desviando o olhar dela nem por um segundo. É um presente singelo e eu realmente espero que ela goste. Já ouvi em algum momento em minha vida que os pequenos gestos são o que sustentam um casamento e eu espero que seja verdade; porque, às vezes, eles são tudo o que tenho a oferecer a Lizz. Ela destampa a caixa retangular vagarosamente. Seu rosto ganhando uma luminosa expressão de alegria, que voa em linha reta até o meu coração, quando ela vê o seu conteúdo. É um pequeno body branco, de algodão macio e sem mangas. E em sua parte frontal está bordado em vermelho a frase — Eu amo a mamãe

— com um grande coração simbolizando o verbo amar. É fofo, adorável. Exatamente como eu imagino que o nosso bebê será.

— Eu amo a mamãe! — Lizz recita, se virando para mim com olhos brilhantes. — É lindo!

— A primeira roupa dessa criança — brinco, espalmando a mão sobre a sua barriga.

— E eu amei, obrigada. — Ela se inclina para me beijar, ainda com um sorriso em seus lábios. — E eu te perdoo pelo atraso, embora ache que está apelando para o meu coração materno de manteiga.

— Você tem um coração de manteiga? — debocho, enquanto ligo o carro.

— Eu tenho, é claro.

— Você parece bem durona para mim.

— O quê? Não, eu sou uma bobona chorona — ela argumenta. — Sempre fui e veja só, você conseguiu me comprar com uma roupinha de bebê.

— Não estou te comprando — eu a censuro, sem olhá-la. — Apenas afirmando que amo a mamãe, nós amamos... o bebê e eu.

— Bem apelativo. — Ela ri, tocando a minha perna. — Mas eu adorei.

Balanço a cabeça, concentrando toda a minha atenção em dirigir, mas ainda assim sorrindo e apertando brevemente a mão sobre a minha perna. Chegamos em casa quinze minutos depois, dez a menos do que eu levei para fazer o trajeto do meu restaurante até clínica. Abro a porta e Lizz passa por mim com a caixa de encontro ao peito e a bolsa pendente em seus ombros. Deixando ambos sobre o sofá, caminha até a cozinha em direção à geladeira.

Eu não tenho pressa em fechar a porta e a faço vagarosamente, antes de caminhar até a metade da sala.

— O quê? — ela pergunta se virando para mim com um vidro de pickles em mão. O que me deixa um tanto intrigado, achei que ela quisesse apenas água.

— Nada — respondo vagarosamente, dobrando as mangas da minha camisa.

— Porque eu tenho a sensação de que você quer me contar algo desde o momento em que entrou na sala de ultrassom, estou errada?

Instinto feminino, o dela está aguçado. Que droga!

— Você se lembra de que eu te disse que gostaria muito de abrir uma filial do meu restaurante? — pergunto, ainda sem me mexer.

— Acho que você chegou a comentar vagamente, por quê?

— Porque eu consegui reunir o capital e encontrei o lugar perfeito para isso, estou muito perto de concretizar esse sonho.

— Verdade? — ela me questiona com entusiasmo, desistindo por um instante de sua briga com o pote de picles.

— Sim, é verdade.

— Que maravilha! Onde será?

— Em San Francisco.

— É longe? — Ela volta a duelar com a tampa do pote, desviando o olhar do meu. — Desculpe, eu não faço ideia de onde seja exatamente.

— Um pouco — digo vagamente.

— Você terá que viajar para lá, não é? — Ainda luta com o pote de picles, sem me olhar. — É isso o que está com medo de me dizer?

— Não estou com medo de te dizer — reclamo elevando um pouco a voz.

— Você terá que viajar? — Lizz pergunta novamente, agora olhando para mim. Há faíscas de desagrado na forma como ela me encara. — Você vai, Evan?

— Sim, na próxima semana, por cinco ou sete dias, não tenho certeza — explico, apontando todos os tópicos, já que essas com certeza seriam as suas próximas perguntas. — Quero que você venha comigo.

— Não — ela nega simplesmente, sem hesitar.

— Não?

— Eu odeio aviões, Evan — ela resmunga o óbvio. — E agora estou grávida, não posso tomar calmantes para dormir.

— É apenas uma hora de viagem até lá, Lizz — argumento, caminhando até ela, com a bancada entre nós. — Não tivemos lua de mel, seria divertido.

Ela ri. Não tão lindamente e cheia de encanto, mas sarcasticamente. Não combina com ela.

— Você me deixaria presa no hotel enquanto trabalha, disso eu tenho certeza. Obrigada pela oferta, mas eu prefiro ficar aqui, no meu habitat natural.

— Eu não quero viajar e te deixar sozinha, mesmo que seja um curto período de tempo — replico. — Você está grávida.

— Estou perfeitamente bem, não se preocupe...

— Talvez eu possa pedir ao Damian para que você fique em sua casa

— prossigo, sem dar atenção aos seus protestos.

— Eu não sou um cão, Evan — ela eleva a voz, batendo o pote com força na bancada. Me surpreende muitíssimo que ele não tenha se partido com o impacto. Mas ele permanece inteiro e totalmente fechado, mesmo após todos os esforços de Lizz para abri-lo.

— Eu não cheguei nem mesmo perto de dizer isso, Lizz — me defendo, segurando o pote e o abrindo com um clique. Ela revira os olhos para ambos: eu e o pote.

— Não disse, mas foi o que pareceu — ela continua exacerbada, fazendo gestos rápidos com as mãos. — Cuide do meu cachorro enquanto estou fora, o alimento e evite que ele faça xixi em meu tapete da sala, foi assim que soou em minha mente.

— Você está agindo como louca, não precisamos de uma tempestade sobre algo tão simples.

— Não me chame de louca, eu detesto isso.

— Essa é a primeira vez que eu o faço, como pode detestar? — Cruzo os braços em desafio. — E você está exagerando, não faça isso.

— Também não me diga o que eu devo ou não fazer — ela fala com calma e tenho que conter uma risada.

Mesmo brava, ela não deixa de ser linda e a única vontade que tenho agora é de segurar o seu rosto e morder a sua boca. Porém, eu não me mexo. Apenas olho para o teto até sentir que a frustração está sob controle.

— Isso é importante para mim, então deveria ser importante para nós — digo de forma indulgente. — Não passou a ser assim quando nos casamos? Os nossos sonhos, não mais os meus, ou os seus.

— Sim, é verdade. E estou muito feliz pela sua conquista.

— Nossa — eu a corrijo. — Nossa conquista.

— Nossa conquista — ela repete meio a contragosto. — Eu estou feliz e orgulhosa, mas ainda prefiro ficar aqui, serão só cinco dias.

— Talvez sete.

— Ainda assim não é um grande lapso de tempo, apenas uma semana não irá nos matar.

Eu me pergunto se ela realmente acredita em suas palavras. A mim elas não passam verdade, só me fazem batalhar ainda mais internamente. Parte de mim se sente feliz por finalmente estar andando em direção a essa conquista. Parte se sente em dívida com Lizz. Não sei qual delas está mais inclinada a ganhar. Não sei se em algum momento eu me sentirei plenamente em paz,

porque só me sinto roubando algo dela.

— Você sabe que eu te amo — soa como uma pergunta insegura, mas é uma afirmação. Espero que ela perceba a diferença.

— Claro que sei — ela replica, esticando a mãos sobre a bancada para encontrar a minha. — E eu te amo também e estou feliz, não precisa me perguntar mais uma vez.

Dou risada, porque é provável que fosse exatamente essa a minha próxima fala. Talvez um psicólogo me diga que eu tenha essa necessidade de lhe perguntar sobre a sua felicidade constantemente porque não acredito que possa fazê-la completamente feliz.

— Se eu não te amo da forma que você gostaria de ser amada, não quer dizer que não te ame com tudo o que posso, porque eu te amo.

— Isso foi Shakespeare — ela anuncia com um sorriso. — Não as mesmas palavras, mas bem próximo.

— Não gosto de Shakespeare, as obras dele nunca têm um final feliz.

— Achei que fossem as do *Nicholas Sparks*. — Dou de ombros, não fazendo ideia de como chegamos a esse tópico. — Eu sei que você me ama, nunca disse o contrário e seria totalmente injusto se eu o fizesse. Me sinto amada por você, mesmo quando brigamos. Nunca, em nenhum momento, eu me senti de outra forma.

Meu polegar brinca com o seu, enquanto meus olhos vagueiam por nossas mãos unidas. Minha cabeça se ergue lentamente depois de um tempo e encontro o sorriso de Lizz. Então, como mágica, já não existe a mesma nuvem tensa sobre nós. Nós brigamos e fazemos as pazes com a mesma velocidade, e embora deva confessar que prefira viver sem a parte das brigas, percebo que evoluímos após isso. É provável que seja assim que deva ser. Levanto as nossas mãos e a faço contornar a bancada até que esteja diante de mim. Então, enfim, coloco as mãos em seu rosto, mordo a sua boca e a beijo em seguida.

— Nós ficaremos bem — ela murmura de encontro à minha boca.

E eu acredito.



Ele é o único

Lizz

As mãos de Evan deslizam pelas minhas costas, até se fecharem em meu cabelo suado. Enquanto isso, a sua boca desliza pela minha de forma descuidada e apaixonada. Estou sem fôlego e totalmente entregue, e é tão bom. Ele me penetra sem pressa, tão diferente de seus toques e beijos, mas não reclamo; não há tempo enquanto estou gemendo em seus lábios. Minhas mãos se instalam em seus ombros e impulsiono o meu corpo de encontro ao seu.

Quero mais, mais, mais... ele me dá o que preciso, sem que minha boca precise abandonar a sua, sem que uma palavra seja dita entre nós. As suas estocadas se tornam mais rudes, uma mão abandona o meu cabelo e aperta o seu quadril. Fecho os olhos, ah, eu não posso mantê-los aberto agora... não agora. Seu aperto em meu cabelo se torna mais forte, a sua boca abandona a minha e lamento em um gemido de prazer e dor. O meu orgasmo se aproxima, crescente e contínuo, até explodir em mim com intensidade. Evan me penetra mais algumas vezes e se junta a mim, em um êxtase do seu próprio orgasmo. Minha cabeça descansa na curva de seu pescoço, ao mesmo tempo que ele beija carinhosa e repetidamente o meu ombro nu. Eu não quero que esse momento acabe, porque são sempre os melhores. Incrível como o pós-sexo com o Evan, é tão bom quanto o sexo em si. Acredito que seja o amor tão avassalador que nos consome, que cause esse efeito.

— Eu sentirei falta disso — sussurro, ainda em seu pescoço.

— Do sexo? — ele brinca, mordendo levemente o meu ombro e fazendo com que eu me contorça em seus braços.

— Do sexo também. — Sorrio, finalmente olhando em seus olhos e tocando o seu rosto. — Mas de te ter aqui todas as noites e dormir em seus braços.

— Serão apenas alguns dias, Lizz — replica, me apertando em seus braços. — E você ainda pode vir comigo e dormir em meus braços no quarto de hotel.

Suspiro, encostando o seu nariz ao meu e beijando o canto da sua boca. Estou tão emocional sobre essa separação, são os meus hormônios em

ebulição e a lembrança ainda recente da nossa separação em Mijas. Contudo, quero ser compreensiva e apoiar Evan condicionalmente, apesar das minhas reservas.

— Irei esperá-lo aqui — recito, acariciando os seus cabelos. — Então, quando voltar, nós faremos sexo selvagem e suado por dias.

Ele ri, jogando a cabeça para trás. O seu riso me envolve como um cobertor e me faz sorrir.

— É a melhor ideia de todas — ele me beija, quando o seu riso morre. — Estarei esperando ansiosamente.



Evan não está mais ao meu lado na manhã seguinte. Isso acontece com frequência, mas tem um gosto amargo por eu saber que ele não estará aqui também à noite. Me encolho em minha cama e mesmo contra a minha vontade, não sou capaz de conter o choro que chega sem aviso.

Convenhamos que essa não é nenhuma novidade para mim, chorar é uma constância em minha vida e muitas vezes eu nem sei qual o motivo certo para isso. Mas agora eu sei, é porque já me sinto terrivelmente sozinha e esses dias aqui sem o Evan serão a mais terrível tortura para mim. Eu queria ter sido egoísta uma única vez nessa relação e colocado a minha vontade acima da sua, mas o meu amor não me permite; o meu amor é muito altruísta para um ato tão egoísta. Quem disse que o final feliz estava garantido após o sim, mentiu. Não há nenhuma felicidade garantida, você terá que batalhar por ela todos os dias e ainda assim não poderá dissipar a nuvem de insegurança que vez ou outra insistirá em pairar sobre a sua cabeça.

Choro por algum tempo e, mesmo quando as lágrimas cessam e consigo me comportar de forma mais racional, ainda permaneço na cama abraçada ao travesseiro perfumado de Evan. O seu cheiro tão impregnado me traz conforto e tristeza ao mesmo tempo, eu vejo a manhã passar lentamente. Eventualmente jogo os meus lençóis para o lado e me forço a levantar. Geralmente amo tomar o café da manhã na varanda, mas hoje ironicamente está um dia nublado e feio. Então me encolho no sofá da sala, com meu suco de laranja e minhas vitaminas pré-natais. Com o computador ao meu lado, verifico os meus e-mails. Sei que as chances de existirem alguma proposta de emprego ou respostas de entrevistas são praticamente nulas, mas eu repito esse mesmo ritual todos os dias. Checar e-mails, enviar novos currículos,

sonhar, torcer e implorar aos céus que eu encontre, por fim, uma nova ocupação. Alguns diriam que sou otimista, eu me classificaria como desesperada.

Fecho o computador, frustrada. Não há nada, absolutamente nada, diferente dos outros dias. Eu me permito esse instante de frustração, somente um pequeno momento de desespero, antes de deixá-lo voar para longe. Toco a minha barriga, porque é disso que eu preciso para sorrir. Não importa que eu seja uma enfermeira desempregada, com eventuais problemas em seu recém-casamento e um marido com dificuldade em estar presente. Nada, definitivamente, importa quando eu me lembro do bebê. Eu posso estar realmente triste, então irei procurar os seus batimentos cardíacos durante longos minutos, Evan me disse que estou viciada nisso, apenas para morrer de amores quando enfim conseguir ouvi-los. E agora ele se mexe, o bebê tem se mexido, eu tenho absoluta certeza disso. Embora seja um movimento fraco, como se um beija-flor batesse levemente as asas em meu útero, eu posso senti-lo perfeitamente. Evan não sentiu nada, porém. Isso o chateou de certa forma, mas se tornou algo especial entre o bebê e eu. E eu me senti uma mãe.

Não sei quanto tempo demora para uma mulher se sentir uma mãe enquanto gesta. A gravidez pode ser um momento de constantes turbulências, eu que o diga, cheio de desafios e medos. Mas eu sinto que faria qualquer coisa pelo meu filho e ele ainda é tão pequeno. Eu imagino como me sentirei quando segurá-lo em meus braços. São onze e meia da manhã e já chorei, me senti frustrada e agora estou sorrindo feito boba ao caminhar até a cozinha. Isso ainda irá se repetir por mais vinte vezes até o final do dia. Essa é a minha vida.

Meu celular vibra sobre o sofá, me fazendo desistir de chegar até a cozinha. É uma mensagem de Evan e eu preferiria mil vezes que fosse uma ligação, mas opto por não dar relevância a esse detalhe enquanto a leio.

Oi, meu amor. ♥ Já cheguei a San Francisco, o voo foi tranquilo, você teria sobrevivido a ele sem trauma algum. Desculpe por não ligar, tenho uma reunião em cinco minutos e ficarei ocupado o resto do dia. Mas conversaremos à noite, eu prometo. Sinto sua falta, te amo!

Leio a sua mensagem sem perder o sorriso. Odeio a distância física que novamente existe entre nós. Contudo, amo saber que ela é temporária e que

agora as suas mensagens para mim terminarão com um “eu te amo”, que ele não hesitará em me dizer o quanto sente a minha falta.

Olá, meu amor. ♥ Você deveria ter me ligado, realmente é imperdoável. Fico feliz pelo voo, mas ainda prefiro ter sido poupada dessa experiência. E eu sinto a sua falta também, muita. Te amo.

Termino de digitar, jogo o celular sobre o sofá, retomando em seguida o meu caminho até a cozinha novamente. Eu não consigo completá-lo, porém, quando o telefone toca, me fazendo voltar para a sala cheia de ansiedade, penso por um segundo que Evan possa ter mudado de ideia sobre a ligação, mas um toque na tela me deixa surpresa quando vejo o nome de Emma piscar nela.

— Oi, Emma — eu a saúdo com alegria, embora o nosso relacionamento se baseie basicamente em ligações telefônicas ou mensagens, posso dizer que encontrei nela uma amiga gentil e fiel.

— Oi, Lizz — ela diz com a mesma alegria, parando por um segundo enquanto posso ouvir a risada de Max ao fundo. — *Como vai? Pode conversar agora, ou está ocupada?*

— Dificilmente eu estarei ocupada em algum momento — digo rindo. — E estou ótima e você?

— *Max acabou de molhar a ração de Zeus em sua tigela de água e tentou comê-la em seguida* — ela conta com seriedade e morde os lábios para não rir. — *A minha barriga está grande o bastante e eu estou cansada o suficiente para quase deixá-lo provar comida de cachorro, mas ainda tive forças para evitar esse trauma. De resto estou perfeita também.*

— Sinto muito, quase me sinto culpada por não ter nada para fazer enquanto você está passando por esses momentos tão conturbados.

— *Estou brincando.* — Ela ri. — *E tenho quase certeza de que Max já comeu ração quando eu não estava por perto.*

— Jesus...

— *Sim, eles são incontrolláveis. É bom se preparar.*

— Eu não tenho um cachorro. E ainda tenho a vantagem de ter apenas um bebê.

— *O primeiro bebê é o mais assustador, desculpe estourar a sua bolha, amiga.*

— Foi para isso que ligou? — pergunto, em tom divertido. — Porque

ainda restam cinco meses para me assustar.

— *Eu não quero te assustar.* — Ela nega sem convicção, antes de corrigir a si mesma. — *Ok, talvez um pouquinho. Layla faz isso o tempo todo comigo, molda o caráter e você será uma mãe muito mais forte.*

— Eu duvido. — Balanço a cabeça enquanto me sento.

— *Mas eu te liguei para fazer um convite.*

— Verdade? — Minha voz se eleva um pouco com a minha animação e Emma ri. Sim, estou claramente carente por contato com outros humanos. — Faz muito tempo que alguém, além do Evan, me faz um convite, estou curiosa.

— *Isso soou muito triste* — ela diz rindo.

— E você é uma amiga má por rir.

— *Desculpe* — ela não parece arrependida, eu tampouco estou falando sério. — *Mas eu te liguei porque preciso de companhia para as compras.*

— Compras? — repito, intrigada.

— *Compras para o Matt, e o Max também perdeu algumas roupas ultimamente e eu preciso repô-las.*

— Hummm.... Parece muito divertido.

— *Eu sei que não é* — Emma replica, com um sorriso na voz. — *Mas você também está grávida e precisa de coisas para o bebê. Já descobriu o sexo?*

— Não, infelizmente não conseguimos ver ainda. O bebê está se escondendo agora.

— *De quantas semanas você está?*

— Faço dezoito, amanhã.

— *Matt fez exatamente a mesma coisa, mas eventualmente conseguimos descobrir. É muito bom dar um nome ao bebê, torna tudo mais real.*

— Estou ansiosa por esse momento — conto com carinho.

— *Então, posso passar para pegá-la em duas horas?*

— O Evan te pediu para fazer isso, não é? — Eu a questiono.

— *Na verdade, ele pediu ao Damian para cuidar de você* — a sua confissão me faz revirar os olhos. — *Não fique chateada, ele está realmente preocupado em te deixar sozinha.*

— Ele deveria se preocupar mesmo — murmuro, sem conseguir ocultar a minha amargura. Sabendo que Emma ou mesmo Damian, não precisam conhecer as minhas lamúrias, eu me apresso em completar: — Mas

eu estou bem, não precisa se preocupar comigo.

— *Não estou preocupada e antes que pense o contrário, eu liguei porque quero passar um tempo com você e não porque Evan ou Damian possam ter pedido. Eu jamais o faria se não gostasse de conversar contigo ou simplesmente de tê-la por perto.*

— Obrigada — digo simplesmente, mas me sentindo extremamente grata por suas palavras. — Sendo assim, estarei te esperando para uma tarde entre fraldas e chupetas.

— *Será muito mais divertido do que parece.*

— Mal posso esperar.

Ela ri, um som rico e verdadeiro. Com certeza preciso agradecer a Deus e ao meu anjo da guarda, por Emma ser tão amável desde do início. Seria terrível que ela fosse uma pessoa ruim e eu precisasse fingir que gosto dela por causa da irmandade entre nossos maridos. Nós conversamos por mais alguns minutos, até que Max faça alguma travessura com Zeus e exija a total atenção da mãe. Estou genuinamente feliz quando desligo e corro para a cozinha. Depois de um almoço rápido e um banho um pouco mais demorado, estou pronta para esperar Emma. Uma passada rápida pela varanda me mostra que o dia está um pouco mais bonito, a maioria das nuvens já se dissiparam e deram lugar a um sol tímido. Engraçado como o tempo tem refletido o meu próprio estado de espírito.

Exatamente como prometido, Emma está na portaria do prédio me esperando duas horas depois. Desço ansiosa para encontrá-la, animada com a promessa de diversão que ela me fez. Ela está me esperando com um sorriso do lado de fora do seu carro — um modelo popular, vermelho, quatro portas — é tudo o que posso dizer sobre ele, já que não entendo absolutamente nada sobre carros. Caminho apressada até ela, segurando o meu vestido longo junto ao corpo, para impedir que o vento levante o seu tecido fino. Emma ri e estou rindo também, quando estendo um dos braços e a abraço desajeitadamente. A sua barriga está tão grande, então abraçá-la realmente é uma tarefa difícil.

— Oi — a cumprimento quando me afasto, ainda segurando o meu vestido.

— Oi, você está mais morena agora — ela observa, segurando brevemente uma das mechas do meu cabelo. — Gostei.

— Não posso mais pintá-lo por causa do bebê — lamento olhando para as pontas do meu cabelo, a única parte dele que permanece loiro. — Confesso

que estou ainda estou me acostumando com a nova cor.

— Você é a linda de qualquer forma! — Emma me elogia, tomando o seu lugar no carro.

— Onde está o Max? — indago ao me sentar, olhando para a sua cadeirinha e brinquedos no banco de trás.

— Com a Layla, ele vai passar a tarde com os filhos dela. Jamais conseguiria comprar alguma coisa com ele correndo ao meu redor.

— Ele é uma fofura.

— Ele é, mas está em uma fase difícil. Já haviam me alertado para os terríveis dois anos e ele ainda nem chegou lá, mas eu diria que já estamos nessa fase.

Ela parece cansada e eu deduzo o quanto estar nesse estágio da gravidez e ainda ter que cuidar de outro bebê deva ser complicado. Mas posso jurar, sem correr o risco de estar sendo romântica ou sonhadora, que Emma não trocaria essa felicidade por nada. É visível e palpável o seu amor pela família e isso me contagia. Emma me ajuda com as roupinhas do bebê e eu me vejo surpresa com a quantidade de coisas que um ser tão pequeno possa vir a precisar. Mais do que isso, estou chocada com a minha própria ignorância sobre esse assunto.

— Então... — quebro o silêncio, quando nós duas estamos envoltas por roupas fofas. — Você conheceu o Evan através do Damian, não foi?

— Não exatamente — ela balbucia, me mostrando um pequeno pijama azul-claro de estrelas.

— É lindo! — exclamo, colocando a peça em minha cesta já cheia. — Como vocês se conheceram, então?

— Conheci o Damian primeiro e o Evan depois, em uma festa. Mas ele não foi exatamente apresentado pelo Damian, embora eles morassem juntos. Evan me deu uma carona aquela noite.

— Você e o Damian ainda não estavam juntos?

— Ainda não, mas começamos a namorar logo depois.

— Você conheceu a mãe de Evan? — questiono-a com cuidado. Na verdade, me chateia totalmente que ele fale tão pouco da mãe. Mais ainda, que se recuse terminantemente que eu a conheça.

— Eu a encontrei duas vezes na casa dos pais de Damian — Emma conta, me mostrando um macacão de girafa dessa vez. É realmente adorável e ela precisa parar agora mesmo, porque não terei onde guardar tantas coisas.

— E como ela é? — Puxo o macacão de sua mão e o coloco na cesta

também, enquanto espero sua resposta.

— Ela é uma mulher muito bonita e eu jamais diria que ela é a mãe do Evan, eles são muito diferentes, em vários sentidos. A primeira vez, ela me olhou como se eu fosse uma sujeira em seu sapato.

— Evan e ela não se relacionam bem.

— Isso é um eufemismo. — Ela ri, apontando para meias amarelas com listras pretas.

— Pare com isso — eu a censuro com um sorriso.

— Você conheceu o pai dele, não foi? — É a sua vez de fazer as perguntas.

— Eu era a sua enfermeira — me apresso em dizer. — Escrevi uma carta para o Evan, contando sobre ele.

— Foi assim que vocês se conheceram? — Pergunta surpresa, virando rapidamente o rosto em minha direção.

— Damian não te contou?

— Não. Ele me disse que vocês se conheceram na Espanha, por acaso.

— O que em parte é verdade — argumento. — Nós nos conhecemos ao acaso, literalmente, e foi na Espanha.

— É uma história incrível, gosto muito mais da sua versão que a do Damian — Emma fala, com olhos brilhantes. — Me diga como o pai dele era, Evan se parecia mesmo com ele?

— Fisicamente sim, mas a personalidade é muito difícil de dizer. Embora ele fosse um bom homem, convivi pouco com ele para afirmar esse fato.

— Mas eles se perdoaram mutuamente, isso Damian me contou — ela diz, quando paramos em frente a um lindo berço de madeira branca, decorado encantadoramente com um enxoval de *O Pequeno Príncipe* em azul, branco e amarelo. — Olha só, Evan gosta de *O Pequeno Príncipe*, se vocês tiverem um menino tenho certeza de que ele iria amar esse berço.

— Ele não gosta — nego com uma risada. Minha mão para de deslizar sobre a madeira do berço, quando a sua declaração me atinge. — Isso não combina com ele.

— *Uma Linda Mulher* ser um dos seus filmes favoritos, também não combina. — Ela sorri com naturalidade enquanto fala, e apenas sinto uma pontada estranha em meu coração. — Ele gostava de *O Pequeno Príncipe* sim, porém não sei se ainda gosta.

— Como você sabe? — eu a questiono, tentando ser o mais discreta

possível.

Emma está casada, e bem casada, com Damian. O fato de que ela sabe coisas sobre o meu marido, que até eu mesma desconheço, não deveria me incomodar.

— Ele me enviou flores uma vez, rosas, eu não tenho certeza... — Ela balança com uma risadinha. — Tinha uma citação de *O Pequeno Príncipe* no cartão.

— Rosas — reitero, um pouco alto demais. — Que cor elas eram?

— Lilás, roxa... não me recordo exatamente. Foi há muito tempo — Emma diz com relutância, quando percebe o que as suas palavras me causaram.

Inclino o meu rosto em sua direção, o berço entre nós e digo em tom de segredo, uma confissão que nem eu mesma gostaria de saber.

— Evan foi apaixonado por você? — Seu rosto perde a cor com a minha pergunta inesperada. — Seja sincera, eu não ficarei chateada.

Mentira, mentira imensa. Eu já estou chateada antes mesmo de saber. Eu não deveria, mas não posso evitar. Talvez não devesse ter perguntado.

— Não, claro que não — ela responde com horror. — Ele nunca passou de um amigo. Se você está pensando isso por causa das flores, isso é uma grande bobagem, Lizz.

— Eu não pensei — replico com um gesto de tanto faz com as mãos. — Só que vocês conviveram antes de mim e você é uma garota linda, seria totalmente natural.

— Mas não aconteceu, definitivamente não. Evan se comoveu com a minha história, tão parecida com a dele mesmo, foi apenas isso.

— Ok — murmuro, finalmente voltando a andar pela loja.

— Por favor, não fique magoada com algo tão bobo — Emma pede com gentileza, tocando o meu braço antes que eu me afaste. — Eu ficaria doente se algo que aconteceu em outra vida, afetasse a nossa amizade agora.

— E não irá — afirmo com sinceridade.

— Além do mais, Evan te ama tanto. Damian sempre enfatiza o quanto ele está feliz desde que te conheceu, e apaixonado também, você deve saber disso.

— Eu sei — eu a tranquilizo com um sorriso, porque é verdade, eu sei.

Ela sorri também, afastando o cabelo castanho de seu lindo rosto e em segundos a estranheza dessa conversa se dilui feito fumaça. Passamos quase o dia todo no shopping, entrando e saindo de lojas infantis, preciso dizer que

Emma estava certa; foi mais divertido do que imaginei. Estou feliz, até voltar para casa com cinco grandes sacolas e no elevador me lembrar que estarei sozinha essa noite. E muito menos que poderia compartilhar com Evan a felicidade que comprar coisas tão fofas para o nosso bebê. Deixo as sacolas intocadas aos pés da minha cama e tomo um banho rápido. Quando volto para o quarto momentos depois, com o meu celular e uma grande tigela de sorvete de chocolate, não posso evitar me sentir deprimida. Essa tristeza me leva direto ao Google e mal posso controlar os meus dedos, quando digito:

Rosas lilases significado

Tem coisas que nós definitivamente sabemos que não devemos fazer, mesmo assim não controlamos o impulso de buscar o sofrimento. Eu não deveria ler o resultado que a pesquisa me mostra. Eu não deveria lê-lo, principalmente por ser tão diferente do significado que as rosas brancas que eu ganhei de Evan em Mijas possuem. Mas eu estou lendo de qualquer forma, claro que estou. Porque é óbvio, eu realmente precisava saber que as rosas que o homem que eu amo, enviou para Emma, significam amor à primeira vista. Fecho a aba de pesquisa e jogo o celular o mais longe possível, como se ele fosse o único culpado pelo meu mal-estar agora. Entretanto, sabemos que sou a culpada absoluta. Eu fiz as perguntas e busquei as respostas amargas, para algo que, segundo Emma, uma mulher bem mais sensata que eu, não importa mais.

Mas eu não sou tão sensata, e tudo o que posso pensar são em jeitos diferentes e dolorosos de matar o meu marido. Ironicamente, ele decide que esse é o instante perfeito para me ligar. Não deveria atender, mas não sou sensata, *se lembra?*

— *Oi, meu amor* — ele diz com a voz alegre, embora um pouco cansada.

— Oi, Evan. — replico com voz neutra.

— *Onde você está? Como foi o seu dia?*

— Estou em casa, na cama — menciono, olhando para o quarto vazio.

— Passei a tarde com a Emma.

— *Verdade?*

— Sim.

— *Que bom, foi divertido?* — indaga com interesse genuíno.

— Sim, foi muito divertido — respondo, me lembrando do quão

divertido realmente foi. — Comprei algumas coisas para o bebê e amaria poder te mostrar.

— *Me mande umas fotos, eu quero ver.*

— Não, eu te mostrarei quando voltar.

— *Tudo bem* — ele consente.

— Também descobri que você nutre um grande amor pelo *Pequeno Príncipe*, é verdade?

— *Não sei.* — Ele ri. — *Quem te disse isso, o Damian?*

— A Emma — confesso, me inclinando sobre os travesseiros e tocando a minha barriga. — Ela me contou sobre as rosas que você lhe deu e o cartão, foi muito divertido.

— *Entendo* — ele sussurra, ainda com um riso na voz. — *Isso foi há muito, muito tempo, Lizz.*

— Eram rosas lilases.

— *Nem me lembrava mais.*

— Significam amor à primeira vista.

— *É uma bobagem* — ele se defende rindo, nem um pouco preocupado. — *Com certeza eu não sabia disso na época.*

— Você sabia — eu o contradigo com raiva. — Tenho certeza de que sabia.

— *Devo apenas ter achado essa cor bonita, não leve tudo ao pé da letra, Emma sempre foi minha amiga, Lizz.*

— Eu recebi rosas brancas — eu o recordo, afastando o telefone do ouvido para gritar. — Rosas brancas, Evan!

— *Qual o ponto, Lizz?* — replica sem se alterar. — *Eu te enviei rosas brancas, mas se não me engano é o meu anel que está em seu dedo e o meu filho em sua barriga. Então me diga por que algo tão estúpido, que eu fiz há tanto tempo, importa para nós dois hoje?*

— Fiquei chateada — admito, em um sussurro envergonhado. — Foi ruim saber disso, de alguma forma me magoou.

— *Desculpe, se eu soubesse que um dia iria te conhecer, que iria te amar tão avassaladoramente, teria guardado o meu primeiro beijo para você. E todas as outras primeiras vezes também* — Evan recita, repleto de amor, fazendo-me sorrir, mesmo que involuntariamente. — *Mas eu tive uma vida sem você, me perdoe por isso.*

Tudo o que ele disse faz tanto sentido, que me deixa envergonhada. Mesmo assim ainda estou com raiva, isso tudo é uma loucura.

— *Eu te amo* — ele continua, após o meu silêncio. — *Esqueça essas bobagens das rosas, você é única para mim; sempre será.*

Respiro com lentidão. O bebê escolhe esse momento para se mexer, lembrando-me de que tudo o que importa é o agora. Tenho repetido a mim mesma esse mantra, tentando inutilmente não me importar com o que ficou para trás e não me inundar em preocupações futuras. No entanto, é difícil.

— Você está certo, me desculpe — sussurro, por fim. — Estou sendo totalmente irracional, mais uma vez.

— *Tudo bem, eu ficaria chateado também. Só não leve isso adiante.*

— Está esquecido — afirmo. — O bebê está se mexendo agora.

— *Queria muito estar aí agora.*

— Você não iria senti-lo, de qualquer forma.

— *Mas eu poderia te abraçar e te beijar* — ele exala, com desânimo. — *Não iria acreditar no quanto eu sinto sua falta.*

— Então volte — peço, me sentindo corajosa. — Você nem deveria ter ido, Evan.

— *Eu não posso* — ele lamenta. — *Serão apenas alguns dias, irá passar rápido.*

Não irá, mas eu não o contradigo. Sentindo que estamos pisando em um terreno perigoso para a nossa relação, direciono a conversa para tópicos mais seguros. Ficamos duas horas ao telefone e eu não me importo, porque sei que não conseguirei dormir essa noite. Parece tão dramático e clichê, mas a cama sem o Evan é grande e fria. A escuridão ao redor do quarto silencioso é assustadora e só consigo adormecer quando o meu corpo não suporta mais o cansaço.

Acordo cedo, de qualquer forma, e me forço a comer algo no café da manhã. Estou guerreando com a minha tigela de mingau, o meu favorito, quando o interfone surpreendentemente toca. O porteiro diz que há uma encomenda para mim. Autorizo que o entregador suba, enquanto corro pela casa à procura de uma roupa mais apresentável. Visto o mesmo vestido longo e florido do dia anterior, já que ele está jogado sobre o pufe em meu closet. Abro a porta com muitas expectativas, minutos depois, sem fazer ideia sobre o que realmente me espera: um grande, lindo e exuberante buquê de rosas coloridas.

Não rosas de cores variadas, mas rosas literalmente coloridas. Como se um pincel repleto de cores vivas, tivesse sido atirado sobre um buquê de rosas brancas. Estou em choque, no entanto um choque bom. Fecho a porta,

depois de ter assinado o boleto de entrega e caminho com as rosas até a varanda. Eu as deixo sobre a mesa e procuro o cartão entre elas. Eu o encontro rapidamente e começo a lê-lo com a mesma velocidade.

Você é a única...

A única para quem eu mandarei flores, a única que merece todas as cores que elas tenham, que significa tudo o que elas possam dizer. A única que eu realmente já amei, a única que amarei até o último dia da minha vida. A única de todas as formas, com quem eu sonho. Aquela que possui o meu coração por completo, que faz com que eu me sinta pela metade se não a tenho em meus braços. A única que pode me fazer feliz, a única com quem quero envelhecer. Nunca se esqueça disso um só instante. Você é a única, Lizz!

Termino de ler e me sento em uma das cadeiras ao redor da mesa. Meu tolo coração está aos pulos dentro do meu peito. Sorrio abertamente para as rosas à minha frente e sei que Evan pode não estar aqui fisicamente, mas é como se ele estivesse me abraçando com suas palavras. E se ele estivesse diante de mim agora, eu lhe diria que ele também é único... único para mim.



Inesperadamente

Lizz

Eu estava feliz, completamente feliz. Esse deveria ter sido o primeiro sinal. Como a calmaria antes da tempestade.

Evan estava fora de casa há oito dias, um a mais do que havia me prometido a princípio e eu não estava agindo feito uma doida a respeito disso. Esse deveria ter sido o segundo indicativo.

Mesmo ausente, ele se fez presente de todas as formas possíveis. Por mensagens, longos telefonemas e horas no Skype. Eu estava me esforçando para ser compreensiva. E depois de todo o episódio com as rosas de Emma, estava me sentindo em dívida com ele e tentando me redimir do meu surto, sendo a mais amorosa de todas as esposas. Acho que estava sendo bem-sucedida.

E então tínhamos a última e mais importante notícia de todas: a de que finalmente recebi uma resposta para uma das minhas entrevistas de emprego. Era em um dos hospitais estaduais da Califórnia, uma vaga para trabalhar na ala de Geriatria deles. Esse nunca foi o meu foco profissional, desde que me formei sempre soube que gostaria de exercer a profissão de uma forma mais íntima. Como cuidadora e não como enfermeira propriamente dita. Trabalhar em um local tão grande seria um desafio, mas eu estava feliz com a oportunidade. Como estava.

E sabe, a felicidade tem esse poder de nos cegar para o resto do mundo e isso nos deixa muito expostos aos perigos, muito vulneráveis. Você anda pela calçada sem se preocupar se existem buracos mais à frente, porque os seus olhos estão nas nuvens, e é esse o momento em que vem a queda.

No meu caso não foi exatamente assim que aconteceu, essa descrição foi apenas uma metáfora e me desculpe se não faço sentido algum no momento, mas estou assustada demais para ser coerente.

Estar em pânico, descreveria melhor.

Minha mente nunca trabalhou tão velozmente, enquanto tento buscar em todos os meus conhecimentos de enfermagem a resposta para a insistente pergunta que tenho me feito nos últimos segundos. O quão ruim pode ser para uma grávida cair de cinco, talvez seis degraus? Sim, essa grávida sou eu e os degraus em questão não são os da nossa escada, mas sim os da escada retrátil que usei para tão irresponsavelmente colocar uma cortina no futuro

quarto do bebê. De qualquer forma, como eu poderia prever que algo assim me aconteceria? Sequer sei como caí realmente, o mais provável é que a escada tenha deslizado pelo piso de madeira com o meu peso.

Relevante mesmo é que isso resultou no meu corpo ao chão. Caí de costas, isso é algo positivo. A parte negativa, porém, é que o meu quadril está queimando com o impacto. O meu pulso direito também está dolorido, devo tê-lo usado para absorver o peso do meu corpo. Espero que ele não esteja quebrado, definitivamente preciso dele para trabalhar.

Eu respiro, tentando dizer a mim mesma que o bebê está bem. De todas as partes do meu corpo que possam ter se machucado nessa queda, sei que a minha barriga foi a última delas. Mesmo assim não posso obrigar o meu coração a se acalmar.

— Você é tão desastrada, Lizz — censuro a mim mesma, enquanto tento me levantar.

Uma dor aguda em meu pulso me detém por mais alguns instantes, até que eu troque o meu apoio para o pulso esquerdo. Estou em pé e o meu quadril dói muito, mas o meu grande problema, sem sombra de dúvidas, é o meu pulso. Uma olhada rápida para o meu braço e eu percebo com horror que em poucos minutos ele já dobrou de tamanho.

— Deus, eu não posso tê-lo quebrado, por favor! — continuo sussurrando uma oração enquanto caminho pelo corredor que me leva até o meu quarto. Sei que terei que fazer uma visita não tão feliz a emergência médica. Se não for para ouvir de um profissional capacitado que o bebê está perfeito será para descobrir o que houve com o meu pulso. Droga, ele realmente está doendo mais a cada minuto. Preciso ligar para o Evan antes disso, ele irá retornar amanhã, mas, diante das circunstâncias, ele poderia antecipar para hoje.

Pela primeira vez em dias, definitivamente detesto estar sozinha aqui. Encontro o meu celular e o coloco sobre a cama enquanto busco a última ligação de Evan em meu histórico. Fazer tudo isso com apenas uma das mãos é ruim o bastante, mas é óbvio que eu precisava ser destra para ajudar um pouco mais.

Eu o chamo e espero com paciência até que a ligação vá para a caixa postal. Insisto mais algumas vezes, até me dar por vencida e, enfim, decidir por deixar um recado de voz. A essa altura, a dor em meu pulso está três vezes maior e já perdi um pouco da minha felicidade.

— Evan, sou eu... — suspiro, enquanto penso sobre como lhe contar a

respeito da minha queda, sem assustá-lo demais. — Houve um acidente, mas eu estou bem e o bebê também está bem, tenho quase certeza de que foi somente um susto. Mas eu machuquei o meu pulso e estou com muita dor agora, então preciso ir para o médico. Acho que ele está torcido ou na pior das hipóteses quebrado...

Paro novamente, me questionando se devo ou não pedir a ele que volte. Sinceramente, parece egoísta da minha parte, já que eu sequer sei o tamanho da gravidade disso tudo e fui capaz de esperar pacientemente até esse momento. Ele está acertando os últimos ajustes do seu restaurante, posso perfeitamente esperar mais um dia.

— Não se preocupe — digo, por fim. — Ou não se preocupe tanto, eu te ligarei quando puder... Te amo, um beijo.

Desligo, deixando o celular em um canto qualquer da cama e tudo o que eu mais adoraria seria apenas colocar um pouco de gelo em meu pulso e tomar o primeiro táxi até o hospital mais próximo. Mas eu estou com o meu pijama ainda e um pouco suada da pequena faxina que decidi fazer no quarto do bebê, isso exige um banho. No entanto, não é a tarefa mais fácil. Lavar o cabelo com apenas uma das mãos, pode ser ainda mais complicado que fazer uma ligação e isso resulta em muitos nós ao meu cabelo. Penteá-lo é tão difícil quanto. Me vestir também rouba muito do meu tempo. Antes de me trocar, me olho meticulosamente no espelho em busca de hematomas. Não há nada, além da grande e fresca mancha roxa na lateral direita do meu quadril.

O bebê já se mexeu diversas vezes, então sei que ele está bem. Isso me causa um grande alívio, um pouco de paz ao meu coração preocupado.

Quando finalmente estou dentro de um táxi, com a tão sonhada bolsa de gelos improvisada em meu pulso machucado, parece que corri uma longa maratona. O pronto socorro mais perto fica a pelo menos trinta minutos do nosso apartamento, o que para mim neste instante parece a maior jornada feita dentro de um carro.

Na recepção, eu preciso preencher duas folhas de burocracia desnecessária e esperar mais quarenta minutos até que o clínico de plantão possa me atender. Nenhum privilégio em ser grávida, eu diria. Estou enlouquecendo com a dor e quase cem por cento, convicta de que meu pulso realmente está quebrado. Nunca quebrei um único osso do meu corpo, eu definitivamente poderia ter continuado assim.

— Sra. Carter — o meu sobrenome, na boca do jovem médico de cabelos claros, soa como Mozart para mim. Ele vai enfaixar o meu pulso e

me dar algum remédio para a dor. Juro que poderia beijá-lo.

Sorrio fracamente, pegando a minha bolsa do banco da recepção e caminho até o médico. Ele mantém a porta gentilmente aberta até que eu passe por ela e me aponta um dos dois assentos em frente à sua mesa, antes de ocupar o seu lugar.

— Então... — ele balbucia, brincando com sua caneta, ao mesmo tempo que olha o prontuário preenchido previamente pela enfermeira. — Você está grávida.

— São quase dezenove semanas — eu o interrompo, para informar.

— E teve uma pequena queda de uma escada retrátil, sabe me dizer a altura?

— Não faço ideia, para ser sincera — lamento. — Mas não era alta, isso eu garanto.

— Não tem problema. Se sente bem, alguma dor em particular?

— Além do meu pulso? — ironizo, afastando o saco plástico com o gelo já completamente derretido, para lhe mostrar o estrago.

— Isso parece ruim. — Ele faz uma careta enquanto analisa minha contusão à distância. *Gênio*.

— Está doendo muito, acho que está quebrado.

— Deve ser uma luxação apenas — ele rabisca alguma coisa em uma pequena receita, antes de assiná-la e carimbar. — Vou pedir uma radiografia e o ortopedista de plantão poderá analisar melhor.

— Uma radiografia? Não tem problema para o bebê?

Assim que eu o questiono, me dou conta de que não pensei uma única vez na possibilidade desse exame, e é claro que ele seria o primeiro a ser mencionado diante de uma possível fratura.

Estou preocupada com o meu pulso, mas não quero expor o bebê a nenhum perigo.

— A radiação nesse tipo de exame é pequena, não irá afetar o bebê diretamente. Eles irão protegê-la com um colete de chumbo.

— Você tem certeza? — Me desculpe, mas ele não parece tão convicto.

— Sim, tenho — responde com um sorriso condescendente.

— Só isso? — pergunto com meu braço bom a meio caminho de aceitar o papel que ele está me oferecendo.

— Sim, você parece muito bem para mim.

— Mas estou grávida, pode ter acontecido algo que os nossos olhos

não possam ver — argumento, estremecendo com a minha própria ideia. — Peça um ultrassom, eu quero ser examinada por um obstetra também.

Ele parece meio relutante, eu não deveria ensiná-lo como trabalhar, mas tenho uma lista imensa de argumentos caso ele se negue. A começar por não sair dessa sala. O bebê é a minha prioridade, preciso vê-lo e saber com exatidão que ele realmente está bem protegido em meu útero. Posso esperar a tarde toda e a noite toda se for preciso.

— Está certo — ele concorda por fim, pegando outra folha de sua pilha sobre a mesa e rabiscando algo nela. — Tenha uma boa-tarde, Sra. Carter.

Murmuro um rápido “obrigada” a ele antes de sair. Ele não enfaixou o meu pulso, tampouco me deu algum remédio para a dor e ainda foi necessário lhe pedir o ultrassom, do meu ponto de vista ele não merece ter uma boa tarde. As próximas horas são de espera. Aguardo quase vinte minutos pela radiografia no segundo andar da emergência. Mais meia hora até que o ortopedista me dê a fatídica notícia de que o meu pulso está quebrado em dois lugares. Sem lesões de vasos sanguíneos ou ligamentos. Porém, essa informação adicional não me deixa feliz. Tudo o que definitivamente importa, é que terei que ficar com o punho imobilizado pelo menos seis semanas e não consigo acreditar em minha própria sorte. É muito evidente que terei que abrir mão do meu possível trabalho, porque tenho certeza de que eles não estarão dispostos a me esperar por um período tão longo enquanto me recupero.

Olho para o meu braço sendo imobilizado e tudo o que consigo realmente enxergar é um sonho sendo desfeito. Isso só me traz uma sensação ainda maior de solidão. Quando me sento à espera do meu exame com o obstetra, posso enfim checar o meu celular e ainda não há nenhum retorno de Evan à minha mensagem de voz.

Deveria atualizá-lo com uma nova mensagem, mas me sinto derrotada demais para falar alguma coisa. É provável que a tristeza em minha voz transparecesse facilmente, isso só iria preocupá-lo desnecessariamente. Guardo o meu celular, ao mesmo tempo que a enfermeira me chama para a sala de ultrassom. Ela é gentil e me ajuda a me preparar para o exame. O meu braço já não dói tanto, embora ainda exista um desconforto grande, principalmente porque será demorado me acostumar com ele imobilizado assim.

O obstetra entra na sala minutos depois. Ele é simpático e tão sorridente quanto a enfermeira e um pouco mais velho que o clínico que me

atendeu a princípio. Espero que, nesse caso, ser mais velho também signifique ser mais experiente. Ele me examina antes do ultrassom e me tranquiliza ao não encontrar nenhuma alteração. Então passamos para a ultrassonografia em seguida e ele é solícito e amável ao me explicar sobre o líquido amniótico, que está exatamente como o esperado. Os batimentos e movimentos do bebê também estão perfeitos.

— Tem certeza de que não há nada de errado mesmo? — eu o questiono com um sorriso tímido. Não que eu duvide do seu profissionalismo, mesmo ainda no que os meus olhos conseguem ver.

— Claro que sim! — ele exclama com um sorriso aberto. — Olhe só para isso, veja só como ela está sapeca hoje. Um bebê totalmente saudável.

— Ela? — repito, apoiando o meu peso em meu cotovelo esquerdo para olhar melhor o monitor.

— Ela — replica sem entender muito o meu espanto.

— Uma menina?

— Uma *menina*... — ele enfatiza, finalmente percebendo que ele acabou de me contar. O lamento é muito evidente em seu rosto e voz, quando ele completa: — Você não sabia? Meu Deus, me perdoe. Achei que soubesse.

— Está tudo bem — eu o consolo, enquanto eu mesma choro. *Teremos uma filha*. — Ainda não sabia, mas eu queria muito.

— Isso é bom, eu deveria ter perguntado antes de falar.

— Eu não me importo, realmente... tem certeza de que é uma menina? Não quero me iludir.

— A medicina me proíbe de afirmar que tenho certeza absoluta, então posso garantir noventa e nove por cento, e eu nunca errei em doze anos de profissão.

— Obrigada — eu o agradeço enquanto me sento e limpo o meu rosto molhado de lágrimas.

Sinto-me feliz por finalmente descobrir o sexo, o fato de que não foi nem um pouco como eu achei que seria, não tira a minha alegria sincera. Evan não está aqui para saber junto comigo, mas isso não importa, de qualquer forma. Óbvio que posso convencer a minha mente, já o meu coração é um pouco mais complicado... meu coração queria que ele estivesse aqui sim, segurando a minha mão.

— Sei que o ortopedista já receitou um remédio para a dor do seu pulso, mas irei mudá-lo, se não se importa — o médico diz, ganhando a minha atenção novamente.

— Por favor, eu agradeceria — falo, sorrindo em agradecimento.

Eu espero até que ele preencha uma nova receita e me entregue, antes de sair da sala. Sinto que já passei tempo suficiente nesse hospital, então estou desesperada para voltar para a casa. Já estamos no início da noite, quando consigo respirar um pouco de ar puro enquanto espero um novo táxi. Peço ao motorista que passe na farmácia durante o caminho, porque convenhamos que eu já tive a minha cota de dor por hoje.

Qualquer esperança de que Evan houvesse embarcado no primeiro avião para a Califórnia após ouvir a minha mensagem de voz, cai por terra quando abro o apartamento e o encontro completamente vazio. Checo o meu celular pela décima vez e não encontro sequer uma mensagem sua. Então, me sinto no direito de me comportar como se tivesse dez anos de idade e decido que não irei ligar novamente até que ele me responda. Estou exausta, física e emocionalmente. Mesmo assim, após o banho mais desajeitado da minha vida e de um jantar rápido, ainda espero uma notícia de Evan. Isso me mantém acordada no sofá, com o controle da TV em minha mão esquerda enquanto mudo insistentemente de canal.

Às dez da noite, estou no meu limite, no entanto e me vejo discando o número de Evan sem poder me impedir de fazê-lo. Preciso dormir, mas ao mesmo tempo, preciso saber que ele recebeu o meu recado e que tudo está bem. Vai para a caixa postal novamente.

— Evan, onde você está? — choramingo, sem querer. Estou tão chateada, seria choro ou xingos; optei pelas lágrimas. — Já estou em casa. Porém, fraturei o meu punho. O bebê está bem, graças a Deus. Queria muito falar com você, me liga quando puder.

Não estou no clima para beijos ou declarações de amor.

O quão sozinha uma pessoa pode se sentir na vida? A cada dia eu me pergunto se já não cheguei ao meu limite. Mas então, quando Evan está aqui, eu só me concentro no quanto o amo, no quanto somos bons juntos e me esqueço de que em algum momento houve solidão ou tristeza. Choro até dormir e isso já se tornou tão comum, que nem me lembrarei que fiz na manhã seguinte. Acordo com Evan ao meu lado da cama acariciando os meus cabelos. Eu me assusto, tentando decidir se ele é real ou apenas fruto da minha imaginação carente.

— Evan — sussurro, me sentando vagarosamente.

— Oi — ele diz, me beijando com carinho. *Não, não é um sonho.* — Você está bem?

— Sim — respondo sem muita convicção. Metade do meu corpo e cérebro ainda estão dormindo.

— Verdade? — ele insiste com preocupação evidente, abraçando-me, enquanto sem querer bato o meu gesso em seu rosto. Esqueci-me dessa coisa por um momento.

— Eu estou, está tudo bem.

— O que aconteceu? — ele pergunta sem me soltar, sua barba arranhando a minha pele do pescoço, mas eu não importo.

— Eu cáí, nem sei ao certo como, só que cáí.

Ele se afasta um pouco e me analisa com cuidado, enrugando o rosto para o meu gesso sobre o travesseiro. Eu ficaria muito preocupada se o encontrasse assim também. Mas a essa altura, já estou acordada o suficiente para me lembrar de que fui dormir muito brava com ele e, de repente, essa é a única coisa que merece a minha energia.

— Você não retornou as minhas ligações — digo com voz calma, mas sem esconder o meu desagrado. — Por quê?

— Eu fiquei o dia todo ocupado, não cheguei nem perto do meu celular depois que nos falamos pela manhã — ele se explica segurando a minha mão livre. — Quando eu finalmente o fiz, estava sem bateria e só consegui ouvir os seus recados ao chegar ao hotel, fiz as malas e estou aqui.

— São muitos argumentos para uma única desculpa.

— Estou sendo sincero, nunca me passou pela cabeça que você se machucaria assim, eu teria retornado a sua ligação no mesmo segundo, se soubesse.

— Você só saberia se estivesse com o celular. Simplesmente não faz sentido algum, desde que você me ligou todos os dias várias vezes e justamente no dia em que mais preciso você não me atende.

— Era o meu último dia em San Francisco — ele argumenta quando me afasto. — Existiam centenas de coisas a serem resolvidas em um único dia. Não tive tempo para te ligar, me perdoe, mas não se apegue a isso.

— Não me apegar a isso? — questiono-o com irônica. — Não me ater ao fato de que precisei passar por uma situação que me assustou demais, sozinha. Porque o meu marido estava muito ocupado passando mais um dia longe, quando ele já deveria ter voltado?

— Não é bem assim, Lizz — ele exaspera, se levantando e andando pelo quarto, começando a abrir os botões de sua camisa com impaciência; ao menos, ele não os arrancou dessa vez.

— Não é bem assim, claro que não.
— Você não quis viajar comigo.
— E você disse que estaria aqui em cinco dias, sete no máximo — eu o lembro, me levantando também. — Isso seria ontem, Evan.
— Foi apenas um dia a mais.
— Que me custou estar sozinha em um momento crucial.
— Não faça isso — ele adverte com seriedade. — Não me culpe por algo que não estava ao meu alcance.
— Você me deixou sozinha! — grito, perdendo, enfim, toda a paciência que me resta. — Então desculpe se isso é importante para mim.
— É importante para mim também.
— Abri mão de tudo por você, tudo. O mínimo que eu espero é que esteja aqui quando preciso — eu choro, percebendo tardiamente que talvez não devesse ter usado exatamente essas palavras.
Ele me olha com intensidade, mas não diz nada. O espaço entre nossos corpos é pequeno, mas parece infinito nesse momento. Eu choro porque sequer consegui lhe contar sobre o bebê: nossa filha. Entretanto, preciso desesperadamente que ele saiba o quanto me magoou. Se estou sendo boba, louca ou exagerada, não será ele a ter o direito de me apontar isso.
— Quatro meses — ele diz lentamente. — Quatro meses para você me culpar por tudo o que ficou na Espanha, confesso que achei que fosse acontecer antes.
— Não estou te culpando — eu lamento, sentindo o sal das minhas lágrimas tocando a minha boca. — Só quero que se coloque em meu lugar e perceba como as coisas são difíceis para mim. Eu preciso de você, preciso que esteja aqui e não a um avião de distância.
— Eu estou aqui — ele afirma, sem se mexer. — Também preciso de você e preciso que você pare de esperar tanto de mim, Lizz. Porque tentar alcançar o altar que você quer me colocar está cansando demais. Se perfeição for o que você espera de mim...
— Eu nunca te disse isso — o interrompo meio em pânico.
— Se perfeição for o que espera de mim... — ele repete com firmeza.
— Então, eu não sei o que estamos fazendo aqui.
— Evan... — balbucio com pesar, querendo me aproximar, mas sem poder.
— Quero ter direito a cometer um único erro sem ser condenado por isso.

— Não estou te condenando, mas você deveria ter estado aqui.
— Deveria, mas não estava... — ele eleva a voz, mas ainda não é um grito. — Eu te amo, porra, você sabe disso.
— Eu sei.
— Faço tudo o que posso para que você não se esqueça disso, porra, você também sabe.

Eu não consigo replicá-lo, porque já não controlo o meu choro. A forma como ele me olha e passa as mãos pelo cabelo enquanto fala me despedaça. Eu o magoei e ele a mim, talvez involuntariamente, mas nos ferimos de qualquer maneira. A Lizz de meses atrás não teria deixado as coisas chegarem a tanto, eu sempre fui tão flexível e avessa aos conflitos. Mas não me reconheço mais a metade do tempo.

— Eu teria vindo correndo por todo caminho até aqui, se fosse possível — ele continua. — Fiquei desesperado, você não pode simplesmente diminuir a importância que tem para mim, apenas porque precisei viajar por alguns dias.

— Eu nunca fiz isso — consigo dizer, por fim.

— Você fez e faz o tempo todo. Eu não sou perfeito, mas nunca fiz algo deliberadamente para machucá-la, eu nunca faria. — Balanço a cabeça em concordância. — Enquanto você não aceitar os meus defeitos também, nós teremos problemas.

Ele não espera a minha resposta, apenas sai e bate a porta em suas costas. Ficamos oito dias separados e não é certo estarmos na mesma casa e não na mesma casa. Isso só me faz chorar ainda mais.

— Eu ainda te amo, meu bebê — sussurro para a minha barriga. — Papai também nos ama, ele só está chateado.

Estou dizendo isso à nossa filha, mas a verdade é que preciso desesperadamente me convencer. Só não sei se fui boa o bastante.



Meu amor é o suficiente?

Evan

Existem momentos em nossas vidas, onde o silêncio ocupa um espaço gigantesco. É quando o ar se torna tão denso ao nosso redor, estagnado e o simples ato de respirar é doloroso. Então, você busca freneticamente em sua mente, assustadoramente vazia, assuntos aleatórios que possam quebrar esse silêncio hostil. Óbvio que essa se torna uma tarefa impossível, pois mesmo que você seja capaz de focar em um assunto, ainda assim a sua voz não encontrará o caminho por sua garganta. Há um nó doloroso nela. Voltamos ao início, a esse vazio, abismo invisível deixado pelo silêncio... isso é uma merda.

Nunca achei que fosse estar no mesmo ambiente que Lizz e não ouvir a sua voz, ela não consegue ficar mais do que dois minutos quieta. Mas, nesse momento, não sou a sua pessoa favorita, então está explicado. Ela não quer me olhar também, fingir que eu não existo é o seu plano ao que parece, mesmo que eu esteja no banco à sua frente, os seus olhos ainda não estiveram em nenhum lugar do meu rosto nos últimos dez minutos. Porém, eu quero olhá-la. E detesto tanto o gesso em seu braço, saber que ela se machucou de alguma forma me atormenta. Eu já quebrei a minha mão no colegial e sei que pode ser terrível, quando começar a coçar irá enlouquecê-la por completo. Alterno o meu olhar entre ela e o meu café da manhã, o barulho dos nossos talheres nos pratos de louça são os únicos sons que ocupam o espaço destinado às nossas vozes. Eu preciso lhe perguntar sobre o bebê, esse deveria ter sido o assunto mais importante antes de agirmos feito duas crianças brigando por algo sem o menor nexo. Ela já não sabe o quanto eu me sinto culpado sozinho, sem precisar de suas incriminações para entender que deveria ter estado aqui por ela?

— Então... — digo enfim, até meus ouvidos estranham a rouquidão em minha voz e a incerteza também.

Lizz levanta brevemente a cabeça em minha direção, antes de bater o braço engessado em seu copo de leite sobre a mesa.

— Droga! — ela pragueja com desânimo, desviando os olhos novamente dos meus.

O líquido branco se espalha com rapidez pela madeira e se torna em seguida uma poça sob os seus pés. Levanto-me com pressa, reunindo uma quantidade obscena de papel toalha para limpar a bagunça feita, jogando o papel encharcado na lixeira de metal quando termino. O copo não se quebrou com a batida, mesmo assim eu o coloco dentro da pia o substituindo por outro cheio e o deixo à frente de Lizz.

— Tudo bem? — pergunto ainda em pé ao seu lado.

— Sim, obrigada — ela responde, olhando para o copo sem se mexer.

— Como está o seu pulso?

— Bem, um pouco dolorido, mas o médico me disse que ficaria assim por alguns dias.

— Ele te receitou algo para a dor? Posso ir buscar...

— Eu já comprei ontem no meu caminho para a casa — ela me informa, usando a mão esquerda para apoiar o rosto e me olhar. — E já tomei os comprimidos assim que me levantei.

— Eles não fazem mal para o bebê, fazem? — questiono-a com preocupação, mas sem deixar de entoar uma nota de carinho em minhas palavras. — Fazem?

— Não fazem — ela afirma, voltando a sua posição anterior e, segurando o copo com a mão boa, completa: — É uma menina.

— O quê?

— O bebê, eu descobri o sexo ontem — ela diz lentamente. — Sem querer, mas descobri... é uma menina.

Eu a ouço em silêncio, absorvendo com o máximo de calma a sua informação. Uma menina. Eu não pensei no bebê desse jeito antes, se eu queria ter um filho ou uma filha, mas pensando melhor agora, acho que foi da forma que deveria. Posso ser um bom pai para ela, talvez ela me torne mais doce como Lizz consegue. Ela me fará uma pessoa melhor, um homem melhor. Quero ser melhor para elas.

— Uma menina, isso é maravilhoso — digo com um sorriso.

Quero tanto beijá-la, mas o olhar em seu rosto me diz que não devo. Ainda estamos estremecidos e embora eu deteste me afastar justo nesse momento em que ela me contou sobre a nossa filha, é exatamente o que faço. Volto para o meu lugar, a minha cadeira de frente à sua e o mesmo silêncio incômodo de antes.

— Você está feliz? — pergunto olhando para a minha xícara, antes de tomar um pouco do meu café.

O mesmo café que deixei de tomar em casa nas primeiras semanas de gravidez, porque Lizz ficava enjoada com o cheiro. E eu amo café, principalmente pela manhã. Eu cedi muito, talvez ela não perceba agora ou simplesmente ache que abrir mão de algo tão pequeno pelo bem da outra pessoa não signifique nada comparado a abandonar um emprego ou a mudar de país. Mas, multiplique por cem, mil talvez e você terá uma visão diferente. Não trabalhar mais aos finais de semana, chegar em casa antes das oito todos os dias, não fumar em casa e eu nem mesmo bebo com frequência como fazia antes. Mas as pessoas só valorizam grandes gestos, somos educados desde pequenos assim, qualquer coisa além disso sempre passará despercebido. A não ser que sejam as nossas falhas, essas saltarão aos olhos não importa o tamanho delas.

— Sobre o bebê? — ela oferece. Nem seria necessário na verdade, claramente ela não está feliz com todo o resto.

— Sim, sobre ser uma menina. Você está feliz?

— Estou — ela diz com um pequeno sorriso, o primeiro da manhã e não um direcionado a mim com toda a certeza. — Não que eu tivesse alguma preferência.

— Claro que não, eu também não tinha — replico, sorrindo para ela através da minha xícara.

— Mas agora que sei que é uma menina, não posso imaginar o contrário, como se eu sempre soubesse desde o início.

— Eu gostaria de ter estado lá com você, de ter ouvido o médico nos dizer e sentido a mesma emoção — lamento com sinceridade. — Você sabe disso, não sabe? É importante que você saiba.

— Eu sei, Evan, nunca duvidei disso.

— Então, você não tinha motivos para ficar tão chateada ou de me dizer que abandonou tudo por mim — trago o assunto à mesa, porque desde que as palavras saíram de sua boca, se tornaram um espinho em meu coração.

— Mas é a verdade, não é?

— Embora eu tenha deixado claro que estava apaixonado por você e queria que tivéssemos uma vida juntos aqui na Califórnia; eu nunca te induzi a essa escolha. Foi você quem decidiu.

— É óbvio, um de nós precisava fazê-lo se quiséssemos ficar juntos. Sempre deixou claro que não seria você — ela replica, concentrando toda a sua atenção em mim agora. — E eu nunca me questioneei sobre essa decisão, até ontem à noite.

— Então a minha viagem foi tudo o que bastou para você concluir que tomou a decisão errada? Se sente arrependida agora? — questiono-a em desagrado. Ela faz parecer que toda a nossa convivência até agora foi um total pesadelo.

— Eu não estou arrependida e faria tudo novamente, porque te amo incondicionalmente, mas esse amor também me cegou. Apesar de ser vergonhoso admitir, talvez eu tivesse ilusões sobre como seria a nossa vida aqui quando embarquei naquele avião.

— Alimentar ilusões é, na maioria das vezes, uma má escolha, Lizz. Por isso eu sempre fiz questão de garantir a você toda a minha sinceridade.

— Eu sei e você tem crédito por isso, porque, às vezes, foi dolorosamente sincero, Evan — ela diz, desviando os olhos dos meus para tocar a borda do seu copo.

Não quero me irritar, mas essa conversa está indo para uma direção que eu não queria. Vamos andar em círculo novamente e acabar em lugar algum. Isso é desgastante.

— Você preferiria uma bela mentira no lugar? Porque eu, ao contrário, queria que tivesse sido sincera o tempo todo.

— Eu nunca menti para você — ela se defende, elevando um pouco a voz.

— Eu te perguntei um milhão de vezes se estava feliz e você sempre me disse que sim, poderia ter me dito que não, então resolveríamos isso juntos.

— Eu estava, mesmo com toda a minha insegurança crescendo a cada dia, eu ainda estava feliz. — Ela respira com tristeza, passando a mão desajeitadamente pelo cabelo. — Até perceber que desde que cheguei aqui, sempre fui a sua segunda escolha e você sempre esteve em primeiro lugar para mim.

— Você não é a minha segunda escolha — eu a contradigo, rindo sem humor. — Meu trabalho é uma parte importante para mim, mas não a maior de todas. Você e o bebê vêm em primeiro lugar, é tão injusto que não perceba isso sozinha.

— Me sinto sozinha e preterida, abandonada em um lugar aonde não conheço ninguém. Me contentando com pequenos espaços em sua agenda ocupada. Me desculpe, mas não me sinto número um em nada.

— Quer que eu pare de trabalhar e fique com você o dia todo? Isso iria enlouquecê-la, eu garanto.

— Eu não quero isso.

— Ou quem sabe eu deva acorrentá-la ao meu pulso e te levar para todo lugar comigo, isso te faria feliz? — continuo, me levantando e apertando a cadeira com raiva. — Acabaria com a solidão, isso é certo.

— Não seja um idiota! — ela pede olhando para mim com impaciência. Espero que ela não jogue o copo de leite em meu peito.

— Você tem agido feito louca já faz algum tempo, por que não posso ser um idiota uma única vez?

— Então é isso? — ela pergunta, se levantando lentamente para me encarar. — Você não pode nem mesmo manter uma conversa como um adulto, isso é deprimente.

— A única pessoa se comportando como criança aqui, é você, Lizz.

— Estou cansada. — Ela suspira, olhando para o teto. — Estamos apenas correndo em direções opostas, não tenho mais fôlego para lutar.

— Não estamos lutando — eu a contradigo. — Estamos discutindo e a questão mais importante de todas é que não consigo enxergar as coisas da mesma forma que você.

— Mas elas ainda estão aqui. — Ela faz um gesto entre mim e ela antes de continuar. — Entre nós, nos machucando.

— Nós podemos resolver tudo isso — afirmo com firmeza, indo até ela e segurando o seu rosto. — Me diga o que quer de mim, eu farei qualquer coisa.

— Evan... — ela sussurra meu nome com dor, ao mesmo tempo que beijo o canto da sua boca. — As coisas não irão se ajustar dessa forma, não é tão simples.

— Então como será? — pergunto em seus lábios. — Como isso termina, Lizz?

Ela suspira, fechando os olhos e se calando brevemente. Quando volta a abri-los, tenho medo do que se reflete neles.

— Estou voltando para a Espanha! — Lizz exclama.

— O quê? — As minhas mãos se afastam do seu rosto como se estivessem me queimando. — Não, você não está.

— Sei que você não consegue entender agora, mas irá eventualmente. Nós precisamos de um tempo, Evan — ela me diz, tentando me tocar antes que eu me afaste alguns centímetros mais. — Nós precisamos de um tempo um do outro. Não é um ponto final, são só reticências... para o nosso próprio bem.

— Como pode me dizer algo tão absurdo assim, quando as suas queixas são justamente pelo tempo que passamos longe?

— Vê? — ela grita jogando as mãos para o alto com exasperação. — Você simplesmente não entende que não é por isso.

— Então me diga, seja clara, porque estou totalmente perdido aqui.

Ela espalma as mãos em meu peito e me afasta. Não coloco resistência, mesmo que pudesse prendê-la com facilidade, se quisesse. Ela passa por mim, indo em direção à sala e logo em seguida abrindo as portas da sacada e saindo para a área externa. Queria muito quebrar alguma coisa agora. Olho para as louças sobre a mesa e elas me parecem tão atrativas, um escape perfeito para a minha raiva em ebulição crescente, mas eu respiro. Isso só pioraria o que já está absurdamente ruim. Fico na cozinha por um tempo, dando a mim mesmo alguns minutos para recobrar a sensatez, e a Lizz alguns instantes de paz. Quando piso na sacada, a encontro de costas olhando para o mar.

— Já falei com os meus pais — ela conta, sentindo a minha presença mesmo sem se virar. — Vou ficar uns meses com eles em Málaga.

Definitivamente é bom que ela não possa me ver, porque tenho certeza de que a expressão em meu rosto a desagradaria totalmente.

— Essa, definitivamente, não é uma decisão apenas sua — eu a informo com o máximo de calma que consigo entoar em minha voz. — Nós estamos casados e o bebê em sua barriga é meu também. *Nossa* filha, *nossa* vida, *nossas* decisões.

— Você me ama? — ela pergunta, girando o corpo devagar até estar olhando para mim.

As mãos sobre a grade fazem o tecido de sua camiseta se esticar sobre o seu estômago. Não toco a sua barriga há muito tempo e isso realmente me entristece. Por que estamos brigando afinal? Pelo que, exatamente?

— Você sabe que sim — respondo sem hesitar. — Eu te amo mais do que qualquer coisa.

— Eu te amo também. Mas agora acho que estamos fazendo mal um para o outro.

— Eu não acho. — Balanço a cabeça, em negação. — Os casais normalmente discutem, é algo natural.

— Começamos com pequenas discussões e motivos tolos, mas se tornou algo maior... onde iremos parar?

— Aqui mesmo. — Aponto para todo o espaço ao nosso redor. —

Juntos, e mais fortalecidos.

— Talvez sim, talvez não... eu não tenho certeza.

— Eu tenho. Fugir parece o mais fácil, mas não é a atitude certa.

— Não estou fugindo — ela me contradiz, dando pequenos passos em minha direção. — Quero estar com a minha família.

— Eu sou a sua família agora, eu e a nossa filha. — Toco a sua barriga quando ela está perto o bastante.

— Eu sei — concorda tocando o meu rosto. — Mas eu preciso de paz, estar em casa...

— Essa é a sua casa, Lizz — eu a corto, encostando a testa na sua. — A nossa casa. Você nem mesmo morava com os seus pais, isso é só um pretexto para fugir de mim. Por favor, não faça isso.

— Eu preciso, Evan. — Ela chora e isso me despedaça por completo. — Serão só alguns meses. Eu preciso me encontrar e você é quem faz com que eu me perca.

— Não.

— Eu irei de qualquer forma, só queria que entendesse o quanto preciso desse tempo.

— Como posso entender? — indago com desgosto, me afastando e passando as mãos pelos cabelos com impaciência. — Não acredito em dar um tempo. Se amamos alguém, nós não nos afastamos quando algo nos machuca. Nós ficamos e resolvemos.

— Estou pensando em mim pela primeira vez desde que nos conhecemos. Estou sendo egoísta pela primeira vez em nossa relação. A decisão está tomada, não voltarei atrás.

— Não! — eu grito para as suas costas, porque ela já me deixou sozinho.

Eu a sigo pelas escadas a fazendo andar ainda mais depressa, ela chega ao quarto antes de mim e tenta fechar a porta, mas sou mais rápido e empurro a madeira em direção à parede espalmando a minha mão sobre ela e a deixando totalmente aberta.

— Me deixa em paz, Evan! — ela grita em meu rosto, não esperando uma resposta enquanto anda até o closet.

— Não, nós iremos conversar como adultos agora — afirmo com calma, seguindo-a mais uma vez.

— Eu não quero conversar mais, não agora e não hoje — Lizz replica, ficando na ponta dos pés para pegar a sua mala na última prateleira.

Deus, ela se esqueceu do seu braço quebrado? Mesmo a contragosto, vou até ela e puxo a mala com facilidade, a deixando em seus pés, em seguida.

— Comprei a passagem essa manhã — ela me conta, colocando as mãos na cintura e respirando por um momento. — Olhe em meu celular.

— Não quero olhar — recuso a sua oferta, olhando para ela com incredulidade. — Devolva a passagem, ou perca o dinheiro, não faz diferença.

— O voo sai às cinco da tarde — ela continua a falar, tirando alguns cabides com roupas do closet e os colocando sobre a cama.

— Lizz... — balbucio, me encostando à parede e fechando os olhos.

É isso, eu ainda estou dormindo e tudo isso é um sonho, um pesadelo. Quando abrir os olhos mais uma vez, nada disso terá acontecido de verdade. Escuto os seus passos apressados pelo quarto, indo e vindo, e o barulho de metal dos cabides quando tirados do closet. Mas, ainda assim, continuo me convencendo de que nada disso é real. Por que seria? A Lizz pela qual me apaixonei jamais faria algo assim. Abro os olhos e ela ainda está lá, fazendo a sua mala com o máximo de naturalidade. Talvez eu precise admitir a mim mesmo que não a conheço tão bem.

— E o bebê? — pergunto por fim, me sentindo o mais derrotado dos homens.

— Como assim? — Ela para no meio do caminho, entre o quarto e o closet, e me olha sem entender o que quis dizer. Isso a faz segurar a barriga, antes de falar: — Ela estará bem, não se preocupe.

— Não me preocupar? — A sua inocência me faz rir alto. — Você apenas está levando a minha filha embora, exatamente como a minha mãe fez comigo. Não, eu não irei me preocupar, Lizz.

Minhas palavras a chocam, porque é visível na palidez imediata de seu rosto. Eu deveria, mas não me arrependo de dizê-las, porque qualquer um pode ver que é exatamente o que ela está fazendo comigo, conosco.

— Que horror! — ela exclama tocando o rosto. — Como pode me comparar a ela?

— Me mostre a diferença — peço com ironia. — Ah, já sei... você está pedindo a minha permissão para ir, é isso? Me informando? Ao menos não chegarei em casa para encontrá-la vazia.

— Existem infinitas diferenças...

— Eu me casei com você, fiz tudo o que podia para fazê-la feliz. Te

amo tanto, tanto que dói e eu me ajoelharia e te imploraria para ficar, se soubesse que você me ouviria.

— Eu não sou como ela — Lizz recita, sem se importar com as lágrimas que caem livres pelo seu rosto.

— Não, você não é — concordo a abraçando com força, mesmo diante da sua relutância em ser abraçada. Se essa é a última vez, não quero desperdiçá-la. — Você não é como ela, mas está cometendo o mesmo erro, Lizz.

— Isso não é um final, só preciso de um tempo, Evan — ela chora em meu peito, suas palavras abafadas pela minha pele. — Por favor, me entenda... por favor!

Afasto-me um pouco, são os seus braços agora que não querem me soltar. Vê-la assim tão triste e vulnerável só me despedaça um pouco mais. Ainda assim, o meu amor é inabalável. Também não duvido do seu amor por mim, embora devesse fazê-lo, já que ela estava há cinco minutos arrumando a sua mala para me deixar. Entretanto, esse amor é inegável e esse nunca foi nem de perto o problema entre nós. Eu a beijo com todo o desespero que há dentro de mim, seus lábios sempre doces agora estão salgados por suas lágrimas desenfreadas. Tenho dúvidas se não estou chorando também.

— Se você for, será um final — sussurro a ela, me separando com hesitação. — Então, é justo que saiba que levará tudo de mim com você, tudo.

Deixo-a sozinha e Deus sabe que colocar essa distância entre nós me mata dolorosamente, porém não posso obrigá-la a ficar. Se ela quer partir, não posso prendê-la. Só espero que o meu amor seja o suficiente para que ela perceba que pertencemos um ao outro.



Encontre-me no meio do caminho

Lizz

Tento olhar para os meus pés através da minha barriga enquanto estou deitada, mas por incrível que pareça essa é uma tarefa um tanto difícil. São vinte e sete semanas de gestação agora e enxergar os meus pés ou até mesmo tocá-los com facilidade, deixou de ser uma das minhas habilidades. Porém, não estou me queixando.

Confesso que estou fascinada por cada nova mudança do meu corpo e o reflexo da vida que cresce sem parar dentro de mim. Me olhar no espelho pode ser sempre uma grande surpresa. Embora eu me sinta gorda em alguns momentos, minha mãe me disse que é inevitável não se sentir assim por vezes, na maior parte do tempo me sinto tranquila com essa explosão atômica de hormônios.

Definitivamente eu não me enxergo como a mesma Lizz de dois meses atrás, física ou emocionalmente. Por mais incrível que possa parecer, arriscaria dizer que essas oito semanas me fizeram amadurecer muito. Houve muitas lágrimas e tristeza por esse caminho, isso é óbvio. Mas o importante é o aprendizado e não o quão doloroso ele possa ter sido. E eu aprendi.

Claro que me pergunto todos os dias se esse aprendizado não poderia ter sido feito ao lado de Evan, em nossa casa na Califórnia. A saudade imensa e avassaladora que sinto dele me diz que sim. Que partir foi, sem sombra de dúvida, a maior besteira que já fiz ou farei em toda a minha existência. Talvez tenha sido.

— A mamãe disse para você descer, Lizzy! — meu irmão Enrique me diz, abrindo a porta do meu quarto vagarosamente e colocando a sua cabeça pelo vão para me espiar na cama.

— O que ela fez para o almoço hoje? — pergunto a ele, sem desviar os olhos do celular em minha mão.

São quase meio-dia aqui em Málaga e início da madrugada na Califórnia. Esse é geralmente um dos horários em que Evan me liga. Sempre me pergunto por que tão tarde, mas a verdade é que não faço a menor ideia de como a sua vida tem sido durante esse tempo. Ele me conta coisas aleatórias e a maior parte da nossa conversa gira em torno da nossa filha. Eu quero, mas

não irei lhe perguntar mais do que ele está disposto a me dizer de bom grado.

— Cozido com frango e linguiça — Enrique me conta por fim, me fazendo girar a cabeça em sua direção. O seu rosto jovem e sorridente, sempre me faz sorrir de volta.

— Ok — balbucio sem dizer nada exatamente. Detesto grão de bico e terei que deixá-lo no canto do prato como uma criança faz com seus legumes. — Diga que estou descendo.

— *Tá bom...* — ele murmura, fechando a porta com a mesma rapidez com a qual a abriu.

Voltar para cá depois de tanto tempo, depois de ter construído uma vida para mim em Mijas, longe da minha família, também não foi tão fácil quanto julguei que seria. Meus pais são incríveis e não fazem perguntas para as quais eu não tenho respostas. Enrique é um doce de garoto e finalmente podemos passar momentos alegres e divertidos juntos. Minha avó está tão alheia a tudo o que a cerca, um dos tristes sintomas de sua doença, mas quando a abraço ao final da tarde, ainda enxergo em seu olhar o mesmo brilho permanente de amor incondicional. Poder falar espanhol com alguém, além de mim mesma, deveria me deixar aliviada. Porém, me vejo falando em inglês com todos ao meu redor sem querer e só percebo quando alguém me aponta esse fato.

As ruas de Málaga possuem a familiaridade que eu esperava que trouxesse algum conforto ao meu coração, mas a verdade é que na maior parte das vezes eu caminho por elas sem nenhuma alegria. Me lembro de ter dito ao Evan que estava perdida, ainda me sinto assim e isso não necessariamente precisa ser algo ruim. Só não me sinto em casa em meu próprio país. A minha casa na Califórnia não chegou a ser um lar... talvez eu simplesmente não pertença a um lugar e sim a alguém, a um coração. Eu já sabia disso. Só não sei se esse alguém, esse coração ainda me quer. Não depois que precisei viajar para outro continente apenas para perceber que deveria ter ficado ao seu lado.

Ouçó o grito da minha mãe, vindo da cozinha. O meu nome em sua boca, soando da mesma forma de quando eu era pequena. Algumas coisas simplesmente não mudam com o tempo. Outras, eu já não tenho tanta convicção. Me levanto, ainda com o celular junto ao meu peito e caminho pelo longo corredor que me leva até a enorme cozinha da minha mãe. Sempre a encontro de costas para mim, ocupada com um dos seus maravilhosos bolos ou a comida da família. Amo absolutamente tudo o que ela faz — se não for

grão de bico. Mas, às vezes, sinto uma estranha saudade da comida que Evan me trazia de seu restaurante. Eu sequer sei quem a preparava, mas o simples fato de que compartilhamos tantas refeições juntas me traz essa doce e amarga lembrança.

— Sem celulares à mesa — minha mãe anuncia ainda de costas para mim. Ela me conhece o bastante para saber que meu celular se tornou uma extensão do meu corpo.

— Evan ainda não me ligou hoje — digo simplesmente, como se fosse toda a explicação necessária. Na realidade, não é. Porque ainda estou com o celular mesmo nas horas em que sei que dificilmente ele me ligará.

— Percebe que espera as ligações dele, como alguém que espera o anúncio de um grande prêmio?

— Gosto de falar com ele e sei que ele se preocupa com o bebê também.

— É claro. — Ela sorri, virando a cabeça brevemente para mim e piscando. — Sabemos que é apenas por isso.

— Nunca neguei o fato de amá-lo, mãe — digo, antes de decidir que me ocupar com os pratos e talheres do armário é uma ótima tarefa para me livrar dos olhos da minha mãe em mim. O celular ainda está comigo, porém, no bolso frontal do meu vestido onde posso ouvi-lo perfeitamente.

— Ele te ama também, você não duvida disso, duvida?

— Não, não duvido.

— Confesso que achei que ele viria te buscar na primeira semana — ela diz com diversão. — Posso até ter apostado algum dinheiro com o seu pai sobre isso.

— Me desculpe tê-la feito perder o seu precioso dinheiro — lamento, segurando um prato junto ao peito. Com medo de confessar a mim mesma que era exatamente o que achava ou queria que ele tivesse feito. Ele apenas abriu a porta e me deixou caminhar para fora, sem nenhum esforço.

— Ele virá eventualmente — ela diz, com certeza.

— Será? — questiono-a, diferente dela, não existe absolutamente nenhuma certeza dentro de mim. — Ele me disse mais de uma vez, que se eu sáísse seria o nosso fim e eu estou aqui agora, não estou?

— Ele estava com raiva. Agora deve estar com medo, esperando que você volte sozinha ou peça para ele buscá-la.

Eu não a contradigo, porque dia após dia, é exatamente nisso que preciso acreditar. Eu não sei se ele me pediria, porém. Evan é tão orgulhoso,

ele se moldou assim ao longo dos anos. Provavelmente para não mostrar às pessoas que elas poderiam feri-lo. Agora ele tem feito o mesmo comigo, porque se eu o feri, ele não demonstra de forma alguma.

— Vocês precisam conversar e ajustar os seus caminhos — minha mãe continua a falar diante do meu silêncio. Ela quase nunca toca nesse assunto, mas todas as vezes em que o faz, é para me dizer a mesma coisa: *Vocês precisam conversar.*

— Conversamos todos os dias, mãe. Às vezes mais de uma vez.

— Não sobre o que realmente importa.

— Nossa filha é o mais importante, e esse é o nosso assunto central — informo com paciência, enquanto me sento e a olho.

— Como construir um lar e uma família estável para a sua filha, esse deveria ser o assunto central de suas conversas.

— As coisas ainda estão estranhas entre nós, é natural que seja assim.

— Você disse a ele que voltaria, talvez já esteja na hora. Faltam apenas três meses para o bebê nascer.

— Quer se ver livre de mim? — eu a questiono com um sorriso.

Sei que se eu dissesse que quero ficar aqui e me separar definitivamente de Evan, meus pais jamais me questionariam a respeito dessa decisão. O problema é a incerteza tão clara em meu olhar ou palavras, e eles enxergam claramente através dela, que o meu lugar não é aqui.

— Só quero vê-la feliz — ela diz com ponderação. — Quer ficar aqui permanentemente? Ou até mesmo retornar a Mijas, ao seu antigo trabalho? Sei que eles te aceitariam de volta, se quisesse. Só quero que qualquer que seja a sua decisão, que ela seja plenamente consciente.

— Eu não sei o que quero mãe — afirmo, com total sinceridade... ou talvez eu saiba e apenas tenha consciência de que o que eu quero possa não ser o melhor para mim.

— Tudo bem, Lizz — ela diz por fim, suspirando ao me entregar a jarra de suco. — Vamos deixar que o tempo resolva essa confusão.

Eu sorrio, deixando a jarra sobre a mesa e me sento novamente. Espero que Enrique ocupe o seu lugar ao meu lado e minha mãe logo à nossa frente. Quando meu pai não está em casa, almoçamos na pequena bancada da cozinha. Embora ele esteja aqui com mais frequência nas últimas semanas, não é sempre que consegue. Não preciso dizer que ele é uma das poucas pessoas genuinamente felizes com a minha estadia aqui.

Volto para o meu quarto algum tempo depois. Fiquei na cozinha

conversando com Enrique e o ajudando com a louça suja, enquanto minha mãe decorava um de seus bolos. Retirei o gesso do meu pulso há pouco mais de uma semana. Toda essa mudança me fez esquecer a data exata em que deveria tê-lo feito, no entanto isso não me causou prejuízos. Ainda estou me adequando ao fato de que não estou mais privada de meus movimentos, e algumas atividades como lavar louça ou escrever não são tão fáceis como antes. Meu irmão acha que estou apenas tentando enganá-lo com essa desculpa tola.

O celular finalmente vibra em meu bolso quando chego à porta do quarto e mesmo que eu me sinta ansiosíssima para atendê-lo no mesmo instante, espero até que esteja sentada em minha cama para fazê-lo. O nome de Evan brilha em toda a sua tela e isso causa automaticamente uma pontada triste em meu coração. Sinto a sua falta, isso é fato e dói constatar que talvez não tenhamos tratado o nosso amor com ele merecia.

— Oi, Evan!

— *Oi, Lizz!* — Sua voz é firme e concisa. Não há nada ali, a não ser uma casualidade natural, a mesma que ele usaria para falar com qualquer um de seus amigos.

— Você ligou mais tarde hoje, está tudo bem? — Quero saber o que ele tem feito até tão tarde para não ter me ligado antes, teria o direito de lhe perguntar claramente, mesmo assim prefiro deixar nas entrelinhas.

— *Sim, desculpe por isso. Acabei de chegar de San Francisco.*

— Sim? Não me lembro de ter dito que estava viajando para lá novamente.

— *Eu não disse* — ele afirma, sem arrependimento. — *Mas eu tenho viajado algumas vezes para San Francisco durante esses dois meses.*

— Entendo — murmuro, tentando disfarçar o meu desagrado. — E como estão as coisas por lá, tudo certo com o seu restaurante?

— *Tudo perfeito* — ele diz, sem muita vontade. — *Iremos inaugurar na próxima semana.*

— Fico feliz por você!

— *Eu sei que fica.*

Tenho quase certeza de que ele foi irônico, mas não posso culpá-lo por isso. Aos seus olhos, esse novo restaurante foi o que me fez deixá-lo. Isso também explica o fato de que em nenhuma das nossas ligações ele tenha me contado de suas outras viagens a San Francisco. Entretanto, me entristece que ele realmente não saiba que estou sendo sincera; eu fico feliz por ele sim.

— *Como você está?* — ele me pergunta por fim, trazendo a conversa para uma zona neutra. — *Tudo bem com a nossa filha?*

O único momento em que sinto a sua voz vacilar é quando ele profere essas duas palavrinhas mágicas: *nossa filha*. Mesmo que seja por apenas alguns segundos, consigo sentir nele a mesma tristeza que fez morada permanente em meu coração.

— Ela está bem — eu digo, colocando uma dose treinada de alegria em minha voz. — Recebeu a lista de possíveis nomes que eu te mandei?

— *Sim, eu recebi.*

— Gostou de algum deles? — questiono-o com curiosidade.

— *Todos são bonitos, escolha você.*

— Eu definitivamente queria que você demonstrasse um pouco mais de interesse, Evan — eu o censuro, sem medo de iniciar uma briga. Temos pisado em ovos durante todo esse tempo. — Isso é importante, é o nome da nossa filha.

— *Engraçado que você apenas usa essa sentença a seu favor quando quer. Você não se importou que fosse a nossa filha quando foi embora.*

— Isso é diferente.

— *Não existe diferença alguma, Lizz* — ele me interpela com firmeza. — *Eu gostaria que pudéssemos escolher o nome da nossa filha, juntos, e não através de uma lista aleatória que você tão gentilmente enviou ao meu e-mail. Então me perdoe por não estar soltando foguetes de alegria.*

— Ok, então...

— *Então o quê, Lizz?*

Eu não quero chorar agora, não o fiz nenhuma vez enquanto ainda conversávamos e não quero que essa seja a primeira. Eu respiro, rezando desesperadamente para que ele entenda o meu silêncio.

— *Eu gosto de Sophie* — ele sussurra, me surpreendendo por completo com a ternura presente em sua voz agora. — *Posso imaginá-la como uma Sophie.*

Eu sorrio porque é o meu favorito da lista que eu lhe enviei ontem à noite. A verdade é que durante algum tempo eu titubeei entre Ella, Harper e Sophie, e achei que se Evan escolhesse um desses três sem que o tivesse influenciado a isso, seria um sinal de que esse seria o nome de nossa filha.

— Gosto muito de Sophie também — conto, fechando os olhos por um instante.

— *Se você quiser será esse o nome.*

— Você quer?

— *Sim* — ele afirma com um riso em sua voz, isso tem sido tão raro em nossas ligações. — *Foi o único que me tocou de alguma forma...*

— Então será Sophie — eu o interrompo. — Vamos chamá-la assim, a partir de hoje.

— *Sophie* — ele recita com carinho e saudade, despedaçando em poucos segundos o coração que nunca esteve inteiro sem ele. — *Eu preciso dormir um pouco, mas te ligo mais tarde ou o mais provável amanhã.*

— Está tudo bem, vá descansar.

— *Uma última coisa, Lizz.*

— O quê? — Prendo a respiração em antecipação.

— *Percebi que você não usou uma única vez o cartão que eu te dei* — ele me repreende e me decepçiona mesmo sem saber. — *Por quê?*

— Porque ainda não precisei — digo com naturalidade. — Tenho dinheiro guardado e não é como se tivesse grandes despesas aqui.

Ele ri, sim, ele ri. Não com um humor, isso é óbvio. É quase como se ele estivesse rindo somente para não me xingar ou me dizer algo do qual possa se arrepender posteriormente.

— *Use o maldito cartão* — ele me pede com calma, mas é evidente que está se segurando para não perder a paciência.

— Quando precisar, eu o farei — replico, com um pouco de petulância.

— *Você me enlouquece, sabia?* — Em qualquer outro momento de nossa relação, essas palavras teriam um significado diferente para mim. Mas agora eu sei literalmente o que elas querem dizer.

— O mesmo para você, Evan.

— *Tchau, Lizz.*

Ele não espera a minha despedida para desligar, me deixando com um grande vazio na alma. Essa foi a nossa conversa mais curta, parece que elas estão ficando cada vez mais rápidas. Deixo o celular de lado e me jogo na cama, não há muito mais o que eu possa fazer aqui. Esse tem sido, de certa forma, o meu ano sabático. Uma escolha feita pelo destino e não por mim. Meus dias aqui são semelhantes aos meus dias na Califórnia, com a pequena diferença de que posso abrir a porta do quarto e passar a tarde toda com minha mãe ou simplesmente ajudando o Enrique com a sua lição de casa. Isso deveria me fazer muito feliz, certo?

Solto vagarosamente a minha respiração e acaricio a minha barriga. A essa altura da minha gravidez, sei que a minha filha está dormindo agora. O

início da noite é geralmente o momento em que ela está mais agitada e bagunceira. Posso imaginar que ela será o tipo de bebê que deixa os pais, ou somente a mãe, acordados durante toda a madrugada. Ultimamente gasto muito tempo pensando em como ela será e onde estaremos quando ela nascer. Se Evan e eu teremos, por fim, atravessado todos esses espinhos da nossa relação até lá. Eu espero que sim. Sei que poderia deixar todo o meu orgulho de lado e embarcar hoje mesmo em um voo com destino à Califórnia, mas ainda assim, nada entre nós dois estaria resolvido. As coisas não são nem de longe tão fáceis assim.

Mal vejo o tempo passar enquanto me perco em pensamentos no mesmo lugar em minha cama. O dia dá lugar à noite e nos reunimos para o jantar com a presença do meu pai à mesa. Depois do banho, divido um dos sofás com o Enrique, enquanto algum filme qualquer passa na TV da sala. Eu nunca presto atenção realmente e acabo dormindo sempre na metade do filme. Geralmente eu acordo quando os créditos estão passando na tela e essa é a minha deixa para voltar ao quarto e dormir profundamente até o dia seguinte. O que não acontece dessa vez, já que meu celular me acorda às três da manhã, enquanto toca incessantemente ao meu lado na cama. Eu me levanto assustada, acendo o pequeno abajur sobre a cômoda antes de atendê-lo. É o Evan e isso é o suficiente para me assustar ainda mais. Ele não me ligaria conscientemente a uma hora desses, não sem um motivo importante.

— Meu Deus, Evan! — eu digo, alto o suficiente para que ele me ouça, mas ainda assim baixo o bastante para não acordar o resto da casa. — Aconteceu alguma?

— *O quê?* — ele pergunta, claramente sem entender a minha preocupação.

— São três da manhã aqui — informo. — Estava dormindo, espero que o barulho do celular não tenha acordado a minha família.

— *Me desculpe, eu me esqueci completamente* — ele lamenta com preocupação. — Juro que eu me esqueci disso, é que...

Suas palavras flutuam entre nós e mesmo ainda muito entorpecida pelo meu sono, tento buscar em minha mente algum motivo para a frustração em minha voz.

— *Acabaram de entregar o berço do bebê aqui em casa* — ele anuncia. — *Por que não me disse que o havia comprado? Onde devo colocá-lo, Lizz? O que devo fazer com ele agora?*

Sua enxurrada de perguntas me desperta, principalmente porque há

tanta tristeza nelas. O berço do bebê chegou, mas o bebê não está lá. Nós estamos a quilômetros de distância.

— Eu o encomendei há algum tempo e me perdoe por não ter lhe dito nada. Na verdade, eu acho que disse sim, mas de qualquer forma também me esqueci dele por completo.

— *Tudo bem, isso não é muito relevante agora* — ele me corta e eu aproveito para soltar o ar preso em meus pulmões. — *O que faço com ele? Peço para levarem embora? Será que eles o entregariam aí na Espanha.*

— Não, eles não o fariam — falo com indulgência. — Coloque-o no quarto que escolhi para a Sophie.

— *Tem certeza?* — me questiona, incerto e há tantos significados nessa simples pergunta.

— Sim — sussurro, quase baixo demais.

— *Ok.* — Ele respira com alívio e posso facilmente imaginá-lo passando a mão pelo cabelo. Isso me faz querer tocá-lo. — *Me desculpe mais uma vez pela ligação, eu fiquei...*

— Com medo? — ofereço.

— *Perdido* — ele me corrige. — *Eu fiquei perdido, Lizz.*

— Conheço o sentimento — balbucio já com os olhos molhados.

— *Nós iremos nos encontrar novamente?*

— Não sei... — Eu choro. — Eu espero que sim.

— *Vou deixá-la dormir então.*

— Tchau, Evan.

Ele não responde, eu não desligo. Durante algum tempo ele me ouve chorar, eu ouço a sua respiração suave. Não há palavras e nenhum dos dois quer ser o primeiro a ir. Quando acordo pela manhã, ainda estou com o celular ao meu lado no travesseiro e percebo que isso foi o mais próximo que estive de Evan nas últimas semanas.



O primeiro passo

Evan

Olhar para esse apartamento vazio só me faz ter uma única certeza: ele é grande demais. Não sei por que realmente o comprei, para ser sincero. No momento me pareceu uma excelente ideia, agora, não mais. Estou duvidando de tantas coisas em minha vida, que me arrepender da compra do apartamento é a menor de todas elas, acredite em mim. Eu ainda posso vendê-lo, se quiser. Mas não acho que posso fazer o mesmo com o meu coração; posso?

Estou sentado há três longas horas no quarto que Lizz escolheu para o bebê, nossa filha... Sophie. Foi nessa ordem em que ela evoluiu de somente um pequeno embrião, ou mais propriamente o encontro celular entre mim e Lizz, e se tornou uma pessoa real. E agora ela é tão real quanto o meu amor por ela ou por sua mãe. E isso dói. Não que eu me importe com a dor, mas eu preferiria não senti-la com tanta intensidade. Ou que ela não me deixasse assim tão impotente. Mas não posso ter preferências, aparentemente.

Então, mesmo doendo dessa forma, eu apenas me sentei em frente ao seu, quem sabe, provável, futuro berço, depois que os montadores foram embora e permaneci desde então. É um lindo berço e posso entender perfeitamente porque Lizz o escolheu.

O entregador me disse que é feito à mão, apenas um pequeno número por ano e eles demoram alguns meses para ficarem prontos. Isso faz eu me questionar se Lizz me contou sobre a sua compra e eu somente não lhe dei a importância necessária. E se sim, quantas foram as vezes em que ela me disse algo importante e eu apenas não tive tempo para lhe escutar? Acho que muitas. Infelizmente, por mais que a minha raiva não me deixe enxergar com clareza, sei que a minha parcela de culpa no fracasso do nosso relacionamento é tão grande quanto a de Lizz. Eu somente estava magoado demais para admitir isso nos primeiros dias e conforme o nosso tempo longe foi se alongando, cresceu também o meu orgulho. Então eu não me tornei o cara que fica em casa chorando, com pilhas de latas de cerveja vazias ao lado do sofá; não, eu não fiz isso. A verdade é que eu nunca trabalhei tanto e com tamanho afinco como fiz durante esses dois meses. E eu não deixei que Lizz soubesse uma única vez o quanto ela me atingiu, o quanto viver sem ela ao

meu lado me despedaçou. Até hoje. Agora ela sabe que eu não estou inteiro sem a parte do meu coração que ela levou embora. Agora eu sei que ela está tão triste quanto eu. Aparentemente conseguimos enganar um ao outro, mas não a nós mesmos. Por isso eu estou aqui, porque preciso desesperadamente viver essa dor em sua plenitude agora, sem desculpas ou máscaras. Sim, eu detesto ter sido abandonado pela minha esposa, porque de alguma forma que não consigo entender, eu falhei com ela. E sim, eu também odeio pensar que ela estava tão magoada comigo que precisava viajar para outro país, outro continente, pois necessitava dessa distância física e emocional entre nós. Mas eu simplesmente a quero de volta. Eu a quero aqui aonde ela pertence, ainda assim não sei o que fazer para que ela entenda que essa é a única verdade que importa. Três horas sentado pensando e não cheguei à conclusão alguma.

Ben me ligou há meia hora e eu lhe disse que não iria trabalhar hoje, o que eu não lhe disse foi que eu não faria isso pelo simples fato de não conseguir sair desse quarto. Já ouvi falar sobre os cinco estágios do luto e é provável que eu esteja vivendo agora a aceitação. E, mais uma vez, eu preciso dizer: isso dói.

O tempo passa sem pesar algum, enquanto tudo o que ocupa a minha mente é o choro de Lizz ao telefone. Me pergunto se ela chora sempre, quem sabe todas as noites. Me pergunto se ela chorava enquanto estava morando aqui e por quê. Ela chorou quando partiu, sei disso porque essa foi a sua última imagem; olhos vermelhos e inchados. E eu ouvi o seu choro quando me afastei e a deixei sozinha para decidir se iria partir ou ficar, e ela chorou o tempo todo. Mesmo assim, a sua mala ficou pronta e ela se foi. *Ela. Se. Foi.* Eu nunca esquecerei esse dia, o dia em que ela me abandonou apesar dos meus protestos. O dia em que ela se esqueceu de todas as suas promessas. O dia em que ela esqueceu o que o anel em seu dedo deveria realmente significar. O dia em que, diante de tantas escolhas, ela optou pela que a levaria para bem longe de mim.

Uma batida alta na porta da sala me tira desse estupor de autopiedade que perdura até a manhã seguinte. Minha noite foi péssima, a pior de todos os tempos, ainda assim o dia amanheceu lindo, quase uma afronta ao quão mal eu me sinto.

A batida se intensifica mais alta e mais insistente. Relutantemente me levanto do meu lugar à mesa e caminho até a sala. Meu celular ainda está jogando no sofá enquanto passo por ele até a porta e olho rapidamente pelo olho mágico antes de abri-la, dependendo de quem seja, eu nem me darei ao

trabalho. Na verdade, não importa muito quem seja não estou com vontade de ver ninguém. Mas a porta está aberta segundos depois, porque diante de mim está a pessoa menos provável: Damian.

— Ei — balbucio com surpresa, estendendo uma das mãos para ele.

— Oi, cara — ele me cumprimenta com o mesmo sorriso amigável de sempre, apertando a minha mão com força antes de entrar. — Desculpe subir sem avisar, mas o porteiro está tentando te interfonar há quase meia hora.

— Merda, desculpe... — lamento o deixando parado na sala para correr até a cozinha e recolocar o interfone no gancho. — Eu não queria visitas.

— Muito obrigado pela sinceridade — replica rindo.

— Você não é visita. Você é família, Damian.

— Foi por isso que o porteiro me deixou subir, disse que era seu irmão.

— Não foi uma mentira. — Sorrio, voltando para a sala e me jogando no sofá. Damian faz o mesmo. — Então, a que devo a honra?

— Emma me mandou em uma missão para saber se você estava vivo, e por que Lizz não atende mais o telefone.

— Lizz voltou para a Espanha — digo, olhando para a praia através das portas de vidro.

— E levou o seu celular junto com ela?

— Não, apenas o meu coração.

— Isso é ruim, cara. — Há algumas notas de pesar em sua voz antes de prosseguir: — Mas você não me parece tão mal assim, ainda está tomando banho.

— Você me conhece, não é tão fácil me derrubar. — Giro rapidamente a minha cabeça em sua direção e o seu olhar deixa claro que não serei capaz de enganá-lo, então completo: — Estou uma merda!

— Foi o que imaginei — ele emenda, com voz branda. — Por que não me contou?

— Ninguém sabe — confesso, voltando a olhar para frente. — Eu simplesmente não disse a ninguém ainda.

— Por quê?

— Porque ainda estou tentando entender o que aconteceu, aonde foi que eu errei tanto assim.

— Talvez não exista uma resposta certa para essas perguntas.

— Elas existem, eu sei. Acho que são apenas dolorosas demais para o meu cérebro absorvê-las.

— O mérito de uma relação bem-sucedida é de duas pessoas, o

fracasso também, então Lizz tem a sua parcela de culpa. A não ser que você a tenha traído, então a culpa é só sua.

— Eu jamais faria isso — afirmo sem levantar a voz, mas com convicção suficiente para que ele saiba que é verdade. — Meu pai era casado e tinha uma amante, pensar nisso me dá ânsia de vômito.

— Eu sei — Damian concorda, com calma.

— Sem contar que eu amo a Lizz, simplesmente não existe ninguém além dela para mim.

— Eu sei — ele repete com brandura. — Emma me contou sobre ter falado das rosas lavanda para Lizz.

— Sim, ela surtou um pouco sobre isso, obrigado!

— Agora você sabe, só mande flores se tiver certeza — ele declara rindo. Aparentemente a minha desgraça é divertida. — Isso pode te assombrar no futuro.

— Um belo conselho, eu estou anotando.

— Falando sério... — ele continua, ainda com diversão aparente. — Sinto muito sobre vocês, sei que a ama e ela te ama também. Irão se acertar.

— Eu espero... — As palavras vagam por nós sem nenhuma convicção.

— Quando morávamos juntos, eu ficava dias sem te ver às vezes — ele me surpreende, depois de um tempo em silêncio. — Você sempre trabalhou demais, Evan.

— Você também, Damian — me defendo com o primeiro argumento que me vem à mente. — Eu me lembro que não tinha problema algum em passar a madrugada no estúdio tatuando, a minha fênix foi feita dessa forma, pelo que posso me lembrar.

— Isso é verdade — ele concorda com um sorriso. — Nove horas tatuando e eu ainda tinha tomado algumas cervejas. Sinceramente, pensando bem, não sei como não desenhei uma galinha no lugar.

— Que bom que isso não aconteceu afinal — digo, rindo com a possibilidade. — Seria uma pena, no entanto, porque eu teria quebrado os seus dedos.

— Claro que teria — concorda com desdém. Ele sabe que o máximo que eu faria, seria tirar uma foto de sua obra-prima e espalhá-la por toda a Califórnia. — Mas nós não somos mais aqueles caras, Evan. Hoje eu me preocupo em estar em casa ao final da tarde.

— Eu estive aqui todas as noites desde que Lizz se mudou.

— E eu posso imaginar o quanto isso te custou, mudar toda a sua rotina

por ela.

— Mesmo assim, ainda não foi o bastante — eu o interrompo, sentindo a minha frustração crescer.

— Você deveria se perguntar se precisava mesmo abrir outro restaurante, em uma cidade a quilômetros de distância, que precisaria do seu tempo e dedicação.

— Era um dos meus sonhos, Damian — me defendo com firmeza. — Você sabe disso, conversamos tantas vezes sobre esse assunto.

— Sonhos são facilmente reformulados, Evan — Damian recita, em tom complacente. — Esse era o seu sonho antes da Lizz, antes do bebê.

Prendo a respiração e passo as mãos pelo rosto, em um gesto exacerbado. Sei exatamente aonde essa conversa irá terminar. Justamente com um peso extra, em minha parcela já não tão leve, de culpa pela ausência de Lizz. Damian sempre foi a pessoa que ao longo dos anos, me mostrou as verdades que eu não queria ouvir. Ele sempre teve o dom natural de me fazer enxergar a vida sob uma ótica nova. Uma que a minha teimosia e o orgulho gritantes, não me deixavam perceber.

— É uma menina — falo suavemente. — Lizz descobriu antes de viajar, nós teremos uma filha.

— Cara, isso é incrível! — ele exclama com emoção genuína, usando a sua proximidade para me empurrar levemente. — Uma menina, isso é o máximo mesmo.

— Não pense que ela irá se casar com um dos seus filhos — eu o advirto, antes que ele possa ter essa péssima ideia.

— E por que não? — me questiona com um grande sorriso. — São os meus filhos, Evan. Isso por si só já é o melhor referencial que existe.

— Não mesmo, mantenha os seus filhos longe da minha Sophie.

— Sophie — Damian recita, adorando a ideia de me provocar com esse assunto. — Lindo nome... Sophie e Matt ou Sophie e Max?

— Ela nem nasceu ainda. Me dê um pouco de paz, por enquanto.

— Só estou levantando a possibilidade.

— Muito, muito engraçado.

— Ok, voltando ao que realmente importa.

— Obrigado, aprecio muito isso.

— Você será pai em pouco tempo e precisa criar as suas prioridades — ele diz, agora em um tom absolutamente sério. — Isso significa colocar Lizz e Sophie em primeiro lugar sempre, antes de você, de suas próprias vontades

ou do seu trabalho.

— E quem te disse que não venho fazendo isso desde o início? — eu o questiono não muito feliz com suas palavras. A sensação que tenho é de que Lizz está aqui, porque isso é algo que ela me diria.

— Lizz foi embora, então...

— Ela foi egoísta.

— Não importa de quem é a razão — ele me censura, ficando em pé e cruzando os braços sobre a sua camiseta branca do *Linkin Park*. — Amor é abnegação, isso significa que será preciso abrir mão de algumas coisas importantes para fazer a outra pessoa feliz.

— Eu abri mão de muito por ela.

— Lizz abriu mão de mais — ele rebate, ainda em pé diante de mim. — Mas essa não é a questão.

— Então, qual é a questão, Damian? — indago, também me levantando e indo até a cozinha.

Ele se cala, girando o corpo em minha direção para ainda me ver enquanto abro a geladeira. Seguro uma cerveja e lhe ofereço com um olhar. Ele me mostra brevemente a chave de sua Harley, uma negação também silenciosa. Diante da sua negativa, eu opto por água, jogando uma pequena garrafa para ele antes de abrir a minha.

— Meu pai era um cara incrível, mas ele nunca tinha tempo — ele diz finalmente, sem desviar os olhos dos meus. — Isso não me fez duvidar do seu amor por minha mãe, ou por qualquer um de nós; porém, ele nunca estava presente.

— Nós não somos parecidos — eu me defendo, torcendo a garrafa em minhas mãos. — Se foi isso o que quis dizer, é claro.

— Foi exatamente o que quis dizer.

— Não vejo semelhanças. Embora o seu pai fosse um grande homem e ser comparado a ele é uma honra sem dúvida.

— Ele sempre buscou algo, não sei exatamente o quê...

— Todos nós buscamos algo, Damian, sempre.

— Nem sempre... — ele diz vagamente. — Eu não tive a oportunidade de dizer ao meu pai, mas quero te dizer: você não precisa provar nada a ninguém, Evan.

— Não é isso o que estou tentando fazer.

— Só quero dizer que, às vezes, podemos abrir mão de algo que nos traria um dinheiro do qual realmente não precisamos. Que nos traria uma

alegria ou uma satisfação que só serviria para inflar o nosso ego.

— Eu não tenho um ego — exaspero, em minha defesa.

— Tem sim! — Damian rebate, escondendo um sorriso. — Um dos grandes, cara.

— Você não pode simplesmente vir aqui e me ofender — brinco, com uma risada.

— Alguém precisava fazê-lo. — Ele também ri.

— Fico feliz por ser você então! — O meu mau humor fingido o faz rir mais ainda.

A verdade é que ele tem uma parcela de razão. Eu tenho um ego, mas acho que todos de certa forma têm um, apenas parece socialmente errado admiti-lo. E sim, acho que baseei grande parte da minha existência em tentar provar à minha mãe e posteriormente ao meu pai, mesmo que ele ainda fosse um homem sem rosto na época, que eu conseguiria realizar os meus sonhos. Não existia nada de errado em colocar toda a minha energia e tempo nisso, quando eu vivia somente para mim. Aparentemente me casar e ter uma filha torna tudo diferente.

— Vá até ela e a traga de volta. Lute por vocês, deixe o seu orgulho de lado. É o que fazemos quando amamos alguém.

— Não sei se ela voltará e sejamos sinceros, eu jamais serei feliz morando na Espanha — confesso, odiando a fragilidade presente em minha voz. Isso é o que Lizz faz comigo mesmo a distância, ela me desmonta por completo. — Pelo contrário, eu só a faria ainda mais infeliz dessa forma... talvez esse seja o momento de admitir que não ficaremos juntos, afinal.

— Você não pode saber — ele me contradiz com calma. — Mas eu não quero que more na Espanha. Como poderemos casar os nossos filhos dessa forma?

Balanço a cabeça, sabendo que ele usará esse assunto para me atormentar para o resto da vida. Vou simplesmente deixar que ele se divirta, por enquanto, parece tão divertido. E se minha filha precisar se apaixonar um dia, que seja por um dos meninos de Damian. Sei que se eles forem um terço do cara incrível que ele é, eu não terei nada com o que me preocupar.

— Preciso ir — diz, deixando a garrafa de água sobre a bancada à minha frente. — Tenho um cliente em uma hora, então estou com o tempo contado.

— Obrigado por ter vindo — agradeço, enquanto o sigo até a porta.

— Você é quem reluta em me chamar. Mas estarei sempre aqui, se

precisar.

— Eu sei disso.

— Recebeu as fotos do Matt? — Damian me pergunta, já com a porta aberta entre nós.

— Eu recebi — afirmo com um sorriso. — Ele é lindo, parabéns!

— Em breve será a sua vez — ele me lembra com alegria, apertando minha mão mais uma vez e batendo em meu ombro. — Agora falta pouco, não é?

— Três meses.

— Vá buscá-la — repete, caminhando até o elevador. — Então nos visite, Emma não irá deixá-lo entrar em casa sem a Lizz.

— Sendo assim, se eu quiser conhecer o Matt, terei que viajar até a Espanha — completo por ele.

— É o que parece. — Ele dá de ombros, sorrindo enquanto o elevador se fecha vagarosamente.

Fecho a porta com lentidão e encosto-me a ela, gastando o tempo que tenho de sobra agora, para refletir sobre toda a minha conversa com Damian. Eu posso ser a pessoa que dá o primeiro passo? Que se livra de todo o orgulho e abre mão da razão, por amor? Eu nunca entenderei por que Lizz partiu. Não importa qual seja o tamanho dos nossos problemas, sei que poderíamos resolvê-los juntos. Por isso eu lhe disse que seria o nosso fim, mas a distância nem de perto diminuiu o meu amor por ela. Então, apenas vivi com o coração partido, esperando que ela voltasse sozinha. Ao que parece, ela espera que eu vá buscá-la. Estamos medindo forças e um de nós terá que ceder... posso ser essa pessoa?

Corro até o quarto e ligo o meu computador. Não me permitindo ser tão racional, eu reservo o primeiro voo até Madri, que para minha sorte sairá em duas horas. Não quero pensar em como aparentemente havia um único lugar vago esperando por mim.

Arrumo uma pequena mala, sabendo que minha estadia na Espanha tem um único objetivo, e que para isso não será necessária uma grande bagagem. Volto para a sala em busca do meu celular e disco rapidamente o número de Lizz. Não, eu não lhe direi sobre a viagem, mas ainda preciso saber como Sophie e ela estão.

Cai na caixa postal. Tento uma segunda vez e acontece o mesmo. Na terceira tentativa, eu decido lhe deixar um recado. Não faço ideia de quando conseguirei ligar novamente.

— Oi, Lizz, sou eu. Você está bem? E o bebê? Por favor, me mande uma mensagem quando puder. Estarei ocupado essas próximas horas, mas assim que conseguir, te ligarei novamente. — Respiro, enquanto subo as escadas até meu quarto outra vez, porém, paro na porta entreaberta do quarto de Sophie. — Olha, sei que faz dois meses que não te digo isso, mas eu te amo. Estar longe não mudou absolutamente nada em mim, acho que te amo ainda mais e não importa o quão longe você esteja eu te amarei da mesma forma sempre. Sinto a sua falta, me ligue e me diga que sente o mesmo!

Desligo e olho para o berço à minha frente por alguns segundos, antes de seguir o meu caminho até o quarto. Uma hora e meia depois, estou em meu assento no voo com destino a Madri e, pela primeira vez em muito tempo, o sorriso em meu rosto reflete claramente o meu próprio coração. Estou indo ao encontro de Lizz.



Correndo para você

Lizz

Foi como abrir os olhos e despertar de um sono muito longo. Coincidentemente, eu estava dormindo de verdade e despertei literalmente. Mas o que importa realmente é a metáfora, porque eu por fim estava desperta. A minha última conversa com Evan foi também o momento em que minhas frágeis e quase inexistentes barreiras ruíram.

Acordei aquela manhã e, de repente, não conseguia pensar em um único sólido motivo para me manter um dia a mais na Espanha. Não que houvesse existido sólidos motivos algum dia. Eu sabia então que nunca deveria ter me afastado dele e agora o peso que sentia por ter sido tão imatura, era quase grande demais para suportar.

Eu queria ligar para o Evan e lhe dizer, enfim, como eu me sentia. Contar sem medo ou pudores, que a distância só havia me feito amá-lo ainda mais. Que tudo o que mais quis desde o início foi que ele não me deixasse partir. Eu só quis que ele se importasse e de um jeito absurdamente torto, desejei que ele enxergasse cada pequena coisa que um dia me magoou, e me dissesse olhando em meus olhos, que nós as consertaríamos juntas. Mas nada disso tem relevância nesse instante. Tudo o que eu desesperadamente quero, é estar com ele. Estar em nossa casa.

Passei grande parte do dia trancada em meu quarto, pensando e remoendo cada passo que eu havia dado, e quando por fim me decidi, sabia que ninguém poderia me fazer mudar de ideia. Não que necessariamente alguém quisesse tentar. A minha mala ficou pronta em tempo recorde. Provavelmente porque minha mãe fez a maior parte do trabalho para mim. Se eu não soubesse que ela apenas estava alegre porque, enfim, recobrei a sanidade e estava voltando para o meu marido, acharia errado uma mãe estar tão feliz com a partida da filha. Despedir-me de todos foi doloroso, mas ao mesmo tempo as últimas palavras de Evan nunca fizeram tanto sentido para mim: ele era a minha família. A minha casa, onde o meu coração sempre morou. Estava simplesmente voltando para onde eu pertencia.

Meu pai me levou para o aeroporto de Málaga no início da noite e a minha conexão com Madrid saiu pouco mais de uma hora depois. Cheguei

em Madrid, pouco depois das nove e estava tão feliz por aparentemente ter ganho um tempo precioso, até me mover ao guichê mais próximo e comprar a minha passagem para a Califórnia. O voo mais próximo sairia em cinco horas. Cinco longas horas. Eu tentei não tornar essa informação adjacente mais problemática do que ela deveria ser. Seria somente cinco horas sentada no banco, nada confortável, do Aeroporto Internacional de Madrid e não cinco semanas. Poderia muito bem ser, para mim era exatamente a mesma coisa.

Eu perambulei por cada canto do aeroporto, gastei muitas horas nas lojinhas de souvenirs para turistas e na banca de jornal também, até que elas precisaram fechar. Então, eu estava presa em um aeroporto sem absolutamente nada para fazer. Ainda queria loucamente falar com o Evan, mas sabia que o barulho frenético ao meu redor seria perfeitamente audível através do celular. Meu celular. Havia me esquecido completamente dele após uma rápida mensagem de texto para os meus pais, assim que embarquei em Málaga. Eu o joguei no fundo da bolsa e lá ele permaneceu desde então... até agora. O instante em que preciso dele para mandar uma mensagem ao Evan e o encontro totalmente sem bateria. *Isso não é possível!*

— Só pode ser brincadeira! — exclamo para o telefone em minhas mãos, mas alto o bastante para assustar o agradável casal de idosos ao meu lado.

Sorrio gentilmente para eles e faço um gesto com a mão em direção ao celular. Ficar sem bateria é assustador, todo mundo sabe disso. Faltam duas horas para o meu voo e sei que não posso ficar incomunicável por todo esse tempo. Essa constatação me faz correr até o banheiro mais próximo, minha bolsa pendendo em uma das mãos e minha mala de rodinhas sendo puxada pela outra. Eu não me importo muito em não me parecer com uma louca agora, contanto que eu consiga achar uma tomada compatível com o meu carregador de celular... e eu consigo.

Encosto a minha mala à parede e me sento sobre ela, enquanto espero que o celular consiga um pouco de carga. As outras mulheres que passam por mim no banheiro feminino me olham com curiosidade pouco disfarçada, mas eu me mantenho sorrindo. Quando finalmente consigo ligar o meu telefone, a primeira coisa que vejo são as ligações perdidas de Evan; três delas. Além de uma mensagem de voz de quase cinco horas atrás, é provável que ele tenha me ligado no momento em que eu estava dentro do avião. Estou louca para ouvi-la, mas espero até que a última pessoa saia para enfim fazê-lo. Assim

que me vejo sozinha, conecto o meu fone de ouvido e abro a mensagem de Evan. Basta fechar os olhos para senti-lo aqui comigo, sua voz sendo sempre o suficiente para me causar um frio no estômago.

— Oi, Lizz, sou eu. Você está bem? E o bebê? Por favor, me mande uma mensagem quando puder. Estarei ocupado essas próximas horas, mas assim que conseguir, te ligarei novamente. — Ele para e ouço a sua respiração, enquanto aparentemente caminha com o celular em mãos. Quase sem querer, me vejo prendendo a respiração, ansiosa por suas próximas palavras e pelo impacto que elas possam ter em mim. — Olha, sei que faz dois meses que não te digo isso, mas eu te amo. Estar longe não mudou absolutamente nada em mim, acho que te amo ainda mais se isso for mesmo possível e não importa o quão longe você esteja, eu te amarei da mesma forma sempre. Sinto a sua falta, me ligue e me diga que sente o mesmo!

Eu estou chorando... quão bobo pode ser chorar ao ouvir uma mensagem de voz de dois minutos, enquanto o seu celular está conectado à tomada do banheiro do aeroporto, e você está sentada sobre a sua mala?

Se eu me esforçar para visualizar essa imagem em minha mente, diria que é muito bobo; quase patético. Mas para mim tem um significado totalmente diferente, já que eu tinha medo de que Evan não sentisse a minha falta, e ele acabou de admitir que sente.

Abro os olhos e encontro uma mulher à minha frente. Ela deveria estar ocupada retocando a sua maquiagem no espelho ao lado, porém, toda a sua atenção está em mim agora. Eu acabo rindo. Risos e lágrimas. Estou de volta ao meu *modus operandi* padrão.

— Te entendo — ela diz em um espanhol carregado, que me lembra a minha avó. — Eu chorava o tempo todo em minha primeira gravidez, até as coisas mais estúpidas me faziam chorar feito um bebê. Então, em minha segunda gravidez isso não aconteceu nenhuma vez. Acho que meu organismo simplesmente se acostumou com os hormônios.

— Fico feliz em saber — digo brevemente, temendo que ela queira começar uma conversa casual sobre maternidade, porque já estou discando o número de Evan.

— Boa sorte para você! — ela replica com um sorriso cúmplice, antes de guardar o seu brilho labial em um compartimento de sua bolsa e passar por mim.

— Obrigada — sussurro enquanto a porta se fecha novamente.

Eu poderia ter lhe dito que esse choro, especificamente, não tem

nenhuma ligação com os meus hormônios descontrolados. Esse choro é, na verdade, um choro de felicidade. O mais genuíno de todos os tempos. Enquanto divago, minha ligação para Evan toca até ir para a caixa postal. Isso é tão comum entre nós dois, esse constante desencontro ao telefone. Eu insisto mais algumas vezes, então opto por deixar a minha resposta para a sua mensagem, em forma de recado de voz também.

— Oi, Evan! Sou eu, a Lizz... — dizer isso sempre me faz rir, porque lógico, eu espero que a essa altura ele já seja capaz de reconhecer a minha voz. — Estamos bem, desculpe não ter te ligado antes, mas estamos perfeitas, não se preocupe.

A porta do banheiro se abre e me assusta, quase derrubo o celular, mas sou capaz de pegá-lo antes que toque o chão. Espero pacientemente, até que a pessoa em questão ocupe uma das cabines mais afastadas e prossigo com a minha mensagem.

— Estou no aeroporto de Madrid, meu celular ficou sem bateria e estou dentro do banheiro feminino enquanto te mando essa mensagem... nada romântico, eu sei — ironicamente, consigo rir das minhas próprias palavras. — Estou voltando para a Califórnia e sim, sinto muito a sua falta, você não faz ideia e eu não conseguiria explicar em palavras. E sim, eu também te amo, ainda mais, da mesma forma que você. Queria lhe dizer que sinto tanto por tê-lo magoado e eu o farei mil vezes quando nos encontrarmos outra vez. Te ligo quando pousar!

Desligo e volto a colocar o meu celular sobre a pia, enquanto as pessoas continuam indo e vindo. Porém, meu coração está infinitamente mais leve. Assim que percebo que o meu celular tem energia suficiente para as próximas horas, volto para a área de espera e aguardo. Vinte minutos antes do embarque, caminho para despachar a minha mala e sou informada que o voo está cancelado. Isso mesmo... *Can-ce-la-do*. E esse foi o exato instante em que a minha vida se tornou a mais longa tragicomédia. Retire a parte da comédia, porque é da minha vida que estamos falando e não existe nada engraçado em ter o seu voo cancelado.

— O que eu devo fazer, moça? — questiono a atendente, o meu espanhol vacilando com o meu nervosismo. — São duas horas da manhã.

— Eu sei, senhora, e realmente sinto muito pelo incômodo — ela lamenta sem me olhar.

— Não, você não sente — eu a contradigo com desânimo — Apenas foi treinada para me dizer isso... então, me diga agora o que eu devo fazer?

— Posso encaixá-la em um voo que sai em duas horas?
— Duas horas? — repito, um tanto incrédula. — Quais são as minhas outras opções?
— Qualquer outro voo a partir desse ou o reembolso da passagem.
— Estou esperando há cinco horas, nenhum reembolso seria justo o suficiente.
— Então? — ela me pergunta em tom neutro.
— Fico com o próximo voo. — Não disfarço o meu descontentamento, enquanto empurro a minha antiga passagem pelo balcão.

Sou a personificação da derrota, ao caminhar para o meu assento novamente. Eu sei, com quase absoluta certeza, que estou pagando por meus erros. Cada um deles. O meu destino está dizendo clara e sonoramente: *Lizz, não cometa mais sandices como essa*. Só sei que não estarei em um aeroporto, outra vez, em um futuro tão próximo.

O silêncio da madrugada é quase ensurdecedor, enquanto não posso desviar os meus olhos do grande relógio digital a alguns metros de onde estou sentada. O sono está quase me vencendo, mas se dormir corro o risco de perder o meu voo; então meus olhos continuarão muito bem abertos. Ao menos pela próxima uma hora e meia.

Dobro a pequena embalagem do meu último chiclete de morango, usando cada minuto dessa tarefa tola para ocupar a minha mente. Eu conto as dobraduras... uma, duas, três... os números ecoam em minha mente, enquanto eu os repito de forma silenciosa. E é quando eu o vejo. No primeiro instante, eu me questiono se estou realmente acordada — ou se contra todos os meus esforços, acabei por cochilar. Ele caminha pelo aeroporto, a poucos metros de onde estou, em direção a um dos guichês.

Pisco vagarosamente, desejando que esse único gesto seja o suficiente para me deixar lúcida outra vez. Meus olhos acompanham os seus movimentos de perto e quando ele para atrás de uma das pessoas que também aguardam atendimento; tenho enfim certeza. A forma como ele mexe em seu celular e franze as sobrancelhas ao mesmo tempo é dolorosamente familiar. A sua jaqueta favorita pende de um dos seus braços e eu o vi usá-la dezenas de vezes anteriormente. *É o Evan*. Meu coração salta tão freneticamente que tenho medo que ele não suporte a velocidade de suas batidas. Deus, não me deixe morrer agora. Um último beijo, um último abraço; então eu sei que morreria feliz. Porque enfim eu teria lhe dito que sinto muito e que o amo enlouquecidamente.

Deixo minha bolsa e mala no chão, junto ao banco onde estava sentada até agora, e corro. Há tão poucos passageiros a essa hora, que não é necessário me desviar de ninguém. Corro em rota livre, o mais rápido que o meu cansaço e a minha barriga me permitem. Meu cabelo se solta do último penteado que fiz nele e o meu vestido flutua enquanto corro. Posso imaginar o quão engraçada devo estar agora. O pensamento me faz rir, ao mesmo tempo que rezo para que ninguém esteja me filmando e pensando em colocar o vídeo na internet. Porém, nada me para. Evan veio para mim, ele veio me encontrar e sei que esse encontro não foi marcado por nós, contudo, ele não poderia ser mais especial.

— Evan! — eu o chamo, quando estou perto o bastante para ser ouvida por ele. — Evan!

Ele se vira segundos depois, me olhando como se também não pudesse acreditar que sou real. *Mas eu sou.*

— Lizz — ele está tão surpreso e a sua voz o denuncia por completo.

Ele não se mexe, meio hipnotizado por me encontrar aqui ou pela minha corrida desengonçada. Falta pouco, então estou em seus braços. Salto sobre ele sem nenhum juízo, meus braços ao redor do seu pescoço, aspirando seu cheiro tão reconfortante. Os seus braços me circulam com cuidado, com amor. Ele beija o meu cabelo, meu pescoço, meu ombro e agora sou eu que não consigo me mexer.

— O que você está fazendo aqui? — ele pergunta, murmurando em meu ouvido.

— Eu estava voltando para a Califórnia — conto, me afastando de seu peito apenas o suficiente para olhá-lo. — Você nunca ouve as suas mensagens?

— Estava fazendo isso agora — replica sorrindo.

Eu me esqueci do quanto o seu sorriso é lindo, do quanto ele é lindo e do quanto sou inegavelmente apaixonada por ele. Não consigo entender como pude, mas sei que jamais voltarei a fazê-lo.

— Estou aqui há quase sete horas e te ver, de repente, torna isso irrelevante.

— Se eu soubesse que estaria aqui me esperando, eu teria vindo antes.

— É claro que eu estaria, eu sempre estive — sussurro. — E você demorou demais.

— Concordo. — Ele mantém o sorriso, ao colar a testa na minha. — Eu deveria ter vindo antes.

Suas mãos saem das minhas costas e fazem um caminho rápido até o meu rosto, queimando cada pedaço que toca. É doloroso, porque senti falta do seu toque. É apaixonante e quero cada vez mais. É familiar, porque esse é o lugar ao qual elas pertencem. Sua respiração de encontro à minha boca, enquanto o mundo ao nosso redor já não existe. E eu deveria saber que alguém que simplesmente faz o mundo parar de girar, é alguém para se manter. Aquela pessoa que rouba o seu fôlego com um olhar. Que te diz tanto em silêncio. Que te toca a distância. Aquela que inexplicavelmente ocupa cada lacuna da sua alma e coração. Não, você não foge dessa pessoa, porque não importa aonde você se esconda, para qual parte do planeta você corra, essa pessoa estará cada instante ao seu lado. Esse é o tipo de amor que nunca te abandonará, nem mesmo com o seu último suspiro. É a forma como amo Evan, ele é o ar que eu respiro. Não importa o quão dramático isso soe, é exatamente assim. E eu estou respirando pela primeira vez em meses, a forma como me sinto viva agora é inexplicável.

— Você não vai me beijar? — brinco, ficando na ponta dos pés.

— Só quero te olhar um pouco mais — ele replica, me beijando brevemente. — Eu me esqueci do quão linda você é.

— Isso não deveria acontecer... — eu lamento, segurando o colarinho da sua camisa o mais apertado que posso. — Me afastar de você, isso não deveria ter acontecido, eu lamento tanto...

— Está tudo bem. — Ele me silencia, me beijando com mais força agora. — Nós iremos resolver isso, não há nada que não possamos resolver juntos.

— Eu sei. — Abro os olhos e o encaro com firmeza, desesperada para que ele entenda que acredito em suas palavras.

Ele sorri daquela forma torta que o faz parecer com um garoto. Aquele sorriso que faz com que as borboletas em minha barriga festejem em revoada. Eu voaria também, se pudesse. Meus pés não estão mais no chão, com certeza.

Sua boca encontra a minha com firmeza, é quente, lascivo e não há hesitação em seus gestos. Eu adoro isso, porque nunca tive tanta certeza em minha vida. Sua língua me invade sem pedir permissão, e eu ofego. Estamos em um aeroporto, nos beijando de um jeito que provavelmente não deveria ser permitido e eu não consigo me importar.

Dois meses, dois meses sem beijá-lo e eu simplesmente não posso ser racional agora. Ele continua me beijando frenética e loucamente. Sua língua

brinca com a minha, tão perfeito. Seus beijos são sempre pedaços do céu, pequenas porções de perfeição. Já não tenho mais ar, mas não ousa me afastar. Eu não farei isso. Tem tanta saudade nesse beijo, tanto sentimento e não posso ter o suficiente.

Eventualmente, Evan se afasta, mordendo o meu lábio antes de me deixar ir. Ainda estamos tão próximos, o ar tão denso ao nosso redor. “*Só cinco segundos, cinco segundos e me beije novamente*”, é o que quero dizer. Mas, ao invés disso, eu peço:

— Me leve para casa.

Seu polegar toca a minha boca sensível de seus beijos e eu estremeço, soprando um leve beijo em suas digitais.

— Estou aqui para isso — ele recita, entrelaçando a sua mão à minha e sorrindo.



Estou grudada em Evan, como um macaco à sua árvore. Sei que isso limita os seus movimentos, mas dane-se, não posso evitar. Depois de nos beijarmos como dois adolescentes em público, ele trocou a minha passagem para amanhã à noite e comprou uma para si mesmo, no mesmo voo, é óbvio. Então, graças a um aplicativo de celular, ele encontrou um hotel a vinte minutos do aeroporto e, graças a Deus, havia sim, quartos disponíveis. Meus pés e costas estão me matando, são quase quatro horas da manhã e todo o esforço das últimas horas cobra o seu preço. Estou faminta também. Mas claramente nunca estive tão feliz. Presa ao Evan, em um elevador.

— Você está diferente — ele me diz, tocando a minha barriga com carinho.

Sophie está acordada e ela não mede esforços para demonstrar a sua felicidade através de chutes pela minha barriga.

— Estou maior... — eu o corrijo, cobrindo a sua mão com a minha e levantando o meu olhar para ele pergunto: — Consegue senti-la?

— Sim — ele afirma, alternando o olhar entre o meu rosto e a minha barriga.

Eu o beijo suavemente, antes que o elevador pare no nosso andar. Evan arrasta a minha mala e a sua, um pouco menor, até o quarto em que ficaremos por algumas horas. Ele abre a porta e faz um gesto para que eu entre primeiro, então entra também e fecha a porta. O quarto é grande e está

escuro, apenas as janelas de vidro iluminando o ambiente através das luzes da madrugada de Madrid. É uma linda vista, preciso ressaltar. Mas não tão linda quanto Evan parado à minhas costas. Não tão perfeita quanto nós dois, nós três no mesmo ambiente. Mesmo quarto. Mesmo país. Ele se senta na cama ao centro e segura gentilmente a minha mão até que eu esteja sentada em seu colo. Minha cabeça descansa em seu ombro, enquanto ele afaga o meu cabelo e minhas costas.

— Nunca mais — ele diz depois de um curto tempo em silêncio. — Nunca mais iremos nos separar.

— Não tenho nenhuma objeção sobre isso — afirmo, levantando a minha cabeça e beijando o seu queixo.

— Estive pensando...

— Eu também — replico curiosa. Ele me silencia com um beijo.

— Eu saí de casa para vir buscá-la, mas durante o voo estive pensando tão seriamente. Você sabe o quanto eu amo a Califórnia, não sabe?

— Sim — digo simplesmente, porque ele parece tão compenetrado agora e muito disposto a compartilhar seus pensamentos comigo.

— Adoro morar lá, foi o lugar em que mais me senti feliz até hoje. Não Nova York, não o Texas; a Califórnia foi o mais perto de um lar que eu encontrei.

— Eu sei disso.

— Eu queria que se sentisse da mesma forma, Sophie também. De alguma forma, que nem posso explicar, isso era importante para mim.

— Eu adoro a Califórnia — digo com sinceridade. — Senti falta da praia, do nosso apartamento...

— Mas você não ama aquele lugar — ele me lembra com seriedade.

— Mas eu amo você — replico, contornando o seu rosto.

— Você ama a Espanha e se estar aqui te faz feliz, eu posso me mudar para cá.

— Você me disse que jamais faria isso — eu o recordo com carinho, embora as suas palavras tenham me surpreendido por completo. — Nem mesmo por mim.

— Nem mesmo por você — ele reforça com um sorriso triste. — Isso foi antes, agora a sentença mudou e seria só por você.

— Só por mim?

— Só para te fazer feliz. É isso o que quer? Quer morar na Espanha, em Madrid ou Mijas? Málaga ou qualquer outra cidade?

Eu quero? Não, não quero. Essa resposta é tão simples agora. Não existe indecisão alguma da minha parte. Não quero que Evan abra mão de tudo, quando até hoje ele teve tão pouco. O lugar aonde ele se sente feliz, o emprego que o satisfaz, os amigos que o alegram.

Não, definitivamente não posso tirar isso dele. Principalmente quando sinto que aquele também é o lugar aonde pertenço e no qual quero que minha filha nasça e cresça. Posso tão perfeitamente imaginá-la correndo pela praia, e sendo tão feliz como sonho que ela seja.

— Não, eu não quero — digo por fim. — Quero voltar para a Califórnia.

— Você quer? — Evan me pergunta, quase tão surpreso como quando me viu no aeroporto. — Tem certeza?

— Sim, mas obrigada por me dizer que faria isso por mim e só por mim — recito, repleta de carinho. — De certa forma, eu precisava saber disso.

— Eu faria qualquer coisa por você, Lizz. Se, de alguma forma, te fiz duvidar disso, então não se esqueça nunca mais.

— Não me esquecerei — eu prometo, entre beijos. — Não há nada nesse mundo que me fará esquecer que não posso viver sem você.



A infinita doçura de te amar

Evan

Lizz *está aqui...* essa é a frase que vem ecoando em minha mente desde o instante em que abri meus olhos pela manhã e a encontrei ao meu lado na cama. E Lizz estar aqui é tudo o que definitivamente importa. Dentre todas as coisas do mundo, essa é a única que tem relevância para mim. Só foi possível encontrá-la em meus sonhos nos últimos dois meses, então me desculpe, mas vou desfrutar cada segundo dessa doce realidade.

Meus olhos a procuram pela enésima vez através do aeroporto cheio. Estou despachando as nossas malas e ela está vendo displicentemente as revistas da área externa da banca de jornal. Coincidentemente ela me olha ao mesmo tempo e acena com alegria. Trocamos um sorriso, antes que eu volte a minha atenção para as malas logo à frente.

Caminho até ela assim que me vejo livre das nossas bagagens, ansioso para estar ao seu lado novamente. Quando embarquei para a Espanha, estava supondo que encontraria uma Lizz relutante em voltar para a Califórnia, relutante em colocar o nosso relacionamento acima dos conflitos. Na verdade, tive muito tempo durante o longo voo para imaginar os mais diversos cenários. Nenhum deles muito favorável a mim, admito. Tive tempo também, de refletir sobre as minhas próprias falhas, geralmente essa não é uma tarefa fácil para qualquer ser humano e com certeza não foi nada agradável para mim. Mas eu enxerguei os meus erros; até os menores deles e uma história que me veio à mente com clareza perturbadora, foi ter me mantido relutante em abrir mão da Califórnia. Isso era algo absolutamente inconcebível para mim, realmente era. Então, achei que bastava ser sincero com Lizz — dolorosamente como ela disse — e deixar a decisão em suas mãos e ela decidiu, mas isso teve um preço. Talvez eu tenha sido injusto por só ter percebido o peso que essa decisão teve para ela, meses depois. Eu poderia ter cedido mais e não colocar ponto final em sentenças que poderiam ter ficado em aberto. Embora continue enfatizando: não foi nada bom ter sido abandonado. Mas de uma forma um tanto estranha, pode ter sido necessário para o nosso amadurecimento. Um remédio ruim e difícil de ser digerido, porém, que nos curou. Cedemos mutuamente, nos encontramos no meio do

caminho — essa definição não poderia ser mais verdadeira. E agora, sinto que estamos escrevendo uma nova página da nossa história. Uma na qual eu sei que não pensaria duas vezes antes de abrir mão de tudo o que tenho, somente para fazer Lizz feliz. É tão fácil quando você finalmente percebe que ama tanto alguém, e que vê-lo plenamente feliz é o que basta para te fazer feliz também. Eu daria o mundo para ela, mesmo que ele não seja meu, ainda assim encontraria um jeito de consegui-lo apenas para vê-la sorrindo. Sinceramente, tenho medo das loucuras que serei capaz de fazer pela nossa filha.

— Tudo bem? — pergunto a Lizz, assim que paro atrás dela e coloco as mãos em seus quadris.

— Sim. — Ela sorri, me olhando brevemente antes de colocar a revista que segura em seu lugar. — Quanto tempo temos antes do voo?

— Quinze minutos, talvez um pouco mais — digo vagamente. — Está com medo de voar?

— Não! — ela nega rápido demais, se virando em meus braços para me encarar. — Talvez um pouco...

— Como você fez para viajar até aqui? Meu Deus, sozinha, Lizz.

Na época eu estava com tanta raiva que nem me preocupei com o meu medo de aviões. Na verdade, uma parte de mim realmente queria que ela sentisse medo apenas para não viajar. Não adiantou muito, nós já sabemos.

— Foi difícil, de diversas maneiras... — ela pondera um pouco envergonhada, desviando os olhos dos meus por um segundo. — Mas...

— Isso é passado — completo por ela. — Ok, não importa mais.

— Essa é sem dúvidas a minha última viagem pela próxima década, a menos que eu possa tomar um calmante bem forte da próxima vez.

Examino o seu rosto com calma, tem uma serenidade em seus olhos que eu não via há meses. A serenidade que me cativou a princípio e que me fez admirá-la a partir disso. Então isso sumiu e eu não reconhecia mais a Lizz pela qual me apaixonei; talvez eu não fosse o mesmo Evan também. Mas, quando ela correu para mim essa madrugada e se jogou em meus braços, eu a vi novamente e me apaixonei mais uma vez; dessa vez mais forte. É bom olhar para ela e enxergar a *minha Lizz*.

— Essa é a nossa última chance, então preciso garantir que lhe perguntei isso — digo tocando o seu rosto. — Tem certeza de que quer voltar para a Califórnia?

— Certeza mais do que absoluta, essa é a decisão mais consciente que

tomei em toda a minha vida.

— Mais do que aceitar se casar comigo?

— Bem mais — ela brinca. — Naquela época, eu estava completamente cega pelos meus hormônios.

— Me sinto lisonjeado ao saber que foi por isso que se casou comigo.

— Rio, segurando a sua mão, enquanto começamos a andar até o portão de embarque.

— E pelo que mais seria? — Lizz pergunta, piscando para mim. — Mas falando sério...

Olho para ela com as sobrancelhas arqueadas e uma severidade falsa; isso a faz rir, atraindo a atenção das pessoas que passam por nós e me fazendo rir junto.

— Eu estava voltando para a Califórnia, Evan. — Ela para e me faz olhá-la com um pequeno aperto em minhas mãos. — Estava voltando para lá, porque era onde você estava e porque lá é a nossa casa.

— Eu sei.

— E eu estou tão feliz em voltar — ela afirma com um grande sorriso. — Não duvide um segundo disso e eu estarei feliz em San Francisco se você quiser se mudar, em Nova York, Texas, quem sabe a lua... eu ainda estarei feliz.

— Isso serve para você também — eu a lembro com um beijo rápido. — Morar na lua parece incrível.

— Podemos comprar a nossa cratera lá.

— Nós podemos... podemos qualquer coisa, Lizz.

E eu definitivamente acredito em minhas palavras, dessa vez, ainda mais que em qualquer outro momento antes desse. Lizz volta a caminhar, me puxando pelo braço e me obrigando a fazer o mesmo. Ocupo o meu lugar ao seu lado quando enfim embarcamos, segurando a sua mão com força enquanto o avião decola. Esses são os minutos mais tensos. Ela aperta os meus dedos entre os seus sem piedade alguma, ao mesmo tempo que fecha os olhos com força e prende a respiração. É inevitável não achar engraçado, embora eu devesse apenas consolá-la ao invés de rir.

— Você é muito mau — ela me diz, assim que abre os olhos e volta a respirar lentamente.

— Eu te amo — recito, ao invés de responder a sua acusação. Trago a sua mão até minha boca, a girando rapidamente para beijar o seu pulso.

— É bom amar mesmo — ela replica com um sorriso torto, voltando a

sua atenção para as nuvens que começam a surgir do lado de fora.



Os primeiros dias do retorno de Lizz à Califórnia foram, sem dúvida alguma, os mais felizes que passamos juntos até então. Uma parte do meu bom senso tinha medo que essa felicidade e sintonia fossem apenas reflexo do tempo que passamos separados. Mas estávamos trabalhando para o êxito do nosso casamento e conversávamos sobre tudo; isso era um avanço imenso. Até mesmo a mais ínfima coisa, aquela que geralmente ocultamos para manter o outro feliz, era dita. Lizz geralmente ficava brava por cinco, talvez dez minutos, o mesmo acontecia comigo. Então isso passava e seguíamos em frente. Até sentia falta dos seus insultos em espanhol, às vezes.

Eu estava trabalhando menos, entenda-se por isso: poucas idas ao restaurante. A maior parte do trabalho era feito sem que eu precisasse me deslocar e estava funcionando muito bem. A inauguração do meu restaurante em San Francisco foi um sucesso, isso foi o que Ben me contou. Mesmo que Lizz tenha se prontificado a me acompanhar, optei por não me deslocar da Califórnia até lá. Damian estava certo; sonhos são facilmente reformulados e uma rápida viagem até a Espanha foi tudo o que bastou para que os meus fossem completamente modificados.

Lizz e Sophie são minhas prioridades, isso jamais será esquecido novamente. O oitavo mês de gestação chegou, e junto com ele, a ansiedade de Lizz em deixar o quarto da bebê pronto. Era uma tarefa quase impossível quando ela não conseguia se decidir por nada. E eu estava me divertindo de verdade. Mesmo que nunca tenha me imaginado vivendo entre fraldas e chupetas, descobri da melhor maneira possível, que isso poderia ser realmente adorável. Já sabia, mesmo antes de conhecer Sophie, que ela seria a criança mais linda de todas e ver suas roupas fofas em pequenos cabides ainda mais fofos, só me confirmava esse fato. E o meu amor por ela só crescia a cada dia.

— Lizz! — eu a chamo assim que entro em casa.

— Na cozinha! — ela grita com a voz abafada. O motivo disso se torna claro quando a encontro com uma colher de mingau de aveia na boca. Deus, ela ama isso, e juro que imaginei que ela fosse enjoar em algum momento.

— Tenho uma surpresa para você — digo, me apoiando no balcão.

— Sim? — ela indaga, visivelmente interessada enquanto abaixa a

colher. — Que tipo de surpresa?

— Na verdade... — falo, erguendo a mão para que ela espere, ao mesmo tempo que começo a tirar a minha camiseta. — São duas surpresas.

— Duas? — ela repete, ainda mais interessada.

— Uma... eu não farei suspense algum — digo, terminando de tirar a minha camiseta. — A outra, você só saberá hoje à noite.

— Ok. — Ela sorri lentamente, os seus olhos brilhando enquanto buscam algo de diferente.

— Venha mais perto — eu a convido, jogando a minha camiseta em uma das cadeiras.

Lizz sai de seu lugar e contorna o balcão até parar em frente a mim. A sua barriga está imensa e cada vez mais linda, esse é o momento mais especial da sua gravidez para mim. Quase todas as noites enquanto ela dorme, eu estou acordado, conversando com Sophie através da sua barriga. É mágico... Sophie e eu já temos grandes planos.

— Então — Lizz balbucia, chegando mais perto. Seus olhos viajam pelas minhas tatuagens... O leão em meu peito, a inscrição em latim em minha costela, a sua rosa azul logo abaixo... — Você não fez isso!

— Eu fiz.

Ela toca gentilmente a tatuagem fresca, um complemento para a rosa azul que já estava aqui. Faz menos de uma hora que eu a fiz, então está dolorida, ainda assim, não me afasto e permito que ela a observe o quanto queira.

— Você não fez isso — ela repete, se afastando um pouco e tocando a sua barriga.

Eu só sorrio. *O que mais posso dizer?* Ela irá entender, eventualmente. Mas essa não é realmente a reação que eu esperava. Achei que ela fosse dar pulos, não literalmente, de alegria.

— Você não gostou? — sondo, colocando as mãos nos bolsos para encará-la com atenção.

— Você é louco!

— Eu sei. — Dou de ombros. Não é nada que eu já não tenha ouvido anteriormente. — Mas, então?

— Eu amei! — exclama com um sorriso fofo. — Mas ainda não acredito que fez algo assim.

— Eu fiz... — afirmo, olhando para o seu nome e o de Sophie, marcados de forma permanente em minha pele, junto à rosa azul. — E

quando Sophie nascer, tatuarei os seus pezinhos bem aqui.

Aponto para o lugar vago em meu peito, enquanto ela sustenta o seu sorriso. Todas as minhas tatuagens têm um significado importante, de certa forma cada uma delas marcou um momento crucial em minha vida. Porém, nenhuma delas tem um significado tão forte quanto essa que acabei de fazer. Tão emblemático e tão claro ao mesmo tempo.

— Você é tão intenso... — Lizz murmura, se aproximando mais uma vez e beijando o meu peito no lugar exato que acabei de apontar.

— Você não gosta de intensidade? — pergunto, piscando para ela.

— Ah, eu adoro, mas só a sua.

— Isso é bom. — Sorrio em sua boca, antes de beijá-la.

— E a outra surpresa? — Ela me lembra, entre beijos.

— Hoje à noite...



Lizz é extremamente transparente e é tão visível que está se roendo de curiosidade. Estamos no elevador e ela não pode ficar parada nem mesmo por cinco segundos. Ela me fez várias perguntas desde o instante em que lhe contei sobre a novidade, isso era de se esperar. Não respondi nenhuma delas. Posso ser muito bom em ser evasivo quando quero. Se ela for um pouquinho atenta, e eu sei que é, será fácil descobrir para onde estamos indo durante o trajeto. É um caminho conhecido para Lizz e muito, muito familiar para mim.

— O seu restaurante? — ela indaga, se afastando bruscamente da janela do carro para me olhar. — O que tem lá para nós?

— Convenhamos que não seria surpresa se eu te contasse, Lizz.

Ela respira, voltando a se encostar em seu assento como uma criança aborrecida.

— Falta muito? — pergunta, dois minutos depois.

— Você sabe quanto tempo demora a chegar, já estivemos lá outra vez.

— Tem razão — ela concorda, parecendo calcular mentalmente o tempo do trajeto.

— Já estamos chegando — emendo, a fazendo sorrir.

Estaciono na parte de trás do restaurante, o lugar em que geralmente deixo o meu carro quando venho trabalhar não é o mesmo lugar em que o deixei quando Lizz esteve aqui comigo. Então é um cenário novo para ela, isso explica a confusão em seu rosto. Hoje é segunda, o dia em que não

abrimos. Isso significa que somos Lizz e eu apenas, além de um grande silêncio ao nosso redor. Saio do carro e abro a porta para ela, então damos toda a volta necessária até a fachada do restaurante. Existe uma pequena rampa lateral que nos leva até a entrada com portas de vidro, mas eu continuo caminhando com Lizz, até que estejamos do outro lado da rua. Há restaurantes de diversos tipos em todo o quarteirão, porém, a maioria deles também está fechada hoje. Sendo assim, pouquíssimos carros passam pela rua a essa hora. É o cenário perfeito.

— Por que estamos do outro lado da rua? — Lizz me questiona com diversão evidente em seu rosto redondo.

Ela me disse, há alguns dias, que seu nariz parecia uma batata. Isso me fez rir por longos minutos, antes que ela me batesse e me pedisse, com tanto carinho, que eu parasse de gargalhar. Não consigo me esquecer disso e cada vez que olho seriamente para Lizz, tenho vontade de rir um pouco mais.

— Está olhando para o meu nariz? — ela quer saber.

— Não — nego, beijando as suas palavras para desviá-la do assunto repentino. — Feche os olhos.

Ela faz o que pedi sem me questionar, algo provavelmente doloroso para Lizz. Seguro suas mãos e a levo até o lugar exato que preciso que fique. O lugar que a colocará exatamente em frente ao restaurante. Um lugar privilegiado para o letreiro com o seu nome em evidência. Fico atrás de Lizz, massageando o seu ombro, antes de sussurrar em seu ouvido:

— Pode abrir!

Diferente do que pensei; ela abre os olhos vagarosamente. Tenho quase certeza de que um olho primeiro que o outro. Parece até que ela está receosa sobre o que irá encontrar quando olhar para o restaurante.

— É algo bom, posso garantir — eu a tranquilizo, ainda murmurando em seu ouvido.

Seu rosto se ilumina e é um reflexo tão verdadeiro do próprio brilho que há em meus olhos. Não me canso de ver essa fachada. Acho que o fiz um milhão de vezes desde que mudei o nome do restaurante há alguns dias. Nunca estive tão orgulhoso de possuí-lo, como me sinto agora.

— Você mudou o nome — ela murmura sem se virar, com as mãos na boca e os olhos marejados.

— Sim.

— É o nome da nossa filha... meu Deus, é absurdamente lindo!

— Na verdade, eu acrescentei um S ao final de Sophie, foi puramente

visual. O efeito continua o mesmo.

Antes se chamava *Carter's*... sim, o quão egocêntrico isso soa agora? Meu ego era realmente gigantesco. Estou feliz por tê-lo renomeado com algo que tem um significado tão importante. O nome da minha filha, meu maior tesouro. Eu até compraria um barco, e não me importaria em passar os próximos vinte anos o pagando, somente para chamá-lo de Sophie também.

— É lindo de qualquer jeito, não estou acreditando.

— O de San Francisco está da mesma forma — eu conto a Lizz. — Você acha que ela irá gostar disso quando crescer?

Ela finalmente se vira, me abraçando da melhor maneira que consegue. Afasto o cabelo do seu ombro e beijo suavemente o local agora exposto.

— Ela irá amá-lo tão enlouquecidamente — ela profetiza com o rosto em meu peito. — E saberá que é amada da mesma forma.

— Ela será, ela já é.

— Eu sei, é impossível não notar o amor que vem de você; ele é tão palpável — Lizz diz, deslizando uma das mãos pela minha cintura. — E Sophie terá um orgulho tão grande do homem que você é.

— É o que mais quero na vida — confesso, a abraçando com mais força. — O orgulho que nunca fui capaz de sentir pelo meu pai, eu quero desesperadamente que Sophie sinta por mim.

— Assim será — ela afirma quando nossos olhos se encontram e ela deixa um beijo em meu queixo, antes que eu segure o seu rosto e a beije com lentidão. Um beijo que transborda amor e me faz ter a absoluta certeza de que sou o homem vivo mais feliz sobre a Terra.

— Vamos entrar — eu a convido, depois de morder a sua boca e me afastar um pouco. — Tem algo especial para você lá dentro.

— Sim? — Aceno em resposta, olhando para os lados enquanto a puxo junto comigo. — Como estamos românticos hoje, não é?

— Eu te disse que era romântico, você não acreditou. — Dou risada, pisando agora na calçada do restaurante. — Então só me resta provar a você.

A mão de Lizz se solta da minha, mas seus passos continuam ecoando em minhas costas no primeiro minuto, por esse motivo eu não me viro de imediato. Eu só o faço alguns segundos depois, quando percebo que ela parou de andar. Ela está parada, olhando para os pés quase ocultos pelo seu vestido longo, a mão na barriga e uma careta de dor em seu rosto bonito. Eu congelo, a sua expressão tem o poder de me apavorar na velocidade da luz. Não pode ser o bebê, ainda faltam vinte dias para ela nascer.

— O que foi, Lizz? — questiono, caminhando apressadamente pelo pequeno espaço que nos separa.

— Acho... — ela gagueja, olhando-me de forma assustada. — Não tenho certeza...

— O quê? — incentivo-a.

— Acho que estou em trabalho de parto.

— Como você sabe? Ainda não está na hora.

— Sou enfermeira e li muito a respeito disso, eu queria estar preparada — ela diz, com calma. — E não surte.

— Estou em vias de... — exaspero. — Mas prossiga.

— Venho sentindo uma dor estranha nas costas e barriga o dia todo. Acho que são contrações.

— Você acha? — Estou um pouco bravo agora, mas tento disfarçar, provavelmente não tão bem como quero.

— Eu disse para não surtar.

— Estou calmo. — A minha voz diz outra coisa.

— Também acho que a minha bolsa acabou de romper — Lizz acrescenta, apertando o tecido do seu vestido com uma expressão ainda maior de dor.

— Não consegue ter certeza? — eu a incentivo com o máximo de carinho que consigo. Ela não deveria estar tão indecisa assim. Preciso de algo mais concreto, pelo amor de Deus!

— Minhas pernas e pés estão molhados sob esse vestido, então sim, eu tenho certeza — ela enfatiza sem se mexer.

Eu também não me mexo. Não sei se posso tocá-la agora, quando ela parece estar sentindo tanta dor. Tento entender como isso aconteceu tão rápido, Lizz estava bem há cinco minutos.

— Me leve para o hospital! — ela grita, me tirando do torpor. — O bebê está nascendo.

— Fique aqui — digo a ela, antes de correr até o carro.

— Não vou a lugar algum — ouço-a dizer atrás de mim.

Atrapalho-me com o alarme e quase não consigo abrir a porta, por esse motivo eu dou a mim mesmo um minuto para me acalmar. Não quero surtar, essa é uma situação natural e podemos passar por ela da melhor maneira possível. Quando me sinto mais centrado, manobro o carro até onde Lizz ficou. Saio e a ajudo a ocupar o seu lugar no assento de passageiro. Ela parece mais calma também, acho que a contração passou. Pelo pouco que sei

é assim que elas funcionam, indo e vindo com uma frequência cada vez maior até que o bebê nasça.

— Sophie vai nascer — digo a Lizz, apertando o seu joelho, enquanto saímos do estacionamento do restaurante.

— Meu Deus, ela vai — ela sussurra um pouco chocada, me analisando com grandes olhos. — Está preparado?

— Não — admito com sinceridade, ao mesmo tempo que um sorriso genuíno nasce em meus lábios. — Mas eu nunca estive tão feliz.

Não foi assim que imaginei que a noite terminaria, mas desde a noite em que encontrei Lizz no aeroporto, estou começando a acreditar que os planos do destino são infinitamente melhores que os meus. Sophie está ansiosa para chegar ao mundo.

E eu estou ansioso para ampará-la em meus braços.



Meu pequeno anjo

Lizz

Se eu não estivesse tão ansiosa para chegar ao hospital, ficaria preocupada com a forma com que Evan está dirigindo agora. O nosso trajeto de volta certamente não será feito da mesma forma. Mas digamos que a minha ansiedade tem me cegado temporariamente, também posso dizer que o meu bom senso não está em seu nível máximo nesse instante.

Eu estou me controlando da melhor forma que posso para não surtar, sabendo que deveria ter dado mais atenção às minhas dores de mais cedo. Só imaginei que elas pudessem ser uma espécie de alarme falso, bem elas não eram. Estamos bem distantes do hospital, quem iria prever que o nosso destino final seria nele? Sophie não deveria estar querendo nascer agora, não hoje com certeza. Eu só tenho rezado para que ela esteja pronta e venha cheia de saúde a esse mundo. Tenho controlado o tempo e o intervalo das contrações com o relógio de pulso que Evan me deu para segurar. Elas não estão tão longas por sorte e o intervalo de uma à outra tem sido em média de cinco minutos. Provavelmente estou na metade do meu trabalho de parto. Minhas orações também são para que ele não seja demorado. Li muito a respeito e espero ser a exceção à regra do primeiro parto alongado. Na verdade, não sei se deveria ter lido tanto sobre esse assunto, porque agora estou assustada com tantas possibilidades.

— Chegamos! — Evan anuncia, depois de estacionar na vaga mais próxima à entrada da emergência. Não quero ser eu a informá-lo, mas acho que é a vaga de um médico.

— Estamos vivos? — pergunto tocando o meu rosto, enquanto ele ri.
— Você dirigiu feito um doido.

— Me perdoe — ele lamenta, já do lado de fora e me ajudando a sair também. — Essa é uma situação atípica, eu nunca dirigi com uma grávida em trabalho de parto ao meu lado.

— Fico feliz em te proporcionar essa experiência — brinco, quando começo a dar os primeiros passos até a recepção. — Espere...

Preciso parar já no início do caminho, quando uma contração me atinge. Não é tão forte, tampouco tão dolorosa; mesmo assim aperto

fortemente a mão de Evan, talvez porque ela seja a coisa que está mais próxima do meu alcance.

— Respire — ele me lembra, provavelmente por achar que me esqueci disso. Mas estou respirando, eu nunca me empenhei tanto em respirar como estou fazendo agora.

— Passou — eu o aviso, voltando a andar. — Estou bem.

Ele parece não acreditar tanto assim, mas não podemos ficar parados aqui no estacionamento até que ele tenha certeza de que estou sendo sincera. Estou andando sem grandes dificuldades, mas fico grata pela cadeira de rodas que é colocada à minha frente assim que Evan comunica à recepcionista de plantão que estou dando à luz. A verdade é que estou cansada, um sintoma normal em minha posição. Enquanto Evan preenche toda a papelada necessária para a minha internação, uma enfermeira vem em meu auxílio. Ela me leva até o quarto e sou grata também por enfim trocar o meu vestido molhado por uma das camisolas do hospital. Ela me examina e parece acontentada com o meu progresso, automaticamente me sinto um pouco mais confiante com o seu sorriso encorajador.

— Está com quase cinco centímetros de dilatação. — ela me informa após tirar suas luvas e higienizar suas mãos com o álcool em gel preso à parede. — Qual a duração da última contração?

— Trinta segundos, talvez um pouco mais — informo, me atentando aos fios que ela está anexando a minha barriga e que estão conectados a um monitor ao lado da cama.

— Isso é bom. — Ela parece feliz e extremamente amável, graças a Deus por isso. Eu teria que derrubar algumas lágrimas se nesse instante me deparasse com alguém impaciente e que faz o seu trabalho com desdém... convenhamos que estou extremamente emocional essa noite. — Qual a intensidade delas?

— Mediana, acho que ainda não atingi o ápice da minha dor.

— Não, porém estamos a caminho. Mas se isso serve de consolo; quando chegarmos lá será muito rápido — ela diz com um sorriso largo. — Preparada?

É a mesma pergunta que fiz a Evan no carro. Não, eu não estou preparada. Mas existe alguma possibilidade que eu esteja? Não com esse turbilhão de emoções me atingindo de repente. Minha vida irá mudar por completo e, embora eu já soubesse disso antes, estou apavorada nesse instante.

— Não muito — digo por fim, com um sorriso vacilante. — Mas estarei daqui a pouco.

— Eu sei que isso assusta — ela fala quase ao mesmo tempo que os batimentos cardíacos do bebê encham a sala. *Amo, amo esse som.* — Porém, você verá que vale muito a pena.

— Não tenho a menor dúvida — afirmo, sem conseguir desgrudar os olhos do monitor e acompanhar o coração forte de Sophie. Eu nunca duvidei que ela valesse qualquer dor.

— Vou verificar a grávida ao lado, se precisar de algo é só chamar.

— Obrigada, Chris — agradeço, olhando para o nome em seu crachá antes que ela se afaste.

— Volto logo!

Ela sai apressada, mas a sua energia positiva permanece no ar. Permito-me enfim soltar o peso do meu corpo por completo nos travesseiros às minhas costas e fechar os olhos. Sentada aqui, em uma cama de hospital, com alguns fios conectados a minha imensa barriga — a barriga para a qual direi adeus essa noite — e, enquanto ouço os batimentos rápidos do coração de Sophie, tenho muito tempo para pensar. Entre uma contração e outra, é óbvio. Deixe-me lembrá-los: as pessoas romantizam a gravidez. Fazem tudo parecer adoravelmente lindo e perfeito, os nove meses mais espetaculares de toda a sua vida. Mas... bem, podemos sim defini-los como mágicos em vários sentidos, em contraponto é tão assustador quanto bonito. Não há sequer a ínfima possibilidade de passar por esse período e voltar a ser a pessoa que era antes de gerar uma vida. As mudanças são gigantescas, físicas e emocionais. Nada nem de longe será a mesma coisa e é isso o que causa tanto medo.

A Lizz que existiu antes de Sophie, parece agora uma lembrança distante. Aquela Lizz era tão despreocupada, tão leve, ela acreditava em viver sem planos ou garantias, um dia após o outro. Eu não posso mais ser assim, não que eu julgue que o meu coração de mãe iria me dar esse privilégio. Eu planejei toda a minha vida para os próximos anos, o tipo de mãe que quero ser; as coisas que desejo ensinar a minha filha; o tipo de lar no qual eu quero que ela cresça. Para isso foi necessário que eu me transformasse na mulher que sou agora — em um curto período — e ainda assim não me sinto totalmente preparada. Sei que irei errar tanto, porque isso é algo que nenhum livro ou tutorial da internet pode me ensinar. Eu rezo e peço encarecidamente que o amor, esse gigante e profundo amor me guie, pois não tenho mais tempo. Sophie achou que precisava chegar antes da hora e se ela acha que

essa é o momento, então essa data não poderia ser mais especial. Vou contar a ela sobre isso, lhe dizer que foi ela quem escolheu o dia de nascer. Exatamente o dia em que seu pai tatuou o seu nome e renomeou o seu restaurante e o chamou de Sophie's. Já me vejo repetindo essa história diversas vezes e sei que ela irá sorrir cada vez que a ouvi-la.

Então basicamente a gravidez é um momento complexo, ou dizer isso é um completo eufemismo? De qualquer forma eu afirmo com todas as letras, não abriria mão de nada do que vivi até aqui — por mais doloroso que algumas coisas tenham sido. Tudo o que eu sinto agora é que estava destinada a esse momento. Algo ainda mais forte que a minha ligação com Evan ou que o amor que sinto por ele. Eu nunca senti tanto medo. Mas a coragem é tão grande quanto. Quase como se eu fosse maior do que realmente sou. Isso é ser mãe, não é? Duvidar e ter certeza. Acreditar e ter medo. Amar incondicionalmente antes mesmo de ter o seu filho nos braços e o amá-lo ainda mais depois disso. Então, será que estou pronta para tudo isso? Sim, eu estou.

Quinze minutos e quatro contrações depois, Evan entra no quarto. Ele parece um pouco mais calmo agora e, pela sua demora, devo deduzir que ele usou um pouco desse tempo para fumar lá fora. Nos últimos meses, não o vi fumar uma única vez, mas sei que ele não largou completamente o vício. Eu me lembro da nossa conversa em seu quarto de hotel em Mijas — um tempo realmente distante. Mas ele me disse que não havia encontrado ainda um motivo para largar o cigarro. Agora é óbvio que ele finalmente encontrou um. Porém, estamos falando de uma tarefa complicada, deixar velhos hábitos para trás nem sempre é fácil. Deve ser como o chocolate e eu. Em horas assim, realmente faria bom uso da minha dose diária dele.

— Como você está? — questiona, ao me entregar um copo com gelo, e me beijar em seguida. — Peguei para você.

— Obrigada — agradeço, mesmo sem entender ao certo para que preciso disso.

— Então, tudo bem? — Evan insiste, puxando uma cadeira para sentar-se ao meu lado na cama.

— Sim. — Sorrio calmamente, um grande contraste com a minha mente agitada. — Você precisa ir buscar as coisas de Sophie em casa, as minhas também.

— Eu irei — ele concorda com rapidez, antes de completar: — Depois que ela nascer.

— Mas, Evan... — tento argumentar, inutilmente.
— Não correrei o risco de perder o parto, Lizz.
— Ela não irá nascer nesse exato instante, Evan. — Deus sabe o quanto eu queria que fosse exatamente assim. — Não temos nada nosso aqui.
— Nosso apartamento é a quarenta minutos da maternidade, não irei arriscar.

Eu não quero me sentir frustrada por algo tão bobo, mas nada do que planejei para esse dia está acontecendo. Na verdade, tem sido absolutamente diferente do que sonhei. E sim, eu gostaria que Sophie fosse enrolada no cobertor fofo, rosa e cinza que comprei para ela há algumas semanas. Sem falar na touquinha da mesma cor com o seu nome bordado na lateral, que seria a sua primeira peça de roupa. Agora eu me culpo por não ter sido mais responsável e não pensado nos imprevistos que poderiam surgir pelo caminho. Deveria ter deixado sua mala no carro se acaso precisássemos.

— Você deveria ter deixado a mala no carro — Evan pontua, repetindo exatamente o que pensei. Ou será que eu apenas disse em voz alta?

— Eu deveria — concordo, fechando os olhos. Definitivamente não estou em condições de argumentar... mesmo assim eu irei. — Isso se eu soubesse que algo assim pudesse acontecer.

— Eu sei. — Ele ri, enquanto aparentemente pensa em uma solução.

— Ok, não é tão importante — digo, decidindo por ele.

No fundo eu sei que isso não é realmente importante. São apenas roupas. Eu mantereí Sophie enrolada no lençol do hospital e bem presa ao meu peito até que sua mala chegue. Estou morrendo de amores ao imaginar essa cena. Ela irá reconhecer a minha voz como nos filmes?

— Vou pedir para o Ben trazê-las — ele diz finalmente.

— Ele tem a chave do nosso apartamento? — pergunto um pouco surpresa.

— Eu lhe dei uma cópia há alguns meses, para uma eventual necessidade.

— Essa é uma eventual necessidade — digo, apertando o copo em minhas mãos.

— Ele nunca precisou, é claro. Mas hoje será útil.

— Tudo bem.

— Onde estão as coisas que precisa? — Evan me pergunta, tirando o celular do bolso.

Preciso de um tempo para responder quando uma contração fortíssima

me rebate. Então, quando por fim posso falar novamente, conto ao Evan onde as bolsas estão e ele sai do quarto para ligar para o amigo.

Duas horas depois, Ben aparece com as nossas coisas. Ele não fica por muito tempo, aparentemente sou bastante assustadora para ele nesse instante. A essa altura, o meu trabalho de parto teve uma grande evolução. Contrações longas e constantes e extremamente dolorosas. Meia hora antes precisei fazer a importante escolha sobre ser ou não anestesiada e, por algum motivo extremamente idiota, optei por não ser. Nesse instante estou achando que foi a decisão mais tola que já fiz em toda a minha vida. Mas não há volta. Sophie está cada vez mais perto. O obstetra de plantão me examinou e disse que agora é só esperar a natureza seguir o seu curso. Três horas depois, eu descubro que a natureza não tem pressa alguma e está muito satisfeita em me fazer sofrer por mais algum tempo.

— Sabe o que eu descobri? — pergunto a Evan, ao mesmo tempo que tento encontrar uma posição confortável para ficar. Meu corpo está exausto e tem exigido de mim, mais do que posso dar.

— O quê? — pergunta, flexionando levemente os dedos da mão que eu quase quebrei há instantes. Ainda assim, ele parece estar achando graça em toda a situação.

— Que sou pouco tolerante a dor, bem pouco. Na verdade, a minha tolerância é quase inexistente.

Ele sorri e por alguns segundos me esqueço da dor. Foi por causa desse sorriso que tudo começou e, mesmo depois de tanto tempo, esse sorriso ainda tem o mesmo efeito em mim. É a minha parte favorita dele. São borboletas em meu estômago? Ou apenas um bebê querendo nascer?

— Você vai se esquecer da noite de hoje — ele me encoraja, beijando a minha barriga com carinho. — Quando alguém lhe perguntar como foi, nem saberá dizer se doeu ou não.

— A minha memória é muito boa — rebato sem fôlego. — Eu me lembrarei, acredite... acho que Sophie será filha única.

— Sim? — O seu sorriso aumenta significativamente. Ele acha que estou dizendo isso apenas pela dor. — Você me disse que queria ter filhos, no plural pelo que posso me recordar.

— As pessoas mudam de opinião, acho absolutamente aceitável.

— Esse não é o momento para essa discussão.

— Acho que é o momento mais oportuno, na verdade.

— Ok, eu aceito o que você decidir — ele anuncia, usando a mão que

não está tocando a minha barriga para afastar o cabelo do meu rosto.

Talvez seja uma bênção que eu não tenha forças para ir até o banheiro e me olhar no pequeno espelho que está lá. Posso garantir que não estou nem um pouco bonita agora. Bem diferente daquelas mães supermaquiadas e com cabelos impecáveis em fotos com seus bebês recém-nascidos. Não, eu certamente não serei essa mãe.

— Você não se importaria se não tivéssemos mais filhos?

— Não — ele responde sem hesitar. Talvez seja a tática para me fazer mudar de opinião. — Sophie irá ocupar todo espaço do nosso coração, ela será a nossa princesa.

As suas palavras trazem um sorriso ao meu rosto, ou uma tentativa meio torta de um. A cada minuto, eu sonho com Sophie e o passar desses mesmos minutos é o que a coloca mais próxima de mim; de nós.

— A nossa princesa! — repito, acariciando os cabelos de Evan, enquanto a sua cabeça descansa próxima a minha barriga.

O tema sobre possíveis futuros filhos acaba se tornando um assunto para depois. A questão é que meu amor por Sophie já é tão gigantesco, que imagino que não restará espaço para outro bebê. A vida pode me mostrar que estava errada ao longo dos anos ou me confirmar que estava certa.

A madrugada chega e junto com ela o ápice das minhas dores e estou absolutamente exausta, adoraria dormir ou somente cochilar se as minhas contrações me permitissem. Mas elas não me dão folga. Sim, não aceitar aquela anestesia foi a decisão mais tola da minha vida. Sinto-me uma maratonista prestes a cruzar a linha de chegada. O problema é que não estou muito certa se meu corpo consegue correr mais alguns quilômetros.

— Você consegue — Evan sussurra em meu ouvido, enquanto meu rosto está em seu ombro e ele massageia as minhas costas. Ele é um bom marido e tenho me controlado para não xingá-lo ou culpá-lo por toda a minha dor.

— Obrigada. — Levanto a minha cabeça para beijá-lo.

Isso exige muito de mim, mas eu quero que ele saiba que ainda o amo. Apesar de todas as ofensas que passam em espanhol pela minha mente, direcionadas a ele ou até mesmo a doce enfermeira, que para mim não é tão doce agora. Poderia fazer bom uso dos meus insultos em espanhol e eles não entenderiam absolutamente nada.

— Falta muito pouco agora — ele diz segurando o meu rosto e me beijando de volta.

— Eu estou muito cansada — confesso, deitando a minha cabeça em seu ombro novamente. Eu tentei ser forte e não reclamei uma única vez até agora. Mas quanto mais o tempo passa, mais doloroso fica e eu sou humana... bem humana.

Ele me consola, sussurrando em meu ouvido palavras de carinho que são quase inaudíveis para mim. Mas mesmo que eu não as entenda completamente; ainda sinto o seu amor tão tangível. Permaneço apegada a esse amor e me mantenho o mais firme que posso. Pouco mais de uma hora depois, o obstetra me examina e diz que estou pronta para empurrar. Essa informação me atinge de diferentes formas. Estou morrendo de medo, isso é fato. Evan está ao meu lado e mesmo que ele se mostre forte e corajoso, sei que ele também está com medo. Seremos três, seremos responsáveis por essa pequena vida de agora em diante. Teremos a grande missão de lhe proporcionarmos a linda existência para a qual Deus a destinou. Seremos o seu tudo por muito tempo, papai e mamãe, e ela será o nosso pequeno anjo. Ele me beija uma última vez antes de iniciarmos nossa rotina de parto.

Eu empurro enquanto eles contam até dez. Paro, respiro, me encosto ao travesseiro; então volto ao início. Não tenho noção do tempo, tudo ao meu redor se tornou um grande borrão. As vozes ao meu lado não cessam. Estou cada vez mais exausta e eles não param de me incentivar. Tudo depende de mim e isso de alguma forma me faz mais forte. O médico me diz que já consegue ver o cabelo de Sophie e que ele é escuro como o de Evan. Isso me faz rir, ou será que estou chorando? O provável é que seja uma mistura de ambos. A cada minuto, uma nova informação faz meu coração saltar dentro do peito. Ela está nascendo e eu estou envolta na mais poderosa nuvem de emoção que já provei. Lutando contra o meu próprio corpo, correndo ao encontro de Sophie... então ouço o seu choro, ele é tão alto, tão poderoso. O mais genuíno sopro. A minha linha de chegada. Ela permanece chorando, agora mais suave, mas doce. Meus olhos se fecham e me deleito com esse som.

Achei que fosse enlouquecidamente apaixonada pelo som do seu coração, mas decidi que amo ainda mais o seu choro. Abro os meus olhos quando ela é colocada sobre a minha barriga e há tanta luz no quarto. Não sei se os outros conseguem enxergá-la como eu, é a luz de Sophie. Ela é o próprio sol agora. E Deus, eu não posso acreditar que ela estava dentro de mim. Tão linda, tão perfeita. Olhá-la assim de perto me faz chorar ainda mais. Eu nunca me esquecerei desse momento. Ela ainda chora,

provavelmente tão assustada com o mundo barulhento ao seu redor. Coloco as mãos em suas axilas com delicadeza e a trago mais perto do meu peito. Beijo o seu rosto, seus olhinhos estão fechados, mas ela relaxa com o nosso primeiro contato. Sua mão tão pequena se enrosca fortemente em meu dedo indicador. Um gesto tão pequeno, mas que, de repente, preenche todos os espaços vazios em mim. Ela sabe que sou sua mãe, sabe que eu a amo e irei protegê-la sempre.

— Sophie — sussurro em seu ouvido, tão suavemente quanto posso e ela para de chorar. Sim, ela reconhece a minha voz. — Seja bem-vinda, meu amor, minha Sophie linda!

Ela resmunga baixinho em resposta as minhas palavras. Os seus sons são os mais adoráveis que já ouvi. Ela é a personificação da fofura e, mesmo que eu tente me ater ao que continua acontecendo no quarto, não consigo desviar os meus olhos dela.

— Oi, Sophie! — Evan recita ao se aproximar, por um instante eu me esqueci dele; mas ele é a segunda parte do meu coração. Evan e Sophie, os amores da minha vida. — Sou eu, o papai.

Quanto amor pode caber em um único coração? O meu já está transbordando dentro de mim. Desvio relutantemente os olhos de Sophie para encontrar os de Evan. Ele sorri para mim e me beija com carinho. Então noto a touquinha de Sophie em sua mão, antes que ele a coloque nela e termine com um beijo em seu pequeno nariz.

— Eu te amo — ele diz quando toca o meu rosto afastando com o polegar uma lágrima de minha bochecha.

— Eu te amo — recito, tocando o seu rosto com uma das mãos enquanto a outra ainda mantém Sophie junto ao meu peito. E eu não consigo parar de sorrir.



Estamos voltando para a casa trinta e seis horas depois do parto. Apesar de ter nascido quase três semanas antes da data prevista, Sophie estava perfeita. Um bebê cheio de saúde e que transbordava meiguice e doçura. Eu não poderia agradecer o suficiente por tamanha bênção. Era muito mais do que eu merecia. Voltar para a casa com ela em meus braços foi, sem dúvida, uma das minhas maiores felicidades na vida. E se imaginei que esse momento seria o mais temeroso de todos, eu estava enganada. Desde que ela

foi colocada em meus braços pela primeira vez, eu me sentia a mulher mais forte de todo o universo.

— Posso levá-la para o quarto? — Evan me pergunta assim que pisamos no apartamento.

Estamos no final da manhã e o dia lá fora está excepcionalmente calmo. Evan puxou as cortinas da sala e abriu as portas da varanda, então é possível ouvir perfeitamente as ondas do mar e o ronronar suave de Sophie se misturarem. Olho para ela em seu macacão vermelho e casaquinho da mesma cor, presentes da minha mãe. Por algum motivo que eu não me recordo, ela me disse que a sua saída da maternidade deveria ser dessa cor. Meus pais estão distantes e não poderão me visitar tão cedo, sendo assim, achei que essa seria a forma mais fácil de ter um pedacinho deles aqui conosco.

— Claro — digo por fim, entregando Sophie com cuidado para ele. Eu me sinto ciumenta sobre dividi-la com qualquer outra pessoa agora, menos com Evan. Sinto que esse momento é só nosso e precisa ser vivido exatamente dessa forma: a três. — A leve para o nosso quarto.

— Ok — ele balbucia se afastando com calma. Para quem nunca seguiu um recém-nascido antes, ele leva muito jeito. Instinto paterno, certamente e vê-los juntos se tornou a minha coisa favorita. Essa é a visão causadora das minhas borboletas no estômago nas últimas horas.

Acompanho os seus passos na escada até que ele suma dos meus olhos. Vou para a cozinha, deixando o cobertor de Sophie sobre o sofá. Já posso imaginar esse apartamento cheio de vida com os seus brinquedos ao redor. Evan e eu terminamos de decorá-lo há pouco tempo e Sophie era a obra-prima que faltava para, enfim, transformá-lo em um lar de verdade.

Minutos depois subo para o quarto também. Eu me sinto ótima, muito melhor do que achei que me sentiria e subir as escadas não exige de mim um esforço tão grande assim.

Evan colocou Sophie no meio da nossa cama, ela parece tão pequena entre os lençóis brancos. Paro à porta e os observo em silêncio sem que Evan note a minha presença. Ele está sentado ao seu lado com as costas apoiadas na cabeceira, enquanto mexe em seu celular e tira várias fotos da filha. Eu mesma gostaria de estar com o meu celular e fotografá-los também. Sim, eu estou morrendo de amores por tudo isso, mais a cada segundo. Ele me vê algum tempo depois e sorri lindamente para mim. Acho que Sophie irá se parecer com ele, ao menos ela tem o mesmo tom de pele, cabelos e olhos. Eu quero que ela tenha o mesmo sorriso, porque Deus sabe o quanto sou

apaixonada por ele.

— Venha aqui — ele me chama, murmurando para não acordar o bebê.

Caminho até ele com um sorriso nos lábios e quando chego perto e ele me recebe em meus braços, meu sorriso é ainda maior. Ele encosta a cabeça em minha barriga, como gosta de fazer sempre. Sei que ele conversava com Sophie antes de dormir todas as noites quando ela morava aqui dentro. Confesso que muitas vezes eu fingia que dormia apenas para ouvir a ternura em sua voz. Ele tem um tom de voz que pertence somente à filha. Isso trazia uma grande culpa por tê-lo privado da minha gravidez por alguns meses. Mas isso faz parte do passado.

— Você está feliz? — ele me pergunta levantando levemente a cabeça para me olhar.

— Muito — sussurro, afastando o cabelo de sua testa e deixando minha mão repousar em sua bochecha. — Eu nem sabia que existia tanta felicidade assim.

— Nem eu. — Ele ri, apertando um pouco mais a minha cintura.

— E você? Está feliz também?

— Como eu nunca sonhei que pudesse ser.

— Você merece essa sensação — digo com carinho. — Deveria ter se sentido assim a sua vida toda.

— Você sabe... — ele balbucia pensativo, me fazendo sentar em seu joelho para que nossos olhos fiquem na mesma altura. — Eu finalmente perdoei o meu pai.

— Sim? — Colo minha testa na sua, extremamente surpresa com o assunto repentino. É verdade que nunca mais falamos sobre Victor, não esperava ouvir sobre ele agora.

— Sim, quando Sophie nasceu... olhei para ela e pensei nele, isso não trouxe uma sensação ruim ao meu peito. Estranhamente, me senti grato.

— Por que ele nos uniu? — eu o interrompo com um beijo.

— Porque ele te trouxe para mim, e foi assim que te amei — Ele respira, a sua boca junto a minha. — Então, espero que ele esteja bem.

— Ele está — afirmo, tendo absoluta certeza das minhas palavras.

Evan me beija e Sophie chora baixinho ao nosso lado. Eu gostaria que Victor pudesse nos ver e soubesse que cumpri minha promessa e continuo amando o seu filho com todo o meu coração.



Meu final feliz

Evan

Meus olhos estão fixos no computador à minha frente, mas minha mente, ouvidos e atenção estão presos aos barulhos vindos do segundo andar: em Sophie e Lizz.

É dessa forma que minhas manhãs são preenchidas nos últimos meses. Enquanto trabalho em meu computador na sala, Lizz sempre está com Sophie em nosso quarto ou no quarto dela. A princípio só a voz da minha esposa era audível, já que nossa filha foi desde o seu primeiro suspiro, o bebê mais calmo e adorável que já coloquei os olhos. Então, salvo raras exceções em que ela chorava, quase não ouvíamos barulho algum vindo de seu quarto. Às vezes, eu torcia para que ela chorasse apenas para ouvir esse som divino, que Lizz não saiba disso, ela não ficaria feliz com a informação. Eu posso estar sendo tendencioso e exagerado ao dizer isso e é bem provável que a minha inexperiência com o mundo infantil também me leve a pensar dessa forma, mas se existe realmente uma criatura perfeita, essa pessoa é o meu bebê.

Ela está agora com oito meses e, apesar de sentir que o tempo tem voado cada vez mais rápido, também sou grato por suas risadas e brincadeiras. Sophie ainda não fala, mas cada vez que Lizz conversa com ela, como está fazendo agora, somos agraciados com os seus gritinhos e murmúrios. Ela é tão esperta e cheia de energia, descobrindo o mundo sem medo com olhos brilhantes e cheios de esperança. É quase assustadora a quantidade de amor que vejo direcionado a mim naqueles pequenos olhos. Ela me ama incondicionalmente e eu poderia macular tão facilmente esse amor, talvez um único passo em falso meu, mancharia sua vida para sempre e Deus sabe o quanto tenho me esforçado para ser um homem melhor a cada dia. Por Sophie, por Lizz e por mim também. Porque finalmente me permito o amor que mesmo inconscientemente me julgava indigno.

O passado já não tem nenhum poder sobre mim, o ontem está exatamente aonde ele pertence e não tem nenhuma influência sobre o hoje. Perdoei o meu pai e a minha mãe também; mais do que isso, eu perdoei a mim mesmo. Posso afirmar que isso já me colocou a anos-luz do Evan que fui um dia, e eu gosto muito mais desse cara. Embora eu saiba que ainda há

tanto a ser aprendido, estou tão feliz com a oportunidade de crescer. Já não olho o mundo com arrogância, como se eu fosse esperto demais para que alguém me ensinasse algo que eu não pudesse aprender sozinho. O amor tem sido o meu mestre, vindo de sua fonte mais pura e inesgotável. Foi necessário que uma criança me ensinasse que tudo o que realmente importa é que o amor pode consertar ou transformar absolutamente tudo. E essa é uma lição que não importa o quanto eu viva: eu jamais esquecerei.

Desligo o computador no exato instante em que Lizz desce para a sala com Sophie no colo. Ela está a segurando na lateral do seu corpo e suas pernas rechonchudas se agitam ao redor da sua cintura quando me vê. Isso me faz sorrir, sempre me faz sorrir.

— Acho que tenho algo que lhe pertence — Lizz me diz assim que pisa no último degrau da escada. — Será que você quer?

— Você sabe que eu quero — respondo, piscando para ela. — Eu sempre quero.

— Não diga isso na frente do bebê.

— Como assim? — Dou risada, saindo do sofá e caminhando até elas. — Achei que estivesse falando exatamente do bebê e eu sempre quero o bebê.

— Ah, claro! — Ela suspira, olhando para Sophie e dando risada.

— O que foi que você pensou, hein, Lizz? — brinco antes de beijá-la.

— Nada. — Ela se contorce enquanto beijo o seu pescoço e Sophie puxa o meu cabelo. — Não seja bobo.

— Você é a única boba aqui e isso te deixa bonitinha, eu gosto.

— Tudo bem, eu adoro ser bonitinha para você — ela diz me beijando também. — Mas agora eu preciso ir.

— Ok, me dê o bebê. — Puxo Sophie dos seus braços e ela vem sem nenhuma dificuldade. Geralmente é quando ela se dá conta de que a mãe não estará aqui pelas próximas horas que o desagrado aparece.

— Ela já mamou e o seu almoço está na geladeira, junto com as suas mamadeiras e você sabe onde encontrar suas fraldas e roupas.

— Por que você sempre me diz isso? — eu a questiono enquanto ela se afasta e ajeita o seu uniforme azul de trabalho. — Dia após dia você me repete exatamente a mesma coisa.

— Não sei. — Ela dá de ombros pegando a sua bolsa e caminhando em direção à porta. — Talvez eu tenha medo de que você se esqueça de alguma coisa importante.

— Como eu poderia, se você deixa notas espalhadas pela casa toda — tento falar enquanto Sophie não para de tocar a minha boca. Finjo que vou morder os seus dedos e ela ri.

— Essas mesmas notas te ajudaram em horas de muito aperto, espertinho — ela me lembra, apontando para mim com as chaves na mão. — Não precisa me agradecer por ser uma mãe cautelosa.

— Isso foi antes — eu me defendo. — Depois de três meses cuidando de Sophie sozinho, posso dizer que sou um expert nisso. Sou capaz de cuidar da nossa filha de olhos vendados.

— Claro que é, embora eu espere que você não o faça... papai maravilhoso! — Lizz sorri, nos soprando um beijo carinhoso. — Amo vocês, estarei em casa às seis.

— Também te amamos! — replico ao mesmo tempo que os olhos de Sophie se atentam para a mãe saindo de casa.

A porta se fecha e ficamos ambos olhando para ela por um tempo. Então Sophie se vira para mim e digamos que ela não está tão feliz agora. Tenho certeza de que se ela pudesse falar me perguntaria aonde a mãe foi. Por isso faço questão de sempre lembrá-la:

— Mamãe vai voltar. — Ela permanece me olhando, então faz um bico, aperta os olhos e chora... chora muito.

Geralmente esse choro demora três ou quatro minutos, mas já estivemos em situações em que ele se estendeu por mais dez minutos. Foi uma situação tensa, mas em algum momento ela se acalmou, graças a Deus que ela sempre se acalma. Eventualmente, ela se esquece da ausência da mãe e o nosso tempo junto é cercado de calma. Quando Lizz recebeu a proposta de emprego do hospital no qual está trabalhando há três meses, Sophie estava prestes a completar o seu quinto mês de vida. O fato de nossa filha ser tão pequena ainda e precisar muito da sua presença, fez Lizz vacilar entre aceitar ou não o emprego. Mas eu não tive nenhuma dúvida de que ela deveria dizer sim. O trabalho é definitivamente bom, com um horário flexível e que não a mantém distante por tanto tempo. Não me perdoaria se ela, mais uma vez, perdesse a oportunidade de exercer sua profissão aqui na Califórnia. Cuidar de Sophie foi uma ideia minha. Quem melhor do que o seu pai? É provável que Lizz tenha duvidado da minha real capacidade quando levantei a possibilidade de ficar com o nosso bebê enquanto ela estava no hospital. Depois de muita conversa chegamos a um consenso e tem funcionado muito bem para nós dessa forma.

— O que você quer fazer hoje? — pergunto a Sophie quando ela para de chorar e está muito concentrada em tentar levar o cordão do meu pescoço à boca. — Escolha qualquer coisa.

Eu realmente espero que ela me diga algo, quando eu sei que não me dirá nada. Então, basicamente ser pai significa ser um bobo vinte e quatro horas por dia quando o assunto for a sua filha. E eu faço isso com o maior prazer.

— Sim, essa é uma ótima ideia — digo por fim, quando a minha pergunta não obtém uma resposta, é óbvio. — Era exatamente o que eu queria fazer também.

Ela sorri, como faz na maioria das vezes em que falamos com ela, ainda muito empenhada em comer o meu cordão. Eu o retiro gentilmente do aperto de suas mãos e o guardo na parte interna da minha camiseta, não a deixando muito contente com o meu gesto. Seus olhos estão vermelhos do choro anterior, então beijo demoradamente a sua bochecha em uma tentativa simples de afastar um possível novo drama. Felizmente funciona e ela ri em meu rosto, tentando morder o meu queixo. Seus dentes estão nascendo, isso a deixa desesperada para morder o que estiver mais perto de suas pequenas e curiosas mãos.

Volto para o sofá, me sentando no meu lugar anterior e deixando Sophie ao meu lado, cercada por algumas almofadas. Esse horário é o mais tranquilo do dia, não preciso estar no restaurante antes da uma da tarde. Ligo a TV e ainda consigo ler alguns e-mails em meu celular enquanto Sophie está muito animada com o controle remoto. Ao meio-dia, eu a levo até a cozinha e a coloco em sua cadeira de alimentação. Bem diferente do que eu achei que aconteceria quando Lizz comprou a cadeira, Sophie adora se sentar nela. Provavelmente porque a altura lhe dá uma visão privilegiada de tudo ao seu redor.

Abro a geladeira e não tenho nenhuma dificuldade em encontrar os potes com o almoço que Lizz deixou preparado para Sophie. Não que antes ela não fosse, mas a maternidade a deixou ainda mais organizada e precisamos seguir uma rotina para que as coisas possam fluir da melhor forma. Mesmo que eu tenha afirmado o contrário, ainda não sei lidar com imprevistos enquanto estou sozinho com o nosso bebê. Mas, se eu seguir à risca as instruções da mamãe, nós não corremos risco algum.

— Então, o que será que a mamãe deixou para nós hoje? — digo, me virando um segundo para espiar dentro dos pequenos potes. — Brócolis,

frango e abóbora... O seu favorito.

— *Ahhhhh...* — ela grita de felicidade, usando o seu garfo de plástico para bater no tampo do seu cadeirão, antes de decidir levá-lo à boca. Eu não sei se a sua felicidade será tão grande quando ela realmente souber o peso que a palavra brócolis tem para qualquer criança. Por enquanto a sua animação é muito genuína.

Aquecer a comida demanda pouco tempo e logo estou sentado à sua frente a alimentando. Ela tem um grande apetite para alguém tão pequeno e comer é algo que sempre a deixa feliz. Talvez eu tenha me aproveitado desse fato em horas de aperto e lhe dado comida para distraí-la. Estamos quase no final da refeição quando me dou conta de que deveria ter colocado o seu babador, eu nunca me lembro dele, o que sempre resulta em uma bagunça imensa. A sua roupa, rosto e até mesmo o seu cabelo estão repletos de comida. Confesso que esse cenário é muito diferente quando é a Lizz quem a alimenta. Sou um pouco desengonçado, mas tenho as melhores das intenções.

— Você precisa de um banho — falo, enquanto me afasto com o prato vazio em direção a pia. — Termine a sua sobremesa, então podemos colocar a sua roupa na máquina.

Cortei uma banana em fatias pequenas e as distribuí em um prato, antes de colocá-la à sua frente e deixar que ela se sirva sozinha. A primeira vez que fizemos isso, ela sentiu medo da textura da fruta e acompanhá-la enquanto descobria a sua própria capacidade de segurá-la e comê-la sozinha, foi realmente muito fofo de se ver. Eu não me canso de olhá-la mesmo depois de já ter se tornado um hábito para ela. Para mim ainda não é, e eu me sinto apaixonado a cada gesto seu.

Enquanto ela come, consigo arrumar a bagunça que fiz na cozinha, então, quando Sophie está em sua última fatia de banana, eu a tiro do seu cadeirão.

— Você está bem sujinha, mocinha — sussurro depois de um beijo. — Vamos esconder essa bagunça da mamãe.

Ela sorri e esmaga a banana em sua mão diretamente em meu peito. Então, não apenas as suas roupas estão sujas, mas a minha camiseta também. Deixo as nossas roupas sujas na lavadeira, e limpo as suas mãos, antes de levá-la para o seu quarto. O tempo em que demoro a arrumar a sua bolsa para a nossa tarde no restaurante, é também o momento do dia em que Sophie engatinha pelo tapete e tenta ficar em pé usando o seu berço como apoio. Uma parte de mim está muito ansiosa para vê-la andando, a parte sensata

sabe que não existirá ninguém capaz de segurá-la quando isso enfim acontecer. Problemas em dobro. Dez minutos depois eu a levo para o banho e, quando estou colocando a sua última peça de roupa, ela já está dormindo.

Lizz tem um pouco de inveja do meu dom natural em fazê-la dormir com tanta facilidade. É verdade que talvez seja o banho que a deixe sonolenta, mas não estou aqui para tirar meus próprios méritos. Eu a deixo no berço e aproveito a sua soneca para descer até a cozinha e comer algo. Um banho rápido logo após e quarenta minutos depois estamos prontos para sair. Sophie ainda está dormindo, isso estranhamente facilita a nossa saída e ela permanece dormindo por todo o trajeto até o restaurante. Aliás, devo ressaltar que ela simplesmente ama dormir com o movimento do carro. Uma conversa com o Damian me fez perceber que isso é algo comum entre os bebês. Falando no meu querido amigo, ele ainda continua com a ideia fixa de juntar minha garotinha com um de seus meninos. A verdade é que ele me atormenta em cada pequena oportunidade que tem. Lizz disse que se eu não me importar ele irá parar. *Mas como eu não irei me importar?*

Olho para Sophie através do retrovisor assim que estaciono em minha vaga de costume, na área externa do restaurante. Esse geralmente é o *timing* perfeito para que ela acorde e permaneça feliz pelo resto da tarde.

— Chegamos! — exclamo, me virando rapidamente para olhá-la em seu assento de bebê. Seus olhos estão pequenos e sonolentos, mas ela sorri, tirando a chupeta da sua boca para me oferecer.

Sorrindo também, saio do carro e recolho a sua bolsa do banco do passageiro, antes de destravar o seu cinto e tirá-la de seu assento. O restaurante já se tornou tão comum para ela quanto a nossa própria casa. Estamos aqui cinco dias por semana e o meu escritório se tornou uma extensão do seu quarto, com brinquedos e acessórios para bebê. Se alguém tivesse tido a ousadia de me dizer há dois, ou três anos, que a minha vida seria exatamente assim, a minha resposta mais óbvia seria: *de jeito nenhum*. Porém; eis me aqui e mais feliz do que já estive em qualquer momento da minha vida. É engraçado como as pessoas se surpreendem quando me veem cuidando de Sophie enquanto Lizz trabalha. O que deveria ser algo natural, já que ambos somos responsáveis por ela, se torna algo extraordinário. Alguns me acham especial por esse fato, mas eu apenas me comporto como qualquer outro pai deveria fazer e passar quanto tempo for possível ao lado de Sophie é exatamente o que quero.

Puxo a grande porta de ferro que fica na lateral do restaurante e entro.

Há um pequeno corredor que nos leva até a cozinha, uma porta em cada lado, onde ficam a adega e o estoque. Atravesso a imensa cozinha onde os funcionários estão finalizando o serviço do almoço. Sophie fica sempre fascinada com a movimentação frenética e o barulho cheio de vida que uma cozinha em movimento emana para quem já teve a oportunidade de estar em um lugar assim.

— Oi, Sophie! — Brian, meu subchefe, a cumprimenta com carinho, segurando brevemente a sua mão enquanto passamos por ele com pressa.

— *Oooooohhhh...* — ela grita de volta, se escondendo em meu pescoço com um pouco de timidez.

Essa é apenas uma de suas gracinhas. Na realidade, Sophie herdou a sociabilidade de Lizz. Ela é muito mais carismática aos oito meses de vida, do que eu consegui ser em trinta anos. E ela simplesmente ama estar cercada de pessoas, pessoas essas que a consideram o bebê mais fofo de todos e ela realmente o é.

— Oi, Sophie. — Jesus, meu *maître*, grita quando nos vê do outro lado da cozinha. — Você está linda hoje!

Sophie dá tchau para ele, ao mesmo tempo que ri. Quando estamos indo embora, ela sempre lhe manda beijos. É claro que ela ainda não sabe a diferença entre chegar e sair. Isso se tornou o seu charme e ele faz questão de cumprimentá-la somente para vê-la fazer isso. Até que eu consiga chegar ao meu escritório, todos os funcionários tiraram alguns segundos para falar com minha filha. Ela é como um bebê pop star aqui. Todos a amam.

— Coloque isso na geladeira, por favor — peço a um dos garçons, entregando a bolsa térmica com as mamadeiras de Sophie.

— Sem problemas — ele diz, se afastando em direção a geladeira.

Subo a escada lateral no amplo salão de refeições, ela me leva até o mezanino onde o meu escritório fica. Com exceção da porta de madeira, o ambiente é todo vidrado. Entretanto, as pessoas do lado de fora não podem nos ver, mas eu enxergo perfeitamente tudo o que acontece ao redor.

— Finalmente... — Ben murmura para mim, assim que entro no escritório. Como sempre, ele está ocupando a minha cadeira e sabe que terá que desocupá-la imediatamente.

— Sou o chefe, nem deveria vir trabalhar — replico, jogando a bolsa de Sophie no sofá às minhas costas.

— Então não venha, mas mande a Sophie em seu lugar — ele brinca, deixando seus papéis e planilhas sobre a mesa para vir até nós. — Não é,

Sophie? Quem é o bebê mais lindo da Califórnia?

— Pare de falar com ela assim — o censuro à medida que a sua péssima imitação de voz de bebê se intensifica.

— Ela gosta — ele afirma a roubando de meus braços.

— Ela te acha um bobo, por isso sempre ri.

— Eu sou ótimo com bebês — Ben se gaba, a fazendo gargalhar cada vez mais alto.

— A coloque em seu tapete e vamos começar a trabalhar, não tenho o dia todo.

Ele me ignora, sentando-se à minha frente com Sophie em seu colo. Essa é oportunidade perfeita para ela puxar os papéis sobre a mesa e amassá-los.

— Ela está cada vez mais parecida com você — ele me fala, tirando os papéis da mão dela. — Mas, estranhamente, ela é linda mesmo assim.

— Obrigado. — Dou risada, ignorando o fato de que acabou de me chamar de feio.

Todos me dizem isso, que ela se parece fisicamente comigo. E é verdade. Seu cabelo é bem mais fino que o meu, mas exatamente da mesma cor. Seus olhos são tão parecidos com os meus, que muitas vezes enquanto ela me fita em silêncio, tenha a sensação de que estou me olhando no espelho. Isso faz com que ela se pareça com o meu pai também. Lizz me lembrou disto esses dias, enfatizando o quanto ele ficaria feliz em conhecê-la. Sou grato por essa informação adicional não me machucar mais.

— Podemos trabalhar? — pergunto, estendendo os braços para que devolva a minha filha.

— Claro, mas eu continuo com o bebê — ele exige, beijando o rosto de Sophie.

— Eu não deveria deixar, mas estou de bom humor... Então comece.

Encosto-me à minha cadeira, enquanto ele começa a falar sobre números, contas e rendimentos. Eu não presto atenção a nada, é óbvio, porque Sophie não para de sorrir para mim.



São seis e meia da tarde quando estaciono em minha vaga do prédio. Sei que a essa hora, Lizz já chegou em casa e está ansiosa nos esperando. Eu imagino o quanto ela sente falta da nossa filha, ainda mais por ter passado os

primeiros cinco meses de sua vida sem abandoná-la um dia sequer. A sua saudade é tamanha, que na maioria das vezes mal tenho tempo de colocar a minha chave na fechadura sem que Lizz abra a porta primeiro. Hoje é um desses dias. Ela abre a porta enrolada em seu robe, o cabelo ainda molhado do banho recente e um enorme sorriso para nós. Sophie mal pode se conter de felicidade em meus braços, antes de me trocar pela mãe. Então eu sei que a perdi pelo resto da noite.

— Oi — digo a Lizz a beijando suavemente.

— Olá, como foi o seu dia? — A pergunta é para mim, mas o sorriso em seu rosto pertence somente ao nosso bebê. Eu não posso culpá-la, no entanto.

— Perfeito e o seu?

— Ótimo. Como Sophie se comportou hoje?

— Bem, o mesmo bebê adorável de sempre.

— Ela chorou? Sentiu a minha falta? — Há expectativa em seu questionamento. De alguma forma, o que até sou capaz de entender, ela precisa saber que Sophie sente a sua falta, que a sua ausência não passa em branco.

— Ela chorou — afirmo depois de um tempo, deixando as bolsas sobre o sofá e indo para a cozinha. — Se não contei errado, hoje foram três minutos de lágrimas.

— *Ahhhhh*, que pena do meu bebê — ela lamenta.

— Os bebês choram, não podemos evitar.

— Nós deveríamos...

— Deveríamos, mas não podemos e Sophie quase não chora.

— Isso porque ela é muito amada — ela diz, apertando um pouco mais o bebê indefeso.

— Sim, ela é. — Passo por elas, apertando brevemente a cintura de Lizz e beijando o seu cabelo. Faço o mesmo com Sophie, em seguida. — Vou tomar um banho.

Deixo as duas na sala e subo para o quarto. Estou no último degrau quando nossa pequena balbucia algo, e sei, por toda a experiência anterior, que Lizz me chamará a seguir. Paro ainda de costas e espero que ela diga o meu nome.

— Evan, você ouviu isso? — Viro-me lentamente e a encaro do alto da escada, ela está tão sorridente e distraída, enquanto Sophie tenta desamarrar o seu roupão.

— O que exatamente eu deveria ter ouvido?

— Sophie disse *mama*... foi muito audível, totalmente claro.

Não, ela claramente disse *baba*. Aliás, esse é, com certeza, o seu fonema favorito. Facilmente confundido com *mama* ou mesmo *papa*. Sim, eu já tive a minha porcentagem de felicidade escoando ralo abaixo quando notei a diferença entre uma coisa e outra. Mas Lizz insiste em não querer ver a verdade, e tenho pena de ser a agulha em seu balão repleto de alegria.

— Eu não ouvi — digo, sorrindo também.

— Puxa, que pena.

— Quem sabe na próxima.

— Sim, ela dirá outras vezes, não é, meu amor? — Sophie grita de alegria no momento em que Lizz a ergue no ar e beija a sua barriga.

Toda a minha vida em uma única imagem, meu coração dividido exatamente em duas partes: uma para ela, o amor da minha vida. Outra para ela, a razão da minha vida. Sem deixar de sorrir, me viro e continuo o meu caminho até o quarto ainda ouvindo as risadas vindas da sala.



Em alguns momentos desde que Lizz e eu nos tornamos um casal, eu senti a necessidade de reler a carta que ela me escreveu há tanto tempo. Não sei especificar a exata razão de fazer isso, eu somente o fiz algumas vezes. A carta está tão desgastada e rasurada, que tenho pensado seriamente em emoldurá-la. Não quero que algo com tanto significado se perca ao longo dos anos. Ela é importante para mim, desta vez por razões extremamente óbvias. Foi como tudo começou, e se eu precisasse um dia escrever a nossa história, ela começaria com... *Era uma vez uma carta...*

Em noites em que Lizz está cansada demais e Sophie agitada em demasia para dormir, eu me sento com ela no sofá da sala e lhe conto essa história. Tem muito mais efeito em acalmá-la do que qualquer conto de fadas e eu quero um dia poder lhe mostrar essa preciosa folha de papel.

— Está relendo a minha carta? — Lizz me pergunta, deitando ao meu lado após vir do quarto da nossa filha. A casa está estranhamente silenciosa, então eu sei que ela dormiu.

— Sim — confirmo, olhando para o frágil papel em minhas mãos. — Ela está tão velha agora.

— Faz mais de dois anos que eu a escrevi — ela me lembra. — Mas

posso passá-la a limpo, se quiser.

— Não seria a mesma coisa. — Dou risada, dobrando cuidadosamente a carta e a guardando na gaveta ao lado. — Sophie dormiu?

— Como um anjo — Lizz responde, se aconchegando ao lado do meu corpo e deitando a cabeça em meu peito. — Ela é tão perfeita, você não tem vontade de olhá-la para sempre?

— O tempo todo — digo, afagando seu cabelo. — Mas eu também tenho vontade de olhar para você para sempre, e sei que isso nunca irá mudar.

— Eu me sinto da mesma forma, Evan — ela me diz se levantando para me beijar. — Já lhe disse hoje o quanto eu te amo?

— Hoje, especificamente... — finjo pensar, enquanto ela espalha beijos ternos pelo meu queixo. — Não.

— Isso é imperdoável.

— Eu concordo, quero ouvir todos os dias — falo segurando o seu rosto.

— Eu te amo tanto, tanto! — exclama entre beijos. — Você é o marido mais maravilhoso e o pai mais incrível, vê-lo com Sophie aquece o meu coração de maneira que nem posso explicar.

— Eu te amo também, muito. Sou enlouquecidamente apaixonado por vocês duas.

— Eu sei. — Ela sorri me beijando com mais força, tocando o meu peito nu, apertando a minha cintura quando sobe em meu colo.

Enrosco minha mão em seu cabelo a beijando de volta, a outra mão sob a sua camiseta, subindo lentamente pela lateral do seu corpo em direção ao seu sutiã. Ela ofega, abre a boca e toca a minha língua. O beijo fica mais ousado, urgente, então... Sophie chora. Lizz e eu olhamos ao mesmo tempo para a porta, a minha mão ainda em seu cabelo, a sua boca ainda de encontro a minha. Esperamos e ela chora ainda mais alto.

— Não é possível, ela não dormiu nem vinte minutos — Lizz exaspera saindo do meu colo e colocando um dos pés no chão.

— Eu vou — digo, tocando o seu braço e me levantando com pressa quando o choro se torna mais alto.

— Tem certeza? Eu posso ir, não estou tão cansada.

— Eu vou — repito, voltando para beijá-la uma última vez.

— Tudo bem, eu vou esperá-lo. — Ela sacode as sobrancelhas de um jeito engraçado.

— Então podemos resolver os nossos assuntos inacabados? — brinco

já na porta.

— Isso mesmo.

— Você estará roncando quando eu voltar.

— Eu não ronco! — ela grita, fingindo estar ofendida.

— Um pouco sim — a provoco. — Mas eu gosto, é como o ronronar de uma gatinha.

— Eu te disse que você era um marido maravilhoso? Porque você não é. — Ela ri ao mesmo tempo que joga um travesseiro em mim. Não fico tempo o suficiente para saber se ela iria me acertar, porém, conhecendo a sua péssima pontaria, nós sabemos que não.

Ando apressadamente até o quarto de Sophie e o seu choro começa a suavizar, é quase como se ela soubesse que estou chegando. Eu a encontro sentada em seu berço, olhando para a sua chupeta que Lizz sempre deixa sobre a cômoda, após o seu sono.

— Você quer? — pergunto apontando para a chupeta. Ela sacode a cabeça, com o início de um sorriso nos lábios.

Eu lhe entrego a chupeta e ela graciosamente a coloca na boca. Quando a tiro do berço, a primeira coisa que faço é beijar as lágrimas que estão em suas bochechas macias. A segunda coisa é perceber que ela consegue estar tão adorável em seu pijama rosa com corações, como estava anteriormente com o seu vestido amarelo. Lizz tem toda razão, eu poderia olhá-la para sempre, e muitas vezes acho que dormir e me afastar dela pode ser uma total perda de tempo. Eu poderia admirá-la, ao invés disso.

— Não está com sono hoje? — Eu a aconchego em meu peito, chegando mais perto da janela para olhar as estrelas.

Ela levanta a cabeça, apenas para balançá-la em negativa. Algo que aprendeu a fazer há pouco tempo e que simplesmente adora, embora eu duvide que saiba exatamente o que significa.

— Ok, que tal uma história então? — Seu sorriso através da chupeta é toda a confirmação que preciso.

Sento-me com ela em sua cadeira de balanço, estrategicamente sob a luz das estrelas. Esse é o cenário perfeito para que ela adormeça.

— Vou contar a sua favorita — digo, começando a afagar os seus cabelos e a nos balançar na cadeira. — Era uma vez uma carta...



Meu amor será infinito

Lizz

Evan estaciona em frente à casa de Damian e Emma, e eu me viro sutilmente em meu banco para olhar para Sophie. Ela é a garotinha de cinco anos mais feliz da Califórnia. É engraçado como a alegria emana dela como pequenos raios de sol ao seu redor. Eu não sei se ela está feliz por encontrar Max e Matt, pela possibilidade de se pendurar em Zeus como se ele fosse um pônei por algumas horas, ou simplesmente pela promessa de bolo com sorvete depois do Parabéns, que acontecerá ao final da tarde. Acho que é uma mistura quase exata das três coisas.

— Posso sair, mamãe? — ela me pergunta, lutando com o seu cinto de segurança.

— O papai irá te ajudar — digo, voltando a olhar pela minha janela.

O cabelo castanho de Matt já pode ser visto através da fresta na cortina da sala. Ele deve estar ansioso para a nossa chegada. Embora as vozes de outras crianças já sejam perfeitamente audíveis vindas do quintal, sei que para ele a festa não estaria completa antes que Sophie chegasse. Ele a adora e ela o adora em dobro. Óbvio que ela também ama o Max, mas a sua conexão com Matt é diferente. Evan detesta que eu diga isso, porque Damian sempre usa as minhas palavras para atormentá-lo, falando sobre um futuro em que nossos filhos irão se casar.

— Precisa de ajuda para sair também? — Evan brinca, abrindo a porta do passageiro para mim. Sophie já está no último degrau da pequena escada que leva até a porta.

— Não — respondo saindo do carro e ajeitando o meu vestido.

— Você está linda — ele me elogia, segurando o meu queixo para me beijar.

— Obrigada, você também.

Ele sorri, apertando levemente a minha mão e se afastando em seguida. Olho para ele enquanto caminha até Sophie e segura a sua mão antes de tocar a campainha. Eu amo tanto vê-los juntos, isso é tudo o que basta para transformar um dia ruim em algo bom, cheio de doçura. Recolho o presente que trouxemos para Max — já que o de Matt já está com Sophie — e fecho o

carro. Subo rapidamente os poucos degraus até a porta e termino de fazê-lo no instante em que Damian a abre. Geralmente é Zeus quem quase o derruba para tomar a frente e ser o primeiro a nos cumprimentar, mas dessa vez é Matt quem faz isso. Ele passa correndo por baixo do braço do pai e abraça Sophie com alegria.

Eu adoro vê-los juntos, eles são melhores amigos, do tipo que discordam de quase tudo a maior parte do tempo — grande parte disso porque Sophie tem uma personalidade tão forte quanto a de Evan —, mas eles fazem as pazes com a mesma facilidade com a qual discutem. Mesmo cinco anos depois, não ter mais filhos ainda é uma decisão muito acertada em minha mente e fico feliz que nossa filha possa conviver tão de perto com outras crianças. O vínculo que ela mantém com os garotos de Damian, é o mesmo que ela teria com um irmão ou até mesmo com primos.

— Olha só o que a mamãe comprou para você, Matt — ela lhe diz, entregando a ele o grande embrulho dourado com laço vermelho. — É uma fantasia do Capitão América.

— Sophie... — eu a censuro balançando a cabeça. — Não contamos para ao aniversariante qual é o seu presente.

— Não? — ela indaga arqueando as sobrancelhas para mim.

— Não — digo o mais séria que posso já que Evan está rindo ao meu lado e Damian também. — Definitivamente não, nós apenas deixamos que ele abra o presente e descubra sozinho.

— Como em uma surpresa? — Ela questiona, com um sorriso hesitante. Conheço-a o bastante para saber que agora ela está envergonhada.

— Sim, uma surpresa — concordo com um sorriso amoroso. — Não faça mais isso.

— Desculpe — ela lamenta ainda olhando para mim, então se vira rapidamente para o amigo, e completa: — Abra rápido, Matt.

Mordo os lábios para não rir do seu jeito mandão. Essa é uma das dificuldades em educar uma criança, eles são fofos mesmo quando precisam ser corrigidos. A vontade de rir diante de alguma gracinha é sempre tentadora, mas eu sou forte. Evan é muito mais flexível do que eu, Sophie o faria de bobo facilmente se quisesse. Para a minha sorte, ela é uma criança com um grande coração e muito compreensível. É um presente ser sua mãe.

— Vamos abrir lá dentro — Matt a convida, agarrando sua mão direita e a puxando para o interior da casa.

Olho para Evan logo atrás de mim e finalmente me permito rir. Ele

circula a minha cintura e beija o meu rosto, então cumprimenta o amigo que ainda está na porta rindo das crianças.

— Emma está na cozinha com a Layla — ele me diz, depois que o abraço e começo a andar pela sala.

— E o Max? Trouxemos um presente para ele também. — Levanto o embrulho que restou a mim, já que Sophie só se preocupou com o aniversariante.

— Verdade? Ele irá amar com certeza.

— Ele merece também — Evan diz, colocando as mãos nos bolsos e ponderando enquanto Damian fecha a porta — Deve ser difícil ser criança e entender que hoje é o dia do irmão... não que eu conheça a sensação, é lógico.

— Na verdade, Max é tão generoso que daria os seus próprios presentes para Matt, se hoje fosse o seu aniversário — Damian afirma com amor brilhando em seus olhos. Não me canso de me emocionar em ver a forma como ele ama os filhos.

— Então... — interrompo o momento, apontando para o presente em minha mão. — Onde acha que ele está?

— No quintal com Zeus — ele diz. — Matt deve ter arrastado Sophie até lá também.

— Ok, eu irei encontrá-los — digo me afastando de Evan após um beijo e de Damian com um ligeiro aceno.

Eu percebo rapidamente que a sala é o lugar mais calmo da casa, quando no corredor que me leva para a cozinha, algumas crianças bagunceiras quase me derrubam. Olho duas vezes para me certificar de que Sophie não está entre elas. O fato de que ela não está, me surpreende, porque ela é a primeira a começar uma bagunça. Continuo o meu caminho para a cozinha e encontro Emma e Layla na bancada, ajeitando uma grande torre de *cupcakes* coloridos.

— Oi, Lizz! — Emma exclama com alegria assim que me vê na porta. — Achamos que não fosse mais chegar.

— Desculpe o atraso — lamento, indo até ela e beijando o seu rosto. — Precisei trabalhar essa manhã.

— Sem problemas, o importante é ter conseguido chegar — ela completa, sorridente.

— Muitos bebês querendo nascer essa manhã? — Layla pergunta ao me abraçar. Assim como Emma, ela se tornou uma amiga querida ao longo dos anos. Ela é tão fácil de estar ao redor, sempre alegre e amável.

— Dois na verdade — digo, me encostando ao balcão para olhar o trabalho das duas.

Quando Sophie completou um ano, comecei a minha especialização para trabalhar como enfermeira obstétrica. Tenho quase certeza de que foi na noite em que ela nasceu que passei a alimentar a vontade de exercer uma nova área da enfermagem. Então, eu troquei os idosos pelos bebês, sentindo que a minha missão na geriatria já havia sido cumprida. Estou muito feliz onde estou agora.

— Estar cercada de bebês, não te faz querer ter o seu próprio bebê? — Emma brinca ao mesmo tempo que ajeita no topo da torre, os *cupcakes* com glacê vermelho.

— Definitivamente, não. Na realidade, é absolutamente o contrário; e só para constar, eu já tenho o meu próprio bebê.

— Sophie é praticamente uma adolescente — Layla retruca com diversão. Eu sou a única entre as três que parou no primeiro filho. As pessoas gostam de me perturbar a respeito.

— Ela ainda é o meu bebê, sempre será — afirmo, rindo. — Se vocês querem mais crianças na família, terão que providenciar sozinhas, não contem comigo.

— Eu estou fora dessa — Layla diz estremecendo, como se a ideia lhe causasse calafrios. — Isso é com a Emma.

— Eu ainda não bati o carimbo sobre ter ou não outro filho, mas não estou com pressa de qualquer forma — Emma diz, ocupando-se dos *cupcakes* com glacê azul agora.

— Nós contamos com você. — Aperto o seu ombro, entrando na brincadeira. — Por falar em bebê, onde está o seu primogênito?

— Aquele menino lindo de incríveis olhos azuis? — Layla completa por mim.

— Ele mesmo.

— Consegue vê-lo no pula-pula? — Emma me questiona, ao mesmo tempo que me inclino para ter uma boa visão do quintal através da porta de vidro entreaberta.

Há meia dúzia de crianças no pula-pula e outras correndo ao redor do quintal, através dos outros brinquedos. Não há sinal dos três pestinhas adoráveis. Sou treinada para distingui-los em uma multidão de crianças, portanto uma olhada rápida é o que basta para perceber que não estão aqui.

— Ele não está — digo, voltando a olhá-la.

— Então, com toda a certeza, os três estão no quarto de Matt — ela fala, fazendo uma pausa na tarefa de organizar os *cupcakes* para me olhar. — Damian lhe comprou um rato.

— Um rato? — repito, um tanto chocada.

— Um hamster — Layla a corrige com diversão.

— Um hamster, um rato. — Emma sacode os ombros me fazendo rir. — É a mesma coisa.

— Na realidade, eu até o achei bem fofinho — Layla murmura.

— Fofinho, claro... — Emma resmunga. — Você chegou a ver as unhas dele ou os dentes?

— Não — Layla responde, sem se abalar com o drama da amiga.

— Eu não quero ver, obrigada — digo, me afastando. — Detesto ratos, quem não detesta?

— É um hamster — Layla reforça. — Ele é bonitinho, talvez Sophie queira um também.

— Se ela quiser, Evan lhe comprará dois, ao invés de um. E dada a minha sorte imensa, eles serão um casal, terão muitos filhotes e encherão a nossa varanda de pequenos ratos — profetizo, ficando horrorizada com o cenário que se forma em minha cabeça; por isso a sacudo antes de enfatizar: — Não, eu espero que ela não queira um.

— Essa é a parte ruim de ter um único filho — Emma murmura, retirando da geladeira uma grande bandeja com *cupcakes* cobertos com um lindo glacê amarelo. — Evan faz todas as vontades dela, não faz?

— Não, não faz — me apresso em negar. — Ele faria se eu deixasse; Evan não suporta vê-la chorar, mas eu sou a sua voz da razão.

— Se você tivesse outro filho... — Emma diz, mas eu levanto a mão impedindo que ela continue.

— Pare, ok... apenas pare. — Rio, mas ainda mantenho a minha mão no alto como um sinal de alerta.

— Estamos brincando — Layla emenda, com o sorriso brilhante de sempre.

— Claro que estão — balbucio, revirando os olhos e me afastando em direção à porta. — Vou conhecer o seu rato.

— É um hamster! — elas gritam em uníssono com diversão quando já estou na escada.

Ainda consigo ver Evan e Damian na sala, conversando sobre algo que, aparentemente, é muito interessante para ambos. Sorrio para eles e continuo o

meu caminho até o quarto de Matt.

Consigo ouvir a voz empolgada de Sophie assim que piso no corredor. É o segundo quarto à esquerda. Aproximo-me, empurro vagarosamente a porta e encontro os três sentados ao chão, próximos a cama. A gaiola do rato, hamster, está entre eles e estão fascinados com o animal. Zeus está obedientemente sentado ao lado de Max. Aos meus olhos, ele está se controlando para não roubar a gaiola e correr escada abaixo.

— Oi — saúdo, batendo levemente na porta para chamar a atenção deles.

— Oi, mamãe — Sophie murmura, ficando em pé para me puxar pela mão. — Olha só o que o Matt ganhou do tio Damian.

Dou risada, acho tão bonitinho quando ela fala assim, cheia de carinho e amor. Ajeito a sua tiara e afago os seus cabelos, antes de apertar a sua mão e deixar que ela me leve até onde a gaiola está.

— O que é? — pergunto com interesse, apesar de toda a minha conversa anterior com Layla e Emma.

— É um hamster — Max me conta com voz calma. — Uma espécie de roedor, mas ele é um animal doméstico e não devemos confundir com um rato.

— Jura? — Coloco a mão na cintura para admirá-lo. — Quantos anos você tem mesmo?

— Quase oito — ele responde com orgulho.

— Eu tenho quase seis — Sophie intercepta, também com orgulho. Eu não compreendo essa pressa que eles têm em crescer.

— Eu já tenho seis — é a vez de Matt se pronunciar.

— Eu sei, hoje é o seu aniversário — concordo, tocando o seu cabelo. Ele já vestiu a fantasia que lhe demos, apenas não fechou o zíper que fica em suas costas. Eu o ajudo com isso.

— Isso é seu, Max. — Entrego a ele o embrulho que havia deixado sobre a cama quando entrei.

— É uma... — Sophie começa, mas um olhar é o bastante para que ela se lembre que não deve contar. — É uma surpresa, você precisar abrir para descobrir o que tem.

— Isso mesmo — completo, piscando para ela. *Essa foi uma lição rápida.*

— Hoje não é o meu aniversário — Max replica, ainda com o embrulho intocado em suas mãos.

— Sei disto, mas você é um bom menino e quisemos lhe comprar um presente também.

— Verdade? — Aceno com um sorriso. — Obrigado.

— De nada. — Aceito o seu beijo e toco o seu rosto com carinho. Ele é mais do que um bom menino. O seu coração é tão lindo, que a sua bondade é visível através do seu doce olhar.

— É uma fantasia do Thor — Max constata com felicidade, depois de ter rasgado o papel e desfeito o embrulho. — Obrigado mesmo, tia Lizz.

Ainda não me acostumei com o fato de que sou uma tia, meu irmão ainda é jovem demais para me dar sobrinhos, mas Matt e Max são os mais lindos sobrinhos que o amor poderia ter me dado. Aliás, toda a minha vida é a mais linda história que o destino poderia ter escrito.

— Ah, vou ao meu quarto me trocar — Max diz empolgado, já correndo para a porta. — Então podemos brincar que somos “Os Vingadores”, Matt.

Matt levanta a cabeça e ri, deixando apenas por um instante a sua gaiola e o seu hamster de lado e dando atenção para o irmão. Ele volta a se concentrar rapidamente em seu rato outra vez, aparentemente vê-lo correr em sua gaiola é infinitamente mais interessante agora.

— Não vá, Zeus! — Sophie suplica, se agarrando ao pobre cão e não o deixando sair do quarto também.

Eu me sento na cama de Matt e os observo de perto, em silêncio. Ele está totalmente fascinado com o roedor preto e branco. Já Sophie se sentou no tapete do quarto e está afagando com carinho os pelos caramelos de Zeus. Ele é um cão tão afável e bondoso. Se for realmente verdade que os animais se parecem com seus donos, eu diria que Zeus é uma versão canina de Damian, ou mesmo de Max — isso é redundante, porque pai e filho são parecidos.

— Podemos levar o Zeus embora, mamãe? — Sophie pergunta com seriedade... essa não é a primeira vez, ela sempre quer sequestrar o cachorro do amigo.

— Não, nós não podemos — digo com calma, afagando a cabeça de Zeus quando ele vem para perto. — Podemos apenas brincar com ele, sempre, mas ele é do Max.

— Meu também — Matt me intercepta sem me olhar.

— Sim, seu também — reforço, olhando para a minha filha com um sorriso. — Aqui é a casa dele e ele ficaria muito triste em outro lugar.

— Eu gosto tanto dele — ela diz com um muxoxo, com a sua tiara caindo outra vez e bagunçando o seu cabelo.

— Você quer um cão? — Levanto a possibilidade, ajeitando o seu cabelo mais uma vez. Ela nunca pediu para ter um animal de estimação, na maior parte do tempo os seus desejos giram em torno de bonecas e livros; livros em sua maioria.

— Eu quero o Zeus — ela responde, se pendurando no pescoço da figura em questão.

— Isso não é possível — repito, me virando para Matt em seguida. — Qual é o nome dele? Do seu rato?

— É uma menina... — ele afirma, finalmente deixando a gaiola de lado. — Quero que o nome dela seja *Sophieeee*.

— *Nãooooo!* — Sophie exaspera, mas sem deixar Zeus fugir do seu abraço. — Eu não sou um rato, Matt.

— Eu gosto e você não é um rato, é só uma menina chata.

— *Mãeeeeee...* — Ela chora, olhando para mim.

Está aí um dos motivos pelos quais não quero outro filho: as brigas. São passageiras, eu sei, e geralmente se resolvem facilmente, mas quando acontecem são seguidas de choro e alguns gritos.

— Matt, isso não é algo educado de se dizer para a sua amiga — chamo a sua atenção, com um tom calmo e educativo.

— Desculpe, Sophie — Matt se arrepende, tentando segurar a sua mão.

— Eu não gosto de você e não coloque o meu nome no rato. — Ela franze as sobrancelhas, pisando fora do quarto com Zeus ao seu lado.

Matt me olha não muito preocupado, o seu sorriso travesso sempre presente em seu rosto de feições bonitas. Ele sabe que a raiva de Sophie irá embora como fumaça ao vento, e é provável que ele mude de ideia sobre o nome do rato até o final do dia. Todos sobreviverão.

— Quer segurar a Sophie, tia Lizz? — ele indaga e eu quase morro, tentando conter meu próprio riso.

— Eu tenho medo, prefiro olhá-la à distância.

Ele dá de ombros e volta a se concentrar em seu rato, hamster, Sophie... Deus sabe como devemos chamá-la, isso se for uma fêmea mesmo. O que eu seriamente duvido.

Saio do quarto sem que ele note e encontro Max em seu traje de Thor no corredor. Ele sorri lindamente para mim, correndo pela escada depois disso, fazendo a sua capa flutuar ao redor. Passo pela cozinha e Emma me

entrega uma bandeja de sanduíches para que eu leve para o quintal. Levanto-a sobre os meus ombros, impedindo que as crianças me façam derrubá-la. Deixo a bandeja sobre a grande mesa decorada com tema esportivo logo à frente. Há uma grande variedade de doces com pequenas pranchas de surf sobre eles e os *cupcakes* que Layla e Emma estavam decorando mais cedo, agora possuem skates e patins no topo de seu glacê.

Sei que foi Max quem ganhou um skate de aniversário, porém, quem realmente se encantou por ele foi Matt. Estamos na Califórnia, o lugar mais propício para esportes radicais. Você encontra uma pista de skate a cada esquina praticamente. Isso deve enlouquecer a Emma e matá-la de preocupação.

Olho ao redor a partir da mesa e encontro Evan e Damian sentados em um canto do quintal. Sophie está em pé, à frente deles e parece bem eloquente enquanto conta algo para o seu pai. Damian está rindo muito, isso me dá uma pista sobre o assunto da conversa: certo rato que recebeu o seu nome.

Começo a caminhar até eles, ao mesmo tempo que minha filha termina a sua história. De longe vejo Evan a consolar com um sorriso, seguido de um abraço apertado. Isso a faz rir, antes de correr até onde Max está e aparentemente todo o drama foi superado.

— O que foi isso? — pergunto ao meu marido, parando ao seu lado e tocando o seu ombro.

— Sophie estava triste porque Matt disse que ela se parece com o hamster — Evan me responde, segurando a minha cintura e me fazendo sentar em seu colo.

— Não... — Não posso conter um riso. *Foi exatamente isso o que ela entendeu?*

— Foi o que ela me disse — ele replica com as sobrancelhas franzidas, exatamente como Sophie faz. *Eles são tão parecidos.*

— Ele disse que gosta do nome e irá chamar o seu hamster assim — explico, beijando o vinco em sua testa.

— É quase a mesma coisa — ele replica, com um sorriso torto.

— Foi uma homenagem — Damian interpela a favor do filho. — Matt adora a Sophie, ele jamais a chamaria de rato.

— Claro que não — concordo, ocultando o fato de que ele a chamou de *menina chata* há minutos.

— Existem tantos nomes... — Evan resmunga, olhando para o amigo.
— Por que não Damian? É uma homenagem, não é?

— Porque é uma fêmea, e até onde sei, eu não sou uma — Damian replica rindo.

— O que você disse para fazê-la rir e esquecer o assunto? — questiono Evan com curiosidade, tocando o seu rosto.

— Que iremos comprar um sapo e chamá-lo de Matt — ele me conta com calma.

— De jeito nenhum. — Balanço a cabeça em descrença. — Nem por cima do meu cadáver!

— Foi uma brincadeira, Lizz — ele me tranquiliza com um beijo. — Disse apenas para fazê-la rir.

— Lógico. — Não estou muito convicta e, se acaso ele realmente comprar um sapo, terei que jogá-lo no mar. E eu tenho quase certeza de que sapos não vivem no mar.



O restante da tarde segue com tranquilidade, ou o máximo de tranquilidade que uma festa de criança pode ter. Eles estão tão felizes, que é impossível não se contagiar. Sophie já está toda descabelada e com as bochechas vermelhas de tanto correr e brincar. Embora ela não se pareça em nada com a garotinha linda que eu vesti antes de sair de casa, posso dizer que está tão linda quanto.

— Ela irá desmaiar hoje — Evan sussurra em meu ouvido, piscando para mim quando giro o meu pescoço para olhá-la.

— Sim, ela irá — confirmo com um sorriso.

O que eu deveria lhe dizer também, é que sim, ela irá dormir mais cedo e sim, nós teremos um tempo para nós dois, mas... ela também irá acordar às seis da manhã em pleno domingo e irá pular em nossa cama até acordarmos também.

Ele sorri, beijando o meu pescoço quando volto a olhar para frente. É a hora dos parabéns e as crianças estão ainda mais excitadas com esse acontecimento. Sophie vem correndo através do quintal e para, sem fôlego, diante de nós.

— Pode me carregar, papai? — ela pede com doçura. Talvez ela já esteja com sono, isso tornará a hora do banho uma tortura.

— Claro — Evan diz, levantando-a sem dificuldade.

Olho para os dois sorrindo, me aproximando e beijando a barriga de

Sophie. Olhando para ela agora, mal posso me lembrar do tempo em que ela era um pequeno bebê nos braços do pai. Agora ela é uma mocinha adorável, que adora passar o tempo em meu closet, usando os meus sapatos e mexendo em minha maquiagem.

Parabéns a você começa a tocar, com um Matt muito feliz no centro da mesa de doces. Ele sopra a vela de seis anos ao final das palmas e Emma permite que corte o primeiro pedaço de bolo. Então ele salta do banquinho sobre o qual foi colocado e caminha até onde estamos com o pratinho de bolo nas mãos.

— Para você, Sophie. — Matt estende o bolo para o alto, ansioso pela reação dela.

Com uma velocidade impressionante, ela desliza do colo de Evan e aceita o agrado de Matt. Então todos aplaudem o abraço dos dois. Damian levanta o polegar, sorrindo para Evan; um jeito silencioso de provocá-lo. Dizer que Sophie se casará com um dos seus filhos ainda é uma brincadeira entre os dois, não que Evan consiga achar graça nisso.

— Ainda podemos nos mudar para a Espanha? — ele brinca, quando me viro totalmente para ele e o abraço.

— Não, aqui é o nosso lar — declaro, enquanto as palavras preenchem o meu coração por completo. — Eu não trocaria a Califórnia por lugar algum do mundo. Que minha mãe não me ouça, mas, às vezes, me esqueço de que sou espanhola.

— Mas esse é exatamente o seu charme, *mi tesoro*.

— Adoro quando você fala espanhol — digo, ficando na ponta dos pés para olhá-lo nos olhos.

— Quando falo as dez únicas frases que sei — ele me corrige.

— São as minhas favoritas — garanto com um beijo.

Ele sorri. Aquele sorriso que é destinado apenas a mim. Ele pode sorrir de dez formas diferentes, para dez pessoas diferentes, mas eu sei exatamente qual o sorriso que pertence a mim, assim como o seu coração, e sou a mulher mais feliz do mundo por isso.



Um dia Sophie

Se meu pai ao menos soubesse que consegui fazer um trajeto que normalmente demora quarenta minutos, em meros vinte e três, ele teria uma síncope.

Mas me consolo com o fato de que ele nunca saberá e isso torna essa pequena informação menos nociva... Mentira, ela continua sendo ruim e ainda me culpo por isso. Como quando beijei Owen Thomas atrás do ginásio da escola aos treze anos. Não contei para o meu pai, mas sei que se ele soubesse não teria sido a sua informação favorita.

E antes que você se pergunte se eu deveria estar dirigindo, já que sei que soei como uma garotinha de cinco anos agora. Sim, tenho permissão para ter um carro e meu pai aprova... mais ou menos, ele não aprova tanto. Aos seus olhos, eu ainda sou um bebê, um que cuidou e educou com amor e paciência. Embora eu tenha quase dezoito anos, para ele sempre serei uma criança indefesa. Isso é tão típico de Evan Carter, mas não me importo... ainda. Talvez um dia tanto amor me sufoque, não hoje. Eu o enxergo como o homem mais maravilhoso a maior parte do tempo.

Voltando ao fato de correr feito um piloto de fuga, eu tive as minhas razões. Hoje é o típico dia em que as coisas saem um pouco da sua órbita. Acordei atrasada para a escola, minha gasolina acabou no meio do caminho e esqueci o meu dever de química sobre a bancada do café da manhã. Minha professora não acreditou, é óbvio. Mas se tem algo que você deva saber sobre mim é que eu nunca minto. Posso omitir; jamais mentir. Esse é o meu pior defeito e me coloca na maioria dos problemas que tenho com os meus pais, porém, é algo inevitável. A verdade deveria me tirar de problemas e não me colocar neles. Eu sei, também acho muito complicado crescer, mas eu faço o meu melhor.

Então toda a minha má sorte deveria ter terminado ao final da minha última aula, às três da tarde. Ela aparentemente estava fazendo hora extra comigo hoje e isso resultou em um pneu furado que me julgo incapaz de trocar. Precisei esperar a caridade alheia, que veio na forma do meu professor de educação física: Sr. Ayelo. Ele demorou infinitos vinte minutos e ainda

estou ouvindo um barulho estranho em minha roda enquanto dirijo, mas o pneu foi trocado. Eu deveria estar grata e estou, porque finalmente estaciono em frente à casa dos Milles. Ainda estou intacta e posso pedir para o Matt dar uma olhada no pneu — não que eu realmente acredite que ele saiba algo sobre carros, no máximo sobre as rodinhas do seu skate. Saio do meu carro depois de pegar a minha bolsa no banco do passageiro. Eu não preciso tocar a campainha, geralmente basta apenas contornar a lateral da casa em direção à porta da cozinha e entrar. A essa hora do dia com certeza irei encontrar Matt na cozinha ou na sala, o mais provável é que seja na frente da geladeira em busca de comida. Paro em frente à porta, colocando a minha mão sobre a tela fina que a protege. Matt está sentado no balcão da cozinha, um livro aberto logo à frente e um caderno ao seu lado, onde ele irritantemente bate a sua caneta. Leva alguns segundos até que ele me veja, então empurro a porta com lentidão e entro.

— Oi — digo, levantando minha mão direita em saudação.

— Olha quem finalmente apareceu — ele brinca deixando a caneta de lado e sorrindo para mim.

Tem algo que você jamais esquecerá sobre Mathew Milles e esse algo é inegavelmente o seu sorriso. Talvez eu não conheça muitas pessoas, mas de todas as que eu já conheci até hoje, nenhuma delas conseguiram superar o sorriso de Matt. É lindo de forma que eu não posso adjetivar, embora nunca tenha lhe dito... acho que ele simplesmente já sabe, porque ele sorri para mim o tempo todo.

— Eu te disse que iria me atrasar um pouco — o lembro, andando pela cozinha. — Onde está a Maddie? Não me diga que apenas se esqueceu de buscá-la na creche como eu lhe pedi?

— Ela está na sala, assistindo TV — responde, tirando o capuz da sua cabeça e mexendo em seu cabelo espetado.

— Estamos na Califórnia, você só parece um maluco de capuz com esse calor — provoco.

— Obrigado, talvez seja essa a minha intenção.

— Assustar as pessoas com a sua aparência estranha?

Ri, girando o banquinho em que está sentado para me olhar melhor. Ele sempre está com o seu *All Star* preto estrategicamente desbotado para parecer legal, mas não o suficiente para parecer que foi retirado de uma lata de lixo. O seu jeans escuro é rasgado em ambos os joelhos e ele herdou o amor de seu pai pelas camisetas de rock bands — na realidade, eu tenho sérias dúvidas se

ele não usa as roupas dele ao invés das suas. O seu cabelo tem um tom rico de castanho, o mesmo de seus olhos. Quando estávamos no primário, ele precisou de óculos para enxergar de perto e ele sempre o usa para fazer o dever de casa, como agora. O que é uma sorte, já que não conseguiria andar de skate e não espatifá-los no asfalto.

Matt, Max e eu crescemos como primos e eu demorei um tempo considerável da minha vida para entender que não temos laços sanguíneos de verdade. Max sempre foi uma espécie de irmão mais velho, gentil e prestativo e eu posso ter tido uma pequena paixonite por ele aos dez anos. Já superada há tempos.

Matt é o meu melhor amigo, ele sempre me puxava para as confusões e, conseqüentemente, está presente em todas as lembranças divertidas que tenho da minha infância. Olhando para ele agora, tento entender quando foi o exato instante em que estar em sua presença começou a causar esse frio estranho em meu estômago.

— Então... — tusso sem graça, depois de ter passado um longo tempo o encarando. — Cuidou bem da Maddie?

— Eu a levei para a pista de skate depois da creche.

— Foi o que eu imaginei — resmungo não muito entusiasmada.

— Ela amou. Você sabe o quanto adora aquele lugar — diz com um sorriso confiante.

— Contanto que ela não tenha quebrado nenhum osso ou ralado um joelho, estamos bem.

— Quantos anos você acha que eu tenho, *Sophieeee*? — pergunta em tom brincalhão.

— Dez — respondo, mostrando a língua para ele.

— Não preciso dizer que sou mais velho que você, preciso? — Ele levanta as sobrancelhas esperando uma resposta minha.

Então sem que eu sequer me dê conta disso, uma das minhas mãos está entre a sua. Não sei por que isso aquece o meu coração de repente. Matt já fez isso milhares de vezes, a minha mão nunca está sozinha se a sua estiver por perto... talvez eu apenas esteja enlouquecendo ou ficando doente. Uma doença sem cura que irá degenerar todo o meu cérebro e reduzir o meu bom senso ao de uma formiga.

— Você pode ser cinco meses mais velho que eu, mas emocionalmente sou muito mais madura que você — digo, puxando lentamente a minha mão. Meus dedos queimam, eu juro que eles estão em chamas agora.

— Claro que é, continue se enganando. — Ele ri, voltando toda a sua atenção aos livros.

— Onde está Maddie, afinal? Não ouço nenhum barulho.

— Já disse que ela está vendo TV, esses desenhos a deixam hipnotizada por completo.

— Você é uma péssima babá, Matt — exaspero, deixando a minha bolsa sobre o banquinho vago ao seu lado. — Ela poderia atravessar a rua e pegar o ônibus e você nem iria notar.

— Ela está perfeita em frente à TV. Vá buscá-la.

Me afasto com a intenção de caminhar até a sala, mas poucos passos depois, me lembro do episódio do meu pneu furado. Isso me faz voltar.

— Pode dar uma olhada no meu pneu, por favor? — peço, usando a minha voz suave. Esse definitivamente é o tom que me fornece favores vindos de Matt. — Ele furou hoje na escola, meu professor o trocou, mas acho que tem algo errado. Talvez ele tenha perdido um parafuso ou algo assim.

— Posso — ele concorda com rapidez. — Mas literalmente irei apenas olhar. Não sei nada sobre isso, nem mesmo tenho um carro...

— Ao menos tente — eu o interrompo tocando seu ombro.

— Peça para o Max.

— Via Skype? — pergunto rindo. — Como ele poderia fazer isso não estando aqui?

— Ele está.

— Max está aqui? — pergunto meio gritando.

— Ele chegou ontem à noite — ele responde com naturalidade — Está em seu quarto com certeza. Consegue ouvir o violão?

— Max está aqui? — repito, começando a me afastar de costas. — Ele está aqui e você demorou exatos dez minutos para me contar.

— Estava pensando em como encaixar esse assunto em nossa conversa com naturalidade — diz com um sorriso maroto.

— Claro, eu não o vejo há quatro meses — o lembro, parando quando bato no batente da porta. Andar de costas não é tão fácil assim. — Essa deveria ter sido a primeira coisa que me disse ao me ver. Pior, você deveria ter me dito ontem, nós nos falamos ao telefone ontem.

— Nós sempre nos falamos — ele concorda com um sorriso ainda maior.

— Você não gosta de mim?

— Talvez eu goste demais — Matt replica ajustando seus óculos.

— Se gostasse teria me contado logo de uma vez, estou morrendo de saudades dele.

— E está perdendo muito tempo brigando comigo. Vá vê-lo logo de uma vez.

— Tem razão. — Eu me viro e encontro a saída da cozinha.

Corro pela sala e vejo só a TV ligada, nenhuma garotinha de cinco anos em frente a ela. Maddie ama Max, ela deve estar em seu quarto... Aliás, quem não ama Max? Ele é a melhor pessoa de todo o universo. Corro escada acima, andando mais vagorosamente quando estou no corredor que leva até os quartos. Agora ouço tão claramente o som do violão acústico de Max. Não devo tê-lo notado porque estava concentrada demais em me sentir estranha na presença de Matt. *Sweet Child O' Mine* soa em uma versão muito mais suave, os acordes do violão de Max bem mais baixos que a guitarra de *Slash*. Mas eu amo essa música e Max a toca tão lindamente. Sei que agora com a faculdade tomando todo o seu tempo, a música não será nada, além de um passatempo. Lamento tanto, porque poderia ouvi-lo todos os dias e jamais me cansaria.

A porta está entreaberta e a empurro, encontrando Max sentado em sua cadeira de computador com o violão preto sobre um dos joelhos e Maddie logo à sua frente. Quero correr e abraçá-lo, dizer o quanto senti falta dos seus conselhos sensatos e voz calma; mas Maddie me nota primeiro e corre até mim.

— Sophie! — ela grita, abraçando os meus joelhos com força. — Você não estava na creche hoje.

— Eu sei, desculpe. — Ajoelho-me para olhá-la melhor, tocando o seu cabelo castanho liso, que chega até seus ombros e o colocando atrás da orelha. — Mas Matt estava lá. Não foi divertido?

— Sim, ele me deixou andar no seu skate.

— Ele me disse. — Fico em pé, ainda olhando para ela.

Sou sua babá três vezes por semana e em alguns fins de semana, quando necessário. Somos muito apegadas uma à outra, provavelmente como irmãs são, com a nossa diferença de idade. Maddie é o diminutivo de Maddison, embora a maior parte do tempo eu a chame de minha doçura; porque ela é tão doce como um caramelo e eu a adoro.

— Pode até ser bem divertido, mas você é pequena demais para o skate de Matt — completo, tocando a ponta de seu nariz e ganhando um sorriso de

brinde.

— Ele me segurou e disse que nunca me deixaria cair. — Isso definitivamente é algo que Matt diria e, apesar de toda a sua insensatez, acredito nele.

— Tudo bem — digo, olhando por fim para Max.

Os meses longe não causaram grandes mudanças a ele, com exceção do seu cabelo claro que está um pouco mais comprido. Ele o bagunçou com as mãos, assim como Matt costuma fazer com o dele, e posso dizer que em ambos essa confusão fica bem. Max também tem um lindo sorriso, que me atinge como o de um irmão amado faria.

— Você voltou! — grito, me jogando em seus braços. Ele me envolve por completo, tirando levemente os meus pés do chão quando me abraça ainda mais forte. Ele é muito mais alto que eu, Matt também é. Embora eu não seja exatamente pequena, me sinto assim perto deles. Eles sempre cuidaram de mim e mesmo que algo assim pudesse irritar outra garota, apenas me faz sentir amada.

— Ei, que saudades eu senti de você... — ele sussurra em meu cabelo, sem afrouxar o seu aperto.

— Se me ligasse mais vezes, talvez não sentisse tanto a minha falta — retruco com diversão.

— Não tive tempo, desculpe. — Ele me solta e me olha com olhos amorosos. Seus olhos são incríveis, principalmente porque ele tem um jeito de te olhar e enxergar a sua alma. Poucas pessoas são tão especiais como Max e a mulher que conquistar seu coração será a mais sortuda de todas.

— Como vai a faculdade? — pergunto, afagando o cabelo de Maddie quando ela volta a abraçar as minhas pernas.

— Tudo bem — ele diz vagamente olhando para os seus pés.

— Ainda não entendo porque você precisava se mudar. Poderia continuar aqui, temos ótimas faculdades também.

— Isso faz parte do amadurecimento, Sophie. — Ele sorri, recitando o meu nome com aquela entonação que só ele consegue. — Fugir das asas da família e crescer.

— Não tenho planos para deixar a Califórnia — anuncio com convicção.

— Então acho que Matt também não deixará.

Nunca pensei sobre Matt indo embora, e a simples possibilidade de isso acontecer me causa uma pontada dolorosa no coração. Eu chorei quando

Max partiu e sinto a sua falta com loucura, ele é a terceira parte do nosso triângulo e não tê-lo por perto é doloroso. Mas perder Matt me deixaria em pedaços.

— Não sei — digo sacudindo os ombros como se não me importasse com o destino do seu irmão, quando na verdade estou tendo um pequeno ataque de pânico por dentro.

Max sustenta o meu sorriso, sentando-se novamente em sua cadeira e dedilhando algumas notas em seu violão. Ocupo um pedaço da cama, puxando Maddie para o meu colo e deixando que ela jogue *Candy Crush* no meu celular.

— Quanto tempo vai ficar, Max?

— Só o fim de semana.

— Que pena — sussurro, sem ocultar a minha tristeza.

— Vamos nos divertir enquanto isso — ele fala, olhando para o violão.

— Com certeza... podemos começar com você tocando *Don't Cry* para mim — peço me referindo a minha música favorita e foi Max quem me fez gostar dela, quando a tocava sem parar há alguns anos.

— Achei que nunca fosse pedir. — Ele sorri, entoando a primeira nota.

Algun tempo e cinco músicas depois, Matt se junto a nós. Ele traz para Maddie um sanduíche de queijo e uma tigela com frutas picadas, que eu acabo comendo, porque ela está fascinada com o meu celular. Quando anoitece e me lembro que preciso voltar para a casa, peço ao Max para dar uma olhada em meu carro. Ele retira o pneu trocado pelo meu professor e o recoloca sem esforço algum, como se houvesse feito isso um milhão de vezes antes. Posso estar um pouco impressionada.

— Você deveria ensinar o seu irmão a fazer isso — digo a ele, mas olhando para Matt enquanto ele corre com Maddie pelo gramado.

— Ele sabe — Max afirma, limpando as mãos e nos olhando. — Meu pai nos ensinou, Matt apenas tem preguiça em fazê-lo.

— Eu já me esqueci — Matt se defende, erguendo Maddie em seus ombros.

Olho para o meu melhor amigo e mostro a língua para ele. O seu sorriso aumenta com o meu gesto, enquanto o seu braço vago me puxa para perto. Então quando ele beija demoradamente o meu rosto, me dou conta de que estou realmente doente... porque acho que estou me apaixonando por ele.



Meu pai está na sala quando chego em casa, deixo as minhas chaves na tigela do aparador perto da porta e me jogo ao seu lado do sofá. No mesmo instante, ele deixa o seu celular de lado e me puxa para perto, beijando a minha testa com amor. Não importa quão pouco tempo tenhamos passado juntos nos últimos dias, sempre temos os nossos encontros ao final do dia. Mesmo que sejam cinco minutos, antes que eu suba para o meu quarto e faça a lição de casa, não abrimos mão dessa troca diária.

— Como foi seu dia? — ele me pergunta, segurando a minha mão.

— Meu pneu furou — digo, olhando para ele.

Ele é tão bonito quanto todas as suas fotos do passado me mostram. O seu cabelo ainda é tão espesso e cheio como antes, escuro, mas com alguns fios brancos. Isso o deixa mais charmoso, algumas amigas fazem questão de me ressaltar isso. Eu detesto ouvi-las dizer o quanto ele é lindo — ainda mais com os seus ternos elegantes —, embora eu seja a primeira a afirmar isso. Ele é o meu pai e ninguém, além da minha mãe, pode dizer algo assim.

— Verdade? — me sonda com preocupação.

— Sim. E adivinha, eu não sei trocar um pneu.

— Não imaginei que soubesse mesmo. — Ele ri. — Como você se virou?

— Meu professor o trocou e depois Max o consertou para mim, porque aparentemente o meu professor também não sabe trocar um pneu.

— Max está aqui?

— Sim, ele veio para o final de semana.

— Então já sei que passará todo o tempo possível pendurada nele.

— Ele é o meu amigo — me justifico, deitando a cabeça em seu ombro. — Preciso matar as saudades, enquanto ele está aqui.

— Claro que precisa. — Há diversão em sua voz. — Como se você já não vivesse enfurnada no quarto de Matt.

— Ele é o meu melhor amigo — exaspero, sentindo o meu rosto um pouco quente de vergonha. — E eu não vivo enfurnada em seu quarto.

— Isso me deixa feliz. — Ele suspira, apertando a minha mão. — Mas, vocês estão juntos o tempo todo; como não enjoam um do outro?

— Você enjoaria da mamãe? — exclamo, me arrependendo da pergunta assim que a faço. Matt e eu não somos um casal apaixonado como os meus pais e não faço ideia do porquê dessa comparação equivocada.

Levanto a cabeça do seu ombro e encontro os seus observadores olhos

castanhos sobre mim. Meu pai me conhece melhor do que ninguém, esconder qualquer coisa dele seria, por assim dizer, uma tarefa cansativa. Então se ele me olhar por mais um tempo, saberá que Matt e eu não somos um casal apaixonado, porém, quero muito que sejamos um.

— Onde está a mamãe, afinal? — sondo me levantando e indo para a cozinha.

Meu pai abre a boca para falar, mas minha mãe abre a porta ao mesmo tempo, então tenho toda a resposta que preciso. Ela sorri para nós em seu uniforme estampado da Minnie. Agora ela é a enfermeira-chefe, responsável pela área de obstetrícia do hospital onde trabalha. Estou bem inclinada a escolher uma das áreas de saúde para trabalhar, depois de anos vendo minha mãe exercer a profissão. Porém, ainda não decidi nada.

— Oi, meus amores! — ela nos cumprimenta, vindo para a sala.

— Oi, mãe! — retribuo, abrindo a geladeira quando meu pai se levanta para beijá-la.

Eles são muito apaixonados e não poupam demonstrações de afeto na minha presença, isso não significa que me sinto confortável.

— Como foi o seu dia, Sophie? — ela me pergunta, exatamente como o meu pai fez e como ambos fazem todos os dias. Eles são pais presentes e ocupados, e eu sou uma filha que os ama demais.

— Bem. — Sorrio para ela, fechando a porta da geladeira.

Minha mãe é uma linda mulher e posso afirmar que o tempo quase não a envelheceu. Seu sorriso é o mais jovial e cheio de vida, e seus olhos são muito amorosos quando se prendem aos meus. Seu cabelo está na altura dos ombros agora, em sua cor castanho natural, mas com algumas mechas mais claras. Faz muito tempo que ela o mantém assim. O que me surpreende, já que cresci a vendo mudar a cor e o corte do seu cabelo.

— Eu te amo! — murmuro a abraçando por trás enquanto ela mexe na pia.

— Também te amo, Sophie querida! — ela replica, se virando para me abraçar.

Quarenta minutos depois estamos jantando, algo do qual meu pai não abre mão. É também a minha tarefa diária, me ocupar com a louça suja após isso. Estou colocando o último prato na lava-louças quando o meu celular vibra sobre a mesa. Sei que é o Matt mesmo antes de desbloquear a tela e ler a mensagem.

Estou na sua portaria. Pode descer um pouco?

Sorrio para o celular, antes de apertá-lo no peito. Nós sempre nos falamos ao telefone antes de dormir, mas eventualmente Matt virá dar um passeio pela praia e me chamará para lhe fazer companhia. Não sei por que gosto especialmente dessas noites... ou talvez saiba.

Desço em cinco minutos.

Digito com rapidez e aperto em enviar. Dou uma olhada rápida pela cozinha para garantir que fiz todas as minhas tarefas e vou em direção ao escritório do meu pai. Bato na porta e entro em seguida, o encontrando em frente ao computador.

— Vou descer um pouco para a praia, pai — comunico, ganhando a sua total atenção.

— Não está um pouco tarde para isso?

— São quase nove — respondo, depois de consultar o meu celular.

— Matt está lá embaixo? — É uma pergunta, mas soa como uma afirmação. Eu somente aceno. — É a terceira vez essa semana, preciso conversar com o Damian.

— Ele é meu amigo, pai — eu nos defendo. — Ele também precisa de ajuda com o espanhol.

Essa não foi uma mentira, muito embora eu duvide que Matt tenha trazido caderno e caneta a essa hora. Talvez pelo fato de que amanhã será sábado e não teremos aula.

— Eu também precisei um dia e sua mãe me ajudou — ele fala com um sorriso torto. — Nós sabemos como isso terminou.

— Paiiii! — Sinto o meu rosto queimar enquanto fecho a porta, porque Deus sabe que não sou capaz de ouvir mais nada.

— Não volte tarde, Sophie! — eu o ouço gritar quando já estou na escada.

Pego minhas chaves do mesmo lugar que as deixei mais tarde e me olho no grande espelho do corredor. Meu cabelo está preso e um pouco bagunçado, então decido soltá-lo e tento ajeitá-lo com os dedos em seguida. Ainda estou com o vestido de algodão cinza, com mangas curtas e com o meu moletom amarrado à minha cintura. Sei que o vento deve estar frio a essa hora, mas deixo o meu agasalho sobre o sofá. Também sei que Matt estará

usando o dele e ele me emprestará o seu se eu sentir frio. Talvez ele tenha percebido que faço isso de propósito, mas ele nunca disse nada a respeito.

O elevador para no térreo e eu o vejo através das portas de vidro. Ele sorri para mim e começa a andar sem esperar que eu o encontre. Quando atravesso a rua, ele já está na praia pouco iluminada.

— Matt... — eu o chamo quando piso na areia. — Pare com isso.

Ele nunca para, sempre me fazendo correr atrás dele até o pequeno alojamento de salva-vidas que tem em um ponto da praia.

— Vou voltar para a casa! — grito, engolindo um pouco do cabelo que o vento espalhou pelo meu rosto.

Ele sabe que eu não voltarei, porque sempre digo a mesma coisa. Talvez se eu cumprisse a minha promessa, ele pararia com essa mania estúpida de me fazer segui-lo.

— Você é um idiota, sabe disso? — Coloco as mãos em meu joelho para recuperar o fôlego, antes de subir a pequena escada lateral até o mezanino de madeira.

— Eu também te amo — ele zomba, se pendurando em uma barra de madeira sobre a sua cabeça.

Eu me sento e encosto as costas na parede do alojamento. Matt se junta a mim logo depois e ficamos em silêncio por um tempo. É muito calmo admirar o mar à noite, existe uma tranquilidade que o dia não possui e eu amo esse lugar.

— O que você quer? — pergunto, me virando para ele. A luz do seu celular nos iluminando parcialmente.

— Nada em especial. — Ele dá de ombros, mordendo o canto do seu lábio inferior. — Só te ver mesmo.

— Você me viu hoje à tarde. — Sorrio, empurrando levemente o seu ombro com o meu.

— Eu não me canso de você — ele brinca, me fazendo lembrar da pergunta do meu pai.

— Meu pai não está nada feliz com as suas visitas noturnas.

— Seu pai não está nada feliz com o fato de que sou um homem e estamos sempre juntos.

— Você não é um homem — eu o corrijo rindo. — É só um garoto inofensivo.

— Puxa, obrigado por me ofender sem a menor piedade.

— É a verdade, você ainda não é um homem.

— Quem disse? — ele me desafia com insolência.

— Você ainda não é — repito, olhando para frente para fugir do seu olhar. — Eu também não sou uma mulher, estamos crescendo e isso não é uma ofensa.

— Você é a garota mais especial que conheço — ele me diz, tocando o meu queixo para me fazer olhá-lo. — E será a mulher mais especial também.

Eu respiro e prendo a minha respiração em seguida. Seu toque causa borboletas no meu estômago e estar tão perto dele, aqui no escuro, me traz conforto. A presença de Matt é como um cobertor confortável e familiar, que eu quero sempre abraçar.

— E eu vou me casar com você um dia! — ele completa me fazendo parar de respirar por um instante, acho que meu coração parou também... será que morri?... Não, ele voltou a bater.

— Nós somos adolescentes, Matt — o lembro com um riso nervoso.

Ele sempre me disse coisas amáveis, nunca teve problema algum em demonstrar carinho ou me elogiar. Ele me abraça sempre que quer, ele beija o meu rosto ou minha testa sempre que quer e segura a minha mão na presença dos meus pais sem nenhuma vergonha. Mas ele nunca me disse algo assim... Estamos atravessando uma linha e eu ainda não estou certa de que devemos ultrapassá-la.

— Eu sei, por isso eu disse *um dia* — ele faz aspas no ar para enfatizar o que disse.

— É muita pretensão achar que irei querer me casar com você — falo, tirando o cabelo do meu rosto.

— Sou o seu melhor amigo, te conheço desde sempre e sei tudo sobre você.

— Você colocou o meu nome no seu hamster —exaspero, me lembrando do ocorrido.

— Porque eu amava o meu hamster. — Ele ri sem arrependimento.

— Claro que sim, que gentil.

— E eu amo você, de várias formas e acredito que me casar com minha melhor amiga é o melhor caminho para a felicidade.

— Pare com isso — peço me levantando. Como eu previa, realmente está frio aqui fora e coloco os braços ao redor do meu corpo para me aquecer.

— Quer o meu moletom? — ele me oferece com um sorriso travesso.

Mordo o meu próprio sorriso e balanço a cabeça. Ele puxa o moletom preto de capuz de seu corpo e o coloca em mim. Levanto os meus braços e

deixo que ele me vista como uma criança. Ele já amarrou os meus cadarços tantas vezes, essa pequena lembrança me faz sorrir. Ajeito os meus braços no lugar onde o seus estiveram antes e puxo o meu cabelo de dentro do moletom. As suas roupas sempre têm o seu perfume, talvez por esse motivo eu goste tanto delas.

Estamos frente a frente, a minha cabeça bate em seu peito, mas ele está inclinado de um jeito que o deixa muito próximo de mim. Eu já fantasiei com esse momento porque sou uma adolescente de dezessete anos e Matt pode ser apaixonante quando quer. Então, sim, eu pensei muitas vezes em beijá-lo; embora Deus sabe que jamais chegaria a tanto. Mas estamos aqui e já atravessamos aquela linha invisível que existia entre nós.

Ele me olha e conversamos em silêncio, então ele sabe que quero o mesmo que ele. A sua boca toca a minha com hesitação, tão suave quanto um floco de neve caindo do céu com lentidão, até tocar a minha pele com suavidade. Não sei exatamente o que devo fazer, porque estou tão arrebatada. Sua boca se torna mais firme, o beijo toma forma à medida que começamos a perceber o quanto isso é perfeito. Damo-nos conta de que nos encaixamos. Suas mãos estão na minha cintura, minhas mãos em seu pescoço, meus dedos entrando em seu cabelo macio. Fico nas pontas dos pés e abro mais a boca e ele me beija com mais paixão. Estou com medo de cair, porque estou subindo até o céu com uma velocidade assustadora.

Coloco as mãos em seus ombros e me afasto, sem fôlego. Eu beijei Matt Milles, a constatação é quase assustadora, mas não me traz medo. Estamos falando de Matt, *o meu Matt*.

Sorrio para ele e começo a descer os degraus de madeira, meus pés tocam a areia macia e começo a correr no escuro.

— Acho que vou me casar com você, Matt! — grito para a praia vazia, com ele correndo atrás de mim — Um dia...

Ele me alcança sem dificuldade, agarrando a minha cintura com uma das mãos e usando o outro braço para absorver o nosso impacto quando nos derruba na areia.

— Um dia... — repito com a sua testa junto a minha.

— Um dia... — ele concorda sorrindo para mim.

Eu disse que amo o seu sorriso? Pois é... *eu amo!*

